

MARIA CRISTINA ZAMPIERI

**O COMPORTAMENTO SEXUAL DO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO:
ESTUDO ANALÍTICO-DESCRIPTIVO ACERCA DE SUAS CONCEPÇÕES,
VALORES E ATITUDES SOBRE A SEXUALIDADE.**



**Araraquara – SP
2008**

MARIA CRISTINA ZAMPIERI

**O COMPORTAMENTO SEXUAL DO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO:
ESTUDO ANALÍTICO-DESCRIPTIVO ACERCA DE SUAS CONCEPÇÕES,
VALORES E ATITUDES SOBRE A SEXUALIDADE.**

Tese em Doutorado, apresentado ao programa
como exigência parcial para a obtenção de
grau de Doutor em Educação Escolar pela
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/
Araraquara

**Linha de Pesquisa: Contribuições
Psicológicas ao Trabalho Educativo**

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal
Ribeiro.

Araraquara – SP
2008

Zampieri, Maria Cristina

O comportamento sexual do universitário brasileiro: estudo analítico-descritivo acerca de suas concepções, valores e atitudes sobre a sexualidade / Maria Cristina Zampieri – 2008

272 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara
Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Educação -- Brasil. 2. Ensino. 3. Adolescência.
4. Estudantes universitários. I. Título.

MARIA CRISTINA ZAMPIERI

O COMPORTAMENTO SEXUAL DO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO: ESTUDO ANALÍTICO-DESCRIPTIVO ACERCA DE SUAS CONCEPÇÕES, VALORES E ATITUDES SOBRE A SEXUALIDADE.

Tese em Doutorado, apresentado ao programa como exigência parcial para a obtenção de grau de Doutor em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ Araraquara

Linha de pesquisa: Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

Data de aprovação: ____/____/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Nome e título

Universidade.

Membro Titular:

Nome e título

Universidade.

Membro Titular:

Nome e título

Universidade.

Membro Titular:

Nome e título

Universidade.

Membro Titular:

Nome e título

Universidade.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre Deus, por estar comigo em todos os momentos.

Às duas mulheres maravilhosas de minha vida, minha mãe, pela coragem em enfrentar tantos momentos difíceis sem perder sua alegria e entusiasmo pela vida. Obrigada pela lição de vida. À minha pequena Gabriela que ilumina meu viver e me proporciona tantas alegrias.

Ao meu pai, que mesmo distante está sempre presente.

Ao Geraldo pelas tantas lições de vida que me fizeram crescer, e que apesar da distância física, encontra-se perto, encorajando-me e torcendo por mim.

Ao professor Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, orientador e amigo, pelas lições acadêmicas e por acreditar em meu potencial.

À professora Dra. Rogéria Antunes e ao professor Dr. Ricardo Leite Camargo, membros da banca do Exame de Qualificação pelas valiosas contribuições.

À grande amiga Rô, que foi essencial para o meu caminhar, pela paciência em ensinar-me, pela disponibilidade para me ouvir e mostrar que os sonhos são sempre possíveis de serem realizados; e com certeza, sem sua companhia e grande ajuda, este trabalho não teria se tornado realidade.

Aos docentes do Programa de Doutorado em Educação Escolar da UNESP - Araraquara pelo incentivo e apoio.

Aos funcionários da Biblioteca da UNIP de Araraquara pelas orientações e revisão bibliográfica.

À Flávia pelo trabalho de digitação e à Fernanda pela precisa revisão, realizada em curtíssimo tempo. À Adriel e Alexandra pela tabulação dos dados e à Dani Belo, pela supervisão.

Aos universitários que participaram desta pesquisa.

Aos professores e amigos que se dispuseram a aplicar os questionários nas mais distantes e diferentes regiões do país.

Já faz tempo, eu vi você na rua, cabelo
ao vento, gente jovem reunida.
(Na parede da memória essa lembrança
é o quadro que dói mais)

Minha dor é perceber que apesar de
termos feito tudo o que fizemos...
... ainda somos os mesmos e vivemos...

Ainda somos os mesmos e vivemos
como nossos pais.

COMO NOSSOS PAIS
(Belchior)

RESUMO

Esta Tese de Doutorado se insere no eixo temático Trabalho Educativo, na Linha de Pesquisa “Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo”, uma vertente comprometida com estudos sobre os aspectos psicológicos do trabalho educativo e as diversas concepções psicológicas que de alguma forma exercem influência sobre a educação escolar e questões psicológicas de tópicos específicos da educação escolar. Este trabalho tem como objetivo traçar um perfil do comportamento sexual do estudante universitário brasileiro, mapeando sua visão acerca das concepções, valores e atitudes sobre a sexualidade humana. O presente trabalho foi realizado com 1.067 estudantes universitários, de ambos os sexos, com a faixa etária compreendida entre 18 e 23 anos de idade, nas cinco regiões do país, englobando os estados: Amazonas, Rondônia e Pará (região Norte); Bahia, Paraíba e Maranhão (região Nordeste); Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (região Centro-Oeste); São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (região Sudeste); Santa Catarina e Paraná (região Sul). A pesquisa utilizou como técnica de coleta de dados a aplicação de questionários contendo 30 questões fechadas (diretivas), pois destinam-se a obter respostas mais precisas, padronizadas, de fácil aplicação, codificação e análise.

Palavras-chaves: Universitário. Adolescência. Sexualidade. Sexo.

ABSTRACT

This Doctoral Dissertation belongs in the thematic axis Educational Work, in the research field “Psychological Contributions to Educational Work”, an approach engaged with studies on the psychological aspects of educational work and the various psychological conceptions that somehow exert an influence over school instruction and psychological issues that broach specific topics of school instruction. This work aims to draw the outline of Brazilian undergraduates’ sexual behavior, tracing their views on conceptions and values about and attitudes to human sexuality. The present research was carried out with 1,067 undergraduates of both genders, with age groups spanning 18 and 23 years old, in the five regions of the country, comprising the following states: Amazonas, Rondônia and Pará (Northern region); Bahia, Paraíba and Maranhão (Northeastern region); Mato Grosso and Mato Grosso do Sul (Middle Western region); São Paulo, Minas Gerais and Rio de Janeiro (South Eastern region); Santa Catarina and Paraná (Southern region). A collection technique, the research made use of questionnaires with 30 closed (directive) questions, since they set out to obtain more accurate, standardized and user-friendly answers, as well as their codification and analysis.

Key-words: Undergraduate. Adolescence. Sexuality. Sex.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: IDADE: REGIÃO NORTE	57
GRÁFICO 2: IDADE: REGIÃO NORDESTE	57
GRÁFICO 3: IDADE: REGIÃO CENTRO-OESTE	57
GRÁFICO 4: IDADE: REGIÃO SUDESTE	58
GRÁFICO 5: IDADE: REGIÃO SUL	58
GRÁFICO 6: ESTADO CIVIL: REGIÃO NORTE	59
GRÁFICO 7: ESTADO CIVIL: REGIÃO NORDESTE	59
GRÁFICO 8: ESTADO CIVIL: REGIÃO CENTRO-OESTE	59
GRÁFICO 9: ESTADO CIVIL: REGIÃO SUDESTE	60
GRÁFICO 10: ESTADO CIVIL: REGIÃO SUL	60
GRÁFICO 11: SE NÃO FOR CASADO (RESPONDA): REGIÃO NORTE	61
GRÁFICO 12: SE NÃO FOR CASADO (RESPONDA): REGIÃO NORDESTE	61
GRÁFICO 13: SE NÃO FOR CASADO (RESPONDA): REGIÃO CENTRO-OESTE	62
GRÁFICO 14: SE NÃO FOR CASADO (RESPONDA): REGIÃO SUDESTE	62
GRÁFICO 15: SE NÃO FOR CASADO (RESPONDA): REGIÃO SUL	62
GRÁFICO 16: NÚMERO DE FILHOS: REGIÃO NORTE	64
GRÁFICO 17: NÚMERO DE FILHOS: REGIÃO NORDESTE	64
GRÁFICO 18: NÚMERO DE FILHOS: REGIÃO CENTRO-OESTE	64
GRÁFICO 19: NÚMERO DE FILHOS: REGIÃO SUDESTE	65
GRÁFICO 20: NÚMERO DE FILHOS: REGIÃO SUL	65
GRÁFICO 21: QUESTÃO 1: COM QUANTOS ANOS VOCÊ MANTEVE SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?: REGIÃO NORTE	67
GRÁFICO 22: QUESTÃO 1: COM QUANTOS ANOS VOCÊ MANTEVE SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?: REGIÃO NORDESTE	67
GRÁFICO 23: QUESTÃO 1: COM QUANTOS ANOS VOCÊ MANTEVE SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?: REGIÃO CENTRO-OESTE	67
GRÁFICO 24: QUESTÃO 1: COM QUANTOS ANOS VOCÊ MANTEVE SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?: REGIÃO SUDESTE	68
GRÁFICO 25: QUESTÃO 1: COM QUANTOS ANOS VOCÊ MANTEVE SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?: REGIÃO SUL	68
GRÁFICO 26: QUESTÃO 2: QUAL A FREQUÊNCIA DE SUAS RELAÇÕES SEXUAIS?: REGIÃO NORTE	70
GRÁFICO 27: QUESTÃO 2: QUAL A FREQUÊNCIA DE SUAS RELAÇÕES SEXUAIS?: REGIÃO NORDESTE	70
GRÁFICO 28: QUESTÃO 2: QUAL A FREQUÊNCIA DE SUAS RELAÇÕES SEXUAIS?: REGIÃO CENTRO-OESTE	71
GRÁFICO 29: QUESTÃO 2: QUAL A FREQUÊNCIA DE SUAS RELAÇÕES SEXUAIS?: REGIÃO SUDESTE	71
GRÁFICO 30: QUESTÃO 2: QUAL A FREQUÊNCIA DE SUAS RELAÇÕES SEXUAIS?: REGIÃO SUL	72
GRÁFICO 31: QUESTÃO 3: ASSINALE O LOCAL ONDE VOCÊ MANTÉM O MAIOR NÚMERO DE RELAÇÕES SEXUAIS.: REGIÃO NORTE	73
GRÁFICO 32: QUESTÃO 3: ASSINALE O LOCAL ONDE VOCÊ MANTÉM O MAIOR NÚMERO DE RELAÇÕES SEXUAIS.: REGIÃO NORDESTE	73
GRÁFICO 33: QUESTÃO 3: ASSINALE O LOCAL ONDE VOCÊ MANTÉM O MAIOR NÚMERO DE RELAÇÕES SEXUAIS.: REGIÃO CENTRO-OESTE	73
GRÁFICO 34: QUESTÃO 3: ASSINALE O LOCAL ONDE VOCÊ MANTÉM O MAIOR NÚMERO DE RELAÇÕES SEXUAIS.: REGIÃO SUDESTE	74
GRÁFICO 35: QUESTÃO 3: ASSINALE O LOCAL ONDE VOCÊ MANTÉM O MAIOR NÚMERO DE RELAÇÕES SEXUAIS.: REGIÃO SUL	74
GRÁFICO 36: QUESTÃO 4: COM QUEM VOCÊ CONVERSA SOBRE SEXO?: REGIÃO NORTE	75
GRÁFICO 37: QUESTÃO 4: COM QUEM VOCÊ CONVERSA SOBRE SEXO?: REGIÃO NORDESTE	75
GRÁFICO 38: QUESTÃO 4: COM QUEM VOCÊ CONVERSA SOBRE SEXO?: REGIÃO CENTRO-OESTE	75
GRÁFICO 39: QUESTÃO 4: COM QUEM VOCÊ CONVERSA SOBRE SEXO?: REGIÃO SUDESTE	76
GRÁFICO 40: QUESTÃO 4: COM QUEM VOCÊ CONVERSA SOBRE SEXO?: REGIÃO SUL	76
GRÁFICO 41: QUESTÃO 5: COMO VOCÊ E SEU (SUA) PARCEIRO(A) SE RELACIONAM SEXUALMENTE?: REGIÃO NORTE	78
GRÁFICO 42: QUESTÃO 5: COMO VOCÊ E SEU (SUA) PARCEIRO(A) SE RELACIONAM SEXUALMENTE?: REGIÃO NORDESTE	78
GRÁFICO 43: QUESTÃO 5: COMO VOCÊ E SEU (SUA) PARCEIRO(A) SE RELACIONAM SEXUALMENTE?: REGIÃO CENTRO-OESTE	78
GRÁFICO 44: QUESTÃO 5: COMO VOCÊ E SEU (SUA) PARCEIRO(A) SE RELACIONAM SEXUALMENTE?: REGIÃO SUDESTE	79
GRÁFICO 45: QUESTÃO 5: COMO VOCÊ E SEU (SUA) PARCEIRO(A) SE RELACIONAM SEXUALMENTE?: REGIÃO SUL	79
GRÁFICO 46: QUESTÃO 8: COM QUAL CATEGORIA VOCÊ COSTUMA TER MAIS RELAÇÕES SEXUAIS?: REGIÃO NORTE	81
GRÁFICO 47: QUESTÃO 8: COM QUAL CATEGORIA VOCÊ COSTUMA TER MAIS RELAÇÕES SEXUAIS?: REGIÃO NORDESTE	81
GRÁFICO 48: QUESTÃO 8: COM QUAL CATEGORIA VOCÊ COSTUMA TER MAIS RELAÇÕES SEXUAIS?: REGIÃO CENTRO-OESTE	81
GRÁFICO 49: QUESTÃO 8: COM QUAL CATEGORIA VOCÊ COSTUMA TER MAIS RELAÇÕES SEXUAIS?: REGIÃO SUDESTE	82
GRÁFICO 50: QUESTÃO 8: COM QUAL CATEGORIA VOCÊ COSTUMA TER MAIS RELAÇÕES SEXUAIS?: REGIÃO SUL	82
GRÁFICO 51: QUESTÃO 11: INDIQUE, NA SUA ORDEM DE PREFERÊNCIA (1º, 2º, 3º, 4º E 5º), QUE TIPO DE PRÁTICA OU ATO SEXUAL VOCÊ COSTUMA UTILIZAR.: REGIÃO NORTE	85
GRÁFICO 52: QUESTÃO 11: INDIQUE, NA SUA ORDEM DE PREFERÊNCIA (1º, 2º, 3º, 4º E 5º), QUE TIPO DE PRÁTICA OU ATO SEXUAL VOCÊ COSTUMA UTILIZAR.: REGIÃO NORDESTE	86
GRÁFICO 53: QUESTÃO 11: INDIQUE, NA SUA ORDEM DE PREFERÊNCIA (1º, 2º, 3º, 4º E 5º), QUE TIPO DE PRÁTICA OU ATO SEXUAL VOCÊ COSTUMA UTILIZAR.: REGIÃO CENTRO-OESTE	87
GRÁFICO 54: QUESTÃO 11: INDIQUE, NA SUA ORDEM DE PREFERÊNCIA (1º, 2º, 3º, 4º E 5º), QUE TIPO DE PRÁTICA OU ATO SEXUAL VOCÊ COSTUMA UTILIZAR.: REGIÃO SUDESTE	88
GRÁFICO 55: QUESTÃO 11: INDIQUE, NA SUA ORDEM DE PREFERÊNCIA (1º, 2º, 3º, 4º E 5º), QUE TIPO DE PRÁTICA OU ATO SEXUAL VOCÊ COSTUMA UTILIZAR.: REGIÃO SUL	89
GRÁFICO 56: QUESTÃO 18: VOCÊ UTILIZA MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS? SE RESPONDEU "SIM", QUAL UTILIZA?: REGIÃO NORTE	92
GRÁFICO 57: QUESTÃO 18: VOCÊ UTILIZA MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS? SE RESPONDEU "SIM", QUAL UTILIZA?: REGIÃO NORDESTE	92
GRÁFICO 58: QUESTÃO 18: VOCÊ UTILIZA MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS? SE RESPONDEU "SIM", QUAL UTILIZA?: REGIÃO CENTRO-OESTE	93
GRÁFICO 59: QUESTÃO 18: VOCÊ UTILIZA MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS? SE RESPONDEU "SIM", QUAL UTILIZA?: REGIÃO SUDESTE	93
GRÁFICO 60: QUESTÃO 18: VOCÊ UTILIZA MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS? SE RESPONDEU "SIM", QUAL UTILIZA?: REGIÃO SUL	94
GRÁFICO 61: QUESTÕES 24 E 25: VOCÊ USA (SEXO MASCULINO)/ EXIGE QUE SEU PARCEIRO USE (SEXO FEMININO) PRESERVATIVO? EM CASO AFIRMATIVO OU NEGATIVO, RESPONDA QUANDO E POR QUE?: REGIÃO NORTE	96
GRÁFICO 62: QUESTÕES 24 E 25: VOCÊ USA (SEXO MASCULINO)/ EXIGE QUE SEU PARCEIRO USE (SEXO FEMININO) PRESERVATIVO? EM CASO AFIRMATIVO OU NEGATIVO, RESPONDA QUANDO E POR QUE?: REGIÃO NORDESTE	97

GRÁFICO 63: QUESTÕES 24 E 25: VOCÊ USA (SEXO MASCULINO)/ EXIGE QUE SEU PARCEIRO USE (SEXO FEMININO) PRESERVATIVO? EM CASO AFIRMATIVO OU NEGATIVO, RESPONDA QUANDO E POR QUE?: REGIÃO CENTRO-OESTE	98
GRÁFICO 64: QUESTÕES 24 E 25: VOCÊ USA (SEXO MASCULINO)/ EXIGE QUE SEU PARCEIRO USE (SEXO FEMININO) PRESERVATIVO? EM CASO AFIRMATIVO OU NEGATIVO, RESPONDA QUANDO E POR QUE?: REGIÃO SUDESTE	99
GRÁFICO 65: QUESTÕES 24 E 25: VOCÊ USA (SEXO MASCULINO)/ EXIGE QUE SEU PARCEIRO USE (SEXO FEMININO) PRESERVATIVO? EM CASO AFIRMATIVO OU NEGATIVO, RESPONDA QUANDO E POR QUE?: REGIÃO SUL.....	100
GRÁFICO 66: QUESTÃO 28, ITEM 1: A RELAÇÃO SEXUAL DURANTE O PERÍODO MENSTRUAL PODE ENGRAVIDAR.: REGIÃO NORTE	102
GRÁFICO 67: QUESTÃO 28, ITEM 1: A RELAÇÃO SEXUAL DURANTE O PERÍODO MENSTRUAL PODE ENGRAVIDAR.: REGIÃO NORDESTE	102
GRÁFICO 68: QUESTÃO 28, ITEM 1: A RELAÇÃO SEXUAL DURANTE O PERÍODO MENSTRUAL PODE ENGRAVIDAR.: REGIÃO CENTRO-OESTE	103
GRÁFICO 69: QUESTÃO 28, ITEM 1: A RELAÇÃO SEXUAL DURANTE O PERÍODO MENSTRUAL PODE ENGRAVIDAR.: REGIÃO SUDESTE	103
GRÁFICO 70: QUESTÃO 28, ITEM 1: A RELAÇÃO SEXUAL DURANTE O PERÍODO MENSTRUAL PODE ENGRAVIDAR.: REGIÃO SUL	103
GRÁFICO 71: QUESTÃO 28, ITEM 2: A RELAÇÃO SEXUAL EM PÉ NÃO ENGRAVIDA.: REGIÃO NORTE	105
GRÁFICO 72: QUESTÃO 28, ITEM 2: A RELAÇÃO SEXUAL EM PÉ NÃO ENGRAVIDA.: REGIÃO NORDESTE	105
GRÁFICO 73: QUESTÃO 28, ITEM 2: A RELAÇÃO SEXUAL EM PÉ NÃO ENGRAVIDA.: REGIÃO CENTRO-OESTE	105
GRÁFICO 74: QUESTÃO 28, ITEM 2: A RELAÇÃO SEXUAL EM PÉ NÃO ENGRAVIDA.: REGIÃO SUDESTE	106
GRÁFICO 75: QUESTÃO 28, ITEM 2: A RELAÇÃO SEXUAL EM PÉ NÃO ENGRAVIDA.: REGIÃO SUL	106
GRÁFICO 76: QUESTÃO 28, ITEM 3: A REALIZAÇÃO DA DUCHA VAGINAL APÓS A RELAÇÃO SEXUAL NÃO ENGRAVIDA.: REGIÃO NORTE	107
GRÁFICO 77: QUESTÃO 28, ITEM 3: A REALIZAÇÃO DA DUCHA VAGINAL APÓS A RELAÇÃO SEXUAL NÃO ENGRAVIDA.: REGIÃO NORDESTE	107
GRÁFICO 78: QUESTÃO 28, ITEM 3: A REALIZAÇÃO DA DUCHA VAGINAL APÓS A RELAÇÃO SEXUAL NÃO ENGRAVIDA.: REGIÃO CENTRO-OESTE	108
GRÁFICO 79: QUESTÃO 28, ITEM 3: A REALIZAÇÃO DA DUCHA VAGINAL APÓS A RELAÇÃO SEXUAL NÃO ENGRAVIDA.: REGIÃO SUDESTE	108
GRÁFICO 80: QUESTÃO 28, ITEM 3: A REALIZAÇÃO DA DUCHA VAGINAL APÓS A RELAÇÃO SEXUAL NÃO ENGRAVIDA.: REGIÃO SUL	108
GRÁFICO 81: QUESTÃO 28, ITEM 4: A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PODE LEVAR À GRAVIDEZ.: REGIÃO NORTE	109
GRÁFICO 82: QUESTÃO 28, ITEM 4: A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PODE LEVAR À GRAVIDEZ.: REGIÃO NORDESTE	110
GRÁFICO 83: QUESTÃO 28, ITEM 4: A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PODE LEVAR À GRAVIDEZ.: REGIÃO CENTRO-OESTE	110
GRÁFICO 84: QUESTÃO 28, ITEM 4: A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PODE LEVAR À GRAVIDEZ.: REGIÃO SUDESTE	110
GRÁFICO 85: QUESTÃO 28, ITEM 4: A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL PODE LEVAR À GRAVIDEZ.: REGIÃO SUL	111
GRÁFICO 86: QUESTÃO 28, ITEM 5: A MASTURBAÇÃO EM EXCESSO PODE LEVAR À IMPOTÊNCIA/FRIGIDEZ SEXUAL.: REGIÃO NORTE.....	112
GRÁFICO 87: QUESTÃO 28, ITEM 5: A MASTURBAÇÃO EM EXCESSO PODE LEVAR À IMPOTÊNCIA/FRIGIDEZ SEXUAL.: REGIÃO NORDESTE.....	112
GRÁFICO 88: QUESTÃO 28, ITEM 5: A MASTURBAÇÃO EM EXCESSO PODE LEVAR À IMPOTÊNCIA/FRIGIDEZ SEXUAL.: REGIÃO CENTRO-OESTE	112
GRÁFICO 89: QUESTÃO 28, ITEM 5: A MASTURBAÇÃO EM EXCESSO PODE LEVAR À IMPOTÊNCIA/FRIGIDEZ SEXUAL.: REGIÃO SUDESTE	113
GRÁFICO 90: QUESTÃO 28, ITEM 5: A MASTURBAÇÃO EM EXCESSO PODE LEVAR À IMPOTÊNCIA/FRIGIDEZ SEXUAL.: REGIÃO SUL	113
GRÁFICO 91: QUESTÃO 28, ITEM 6: A MASTURBAÇÃO É UMA PRÁTICA SAUDÁVEL E DEVE SER REALIZADA TANTO PELO HOMEM COMO PELA MULHER.: REGIÃO NORTE	115
GRÁFICO 92: QUESTÃO 28, ITEM 6: A MASTURBAÇÃO É UMA PRÁTICA SAUDÁVEL E DEVE SER REALIZADA TANTO PELO HOMEM COMO PELA MULHER.: REGIÃO NORDESTE	115
GRÁFICO 93: QUESTÃO 28, ITEM 6: A MASTURBAÇÃO É UMA PRÁTICA SAUDÁVEL E DEVE SER REALIZADA TANTO PELO HOMEM COMO PELA MULHER.: REGIÃO CENTRO-OESTE	115
GRÁFICO 94: QUESTÃO 28, ITEM 6: A MASTURBAÇÃO É UMA PRÁTICA SAUDÁVEL E DEVE SER REALIZADA TANTO PELO HOMEM COMO PELA MULHER.: REGIÃO SUDESTE	115
GRÁFICO 95: QUESTÃO 28, ITEM 6: A MASTURBAÇÃO É UMA PRÁTICA SAUDÁVEL E DEVE SER REALIZADA TANTO PELO HOMEM COMO PELA MULHER.: REGIÃO SUL.....	116
GRÁFICO 96: QUESTÃO 28, ITEM 7: O VÍRUS HIV PODE SER CONTRAÍDO APENAS COM A PRÁTICA DO SEXO ORAL, MESMO SEM NENHUMA PENETRAÇÃO.: REGIÃO NORTE	118
GRÁFICO 97: QUESTÃO 28, ITEM 7: O VÍRUS HIV PODE SER CONTRAÍDO APENAS COM A PRÁTICA DO SEXO ORAL, MESMO SEM NENHUMA PENETRAÇÃO.: REGIÃO NORDESTE	118
GRÁFICO 98: QUESTÃO 28, ITEM 7: O VÍRUS HIV PODE SER CONTRAÍDO APENAS COM A PRÁTICA DO SEXO ORAL, MESMO SEM NENHUMA PENETRAÇÃO.: REGIÃO CENTRO-OESTE.....	118
GRÁFICO 99: QUESTÃO 28, ITEM 7: O VÍRUS HIV PODE SER CONTRAÍDO APENAS COM A PRÁTICA DO SEXO ORAL, MESMO SEM NENHUMA PENETRAÇÃO.: REGIÃO SUDESTE	119
GRÁFICO 100: QUESTÃO 28, ITEM 7: O VÍRUS HIV PODE SER CONTRAÍDO APENAS COM A PRÁTICA DO SEXO ORAL, MESMO SEM NENHUMA PENETRAÇÃO.: REGIÃO SUL.....	119
GRÁFICO 101: QUESTÃO 28, ITEM 8: TODA MULHER TEM UM PERÍODO FÉRTIL EM QUE HÁ RISCO DE GRAVIDEZ.: REGIÃO NORTE	120
GRÁFICO 102: QUESTÃO 28, ITEM 8: TODA MULHER TEM UM PERÍODO FÉRTIL EM QUE HÁ RISCO DE GRAVIDEZ.: REGIÃO NORDESTE.....	121
GRÁFICO 103: QUESTÃO 28, ITEM 8: TODA MULHER TEM UM PERÍODO FÉRTIL EM QUE HÁ RISCO DE GRAVIDEZ.: REGIÃO CENTRO-OESTE.....	121
GRÁFICO 104: QUESTÃO 28, ITEM 8: TODA MULHER TEM UM PERÍODO FÉRTIL EM QUE HÁ RISCO DE GRAVIDEZ.: REGIÃO SUDESTE	121
GRÁFICO 105: QUESTÃO 28, ITEM 8: TODA MULHER TEM UM PERÍODO FÉRTIL EM QUE HÁ RISCO DE GRAVIDEZ.: REGIÃO SUL.....	122
GRÁFICO 106: QUESTÃO 28, ITEM 9: O USO REGULAR DA PÍLULA ANTICONCEPCIONAL NÃO IMPEDE A OVULAÇÃO.: REGIÃO NORTE.....	123
GRÁFICO 107: QUESTÃO 28, ITEM 9: O USO REGULAR DA PÍLULA ANTICONCEPCIONAL NÃO IMPEDE A OVULAÇÃO.: REGIÃO NORDESTE.....	123
GRÁFICO 108: QUESTÃO 28, ITEM 9: O USO REGULAR DA PÍLULA ANTICONCEPCIONAL NÃO IMPEDE A OVULAÇÃO.: REGIÃO CENTRO-OESTE	123
GRÁFICO 109: QUESTÃO 28, ITEM 9: O USO REGULAR DA PÍLULA ANTICONCEPCIONAL NÃO IMPEDE A OVULAÇÃO.: REGIÃO SUDESTE	124
GRÁFICO 110: QUESTÃO 28, ITEM 9: O USO REGULAR DA PÍLULA ANTICONCEPCIONAL NÃO IMPEDE A OVULAÇÃO.: REGIÃO SUL	124
GRÁFICO 111: QUESTÃO 28, ITEM 10: A MASTURBAÇÃO SÓ OFERECE RISCOS SE VOCÊ INTRODUIR ALGUM OBJETO CORTANTE OU PONTIAGUDO NA VAGINA.: REGIÃO NORTE	125
GRÁFICO 112: QUESTÃO 28, ITEM 10: A MASTURBAÇÃO SÓ OFERECE RISCOS SE VOCÊ INTRODUIR ALGUM OBJETO CORTANTE OU PONTIAGUDO NA VAGINA.: REGIÃO NORDESTE	125
GRÁFICO 113: QUESTÃO 28, ITEM 10: A MASTURBAÇÃO SÓ OFERECE RISCOS SE VOCÊ INTRODUIR ALGUM OBJETO CORTANTE OU PONTIAGUDO NA VAGINA.: REGIÃO CENTRO-OESTE.....	126
GRÁFICO 114: QUESTÃO 28, ITEM 10: A MASTURBAÇÃO SÓ OFERECE RISCOS SE VOCÊ INTRODUIR ALGUM OBJETO CORTANTE OU PONTIAGUDO NA VAGINA.: REGIÃO SUDESTE	126
GRÁFICO 115: QUESTÃO 28, ITEM 10: A MASTURBAÇÃO SÓ OFERECE RISCOS SE VOCÊ INTRODUIR ALGUM OBJETO CORTANTE OU PONTIAGUDO NA VAGINA.: REGIÃO SUL.....	126

GRÁFICO 116: QUESTÃO 28, ITEM 11: CARÍCIAS NA VAGINA AJUDAM A MULHER A CONHECER OUTRAS PARTES DO SEU CORPO QUE PODEM LHE PROPORCIONAR MAIS PRAZER.: REGIÃO NORTE	128
GRÁFICO 117: QUESTÃO 28, ITEM 11: CARÍCIAS NA VAGINA AJUDAM A MULHER A CONHECER OUTRAS PARTES DO SEU CORPO QUE PODEM LHE PROPORCIONAR MAIS PRAZER.: REGIÃO NORDESTE	128
GRÁFICO 118: QUESTÃO 28, ITEM 11: CARÍCIAS NA VAGINA AJUDAM A MULHER A CONHECER OUTRAS PARTES DO SEU CORPO QUE PODEM LHE PROPORCIONAR MAIS PRAZER.: REGIÃO CENTRO-OESTE	128
GRÁFICO 119: QUESTÃO 28, ITEM 11: CARÍCIAS NA VAGINA AJUDAM A MULHER A CONHECER OUTRAS PARTES DO SEU CORPO QUE PODEM LHE PROPORCIONAR MAIS PRAZER.: REGIÃO SUDESTE	129
GRÁFICO 120: QUESTÃO 28, ITEM 11: CARÍCIAS NA VAGINA AJUDAM A MULHER A CONHECER OUTRAS PARTES DO SEU CORPO QUE PODEM LHE PROPORCIONAR MAIS PRAZER.: REGIÃO SUL	129
GRÁFICO 121: QUESTÃO 28, ITEM 12: A PENETRAÇÃO É A ÚNICA FORMA DE PROPORCIONAR PRAZER.: REGIÃO NORTE	130
GRÁFICO 122: QUESTÃO 28, ITEM 12: A PENETRAÇÃO É A ÚNICA FORMA DE PROPORCIONAR PRAZER.: REGIÃO NORDESTE	131
GRÁFICO 123: QUESTÃO 28, ITEM 12: A PENETRAÇÃO É A ÚNICA FORMA DE PROPORCIONAR PRAZER.: REGIÃO CENTRO-OESTE	131
GRÁFICO 124: QUESTÃO 28, ITEM 12: A PENETRAÇÃO É A ÚNICA FORMA DE PROPORCIONAR PRAZER.: REGIÃO SUDESTE	131
GRÁFICO 125: QUESTÃO 28, ITEM 12: A PENETRAÇÃO É A ÚNICA FORMA DE PROPORCIONAR PRAZER.: REGIÃO SUL	132
GRÁFICO 126: QUESTÃO 28, ITEM 13: AS CARÍCIAS PRELIMINARES NÃO SÃO FUNDAMENTAIS DURANTE UMA RELAÇÃO SEXUAL.: REGIÃO NORTE	133
GRÁFICO 127: QUESTÃO 28, ITEM 13: AS CARÍCIAS PRELIMINARES NÃO SÃO FUNDAMENTAIS DURANTE UMA RELAÇÃO SEXUAL.: REGIÃO NORDESTE	133
GRÁFICO 128: QUESTÃO 28, ITEM 13: AS CARÍCIAS PRELIMINARES NÃO SÃO FUNDAMENTAIS DURANTE UMA RELAÇÃO SEXUAL.: REGIÃO CENTRO-OESTE	134
GRÁFICO 129: QUESTÃO 28, ITEM 13: AS CARÍCIAS PRELIMINARES NÃO SÃO FUNDAMENTAIS DURANTE UMA RELAÇÃO SEXUAL.: REGIÃO SUDESTE	134
GRÁFICO 130: QUESTÃO 28, ITEM 13: AS CARÍCIAS PRELIMINARES NÃO SÃO FUNDAMENTAIS DURANTE UMA RELAÇÃO SEXUAL.: REGIÃO SUL	134
GRÁFICO 131: QUESTÃO 29, ITEM 1: UMA RELAÇÃO SEXUAL SEM SANGRAMENTO SIGNIFICA QUE A MULHER NÃO É MAIS VIRGEM.: REGIÃO NORTE	136
GRÁFICO 132: QUESTÃO 29, ITEM 1: UMA RELAÇÃO SEXUAL SEM SANGRAMENTO SIGNIFICA QUE A MULHER NÃO É MAIS VIRGEM.: REGIÃO NORDESTE	136
GRÁFICO 133: QUESTÃO 29, ITEM 1: UMA RELAÇÃO SEXUAL SEM SANGRAMENTO SIGNIFICA QUE A MULHER NÃO É MAIS VIRGEM.: REGIÃO CENTRO-OESTE	136
GRÁFICO 134: QUESTÃO 29, ITEM 1: UMA RELAÇÃO SEXUAL SEM SANGRAMENTO SIGNIFICA QUE A MULHER NÃO É MAIS VIRGEM.: REGIÃO SUDESTE	137
GRÁFICO 135: QUESTÃO 29, ITEM 1: UMA RELAÇÃO SEXUAL SEM SANGRAMENTO SIGNIFICA QUE A MULHER NÃO É MAIS VIRGEM.: REGIÃO SUL	137
GRÁFICO 136: QUESTÃO 29, ITEM 2: HOMENS COM PÊNIS GRANDE DÃO MAIS SATISFAÇÃO À MULHER.: REGIÃO NORTE	138
GRÁFICO 137: QUESTÃO 29, ITEM 2: HOMENS COM PÊNIS GRANDE DÃO MAIS SATISFAÇÃO À MULHER.: REGIÃO NORDESTE	138
GRÁFICO 138: QUESTÃO 29, ITEM 2: HOMENS COM PÊNIS GRANDE DÃO MAIS SATISFAÇÃO À MULHER.: REGIÃO CENTRO-OESTE	139
GRÁFICO 139: QUESTÃO 29, ITEM 2: HOMENS COM PÊNIS GRANDE DÃO MAIS SATISFAÇÃO À MULHER.: REGIÃO SUDESTE	139
GRÁFICO 140: QUESTÃO 29, ITEM 2: HOMENS COM PÊNIS GRANDE DÃO MAIS SATISFAÇÃO À MULHER.: REGIÃO SUL	139
GRÁFICO 141: QUESTÃO 29, ITEM 3: PARA A OBTENÇÃO DO ORGASMO/SATISFAÇÃO SEXUAL, É IMPRESCINDÍVEL O HOMEM TER PÊNIS GRANDE.: REGIÃO NORTE	141
GRÁFICO 142: QUESTÃO 29, ITEM 3: PARA A OBTENÇÃO DO ORGASMO/SATISFAÇÃO SEXUAL, É IMPRESCINDÍVEL O HOMEM TER PÊNIS GRANDE.: REGIÃO NORDESTE	141
GRÁFICO 143: QUESTÃO 29, ITEM 3: PARA A OBTENÇÃO DO ORGASMO/SATISFAÇÃO SEXUAL, É IMPRESCINDÍVEL O HOMEM TER PÊNIS GRANDE.: REGIÃO CENTRO-OESTE	141
GRÁFICO 144: QUESTÃO 29, ITEM 3: PARA A OBTENÇÃO DO ORGASMO/SATISFAÇÃO SEXUAL, É IMPRESCINDÍVEL O HOMEM TER PÊNIS GRANDE.: REGIÃO SUDESTE	141
GRÁFICO 145: QUESTÃO 29, ITEM 3: PARA A OBTENÇÃO DO ORGASMO/SATISFAÇÃO SEXUAL, É IMPRESCINDÍVEL O HOMEM TER PÊNIS GRANDE.: REGIÃO SUL	142
GRÁFICO 146: QUESTÃO 29, ITEM 4: A EDUCAÇÃO RÍGIDA RECEBIDA PELA MULHER E A FALTA DE DIÁLOGO COM O PARCEIRO SÃO CONSIDERADOS FATORES DA ANORGASMIA (FALTA DE ORGASMO FEMININO):. REGIÃO NORTE	143
GRÁFICO 147: QUESTÃO 29, ITEM 4: A EDUCAÇÃO RÍGIDA RECEBIDA PELA MULHER E A FALTA DE DIÁLOGO COM O PARCEIRO SÃO CONSIDERADOS FATORES DA ANORGASMIA (FALTA DE ORGASMO FEMININO):. REGIÃO NORDESTE	143
GRÁFICO 148: QUESTÃO 29, ITEM 4: A EDUCAÇÃO RÍGIDA RECEBIDA PELA MULHER E A FALTA DE DIÁLOGO COM O PARCEIRO SÃO CONSIDERADOS FATORES DA ANORGASMIA (FALTA DE ORGASMO FEMININO):. REGIÃO CENTRO-OESTE	144
GRÁFICO 149: QUESTÃO 29, ITEM 4: A EDUCAÇÃO RÍGIDA RECEBIDA PELA MULHER E A FALTA DE DIÁLOGO COM O PARCEIRO SÃO CONSIDERADOS FATORES DA ANORGASMIA (FALTA DE ORGASMO FEMININO):. REGIÃO SUDESTE	144
GRÁFICO 150: QUESTÃO 29, ITEM 4: A EDUCAÇÃO RÍGIDA RECEBIDA PELA MULHER E A FALTA DE DIÁLOGO COM O PARCEIRO SÃO CONSIDERADOS FATORES DA ANORGASMIA (FALTA DE ORGASMO FEMININO):. REGIÃO SUL	144
GRÁFICO 151: QUESTÃO 29, ITEM 5: A RELAÇÃO SEXUAL DURANTE O PERÍODO MENSTRUAL FAZ MAL À SAÚDE DO HOMEM E DA MULHER.: REGIÃO NORTE	145
GRÁFICO 152: QUESTÃO 29, ITEM 5: A RELAÇÃO SEXUAL DURANTE O PERÍODO MENSTRUAL FAZ MAL À SAÚDE DO HOMEM E DA MULHER.: REGIÃO NORDESTE	146
GRÁFICO 153: QUESTÃO 29, ITEM 5: A RELAÇÃO SEXUAL DURANTE O PERÍODO MENSTRUAL FAZ MAL À SAÚDE DO HOMEM E DA MULHER.: REGIÃO CENTRO-OESTE	146
GRÁFICO 154: QUESTÃO 29, ITEM 5: A RELAÇÃO SEXUAL DURANTE O PERÍODO MENSTRUAL FAZ MAL À SAÚDE DO HOMEM E DA MULHER.: REGIÃO SUDESTE	146
GRÁFICO 155: QUESTÃO 29, ITEM 5: A RELAÇÃO SEXUAL DURANTE O PERÍODO MENSTRUAL FAZ MAL À SAÚDE DO HOMEM E DA MULHER.: REGIÃO SUL	147
GRÁFICO 156: QUESTÃO 29, ITEM 6: MANTER RELAÇÕES SEXUAIS DURANTE A GRAVIDEZ É PREJUDICIAL À SAÚDE DO BEBÊ.: REGIÃO NORTE	148
GRÁFICO 157: QUESTÃO 29, ITEM 6: MANTER RELAÇÕES SEXUAIS DURANTE A GRAVIDEZ É PREJUDICIAL À SAÚDE DO BEBÊ.: REGIÃO NORDESTE	148
GRÁFICO 158: QUESTÃO 29, ITEM 6: MANTER RELAÇÕES SEXUAIS DURANTE A GRAVIDEZ É PREJUDICIAL À SAÚDE DO BEBÊ.: REGIÃO CENTRO-OESTE	149

GRÁFICO 159: QUESTÃO 29, ITEM 6: MANTER RELAÇÕES SEXUAIS DURANTE A GRAVIDEZ É PREJUDICIAL À SAÚDE DO BEBÊ.: REGIÃO SUDESTE.....	149
GRÁFICO 160: QUESTÃO 29, ITEM 6: MANTER RELAÇÕES SEXUAIS DURANTE A GRAVIDEZ É PREJUDICIAL À SAÚDE DO BEBÊ.: REGIÃO SUL	149
GRÁFICO 161: QUESTÃO 29, ITEM 7: AO MANTER RELAÇÕES SEXUAIS COM PESSOAS DESCONHECIDAS, CORRE-SE O RISCO DE CONTRAIR DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS.: REGIÃO NORTE	151
GRÁFICO 162: QUESTÃO 29, ITEM 7: AO MANTER RELAÇÕES SEXUAIS COM PESSOAS DESCONHECIDAS, CORRE-SE O RISCO DE CONTRAIR DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS.: REGIÃO NORDESTE	151
GRÁFICO 163: QUESTÃO 29, ITEM 7: AO MANTER RELAÇÕES SEXUAIS COM PESSOAS DESCONHECIDAS, CORRE-SE O RISCO DE CONTRAIR DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS.: REGIÃO CENTRO-OESTE	151
GRÁFICO 164: QUESTÃO 29, ITEM 7: AO MANTER RELAÇÕES SEXUAIS COM PESSOAS DESCONHECIDAS, CORRE-SE O RISCO DE CONTRAIR DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS.: REGIÃO SUDESTE	152
GRÁFICO 165: QUESTÃO 29, ITEM 7: AO MANTER RELAÇÕES SEXUAIS COM PESSOAS DESCONHECIDAS, CORRE-SE O RISCO DE CONTRAIR DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS.: REGIÃO SUL	152
GRÁFICO 166: QUESTÃO 29, ITEM 8: UMA DAS CAUSAS DA IMPOTÊNCIA MASCULINA É A MASTURBAÇÃO.: REGIÃO NORTE	153
GRÁFICO 167: QUESTÃO 29, ITEM 8: UMA DAS CAUSAS DA IMPOTÊNCIA MASCULINA É A MASTURBAÇÃO.: REGIÃO NORDESTE	154
GRÁFICO 168: QUESTÃO 29, ITEM 8: UMA DAS CAUSAS DA IMPOTÊNCIA MASCULINA É A MASTURBAÇÃO.: REGIÃO CENTRO-OESTE	154
GRÁFICO 169: QUESTÃO 29, ITEM 8: UMA DAS CAUSAS DA IMPOTÊNCIA MASCULINA É A MASTURBAÇÃO.: REGIÃO SUDESTE	154
GRÁFICO 170: QUESTÃO 29, ITEM 8: UMA DAS CAUSAS DA IMPOTÊNCIA MASCULINA É A MASTURBAÇÃO.: REGIÃO SUL	155
GRÁFICO 171: QUESTÃO 29, ITEM 9: O DESEJO, A VONTADE DE TER RELAÇÕES SEXUAIS É IGUAL PARA HOMENS E MULHERES.: REGIÃO NORTE	156
GRÁFICO 172: QUESTÃO 29, ITEM 9: O DESEJO, A VONTADE DE TER RELAÇÕES SEXUAIS É IGUAL PARA HOMENS E MULHERES.: REGIÃO NORDESTE	156
GRÁFICO 173: QUESTÃO 29, ITEM 9: O DESEJO, A VONTADE DE TER RELAÇÕES SEXUAIS É IGUAL PARA HOMENS E MULHERES.: REGIÃO CENTRO-OESTE	157
GRÁFICO 174: QUESTÃO 29, ITEM 9: O DESEJO, A VONTADE DE TER RELAÇÕES SEXUAIS É IGUAL PARA HOMENS E MULHERES.: REGIÃO SUDESTE	157
GRÁFICO 175: QUESTÃO 29, ITEM 9: O DESEJO, A VONTADE DE TER RELAÇÕES SEXUAIS É IGUAL PARA HOMENS E MULHERES.: REGIÃO SUL	157
GRÁFICO 176: QUESTÃO 29, ITEM 10: EXISTE A INTERFERÊNCIA DAS DROGAS NA SEXUALIDADE E NO COMPORTAMENTO SEXUAL.: REGIÃO NORTE	158
GRÁFICO 177: QUESTÃO 29, ITEM 10: EXISTE A INTERFERÊNCIA DAS DROGAS NA SEXUALIDADE E NO COMPORTAMENTO SEXUAL.: REGIÃO NORDESTE	159
GRÁFICO 178: QUESTÃO 29, ITEM 10: EXISTE A INTERFERÊNCIA DAS DROGAS NA SEXUALIDADE E NO COMPORTAMENTO SEXUAL.: REGIÃO CENTRO-OESTE	159
GRÁFICO 179: QUESTÃO 29, ITEM 10: EXISTE A INTERFERÊNCIA DAS DROGAS NA SEXUALIDADE E NO COMPORTAMENTO SEXUAL.: REGIÃO SUDESTE	159
GRÁFICO 180: QUESTÃO 29, ITEM 10: EXISTE A INTERFERÊNCIA DAS DROGAS NA SEXUALIDADE E NO COMPORTAMENTO SEXUAL.: REGIÃO SUL	160
GRÁFICO 181: QUESTÃO 29, ITEM 11: É CORRETO AFIRMAR QUE O USO CRÔNICO DE DROGAS ACARRETAM EFEITOS NEGATIVOS E PROGRESSIVOS SOBRE SEXUALIDADE ADULTA.: REGIÃO NORTE	161
GRÁFICO 182: QUESTÃO 29, ITEM 11: É CORRETO AFIRMAR QUE O USO CRÔNICO DE DROGAS ACARRETAM EFEITOS NEGATIVOS E PROGRESSIVOS SOBRE SEXUALIDADE ADULTA.: REGIÃO NORDESTE	162
GRÁFICO 183: QUESTÃO 29, ITEM 11: É CORRETO AFIRMAR QUE O USO CRÔNICO DE DROGAS ACARRETAM EFEITOS NEGATIVOS E PROGRESSIVOS SOBRE SEXUALIDADE ADULTA.: REGIÃO CENTRO-OESTE	162
GRÁFICO 184: QUESTÃO 29, ITEM 11: É CORRETO AFIRMAR QUE O USO CRÔNICO DE DROGAS ACARRETAM EFEITOS NEGATIVOS E PROGRESSIVOS SOBRE SEXUALIDADE ADULTA.: REGIÃO SUDESTE	162
GRÁFICO 185: QUESTÃO 29, ITEM 11: É CORRETO AFIRMAR QUE O USO CRÔNICO DE DROGAS ACARRETAM EFEITOS NEGATIVOS E PROGRESSIVOS SOBRE SEXUALIDADE ADULTA.: REGIÃO SUL	163
GRÁFICO 186: QUESTÃO 29, ITEM 12: O NÚMERO DE ABORTOS DE MÃES FUMANTES É MUITO GRANDE.: REGIÃO NORTE	164
GRÁFICO 187: QUESTÃO 29, ITEM 12: O NÚMERO DE ABORTOS DE MÃES FUMANTES É MUITO GRANDE.: REGIÃO NORDESTE	164
GRÁFICO 188: QUESTÃO 29, ITEM 12: O NÚMERO DE ABORTOS DE MÃES FUMANTES É MUITO GRANDE.: REGIÃO CENTRO-OESTE	165
GRÁFICO 189: QUESTÃO 29, ITEM 12: O NÚMERO DE ABORTOS DE MÃES FUMANTES É MUITO GRANDE.: REGIÃO SUDESTE	165
GRÁFICO 190: QUESTÃO 29, ITEM 12: O NÚMERO DE ABORTOS DE MÃES FUMANTES É MUITO GRANDE.: REGIÃO SUL	165
GRÁFICO 191: QUESTÃO 29, ITEM 13: A TELEVISÃO E OUTROS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DEVERIAM VALORIZAR, ALÉM DA BELEZA, OUTRAS CARACTERÍSTICAS DA MULHER.: REGIÃO NORTE	166
GRÁFICO 192: QUESTÃO 29, ITEM 13: A TELEVISÃO E OUTROS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DEVERIAM VALORIZAR, ALÉM DA BELEZA, OUTRAS CARACTERÍSTICAS DA MULHER.: REGIÃO NORDESTE	167
GRÁFICO 193: QUESTÃO 29, ITEM 13: A TELEVISÃO E OUTROS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DEVERIAM VALORIZAR, ALÉM DA BELEZA, OUTRAS CARACTERÍSTICAS DA MULHER.: REGIÃO CENTRO-OESTE	167
GRÁFICO 194: QUESTÃO 29, ITEM 13: A TELEVISÃO E OUTROS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DEVERIAM VALORIZAR, ALÉM DA BELEZA, OUTRAS CARACTERÍSTICAS DA MULHER.: REGIÃO SUDESTE	167
GRÁFICO 195: QUESTÃO 29, ITEM 13: A TELEVISÃO E OUTROS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DEVERIAM VALORIZAR, ALÉM DA BELEZA, OUTRAS CARACTERÍSTICAS DA MULHER.: REGIÃO SUL	168
GRÁFICO 196: QUESTÃO 29, ITEM 14: É IMPORTANTE PARA A FELICIDADE DAS PESSOAS MANTER UM RELACIONAMENTO SEXUAL SATISFATÓRIO.: REGIÃO NORTE	169
GRÁFICO 197: QUESTÃO 29, ITEM 14: É IMPORTANTE PARA A FELICIDADE DAS PESSOAS MANTER UM RELACIONAMENTO SEXUAL SATISFATÓRIO.: REGIÃO NORDESTE	169
GRÁFICO 198: QUESTÃO 29, ITEM 14: É IMPORTANTE PARA A FELICIDADE DAS PESSOAS MANTER UM RELACIONAMENTO SEXUAL SATISFATÓRIO.: REGIÃO CENTRO-OESTE	170
GRÁFICO 199: QUESTÃO 29, ITEM 14: É IMPORTANTE PARA A FELICIDADE DAS PESSOAS MANTER UM RELACIONAMENTO SEXUAL SATISFATÓRIO.: REGIÃO SUDESTE	170
GRÁFICO 200: QUESTÃO 29, ITEM 14: É IMPORTANTE PARA A FELICIDADE DAS PESSOAS MANTER UM RELACIONAMENTO SEXUAL SATISFATÓRIO.: REGIÃO SUL	170
GRÁFICO 201: QUESTÃO 29, ITEM 15: REVISTAS E FILMES PORNOGRÁFICOS DEVEM SER LIBERADOS.: REGIÃO NORTE	172
GRÁFICO 202: QUESTÃO 29, ITEM 15: REVISTAS E FILMES PORNOGRÁFICOS DEVEM SER LIBERADOS.: REGIÃO NORDESTE	172
GRÁFICO 203: QUESTÃO 29, ITEM 15: REVISTAS E FILMES PORNOGRÁFICOS DEVEM SER LIBERADOS.: REGIÃO CENTRO-OESTE	172

GRÁFICO 204: QUESTÃO 29, ITEM 15: REVISTAS E FILMES PORNOGRÁFICOS DEVEM SER LIBERADOS.: REGIÃO SUDESTE	173
GRÁFICO 205: QUESTÃO 29, ITEM 15: REVISTAS E FILMES PORNOGRÁFICOS DEVEM SER LIBERADOS.: REGIÃO SUL	173
GRÁFICO 206: QUESTÃO 29, ITEM 16: A LIBERDADE QUE OS PAIS DÃO AOS FILHOS DEVE SER A MESMA EM RELAÇÃO ÀS FILHAS.: REGIÃO NORTE	175
GRÁFICO 207: QUESTÃO 29, ITEM 16: A LIBERDADE QUE OS PAIS DÃO AOS FILHOS DEVE SER A MESMA EM RELAÇÃO ÀS FILHAS.: REGIÃO NORDESTE	175
GRÁFICO 208: QUESTÃO 29, ITEM 16: A LIBERDADE QUE OS PAIS DÃO AOS FILHOS DEVE SER A MESMA EM RELAÇÃO ÀS FILHAS.: REGIÃO CENTRO-OESTE	176
GRÁFICO 209: QUESTÃO 29, ITEM 16: A LIBERDADE QUE OS PAIS DÃO AOS FILHOS DEVE SER A MESMA EM RELAÇÃO ÀS FILHAS.: REGIÃO SUDESTE	176
GRÁFICO 210: QUESTÃO 29, ITEM 16: A LIBERDADE QUE OS PAIS DÃO AOS FILHOS DEVE SER A MESMA EM RELAÇÃO ÀS FILHAS.: REGIÃO SUL	176
GRÁFICO 211: QUESTÃO 7: SE VOCÊ TEM PARCEIRO FIXO (NAMORADO(A), CÔNJUGE), COSTUMA MANTER RELAÇÕES SEXUAIS COM OUTROS(AS) PARCEIROS(AS)? VOCÊ JÁ TEVE RELAÇÕES SEXUAIS COM OUTRA PESSOA, DEPOIS QUE ESTÁ COM O(A) SEU(SUA) PARCEIRO(A) ATUAL?: REGIÃO NORTE	179
GRÁFICO 212: QUESTÃO 7: SE VOCÊ TEM PARCEIRO FIXO (NAMORADO(A), CÔNJUGE), COSTUMA MANTER RELAÇÕES SEXUAIS COM OUTROS(AS) PARCEIROS(AS)? VOCÊ JÁ TEVE RELAÇÕES SEXUAIS COM OUTRA PESSOA, DEPOIS QUE ESTÁ COM O(A) SEU(SUA) PARCEIRO(A) ATUAL?: REGIÃO NORDESTE	179
GRÁFICO 213: QUESTÃO 7: SE VOCÊ TEM PARCEIRO FIXO (NAMORADO(A), CÔNJUGE), COSTUMA MANTER RELAÇÕES SEXUAIS COM OUTROS(AS) PARCEIROS(AS)? VOCÊ JÁ TEVE RELAÇÕES SEXUAIS COM OUTRA PESSOA, DEPOIS QUE ESTÁ COM O(A) SEU(SUA) PARCEIRO(A) ATUAL?: REGIÃO CENTRO-OESTE	179
GRÁFICO 214: QUESTÃO 7: SE VOCÊ TEM PARCEIRO FIXO (NAMORADO(A), CÔNJUGE), COSTUMA MANTER RELAÇÕES SEXUAIS COM OUTROS(AS) PARCEIROS(AS)? VOCÊ JÁ TEVE RELAÇÕES SEXUAIS COM OUTRA PESSOA, DEPOIS QUE ESTÁ COM O(A) SEU(SUA) PARCEIRO(A) ATUAL?: REGIÃO SUDESTE	180
GRÁFICO 215: QUESTÃO 7: SE VOCÊ TEM PARCEIRO FIXO (NAMORADO(A), CÔNJUGE), COSTUMA MANTER RELAÇÕES SEXUAIS COM OUTROS(AS) PARCEIROS(AS)? VOCÊ JÁ TEVE RELAÇÕES SEXUAIS COM OUTRA PESSOA, DEPOIS QUE ESTÁ COM O(A) SEU(SUA) PARCEIRO(A) ATUAL?: REGIÃO SUL	180
GRÁFICO 216: QUESTÃO 14: ÍNDIQUE COMO VOCÊ COSTUMA MANTER SUAS RELAÇÕES SEXUAIS.: REGIÃO NORTE	182
GRÁFICO 217: QUESTÃO 14: ÍNDIQUE COMO VOCÊ COSTUMA MANTER SUAS RELAÇÕES SEXUAIS.: REGIÃO NORDESTE	182
GRÁFICO 218: QUESTÃO 14: ÍNDIQUE COMO VOCÊ COSTUMA MANTER SUAS RELAÇÕES SEXUAIS.: REGIÃO CENTRO-OESTE	183
GRÁFICO 219: QUESTÃO 14: ÍNDIQUE COMO VOCÊ COSTUMA MANTER SUAS RELAÇÕES SEXUAIS.: REGIÃO SUDESTE	183
GRÁFICO 220: QUESTÃO 14: ÍNDIQUE COMO VOCÊ COSTUMA MANTER SUAS RELAÇÕES SEXUAIS.: REGIÃO SUL	183
GRÁFICO 221: QUESTÃO 27, ITEM 1: SEXO NO PRIMEIRO ENCONTRO.: REGIÃO NORTE	185
GRÁFICO 222: QUESTÃO 27, ITEM 1: SEXO NO PRIMEIRO ENCONTRO.: REGIÃO NORDESTE	185
GRÁFICO 223: QUESTÃO 27, ITEM 1: SEXO NO PRIMEIRO ENCONTRO.: REGIÃO CENTRO-OESTE	185
GRÁFICO 224: QUESTÃO 27, ITEM 1: SEXO NO PRIMEIRO ENCONTRO.: REGIÃO SUDESTE	186
GRÁFICO 225: QUESTÃO 27, ITEM 1: SEXO NO PRIMEIRO ENCONTRO.: REGIÃO SUL	186
GRÁFICO 226: QUESTÃO 27, ITEM 2: RELAÇÕES SEXUAIS ANTES DO CASAMENTO.: REGIÃO NORTE	187
GRÁFICO 227: QUESTÃO 27, ITEM 2: RELAÇÕES SEXUAIS ANTES DO CASAMENTO.: REGIÃO NORDESTE	187
GRÁFICO 228: QUESTÃO 27, ITEM 2: RELAÇÕES SEXUAIS ANTES DO CASAMENTO.: REGIÃO CENTRO-OESTE	187
GRÁFICO 229: QUESTÃO 27, ITEM 2: RELAÇÕES SEXUAIS ANTES DO CASAMENTO.: REGIÃO SUDESTE	188
GRÁFICO 230: QUESTÃO 27, ITEM 2: RELAÇÕES SEXUAIS ANTES DO CASAMENTO.: REGIÃO SUL	188
GRÁFICO 231: QUESTÃO 27, ITEM 3: RELAÇÕES SEXUAIS FORA DO CASAMENTO.: REGIÃO NORTE	190
GRÁFICO 232: QUESTÃO 27, ITEM 3: RELAÇÕES SEXUAIS FORA DO CASAMENTO.: REGIÃO NORDESTE	190
GRÁFICO 233: QUESTÃO 27, ITEM 3: RELAÇÕES SEXUAIS FORA DO CASAMENTO.: REGIÃO CENTRO-OESTE	190
GRÁFICO 234: QUESTÃO 27, ITEM 3: RELAÇÕES SEXUAIS FORA DO CASAMENTO.: REGIÃO SUDESTE	191
GRÁFICO 235: QUESTÃO 27, ITEM 3: RELAÇÕES SEXUAIS FORA DO CASAMENTO.: REGIÃO SUL	191
GRÁFICO 236: QUESTÃO 27, ITEM 4: SEXO ORAL: REGIÃO NORTE	193
GRÁFICO 237: QUESTÃO 27, ITEM 4: SEXO ORAL: REGIÃO NORDESTE	193
GRÁFICO 238: QUESTÃO 27, ITEM 4: SEXO ORAL: REGIÃO CENTRO-OESTE	193
GRÁFICO 239: QUESTÃO 27, ITEM 4: SEXO ORAL: REGIÃO SUDESTE	194
GRÁFICO 240: QUESTÃO 27, ITEM 4: SEXO ORAL: REGIÃO SUL	194
GRÁFICO 241: QUESTÃO 27, ITEM 5: SEXO GRUPAL.: REGIÃO NORTE	196
GRÁFICO 242: QUESTÃO 27, ITEM 5: SEXO GRUPAL.: REGIÃO NORDESTE	196
GRÁFICO 243: QUESTÃO 27, ITEM 5: SEXO GRUPAL.: REGIÃO CENTRO-OESTE	196
GRÁFICO 244: QUESTÃO 27, ITEM 5: SEXO GRUPAL.: REGIÃO SUDESTE	197
GRÁFICO 245: QUESTÃO 27, ITEM 5: SEXO GRUPAL.: REGIÃO SUL	197
GRÁFICO 246: QUESTÃO 27, ITEM 6: VIRGINDADE ATÉ O CASAMENTO PARA A MULHER.: REGIÃO NORTE	199
GRÁFICO 247: QUESTÃO 27, ITEM 6: VIRGINDADE ATÉ O CASAMENTO PARA A MULHER.: REGIÃO NORDESTE	199
GRÁFICO 248: QUESTÃO 27, ITEM 6: VIRGINDADE ATÉ O CASAMENTO PARA A MULHER.: REGIÃO CENTRO-OESTE	199
GRÁFICO 249: QUESTÃO 27, ITEM 6: VIRGINDADE ATÉ O CASAMENTO PARA A MULHER.: REGIÃO SUDESTE	200
GRÁFICO 250: QUESTÃO 27, ITEM 6: VIRGINDADE ATÉ O CASAMENTO PARA A MULHER.: REGIÃO SUL	200
GRÁFICO 251: QUESTÃO 27, ITEM 7: VIRGINDADE ATÉ O CASAMENTO PARA O HOMEM.: REGIÃO NORTE	202
GRÁFICO 252: QUESTÃO 27, ITEM 7: VIRGINDADE ATÉ O CASAMENTO PARA O HOMEM.: REGIÃO NORDESTE	202
GRÁFICO 253: QUESTÃO 27, ITEM 7: VIRGINDADE ATÉ O CASAMENTO PARA O HOMEM.: REGIÃO CENTRO-OESTE	202
GRÁFICO 254: QUESTÃO 27, ITEM 7: VIRGINDADE ATÉ O CASAMENTO PARA O HOMEM.: REGIÃO SUDESTE	203
GRÁFICO 255: QUESTÃO 27, ITEM 7: VIRGINDADE ATÉ O CASAMENTO PARA O HOMEM.: REGIÃO SUL	203
GRÁFICO 256: QUESTÃO 27, ITEM 8: MASTURBAÇÃO: REGIÃO NORTE	205
GRÁFICO 257: QUESTÃO 27, ITEM 8: MASTURBAÇÃO: REGIÃO NORDESTE	205
GRÁFICO 258: QUESTÃO 27, ITEM 8: MASTURBAÇÃO: REGIÃO CENTRO-OESTE	206
GRÁFICO 259: QUESTÃO 27, ITEM 8: MASTURBAÇÃO: REGIÃO SUDESTE	206
GRÁFICO 260: QUESTÃO 27, ITEM 8: MASTURBAÇÃO: REGIÃO SUL	206
GRÁFICO 261: QUESTÃO 27, ITEM 9: FAZER SEXO SOMENTE QUANDO HÁ DESEJO SEXUAL: REGIÃO NORTE	208

GRÁFICO 262: QUESTÃO 27, ITEM 9: FAZER SEXO SOMENTE QUANDO HÁ DESEJO SEXUAL.: REGIÃO NORDESTE	208
GRÁFICO 263: QUESTÃO 27, ITEM 9: FAZER SEXO SOMENTE QUANDO HÁ DESEJO SEXUAL.: REGIÃO CENTRO-OESTE	208
GRÁFICO 264: QUESTÃO 27, ITEM 9: FAZER SEXO SOMENTE QUANDO HÁ DESEJO SEXUAL.: REGIÃO SUDESTE	209
GRÁFICO 265: QUESTÃO 27, ITEM 9: FAZER SEXO SOMENTE QUANDO HÁ DESEJO SEXUAL.: REGIÃO SUL	209
GRÁFICO 266: QUESTÃO 27, ITEM 10: FAZER SEXO SOMENTE QUANDO HÁ AFETIVIDADE.: REGIÃO NORTE	211
GRÁFICO 267: QUESTÃO 27, ITEM 10: FAZER SEXO SOMENTE QUANDO HÁ AFETIVIDADE.: REGIÃO NORDESTE	211
GRÁFICO 268: QUESTÃO 27, ITEM 10: FAZER SEXO SOMENTE QUANDO HÁ AFETIVIDADE.: REGIÃO CENTRO-OESTE	211
GRÁFICO 269: QUESTÃO 27, ITEM 10: FAZER SEXO SOMENTE QUANDO HÁ AFETIVIDADE.: REGIÃO SUDESTE	212
GRÁFICO 270: QUESTÃO 27, ITEM 10: FAZER SEXO SOMENTE QUANDO HÁ AFETIVIDADE.: REGIÃO SUL	212
GRÁFICO 271: QUESTÃO 27, ITEM 11: RELAÇÕES SEXUAIS PRECOCE (ANTES DOS 15 ANOS):. REGIÃO NORTE	214
GRÁFICO 272: QUESTÃO 27, ITEM 11: RELAÇÕES SEXUAIS PRECOCE (ANTES DOS 15 ANOS):. REGIÃO NORDESTE	214
GRÁFICO 273: QUESTÃO 27, ITEM 11: RELAÇÕES SEXUAIS PRECOCE (ANTES DOS 15 ANOS):. REGIÃO CENTRO-OESTE	214
GRÁFICO 274: QUESTÃO 27, ITEM 11: RELAÇÕES SEXUAIS PRECOCE (ANTES DOS 15 ANOS):. REGIÃO SUDESTE	215
GRÁFICO 275: QUESTÃO 27, ITEM 11: RELAÇÕES SEXUAIS PRECOCE (ANTES DOS 15 ANOS):. REGIÃO SUL	215
GRÁFICO 276: QUESTÃO 27, ITEM 12: ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS.: REGIÃO NORTE	217
GRÁFICO 277: QUESTÃO 27, ITEM 12: ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS.: REGIÃO NORDESTE	217
GRÁFICO 278: QUESTÃO 27, ITEM 12: ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS.: REGIÃO CENTRO-OESTE	218
GRÁFICO 279: QUESTÃO 27, ITEM 12: ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS.: REGIÃO SUDESTE	218
GRÁFICO 280: QUESTÃO 27, ITEM 12: ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS.: REGIÃO SUL	218
GRÁFICO 281: QUESTÃO 27, ITEM 13: PROSTITUIÇÃO.: REGIÃO NORTE	220
GRÁFICO 282: QUESTÃO 27, ITEM 13: PROSTITUIÇÃO.: REGIÃO NORDESTE	220
GRÁFICO 283: QUESTÃO 27, ITEM 13: PROSTITUIÇÃO.: REGIÃO CENTRO-OESTE	221
GRÁFICO 284: QUESTÃO 27, ITEM 13: PROSTITUIÇÃO.: REGIÃO SUDESTE	221
GRÁFICO 285: QUESTÃO 27, ITEM 13: PROSTITUIÇÃO.: REGIÃO SUL	221
GRÁFICO 286: QUESTÃO 27, ITEM 14: CONTROLE DE NATALIDADE.: REGIÃO NORTE	222
GRÁFICO 287: QUESTÃO 27, ITEM 14: CONTROLE DE NATALIDADE.: REGIÃO NORDESTE	223
GRÁFICO 288: QUESTÃO 27, ITEM 14: CONTROLE DE NATALIDADE.: REGIÃO CENTRO-OESTE	223
GRÁFICO 289: QUESTÃO 27, ITEM 14: CONTROLE DE NATALIDADE.: REGIÃO SUDESTE	223
GRÁFICO 290: QUESTÃO 27, ITEM 14: CONTROLE DE NATALIDADE.: REGIÃO SUL	224
GRÁFICO 291: QUESTÃO 27, ITEM 15: É HIGIÊNICO PRATICAR SEXO ORAL.: REGIÃO NORTE	226
GRÁFICO 292: QUESTÃO 27, ITEM 15: É HIGIÊNICO PRATICAR SEXO ORAL.: REGIÃO NORDESTE	226
GRÁFICO 293: QUESTÃO 27, ITEM 15: É HIGIÊNICO PRATICAR SEXO ORAL.: REGIÃO CENTRO-OESTE	226
GRÁFICO 294: QUESTÃO 27, ITEM 15: É HIGIÊNICO PRATICAR SEXO ORAL.: REGIÃO SUDESTE	227
GRÁFICO 295: QUESTÃO 27, ITEM 15: É HIGIÊNICO PRATICAR SEXO ORAL.: REGIÃO SUL	227
GRÁFICO 296: QUESTÃO 27, ITEM 16: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DO HOMEM.: REGIÃO NORTE	229
GRÁFICO 297: QUESTÃO 27, ITEM 16: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DO HOMEM.: REGIÃO NORDESTE	229
GRÁFICO 298: QUESTÃO 27, ITEM 16: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DO HOMEM.: REGIÃO CENTRO-OESTE	229
GRÁFICO 299: QUESTÃO 27, ITEM 16: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DO HOMEM.: REGIÃO SUDESTE	230
GRÁFICO 300: QUESTÃO 27, ITEM 16: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DO HOMEM.: REGIÃO SUL	230
GRÁFICO 301: QUESTÃO 27, ITEM 17: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DA MULHER.: REGIÃO NORTE	232
GRÁFICO 302: QUESTÃO 27, ITEM 17: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DA MULHER.: REGIÃO NORDESTE	232
GRÁFICO 303: QUESTÃO 27, ITEM 17: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DA MULHER.: REGIÃO CENTRO-OESTE	232
GRÁFICO 304: QUESTÃO 27, ITEM 17: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DA MULHER.: REGIÃO SUDESTE	233
GRÁFICO 305: QUESTÃO 27, ITEM 17: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DA MULHER.: REGIÃO SUL	233
GRÁFICO 306: QUESTÃO 27, ITEM 18: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DE AMBOS.: REGIÃO NORTE	234
GRÁFICO 307: QUESTÃO 27, ITEM 18: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DE AMBOS.: REGIÃO NORDESTE	235
GRÁFICO 308: QUESTÃO 27, ITEM 18: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DE AMBOS.: REGIÃO CENTRO-OESTE	235
GRÁFICO 309: QUESTÃO 27, ITEM 18: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DE AMBOS.: REGIÃO SUDESTE	235
GRÁFICO 310: QUESTÃO 27, ITEM 18: A INICIATIVA PARA O ATO SEXUAL DEVE SER SEMPRE DE AMBOS.: REGIÃO SUL	236
GRÁFICO 311: QUESTÃO 30, ITEM 1: A HOMOSSEXUALIDADE É MAIS COMUM ENTRE O SEXO MASCULINO DO QUE O SEXO FEMININO.: REGIÃO NORTE	237
GRÁFICO 312: QUESTÃO 30, ITEM 1: A HOMOSSEXUALIDADE É MAIS COMUM ENTRE O SEXO MASCULINO DO QUE O SEXO FEMININO.: REGIÃO NORDESTE	238
GRÁFICO 313: QUESTÃO 30, ITEM 1: A HOMOSSEXUALIDADE É MAIS COMUM ENTRE O SEXO MASCULINO DO QUE O SEXO FEMININO.: REGIÃO CENTRO-OESTE	238
GRÁFICO 314: QUESTÃO 30, ITEM 1: A HOMOSSEXUALIDADE É MAIS COMUM ENTRE O SEXO MASCULINO DO QUE O SEXO FEMININO.: REGIÃO SUDESTE	238
GRÁFICO 315: QUESTÃO 30, ITEM 1: A HOMOSSEXUALIDADE É MAIS COMUM ENTRE O SEXO MASCULINO DO QUE O SEXO FEMININO.: REGIÃO SUL	239
GRÁFICO 316: QUESTÃO 30, ITEM 2: A HOMOSSEXUALIDADE É UMA DOENÇA.: REGIÃO NORTE	240
GRÁFICO 317: QUESTÃO 30, ITEM 2: A HOMOSSEXUALIDADE É UMA DOENÇA.: REGIÃO NORDESTE	240
GRÁFICO 318: QUESTÃO 30, ITEM 2: A HOMOSSEXUALIDADE É UMA DOENÇA.: REGIÃO CENTRO-OESTE	241
GRÁFICO 319: QUESTÃO 30, ITEM 2: A HOMOSSEXUALIDADE É UMA DOENÇA.: REGIÃO SUDESTE	241
GRÁFICO 320: QUESTÃO 30, ITEM 2: A HOMOSSEXUALIDADE É UMA DOENÇA.: REGIÃO SUL	241
GRÁFICO 321: QUESTÃO 30, ITEM 3: A ANATOMIA GENITAL ENTRE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS É DIFERENTE.: REGIÃO NORTE	243
GRÁFICO 322: QUESTÃO 30, ITEM 3: A ANATOMIA GENITAL ENTRE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS É DIFERENTE.: REGIÃO NORDESTE	243
GRÁFICO 323: QUESTÃO 30, ITEM 3: A ANATOMIA GENITAL ENTRE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS É DIFERENTE.: REGIÃO CENTRO-OESTE	244
GRÁFICO 324: QUESTÃO 30, ITEM 3: A ANATOMIA GENITAL ENTRE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS É DIFERENTE.: REGIÃO SUDESTE	244
GRÁFICO 325: QUESTÃO 30, ITEM 3: A ANATOMIA GENITAL ENTRE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS É DIFERENTE.: REGIÃO SUL	244
GRÁFICO 326: QUESTÃO 30, ITEM 4: A ADOLESCÊNCIA É UMA FASE IMPORTANTE PARA A IDENTIDADE SEXUAL DO INDIVÍDUO.: REGIÃO NORTE	246

GRÁFICO 327: QUESTÃO 30, ITEM 4: A ADOLESCÊNCIA É UMA FASE IMPORTANTE PARA A IDENTIDADE SEXUAL DO INDIVÍDUO.: REGIÃO NORDESTE.....	246
GRÁFICO 328: QUESTÃO 30, ITEM 4: A ADOLESCÊNCIA É UMA FASE IMPORTANTE PARA A IDENTIDADE SEXUAL DO INDIVÍDUO.: REGIÃO CENTRO-OESTE.....	246
GRÁFICO 329: QUESTÃO 30, ITEM 4: A ADOLESCÊNCIA É UMA FASE IMPORTANTE PARA A IDENTIDADE SEXUAL DO INDIVÍDUO.: REGIÃO SUDESTE.....	247
GRÁFICO 330: QUESTÃO 30, ITEM 4: A ADOLESCÊNCIA É UMA FASE IMPORTANTE PARA A IDENTIDADE SEXUAL DO INDIVÍDUO.: REGIÃO SUL.....	247
GRÁFICO 331: QUESTÃO 30, ITEM 5: A BISSEXUALIDADE IMPLICA EM CONTATOS SEXUAIS TANTO ENTRE HOMENS COMO ENTRE MULHERES.: REGIÃO NORTE.....	248
GRÁFICO 332: QUESTÃO 30, ITEM 5: A BISSEXUALIDADE IMPLICA EM CONTATOS SEXUAIS TANTO ENTRE HOMENS COMO ENTRE MULHERES.: REGIÃO NORDESTE.....	249
GRÁFICO 333: QUESTÃO 30, ITEM 5: A BISSEXUALIDADE IMPLICA EM CONTATOS SEXUAIS TANTO ENTRE HOMENS COMO ENTRE MULHERES.: REGIÃO CENTRO-OESTE.....	249
GRÁFICO 334: QUESTÃO 30, ITEM 5: A BISSEXUALIDADE IMPLICA EM CONTATOS SEXUAIS TANTO ENTRE HOMENS COMO ENTRE MULHERES.: REGIÃO SUDESTE.....	249
GRÁFICO 335: QUESTÃO 30, ITEM 5: A BISSEXUALIDADE IMPLICA EM CONTATOS SEXUAIS TANTO ENTRE HOMENS COMO ENTRE MULHERES.: REGIÃO SUL.....	250
GRÁFICO 336: QUESTÃO 30, ITEM 6: NA MAIORIA DAS PROFISSÕES OS HOMOSSEXUAIS COSTUMAM ENFRENTAR GRANDES DIFICULDADES.: REGIÃO NORTE.....	251
GRÁFICO 337: QUESTÃO 30, ITEM 6: NA MAIORIA DAS PROFISSÕES OS HOMOSSEXUAIS COSTUMAM ENFRENTAR GRANDES DIFICULDADES.: REGIÃO NORDESTE.....	251
GRÁFICO 338: QUESTÃO 30, ITEM 6: NA MAIORIA DAS PROFISSÕES OS HOMOSSEXUAIS COSTUMAM ENFRENTAR GRANDES DIFICULDADES.: REGIÃO CENTRO-OESTE.....	252
GRÁFICO 339: QUESTÃO 30, ITEM 6: NA MAIORIA DAS PROFISSÕES OS HOMOSSEXUAIS COSTUMAM ENFRENTAR GRANDES DIFICULDADES.: REGIÃO SUDESTE.....	252
GRÁFICO 340: QUESTÃO 30, ITEM 6: NA MAIORIA DAS PROFISSÕES OS HOMOSSEXUAIS COSTUMAM ENFRENTAR GRANDES DIFICULDADES.: REGIÃO SUL.....	252
GRÁFICO 341: QUESTÃO 30, ITEM 7: A HOMOSSEXUALIDADE É CONHECIDA DESDE OS TEMPOS DA ANTIGUIDADE.: REGIÃO NORTE.....	254
GRÁFICO 342: QUESTÃO 30, ITEM 7: A HOMOSSEXUALIDADE É CONHECIDA DESDE OS TEMPOS DA ANTIGUIDADE.: REGIÃO NORDESTE.....	254
GRÁFICO 343: QUESTÃO 30, ITEM 7: A HOMOSSEXUALIDADE É CONHECIDA DESDE OS TEMPOS DA ANTIGUIDADE.: REGIÃO CENTRO-OESTE.....	254
GRÁFICO 344: QUESTÃO 30, ITEM 7: A HOMOSSEXUALIDADE É CONHECIDA DESDE OS TEMPOS DA ANTIGUIDADE.: REGIÃO SUDESTE.....	255
GRÁFICO 345: QUESTÃO 30, ITEM 7: A HOMOSSEXUALIDADE É CONHECIDA DESDE OS TEMPOS DA ANTIGUIDADE.: REGIÃO SUL.....	255
GRÁFICO 346: QUESTÃO 30, ITEM 8: NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, EM DIVERSOS PAÍSES, ESTÁ HAVENDO UMA MAIOR ACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE.: REGIÃO NORTE.....	256
GRÁFICO 347: QUESTÃO 30, ITEM 8: NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, EM DIVERSOS PAÍSES, ESTÁ HAVENDO UMA MAIOR ACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE.: REGIÃO NORDESTE.....	256
GRÁFICO 348: QUESTÃO 30, ITEM 8: NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, EM DIVERSOS PAÍSES, ESTÁ HAVENDO UMA MAIOR ACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE.: REGIÃO CENTRO-OESTE.....	257
GRÁFICO 349: QUESTÃO 30, ITEM 8: NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, EM DIVERSOS PAÍSES, ESTÁ HAVENDO UMA MAIOR ACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE.: REGIÃO SUDESTE.....	257
GRÁFICO 350: QUESTÃO 30, ITEM 8: NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, EM DIVERSOS PAÍSES, ESTÁ HAVENDO UMA MAIOR ACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE.: REGIÃO SUL.....	257

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	18
1.INTRODUÇÃO	26
1.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ADOLESCÊNCIA.....	26
1.2. PCN – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS	43
1.3. ORIENTAÇÃO SEXUAL POR MEIO DOS PCN	45
1.4. ORIENTAÇÃO SEXUAL E POLÍTICAS PÚBLICAS	46
2.OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	49
2.1. OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICO	49
2.2. ANÁLISE QUANTITATIVA.....	49
2.3. TÉCNICA DE PESQUISA.....	52
2.3.1. Pesquisa Bibliográfica.....	52
2.3.2. Técnica de Coleta de Dados.....	52
2.4. INSTRUMENTOS.....	54
2.5. SUJEITOS DA PESQUISA	55
3.RESSIGNIFICANDO A SEXUALIDADE PELOS UNIVERSITÁRIOS.....	56
TEMA 1: IDENTIFICAÇÃO	56
✓Idade	56
✓Estado Civil	58
✓Se não for casado (responda).....	60
✓Número de filhos	63
TEMA 2: O UNIVERSITÁRIO E O SEXO: COMO OS JOVENS VIVENCIAM A SEXUALIDADE.....	66
✓Questão 1: Com quantos anos você manteve sua primeira relação sexual?	66
✓Questão 2: Qual a frequência de suas relações sexuais?.....	69
✓Questão 3: Assinale o local onde você mantém o maior número de relações sexuais.....	72
✓Questão 4: Com quem você conversa sobre sexo?	74
✓Questão 5: Como você e seu (sua) parceiro(a) se relacionam sexualmente?	77
✓Questão 8: Com qual categoria você costuma ter mais relações sexuais?.....	80
✓Questão 11: Indique, na sua ordem de preferência (1º, 2º, 3º, 4º e 5º), que tipo de prática ou ato sexual você costuma utilizar.	83
TEMA 3: SEXO E PREVENÇÃO.....	91
✓Questão 18: Você utiliza métodos anticoncepcionais? Se respondeu “SIM”, qual utiliza?.....	91
✓Questões 24 e 25: Você usa (sexo masculino)/ exige que seu parceiro use (sexo feminino) preservativo? Em caso afirmativo ou negativo, responda quando e por que?	95
TEMA 4: O UNIVERSITÁRIO É ESCLARECIDO SOBRE SEXO?.....	101
✓Questão 28: Coloque “V” na alternativa que você considerar verdadeira e “F” na que você considerar falsa em relação as questões abaixo:	101
✓Questão 28, item 1: A relação sexual durante o período menstrual pode engravidar.	101
✓Questão 28, item 2: A relação sexual em pé não engravida.	104
✓Questão 28, item 3: A realização da ducha vaginal após a relação sexual não engravida.	106
✓Questão 28, item 4: A primeira relação sexual pode levar à gravidez.....	109
✓Questão 28, item 5: A masturbação em excesso pode levar à impotência/frigidez sexual.	111
✓Questão 28, item 6: A masturbação é uma prática saudável e deve ser realizada tanto pelo homem como pela mulher.	114
✓Questão 28, item 7: O vírus HIV pode ser contraído apenas com a prática do sexo oral, mesmo sem nenhuma penetração.....	117
✓Questão 28, item 8: Toda mulher tem um período fértil em que há risco de gravidez.	120
✓Questão 28, item 9: O uso regular da pílula anticoncepcional não impede a ovulação.	122
✓Questão 28, item 10: A masturbação só oferece riscos se você introduzir algum objeto cortante ou pontiagudo na vagina.	124
✓Questão 28, item 11: Carícias na vagina ajudam a mulher a conhecer outras partes do seu corpo que podem lhe proporcionar mais prazer.....	127
✓Questão 28, item 12: A penetração é a única forma de proporcionar prazer.	130
✓Questão 28, item 13: As carícias preliminares não são fundamentais durante uma relação sexual.....	132
✓Questão 29: Marque com um “X”, de acordo com seu conhecimentos, o que você considera CERTO ou ERRADO nas alternativas abaixo:.....	135
✓Questão 29, item 1: Uma relação sexual sem sangramento significa que a mulher não é mais virgem.....	135
✓Questão 29, item 2: Homens com pênis grande dão mais satisfação à mulher.	138
✓Questão 29, item 3: Para a obtenção do orgasmo/satisfação sexual, é imprescindível o homem ter pênis grande.....	140
✓Questão 29, item 4: A educação rígida recebida pela mulher e a falta de diálogo com o parceiro são considerados fatores da anorgasmia (falta de orgasmo feminino).	142
✓Questão 29, item 5: A relação sexual durante o período menstrual faz mal à saúde do homem e da mulher.....	145
✓Questão 29, item 6: Manter relações sexuais durante a gravidez é prejudicial à saúde do bebê.	148

✓ Questão 29, item 7: Ao manter relações sexuais com pessoas desconhecidas, corre-se o risco de contrair Doenças Sexualmente Transmissíveis.....	150
✓ Questão 29, item 8: Uma das causas da impotência masculina é a masturbação.....	153
✓ Questão 29, item 9: O desejo, a vontade de ter relações sexuais é igual para homens e mulheres.	155
✓ Questão 29, item 10: Existe a interferência das drogas na sexualidade e no comportamento sexual.....	158
✓ Questão 29, item 11: É correto afirmar que o uso crônico de drogas acarretam efeitos negativos e progressivos sobre sexualidade adulta.....	161
✓ Questão 29, item 12: O número de abortos de mães fumantes é muito grande.	163
✓ Questão 29, item 13: A televisão e outros meios de comunicação deveriam valorizar, além da beleza, outras características da mulher.	166
✓ Questão 29, item 14: É importante para a felicidade das pessoas manter um relacionamento sexual satisfatório.	168
✓ Questão 29, item 15: Revistas e filmes pornográficos devem ser liberados.	171
✓ Questão 29, item 16: A liberdade que os pais dão aos filhos deve ser a mesma em relação às filhas.	174

TEMA 5: VALORES 178

✓ Questão 7: Se você tem parceiro fixo (namorado(a), cônjuge), costuma manter relações sexuais com outros(as) parceiros(as)? Você já teve relações sexuais com outra pessoa, depois que está com o(a) seu(sua) parceiro(a) atual?	178
✓ Questão 14: Indique como você costuma manter suas relações sexuais.	181
✓ Questão 27: Responda os itens abaixo colocando um "X" na alternativa que corresponda ao seu modo de pensar:	184
✓ Questão 27, item 1: Sexo no primeiro encontro.....	184
✓ Questão 27, item 2: Relações sexuais antes do casamento.	186
✓ Questão 27, item 3: relações sexuais fora do casamento.	189
✓ Questão 27, item 4: Sexo oral.....	192
✓ Questão 27, item 5: Sexo Grupal.	195
✓ Questão 27, item 6: Virgindade até o casamento para a mulher.	198
✓ Questão 27, item 7: Virgindade até o casamento para o homem.	201
✓ Questão 27, item 8: Masturbação	204
✓ Questão 27, item 9: Fazer sexo somente quando há desejo sexual.	207
✓ Questão 27, item 10: Fazer sexo somente quando há afetividade.	210
✓ Questão 27, item 11: Relações sexuais precoce (antes dos 15 anos).	213
✓ Questão 27, item 12: Orientação sexual nas escolas.	216
✓ Questão 27, item 13: Prostituição.	219
✓ Questão 27, item 14: Controle de natalidade.....	222
✓ Questão 27, item 15: É higiênico praticar sexo oral.....	225
✓ Questão 27, item 16: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre do homem.	228
✓ Questão 27, item 17: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre da mulher.	231
✓ Questão 27, item 18: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre de ambos.	233
✓ Questão 30: As afirmações que se seguem referem-se a homossexualidade. Responda Sim ou Não.....	236
✓ Questão 30, item 1: A homossexualidade é mais comum entre o sexo masculino do que o sexo feminino.....	236
✓ Questão 30, item 2: A homossexualidade é uma doença.....	239
✓ Questão 30, item 3: A anatomia genital entre homossexuais e heterossexuais é diferente.....	242
✓ Questão 30, item 4: A adolescência é uma fase importante para a identidade sexual do indivíduo.	245
✓ Questão 30, item 5: A bissexualidade implica em contatos sexuais tanto entre homens como entre mulheres.....	248
✓ Questão 30, item 6: Na maioria das profissões os homossexuais costumam enfrentar grandes dificuldades.	250
✓ Questão 30, item 7: A homossexualidade é conhecida desde os tempos da Antiguidade.....	253
✓ Questão 30, item 8: Nas últimas décadas, em diversos países, está havendo uma maior aceitação da homossexualidade.	255

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 259

REFERÊNCIAS 264

APÊNDICE 269

Anexo A - Cálculo Amostral.....	269
Anexo B - Carta de Solicitação (dados bancários e endereço atualizado).	270
Anexo C - Carta de Apresentação e Instruções de Preenchimento.....	271
Anexo D - Questionário.....	272

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa apresenta duas trajetórias distintas, uma atual e outra concluída na ocasião do mestrado. A trajetória atual refere-se ao estudo do comportamento sexual do universitário brasileiro. Propomos investigar e entender a forma como a sexualidade tem ocorrido entre os estudantes universitários, dando continuidade à pesquisa anteriormente concluída na ocasião do Mestrado (Zampieri, 2002).

A pesquisa realizada no mestrado, concluída em 2002, está diretamente ligada à preocupação de investigar questões referentes à sexualidade humana. É importante salientar, neste momento, minha trajetória profissional. Sou psicóloga e meu primeiro emprego, como professora de psicologia no Ensino Médio, proporcionou-me a experiência de trabalhar com temas variados, como: AIDS, gravidez na adolescência, drogas, homossexualidade, entre outros. Concomitante ao ensino exerci a função de orientadora educacional, em uma escola privada, na cidade de Bauru. Com esse trabalho, tive a oportunidade de aprofundar-me nessa temática, ao ministrar mini-cursos, proferir palestras, reuniões com pais e professores, além de coordenar grupos de estudos sobre esse enfoque.

Nos últimos dez anos, trabalho em uma universidade privada e pude constatar que o meu universo, através do trabalho com estudantes, foi ampliado por meio de conversas ou orientações, mesmo que informais, senti maior interesse pelo tema, já que a sexualidade aparece como fenômeno complexo, vivenciado por tal faixa etária.

Como consequência da pesquisa realizada na ocasião do Mestrado, publiquei um livro intitulado: *O sexo na universidade: um estudo sobre a sexualidade e o comportamento sexual do adolescente universitário* (ZAMPIERI, 2004), o que propiciou minha participação em debates e discussões sobre essa temática no meio acadêmico.

Abordar cientificamente a questão da sexualidade não é uma tarefa das mais fáceis, pois o assunto lida com temas relativos ao corpo, às emoções, aos sentimentos. Esbarramos em resistências arraigadas, em preconceitos e tabus. Cabe a nós educadores, desenvolver um trabalho que objetiva uma “reconstrução” da sexualidade livre de preconceitos e tabus. Conforme nossas análises posteriores,

verificamos que os paradigmas construídos em torno de tabus e preconceitos precisam ser repensados à luz de um processo de conscientização, obtido a partir de reflexões críticas.

A própria intervenção do governo brasileiro, por meio de trabalhos de orientação sexual realizado nas escolas públicas, na última década, está direcionada ao exercício de políticas públicas no sentido de romper com os tabus e preconceitos que, muitas vezes, impedem a vivência da sexualidade de forma satisfatória. A inserção da Orientação Sexual nas escolas, por exemplo, permite que o jovem tenha uma visão, bem como experiências ligadas à sexualidade, de maneira autônoma e consciente.

As políticas públicas ligadas à sexualidade têm sido adotadas, mediante a ausência de um espaço concreto de reflexão, em que o ser humano possa expressar-se com liberdade de escolha ou mesmo independência intelectual sobre seu próprio corpo.

Tockus (1986) ratifica que o ser humano ainda não consegue lidar, ou expressar sobre temas relacionados à sexualidade de maneira natural, pela falta de orientação sexual que se perpetua de geração a geração. O assunto ainda é tratado de maneira superficial.

Raramente os pais abordam com seus filhos o tema em questão e suas experiências anteriores, com franqueza e naturalidade. A melhor contribuição que poderia ser dada pelos pais é o esclarecimento permanente, o diálogo honesto e verdadeiro sobre o assunto (ZAGURY, 1999).

Às vezes, para os adolescentes, é difícil obter respostas necessárias ou esclarecedoras para poder alicerçar, não só o conhecimento, mas, a reafirmação de suas mudanças físicas e emocionais, em relação à própria sexualidade. É comum, em nossa sociedade, perceber que eles se sentem confusos e com sentimentos dúbios, no que se refere à própria sexualidade e como compartilhar a sexualidade com o outro.

De acordo com Waideman (2003, p.40), a sexualidade é contextualizada com discursos de aparente liberdade em relação ao sexo:

Nossa sociedade tem manifestado discursos de aparente liberdade em relação ao sexo, o que, de certa forma, tem permitido ao jovem maior possibilidade de contatos sexuais. Entretanto, será que isto tem sido suficiente para resolver os conflitos da sexualidade, se ainda permanecem as inibições pessoais e os preconceitos sociais?

Pelas razões elucidadas acima, estamos convictos que se faz necessário aprofundar o conhecimento sobre essa temática, pois o tema sexualidade apresenta inúmeras facetas que podem ser focadas, a partir do pensamento do universitário brasileiro.

Faz-se necessário salientar que há um vazio de informações de abrangência nacional, o que dificulta o embasamento teórico dos que interagem nesse campo, marcado por diferentes percepções, comportamentos e sobretudo por diferenças regionais.

Entretanto, os trabalhos que partem da própria representação simbólica dos jovens são pouco recorrentes.

Desta forma, a pesquisa desenvolvida nesta tese de Doutorado tem a finalidade de analisar a sexualidade humana, bem como suas diferentes facetas e inúmeras contradições a partir de uma experiência de investigação sistemática anterior, realizada em universidades de diferentes regiões, no Estado de São Paulo.

Nesta trajetória optamos por aplicar questionários aos jovens universitários, a fim de reconhecer as relações desenvolvidas na área da sexualidade, a partir de sua própria percepção e vivência.

Desta forma, consideramos fundamental aprofundar as questões ligadas ao campo da sexualidade a partir de análises subsidiadas pela visão de mundo dos próprios sujeitos investigados. Assim, partimos dos resultados obtidos na referida pesquisa, do Mestrado, no sentido de aprofundar questões já enfocadas, através de novos pressupostos metodológicos que possam viabilizar a melhor compreensão dos problemas relacionados à sexualidade. Foi possível perceber diante dos resultados obtidos, que os jovens participam de um processo diferenciado quanto às questões que envolvem a sexualidade.

Os principais resultados apontados na pesquisa concluída (ZAMPIERI, 2002) foram: ausência de diálogo sobre sexo entre pais e filhos; conflito entre os valores provenientes da revolução sexual (anos 60 e 70) e a necessidade do sexo acompanhar um sentimento mais duradouro; presença de conflitos e contradições sobre essa temática e a importância da orientação sexual nas escolas.

Na referida dissertação, 1.067 questionários foram aplicados e analisados, procurando traçar um perfil sobre a sexualidade entre os jovens universitários em diferentes regiões do Estado de São Paulo.

Dada a abrangência quantitativa dos dados obtidos, esta pesquisa tem a

finalidade de aprofundar as questões discutidas, de tal forma que seja possível retornar às problemáticas que ainda se mantêm abertas a novas análises.

Ao pesquisar um tema tão complexo como a sexualidade do adolescente, não podemos deixar de elucidar o caráter abrangente desta temática. Ainda não tratamos a sexualidade com a naturalidade própria dos assuntos resolvidos. O assunto é atual e sempre vem à tona acompanhado de discussões e inquietações, já que o discurso sobre sexualidade é permeado por controvérsias.

No sentido de compreender como a sexualidade é vivenciada pelos jovens a presente pesquisa engloba aspectos do comportamento sexual, de forma a suscitar bases que levem os estudantes a questionamentos sobre uma orientação sexual que poderá proporcionar-lhes mudanças para uma vivência pautada no conhecimento e responsabilidade, para que se posicionem com maior naturalidade frente à própria vida sexual.

Este trabalho conta com a análise de 1.067 questionários distribuídos em cidades de médio e grande porte, com diferentes características populacionais, a fim de encontrar diversificada população universitária. A amostragem procura representar uma totalidade em nível nacional, o que proporciona a oportunidade de obter um perfil acerca da sexualidade vivenciada por jovens no Brasil.

Acreditamos que, a análise em relação à sexualidade proporcionará, por meio dos resultados obtidos, a oportunidade de aprofundar o conhecimento sobre a vivência da sexualidade no meio universitário brasileiro. Através das respostas, bem como, da interpretação dos resultados obtidos é possível entender como a prática e/ou a vivência da sexualidade se realiza em nosso país.

Não temos a pretensão de esgotar todos os aspectos relevantes que envolvem essa temática, mas de poder contribuir, de forma sistemática, para a compreensão do universo universitário.

Pretendemos verificar como os estudantes universitários se posicionam sobre uma gama de questões relacionadas à esfera sexual, em contextos ou regiões distintas e meios sócio-culturais diversos, sobre virgindade, sexo no primeiro encontro, aborto, controle de natalidade, tabus, mitos, crendices, valores, entre outros temas.

Nossa hipótese está assentada na idéia de que as práticas sexuais entre os estudantes universitários têm ocorrido a partir de uma contradição, que acompanha o conceito de liberdade ou de livre arbítrio. É importante notar que liberdade sexual

pode corresponder até mesmo a uma opressão ou obrigatoriedade.

Como afirma Osório (1989, p.41),

[...] as investigações sobre a sexualidade juvenil levadas a efeito em vários países do continente americano, incluindo o Brasil, têm revelado alguns dados inesperados para quem supõe serem os tabus sexuais algo do passado: de um lado a evidência de quão rudimentar é ainda o grau de esclarecimento sobre a vida sexual que possuem os adolescentes contemporâneos e — o que mais nos causa espanto — como é universal essa precariedade de informações, independentemente do nível sócio-econômico ou das vertentes culturais; de outro lado, a constatação de que na imensa maioria das situações a educação sexual proporcionada pelos pais não vai além, para os rapazes, da advertência contra os perigos das doenças venéreas e, para as moças, dos cuidados higiênicos que cercam os períodos menstruais.

O questionário elaborado como instrumento de pesquisa foi constituído de 30 questões para a análise das concepções, valores e atitudes sobre a sexualidade dos universitários brasileiros. Devido ao elevado número de dados obtidos, e de acordo, com a sugestão efetuada pela banca examinadora, no exame de qualificação, selecionamos e agrupamos em cinco categorias temáticas para análise, a saber:

TEMA 1: IDENTIFICAÇÃO

- Idade
- Estado Civil
- Se não for casado, responda.
- Número de filhos

Nesse agrupamento, verificou-se uma certa homogeneidade do universo pesquisado, no que refere-se aos diferentes tópicos que tornaram possível a identificação desse perfil.

TEMA 2: O UNIVERSITÁRIO E O SEXO: COMO OS JOVENS VIVENCIAM A SEXUALIDADE

- Questão 1: Com quantos anos você manteve sua primeira relação sexual?
- Questão 2: Qual a frequência de suas relações sexuais?
- Questão 3: Assinale o local onde você mantém o maior número de relações sexuais.
- Questão 4: Com quem você conversa sobre sexo?
- Questão 5: Como você e seu (sua) parceiro(a) se relacionam sexualmente?
- Questão 8: Com qual categoria você costuma ter mais relações sexuais?
- Questão 11: Indique, na sua ordem de preferência (1º, 2º, 3º, 4º e 5º), que tipo de prática ou ato sexual você costuma utilizar.

Ao abordarmos esses tópicos, procuramos ter uma visão de como os universitários percebem as diferentes dimensões da sexualidade.

TEMA 3: SEXO E PREVENÇÃO

- Questão 18: Você utiliza métodos anticoncepcionais? Se respondeu “SIM”, qual utiliza?
- Questões 24 e 25: Você usa (sexo masculino) e/ou Exige que seu parceiro use (sexo feminino) preservativo? Em caso afirmativo ou negativo, responda quando e por quê?

No agrupamento Sexo e Prevenção discutimos algumas questões que versam sobre métodos anticoncepcionais e sua utilização, segundo a percepção dos universitários.

TEMA 4: O UNIVERSITÁRIO É ESCLARECIDO SOBRE SEXO?

- Questão 28: Coloque “V” na alternativa que você considerar verdadeira e “F” na que você considerar falsa em relação as questões abaixo:
- Questão 28, item 1: A relação sexual durante o período menstrual pode engravidar.
- Questão 28, item 2: A relação sexual em pé não engravida.
- Questão 28, item 3: A realização da ducha vaginal após a relação sexual não engravida.
- Questão 28, item 4: A primeira relação sexual pode levar à gravidez.
- Questão 28, item 5: A masturbação em excesso pode levar à impotência/ frigidez sexual.
- Questão 28, item 6: A masturbação é uma prática saudável e deve ser realizada tanto pelo homem como pela mulher.
- Questão 28, item 7: O vírus HIV pode ser contraído apenas com a prática do sexo oral, mesmo sem nenhuma penetração.
- Questão 28, item 8: Toda mulher tem um período fértil em que há risco de gravidez.
- Questão 28, item 9: O uso regular da pílula anticoncepcional não impede a ovulação.
- Questão 28, item 10: A masturbação só oferece riscos se você introduzir algum objeto cortante ou pontiagudo na vagina.
- Questão 28, item 11: Carícias na vagina ajudam a mulher a conhecer outras partes do seu corpo que podem lhe proporcionar mais prazer.
- Questão 28, item 12: A penetração é a única forma de proporcionar prazer.
- Questão 28, item 13: As carícias preliminares são fundamentais durante uma relação sexual.
- Questão 29: Marque com um “X”, de acordo com seus conhecimentos, o que você considera CERTO ou ERRADO nas alternativas abaixo:
- Questão 29, item 1: Uma relação sexual sem sangramento significa que a mulher não é mais virgem.
- Questão 29, item 2: Homens com pênis grande dão mais satisfação à mulher.

- Questão 29, item 3: Para a obtenção do orgasmo/ satisfação sexual, é imprescindível o homem ter pênis grande.
- Questão 29, item 4: A educação rígida recebida pela mulher e a falta de diálogo com o parceiro são considerados fatores da anorgasmia (falta de orgasmo feminino).
- Questão 29, item 5: A relação sexual durante o período menstrual faz mal à saúde do homem e da mulher.
- Questão 29, item 6: Manter relações sexuais durante a gravidez é prejudicial à saúde do bebê.
- Questão 29, item 7: Ao manter relações sexuais com pessoas desconhecidas, corre-se o risco de contrair Doenças Sexualmente Transmissíveis.
- Questão 29, item 8: Uma das causas da impotência masculina é a masturbação.
- Questão 29, item 9: O desejo, a vontade de ter relações sexuais é igual para homens e mulheres.
- Questão 29, item 10: Existe a interferência das drogas na sexualidade e no comportamento sexual.
- Questão 29, item 11: É correto afirmar que o uso crônico de drogas acarretam efeitos negativos e progressivos sobre a sexualidade adulta.
- Questão 29, item 12: O número de abortos de mães fumantes é muito grande.
- Questão 29, item 13: A televisão e outros meios de comunicação deveriam valorizar, além da beleza, outras características da mulher.
- Questão 29, item 14: É importante para a felicidade das pessoas manter um relacionamento sexual satisfatório.
- Questão 29, item 15: Revistas e filmes pornográficos devem ser liberados.
- Questão 29, item 16: A liberdade que os pais dão aos filhos devem ser a mesma em relação às filhas.

Nessa categoria, procuramos identificar o nível de esclarecimento dos jovens em relação à sexualidade, a fim de verificar se há construção de mitos e/ou de crendices em relação à temática proposta.

TEMA 5: VALORES

- Questão 7: Se você tem parceiro fixo (namorado(a), cônjuge), costuma manter relações sexuais com outros(as) parceiros(as)? Você já teve relações sexuais com outra pessoa, depois que está com o(a) seu(sua) parceiro(a) atual?
- Questão 14: Indique como você costuma manter suas relações sexuais
- Questão 27: Responda os itens abaixo colocando um "X" na alternativa que corresponda ao seu modo de pensar:
 - Questão 27, item 1: Sexo no primeiro encontro.
 - Questão 27, item 2: Relações sexuais antes do casamento.
 - Questão 27, item 3: Relações sexuais fora do casamento.
 - Questão 27, item 4: Sexo oral.
 - Questão 27, item 5: Sexo grupal.
 - Questão 27, item 6: Virgindade até o casamento para a mulher.
 - Questão 27, item 7: Virgindade até o casamento para o homem.

- Questão 27, item 8: Masturbação.
- Questão 27, item9: Fazer sexo somente quando há desejo sexual.
- Questão 27, item10: Fazer sexo somente quando há afetividade.
- Questão 27, item11: Relações sexuais precoces (antes dos 15 anos).
- Questão 27, item12: Orientação sexual nas escolas.
- Questão 27, item13: Prostituição.
- Questão 27, item14: Controle de natalidade.
- Questão 27, item15: É higiênico praticar sexo oral.
- Questão 27, item16: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre do homem.
- Questão 27, item17: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre da mulher.
- Questão 27, item18: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre de ambos.
- Questão 30: As afirmações que se seguem referem-se a homossexualidade.
Responda Sim ou Não.
- Questão 30, item 1 : A homossexualidade é mais comum entre o sexo masculino do que o sexo feminino.
- Questão 30, item 2: A homossexualidade é uma doença.
- Questão 30, item 3: A anatomia genital entre homossexuais e heterossexuais é diferente.
- Questão 30, item 4: A adolescência é uma fase importante para a identidade sexual do indivíduo.
- Questão 30, item 5: A bissexualidade implica em contatos sexuais tanto entre homens como entre mulheres.
- Questão 30, item 6: Na maioria das profissões os homossexuais costumam enfrentar grandes dificuldades.
- Questão 30, item 7: A homossexualidade é conhecida desde os tempos da antiguidade.
- Questão 30, item 8: Nas últimas décadas, em diversos países, está havendo uma maior aceitação da homossexualidade.

Nessa categoria versam diferentes pontos de como os valores são naturalizados socialmente e legitimados pelos indivíduos, de ambos os sexos.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Considerações sobre a adolescência

Para contextualizar melhor nossas análises é importante lembrar que a definição de adolescência e juventude pode ser variável de acordo com diversos estudiosos.

De acordo com a literatura existente, é recente a idéia como concebemos a adolescência. Segundo Ariès (1978), o sentido de infância e família inicia-se no final da Idade Média.

A fase de transição que ocorre entre a infância e a idade adulta, é denominada de adolescência. Existem diversas teorias sobre essa fase. As teorias mais conhecidas, segundo Muuss (1966), são as que utilizam os critérios biológicos, psicológicos e os sociais para compreender essa etapa da vida. Em síntese, a adolescência é um fenômeno biopsicossocial.

Levi; Schmitt (1996) afirmam existir um consenso que reside no fato de todo ser humano trilhar um caminho desde seu nascimento até a idade adulta, que é denominado de adolescência. Nesse novo percurso da vida humana, o indivíduo irá vivenciar novos comportamentos, novas experiências e colocará em xeque comportamentos já apreendidos.

Conforme já observado, nossa cultura apresenta um período de transição, uma vez que a infância é um período marcado por brincadeiras, descompromisso e dependência de um responsável. Enquanto adultos, somos seres dos quais se espera responsabilidade, compromisso, atitude e também o pleno exercício da sexualidade.

É importante salientar que esta faixa etária apresenta singularidades consideráveis. Ou seja, o trânsito entre a infância e a idade adulta tem chamado a atenção dos pais e educadores diante das diversidades que esta fase tem apresentado.

Definir adolescência não é uma tarefa fácil, já que diferentes autores tratam da mesma questão de forma diversa. Assim, não há uma definição universal sobre adolescência, conforme observa Muss (1966).

É relevante explicar aqui a opção em abordar a questão da sexualidade na fase da adolescência, já que este trabalho de pesquisa envolve jovens universitários.

Quando o estudante ingressa na universidade ainda não está delimitada com precisão a passagem da adolescência para a vida adulta. Ou seja, não é difícil admitir que ao ingressar na universidade, o jovem de aproximadamente 18 anos¹ traz consigo características da adolescência, bem como, da fase de desenvolvimento que marca a transição para a fase adulta. Becker (1994) explica que, na sociedade contemporânea, o período denominado adolescência tem sido cada vez mais longo e complexo. Chaplin (1981, p.14) observa que “as idades são aproximadamente: 12 a 21 para as raparigas, que atingem a maturidade mais cedo que os rapazes, e 13 a 22 anos para os rapazes”, faixa na qual incluímos os estudantes universitários.

Para Osório (1989, p.13), a adolescência pode ser delimitada de outra forma:

Ela “ocorreria por volta dos 25 anos na classe média brasileira, com variações para mais ou menos consoante as condições sócio-econômicas da família de origem do adolescente”.

Assim, a adolescência aparece na literatura de forma “tardia”, embora faça parte de um quadro de controvérsias entre os autores, especialmente, em relação à delimitação da faixa etária.

Carradore (2002) em sua dissertação de Mestrado lembra a importância de destacar a discussão em torno dos termos adolescência, jovens e juventude.

A autora diz:

Ao estudar a literatura, percebe-se uma nítida diferenciação quanto ao uso e ao sentido desses termos. O termo adolescência é amplamente utilizado pela literatura médica e psicológica, já o termo jovem e juventude emergem da literatura que evidencia aspectos sociais e culturais do fenômeno. (CARRADORE, 2002, p.66)

Carradore (2002) observa, ainda, que certos autores optam pelo termo juventude, descartando o termo adolescência, uma vez que este conceito desconsidera o contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido.

De acordo com as explicitações acima, acreditamos que não é possível definir precisamente o período da adolescência, bem como da juventude.

¹ Geralmente o jovem universitário ingressa com 18 e 19 anos na universidade, permanecendo até 22 ou 23 anos.

De forma geral, Pigozzi afirma que:

A adolescência é, portanto, o período situado entre a infância e a vida adulta e vai se configurar basicamente numa série de mudanças em todos os níveis do ser, adicionada da experimentação de todas essas novidades físicas, hormonais, intelectuais, culturais, emocionais, familiares, sociais, morais, etc. (PIGOZZI, 2005, p.30-31)

A adolescência e juventude são fases do mesmo processo de transformação pelo qual o indivíduo atravessa. Do ponto de vista sociológico, a juventude constitui um fenômeno social e cultural que deve ser contextualizado de forma ampla e não apenas enquanto transformações ligadas ao corpo (transformações físicas e biológicas).

Segundo Torres (2007), o período da adolescência diz respeito a uma das fases da juventude, ou seja, a adolescência está inserida numa categoria mais ampla que é a juventude. Esta fase se apresenta de maneira inseparável do meio sócio-cultural e, portanto, trata-se de uma construção social e cultural.

Segundo Torres (2007),

Nessa perspectiva, na sociedade contemporânea, as construções simbólicas também devem ser incluídas em tal processo interpretativo acerca do conceito de juventude [...]. Admitir a existência da diversidade de práticas coletivas entre os jovens supõe o entendimento de que não existe apenas uma juventude e sim (juventudes) marcadas por relações sociais, culturais, simbólicas e históricas, analisadas em contextos sociais específicos. (TORRES, 2007, p.39)

Assim, é certo que a fase da adolescência e da juventude é marcada por um conjunto de transformações, diretamente influenciadas pelo contexto sócio-cultural. Daí a necessidade de desenvolver investigações científicas capazes de compreender como tais mudanças ocorrem na sociedade em que vivemos.

Assim, as observações acima levam a inferir que a adolescência e a juventude correspondem a uma fase de transformações nas esferas física, psicológica, biológica, social, cultural e intelectual. É nesse contexto que este estudo foi norteado, procurando investigar aspectos que envolvem tais mudanças.

É nesse sentido que Conger (1979) destaca as mudanças relativas à fase com a qual estamos tratando:

A adolescência pode ser um período de alegria irreprimível aparentemente de inconsolável tristeza e perda; de ímpeto gregário e solidão; de altruísmo e egoísmo; de curiosidade insaciável e de tédio;

de confiança e de dúvidas sobre si mesmo. Mas, acima de tudo, é um período de rápida mudança — de mudanças físicas, sexuais e intelectuais no adolescente e de mudanças ambientais quanto à natureza das demandas externas impostas pela sociedade e seus membros em desenvolvimento. (CONGER, 1979, p.6-7)

A adolescência, abordada sob a ótica de um conjunto de transformações, constitui uma fase de descobertas em que o indivíduo busca novas alternativas e conquistas, inclusive em relação ao prazer. Masters; Johnson (1998) observam tal fato, destacando a relação existente entre adolescência e busca pelo prazer e felicidade.

Diferentes autores notam que a consolidação de uma sexualidade madura e satisfatória faz parte de um processo complexo, trazendo consigo conflitos, crises, descobertas, realizações, entre outros (BECKER, 1994; RODRIGUES JÚNIOR, 1993).

Entretanto, essa fase merece atenção especial por parte dos pais e educadores, pois, o adolescente ainda não possui um aprendizado sistematizado sobre a própria sexualidade, conforme explica Rodrigues Junior:

O conflito nasce no campo cognitivo quando compara o que lê com a realidade. Na falta de informações, ele mesmo fantasia e mistifica a sexualidade. A responsabilidade do adulto, em especial dos pais e professores, é orientar leituras científicas, com informações mais precisas, que permitam conhecer a sexualidade de maneira integral e correta, isso leva à vivência de uma sexualidade sem culpas, recriminações ou preconceitos. (RODRIGUES JUNIOR, 1993, p103)

A partir dessas análises, pode-se dizer que esse aprendizado só é possível mediante o amadurecimento que ocorre com a somatória de vivências na esfera sexual e afetiva.

Torna-se relevante neste momento, tecer algumas considerações sobre o despertar da sexualidade. Os relacionamentos amorosos apresentam-se hoje de maneira um pouco diferenciada das gerações passadas. Surge, na atualidade, diferentes formas de relacionamentos e, sem dúvida, o “ficar” é a forma mais comumente adotado.

Sobre o tema “ficar” ainda há escassa bibliografia, mas segundo os adolescentes, essa situação representa relacionamentos eventuais, ou seja, freqüentes e comuns e sem vínculos. Nesse tipo de relacionamento afetivo existe a troca de carícias, beijos, podendo até chegar a uma relação sexual. O “ficar” pode ou

não chegar a um namoro, dependendo dos laços criados.

Nesse contexto, é oportuna a reflexão elaborada por Affonso; Ribeiro (2006, p.33), a partir das análises sobre esse tipo de relacionamento:

Neste universo afetivo, os relatos sobre o “ficar” revelam que este relacionamento sem compromisso se transforma em experiências afetivas nas quais muitos jovens se iniciam sexualmente; porém, o “casal ficante” pode ou não ter a relação sexual, o contato sexual entre o casal que “está ficando” depende das experiências sexuais e da vontade do momento. É importante entender que o comportamento sexual é uma decisão relacionada apenas ao instante presente, sem vínculos pessoais futuros, que inclusive acarreta uma certa igualdade entre os gêneros masculino e feminino juvenis.

De acordo com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), a visão sobre o “ficar” é a mais genuína expressão das necessidades vividas na adolescência, em relação à curiosidade e à experimentação erótica ou amorosa vivida a dois.

De acordo com a visão de Justo (2006, p.13), o tema “ficar”, é descrito como: “É um modo de relacionamento episódico e ocasional [...] não implica compromissos futuros [...]”.

O “ficar” é explicado por Silva (2002) como um tipo de relacionamento amoroso ou sexual moderno em que não existe compromisso.

De acordo com um estudo realizado em uma organização não governamental localizada em Belo Horizonte, o “ficar”, na visão masculina e na feminina, é diferenciado.

Essa fase de experimentação afetiva entre os adolescentes apresenta uma distinção do *ficar* masculino e feminino. Para os meninos é permitido ficar com várias meninas, sendo esse comportamento aceito e incentivado pelo grupo. Para as meninas, tal situação assume uma conotação distinta e desvantajosa. Ficar com diferentes meninos pode gerar discriminações e até mesmo rótulos que desabonariam a imagem da adolescente. Mesmo diante dessas diferenças, a autora reconhece que esse tipo de relacionamento afetivo tem trazido mudanças no comportamento dos adolescentes em diferentes segmentos sociais, favorecendo a vivência de relações amorosas. (AMARAL; FONSECA, 2006, p. 473)

Em um outro estudo, realizado por Figueiró (2006) em escolas públicas de Londrina, verificou-se uma menor aprovação do ficar feminino. A autora explica o fato de as mulheres terem tido menor aprovação para o “ficar”.

A explicação para o fato de as mulheres terem tido uma menor aprovação para o “ficar” está relacionada à longa história de repressão a que sempre foram submetidas, uma vez que sempre foram impedidas de viver mais aberta e livremente o prazer sexual, sem que este esteja enquadrado dentro das condições definidas socialmente como legítimas. (FIGUEIRÓ, 2006, p.70)

Diante do exposto, devemos considerar que as mudanças só ocorrerão ao se esclarecer valores e preconceitos, num trabalho de reconstrução, que envolva questões de gênero e sexualidade.

Recorrendo a Figueiró (2006, p.70), a autora ilustra esse fato, afirmando: “podemos concluir que para rever e aperfeiçoar formas de relacionamento afetivo-sexual é necessário um trabalho de reconstrução de relações de gêneros [...]”.

Referindo-se a essa etapa da vida humana, autores como Fierro (1995), Parker (1991) e Monesi (1993) descrevem essa fase como um processo de descobertas, relacionadas aos valores, sua própria identidade, ao grupo de amigos e às novas relações com familiares, entre outras.

Nesse período de transição, evidenciam-se necessidades relacionadas à afetividade e ao desabrochar sexual, que culminam em experiências relacionadas a descobertas das diferenças entre os sexos.

Essas descobertas dizem respeito ao desenvolvimento da sexualidade, sendo que nessa busca de novas alternativas e conquistas, procura-se o prazer, que é descoberto na atração pelo outro.

Sobre este período marcado pela busca do prazer e felicidade, Masters; Johnson (1988, p.140) compartilham que:

[...] a adolescência é também uma época de descoberta e despertar, uma época em que a maturação emocional e intelectual combinam com o desenvolvimento físico para criar uma crescente liberdade e excitação. A adolescência não é apenas um período de tumulto, como reza a antiga teoria, mas tem tanta possibilidade de ser uma época de prazer e felicidade quanto de ser uma passagem turbulenta e agitada para a vida adulta. A natureza paradoxal da adolescência é particularmente visível na esfera sexual.

Becker (1994) evidencia que a maneira como a sexualidade é abordada retrata a ausência de aprendizagem em relação à própria sexualidade. Segundo Monesi (1993, p.93): “[...] a maturidade vem do acúmulo de situações por que cada adolescente passa ao longo de sua vida”.

Assim, a partir da continuidade e aprimoramento da pesquisa anterior (ZAMPIERI, 2002), pretendemos elucidar as indagações apresentadas pelos universitários, bem como perceber e verificar a descontinuidade entre o comportamento aparentemente liberal no que tange à sexualidade e à postura tradicional relacionada ao tema.

Conforme resultado do *survey* realizado por Ribeiro (1993/94), o comportamento sexual dos jovens que participaram da pesquisa é permeado por uma contradição. Por um lado, as respostas indicam uma “postura liberal”² em relação à sexualidade, mas, por outro lado, observa-se que esse discurso liberal acompanha uma visão preconceituosa sobre comportamentos sexuais não convencionais³.

A idéia de ambivalência de valores, a contradição de pensamento e a presença de atitudes e comportamentos repressivos, moralistas e preconceituosos num universo de verbalização liberalizante foram detectadas num número significativo de respostas, o que nos leva a inferir a necessidade de levar também ao estudante universitário, programas de orientação sexual, até o momento propostos quase que exclusivamente para alunos de escolas de 1º e 2º graus (RIBEIRO, 1993/94, p.169).

Zampieri (2002) constata também essa incoerência na entre a vivência da sexualidade, a maneira como esta é percebida pelos jovens através da mídia e outros meios de informação e as suas concepções ainda tradicionais em relação à sexualidade humana.

Ao discutir a sexualidade feminina, Muraro (1996) observa que a sexualidade é vivenciada a partir do contexto sócio-cultural. Ao estabelecer relações, o indivíduo tem como referência a sociedade em que está inserido, bem como os valores e os padrões de comportamento construídos e partilhados socialmente. Segundo a autora:

O sexo, pois, se encontra na articulação dos dois eixos da vida humana: o individual e o coletivo. É, ao mesmo tempo, o elemento mais importante do domínio da nossa interioridade, o lugar onde interagem libido, pulsões, desejos, funções, prazeres e desprazeres,

² Dada a imprecisão da idéia de liberdade e de conservadorismo, pois, a sociedade contemporânea é marcada pela diversidade, recorremos à expressão “postura liberal” para indicar comportamentos ligados à ausência de restrição em relação à prática sexual, tais como, subordinação ao casamento, idade, entre outros.

³ De acordo com o *survey*, os universitários que responderam ao questionário mostram-se favoráveis ao divórcio, relações sexuais antes do casamento, masturbação, entre outros. Em contrapartida são desfavoráveis ao homossexualismo e à prostituição (RIBEIRO, 1993/94).

e também mostra ser o elemento mais importante daquilo que chamaremos a “economia política da vida”, isto é, a regulação das populações com todos os seus efeitos globais, a que já aludimos. Aqui, pois, encararemos a sexualidade sob estes dois aspectos: o indivíduo, sujeito a decisões microinfinitesimais e contínuas da vida cotidiana, e o coletivo, pano de fundo oculto, mascarado, elemento não dito nas teorias econômicas e que, em ultimíssima instância, regula e determina as decisões econômicas em todos os níveis. (MURARO, 1996, p.21).

Embora os procedimentos metodológicos estejam sujeitos à discussão, é necessário destacar que a combinação de técnicas objetiva a superação das limitações de cada uma delas.

É válido ressaltar que outros trabalhos já realizados adotaram como procedimento metodológico a aplicação de questionário fechado. Entre eles, gostaríamos de citar a pesquisa desenvolvida por Muraro (1996, p.3) em que a autora diz:

Este questionário piloto, de uma pesquisa também piloto, teve como base a experiência de vinte anos da equipe que o concebeu em lidar com grupos de homens e mulheres da classe média e dos movimentos populares. Nossa primeira intenção para a sua confecção era responder a uma pergunta prática que começou a se colocar na época e que dividiu os movimentos sociais de partidos políticos: qual seria a luta mais importante, a de classes (geral) ou a de gênero (específica)? A pesquisa foi crescendo organicamente. À medida que ia sendo realizada, constatou-se que perguntas totalmente abertas não permitiriam compararmos grupos tão diferentes nem fariam surgir os padrões de classe que depois apareceram, e que eram para nós, repetimos, inteiramente surpreendentes e desconhecidos.

Nesse sentido, a presente pesquisa enfoca esse tema em âmbito nacional, com rigor científico e evidencia a nossa realidade, servindo de base à análise para o esclarecimento/estabelecimento de um perfil brasileiro sobre o comportamento sexual do estudante universitário.

Nossas análises, provenientes de pesquisas anteriores, nos levaram a considerar que há um modelo insatisfatório em relação à sexualidade dos jovens na sociedade contemporânea. Essa situação pode ser observada pelas respostas obtidas dos jovens que responderam o questionário.

Dessa forma, a fim de dar continuidade ao trabalho de conclusão em nível Mestrado, estamos certos que se faz necessária uma pesquisa capaz de aprofundar problemas já equacionados, especialmente, a relação entre sexualidade e situações

de contradições no comportamento de jovens adolescentes. Nota-se, ainda, que neste momento a investigação se realiza com abrangência nacional.

Esta pesquisa foi realizada a partir de dados levantados em cinco regiões do país. As regiões participantes são: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Nesse sentido, tais investigações sugeriram a viabilidade da consolidação de propostas educativas que poderão contribuir para o desenvolvimento de uma sexualidade entre os jovens universitários, pautada na complexa idéia de liberdade.

Daí nossa proposta de aprofundar indagações, a partir do questionamento da idéia de liberdade sexual tão preconizada pelos jovens, idéia essa acompanhada de complexidade conforme já assinalamos. Especificamente, o presente trabalho procura traçar um perfil do comportamento sexual do estudante universitário brasileiro, de tal forma que seja possível detectar seus valores e atitudes em relação à sexualidade.

Além disso, trata-se de investigar as concepções que os estudantes universitários brasileiros têm acerca da manifestação da sexualidade por meio de atitudes e comportamentos sexuais; entender como ocorre o desenvolvimento de seu comportamento sexual a partir da introjeção de valores e informações recebidas ao longo de suas vidas; fornecer subsídios e propor alternativas para o desenvolvimento de programas de orientação sexual na universidade.

Assim, a presente pesquisa assume considerável importância, na medida em que pretende aprofundar tais questões a partir de uma abordagem nacional. Trata-se, portanto, de uma oportunidade que visa complementar os escassos trabalhos de pesquisa que enfocam a questão da sexualidade entre jovens em abrangência nacional.

Neste momento, se fazem necessárias algumas considerações sobre as pesquisas mais relevantes sobre a sexualidade que envolve jovens de nosso país.

Nesse momento faremos uma breve sinopse de cada pesquisa para elucidar os trabalhos realizados. As pesquisas serão citadas em ordem decrescentes.

A pesquisa sobre Juventude e Sexualidade é considerada marco de um percurso percorrido pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Pela primeira vez, uma pesquisa se apresenta em âmbito nacional que vislumbra desmistificar as percepções dos jovens e as diferenças regionais.

Os principais temas abordados na pesquisa foram: iniciação sexual, ficar e

namorar, virgindade, afetividade, gravidez juvenil, aborto, violência sexual, preconceitos e discriminação.

Nesse estudo foram envolvidos crianças, adolescentes e jovens de escolas de ensino fundamental e médio. Os dados foram levantados em 13 capitais brasileiras (Belém, Cuiabá, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Maceió, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória, além do Distrito Federal. A faixa etária pesquisada varia de 10 a 24 anos, com alunos de ambos os sexos. Foram participantes 16.422 estudantes.

As principais revelações sobre o comportamentos dos jovens foram: iniciação sexual cada vez mais cedo; mudanças no comportamento quanto à importância da virgindade; falta de diálogo na família; o método contraceptivo mais utilizado é a camisinha.

A coordenação da pesquisa ficou a cargo da Profa. Miriam Albramoay⁴ e por pesquisadoras da UNESCO.

Carmita Abdo⁵ publicou seu mais recente trabalho “Descobrimento Sexual do Brasil” (Summus, 2004) onde os dados coletados revelam o perfil e o comportamento sexual dos brasileiros do século XXI.

A técnica de coleta de dados utilizada foi a aplicação de questionário anônimo, auto-responsivo contemplando uma amostra de 7.103 brasileiros entre 18 e 80 anos de idade, de 13 estados brasileiros e de classes sociais diversas,

⁴ Professora da Universidade Católica de Brasília, consultora do Banco Mundial para assuntos relacionados à juventude. É autora e co-autora de vários livros e artigos no tema de Violências nas Escolas e Juventude. Assessora para pesquisa e avaliação da Organização dos Estados Ibero-americanos, especialista em pesquisa e avaliações de programas sociais; Conselheira do Conselho Nacional de Juventude. Formada em Sociologia e Ciências da Educação pela Universidade de Paris (Paris III – Vincennes), tem mestrado em Educação pela PUC de São Paulo; Doutoranda da Universidade René Descartes-Sorbonne em Paris V – França.

⁵ É médica psiquiatra, Doutora e Livre-Docente pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Fundou e é Coordenadora do Projeto Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, um grupo multidisciplinar de ensino, pesquisa, assistência, prevenção e serviços à comunidade. É Coordenadora do Núcleo de Medicina Sexual do Hospital das Clínicas de São Paulo. Organiza e ministra as Disciplinas "Sexualidade Humana e seus Transtornos" do Curso de Graduação e "Aspectos da Sexualidade Humana" do Curso de Pós-Graduação stricto sensu da FMUSP. É orientadora de mestrado e doutorado e responsável pelo Curso de Pós-Graduação lato sensu da FMUSP "Especialização em Sexualidade Humana". Coordenou um dos mais abrangentes estudos sobre o Comportamento e as Dificuldades Sexuais do Brasileiro, realizado em 2000, e ampliado/atualizado, em 2003. É membro da International Society of Sexual Medicine, do International Consultation on Erectile and Sexual Dysfunctions, da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana e da Associação Brasileira para o Estudo da Inadequação Sexual. Autora de sete livros, entre eles "Sexualidade Humana e Seus Transtornos", "Estudo da Vida Sexual do Brasileiro", "Descobrimento Sexual do Brasil", "Depressão e Sexualidade".

realizado entre 2002 e 2003.

Trata de temas como: Orientação Sexual, fidelidade, desejo, orgasmo, doenças sexualmente transmissíveis, dentre outros.

Alguns dados interessantes: a média das relações semanais para as mulheres brasileiras é de 2,3, enquanto a frequência semanal para os homens é de 3,2. O sexo masculino ainda é o campeão em traições no país com 50,6% e o feminino em 20,7%.

O principal receio do brasileiro é não satisfazer o parceiro (55,9% homens e 45,4% de mulheres); o cansaço é apontado como o principal fator que interfere negativamente no desempenho sexual para 57,3% das mulheres e 50,1% dos homens.

Em 1996, foi concluída uma extensa pesquisa de campo que compreendeu as etapas de elaboração, validação, aplicação e análise estatística de um questionário contendo 104 questões objetivas no qual foram respondidos por 943 estudantes, sendo deste total 47% do sexo masculino e 52,4% do sexo feminino. Os estudantes que participaram da pesquisa pertencem às cinco classes sociais e residentes em 16 estados brasileiros.

Após traçar um retrato dos adolescentes brasileiros a pesquisadora Tania Zagury⁶, compilou os dados analisados e publicou um livro intitulado “O Adolescente por ele mesmo” (Record, 1996). Este livro retrata o perfil analisado em sua pesquisa⁷.

Dentre os temas abordados, destacam-se: estudo, família, drogas, profissão, lazer, religião, felicidade e família.

As principais conclusões da pesquisa são: o início da vida sexual cada vez mais cedo (20,6% iniciam com 14 anos ou menos); o adolescente valoriza o amor e a família e o trabalho; 49,6% demonstraram excelente nível de conhecimento sobre a transmissão do HIV, embora 22,7% afirmassem utilizar camisinha todas as vezes

⁶ É filósofa graduada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta da Faculdade de Educação, leciona Psicologia, Sociologia, Filosofia e Didática. Pesquisadora em Educação; Autora de 13 best-sellers, entre os quais “O adolescente por ele mesmo” (Record, 1996) e “Sem padecer no paraíso: em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos” (Record, 1991).

⁷ Todos os trabalhos que Zagury publica têm por base estudos de campo e tratamento científico dos dados encontrados e, por isso mesmo, vêm constituindo indicação constante em cursos de Pedagogia, Psicologia e de formação de professores, bem como fonte de consulta para teses de mestrado e monografias. [...] além de por vezes servirem de base a juízes, magistrados e legisladores em geral.

que mantêm relações sexuais.

Após a realização de um apanhado geral de cada pesquisa em abrangência nacional, achamos necessário a complementação de outros estudos realizados com estudantes universitários de diferentes regiões do Brasil.

O trabalho de pesquisa realizado por Melo; Santana (2005), por exemplo, diz respeito a uma investigação acerca da sexualidade entre jovens universitários do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no estado da Bahia. Através da abordagem qualitativa, dez estudantes de ambos os sexos e com idade variando de 20 a 32 anos. Os dados foram analisados com base no Método da Análise de Conteúdo.

Neste caso específico, as pesquisadoras procuraram identificar como os universitários se relacionam com a questão da sexualidade, incluindo saberes, fontes de informação e condutas em sexualidade. É importante observar que os resultados obtidos pelas autoras revelam que as concepções em relação às temáticas que envolvem prazer, virgindade e sexo seguro acompanham valores contraditórios e, muitas vezes, preconceituosos. Pode-se observar por meio das entrevistas, por exemplo, que ainda persiste a idéia de que os rapazes devem ser incentivados a manter experiências sexuais desde cedo. Notou-se que os padrões culturais vigentes representam um poderoso fator, no sentido de atribuir ao sexo masculino a idéia de agente conquistador, o sexo forte, entre outros aspectos que contribuem para a formação de estigmas ligados à sexualidade.

Ao contrário, a mesma pesquisa (MELO; SANTANA, 2005) demonstra que o sexo feminino está submetido a uma avaliação inversa, ou seja, a mulher não é vista como “administradora” de sua própria sexualidade.

Outro fator que mereceu destaque no trabalho citado está relacionado à questão da afetividade. Embora tenha sido detectada a preservação de valores preconceituosos, os jovens atribuíram relevância à questão da afetividade.

O afeto apareceu enquanto aspecto intimamente ligado à sexualidade. Assim, a pesquisa mencionada demonstrou que a sexualidade é vivenciada pelos jovens com considerável presença de conflitos sendo que, em grande parte das situações, não são abordados pelas famílias. As autoras destacam o fato de que as famílias não apresentam ampla abertura para tratar de temas relacionados à sexualidade.

É nesse sentido que defendem a orientação sexual no espaço escolar:

As famílias não se sentem à vontade para tratar do tema sexualidade, transferindo esta atribuição para a escola que, por sua vez, não se encontra preparada para assumi-la, apesar de o Ministério da Educação já ter incluído nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a orientação sexual como um dos temas transversais nas diversas áreas do conhecimento (MELO; SANTANA, 2005, p.153).

Nesse mesmo sentido, Ribeiro (1993,94) elaborou um survey (levantamento de opiniões), a sessenta universitários do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação da UNESP de Araraquara (ILCSE/CAR), no estado de São Paulo, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre 18 e 25 anos, a respeito do comportamento sexual, que participaram por meio de um questionário, que deu significativa contribuição no sentido de elaborar algumas questões que serviram de referencial para a realização de outros trabalhos sobre a sexualidade, a partir da vivência dos jovens. O autor discute as opiniões manifestadas e tece comentários sobre a sexualidade do adolescente universitário.

O referido *survey* permitiu a verificação de algumas constatações. Entre elas, foi colocado em destaque o fato de que os jovens apresentaram idéias contraditórias em relação à sexualidade. O autor observa que:

[...] a idéia de ambivalência de valores, a contradição de pensamento e a presença de atitudes e comportamentos repressivos, moralistas e preconceituosos num universo de verbalização liberalizante foram detectadas num numero significativo de respostas, o que nos leva a inferir a necessidade de levar também ao estudante universitário programas de orientação sexual, até o momento propostos quase que exclusivamente para alunos de escolas de 1° e 2° graus. (RIBEIRO, 1993/94, p.169)

Assim, diante da necessidade de superar preconceitos e contradições provenientes da educação familiar, Ribeiro (1993/94) sugere que os jovens tenham acesso à orientação sexual.

Em sua dissertação de Mestrado, Zampieri (2002), aplicou 1067 questionários, em estudantes universitários entre 18 e 23 anos de idade, de diferentes cidades no estado de São Paulo, procurando apreender como estes vivenciam a sexualidade.

Por um lado, os jovens que participaram dessa investigação apresentaram idéias ligadas às transformações que ocorreram a partir da chamada revolução sexual que marcou os anos 60 e 70 do século passado. Mas, por outro lado, as respostas obtidas indicam um conflito considerável, na medida em que ainda há forte

influência de valores tradicionais ligados à sexualidade:

[...] pode-se dizer, que o comportamento sexual dos jovens sofre influência das transformações que colocaram em pauta a necessidade do amor livre é a busca pelo prazer, mas, por outro lado, as atitudes em relação ao sexo são direcionadas por valores tradicionais, como, por exemplo, a preservação da monogamia, a união estável, entre outros. Isso não significa que os jovens buscam o retorno à sexualidade padronizada a partir de valores tradicionais transformados no século XX. Na verdade, atualmente vivencia-se uma busca de valores mais humanos e de relações qualitativas. (ZAMPIERI, 2002, p.107-8)

Em linhas gerais, pode-se dizer que ainda persistem segundo suas análises, certas ambivalências em relação à sexualidade tal como constatado por Ribeiro em 1994.

Nota-se, ainda, que assim como nos dois estudos citados anteriormente (MELO; SANTANA, 2005; RIBEIRO, 1993/94), a pesquisa realizada por Zampieri (2002) revela que a preocupação que os jovens atribuem à afetividade é preponderante. Ao preconizarem a necessidade de liberdade no plano da sexualidade, os jovens revelaram considerável preocupação com a presença de relações afetivas. Conforme foi observado:

[...] a sexualidade não é mais vista sob a ótica da repressão, mas, em contrapartida, o sexo não é abordado a partir de relações passageiras ou destituído de manifestações afetivas. (ZAMPIERI, 2002, p.107)

Diante dessas análises é válido afirmar que a sexualidade, abordada a partir da percepção dos próprios jovens, deve ser objeto de uma discussão com maior amplitude e profundidade. Em outros termos, acredita-se aqui, que existe uma lacuna em relação aos espaços de reflexão crítica sobre a sexualidade.

Tal como já mencionado, a família não exprime o espaço satisfatório para que tais discussões sejam realizadas. Nesse contexto, a defesa de que o espaço escolar, ou mesmo a universidade constituam ambientes adequados para que a sexualidade seja debatida, é de extrema pertinência.

Assim, segundo Guirado (1997, p.35): “[...] a sexualidade parece irreversivelmente constitutiva do ser humano, onipresente e nem sempre onisciente, ela vai atravessar as ações cotidianas de professores e alunos”.

O entendimento da sexualidade humana não resume uma simples tarefa, especialmente, entre a faixa etária que propomos investigar. Por um lado, os jovens

deparam-se com valores ligados à idéia de liberdade sexual, muitas vezes, tratada de forma superficial pelos meios de comunicação de massa. Por outro lado, a compreensão de conceito de liberdade torna-se uma tarefa cada vez mais complexa, já que a própria maneira, como o tema tem sido abordado, traz consigo contradições que merecem ser superadas.

É importante observar que a sexualidade não pode ser entendida de maneira desvinculada das práticas coletivas de comportamento, construídas pelo próprio grupo de convivência. Tais comportamentos, por sua vez, são norteados por um conjunto de valores influenciados pela cultura vigente.

Conforme lembra Silva (1995), nossa existência individual apresenta uma estreita ligação com o meio social e os valores que acompanham a realidade vivida. Esses valores são naturalizados socialmente e, normalmente, legitimados pelos indivíduos. Desta forma, procuramos investigar como os universitários constroem os valores que acabam influenciando suas ações.

A oportunidade de coletar dados em diferentes regiões do Brasil proporciona a possibilidade de analisar o conteúdo dos valores, bem como as condutas em relação à sexualidade. Considerando que as relações sociais ocorrem numa sociedade historicamente determinada, não é possível separar a ação dos sujeitos sociais do contexto em que esses estão inseridos (SILVA, 1995). Nesse sentido o indivíduo é inserido num contexto específico já estabelecido socialmente, o que justifica a abrangência da pesquisa.

As reflexões desenvolvidas durante a Dissertação de Mestrado (ZAMPIERI, 2002) levaram a constatar que a sexualidade apresenta uma complexidade ligada à própria trajetória histórica. Notamos que a história demonstra a existência de um período de repressão em relação à sexualidade. Em contrapartida a concepção de liberdade, explorada no contexto atual de maneira significativa, sugere a existência de liberdade plena, caracterizada pela livre escolha individual.

De acordo com as análises desenvolvidas por Osório (1989, p.34) “se o grau de permissividade existente é inegavelmente maior, não se acompanha, contudo, a resolução dos conflitos na área sexual”. Além disso, o autor explicita a necessidade de olhar criticamente a liberdade sexual que pode ser imposta pelo movimento que convencionou-se chamar de “liberação dos costumes”.

Mediante esse quadro, procuramos conhecer as inquietações dos universitários a fim de visualizar como a sexualidade é percebida e vivenciada por

eles.

A orientação sexual tem se tornado objeto de discussão em diversos países. Merecendo destaque para a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento⁸.

Em nosso país, a orientação sexual surge como uma proposta educacional fruto de discussões que imperam há décadas. Segundo a Secretaria da Educação Fundamental a temática que envolve a sexualidade tem sido inserida no currículo das escolas desde a década de 1970. A justificativa presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais apresenta a constatação:

A retomada contemporânea dessa questão deu-se juntamente com os movimentos sociais que se propunham, com a abertura política, a repensar sobre o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados. Mesmo assim não foram muitas as iniciativas tanto na rede pública como na rede privada de ensino. (BRASIL, 2001)

Entretanto, à partir de 1980 houve um aceleração da preocupação em relação à sexualidade, ou seja, novos impasses foram acrescentados ao campo da sexualidade. Surge a AIDS como repressora sexual, passando a ser encarada como “castigo” à prática sexual.

De acordo com Carradore (2002, p.14)

[...] a AIDS pegou a humanidade de surpresa, trouxe medo, perplexidade e impotência, e, de certa forma, sacudiu os pilares da racionalidade e da ciência, especialmente as Ciências Médicas, ao nos colocar diante de um problema que, mesmo tendo se passado mais de duas décadas desde a descoberta dos primeiros casos, ainda continua sem solução. Do mesmo modo, atingiu fortemente o imaginário social, ao trazer à tona, amargamente, a relação prazer/morte.

Em concordância com a autora acima, Duarte (2005, p.128) elucida:

Logo os preconceitos afloraram e, como a doença ainda fosse pagã, ela foi chamada de peste gay ou câncer gay. Apareceram mais e mais casos, sempre em homossexuais, e surgiram as mais esdrúxulas “explicações” para a “preferência” da doença. Fanáticos religiosos não demoraram muito para falar em “castigo divino”.

Contraditoriamente, a AIDS trouxe consigo abertura de novos caminhos no que se refere ao modo de pensar e vivenciar o sexo e a sexualidade. Diante de

⁸ Essa Conferência foi realizada em 1994, no Egito, na cidade do Cairo, com representantes de 175 países. O enfoque principal foi a Saúde e os direitos reprodutivos dos adolescentes.

questões concretas ligadas à sexualidade, a introdução da orientação sexual nos currículos escolares passou a ser cada vez mais defendida, tanto por profissionais ligados a essa área quanto pela população:

Debates e publicações, juntamente com a preocupação com a questão da gravidez precoce e da contaminação pela AIDS, vieram contribuir para que passasse a haver, por parte dos pais, educadores e da sociedade em geral, um maior interesse na Educação Sexual das crianças e dos jovens; mais especificamente falando, uma preocupação maior com a atuação da escola nesta tarefa. (FIGUEIRÓ, 2001, p.84)

Ribeiro (2002, p.82), sobre essa questão, afirma que:

[...] havia uma grande preocupação por parte dos educadores com os altos índices de gravidez indesejada entre os adolescentes e o risco de contaminação do HIV. A introdução da temática sexualidade ocorreu devido a necessidade de oferecer uma formação global aos alunos, de promover a saúde de crianças e adolescentes e possibilitar ações preventivas mais eficazes.

Esse fato pode estar ligado à seguinte questão:

As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Essas práticas se fundamentam na idéia de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família. De fato, toda a família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de 'cuidados' recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem são carregados de determinados valores associados à sexualidade que a criança apreende (BRASIL, 2001).

A afirmação acima nos leva a constatar que a família exerce significativa influência sobre a educação da criança. Entretanto, a escola aparece como um espaço privilegiado para que a orientação sexual seja explorada do ponto de vista crítico e reflexivo.

Torna-se fundamental, neste momento, esclarecer que no âmbito dessa temática, não podemos indicar apenas a família ou a escola como responsáveis pela exclusividade desta tarefa.

É evidente que a escola deve ser um espaço aberto para esclarecimentos, discussões e debates sobre a sexualidade, já que consiste num universo de indivíduos com a mesma faixa etária, com seus questionamentos, e, principalmente com a diversidade de situações inerentes à idade.

Neste cenário, o espaço escolar é voltado para a formação de cidadãos e, principalmente, a transformação social, objetivando neste contexto, uma sociedade inclusiva e aberta a discussões de áreas distintas.

1.2. PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

O trabalho sistemático de Orientação Sexual na escola está articulado diretamente com o desenvolvimento da saúde das crianças e dos adolescentes, segundo o Ministério da Educação (Brasil, 2001).

Se a escola é tida como um espaço que também contribui para o desenvolvimento de ações relacionadas ao desenvolvimento da saúde das crianças e jovens, não podemos desvinculá-la das informações trazidas por cada aluno.

Cada aluno ao chegar à escola trás consigo sua bagagem de conhecimento, seus valores e informações sobre diferentes aspectos de seu cotidiano. Não podemos deixar de mencionar, que a escola, também é um espaço para se falar de temas, até então pouco discutidos pela maioria das famílias brasileiras como a sexualidade.

Neste contexto, a escola surge como um espaço necessário para a realização de reflexão crítica sobre as informações distorcidas, preconceitos, crendices e valoração sobre a sexualidade e temas correlatos.

Seguindo esse raciocínio, qual seja, o de democratização do espaço escolar, surgem em 1995 os Parâmetros Curriculares Nacionais, que são destinados a todos os brasileiros, cuja meta é a formação do cidadão e é sustentada pelos fundamentos da Constituição Brasileira.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) são uma “proposta de orientação curricular” oferecida pela Secretaria de Educação Fundamental no Ministério da Educação e do Desporto para uma reflexão sobre a prática educativa voltada para a cidadania.

Embora os chamados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estejam voltados à Educação Fundamental é relevante destacar o reconhecimento dessa proposta enquanto nova reorientação curricular.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) fazem parte de projetos

educativos elaborados pelo Ministério da Educação com o objetivo de auxiliar as discussões pedagógicas no planejamento das aulas, no sentido de despertar nos alunos a percepção de problemas sociais contemporâneos, na forma de temas transversais, com a finalidade de garantir uma educação de qualidade.

No total foram elaborados 10 volumes, que englobam o trabalho de diferentes esferas no ensino, como: Língua Portuguesa; Matemática; Ciências Naturais; História e Geografia; Arte; Educação Física; Meio Ambiente e Saúde; Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, Temas Transversais e Ética.

O volume de nº 10 é, portanto, o responsável pela Orientação Sexual, juntamente com outros temas como: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Estudos Econômicos, que estão relacionados diretamente com as questões da cidadania, e são denominados temas transversais:

[...] optou-se por integrar a Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, por meio da transversalidade, o que significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, o posicionamento proposto pelo tema de Orientação Sexual, assim como acontece com todos os Temas Transversais, estará impregnado toda a prática educativa. Cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade por meio da sua própria proposta de trabalho (BRASIL, 2001, p.128)

Não é nosso enfoque a discussão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), mas reconhecer enquanto proposta um dos temas transversais que o englobam: a Orientação Sexual, tema abordado conforme já mencionado acima, no volume de número 10.

A própria apresentação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), organizada pelo Ministério da Educação e do Desporto, reconhece a necessidade de um debate aberto às questões de interesse sociais, que “apontem metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo real como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres”.

Sob esse prisma é importante salientar que os educadores diariamente convivem com situações relacionadas à sexualidade, em seu ambiente de trabalho. Querendo ou não lidar com essas questões, não podemos esquecer que o aluno traz consigo as influências recebidas de sua família, dos amigos e da própria mídia.

Nesse sentido, a escola é tida como um espaço importante para discussões sobre orientação sexual, objetivando o bem-estar e a vivência de uma sexualidade

alicerçada na responsabilidade.

De acordo com a proposta de trabalhar o tema Orientação Sexual, deve-se levar em consideração as dimensões biológica, psíquica e sociocultural da sexualidade.

1.3. Orientação sexual por meio dos PCN

A proposta dos PCN não deixa de reconhecer a participação da família no processo de orientação sexual dos adolescentes. Entretanto, atribui destaque especial ao papel da escola no sentido de promover um debate crítico e reflexivo acerca da sexualidade.

A Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. (BRASIL, 2001, p.128)

Nesse sentido, a Orientação Sexual na escola está voltada para o desenvolvimento da capacidade de discernimento em relação ao exercício da sexualidade. Tal discernimento pode proporcionar aos jovens a vivência de uma sexualidade “responsável” e “prazerosa” através da intervenção do professor.

O Ministério da Educação propõe que a Orientação Sexual esteja pautada em três eixos principais: Corpo Humano, Relação de Gênero e Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis, especialmente AIDS. Por meio desses conteúdos, o jovem deverá ser inserido num contexto de debate a respeito do próprio corpo, dos papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher e, também, da importância de prevenir Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Evidentemente esse trabalho deve acompanhar a necessidade de autonomia de cada pessoa, já que a educação autoritária é um objeto constante de crítica na elaboração dos PCN.

O documento elaborado pelo Ministério da Educação lembra que:

[...] o trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. A Orientação Sexual não-diretiva aqui proposta será circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo portanto caráter de aconselhamento individual de tipo psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno. (BRASIL, 2001, p.121)

Cabe à escola, portanto, abordar cada aluno no interior de uma coletividade, no sentido de voltar as atenções para os preconceitos, valores e crenças em relação à sexualidade que, por sua vez, sofre influência da sociedade.

Segundo o Ministério da Educação trata-se de propor que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possuía e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. (BRASIL, 2001, p.122).

É nesse sentido que as lacunas em relação às informações sobre sexualidade podem ser preenchidas. Além disso, o esclarecimento pode propiciar aos jovens a possibilidade de escolher ou entender suas próprias atitudes em relação à sexualidade.

1.4. Orientação sexual e políticas públicas

Diante dos problemas ligados à sexualidade, tais como, AIDS e gravidez na adolescência, o governo brasileiro, através do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação, passou a desenvolver programas de orientação sexual direcionados aos jovens.

Esses programas abordam a orientação sexual, no sentido de prevenção de situações indesejáveis que possam causar conflitos passíveis de serem evitados.

Assim, a orientação sexual tem sido incluída nos currículos escolares, contribuindo para que os valores e crenças em relação à sexualidade sejam repensados e superados. Além disso, essa medida é de intervenção social, pois se encarrega de despertar a consciência dos jovens, especialmente, no sentido de

proporcionar uma reflexão autônoma sobre a própria sexualidade.

Diversas medidas, tais como campanhas de divulgação sobre o uso de preservativos, programas de orientação sexual nas escolas, refletem a necessidade de adoção de políticas públicas por parte do Estado. Ao referir-se à adoção de políticas públicas, é válido ressaltar que o Estado está permanentemente interligado aos problemas sociais.

É relevante observar, ainda, que as políticas públicas são, geralmente, influenciadas por interesses e expectativas de grupos sociais específicos. No caso da Orientação Sexual adotada nas escolas ou mesmo inserida nos currículos no sentido preventivo, as políticas públicas fazem parte de um processo de mudança de comportamento. Essa mudança não diz respeito ao trabalho individual do professor, bem como não visa ao atendimento individual do aluno.

Diferentemente, ao tratar da sexualidade no âmbito escolar, é oferecida uma possibilidade concreta de associar sexualidade à autonomia de cada indivíduo. Recorrendo ao documento que trata da “Pluralidade Cultural e Orientação Sexual”:

Experiências bem-sucedidas com Orientação Sexual em escolas que realizam esse trabalho apontam para alguns resultados importantes: aumento do rendimento escolar (devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade) e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos (BRASIL, 2001, p.122).

Além dessas observações, a legitimidade das políticas públicas que envolvem a Orientação Sexual nas escolas adquire cada vez mais importância na medida em que o jovem amplia seu universo de conhecimento acerca da sexualidade.

Tendo em vista a complexidade das relações humanas, é iminente que a orientação sexual na esfera escolar produza resultados mais satisfatórios porque proporciona encontros e desencontros que são vividos sob o mesmo prisma.

A orientação sexual nas escolas, mais precisamente fazendo parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), vem ao encontro de discussões internacionais sob essa temática e suas implicações, conforme mencionado anteriormente.

Aparentemente, a proposta de “Orientação Sexual” está coerente e adequada, porém sabemos das dificuldades encontradas no universo escolar, para sua implementação, e não devemos esquecer também da questão do professor e como este vivenciará este desafio.

Uma Orientação Sexual satisfatória embasa-se na amplitude da própria sexualidade, ou seja, abrange várias questões ligadas à vida e ao bem estar de cada ser humano, considerando sua singularidade.

É imprescindível que as questões ligadas à sexualidade sejam tratadas de forma espontânea e, principalmente, com liberdade para que os educandos possam exprimir seus sentimentos e valores de forma ética e, destituídos de valores preconceituosos.

Não é nossa questão primordial analisar ou verificar a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) aplicado ao Ensino Fundamental, mas, vemos como contextualização da sexualidade destituída de preconceitos e estereótipos e que deve estar em permanente discussão.

As dificuldades para esse desafio não são poucas, se levarmos em consideração o dia-a-dia de nossas escolas, a formação dos professores e a forma como as questões serão abordadas. Mas por outro lado, não podemos esquecer que, em geral, não existe nos cursos de graduação uma disciplina específica que trata da sexualidade humana.

Devemos então, também propor nas universidades um espaço próprio para a efetiva discussão sobre o tema, e, a inclusão da disciplina Sexualidade Humana na grade curricular. A Faculdade de Medicina da USP é uma das raras instituições que apresenta em seu currículo de graduação aulas sobre sexualidade, embora ainda não formalizada como disciplina.

A inclusão do tema orientação sexual nas escolas deve ser encarado como ponto de partida de um trabalho permanente, de efetiva discussão entre todos os envolvidos no programa, garantindo assim, um espaço para discussão, pautado em responsabilidade e compromisso.

2. OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1. Objetivo Geral e Específico

A pesquisa se propôs a estudar o comportamento sexual do estudante universitário brasileiro, no período compreendido entre setembro de 2006 a novembro de 2007.

O objetivo geral deste estudo é traçar um perfil do comportamento sexual do estudante universitário brasileiro, mapeando sua visão acerca de suas concepções, valores e atitudes sobre a sexualidade.

A partir daí, deparamo-nos com a necessidade de especificar outras finalidades. Sendo assim, o objetivo específico da pesquisa foi definido a partir da necessidade de conhecer as inquietações dos universitários a fim de visualizar como a sexualidade é percebida e vivenciada por eles.

2.2. Análise Quantitativa

A metodologia utilizada na análise do problema em questão apresentou aspectos relativos à abordagem quantitativa. Segundo as análises realizadas por Richardson (1999); O método quantitativo como o próprio nome indica, caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples, como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.

Ainda em relação à pesquisa quantitativa Moreira (2002, p.17), elucida esse modelo de pesquisa, ao afirmar:

A coleta de dados enfatizará números (ou informações conversíveis em números) que permitam verificar a ocorrência ou não das conseqüências, e daí então a aceitação (ainda que provisória) ou não das hipóteses. Os dados são analisados com apoio da Estatística (inclusive multi-variada ou outras técnicas matemáticas. Os tradicionais levantamentos amostrais de dados (*surveys*) com questionários fechados e escalas de medida são exemplos clássicos de estudos de campo quantitativos.

Retornando às análises de Richardson (1999, p.77) sobre as características do método quantitativo, “[...] pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas [...]”. Para o autor, este método representa “[...] a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação, possibilitando, conseqüentemente, uma margem de segurança quanto às inferências”.

De acordo com os objetivos propostos nesta pesquisa, o instrumento metodológico adotado para a coleta de dados foi a elaboração/aplicação de um questionário, contendo questões fechadas (diretivas), pois destinam-se a obter respostas mais precisas, sendo padronizadas, de fácil aplicação, codificação e análise.

O ponto de partida foi a aplicação de questionários a um grupo de 1.067 estudantes universitários, cuja análise foi efetuada por meio de instrumentos estatísticos.

Sobre o instrumento apresentado para a coleta de dados, o questionário é mais utilizado para obtenção de informações de um número expressivo de pessoas.

De acordo com as especificações desse método de pesquisa, Lakatos; Marconi (1991, p.201) afirmam:

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. Junto com o questionário deve-se enviar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância [...], no sentido de que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável.

Sobre as vantagens da utilização de questionários em pesquisas, Brevidelli; Domenico (2006, p.61) esclarecem:

[...] têm a vantagem de possibilitar a coleta de dados de um grande número de pessoas, mesmo que estejam em áreas geográficas distantes, uma vez que podem ser enviados por correio. Além disso, garantem o anonimato das respostas e não expõem os participantes às opiniões do pesquisador, como pode ocorrer nas entrevistas. [...] menor possibilidade de enganos de interpretação das respostas e maior liberdade de os participantes exporem suas idéias, por não se sentirem intimidados quando escrevem.

Acreditamos que a utilização de uma metodologia considerada quantitativa,

especialmente, por meio da aplicação e análise de questionários, possa garantir a representatividade do universo que pretendemos explorar. Muraro (1996) bem observa que existem padrões nas formas de comportamento que, embora não sejam homogêneos, podem representar uma classe ou uma categoria social. Daí a pertinência em recorrer ao uso de amostragem enquanto instrumento de pesquisa.

Sobre os procedimentos metodológicos adotados em sua pesquisa “Sexualidade da mulher brasileira, (1996) a autora afirma:

O dado básico da pesquisa é o conceito de classe social. Mas a questão que temos de levantar agora é sobre os números de pessoas entrevistadas. Não se entrevistaram todas as pessoas de todas as classes sociais no Brasil, nem, ao menos, se pode fazer uma amostra grande. Foram entrevistadas para a história de vida trinta pessoas de cada classe social. O problema é: trinta pessoas representam uma classe? A resposta: quantitativamente, não, qualitativamente, sim. A hipótese básica deste trabalho é a procura de padrões de classe na área do comportamento do homem e da mulher. Se existirem estes padrões, uma só pessoa seria representativa da classe em que está inserida. Se não estivessem dentro desses padrões não estariam na classe. Partimos da hipótese de que existe uma certa coerência que solda as classes, se não elas explodiriam. Perguntamos, então, quais são os diversos padrões para as diversas classes sociais? Há um mundo ideológico, certas maneiras de viver e de se relacionar que, por hipótese, são específicas de cada classe. Fazemos, pois aqui, o caminho inverso das antropologias universalistas, que a nosso ver seria enormemente mais longo: esta antropologia procuraria primeiro qualquer mulher e homem segundo amostragem metodologicamente convencional e, depois de certos cruzamentos, chegaria aos resultados a que chegamos neste trabalho em primeiro lugar. (MURARO, 1996, p.42-43).

Este trabalho está centralizado na preocupação em relação ao número de sujeitos que participaram da pesquisa, no sentido de evitar que os dados obtidos caracterizassem insuficiência para demonstrar aquilo que pretendeu-se investigar. De outro modo, os recursos metodológicos utilizados aqui priorizaram a preocupação quantitativa, pois, há necessidade de se obter resultados fidedignos e generalizáveis. Daí a realização do trabalho a partir da quantificação dos sujeitos.

Diferentes fatores são abordados na pesquisa quantitativa, tais como, agrupamento e tabulação de dados, cálculos de porcentagem, elaboração de tabelas e gráficos. Tais procedimentos foram necessários para subsidiar as análises posteriores à etapa de coleta de dados.

2.3. Técnica de Pesquisa

2.3.1. Pesquisa Bibliográfica

Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a literatura pertinente ao tema, principalmente por meio de livros, artigos científicos, dissertações e teses.

Segundo Gil (1996, p.48):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Compartilhando da mesma idéia, é citado por Lakatos; Marconi (1991, p.183):

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito [...]. Desta forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

A pesquisa bibliográfica consiste, portanto, no exame desse material já elaborado, para levantamento e posterior análise do que já fora produzido sobre o tema.

2.3.2. Técnica de Coleta de Dados

Os questionários foram distribuídos de forma aleatória para os estudantes universitários brasileiros. Aleatória, porque sob o ponto de vista numérico não houve preocupação em distribuir equitativamente os questionários entre as diferentes áreas de conhecimento e faixas etárias. Houve, porém, uma preocupação em abranger num mesmo período, estudantes de diferentes estados e de cursos distribuídos entre as três áreas: exatas, humanas e biológicas.

A amostra é por conveniência, não probabilística. A construção, a aplicação do questionário e o tratamento estatístico dos dados foram realizados no período

compreendido entre setembro de 2006 e novembro de 2007. A análise dos resultados foi feita de novembro de 2007 a janeiro de 2008, quando iniciamos a fase final de escrita, análise e conclusão dos resultados obtidos.

A coleta de dados foi realizada na mesma época, porque se avaliam os estudantes, teoricamente, sob uma mesma influência, por exemplo, dos meios de comunicação de massa. Em relação às três áreas: exatas, humanas e biológicas, a nossa experiência, resultante da convivência com estudantes universitários, permite perceber que a opção profissional não apenas os leva a ter comportamentos distintos, mas também a perceber de forma diferente a sua realidade. Também a coleta de dados em diferentes regiões do Brasil permite uma percepção mais precisa das variáveis do tema que pretendemos investigar. Essa diversidade de visões de mundo, pois trata-se de regiões distintas do país, vai ao encontro do objetivo proposto neste estudo.

Os questionários foram aplicados nas 5 regiões do país, contemplando os estados: Amazonas, Rondônia e Pará (região Norte); Bahia, Paraíba e Maranhão (região Nordeste); Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (região Centro-Oeste); São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (região Sudeste); Santa Catarina e Paraná (região Sul).

Em decorrência da abrangência nacional, não foi possível a nossa participação efetiva na coleta de dados. Essa fase foi um trabalho coletivo, resultado da integração entre professores e coordenadores das universidades públicas, as quais mantivemos contato constante, desde o convite por telefone, e em alguns casos pessoalmente, para verificar a possibilidade de aplicação do questionário; após o convite aceito, enviamos por e-mail uma carta solicitando os dados bancários e endereço atualizado (Anexo B), necessários para envio do instrumento metodológico, e, despesas com sedex, para retorno dos questionários já respondidos.

Em relação a coleta de dados, se faz necessário, no momento o esclarecimento de alguns fatores que envolveram a aplicação desse instrumento de pesquisa.

Conforme já mencionado anteriormente, tivemos a participação de professores para a aplicação dos questionários, em todas as regiões do país.

O questionário, a ser respondido pelos participantes da pesquisa, foram enviados pelo correio, aos cuidados do professor aplicador. Os participantes da

pesquisa receberam o questionário dentro de envelope comercial, contendo o questionário propriamente dito, acompanhado de carta e de instruções para o seu preenchimento. (Anexo C)

Após a aplicação do questionário, o professor aplicador devolvia o material lacrado via correio. Embora as despesas postais tenham sido elevadas, permitiu o retorno garantido, do material enviado, em quase todos os estados.

As exceções ficaram por conta do não retorno de questionários respondidos nos seguintes estados: Rio de Janeiro e Acre. Nesses estados o contato com os professores aplicadores foram os mesmos, verificamos o recebimento do material para aplicação, mas, infelizmente, não houve retorno. Tentamos contato por várias vezes sem obtermos sucesso.

A exeqüibilidade da presente pesquisa foi dificultada por dois fatores externos, que não puderam ser controlados em sua totalidade.

Como a abrangência da pesquisa era nacional, buscamos contar com a colaboração de pesquisadores e professores das universidades localizadas nas cidades cujos sujeitos fariam parte. Houve demora na aceitação de vários colaboradores, o que contribuiu para que também demorasse a devolução dos questionários.

Outro fator dificultante foi que, em algumas universidades, devido a períodos de greve, com a conseqüente suspensão das atividades, o contato dos colaboradores com os sujeitos foi interrompido e retomado meses depois.

Mesmo assim, conseguimos abranger todas as regiões geográficas do Brasil.

Utilizando uma margem de erro de 3% e 95% de confiança, segundo Samara; Barros (1997, p.71-78) estimou-se um tamanho amostral de 1.067 questionários, como pode ser visto no anexo A.

2.4. Instrumentos

O instrumento metodológico de pesquisa adotado para a coleta de dados foi a elaboração/aplicação de questionário estruturado e padronizado contendo 30 questões fechadas (diretivas), pois destinam-se a obter respostas mais precisas, de fácil aplicação, fáceis de codificação e análise, considerando que atingimos um universo de 1.067 estudantes, amostra representativa do universo a ser investigado.

Devido ao elevado número de dados obtidos, e de acordo, com a sugestão efetuada pela banca examinadora, no exame de qualificação, algumas questões foram somente tabuladas e não constam nas categorias temáticas para análise. São as questões de números: 6, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26.

Esse tipo de estudo de campo permite a construção de tabelas de distribuição de frequência simples. São de grande importância os quadros estatísticos e gráficos, pois, a multiplicação de dados obtidos, que trazem o máximo de informações, facilitam as comparações, a análise ou interpretação.

A análise proporcionou a oportunidade de estabelecer comparações entre as diferentes regiões do país e entre os sexos, ou seja, foi possível detectar como, o homem e a mulher constroem a percepção sobre as questões que envolvem a sexualidade.

2.5. Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram estudantes de universidades públicas (estaduais e federais) localizadas em cidades brasileiras de médio e grande porte. Esta pesquisa envolveu alunos entre 18 e 23 anos, de ambos os sexos.

A escolha desta faixa etária ocorre, conforme já evidenciado anteriormente, por dois motivos:

- A existência de lacunas e a escassa bibliografia pertinente ao tema, especialmente, relacionadas à faixa etária proposta neste estudo.
- A falta de informações necessárias referentes ao tema.

3. RESSIGNIFICANDO A SEXUALIDADE PELOS UNIVERSITÁRIOS

TEMA 1: IDENTIFICAÇÃO

Ao incluirmos essa temática queremos conhecer o universitário brasileiro identificando-o em relação a seu sexo, estado civil e se possui ou não filhos.



Idade

A pesquisa foi realizada com jovens de 18 a 23 anos, de todas as regiões do Brasil e de ambos os sexos. Vemos, nas tabelas apresentadas a seguir, que a maioria dos jovens do sexo masculino está na faixa etária dos 19 e 20 anos, e que, o contrário ocorre com as jovens, em sua maioria na faixa etária dos 21 a 23 anos.

Como podemos ver na região Norte, os jovens do sexo masculino têm, em sua maior porcentagem, a idade de dezenove anos (26%). Nessa mesma região, entre jovens do sexo feminino, observamos uma igualdade na porcentagem, isto é, 19% nas idades de dezenove e vinte anos, o mesmo ocorrendo nas idades de vinte e dois e vinte e três anos (15%).

Enquanto no Nordeste brasileiro 50% dos participantes do sexo masculino encontram-se na idade de vinte anos, entre os indivíduos do sexo feminino a porcentagem é de 30%, na idade de vinte e três anos. O mesmo ocorre na região Centro-Oeste, em que a maior porcentagem dos indivíduos do sexo feminino está com a idade de vinte e três anos (26%). Notamos, ainda, que entre os indivíduos do sexo masculino, a maior porcentagem se encontra na faixa etária dos dezenove anos (38%).

Encontramos um dado interessante na região Sudeste, em que nenhuma das faixas etárias se destaca nas porcentagens, de forma que observamos certo equilíbrio em todas as idades. Na população feminina que foi entrevistada, em todas as idades, desde os dezoito até os vinte e três anos, e maior porcentagem nas idades de vinte e um e dezenove anos (21% e 20% respectivamente).

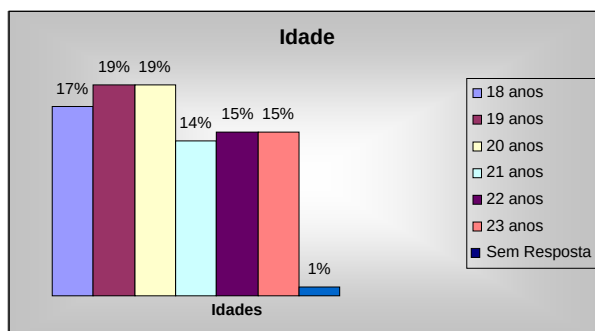
Na população masculina da região Sudeste, observamos o mesmo equilíbrio, sendo que a maior porcentagem é dos jovens de vinte anos (25%) e a mesma porcentagem (10%) nas idades de dezoito e vinte e dois anos e na faixa etária dos

dezenove e vinte e um anos (19% e 18% respectivamente).

Os jovens gaúchos participantes apresentaram maior porcentagem, na idade de vinte anos. Porém, notamos uma igualdade na porcentagem (20%), nas idades de dezoito e vinte e dois anos. Entre as jovens sulistas a maior porcentagem (22%) se concentra na idade de vinte e um anos, mas também observamos a mesma porcentagem (18%) nas idades de dezenove e vinte e dois anos.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

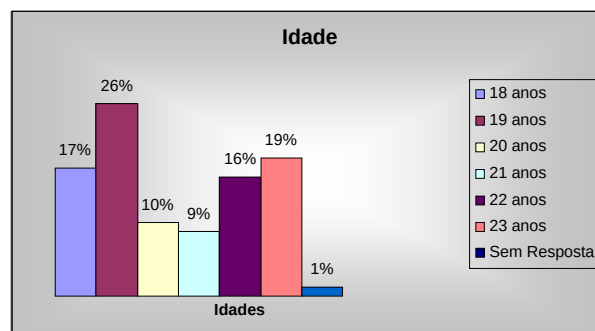
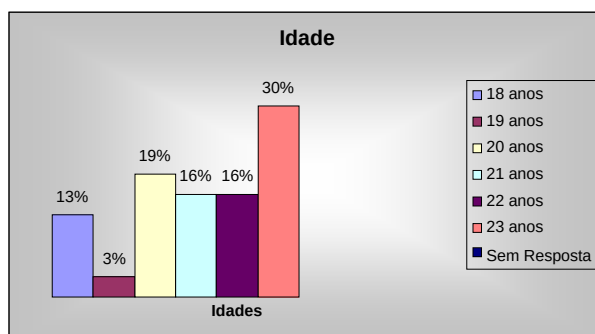


Gráfico 1: Idade: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

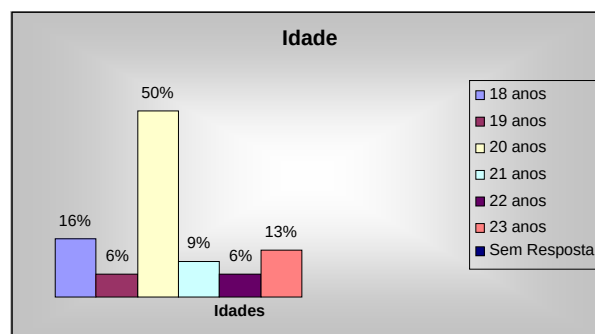
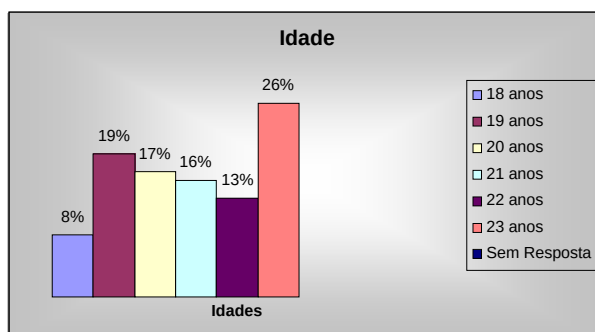


Gráfico 2: Idade: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

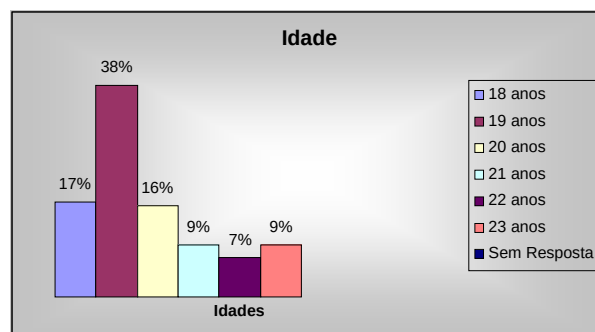
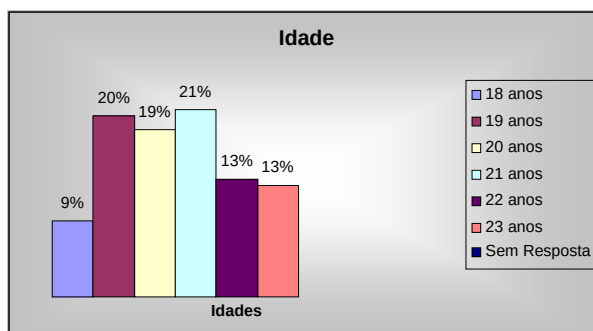


Gráfico 3: Idade: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

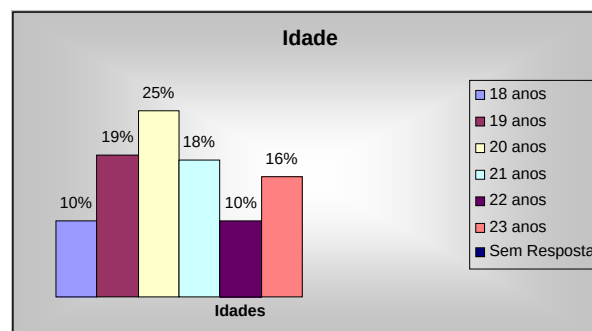
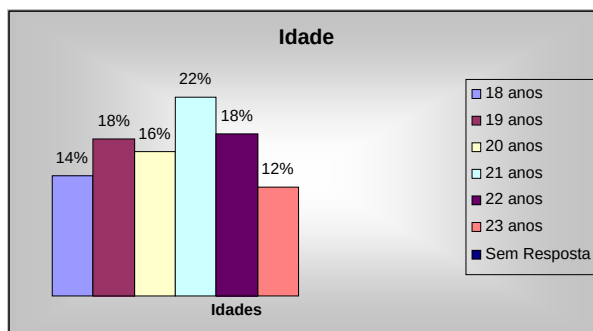


Gráfico 4: Idade: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

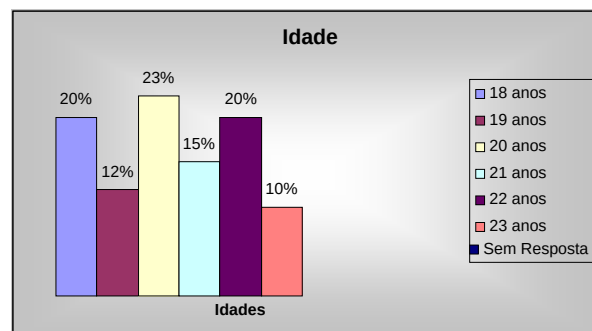


Gráfico 5: Idade: Região SUL



Estado Civil

De acordo com a pesquisa, os dados revelam que, tanto no sexo masculino quanto no sexo feminino, os jovens participantes são, em sua maioria, solteiros. Por exemplo, na região Norte temos 91% de jovens solteiros do sexo feminino e, entre os jovens do sexo masculino, 89%. Na região Nordeste, entre as jovens, há maior porcentagem (71%) de solteiras, com uma pequena porcentagem, mais significativa (29%), de casadas. Os jovens nordestinos solteiros são 53%, com significativa porcentagem (47%) de casados.

O mesmo é registrado na região Centro-Oeste, onde encontramos na população feminina uma porcentagem significativa (37%) de casadas, sendo 50% de solteiras. Contudo, na população masculina, vemos uma grande porcentagem (91%) de solteiros e apenas 9% de casados.

O mesmo ocorre nas regiões Sul e Sudeste, em que, tanto na população masculina quanto na população feminina encontramos mais jovens solteiros do que casados. Tanto na região Sul quanto na região Sudeste, encontramos a mesma porcentagem (95%) de jovens do sexo masculino solteiros. Há 96% de solteiros entre as jovens do sexo feminino, na região Sudeste e 93% desse mesmo sexo, na região Sul.

Região NORTE

SEXO FEMININO

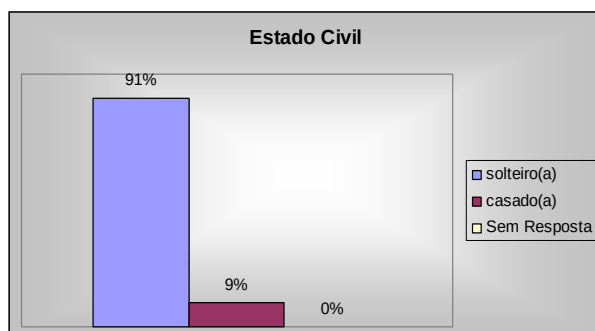
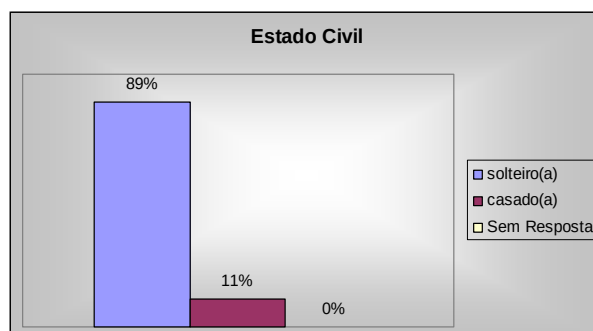


Gráfico 6: Estado Civil: Região NORTE

SEXO MASCULINO



Região NORDESTE

SEXO FEMININO

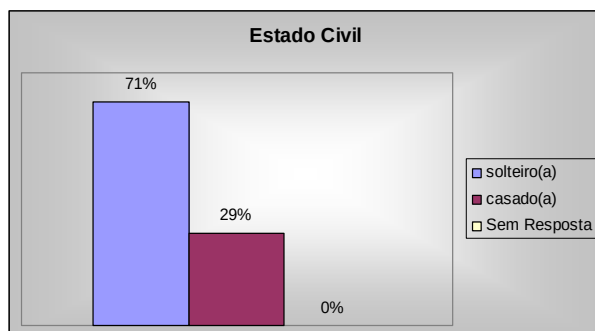
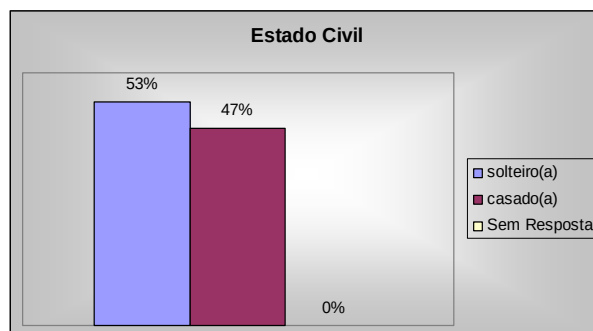


Gráfico 7: Estado Civil: Região NORDESTE

SEXO MASCULINO



Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

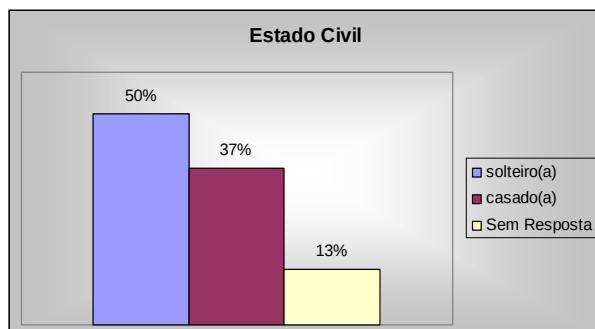
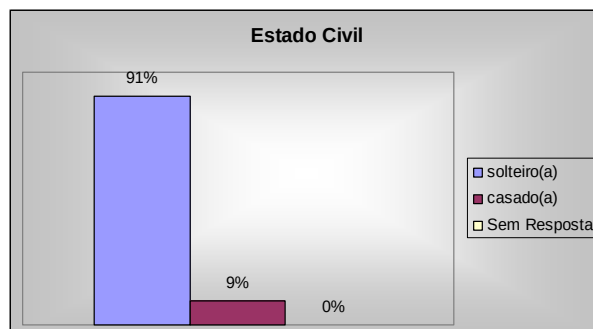


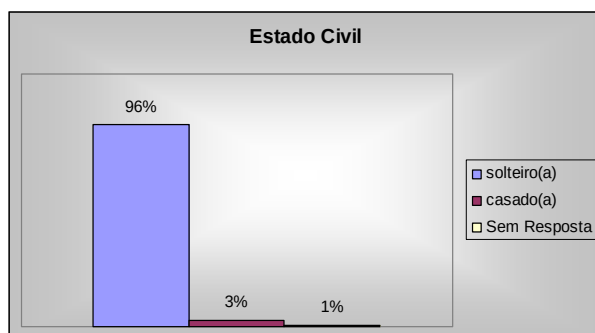
Gráfico 8: Estado Civil: Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

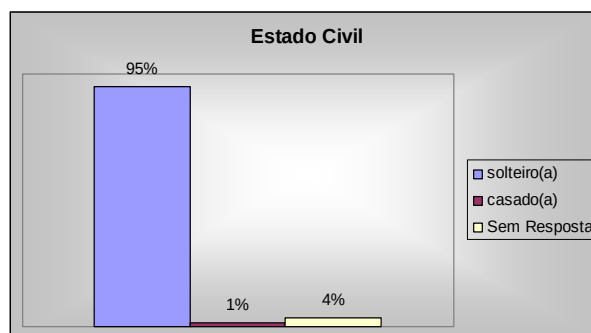
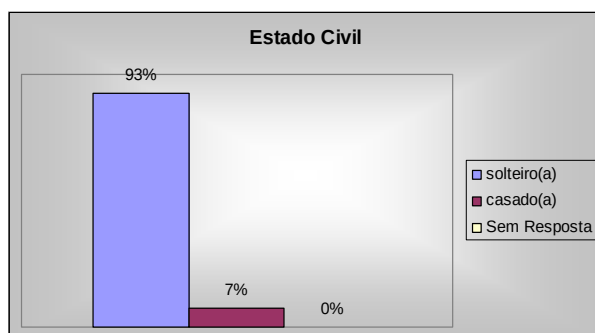


Gráfico 9: Estado Civil: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

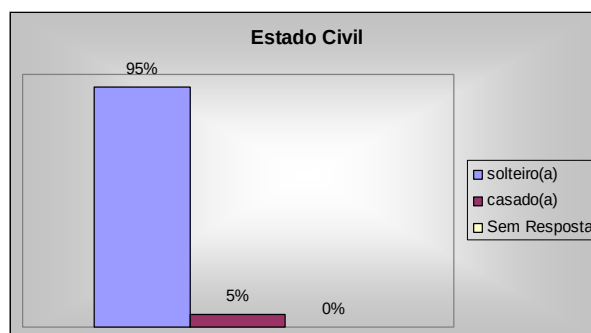


Gráfico 10: Estado Civil: Região SUL



Se não for casado (responda)

Os dados revelam que, entre os indivíduos do sexo masculino, nas regiões Norte e Sul, 47% dos jovens têm namorada, no Sudeste 44% deles “ficam” com alguém e um dado curioso está nas regiões Nordeste e Centro-Oeste, onde não houve resposta para esta questão. Entre os indivíduos do sexo feminino na região Norte, 49% das jovens entrevistadas têm namorado. O mesmo ocorre na região Nordeste onde 50% das jovens têm namorado, no Sul 55% das jovens tem namorado, no Sudeste temos um dado interessante 43% das jovens têm namorado e 42% “fica” com alguém. No Centro-Oeste, 42% das jovens entrevistadas não deram resposta para esta questão.

Esta foi uma pergunta das mais ignoradas pelos participantes, pois vemos que na região Norte, 19% dos participantes, tanto do sexo masculino quanto do sexo

feminino, deixou de responder. Na região Nordeste, 26% das jovens e 59% dos jovens, que omitiram tal resposta.

A mesma falta de resposta ocorre entre os participantes na região Centro-Oeste, onde 42% dos indivíduos do sexo feminino e 36% dos indivíduos do sexo masculino nada responderam para a questão: se tem namorado, “fica” com alguém, mora junto sem casamento, é divorciado, separado ou viúvo.

A porcentagem de falta de resposta só diminui, um pouco, nas regiões Sudeste (11% para o sexo feminino e 15% para o sexo masculino) e Sul (17% para o sexo feminino e 18% para o sexo masculino). Nas respostas: tem namorado ou “fica” com alguém, entre os indivíduos do sexo feminino observamos certo equilíbrio (43% e 42% para cada resposta respectivamente). Entre os indivíduos do sexo masculino, 44% responderam ficar com alguém.

Enquanto na região Sul a resposta que recebeu maior porcentagem (47% para o sexo masculino e 55% para o sexo feminino) foi: que tem namorado.

Região NORTE

SEXO FEMININO

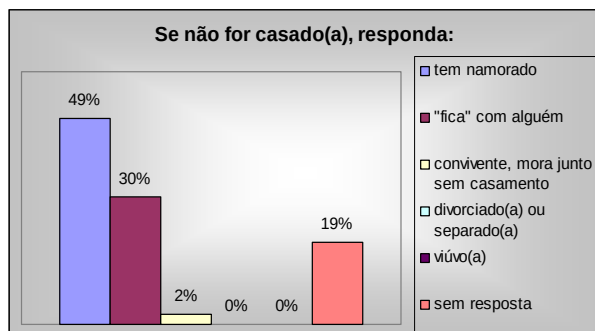
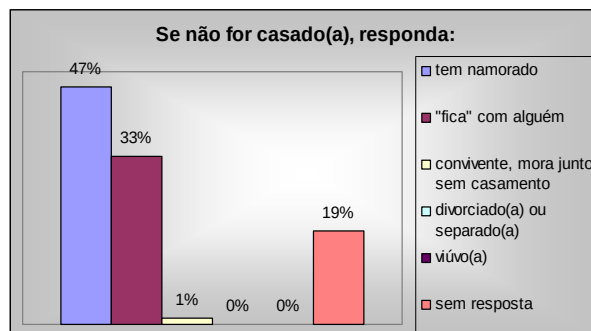


Gráfico 11: Se não for casado (responda): Região NORTE

SEXO MASCULINO



Região NORDESTE

SEXO FEMININO

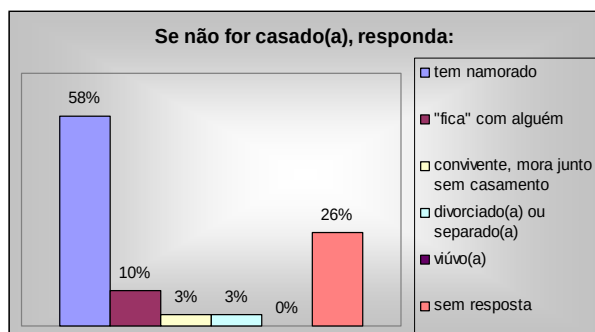
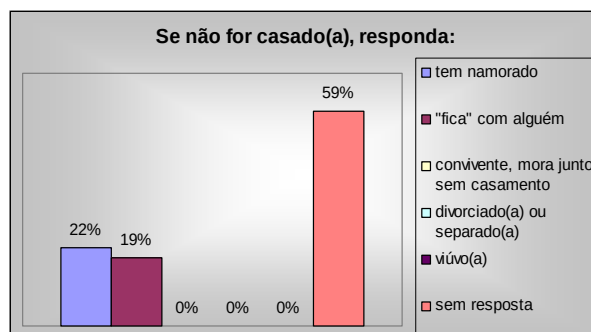


Gráfico 12: Se não for casado (responda): Região NORDESTE

SEXO MASCULINO



Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

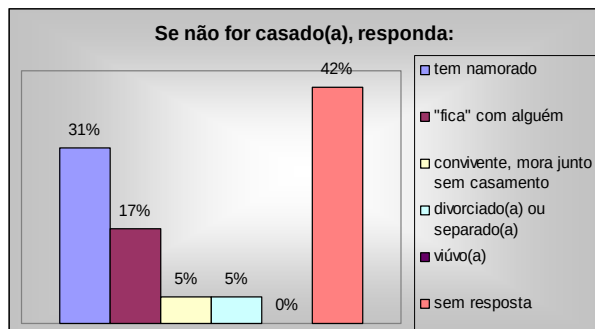
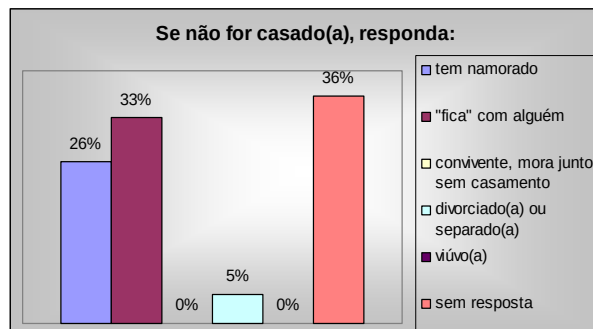


Gráfico 13: Se não for casado (responda): Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO

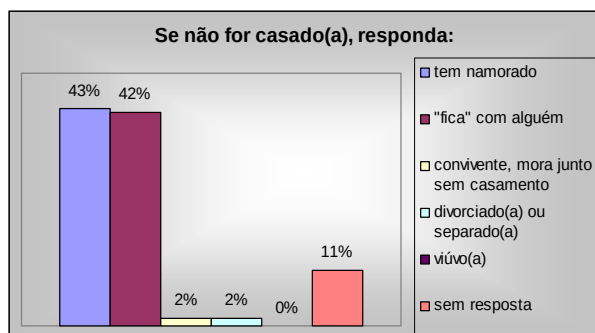
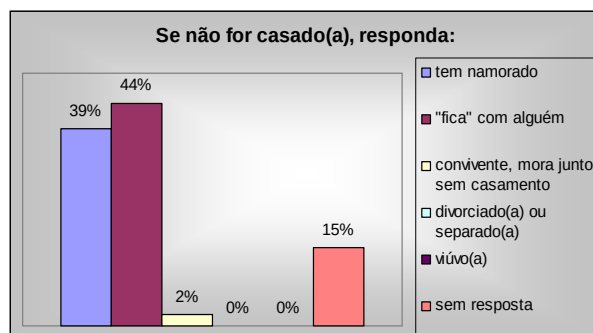


Gráfico 14: Se não for casado (responda): Região SUDESTE

SEXO MASCULINO



Região SUL

SEXO FEMININO

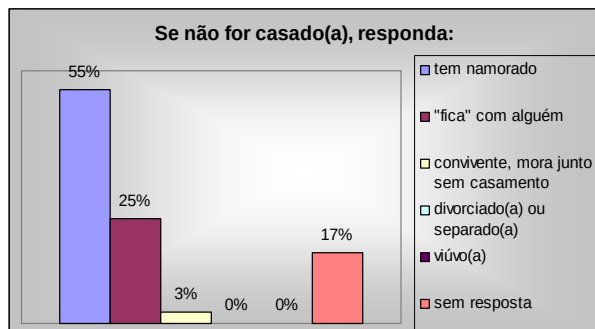
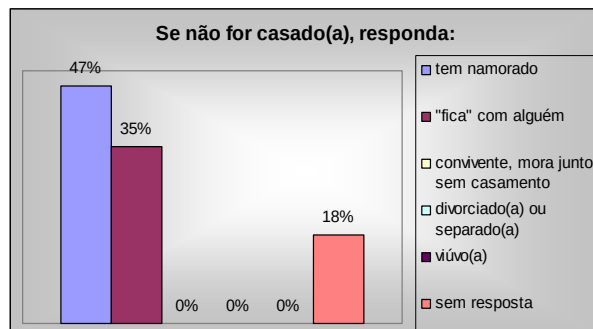


Gráfico 15: Se não for casado (responda): Região SUL

SEXO MASCULINO



✓ Número de filhos

As respostas dadas, tanto pelos indivíduos do sexo masculino quanto pelos indivíduos do sexo feminino, mostram que os jovens ainda não têm filhos. Porém, a falta de resposta para esta questão, em porcentagens significativas, deixa certa dúvida no ar, como por exemplo, na região Centro-Oeste, em que 49% dos jovens responderam que não têm filho e 44% deles nada responderam. O mesmo ocorre na região Sudeste onde 43% dos jovens deixaram de responder esta questão. Quanto às jovens, também é necessário reconhecer que a maioria não tem filhos, porém, também, encontramos porcentagens significativas de jovens que não responderam esta questão.

Esta é uma outra questão em que a falta de resposta foi significativa. Na região Norte temos 71% dos indivíduos do sexo masculino e 68% dos indivíduos do sexo feminino que responderam não ter filhos, porém a falta de resposta girou em torno de 14% para o sexo feminino e 16% para o sexo masculino. Na região Nordeste foram 19% de jovens do sexo masculino que nada responderam, porém 75% de jovens do sexo feminino responderam não ter filhos e 37% de jovens do sexo masculino, desta mesma região, deram a mesma resposta. Contudo é na região Nordeste que observamos que 28% dos jovens nordestinos admitem ter um filho e 13% deles responderam que têm dois filhos. Na região Centro-Oeste, a porcentagem de jovens que não responderam esta questão é grande, sendo que a falta de resposta ocorreu em maior porcentagem (44%) entre os jovens do sexo masculino. A mesma porcentagem (44%) aparece na população feminina desta mesma região, que respondeu não ter filho.

A falta de resposta também é significativa entre os jovens de ambos os sexos nas regiões Sul e Sudeste, sendo que a maior porcentagem (43%) está entre os jovens do sexo masculino da região Sudeste. Ainda na região Sudeste, 34% de jovens do sexo feminino não responderam esta pergunta. Na região Sul ficaram sem dar resposta 28% dos jovens do sexo feminino e 30% do sexo masculino.

Região NORTE

SEXO FEMININO

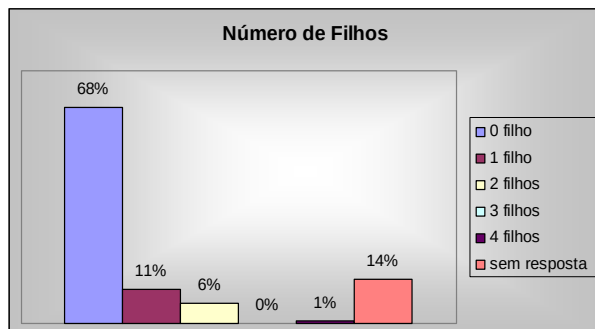
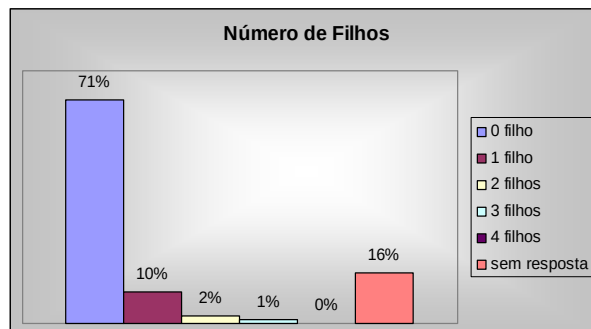


Gráfico 16: Número de filhos: Região NORTE

SEXO MASCULINO



Região NORDESTE

SEXO FEMININO

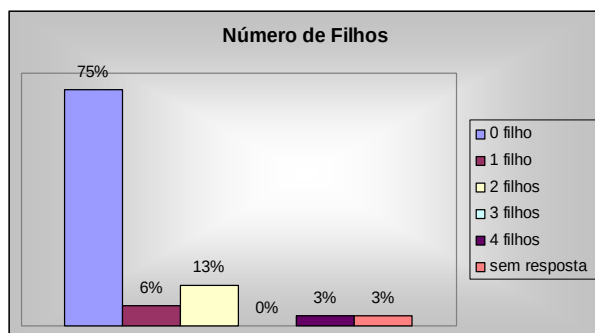
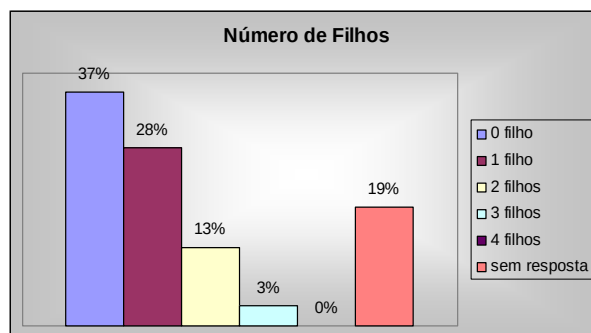


Gráfico 17: Número de filhos: Região NORDESTE

SEXO MASCULINO



Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

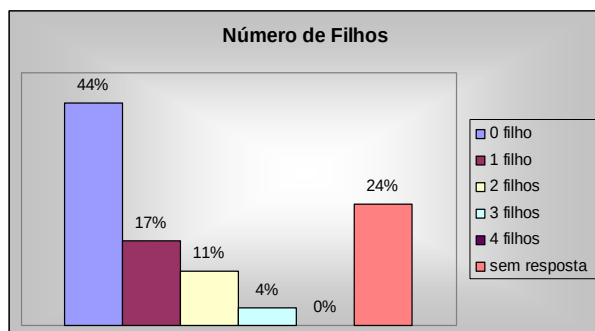
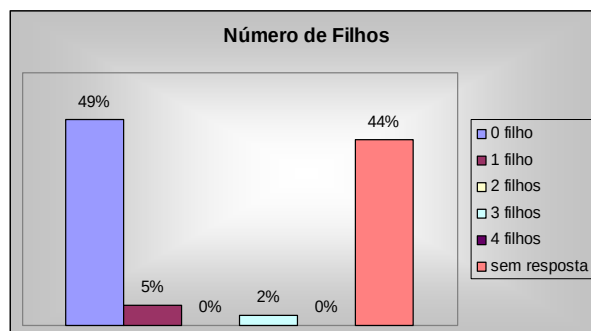


Gráfico 18: Número de filhos: Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO

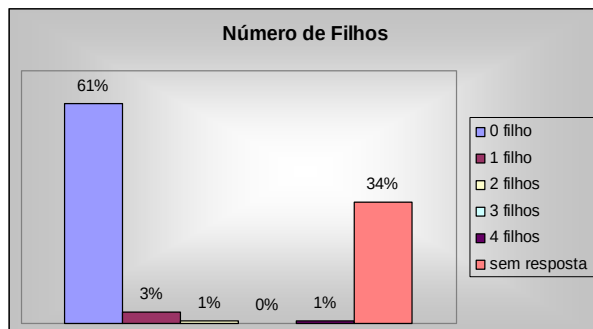
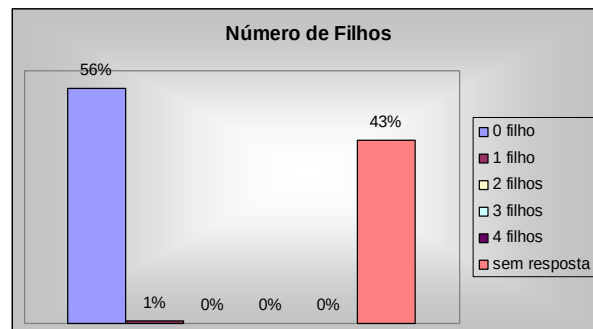


Gráfico 19: Número de filhos: Região SUDESTE

SEXO MASCULINO



Região SUL

SEXO FEMININO

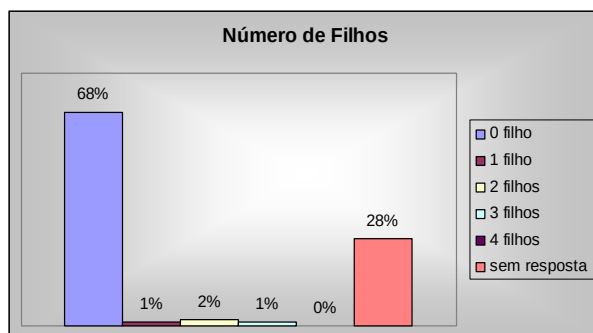
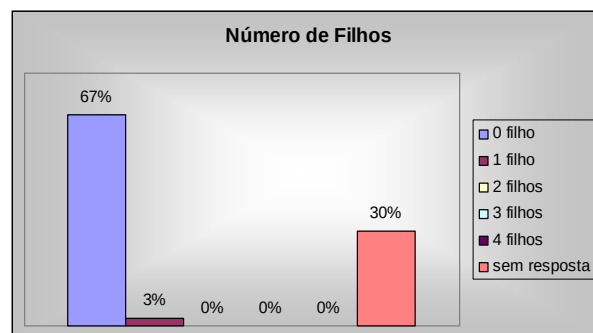


Gráfico 20: Número de filhos: Região SUL

SEXO MASCULINO



TEMA 2: O UNIVERSITÁRIO E O SEXO: COMO OS JOVENS VIVENCIAM A SEXUALIDADE.

Ao abordarmos esses tópicos, procuramos ter uma visão de como os universitários percebem as diferentes dimensões da sexualidade, no que se refere ao início da vida sexual e como essas relações interagem entre si.

✓ Questão 1: Com quantos anos você manteve sua primeira relação sexual?

De acordo com as respostas, percebe-se que a forma de vivenciar o exercício pleno da sexualidade difere entre os jovens. Este fato é percebido pelas diferentes visões, do ponto de vista masculino e feminino.

Ao analisarmos os dados obtidos na pesquisa, pudemos constatar que na região Norte do Brasil os adolescentes, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, na faixa etária entre catorze e quinze anos, já mantiveram a sua primeira experiência sexual. No Nordeste brasileiro, nessa mesma faixa etária, a porcentagem aumenta, sendo maior no sexo masculino do que no sexo feminino. Percebemos, ainda, a interessante porcentagem na questão da falta de resposta e pela negação da relação sexual. Na análise dos dados fornecidos pelos indivíduos do sexo feminino, temos uma igualdade de porcentagem entre as pessoas que apresentaram negação da primeira relação e as que mantiveram sua primeira relação depois dos vinte anos.

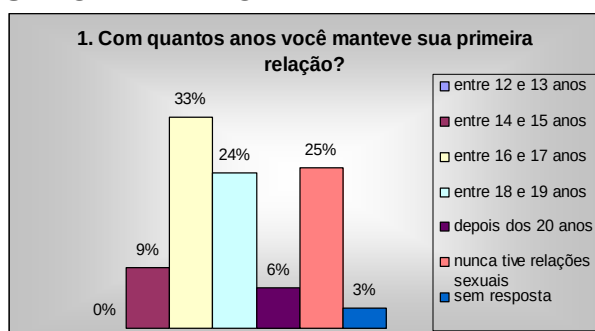
Esta mesma questão na região Centro-Oeste do país nos mostra que no sexo masculino a porcentagem de adolescentes entre catorze e quinze anos que mantiveram a sua primeira relação sexual é grande (34%), como já vimos no Norte e Nordeste do Brasil, sendo que no sexo feminino a primeira relação ocorre em maior porcentagem na faixa etária dos dezesseis e dezessete anos (28%). Na região Sudeste a porcentagem de adolescentes que mantiveram a sua primeira relação sexual nas idades de catorze e quinze anos cai, elevando-se a faixa etária dos dezesseis e dezessete anos no sexo masculino (34%), no sexo feminino a primeira relação ocorre nas idades de dezoito e dezenove anos (28%), seguidos de 27% para a idade entre dezesseis e dezessete anos.

Na região Sul do país a porcentagem da primeira relação sexual, no sexo

masculino, se encontra maior nas idades de dezesseis e dezessete anos(40%), ocorrendo no sexo feminino, na faixa etária entre dezoito e dezenove anos(32%), sendo que a porcentagem no Sul é maior do que no Sudeste.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

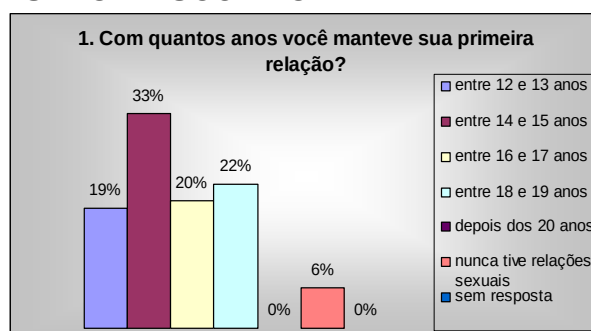
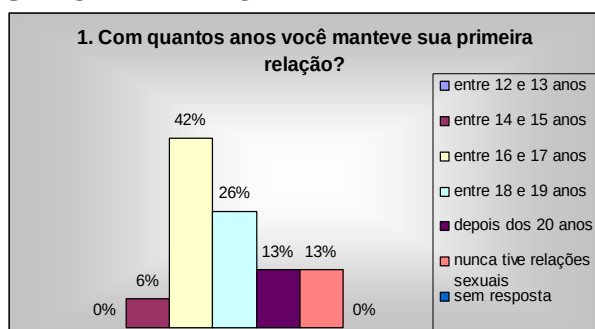


Gráfico 21: Questão 1: Com quantos anos você manteve sua primeira relação sexual?: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

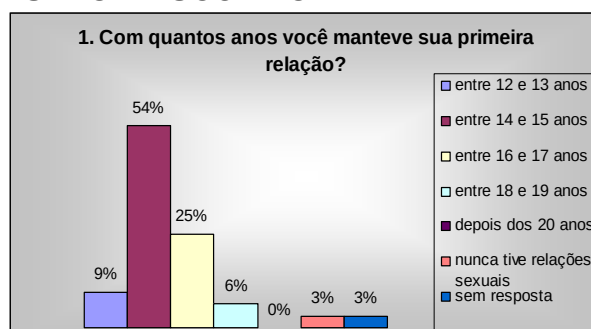
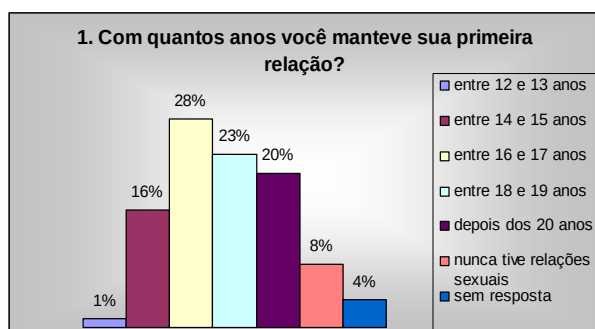


Gráfico 22: Questão 1: Com quantos anos você manteve sua primeira relação sexual?: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

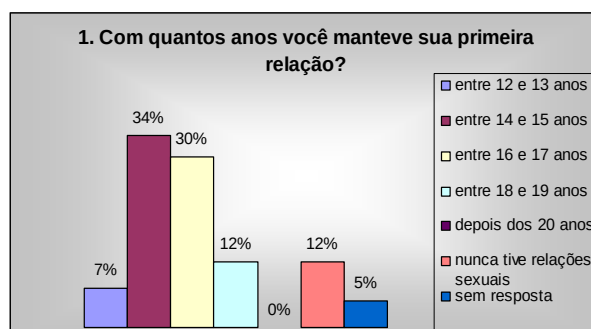
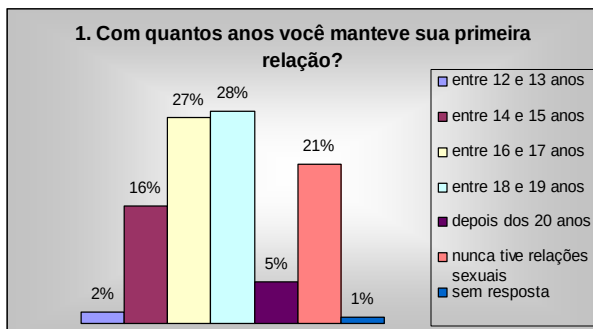


Gráfico 23: Questão 1: Com quantos anos você manteve sua primeira relação sexual?: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

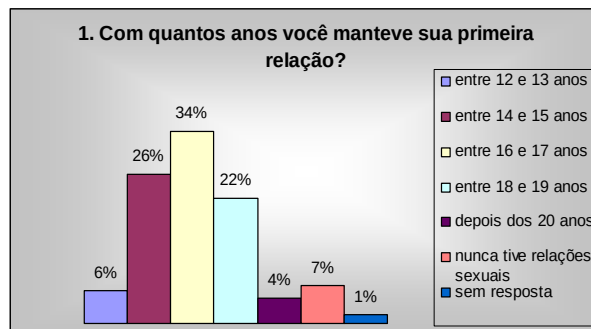
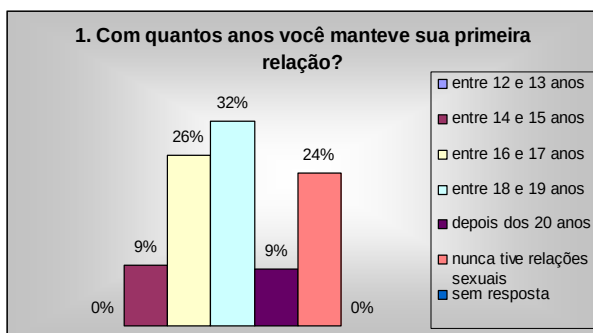


Gráfico 24: Questão 1: Com quantos anos você manteve sua primeira relação sexual?: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

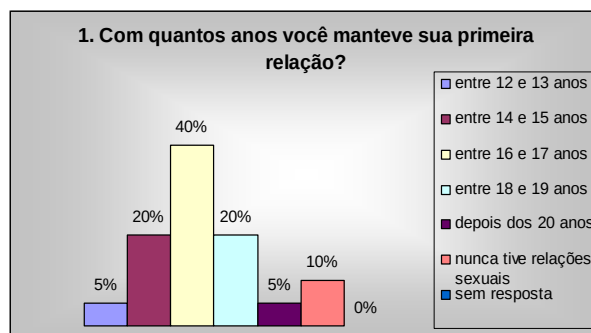


Gráfico 25: Questão 1: Com quantos anos você manteve sua primeira relação sexual?: Região SUL

De acordo com os dados analisados, a maioria dos universitários brasileiros entre 14 e 17 anos já havia tido relações sexuais. É importante salientar que, para o início da sexualidade, não é possível marcar a idade em que ocorrerá a primeira relação sexual, pois tal acontecimento dependerá das circunstâncias e vivências de cada um.

Em concordância com os dados analisados, Vitiello (1997, p.42) afirma que a ocorrência da primeira relação sexual na faixa de 15 a 17 anos é mais comum. Vale aqui voltar para suas análises:

De maneira geral, as adolescentes que não se iniciam sexualmente nessa faixa etária vão começar suas vidas sexuais já em idade adulta, após os 20 anos. Para os rapazes a iniciação sexual é mais tardia, ocorrendo habitualmente entre os 17 e os 20 anos, até porque em nossa sociedade as mulheres de qualquer faixa etária são mais freqüentemente atraídas por homens mais velhos. Dados norte-americanos recentes mostram que isso ocorre também nos países do primeiro mundo, pois lá 75% das mulheres aos 19 anos já mantém vida sexual ativa, na maioria das vezes pré-conjugal. (VITIELLO, 1997, p.42)

Em outro estudo realizado por Frida; Andrade Silva (1995, p.87), a constatação sobre o início das relações sexuais de adolescentes da Ilha de Paquetá, foi idêntica.

Segundo os autores:

Importante notar que, quanto ao comportamento sexual propriamente dito, verificou-se que quase a totalidade dos rapazes e menos da metade das moças estudadas já tiveram relações sexuais e que o início destas atividades, nos rapazes, aconteceu mais cedo do que para as moças: a média de idade da primeira relação é de 13 anos para os rapazes e de 15 anos para as moças e a maioria dos adolescentes, independentemente do gênero, não fez uso de preservativos na primeira relação sexual e, quanto mais cedo estas relações aconteceram, a não utilização do preservativo foi uma constante. (FRIDA; ANDRADE, 1995, p.87)

É fundamental e importante saber/sentir quando é o momento para que ocorra a relação sexual. O que realmente importa é que esse momento único e especial dever ser feito de maneira responsável, livre e, principalmente, respeitando os desejos de cada um, para a plena realização da própria sexualidade.

De acordo com Monesi (1993, p.99), a escolha do momento é extremamente importante.

A escolha do momento do ato sexual depende dos interesses individuais e da superação do momento anterior, ou seja, da escolha da pessoa com quem ele quer se envolver. A hora e o local em que os adolescentes desejam que aconteça a relação sexual, vencendo seus medos, são mágicos, e a dinâmica psicológica sofre uma “implosão de receios e dúvidas”. Eles tentarão concretizar, com grande expectativa, o encontro afetivo sobre o qual fantasiaram anteriormente. Acontece então a relação sexual propriamente dita.

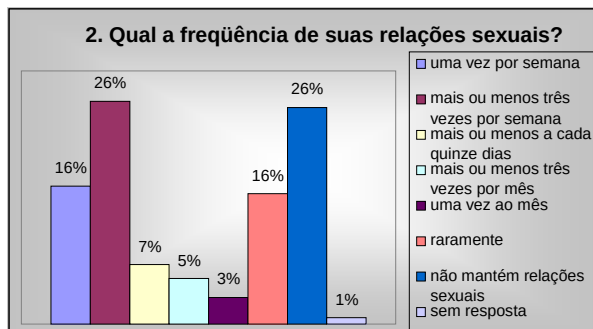


Questão 2: Qual a frequência de suas relações sexuais?

A pesquisa, realizada por meio de questionários enviados para todas as regiões brasileiras, nos mostra que o sexo masculino na região Norte tem a maior porcentagem, na maior frequência de relações sexuais (41%) - mais ou menos três vezes por semana - comparada com as outras regiões brasileiras. Porém, vemos, também, que na análise dos dados do sexo feminino, nesta mesma Região, a frequência de relações sexuais empata em porcentagem com a negação em manter relações (26%).

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

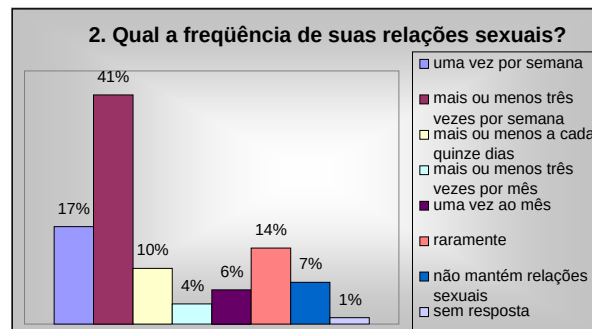
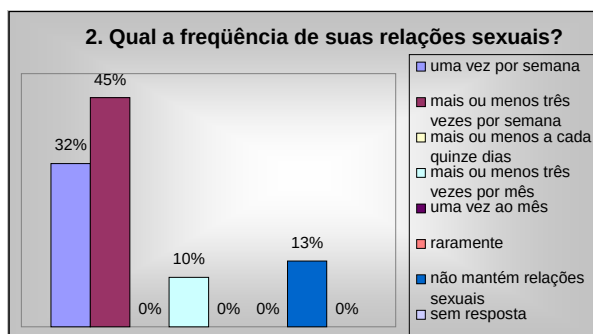


Gráfico 26: Questão 2: Qual a frequência de suas relações sexuais?: Região NORTE

Na região Nordeste do Brasil nota-se que o sexo feminino apresenta uma grande porcentagem na frequência de relações sexuais, porém, é na região Centro-Oeste que está a maior porcentagem de indivíduos do sexo feminino que afirmam ter maior frequência nas relações sexuais (53%). Enquanto o sexo masculino no Nordeste brasileiro afirma ter mais ou menos três relações sexuais por semana (considerada maior frequência), a resposta de mais ou menos três vezes por mês (considerada pequena frequência) empata na porcentagem (38%).

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

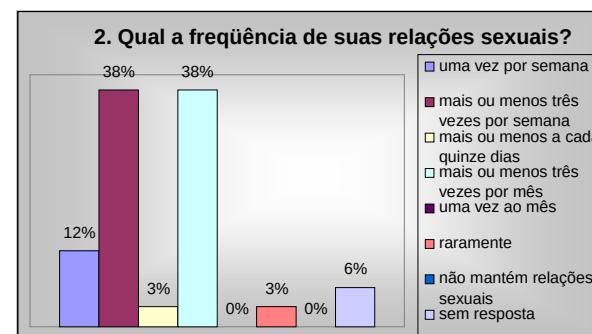
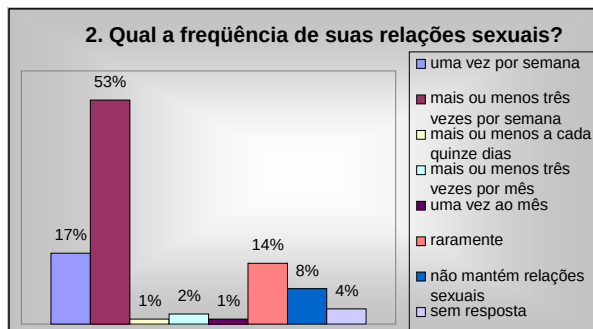


Gráfico 27: Questão 2: Qual a frequência de suas relações sexuais?: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

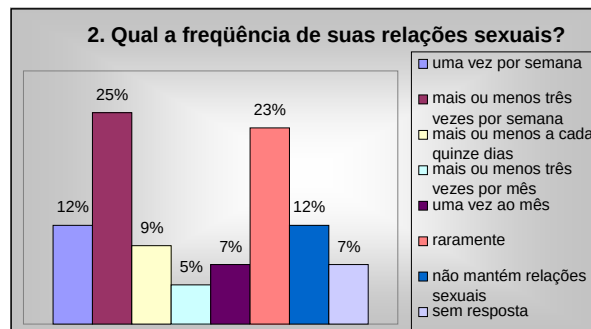
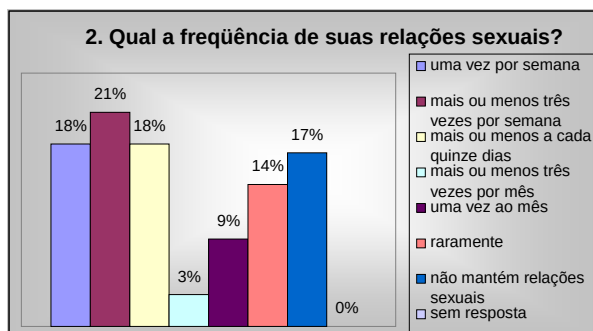


Gráfico 28: Questão 2: Qual a frequência de suas relações sexuais?: Região CENTRO-OESTE

Voltando ao Centro-Oeste, é possível observar que a maior frequência (25%) predomina entre os indivíduos do sexo masculino, mas, esta é seguida pela resposta que raramente tal relação ocorre (23%). Na Região Sudeste, encontramos uma baixa frequência nas relações sexuais entre o sexo masculino, sendo que, apenas uma vez por semana predomina (21%), seguida por raramente tal relação ocorre (20%). No sexo feminino desta mesma região, temos um empate nas porcentagens entre uma vez por semana e mais ou menos a cada quinze dias (18%). Na região Sul do Brasil o empate ocorre na maior frequência (mais ou menos três vezes por semana) entre os sexos masculino e feminino (27%), e 25% das sulistas afirmam que não mantém relações sexuais.

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

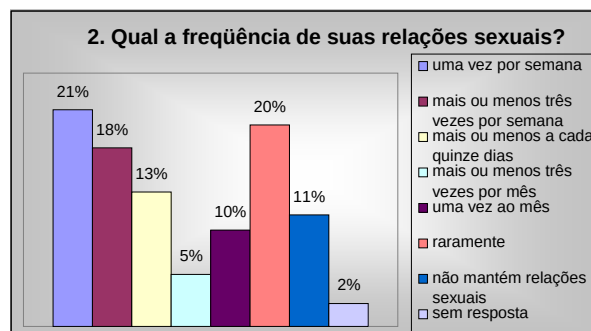
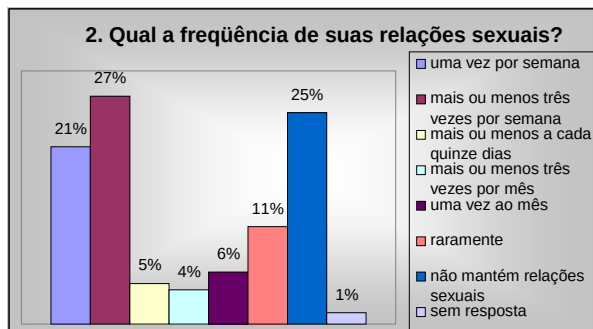


Gráfico 29: Questão 2: Qual a frequência de suas relações sexuais?: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

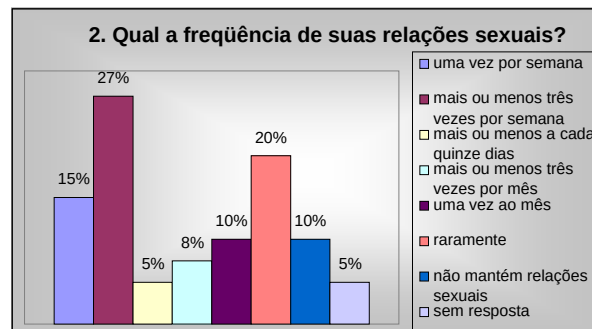


Gráfico 30: Questão 2: Qual a frequência de suas relações sexuais?: Região SUL

Num período de inúmeras descobertas a vivência das relações sexuais, desperta grandes emoções e ao mesmo tempo a satisfação com o ato sexual.

De acordo com Monesi (1993, p.100):

A satisfação que os adolescentes sentem numa relação sexual completa é a base para a continuidade do desenvolvimento das próximas vivências sexuais. Assim, a satisfação com o ato sexual é a responsável pela motivação dos adolescentes para outros encontros amorosos. O adolescente irá buscar novas experiências e, assim, continuará “caminhando e construindo” suas próprias histórias rumo à maturidade sexual.



Questão 3: Assinale o local onde você mantém o maior número de relações sexuais.

O local onde ocorre o maior número de relações sexuais, segundo as respostas enviadas nos questionários, em todas as regiões brasileiras, tanto no sexo masculino quanto no sexo feminino, é o “a própria casa”. Esta porcentagem somente se diferencia do restante das demais regiões, nos indivíduos do sexo masculino da região Nordeste, pois 37% deles responderam utilizar lugares isolados e escuros para manter suas relações sexuais. Na região Centro-Oeste, apenas 6% dos indivíduos do sexo feminino responderam usar o “motel” como local para manter o maior número de relações sexuais.

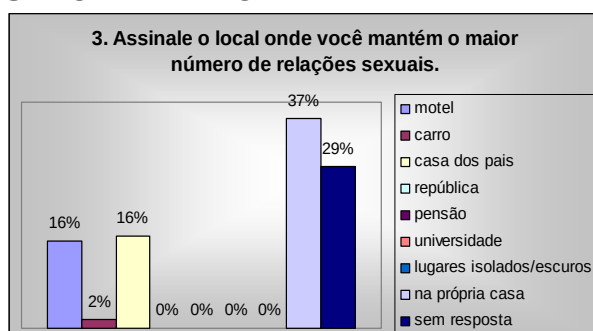
Na região Sudeste há um certo equilíbrio nas respostas obtidas pelos universitários. Tanto o sexo masculino como o feminino preferem manter suas relações sexuais na própria casa, embora 23% do sexo feminino nada responderam.

Na região Sul temos novamente um equilíbrio nas respostas de ambos os

sexos, em relação ao local onde há maior incidência de relações sexuais. No sexo masculino (33%), responderam que utilizam o motel e a mesma porcentagem a casa dos pais.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

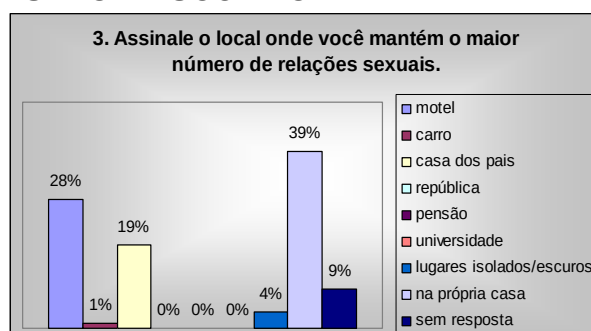
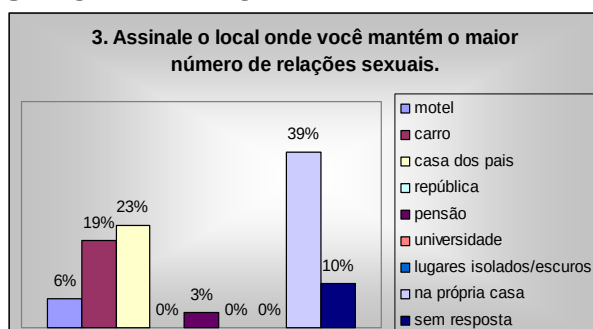


Gráfico 31: Questão 3: Assinale o local onde você mantém o maior número de relações sexuais.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

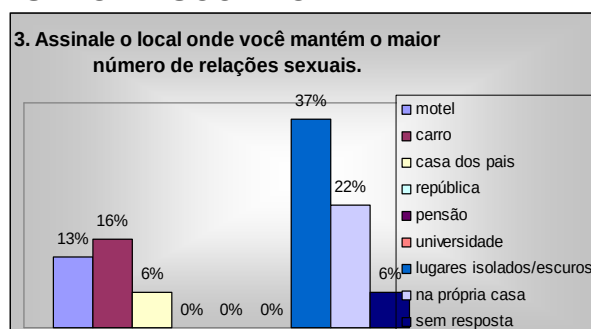
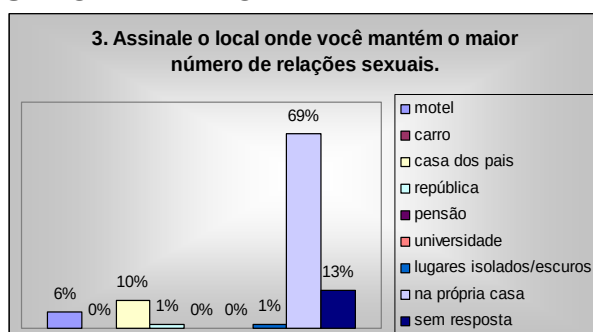


Gráfico 32: Questão 3: Assinale o local onde você mantém o maior número de relações sexuais.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

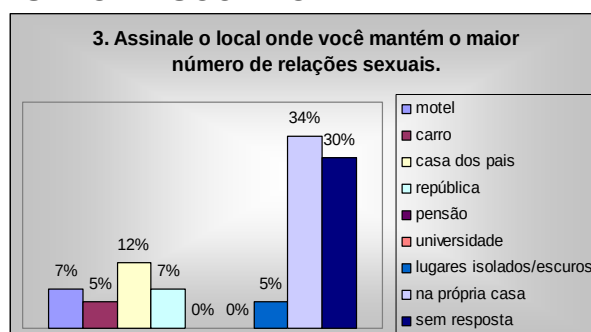
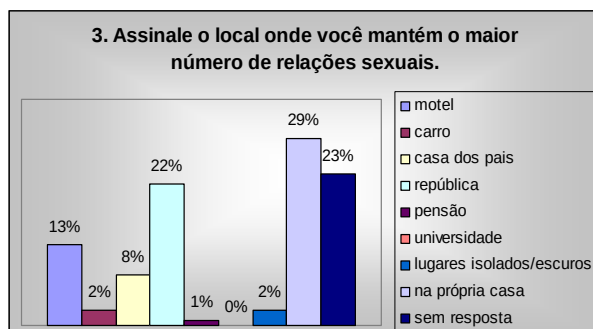


Gráfico 33: Questão 3: Assinale o local onde você mantém o maior número de relações sexuais.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

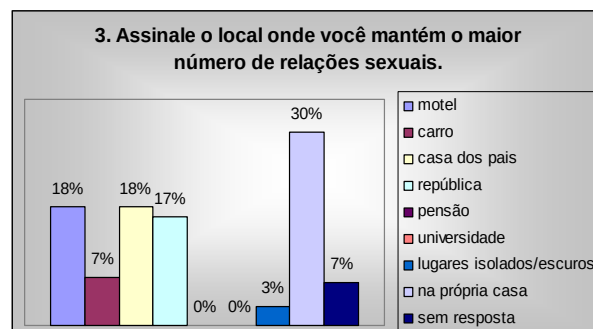
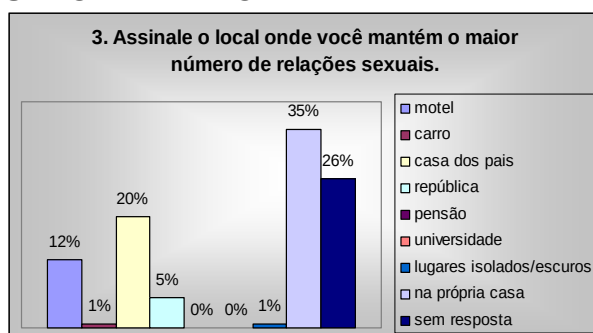


Gráfico 34: Questão 3: Assinale o local onde você mantém o maior número de relações sexuais.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

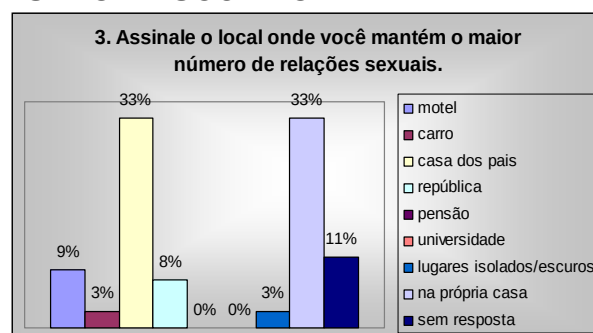


Gráfico 35: Questão 3: Assinale o local onde você mantém o maior número de relações sexuais.: Região SUL



Questão 4: Com quem você conversa sobre sexo?

Segundo as respostas fornecidas, é possível observar que em todas as regiões brasileiras a conversa sobre sexo é compartilhada com amigos, tanto do sexo masculino como do sexo feminino. Percebemos apenas uma pequena diferença entre os indivíduos do sexo feminino da região Nordeste. Tal conversa, para 33% ocorre com o namorado e para 30%, com os amigos.

Região NORTE

SEXO FEMININO

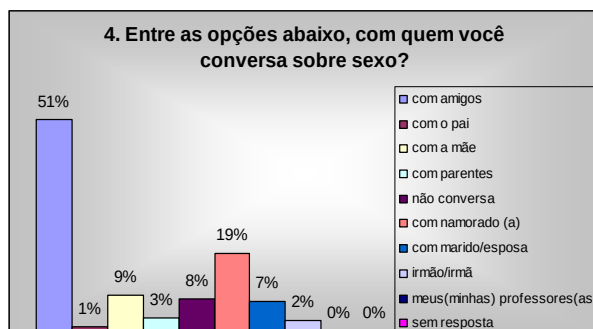
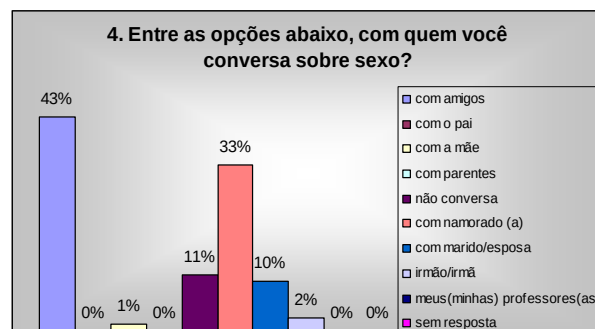


Gráfico 36: Questão 4: Com quem você conversa sobre sexo?: Região NORTE

SEXO MASCULINO



Região NORDESTE

SEXO FEMININO

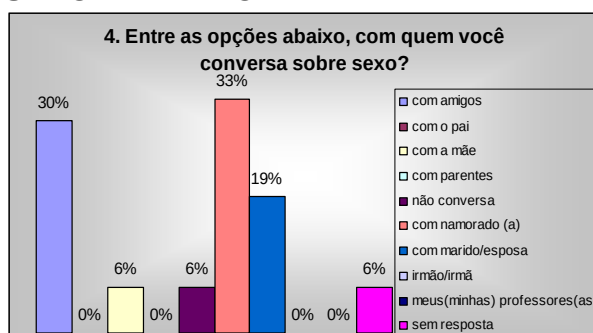
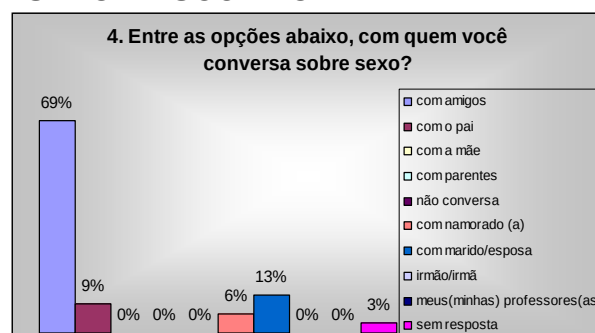


Gráfico 37: Questão 4: Com quem você conversa sobre sexo?: Região NORDESTE

SEXO MASCULINO



Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

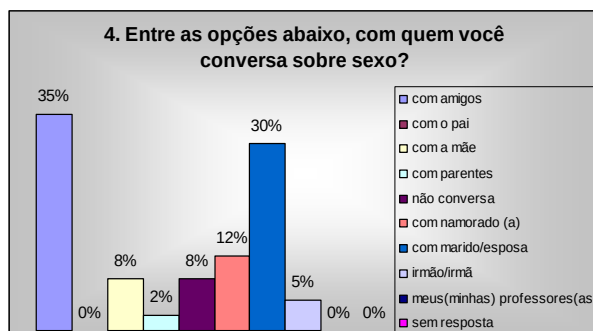
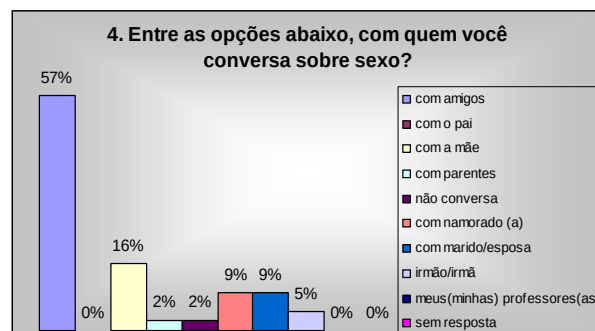


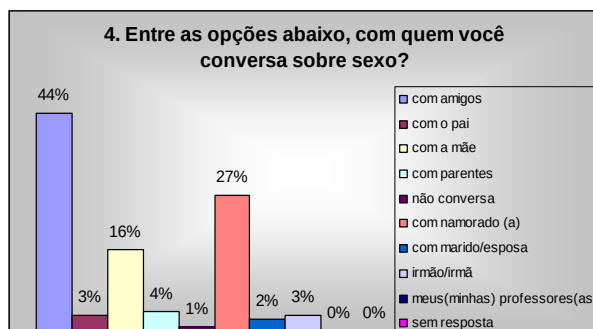
Gráfico 38: Questão 4: Com quem você conversa sobre sexo?: Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

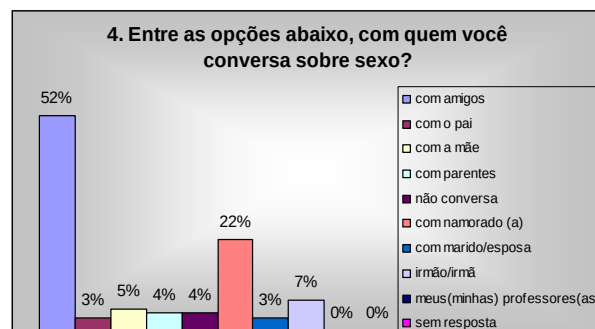
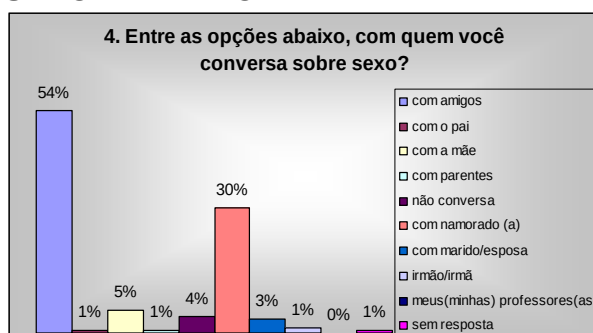


Gráfico 39: Questão 4: Com quem você conversa sobre sexo?: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

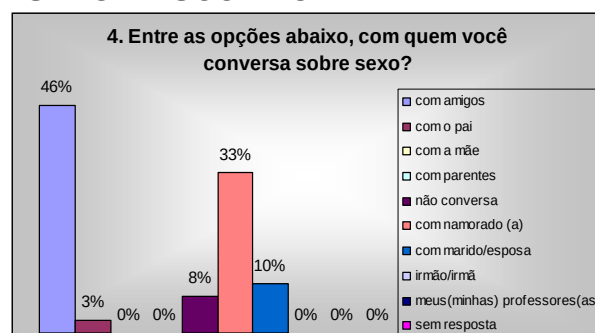


Gráfico 40: Questão 4: Com quem você conversa sobre sexo?: Região SUL

Os gráficos apontam um fato que deve ser ressaltado neste momento, ou seja, os jovens não mantêm diálogo com os pais sobre sexualidade.

Tanto os jovens do sexo feminino quanto do sexo masculino conversam sobre sexualidade com amigos e namorados, mas, raramente com os pais. A mesma constatação foi realizada por Abramovay et al. (2004, p.111):

A socialização dos jovens no campo da sexualidade se dá principalmente entre os pares, quando as conversas sobre o tema têm lugar privilegiado, seja porque conversar com os amigos é mais agradável ou mais fácil, seja porque o diálogo com os pais é dificultado por fronteiras de geração.

A pesquisa realizada pelas autoras retrata a não dificuldade que os jovens sentem em conversar com os pais sobre a temática.

De acordo com Rua e Abramovay (2001, p.156), metade dos jovens pesquisados indicam que colegas ou amigos são os que mais lhe informam sobre sexo: 44% em Salvador a 55% em Florianópolis. Contudo, tais proporções estão muito próximas às registradas para o caso das mães. O que sugere que ambos, amigos e pais (principalmente as mães), são fontes importantes, ainda que, de

acordo com o interlocutor, o diálogo e o conteúdo da conversa possam variar. (ABRAMOVAY et al., 2004, p.11)

Infelizmente, na grande maioria das famílias brasileiras, existe pouco diálogo sobre esse tema. Numa época de grande preocupação com as DST e a AIDS, a falta de diálogo mais profundo sobre a vida sexual dos filhos apresenta sinais de vulnerabilidade. Os amigos são a principal fonte de informações e resoluções de dúvidas sobre sexo.

De acordo com Trindade; Schiavo (1995, p.76), a família está distante de cumprir esse papel.

A família está distante de cumprir o papel de informar e esclarecer, às meninas, a importância da prevenção nas relações sexuais e pai e mãe mostraram-se pouco presentes neste papel. Apesar de vivermos numa sociedade conceituada como moderna, muitos pais ainda têm dificuldades para falar de sexualidade com suas filhas, gerando desinformação, desconhecimento e, conseqüentemente, maior vulnerabilidade.

Segundo Frida; Andrade-Silva (1995, p.67), em pesquisa realizada na Ilha de Paquetá, também constataram a ausência de diálogo no âmbito familiar:

A educação sexual efetua-se de maneira informal e formal. Informalmente, ela acontece nas situações do cotidiano, onde a família, os amigos e os meios de comunicação encontram-se como seus principais agentes. Pelas dificuldades da família em dar informações mais claras, no que se refere aos questionamentos sexuais, muitas vezes os jovens encontram-se entregues aos impulsos de seu próprio organismo aos estímulos da mídia e às pressões e modismos de seus grupos de iguais.



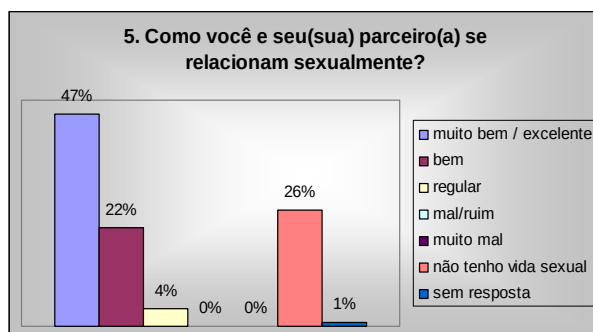
Questão 5: Como você e seu (sua) parceiro(a) se relacionam sexualmente?

Nesta questão percebemos que, no sexo feminino, a unanimidade está na resposta de que a relação está muito bem à excelente. Porém, os indivíduos do sexo masculino colocam porcentagens expressivas nesta relação, 59% no Norte e 72% no Nordeste acreditam que a relação é muito boa e excelente. Percebemos que os pertencentes ao sexo masculino no Sul e no Sudeste, equilibram as suas respostas, sendo que, 44% no sul e 39% no Sudeste afirmam ser a relação muito boa à excelente, no entanto, 29% do sexo masculino no Sul e 33% do mesmo sexo no

Sudeste respondem que a relação sexual é boa. Em contrapartida nota-se que na região Centro-Oeste 44% dos indivíduos do sexo masculino (maior porcentagem) deixaram de responder esta questão.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

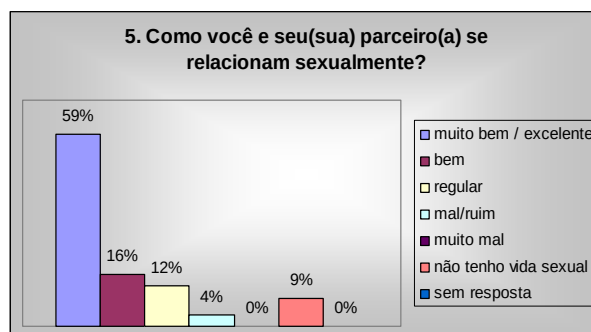
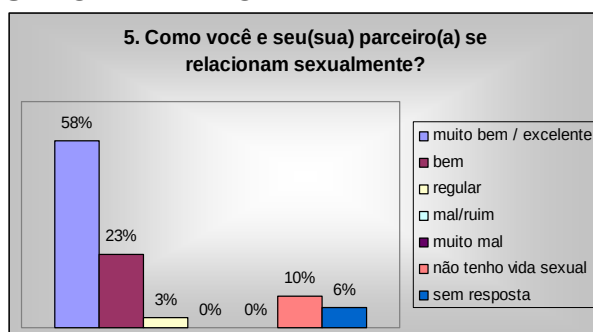


Gráfico 41: Questão 5; Como você e seu (sua) parceiro(a) se relacionam sexualmente?: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

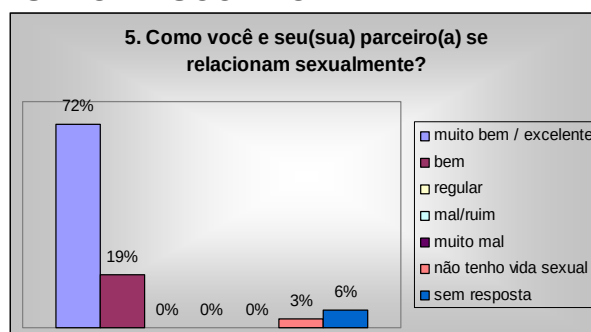
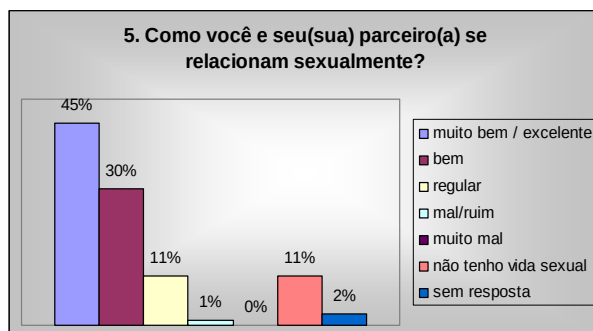


Gráfico 42: Questão 5; Como você e seu (sua) parceiro(a) se relacionam sexualmente?: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

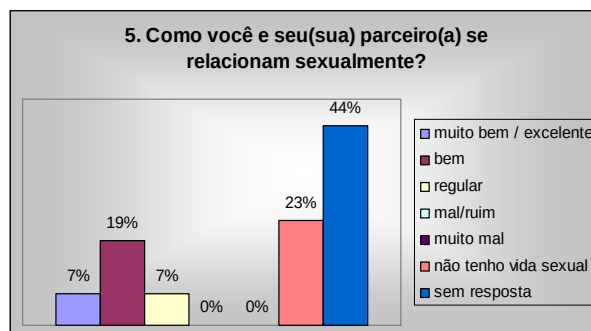
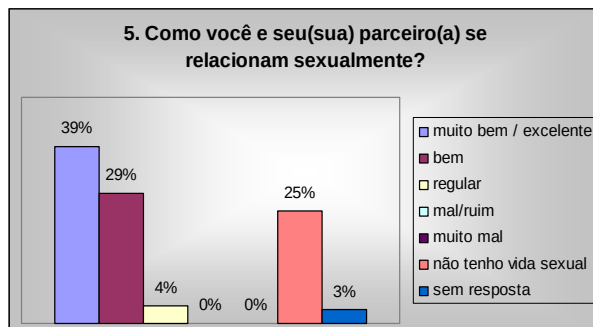


Gráfico 43: Questão 5; Como você e seu (sua) parceiro(a) se relacionam sexualmente?: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

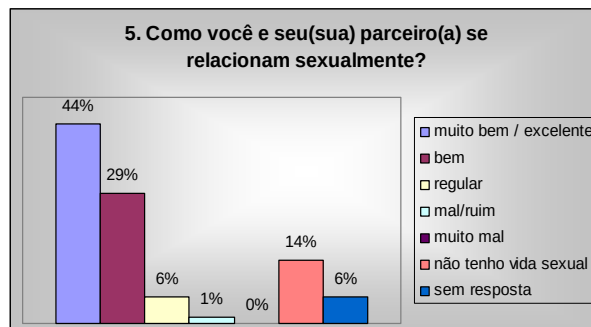
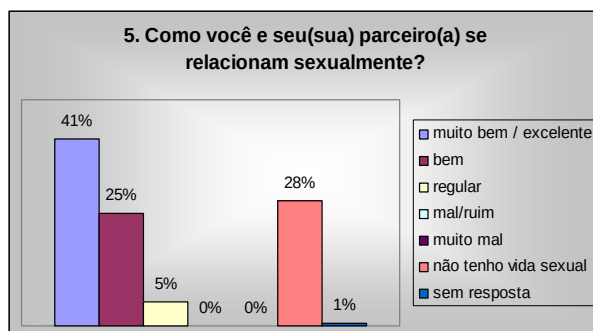


Gráfico 44: Questão 5; Como você e seu (sua) parceiro(a) se relacionam sexualmente?: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

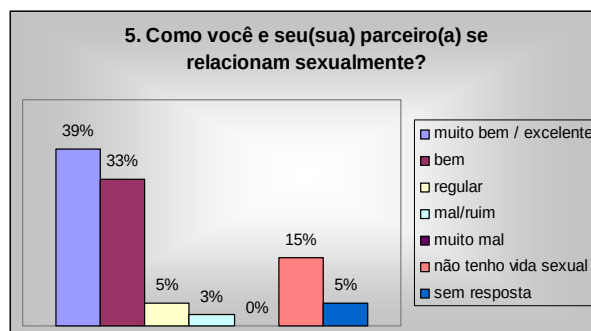


Gráfico 45: Questão 5; Como você e seu (sua) parceiro(a) se relacionam sexualmente?: Região SUL

É no exercício da sexualidade que se encontram dificuldades em se conceituar o normal para uma vivência sexual.

De acordo com Vitiello (1997, p.47-8), para saber se nossa sexualidade é satisfatória ou não, devemos responder com sinceridade algumas questões.

Na verdade, para saber se nossa sexualidade está sendo normalmente exercida, deve-se responder a indagação sobre se é ela satisfatória. Estou contente com minha sexualidade? Exerço-a prazerosamente? Estou satisfeito com a frequência e com a maneira em que a exerço? Minha parceira (ou meu parceiro), por quem tenho afeto e a quem me é importante satisfazer, está feliz com esses parâmetros? A isso, a essa satisfação com o exercício da própria sexualidade, costuma-se denominar de “adequação sexual”. Quando essa adequação não existe, ou seja, quando se está insatisfeito com a prática da sexualidade, denomina-se a isso de “inadequação sexual”, que em última análise é o objeto de todas as correntes de terapia sexual, quer as de fundo orgânico, quer as de fundamentação psicológica. Em resumo, poderíamos dizer que o “normal” em sexualidade se resume ao satisfazer-se e satisfazer sexualmente seu parceiro ou sua parceira, desde que isso não traga riscos ou danos a si mesmo, ao (ou à) parceiro e ao meio social. Dentro desse princípio, o que cada pessoa ou cada par faz no âmbito restrito de

suas vidas privadas só a eles próprios interessa, cabendo a nós, como indivíduos e como membros da sociedade, respeitar as naturais e enriquecedoras diferenças que fazem do ser humano algo de tão maravilhoso. (VITIELLO, 1997, p.47-8)

Segundo Kusnetzoff (1987, p.26-27) um casal sexualmente feliz é aquele que apresenta felicidade emocional em qualquer área da vida em comum. Observa que:

[...] é que queremos deixar bem claro que é difícil ser sexualmente feliz, se não houver felicidade emocional em qualquer outro campo da vida em comum.

A comunicação, o intercâmbio de opiniões, de gostos, de desejos íntimos, é componente essencial das boas relações conjugais. Quando existem essas características, é muito fácil querer ir para a cama com o parceiro ou parceira. É possível compartilhar a sensibilidade, o intercâmbio corporal e as emoções simultâneas, se já houve uma experiência semelhante em outras atividades, se já foram compartilhadas outras pequenas ou grandes sensações, fatos, dificuldades cotidianas [...]. (KUSNETZOFF, 1987, p.26-27)



Questão 8: Com qual categoria você costuma ter mais relações sexuais?

Segundo as respostas da pesquisa, na maioria das regiões brasileiras, a afirmação se encontra nas relações sexuais ocorridas com o(a) namorado(a). Temos uma pequena diferença na porcentagem nas relações entre marido e mulher na região Nordeste entre os indivíduos do sexo masculino e na região Centro-Oeste entre os indivíduos do sexo feminino.

O que chama a atenção nesta resposta é a constatação de que os indivíduos do sexo feminino que se encontram no Nordeste brasileiro não costumam ter relações sexuais sem parceiro definido, de acordo com respostas obtidas. Porém, nas demais regiões brasileiras, todos os indivíduos do sexo masculino, em pequena ou grande porcentagem, ainda se relacionam sem parceiros definidos, notando-se maior porcentagem para os da região Sudeste (27%), o mesmo ocorrendo com os indivíduos do sexo feminino, exceto os do Nordeste.

Região NORTE

SEXO FEMININO

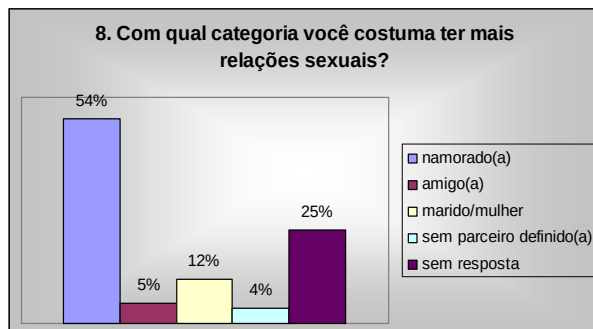
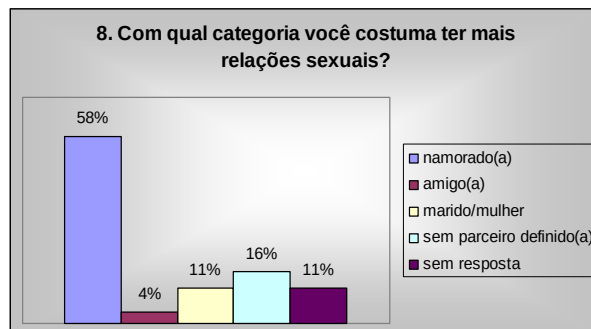


Gráfico 46: Questão 8: Com qual categoria você costuma ter mais relações sexuais?: Região NORTE

SEXO MASCULINO



Região NORDESTE

SEXO FEMININO

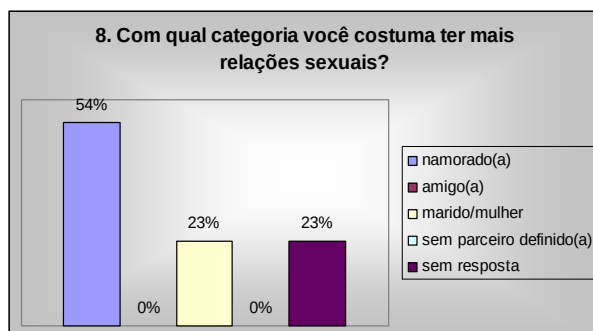
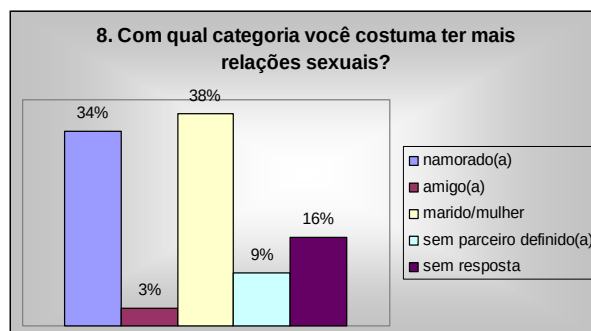


Gráfico 47: Questão 8: Com qual categoria você costuma ter mais relações sexuais?: Região NORDESTE

SEXO MASCULINO



Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

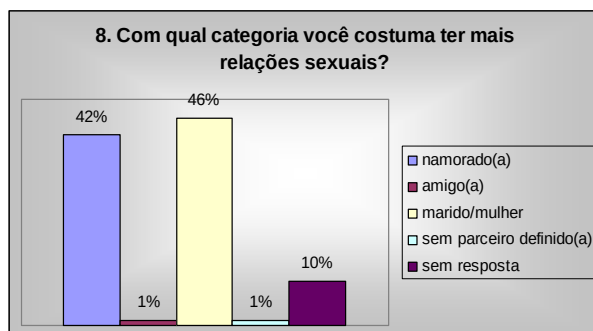
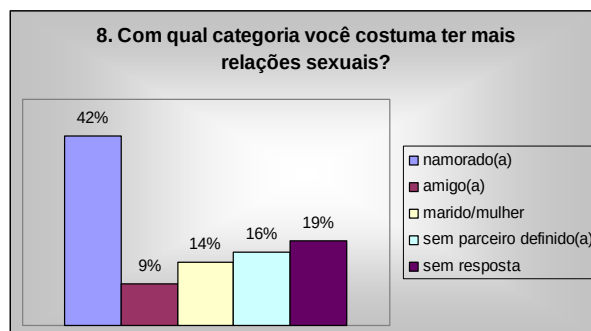


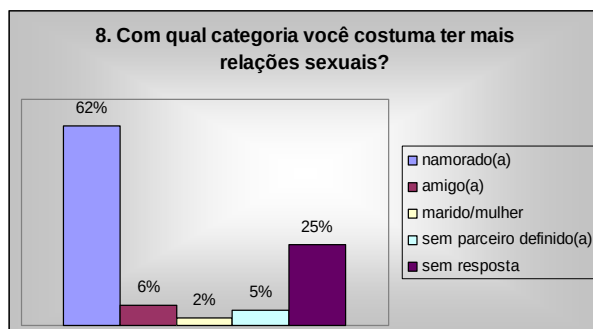
Gráfico 48: Questão 8: Com qual categoria você costuma ter mais relações sexuais?: Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

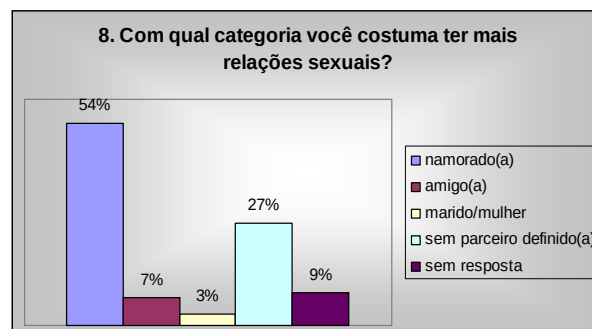
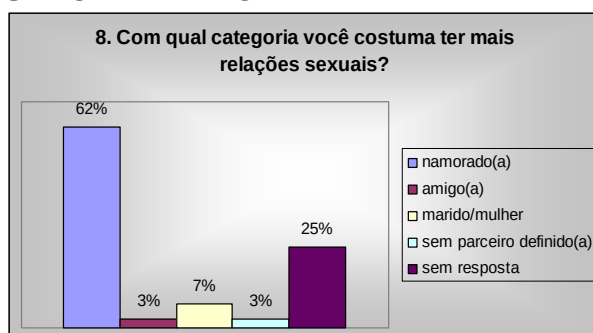


Gráfico 49: Questão 8: Com qual categoria você costuma ter mais relações sexuais?: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

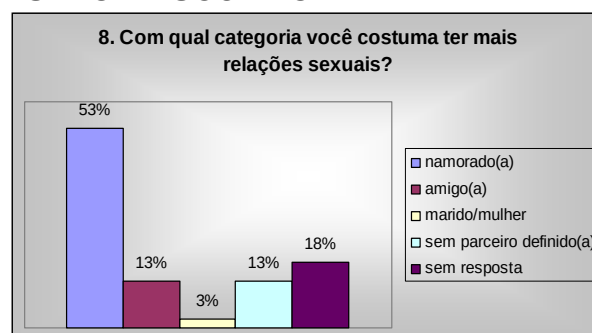


Gráfico 50: Questão 8: Com qual categoria você costuma ter mais relações sexuais?: Região SUL

Nota-se que, em pesquisa realizada anteriormente (ZAMPIERI, 2002), foi constatado que os jovens do Estado de São Paulo, de ambos os sexos, com idade de 18 a 23 anos, que participaram da pesquisa têm preferência por relações duradouras a partir de vínculos mais estreitos.

No mesmo sentido Zagury (1996, p.172) entrevistou jovens residentes em 16 estados brasileiros e sobre as relações duradouras, observa:

A maioria dos jovens não está por aí, aloucada, transando com um, com outro, com muitos. Eles têm, sim, liberdade sexual, mas são mais calmos em relação ao assunto do que foi a nossa geração, que precisava provar muita coisa, romper com tudo, lutar pelo direito de decidir sua vida. Agora não. Eles sentem-se tranquilos, as coisas vão acontecendo sem muita pressa — mesmo que cedo — com uma namoradinha ou namoradinho de que gostem, com carinho e afeto. É uma conquista e tanto. **Fruto da nossa luta**, mas um passo à frente dela. Os rapazes não se sentem mais tão obrigados a provar cedo que são homens. A ir a um prostíbulo mal têm a primeira ereção [...]. As meninas também têm, em grande parte, a cabeça no lugar. Não se sentem *encalhadas* se, aos vinte e quatro anos, estão solteiras ou sem par [...]. Começam a *transar* sim, mas não loucamente, e também não com todos os namoradinhos. Com certeza, a maioria

dos nossos jovens adolescentes não é promíscua, mas é livre sexualmente.

Uma proporção igual de adolescentes de ambos os sexos relatou que as relações sexuais estão sendo compartilhadas com pessoas que apresentam vínculo afetivo, como, por exemplo, namorados ou noivos.

Sobre a formação de vínculos mais sólidos, Vitiello (1997, p.30) afirma que

[...] devemos desmitificar alguns dos conceitos (ou preconceitos) dos adultos, com relação à sexualidade dos adolescentes. Como norma geral, importa afirmar que os jovens não são promíscuos, ao menos no sentido que os adultos dão a esse termo. As mudanças ocorridas quanto à iniciação sexual nas últimas 2 ou 3 décadas, as quais já nos referimos, são acompanhadas de notável fidelidade, talvez até mais acentuada do que entre os próprios adultos. Mesmo que existam as naturais e inevitáveis exceções, de maneira geral os jovens de ambos os sexos são fiéis aos seus parceiros, ocorrendo o que se convencionou chamar de “monogamia seriada”, isto é, as pessoas podem trocar de par com alguma frequência mas, enquanto juntos, são mutuamente fiéis.

Em concordância com a citação acima, Patta; Borsatto (2000, p.38) escrevem:

Hoje em dia, embora ainda permaneçam sob muitos aspectos as mesmas dificuldades na aquisição da indeneidade desenvolveram-se outros mecanismos para facilitar a maturação psicosssexual. A iniciação sexual, por exemplo, é quase sempre feita entre adolescentes do mesmo grupo, sendo raras as incursões à prostituição.



Questão 11: Indique, na sua ordem de preferência (1º, 2º, 3º, 4º e 5º), que tipo de prática ou ato sexual você costuma utilizar.

Por meio das respostas fornecidas na pesquisa percebemos que o sexo vaginal tem a maior porcentagem da preferência em ambos os sexos, chegando a 83% nos indivíduos do sexo masculino nas regiões Nordeste, Sul e Sudeste. A maior preferência por esse tipo de prática entre os indivíduos do sexo feminino, concentra-se na região do Nordeste brasileiro, com 96% das respostas.

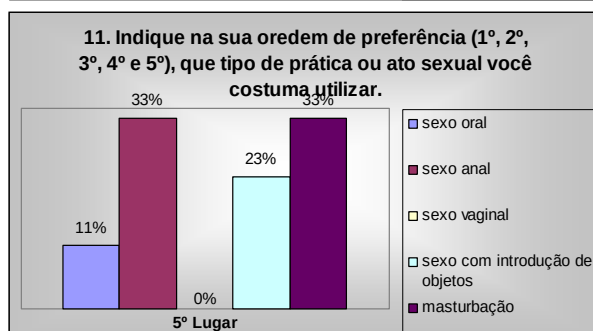
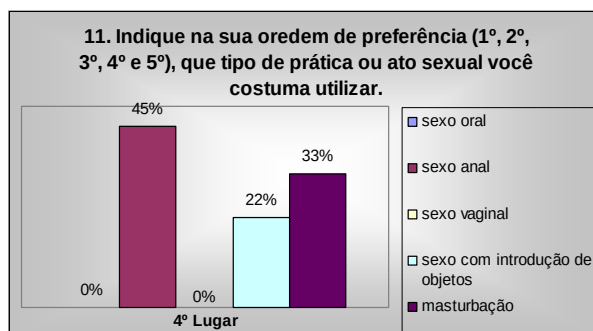
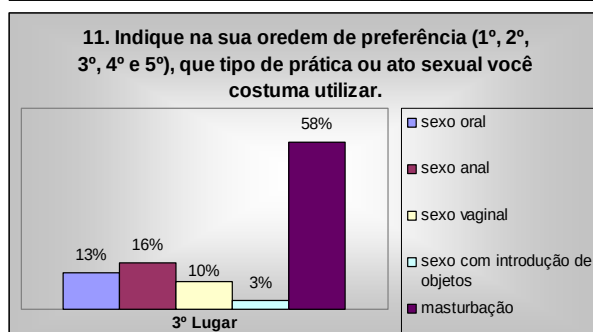
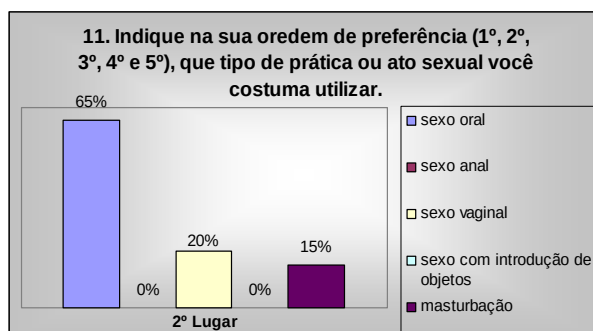
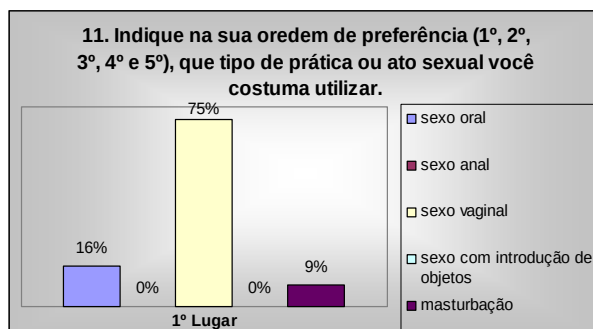
Quanto à preferência por outros tipos de prática ou ato sexual entre o sexo masculino e o sexo feminino, em segundo lugar vem o sexo oral, diferenciando a partir do terceiro e quarto lugares, ficando para o sexo masculino a masturbação.

Apenas os indivíduos do sexo masculino da região Norte responderam ter a preferência em terceiro lugar pelo sexo anal, em nenhuma outra região brasileira entre os indivíduos do sexo masculino esta prática sexual foi escolhida como preferencial. Em quinto lugar, para o sexo masculino, ficou o sexo com introdução de objetos.

Nos indivíduos do sexo feminino, o primeiro e o segundo lugar têm a mesma preferência dos do sexo masculino (1° sexo vaginal, 2° sexo oral). Em terceiro lugar está a prática da masturbação. O ato do sexo anal vem em quarto lugar na preferência de todos do sexo feminino, empatando em porcentagem (25%) na região Sudeste e não sendo aceita na região Nordeste. A quinta preferência - introdução de objetos - 33% dos indivíduos do sexo feminino da região Norte respondem o mesmo para a masturbação; 25% do mesmo sexo na região Nordeste empatam na preferência do sexo oral, sexo anal e masturbação com a prática de introdução de objetos. No Centro-Oeste esta questão traz 50% preferem esta prática e outros 50% optaram pelo sexo anal. Assim como na região Sul, que a preferência de 42% dos indivíduos do sexo feminino com o ato do sexo anal, deixando para trás a preferência por introdução de objetos na relação. Apenas a região Sudeste tem 58% do sexo feminino que declaram a preferência em quinto lugar pela prática da introdução de objetos na relação sexual.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

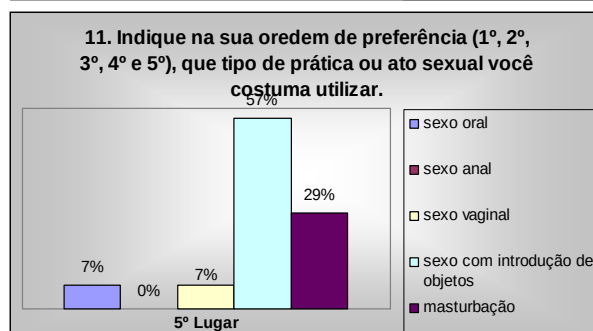
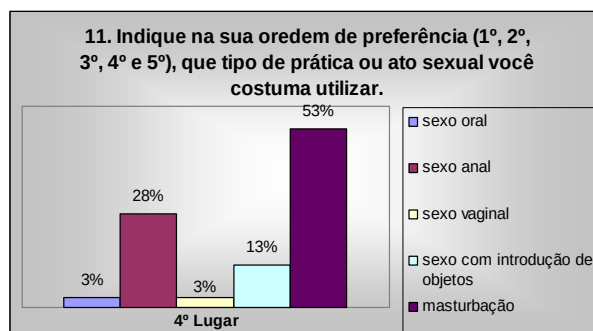
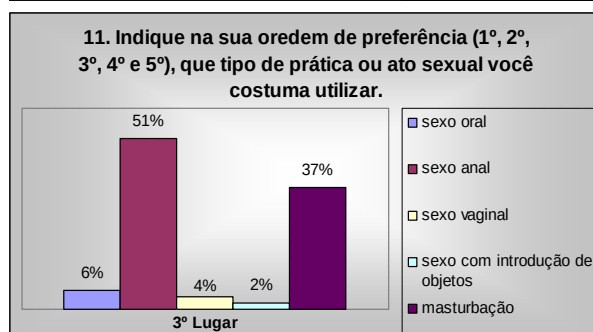
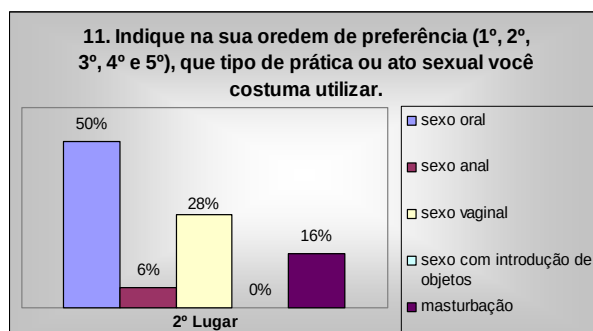
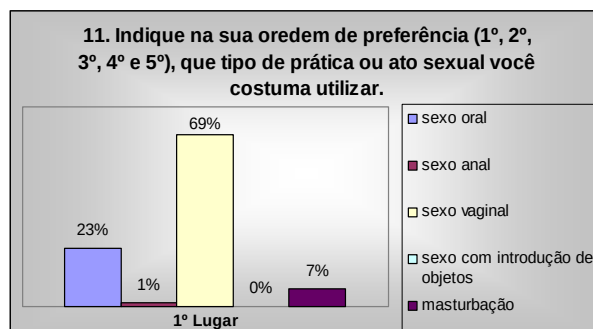
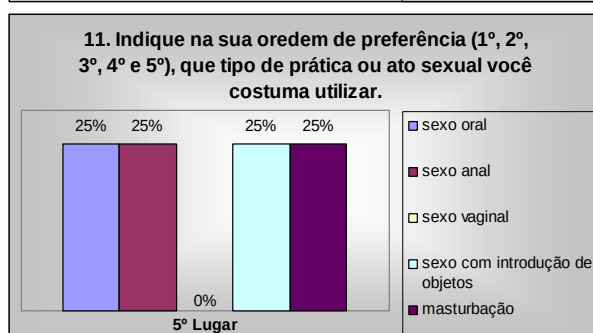
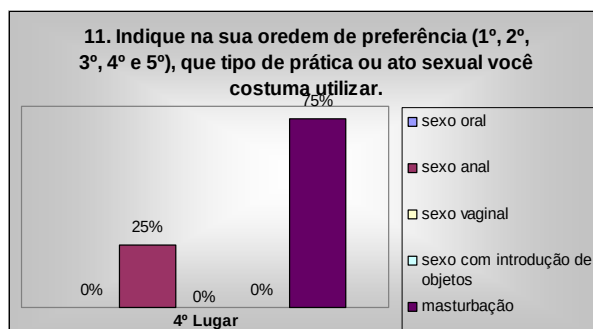
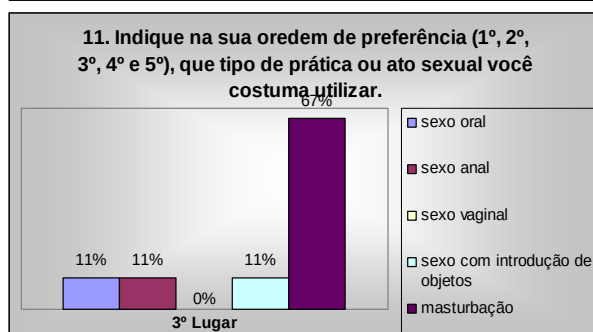
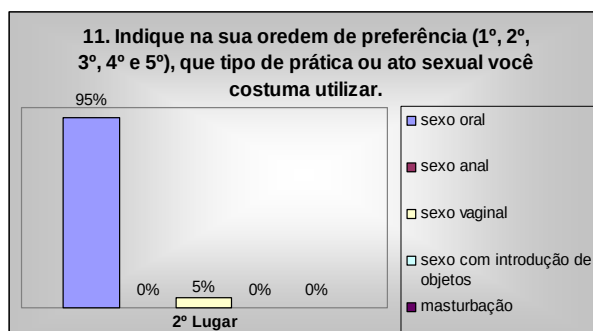
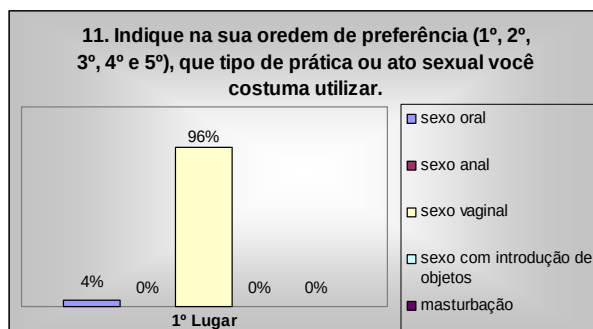


Gráfico 51: Questão 11: Indique, na sua ordem de preferência (1º, 2º, 3º, 4º e 5º), que tipo de prática ou ato sexual você costuma utilizar.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

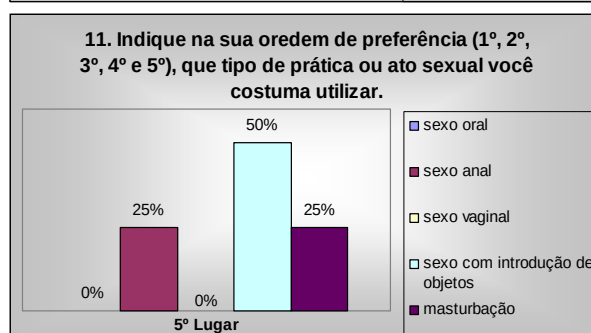
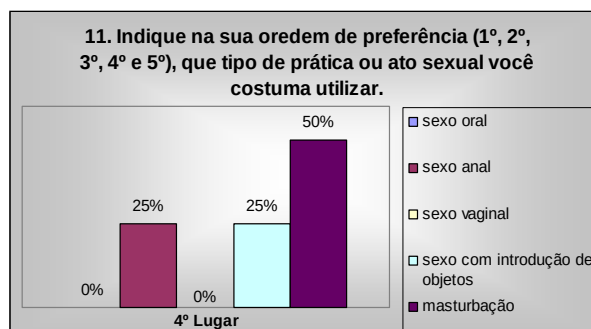
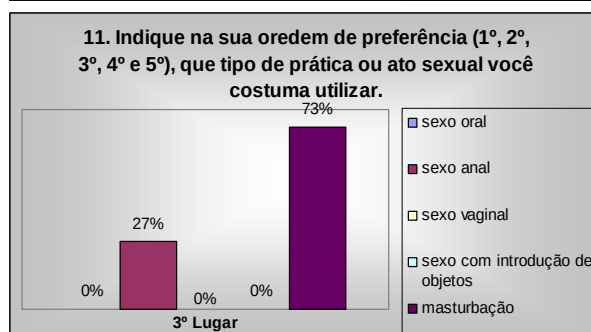
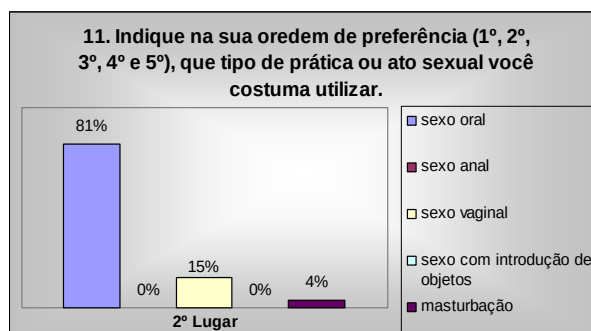
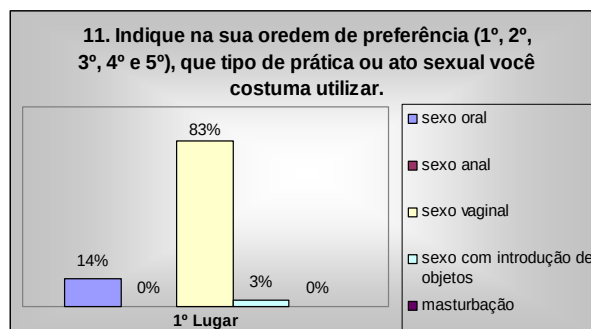
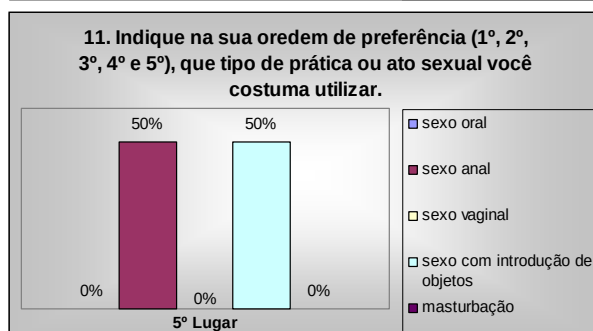
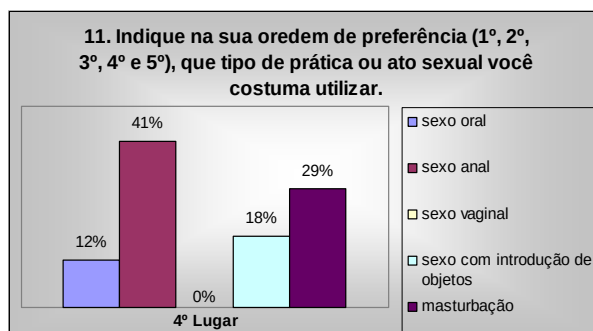
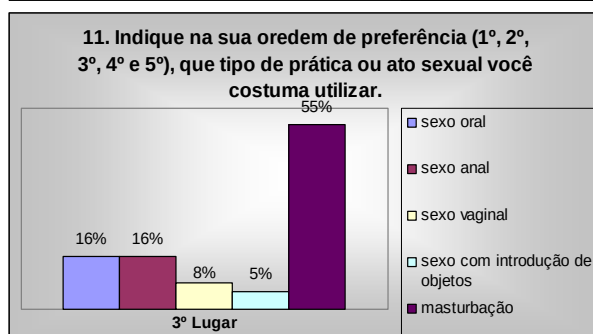
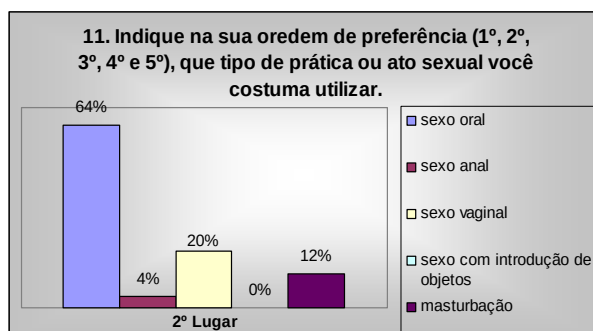
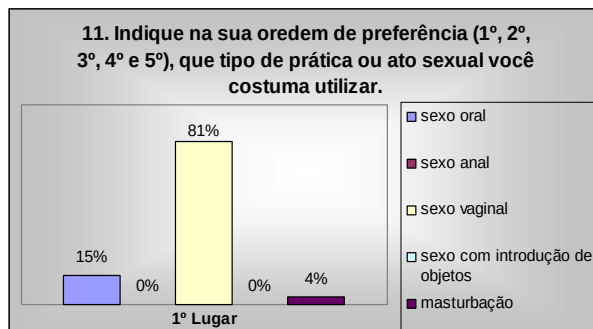


Gráfico 52: Questão 11: Indique, na sua ordem de preferência (1º, 2º, 3º, 4º e 5º), que tipo de prática ou ato sexual você costuma utilizar.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

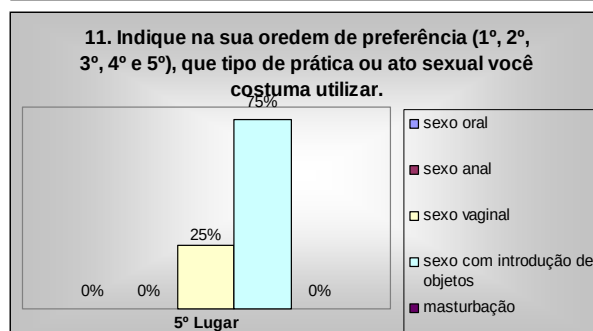
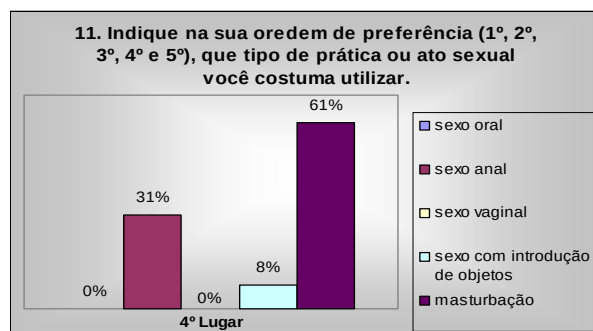
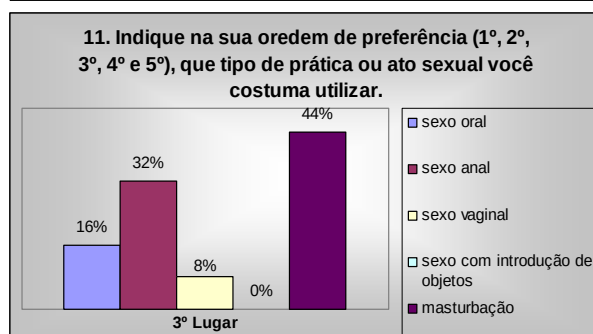
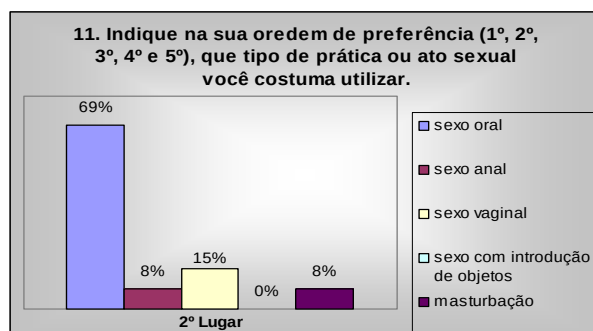
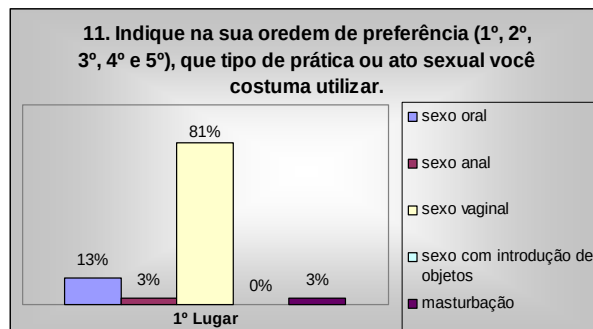
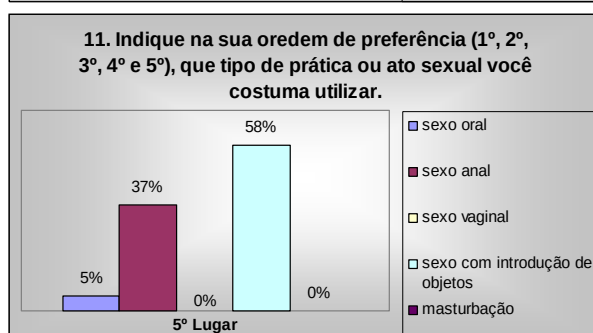
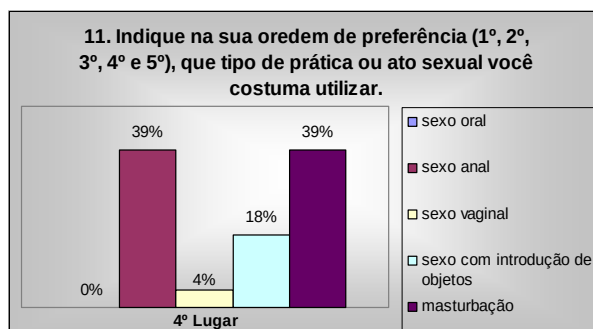
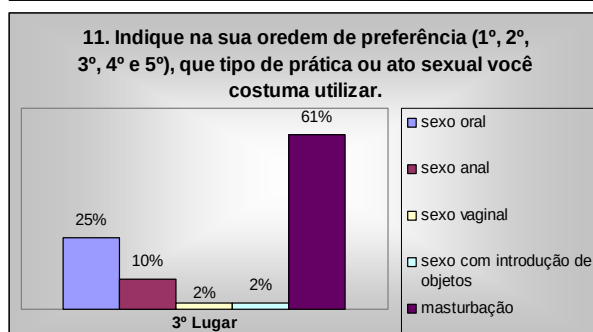
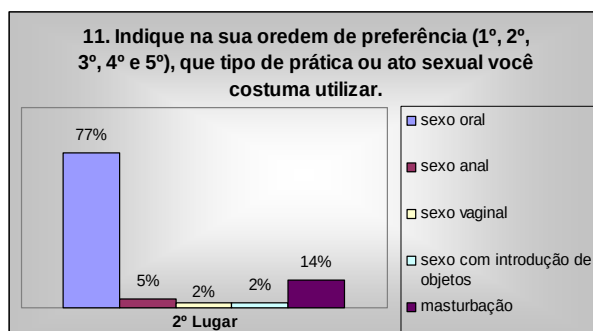
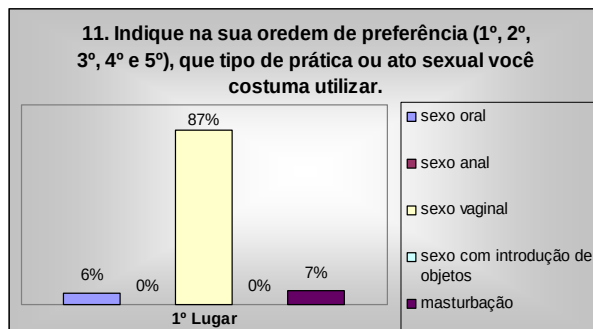


Gráfico 53: Questão 11: Indique, na sua ordem de preferência (1º, 2º, 3º, 4º e 5º), que tipo de prática ou ato sexual você costuma utilizar.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

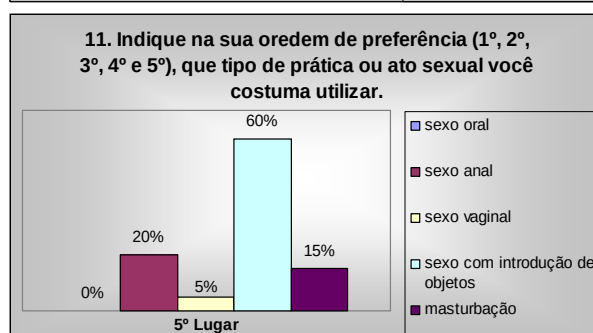
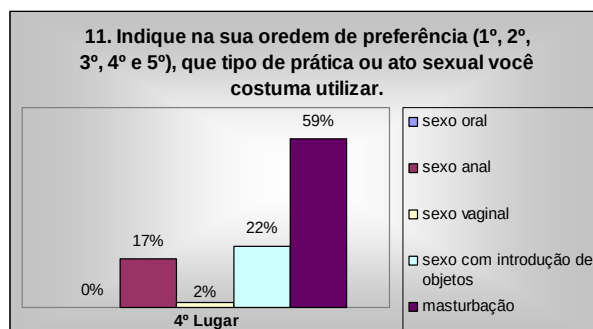
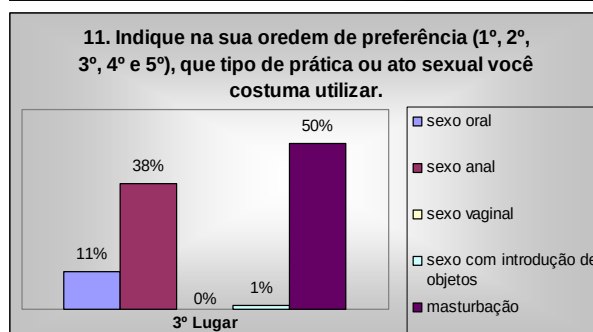
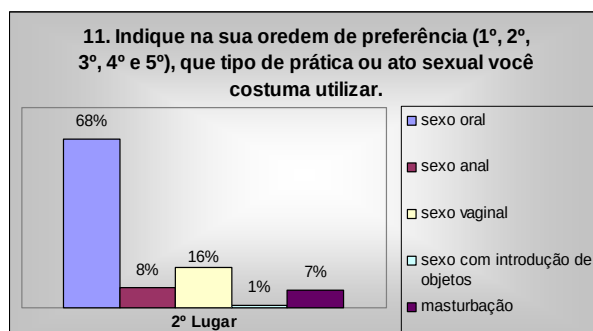
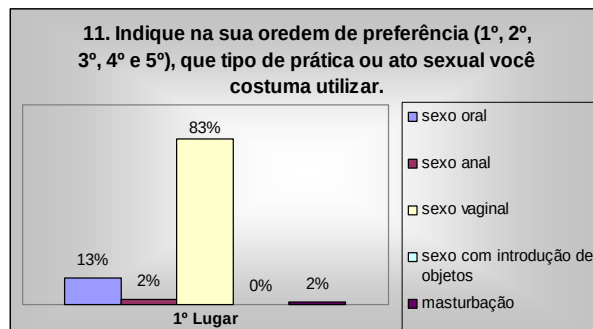
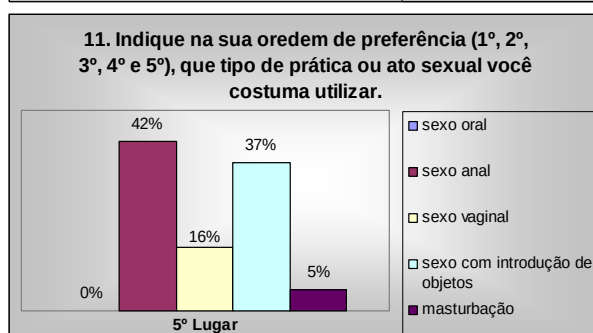
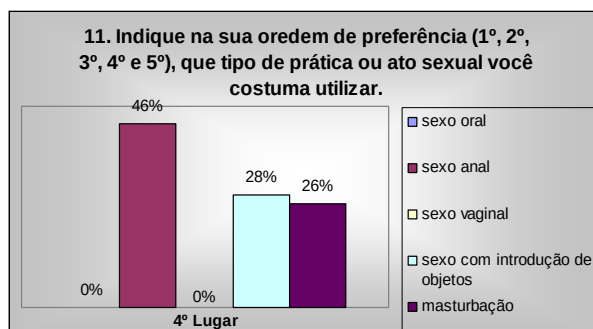
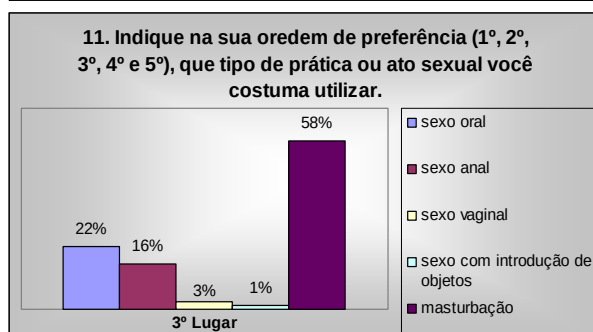
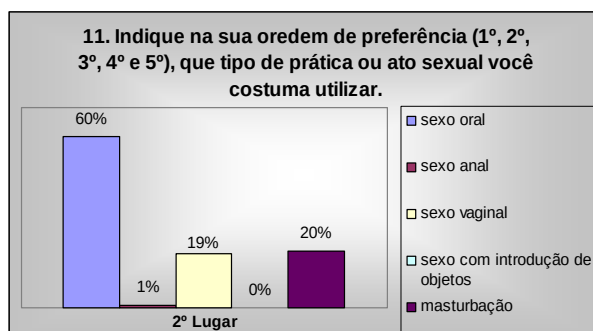
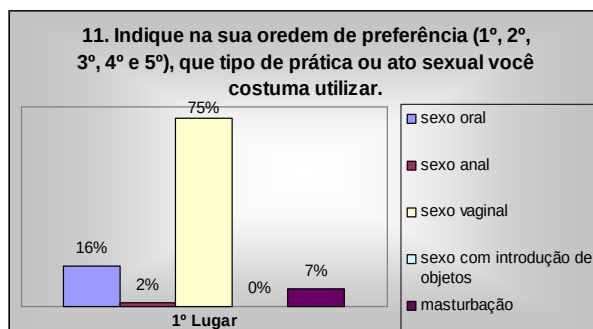


Gráfico 54: Questão 11: Indique, na sua ordem de preferência (1º, 2º, 3º, 4º e 5º), que tipo de prática ou ato sexual você costuma utilizar.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

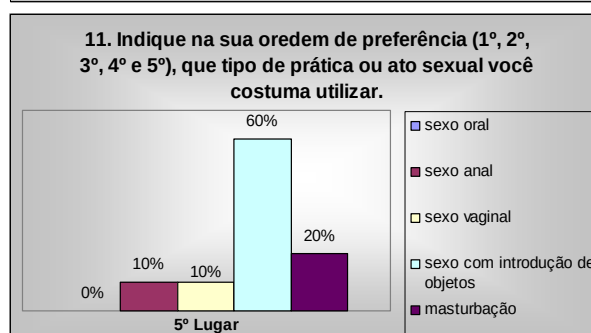
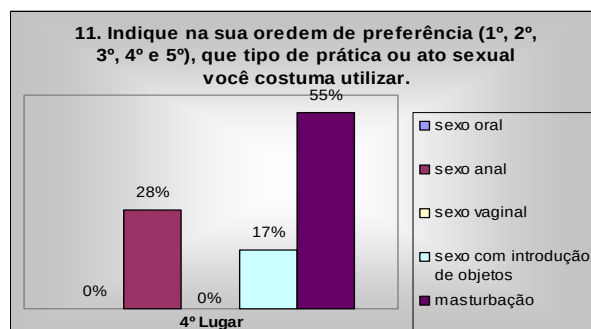
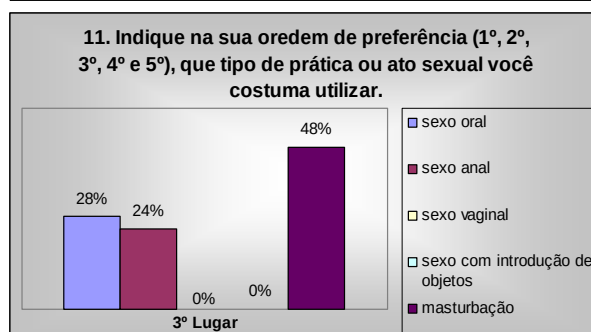
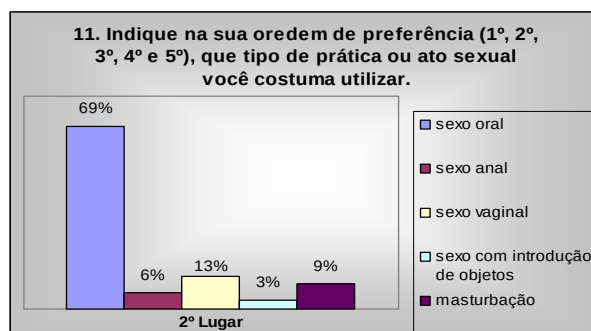
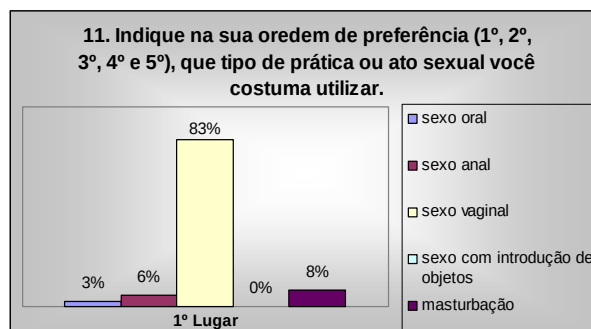


Gráfico 55: Questão 11: Indique, na sua ordem de preferência (1º, 2º, 3º, 4º e 5º), que tipo de prática ou ato sexual você costuma utilizar.: Região SUL

O sexo oral é uma forma de relacionamento sexual que ainda gera controvérsias. Apesar desse tipo de preferência ter ficado em 2º lugar, observamos algumas discrepâncias.

Esse tópico ao ser analisado por Carrion; Pesca (1996, p.204) é analisado em diversas pesquisas.

Em nossas pesquisas e em outras vemos que a atividade oral, durante o ato sexual, faz parte do cotidiano da maioria das pessoas. Isto nos leva a crer que esta atividade, em si mesma, não seja capaz de gerar problemas ou traumas. Por outro lado, as pessoas que o praticam, registram tanto prazer, um tal bem-estar, que nos inclinamos a ver na atividade sexual oral algo, não só sadio, mas necessário para complementar a união prazerosa entre dois seres humanos.

A eroticidade anal é uma prática pouco utilizada em nossa cultura, como se pode observar. Após a análise desses dados, uma dúvida paira no ar, se essa prática proporciona prazer e evita a concepção, segundo Carrion ; Pesca (1996), porque é pouco praticada?

Em nossa pesquisa também foi constatado que o número de universitários brasileiros que fazem uso da introdução de objetos é uma minoria, ou seja, 5º lugar tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino.

TEMA 3: SEXO E PREVENÇÃO

A inclusão desse tema na pesquisa é recorrente à preocupação da sociedade em geral, incluindo profissionais das mais variadas áreas da saúde e de educação, em particular, os pais. No que tange às consequências do ato sexual por parte dos jovens, pode-se dizer que estes são afetados diretamente. É nesse sentido que as informações sobre sexo e prevenção podem trazer benefícios e, ainda, diminuir possíveis riscos para os jovens.

Vitiello (1997) observa as consequências do exercício da sexualidade por jovens que, ainda, não são capazes de avaliar e assumir os riscos de uma vida sexual ativa.



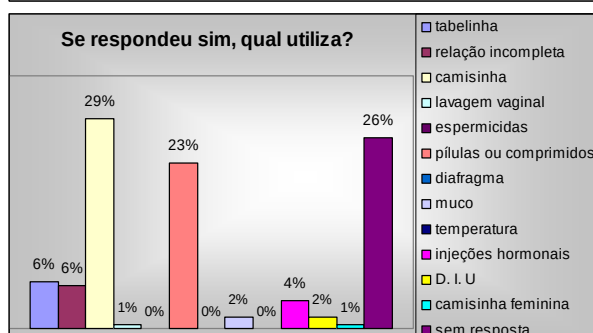
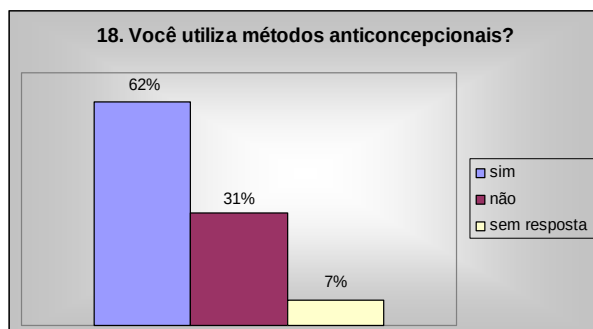
Questão 18: Você utiliza métodos anticoncepcionais? Se respondeu "SIM", qual utiliza?

Esta resposta tanto no sexo masculino quanto no sexo feminino, em todas as regiões brasileiras, foi afirmativa. A diferença ocorre ao se responder qual o método anticoncepcional utilizado. Entre os indivíduos do sexo masculino a porcentagem maior está na utilização da camisinha, porém, observa-se grande porcentagem de indivíduos deste sexo que deixam de responder, como no caso da região Centro-Oeste, onde 33% dos indivíduos do sexo masculino não responderam se utilizam métodos anticoncepcionais ou não e qual seria, caso a resposta fosse afirmativa.

Nas regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul o método com a maior porcentagem de utilização pelos indivíduos do sexo feminino ainda é a pílula anticoncepcional, revelando que há a maior preocupação com a ocorrência de uma gravidez indesejada, do que com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST).

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

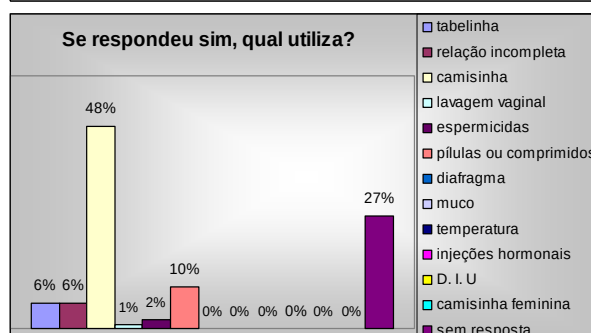
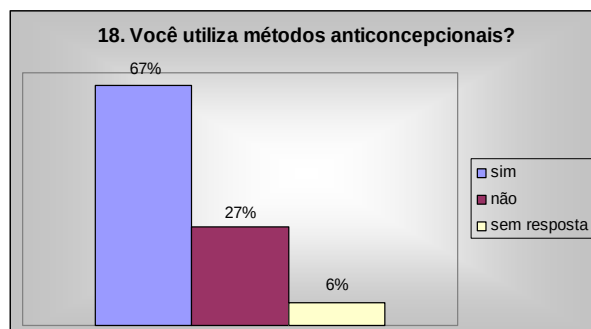
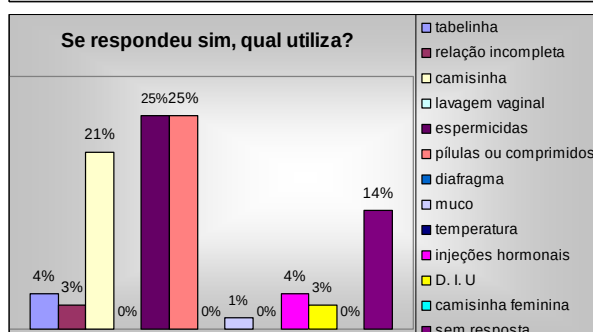
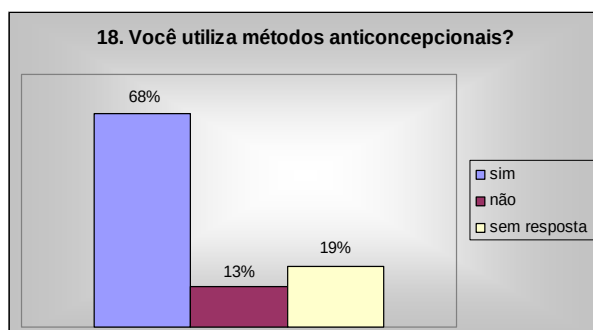


Gráfico 56: Questão 18: Você utiliza métodos anticoncepcionais? Se respondeu "SIM", qual utiliza?: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

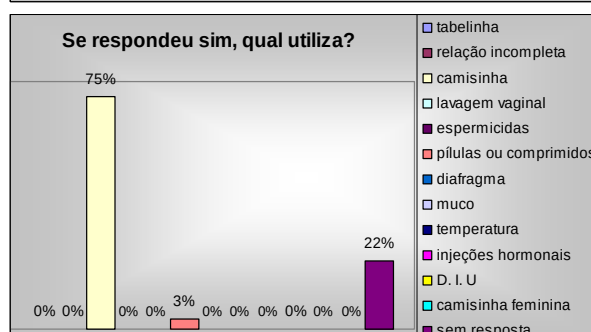
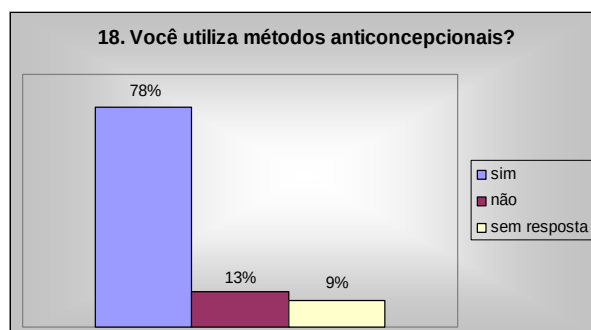
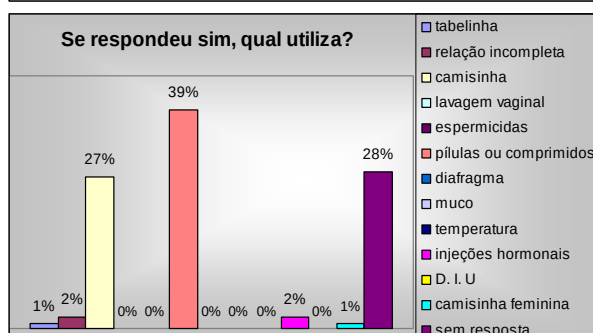
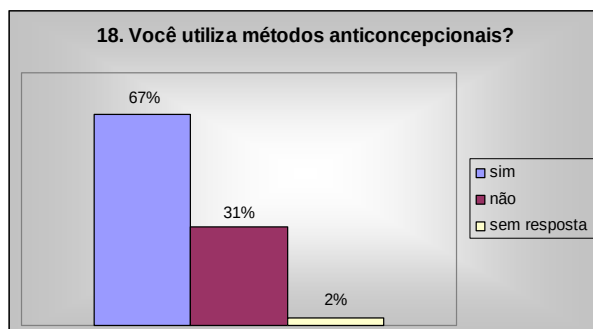


Gráfico 57: Questão 18: Você utiliza métodos anticoncepcionais? Se respondeu "SIM", qual utiliza?: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

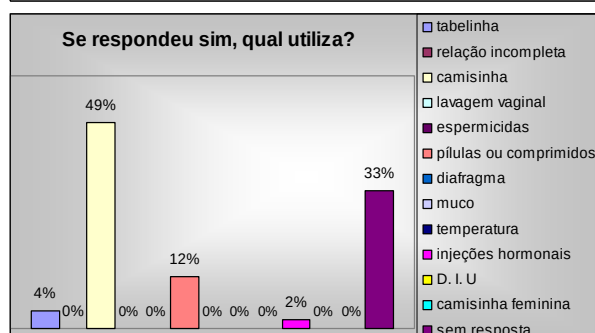
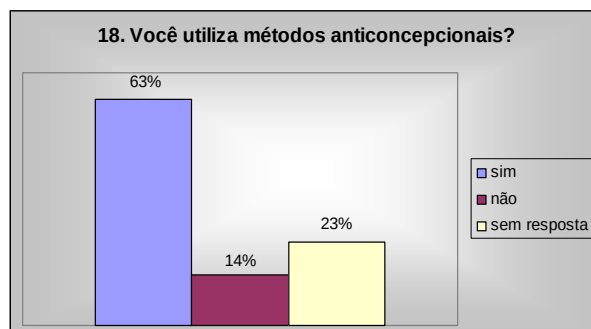
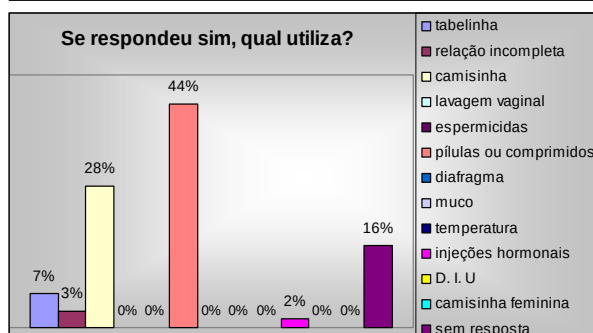
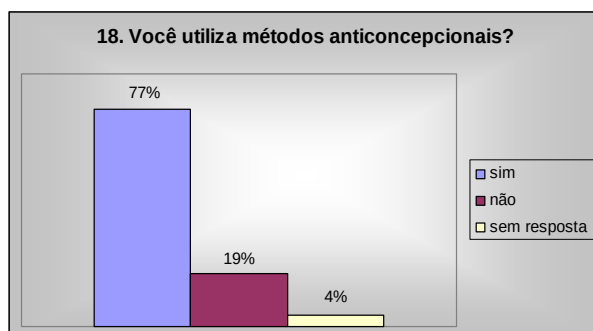


Gráfico 58: Questão 18: Você utiliza métodos anticoncepcionais? Se respondeu "SIM", qual utiliza?: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

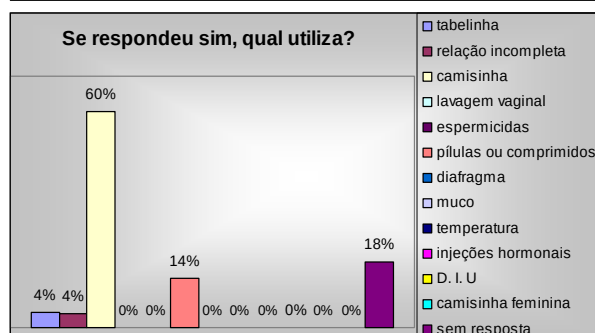
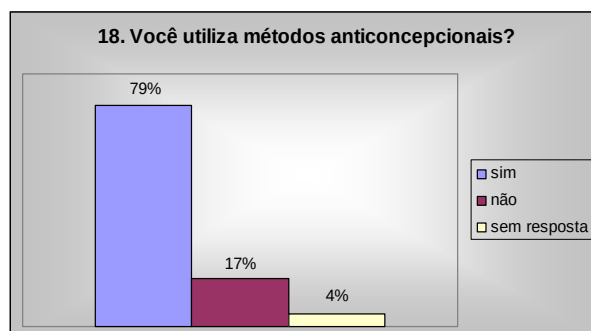
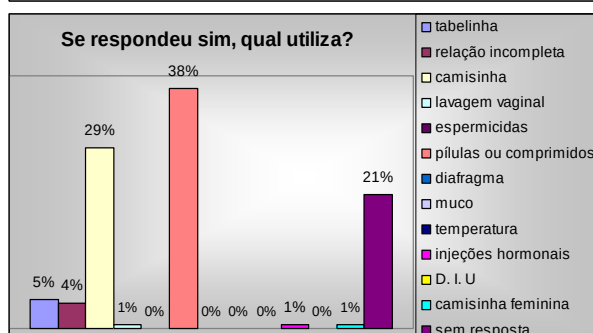
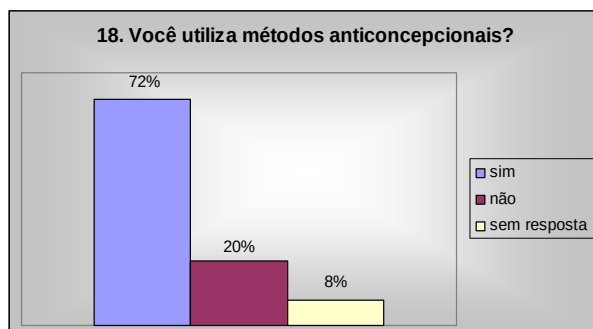


Gráfico 59: Questão 18: Você utiliza métodos anticoncepcionais? Se respondeu "SIM", qual utiliza?: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

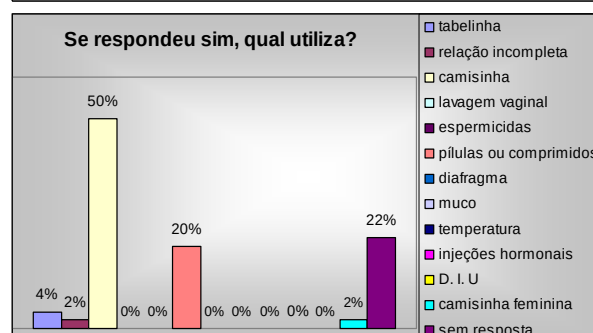
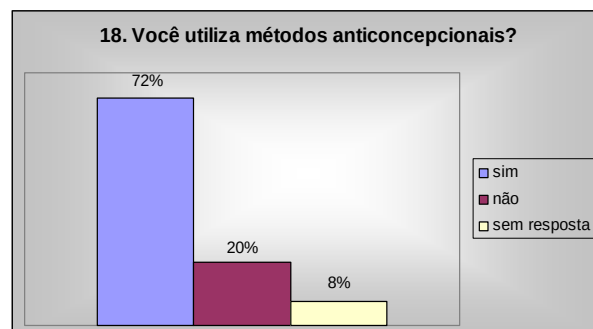


Gráfico 60: Questão 18: Você utiliza métodos anticoncepcionais? Se respondeu "SIM", qual utiliza?: Região SUL

Os dados revelam que grande parte dos jovens utiliza métodos anticoncepcionais, destacando-se a preferência pelo uso da camisinha e da pílula anticoncepcional.

O uso de preservativos pelos jovens aumentou, mas não significa que são utilizados em todas as relações sexuais. Segundo as análises da pesquisa de Teixeira et al. (2006, p.1386)

[...] se o uso do preservativo aumentou entre os jovens, ele ainda não é utilizado por todos e nem em todas as relações sexuais. Dentre os muitos estudos que têm sido realizados tendo como objeto os adolescentes e o uso de métodos de proteção/contracepção, vários demonstram que o conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais existentes é elevado, o que não implica necessariamente o uso adequado ou regular destes e, apesar do aumento considerável desse uso nos últimos anos, ainda deixa a desejar.

Da mesma forma as observações realizadas por Abramovay et al. (2004, p.174) demonstram que:

[...] um dos pontos que comumente se discute em relação à prevenção da gravidez diz respeito ao grau de conhecimento dos métodos de contracepção. Os jovens têm um nível de informação significativo sobre as formas de contracepção mais conhecidas.

É importante salientar que a maior freqüência do uso de métodos contraceptivos entre os jovens não significa que o uso é contínuo. Cabe salientar a importância de definir estratégias para o aumento do uso de métodos contraceptivos que permitem o exercício livre e pleno da atividade sexual no decorrer da vida sexual de ambos os sexos.

✓ Questões 24 e 25: Você usa (sexo masculino)/ exige que seu parceiro use (sexo feminino) preservativo? Em caso afirmativo ou negativo, responda quando e por que?

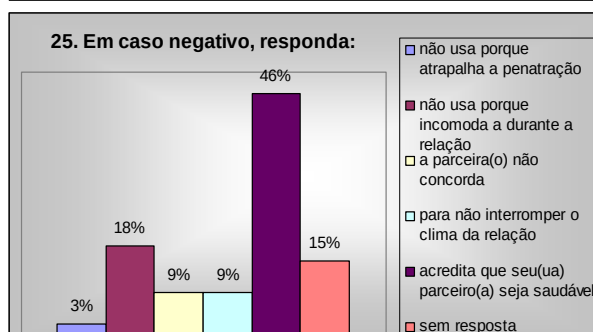
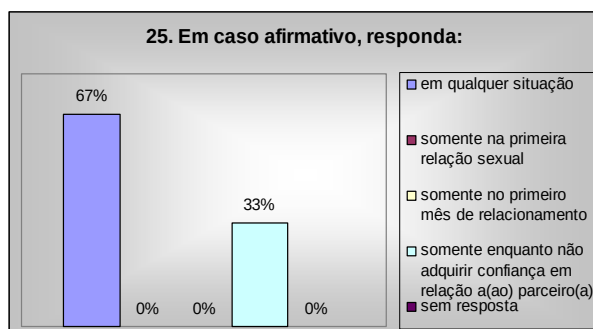
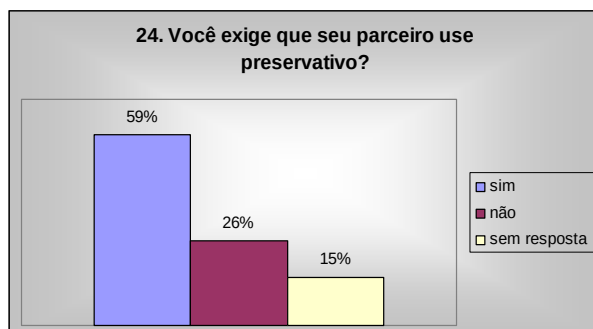
As repostas para estas duas questões mostram grandes desdobramentos, pois a maior porcentagem recai na afirmativa e a menor, mas não menos expressiva, recai na negativa. Segundo as respostas fornecidas por meio da pesquisa, percebemos que a afirmação sobre a exigência do preservativo se encontra em maior porcentagem em todas as regiões brasileiras, tanto nos indivíduos do sexo masculino quanto nos do sexo feminino. Mas, ainda encontramos nos indivíduos do sexo feminino uma grande porcentagem de não exigência para o uso do preservativo (36% no Centro-Oeste e 29% no Sul). A falta da exigência ainda existe, com a justificativa na crença de que o(a) parceiro(a) seja saudável.

O mesmo ocorre ao analisarmos a falta de resposta para tal exigência. Os indivíduos do sexo masculino das regiões Nordeste e Centro-Oeste afirmam que exigem dos(as) parceiros(as) o uso dos preservativos, mas não respondem quando ou até quando exigem o uso dos mesmos. Ocorre o mesmo com os indivíduos do sexo feminino que deixam de responder quando e até quando exigem o uso de preservativos, ou mais não exigem por acreditar que o(a) parceiro(a) tenha uma vida saudável.

Tal fato expressa uma relação de confiança tal, como destaca Cruz (2000). “No lugar do preservativo usam a própria fidelidade, a confiança e o conhecimento do parceiro como uma fantasiosa forma de prevenção”. E quando respondem que não exigem, dão como justificativa que o preservativo incomoda durante a relação (50% no Nordeste).

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

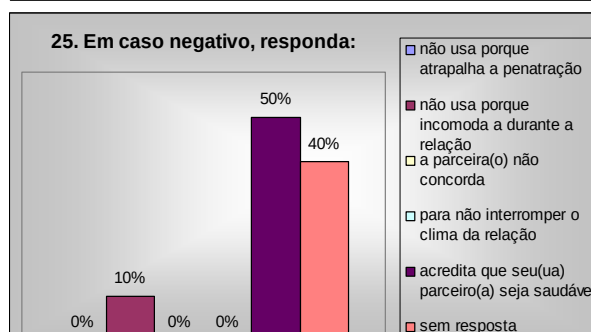
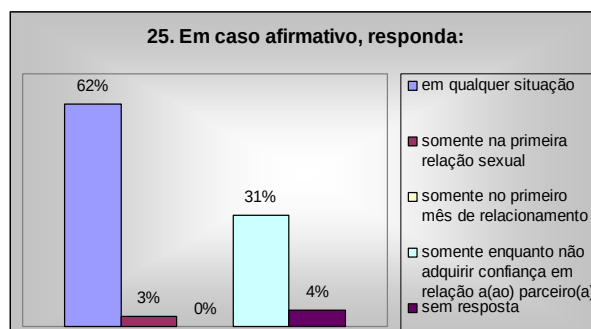
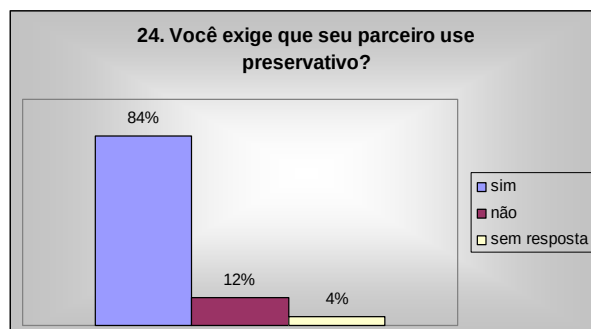
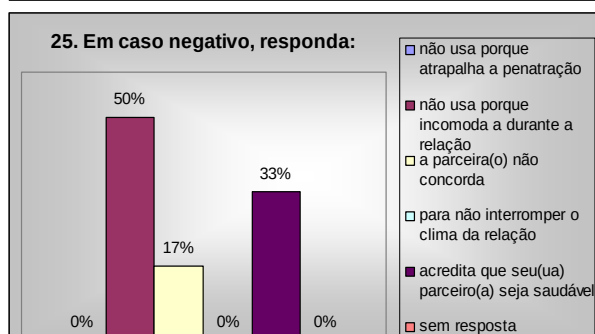
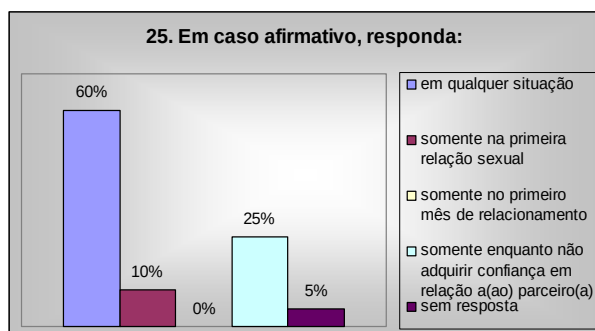
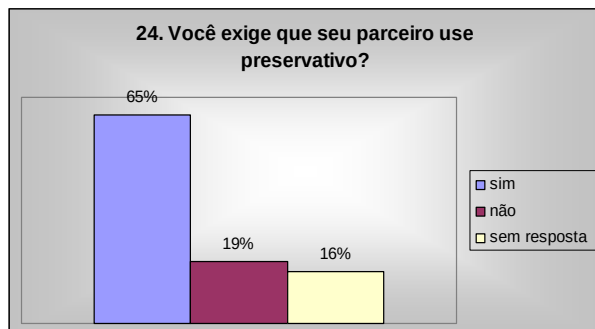


Gráfico 61: Questões 24 e 25: Você usa (sexo masculino)/ exige que seu parceiro use (sexo feminino) preservativo? Em caso afirmativo ou negativo, responda quando e por que?: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

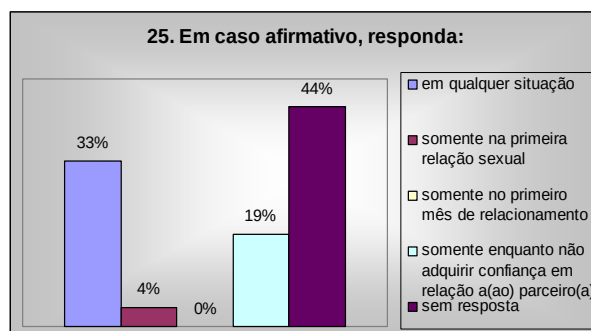
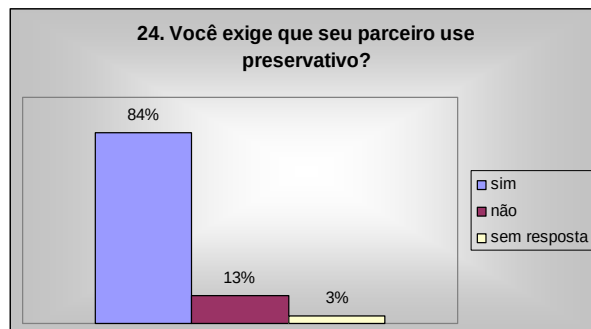
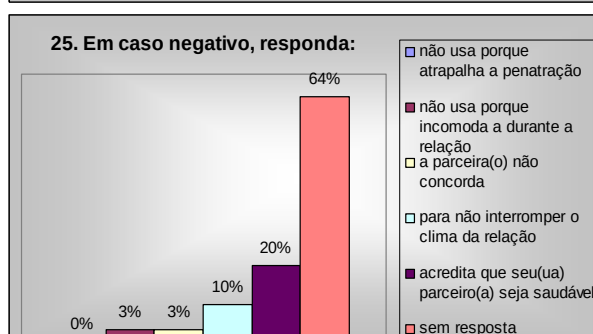
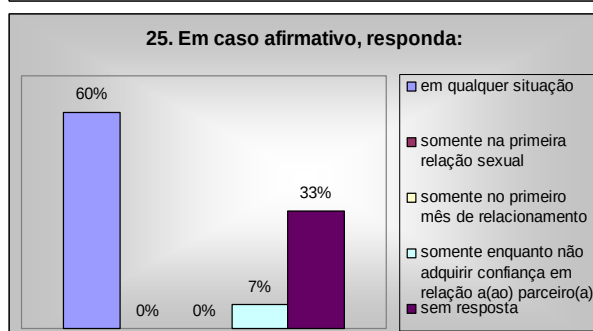
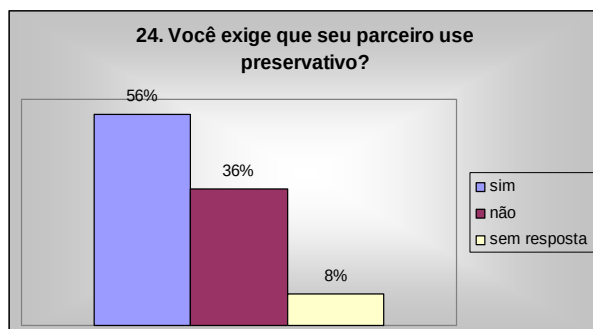


Gráfico 62: Questões 24 e 25: Você usa (sexo masculino)/ exige que seu parceiro use (sexo feminino) preservativo? Em caso afirmativo ou negativo, responda quando e por que?: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

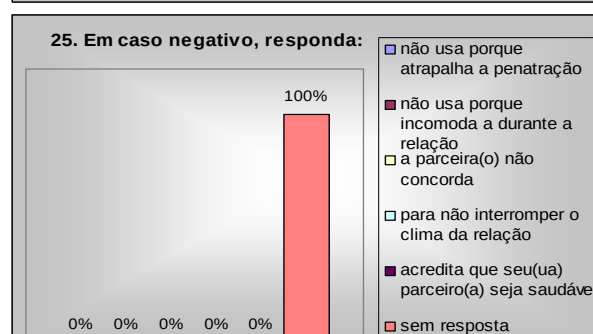
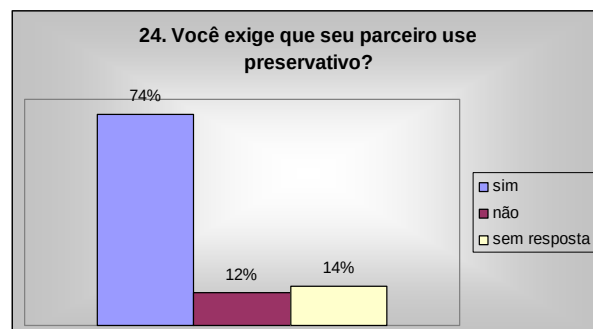
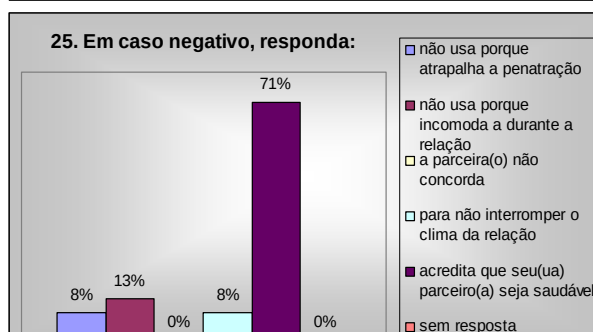
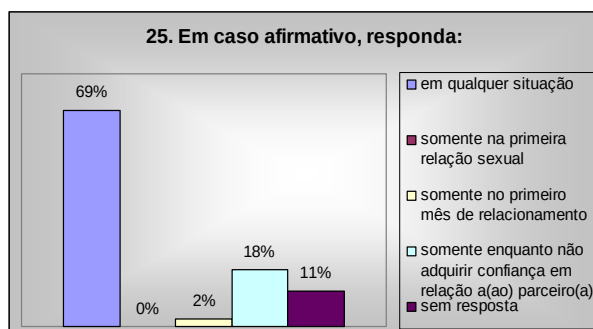
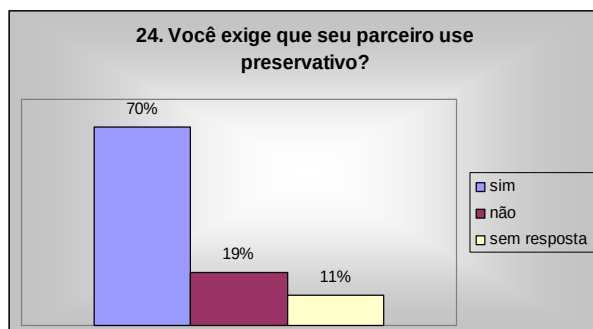


Gráfico 63: Questões 24 e 25: Você usa (sexo masculino)/ exige que seu parceiro use (sexo feminino) preservativo? Em caso afirmativo ou negativo, responda quando e por que?: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

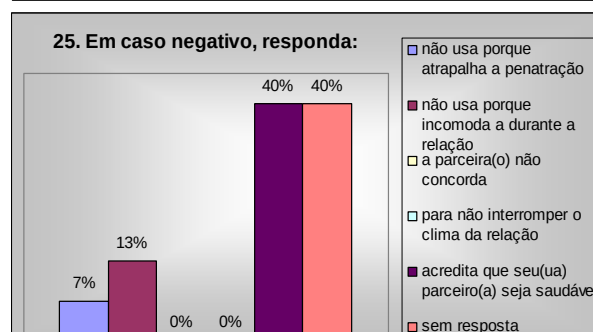
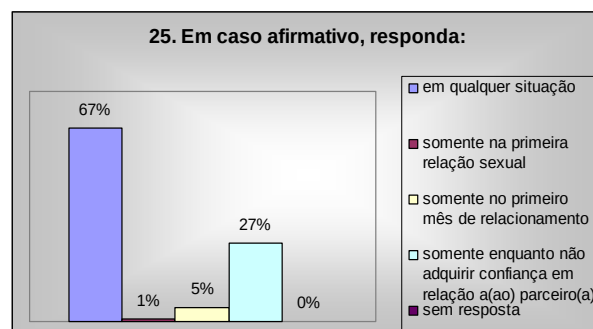
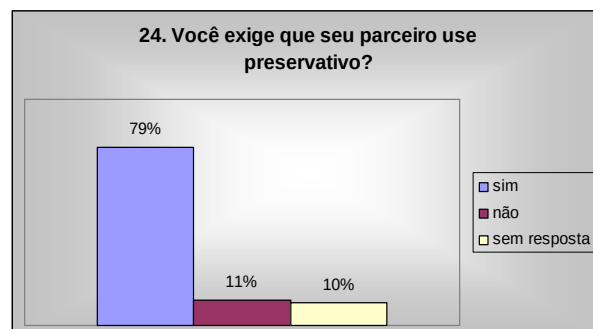
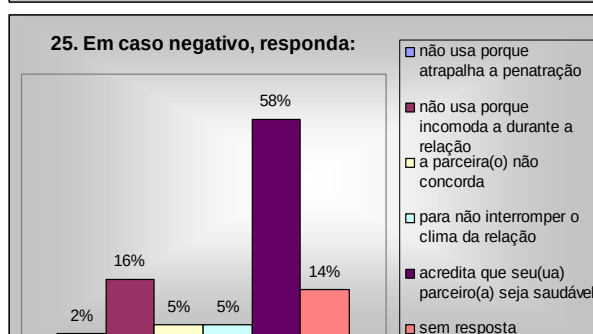
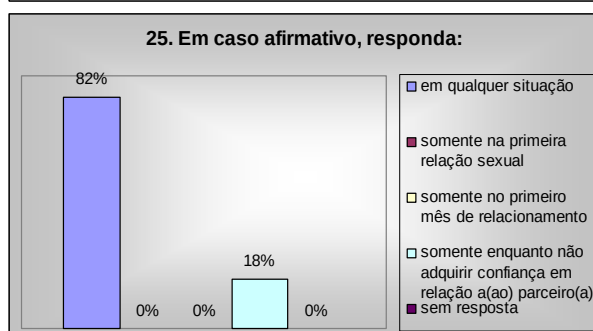
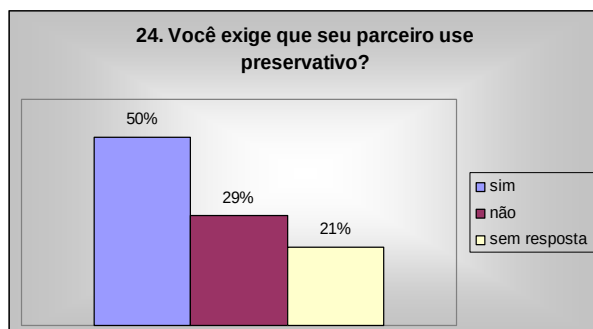


Gráfico 64: Questões 24 e 25: Você usa (sexo masculino)/ exige que seu parceiro use (sexo feminino) preservativo? Em caso afirmativo ou negativo, responda quando e por que?: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

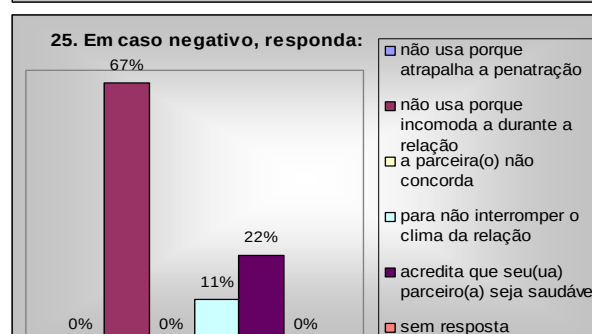
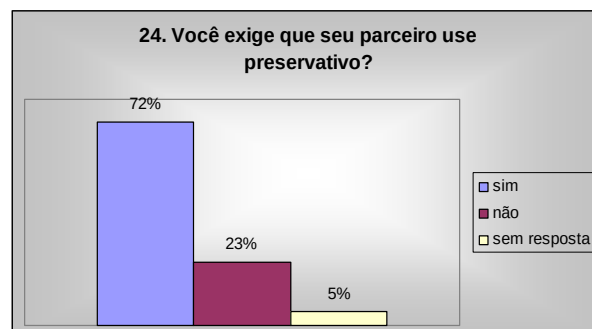


Gráfico 65: Questões 24 e 25: Você usa (sexo masculino)/ exige que seu parceiro use (sexo feminino) preservativo? Em caso afirmativo ou negativo, responda quando e por que?: Região SUL

A confiança no parceiro também é vista por Simões Barbosa (1999, p.291). Este ressalta que: “As mulheres embora associem o sexo seguro à prevenção de doenças, entre elas a Aids, elas atribuem à fidelidade do companheiro, na qual quase nenhuma delas confia”.

TEMA 4: O UNIVERSITÁRIO É ESCLARECIDO SOBRE SEXO?

Nesse capítulo procuramos identificar o nível de esclarecimento dos jovens em relação à sexualidade, a fim de verificar se há construção de mitos e/ou crendices, e se estes, interferem na vivência em relação a temática proposta.

✓ Questão 28: Coloque “V” na alternativa que você considerar verdadeira e “F” na que você considerar falsa em relação as questões abaixo:

✓ Questão 28, item 1: A relação sexual durante o período menstrual pode engravidar.

De acordo com a pesquisa realizada em todas as regiões brasileiras, entre indivíduos dos sexos feminino e masculino, nas faixas etárias entre dezoito e vinte e três anos, observamos dúvida razoável na questão da relação sexual no período menstrual, com a possibilidade ou não de engravidar. Os indivíduos do sexo masculino são unânimes em responder que tal afirmação é falsa, porém, isto não ocorre nos indivíduos do sexo feminino das regiões Nordeste e Sul que em porcentagem maior assinalam como verdadeira a gravidez ocorrer durante o período menstrual. Nas outras regiões (Norte, Centro-Oeste e Sudeste) a porcentagem maior dos indivíduos do sexo feminino respondeu o mesmo que todos os indivíduos do sexo masculino, ou seja, que esta afirmação seria falsa.

Porém, devemos considerar a grande porcentagem que ainda considera tal afirmação como sendo verdadeira, como por exemplo na região Nordeste, em que 55% dos indivíduos do sexo feminino responderam verdadeiro para tal afirmação e mesmo em outras regiões, nas quais a porcentagem para o falso alcançou porcentagens significativas.

Na região Norte, entre os informantes do sexo feminino, 58% respondeu falso, e 42% respondeu verdadeiro. No Nordeste brasileiro entre os indivíduos do sexo masculino, 53% respondeu falso e 41% respondeu verdadeiro.

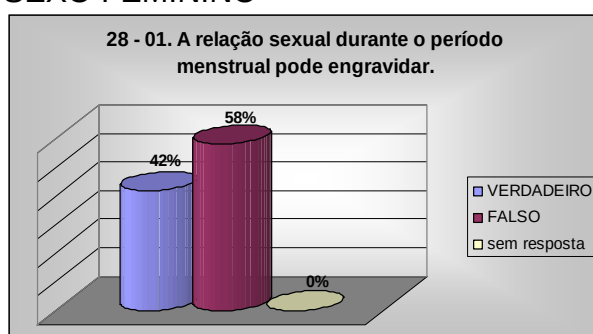
Entre os indivíduos do sexo masculino da região Centro-Oeste, 56%

respondeu falso para esta questão. A porcentagem dos indivíduos do sexo feminino que deram a mesma resposta foi de 55%. Porém, a resposta contrária teve porcentagem significativa (42% para o sexo masculino e 40% para o sexo feminino).

No Sudeste encontramos também uma porcentagem significativa que respondeu verdadeiro para tal afirmação, sendo que 52% dos indivíduos do sexo feminino responderam falso e 47%, verdadeiro. Na região Sul ocorre o mesmo que na região Nordeste, ou seja, 52% da população feminina, acredita ser verdadeira a afirmação que diz ser possível engravidar durante o período menstrual, sendo que 47% desta mesma população, na mesma região respondeu que a afirmação é falsa. A mesma resposta foi dada por 57% dos indivíduos do sexo masculino da região Sul.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

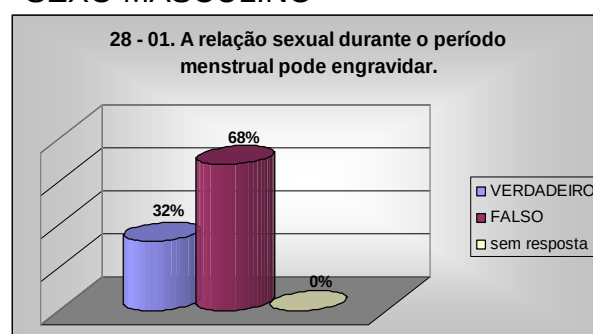
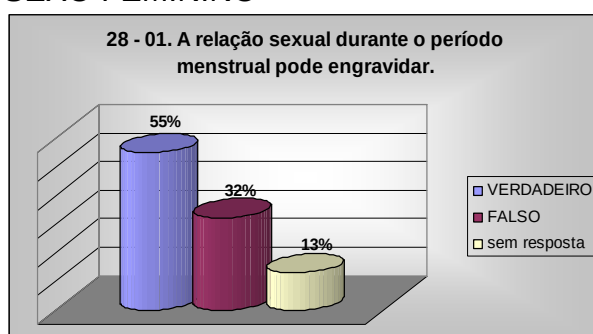


Gráfico 66: Questão 28, item 1: A relação sexual durante o período menstrual pode engravidar.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

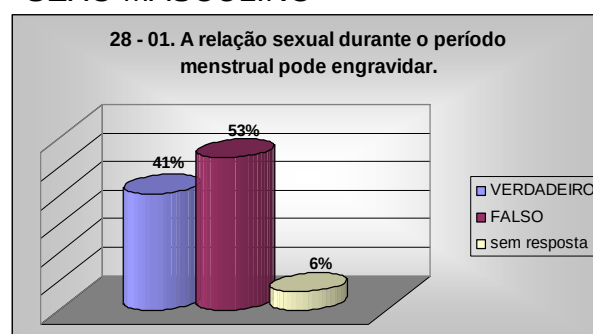
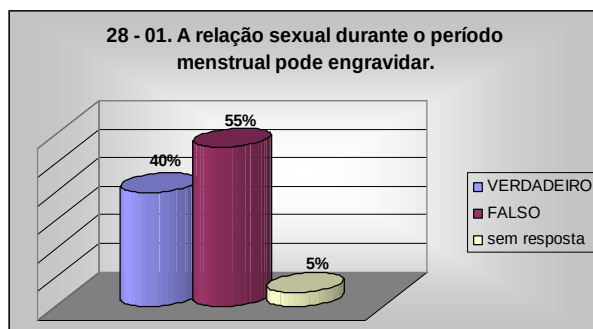


Gráfico 67: Questão 28, item 1: A relação sexual durante o período menstrual pode engravidar.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

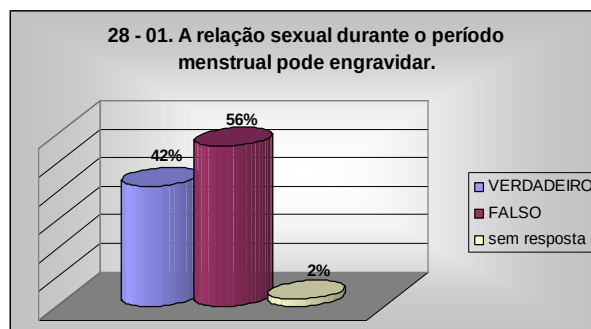
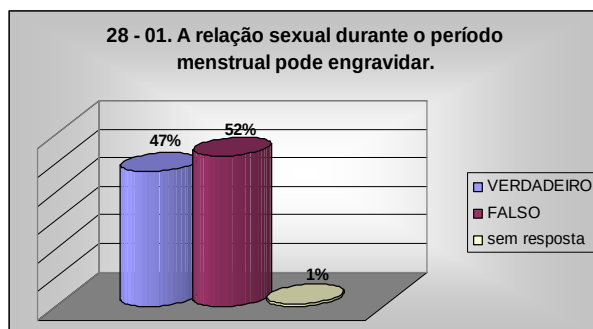


Gráfico 68: Questão 28, item 1: A relação sexual durante o período menstrual pode engravidar.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

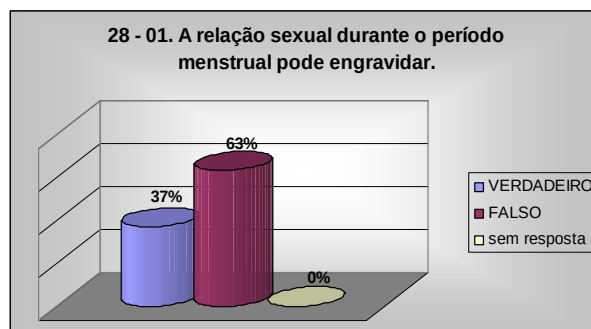
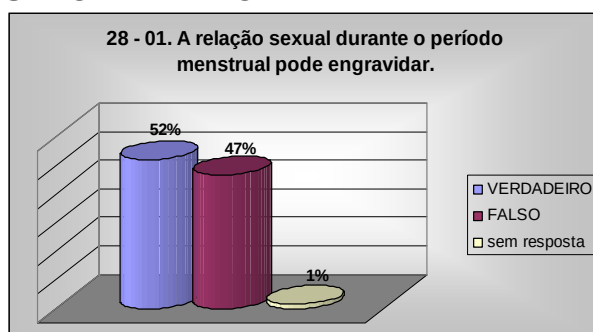


Gráfico 69: Questão 28, item 1: A relação sexual durante o período menstrual pode engravidar.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

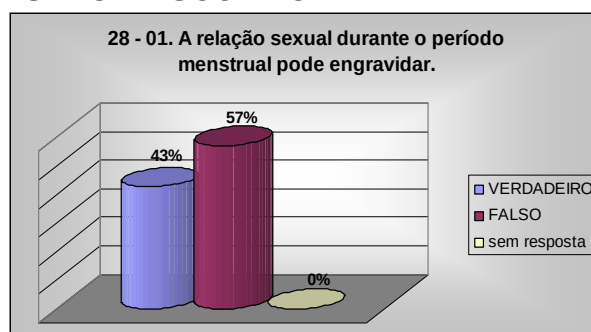


Gráfico 70: Questão 28, item 1: A relação sexual durante o período menstrual pode engravidar.: Região SUL

São inúmeras e infrutíferas as crendices que envolvem o fenômeno chamado de menstruação. De acordo com os dados analisados acima, os universitários do sexo masculino, de todas as regiões do país, acertaram ao responder que a relação sexual durante o período de menstruação NÃO engravida. O mesmo não ocorreu com as universitárias das regiões Nordeste e Sul.

Corroboram para esse fato, credices afirmando que as mulheres não devem praticar esportes, não devem tomar banho, ducha ou lavar cabeça, enquanto estiverem menstruadas.

A influência desse folclore, segundo McCary (1978) colabora para reforçar uma atitude negativa frente à menstruação, levando a jovem a considerar esse período como necessariamente desagradável.

Segundo Costa (1997, p.150), os universitários ainda sabem pouco sobre sua sexualidade:

Aprendem desde cedo que a menstruação e a gravidez são períodos de incapacidade com necessidade de repouso e que as relações sexuais jamais devem ocorrer nessa época; ou ainda que a ocorrência de relacionamento sexual no período menstrual poderá engravidar a mulher ou mesmo causar alguma doença.



Questão 28, item 2: A relação sexual em pé não engravida.

Esta afirmação foi considerada falsa pela maioria dos indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino. Nota-se, na região Centro-Oeste, que a porcentagem foi de 100% entre os indivíduos do sexo masculino e de 98% entre os indivíduos do sexo feminino, na região Sul.

Diferente da afirmação anterior, esta questão conferiu para a resposta “falsa” uma porcentagem significativa. Na região Norte, 97% dos indivíduos do sexo feminino e 96% dos indivíduos do sexo masculino deram como falsa tal afirmação.

O mesmo ocorreu na região Nordeste, porém nesta região encontramos uma igualdade nas porcentagens da resposta, considerando verdadeira tal afirmação ou para a falta de resposta. Assim, 11% aos indivíduos do sexo feminino consideram verdadeira esta afirmação ou nada responderam e 6% dos indivíduos do sexo masculino também fazem o mesmo.

Nas regiões Sul e Sudeste, notamos ampla porcentagem para a resposta que considera falsa tal afirmação, em 95% das respostas dadas pelas jovens da região Sudeste e 98%, das jovens gaúchas. Entre os jovens, essa resposta é dada por 96% da região Sudeste e por 97% dos jovens gaúchos.

Região NORTE

SEXO FEMININO

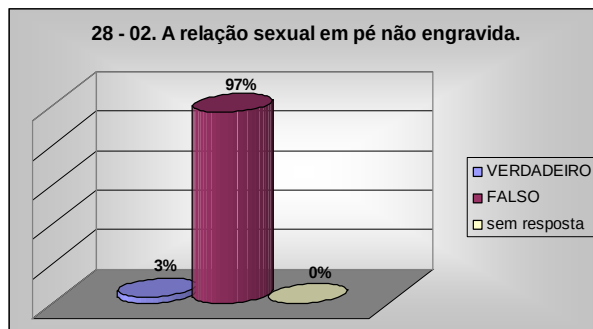
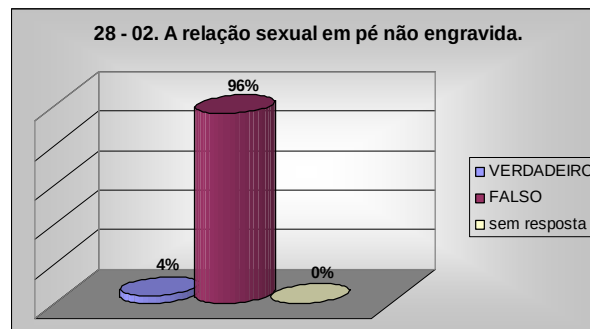


Gráfico 71: Questão 28, item 2: A relação sexual em pé não engravida.: Região NORTE

SEXO MASCULINO



Região NORDESTE

SEXO FEMININO

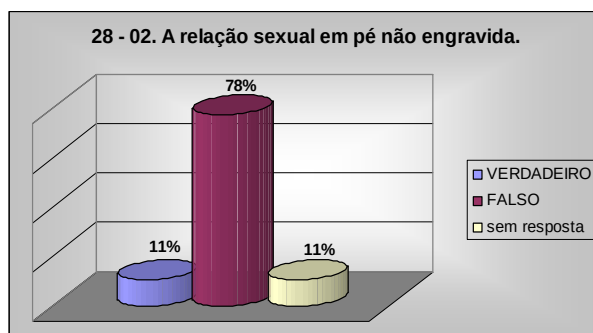
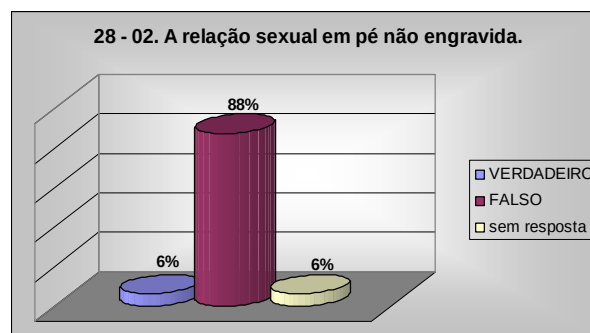


Gráfico 72: Questão 28, item 2: A relação sexual em pé não engravida.: Região NORDESTE

SEXO MASCULINO



Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

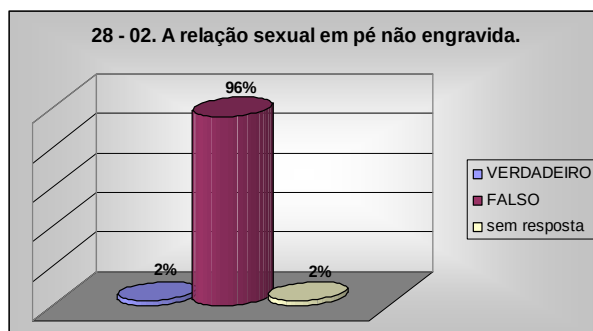
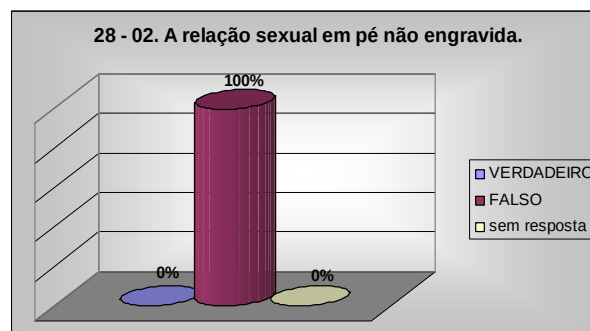


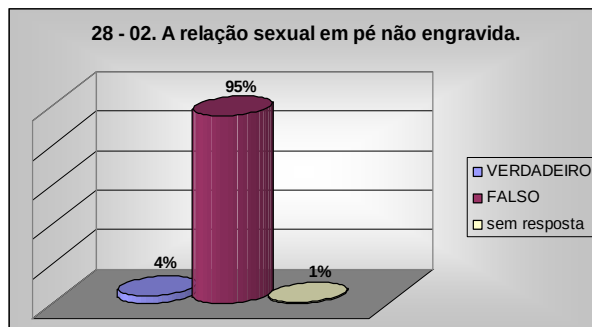
Gráfico 73: Questão 28, item 2: A relação sexual em pé não engravida.: Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

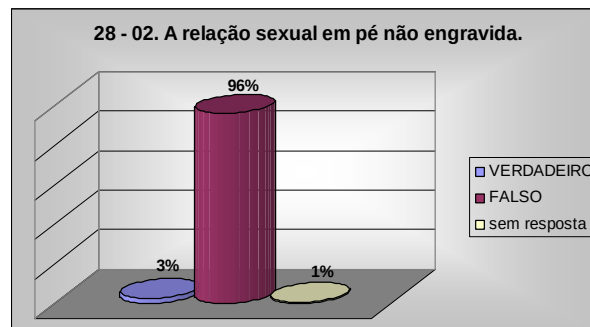
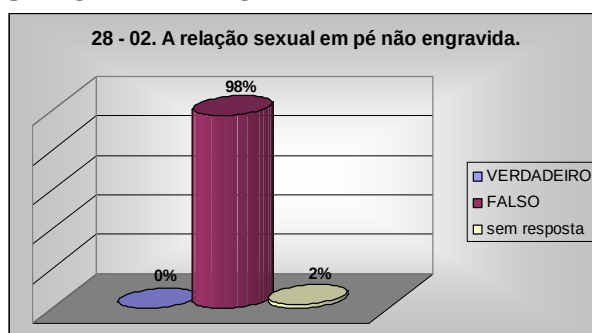


Gráfico 74: Questão 28, item 2: A relação sexual em pé não engravida.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

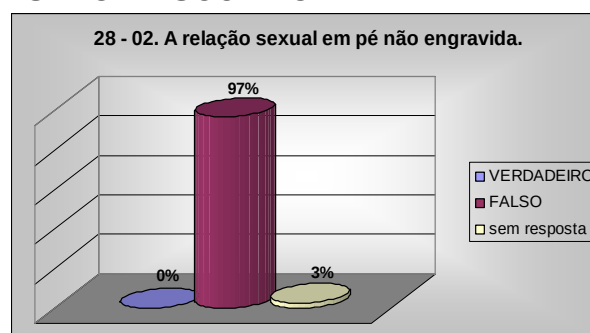


Gráfico 75: Questão 28, item 2: A relação sexual em pé não engravida.: Região SUL

De acordo com Suplicy (1999, p.139) ao analisar a crendice que a relação sexual em pé não engravida, a autora diz:

Você pode ter relação sexual de pé, sentada, deitada, como você quiser, se o esperma for ejaculado dentro da vagina ou nas proximidades dela, e se for seu período fértil, você pode ficar grávida.



Questão 28, item 3: A realização da ducha vaginal após a relação sexual não engravida.

Por meio da pesquisa podemos constatar que esta afirmação foi, também, considerada, em sua maior porcentagem, como falsa. Tanto os indivíduos do sexo feminino quanto os do sexo masculino não consideram a ducha vaginal utilizada logo após a relação sexual como uma forma de não engravidar, ou seja, não consideram a ducha vaginal um anticoncepcional.

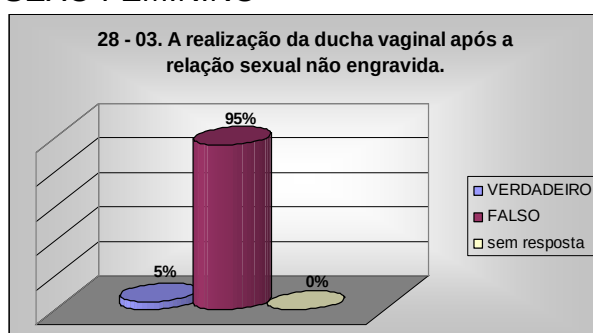
Na região Norte, observamos que 95% dos universitários do sexo feminino e

98% dos indivíduos do sexo masculino responderam pela falsidade desta afirmação, o mesmo ocorrendo entre os 98% dos indivíduos da região Centro-Oeste.

Esta afirmação recebeu em todas as regiões, uma porcentagem significativa para o falso, conforme citamos anteriormente. Porém não podemos deixar de constatar que ainda encontramos na região Nordeste 10% para o sexo feminino e 13% para o sexo masculino, das respostas para verdade, ao afirmar que a realização da ducha vaginal após a relação sexual não engravida.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

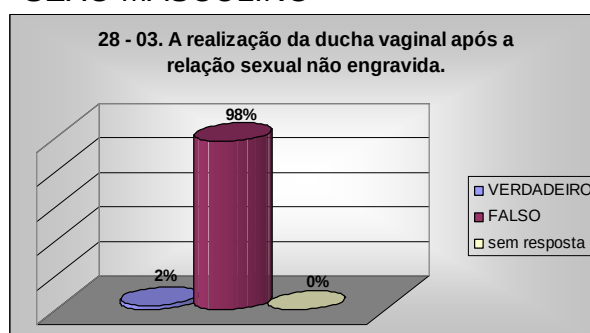
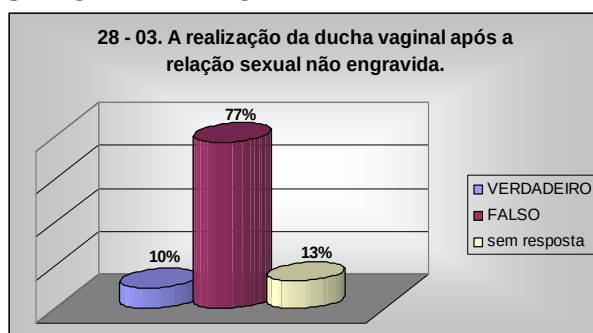


Gráfico 76: Questão 28, item 3: A realização da ducha vaginal após a relação sexual não engravida.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

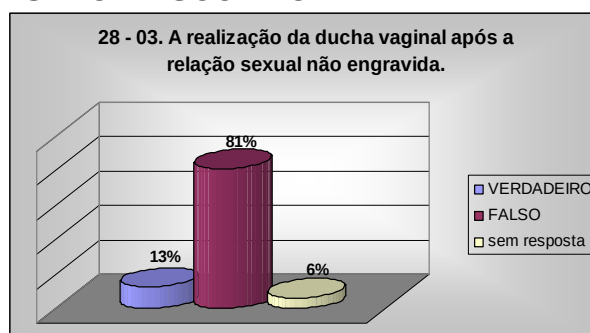
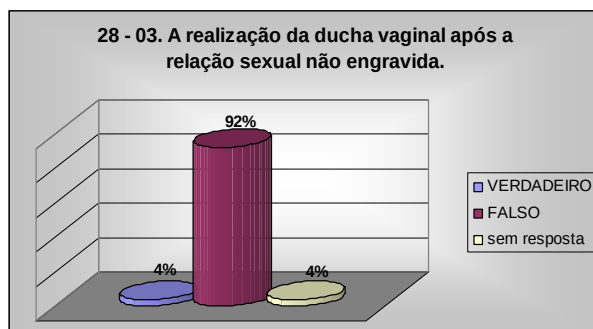


Gráfico 77: Questão 28, item 3: A realização da ducha vaginal após a relação sexual não engravida.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

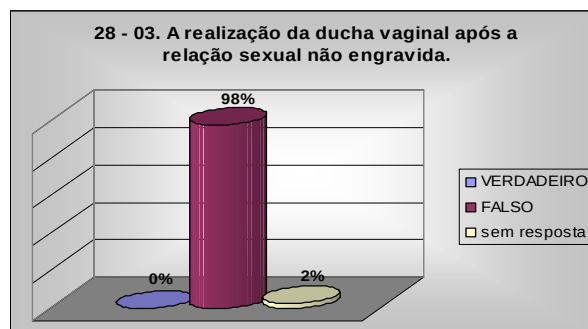
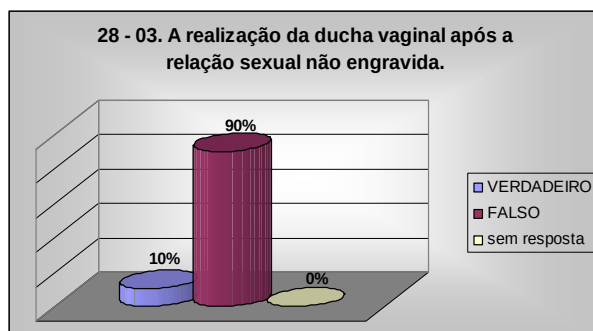


Gráfico 78: Questão 28, item 3: A realização da ducha vaginal após a relação sexual não engravida.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

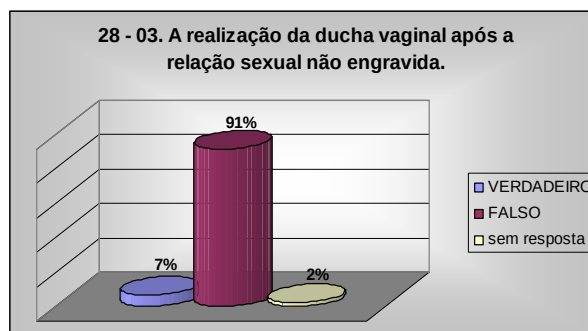
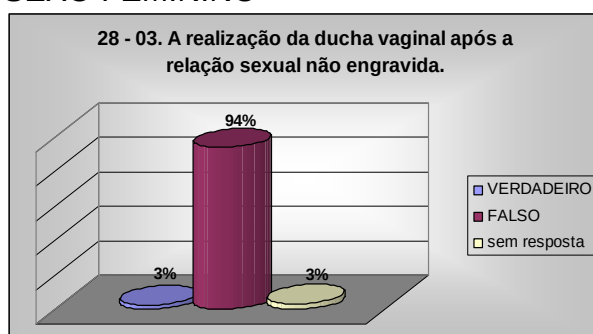


Gráfico 79: Questão 28, item 3: A realização da ducha vaginal após a relação sexual não engravida.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

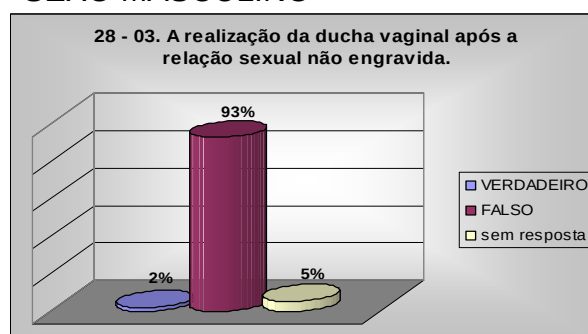


Gráfico 80: Questão 28, item 3: A realização da ducha vaginal após a relação sexual não engravida.: Região SUL

Há muitos anos, esse método era recomendado, porque o imaginavam como eficaz. Atualmente, esse método deve ser desaconselhado por ser ineficaz, pois o jato de água arrasta o esperma depositando-o no fundo da vagina (KUSNETZOFF, 1988). Os universitários de ambos os sexos e de todas as regiões do país, em sua maioria, responderam esta questão de forma equivocada.

De acordo com o livro *Conversando sobre sexo*, Suplicy é enfática ao afirmar que a ducha não é uma forma adequada de se evitar filhos.

Esguichar água ou outro líquido dentro do canal vaginal não retira os espermatozoides, ao contrário, empurra-os para o útero. Mesmo que você corra da cama para o banheiro, uma ducha será completamente ineficiente, pois o esperma, quando ejaculado, entra imediatamente no útero e fora do alcance da água. (SUPLICY, 1999, p.20)

✓ *Questão 28, item 4: A primeira relação sexual pode levar à gravidez.*

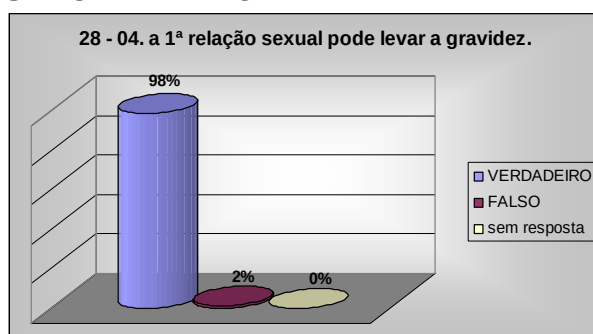
A quase totalidade dos participantes, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, em todas as regiões brasileiras, assinalaram como verdadeira a afirmação de que na primeira relação sexual há maior possibilidade de ocorrer a gravidez. Como vemos na pesquisa, de 80 a 90% dos indivíduos que participaram acreditam nesta possibilidade.

Nas regiões Norte e Sul a porcentagem dos indivíduos do sexo feminino que acreditam ser verdadeira tal afirmação chega a 98%, o mesmo ocorrendo entre 95% dos indivíduos do sexo masculino, nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sul.

Apenas na região Nordeste, encontramos 13% de indivíduos do sexo feminino e 9% do sexo masculino que deixaram de responder esta questão. Responderam afirmação como sendo verdadeira, 87% das jovens e 9% dos indivíduos do sexo masculino deixaram de responder, apesar de 87% das jovens responderam verdadeiro o mesmo ocorrendo com 88% dos jovens nordestinos.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

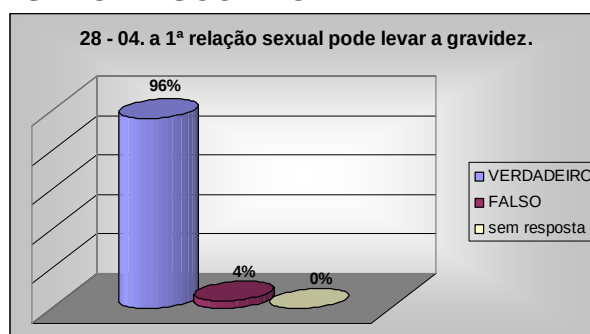
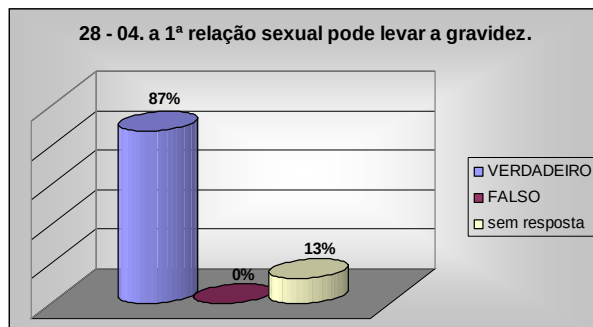


Gráfico 81: Questão 28, item 4: A primeira relação sexual pode levar à gravidez.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

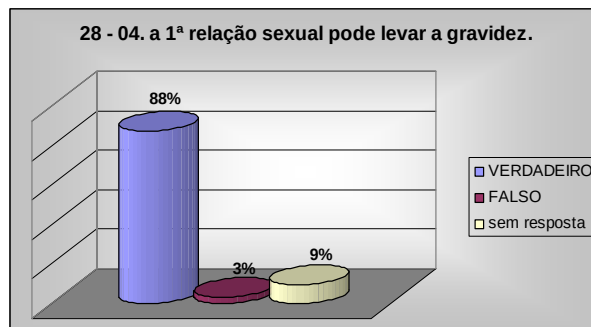
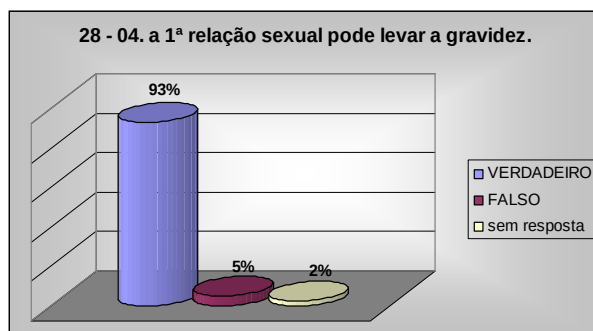


Gráfico 82: Questão 28, item 4: A primeira relação sexual pode levar à gravidez.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

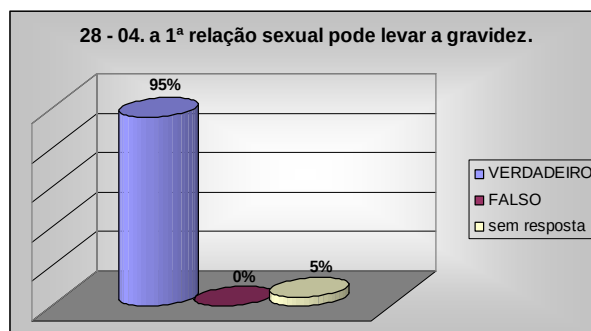
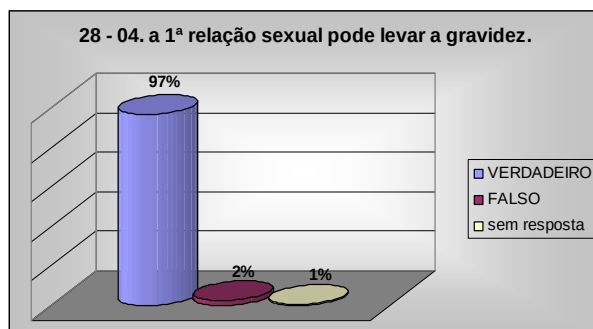


Gráfico 83: Questão 28, item 4: A primeira relação sexual pode levar à gravidez.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

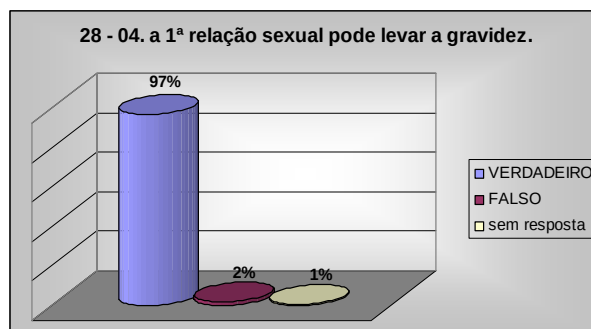
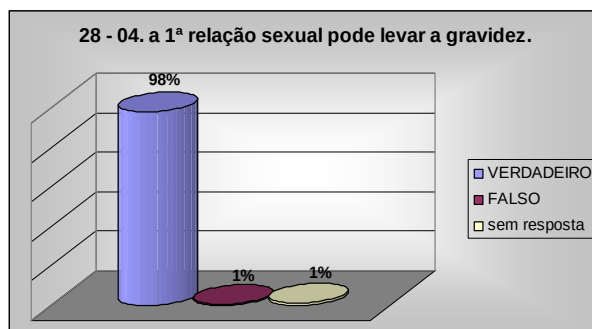


Gráfico 84: Questão 28, item 4: A primeira relação sexual pode levar à gravidez.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

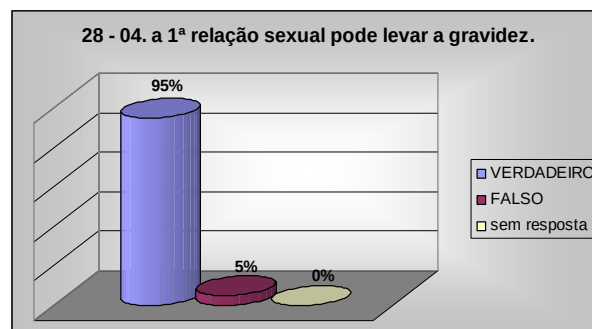


Gráfico 85: Questão 28, item 4: A primeira relação sexual pode levar a gravidez.: Região SUL

São inúmeras as crendices entre os jovens com relação à primeira relação. Uma delas considera que ao se relacionarem pela primeira vez não correm o risco de engravidar. Felizmente, os universitários, em sua grande maioria, afirmam que é possível engravidar ao ter a primeira relação sexual.

Ao recorrermos às análises de Gallotti, (2005, p.98), sobre a primeira relação, notamos que a autora afirma: “[...] se não se usar nenhum método anticoncepcional, haverá sempre o risco de ficar grávida quando se tiver relações sexuais com penetração”.

De acordo com Vitiello (1997), a maioria das jovens na faixa etária entre os 15 e 16 anos tem o início das relações sexuais. O autor salienta a importância de se iniciar a orientação sexual no final da infância ou, no máximo, até a pré-adolescência, evitando-se o elevado número de gestações que ocorrem durante a primeira relação sexual.



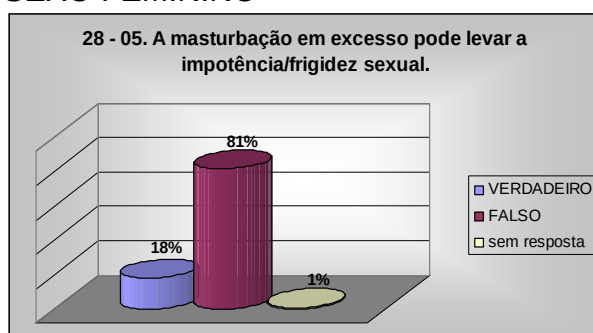
Questão 28, item 5: A masturbação em excesso pode levar à impotência/frigidez sexual.

Tal afirmação foi considerada falsa, por ambos os sexos.. Em todas as regiões brasileiras houve uma grande porcentagem de não aceitação dessa possibilidade. Porém, percebemos que a maior porcentagem a considerar a masturbação em excesso como prejudicial ao desempenho sexual se faz presente entre os indivíduos do sexo masculino. Observamos, na região Norte, que 81% dos indivíduos do sexo feminino refutam tal afirmação, sendo que entre os indivíduos do sexo masculino está na casa dos 74%.

Porém temos que constatar que 25% dos indivíduos do sexo masculino na região Norte responderam ser “verdadeira” tal afirmação, o mesmo ocorrendo com 26% dos indivíduos do sexo feminino na região Nordeste e 24% deste mesmo sexo na região Centro-Oeste. Percebemos, ainda, a falta de resposta em 13% das jovens nordestinas e 12% dos jovens moradores da região Centro-Oeste.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

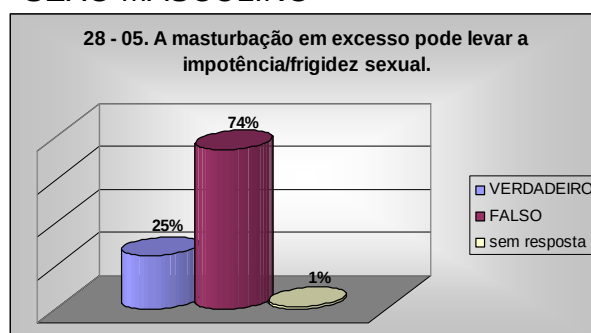
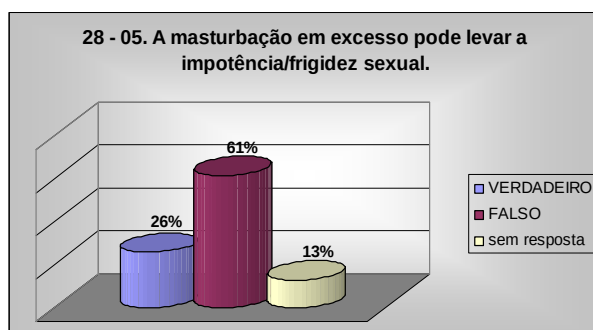


Gráfico 86: Questão 28, item 5: A masturbação em excesso pode levar à impotência/frigidez sexual.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

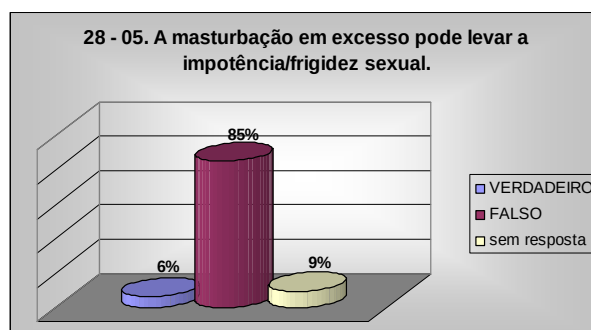
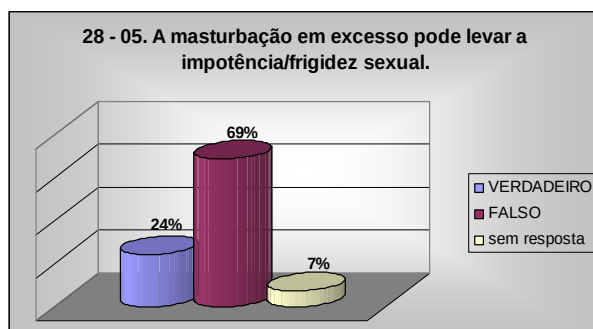


Gráfico 87: Questão 28, item 5: A masturbação em excesso pode levar à impotência/frigidez sexual.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

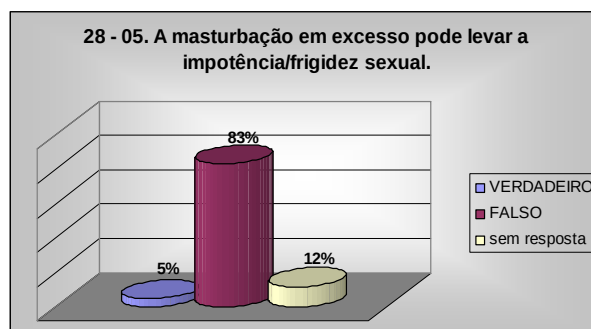
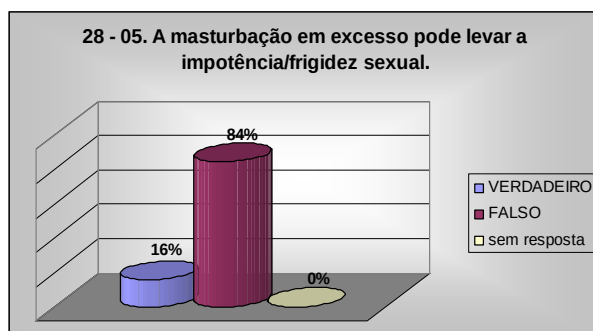


Gráfico 88: Questão 28, item 5: A masturbação em excesso pode levar à impotência/frigidez sexual.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

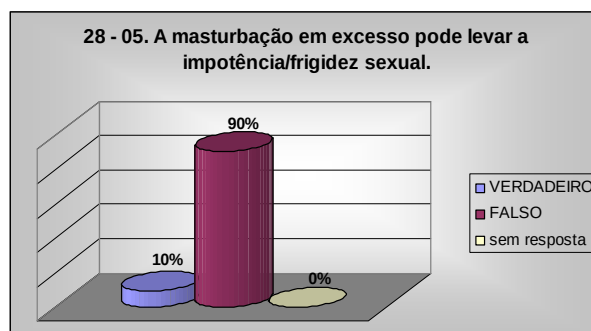
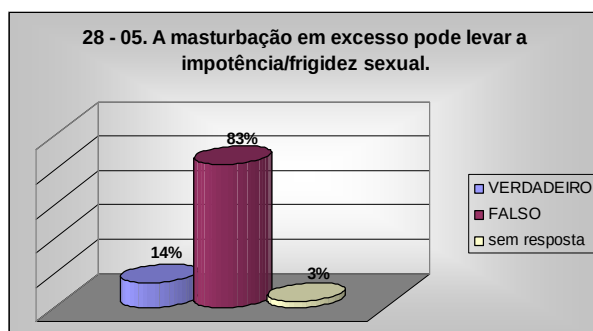


Gráfico 89: Questão 28, item 5: A masturbação em excesso pode levar à impotência/frigidez sexual.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

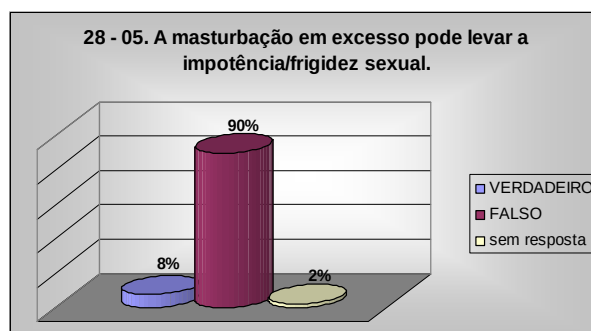


Gráfico 90: Questão 28, item 5: A masturbação em excesso pode levar à impotência/frigidez sexual.: Região SUL

Ao analisarmos os dados acima, percebemos que ainda existe uma porcentagem grande de não aceitação a esta prática. Podemos afirmar que grande parte das respostas obtidas em torno da masturbação, são dúvidas oriundas da educação cerceadora, que difunde as crendices sobre a sexualidade.

Sobre a afirmação: “A masturbação em excesso pode levar a impotência/frigidez sexual”, Duarte (2005, p.38), aborda esse tópico e esclarece que:

Não existe um padrão ou um número ótimo de relações sexuais, digamos, por semana. Diariamente ? Três vezes por semana? Duas? Uma? Depende da necessidade de cada um, da idade e de muitos outros fatores físicos e emocionais. Não se ouve falar em excesso de vida sexual a dois. Ora, da mesma forma, se alguém se masturba diariamente ou a cada quinze dias é porque essa é a frequência que atende suas necessidades. Não há excesso de vida sexual a dois, nem de masturbação também.

Em relação ao mesmo tema, Suplicy (1999, p.101), afirma que é difícil estabelecer o que é masturbação excessiva. A autora explica:

[...] “excessivo” seja o que ocupa um espaço que resulta algo em prejuízo do desenvolvimento harmonioso de todas as outras funções do ser humano. Neste raciocínio não haveria muita diferença entre masturbação, beber, ler ou dormir em demasia. Todas estas atividades podem ser gostosas e saudáveis ou “excessivas”, sem em prejuízo de viver a vida.

Ainda em relação à masturbação em excesso, Bruns; Almeida (2004, p.65), esclarecem:

Quanto ao ser “viciado” em masturbação, lembro, novamente, ser outra forma de expressão sexual, a qual diminui com a idade ou após o casamento, mas que, basicamente, não se extingue.

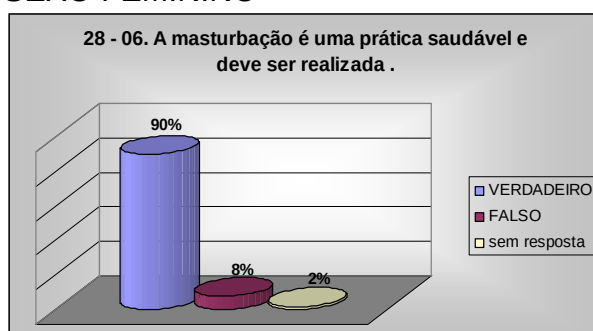
✓ *Questão 28, item 6: A masturbação é uma prática saudável e deve ser realizada tanto pelo homem como pela mulher.*

Como podemos constatar na análise da pesquisa, esta afirmação foi considerada como verdadeira, tanto pelos jovens do sexo masculino quanto pelos do sexo feminino. Porém, percebemos que a porcentagem é maior entre os participantes do sexo masculino, do que em relação às jovens entrevistadas. A maior porcentagem (95%) encontra-se nas regiões Sul e Sudeste, entre os jovens que responderam ao questionário.

Apesar de todas as regiões apresentarem maior porcentagem ao considerar tal afirmação verdadeira, devemos registrar que 32% dos indivíduos do sexo feminino, da região Nordeste, assinalaram como falsa tal afirmação. Entre os jovens nordestinos vemos um equilíbrio na porcentagem (9%), ao considerar falsa tal afirmação ou ficar sem resposta.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

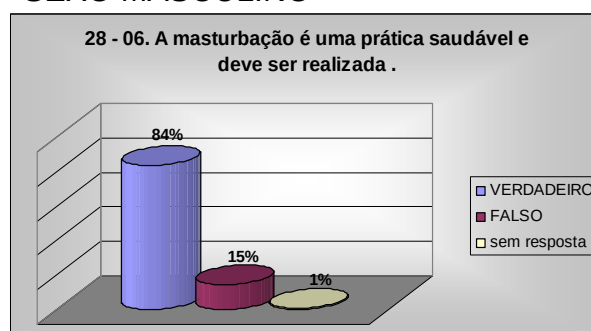
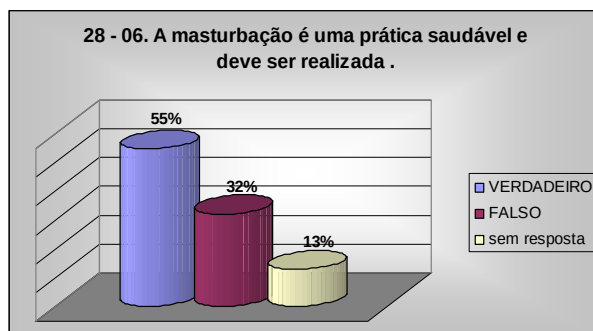


Gráfico 91: Questão 28, item 6: A masturbação é uma prática saudável e deve ser realizada tanto pelo homem como pela mulher.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

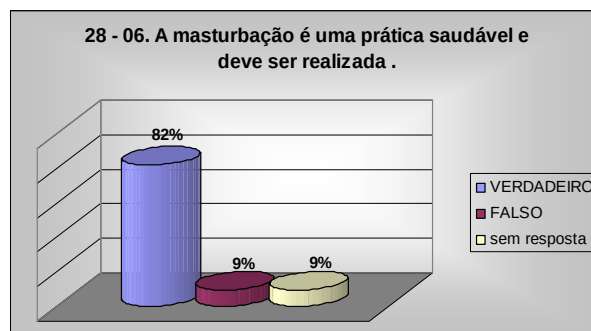
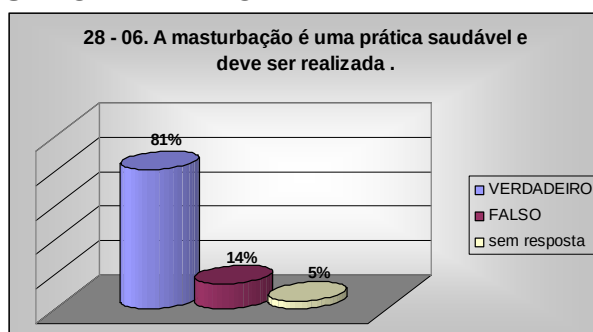


Gráfico 92: Questão 28, item 6: A masturbação é uma prática saudável e deve ser realizada tanto pelo homem como pela mulher.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

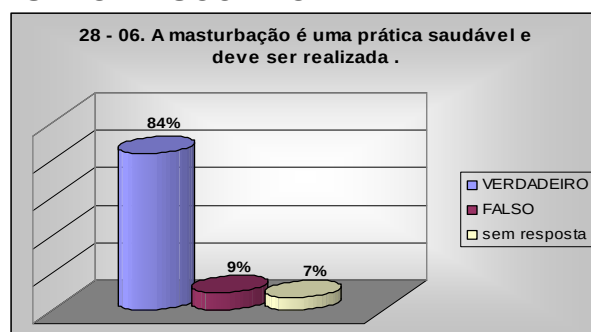
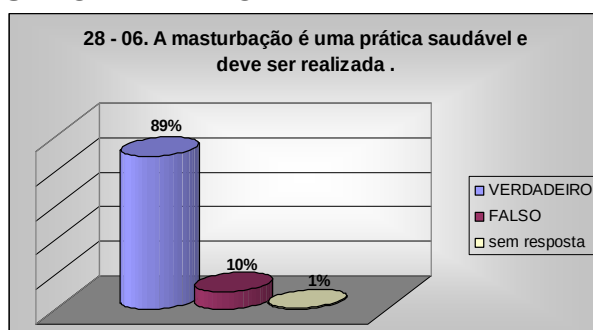


Gráfico 93: Questão 28, item 6: A masturbação é uma prática saudável e deve ser realizada tanto pelo homem como pela mulher.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

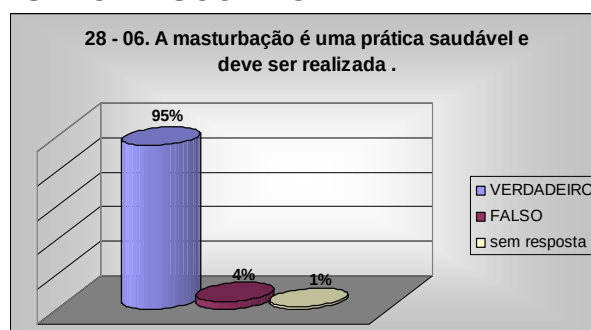
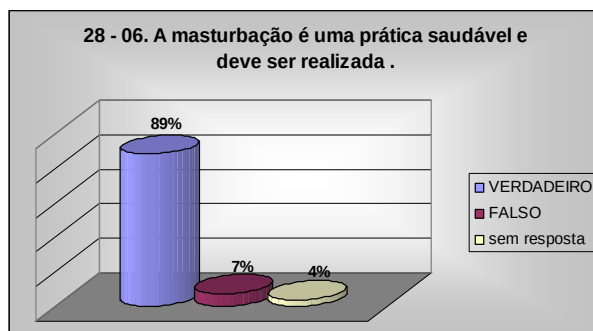


Gráfico 94: Questão 28, item 6: A masturbação é uma prática saudável e deve ser realizada tanto pelo homem como pela mulher.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

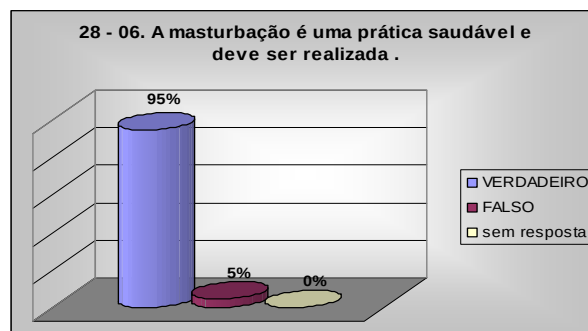


Gráfico 95: Questão 28, item 6: A masturbação é uma prática saudável e deve ser realizada tanto pelo homem como pela mulher.: Região SUL

Novamente ao recorrermos ao tema MASTURBAÇÃO, verificamos que as universitárias do Nordeste, ainda apresentam tabus em relação a essa temática, pois 32% delas assinalaram como falsa a afirmação: “A masturbação é uma prática saudável e deve ser realizada tanto pelo homem como pela mulher”, perpetuando assim a diferença entre os gêneros.

Em relação ao tema em questão, Suplicy (1999, p.99), recorre às pesquisas de Masters; Johnson.

Em relação à mulher, pesquisas sérias como as de Masters e Johnson, mostram exatamente do contrário, que a mulher que se masturba conhece melhor o seu corpo, portanto, a possibilidade de ter orgasmo no coito é maior do que a que nunca se masturbou.

A autora conclui:

Muitas mulheres só descobrem que podem ter prazer com o próprio corpo depois de terem relação sexual com um parceiro. O pico da masturbação feminina é, provavelmente entre os 30-40 anos, ao contrário do homem, que é na adolescência. É possível que esta diferença seja aplicada culturalmente devido à educação repressiva da mulher. (SUPLICY,1999, p.101-102)

✓ *Questão 28, item 7: O vírus HIV pode ser contraído apenas com a prática do sexo oral, mesmo sem nenhuma penetração.*

Essa afirmação foi considerada, por ambos os sexos e em quase todas as regiões brasileira onde esta pesquisa foi realizada, como verdadeira. Porém, os indivíduos do sexo feminino nas regiões Norte e Nordeste do país, em maior porcentagem, acreditam que o sexo oral, ou seja, quando não há penetração, não existe o perigo do contágio pelo vírus HIV. Percebemos que mesmo em outras regiões em que a porcentagem é maior pela afirmação verdadeira, ainda existe uma razoável dúvida, pois a porcentagem de indivíduos, tanto do sexo masculino como do sexo feminino, que assinalaram a afirmação enquanto falsa é significativa.

Como podemos ver na região Norte, 57% dos indivíduos do sexo masculino consideram tal afirmação verdadeira. Também 47% dos indivíduos do sexo feminino têm a mesma resposta, perdendo por apenas seis pontos percentuais (53%), dos que consideraram tal afirmação falsa. O mesmo ocorre com 45% das jovens nordestinas que responderam pela falsidade desta afirmação, em relação 42% das que assinalaram ser verdadeira.

Em todas as regiões vemos que os jovens ficaram confusos ao responder esta questão. Apesar da porcentagem em assinalar como verdadeira tal afirmação ter obtido maior percentual, as porcentagens assinaladas pela falsidade também têm percentuais altos. Por exemplo, 51% das as jovens gaúchas assinalaram como verdadeira, contra 47% que assinalaram como falsa. Entre os jovens do sexo masculino temos na região Centro-Oeste 49% que assinalaram como verdadeira a afirmação, contra 46% que assinalaram como falsa.

Região NORTE

SEXO FEMININO

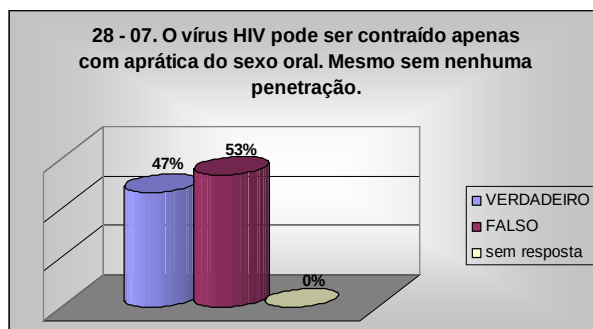
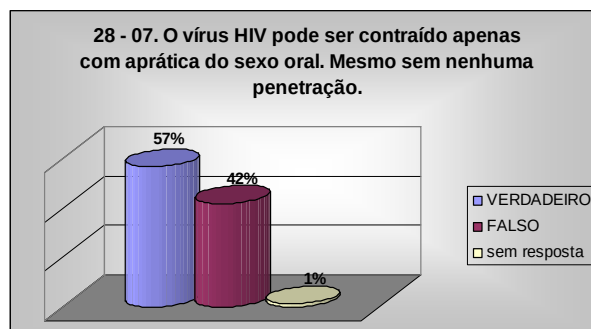


Gráfico 96: Questão 28, item 7: O vírus HIV pode ser contraído apenas com a prática do sexo oral, mesmo sem nenhuma penetração.: Região NORTE

SEXO MASCULINO



Região NORDESTE

SEXO FEMININO

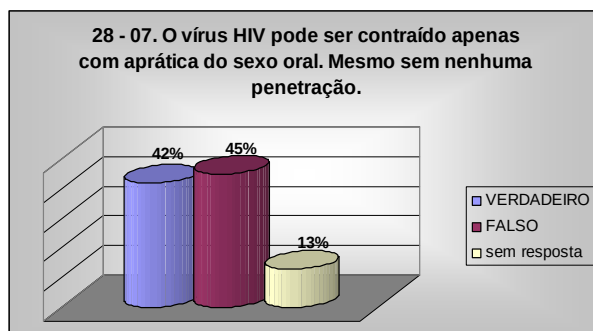
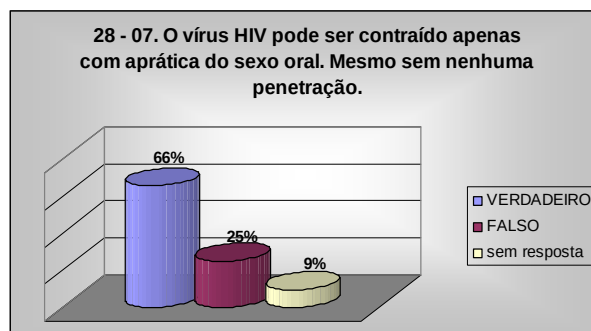


Gráfico 97: Questão 28, item 7: O vírus HIV pode ser contraído apenas com a prática do sexo oral, mesmo sem nenhuma penetração.: Região NORDESTE

SEXO MASCULINO



Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

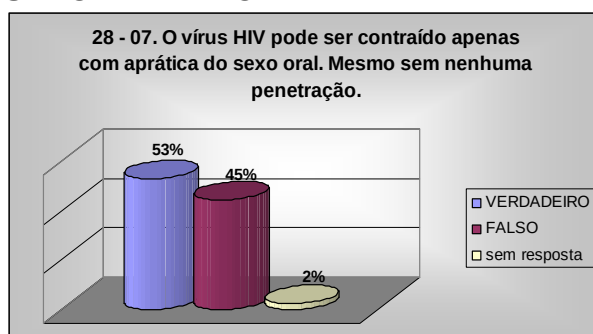
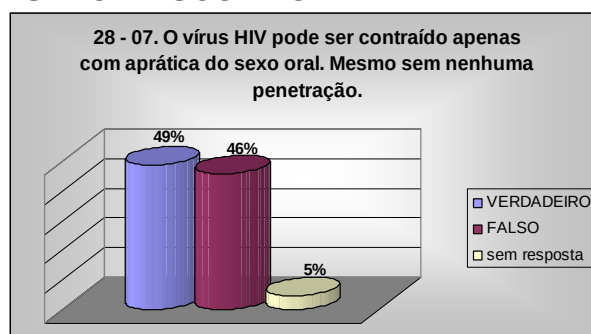


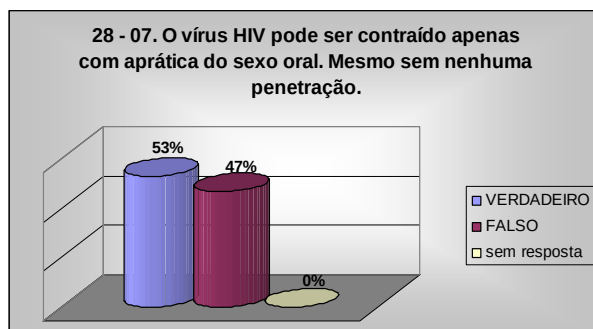
Gráfico 98: Questão 28, item 7: O vírus HIV pode ser contraído apenas com a prática do sexo oral, mesmo sem nenhuma penetração.: Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

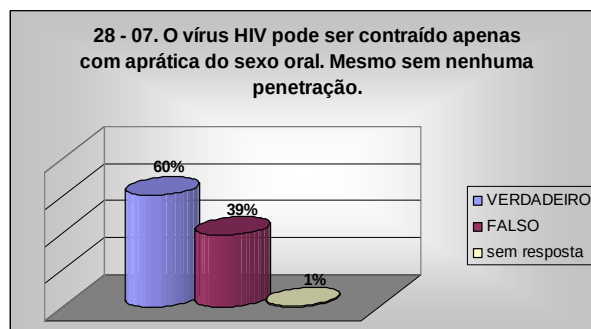
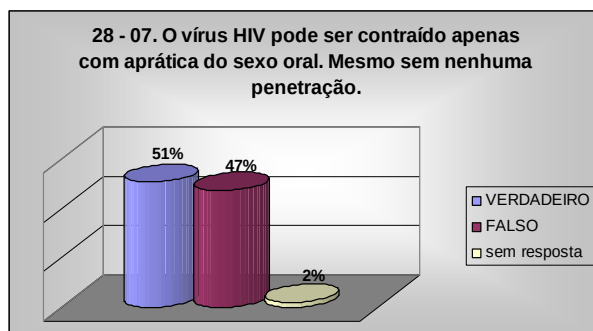


Gráfico 99: Questão 28, item 7: O vírus HIV pode ser contraído apenas com a prática do sexo oral, mesmo sem nenhuma penetração.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

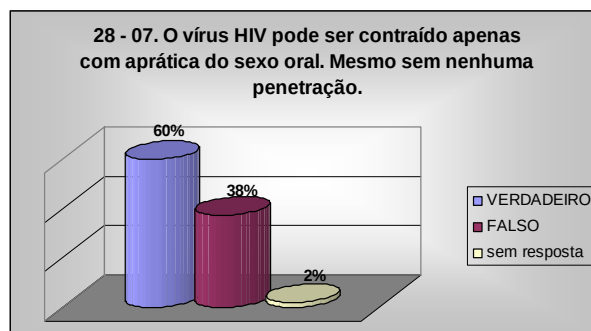


Gráfico 100: Questão 28, item 7: O vírus HIV pode ser contraído apenas com a prática do sexo oral, mesmo sem nenhuma penetração.: Região SUL

A forma de contágio do vírus HIV suscita dúvidas entre os universitários brasileiros que responderam ao questionário. Embora os principais meios de transmissão do HIV sejam o sexo vaginal e o anal, o sexo oral tem se mostrado um veículo de menor risco de transmissão.

Sobre essa forma de contágio, Masters; Johnson (1977, p.419), ratificam:

Dificuldades anteriores em provar que o sexo oral-genital podia transmitir o HIV refletiam em primeiro lugar o problema em encontrar pessoas que o tivessem praticado exclusivamente e nunca o coito, ou que jamais houvessem usado drogas intravenosas. Assim, um estudo de 45 casais casados, nos quais um dos cônjuges tinha AIDS, descobriu que a frequência do sexo oral-genital estava correlacionada com o parceiro anteriormente sadio ser infectado pelo HIV, mas isso não provava uma relação causa-efeito. (Estudos de correlação não podem fornecer esse tipo de provas). Embora atualmente não pareça o risco de transmitir HIV via sexo oral-genital ser tão alto quanto o risco durante o coito, não existe um modo baseado no conhecimento atual de quantificar precisamente tal risco.

De acordo com as análises de Suplicy (1999, p.300) sobre o menor risco de transmissão através da prática sexual oral, a autora menciona que:

[...] embora não existam dados de infecções em pessoas que só praticam exclusivamente o sexo oral. Como vimos, o sangue, fluído vaginal e o sêmem são altamente transmissores do HIV, portanto, o sexo oral só será seguro quando praticado com alguma barreira de proteção [...].

✓ **Questão 28, item 8: Toda mulher tem um período fértil em que há risco de gravidez.**

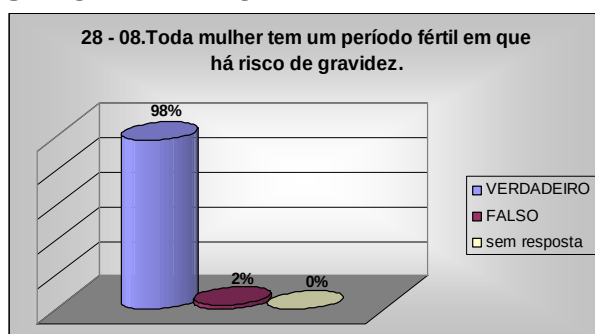
Esta é uma afirmação que os participantes assinalaram, em sua maioria, como verdadeira. Os indivíduos do sexo masculino na região Norte são unânimes em acreditar que a mulher tem um período fértil em que poderá ocorrer a gravidez. Nesta região, 100% dos jovens e 98% das jovens acreditam ser verdadeira esta afirmação.

Em outras regiões como, Sul e Centro-Oeste, encontramos a mesma porcentagem (95%) dos que assinalaram como verdadeira a afirmação, entre os indivíduos do sexo masculino. Essa mesma porcentagem (95%), encontramos nas respostas das jovens da região Sudeste.

Na região Nordeste 85% dos jovens do sexo masculino assinalaram ser verdade esta questão, contra 74% das jovens nordestinas que ficaram em dúvida, pois 13% delas assinalaram como falso o período fértil que toda mulher tem, em que existe o perigo de gravidez. A mesma porcentagem (13%) deixou de dar resposta.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

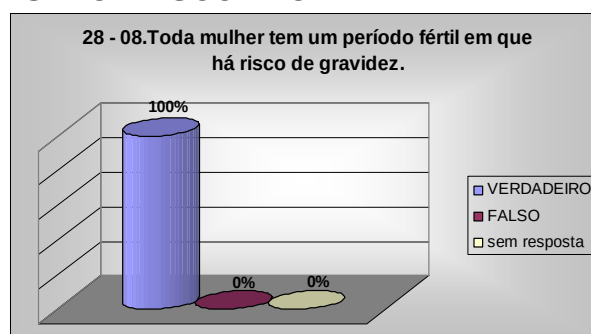
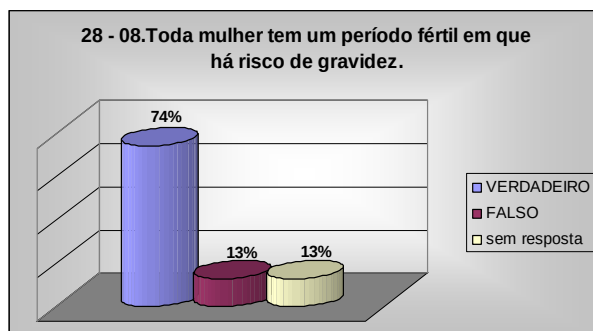


Gráfico 101: Questão 28, item 8: Toda mulher tem um período fértil em que há risco de gravidez.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

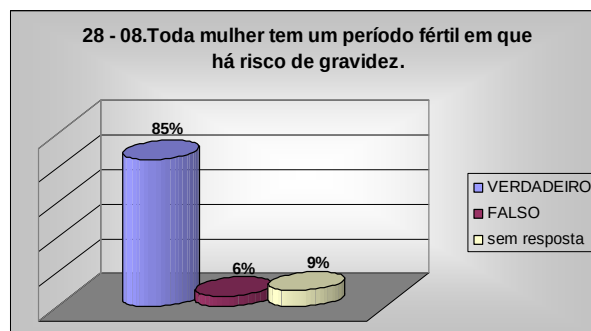
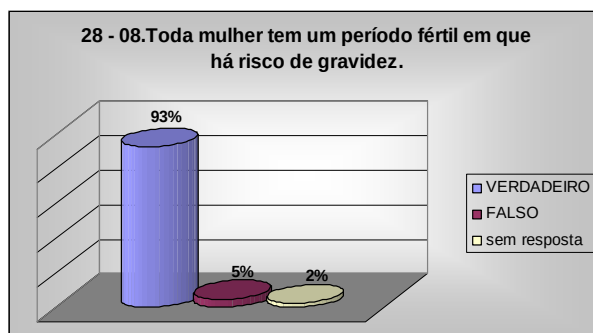


Gráfico 102: Questão 28, item 8: Toda mulher tem um período fértil em que há risco de gravidez.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

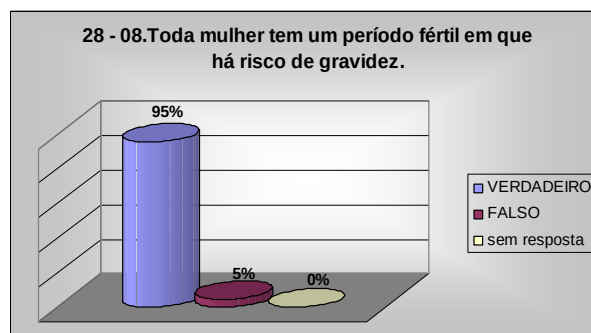
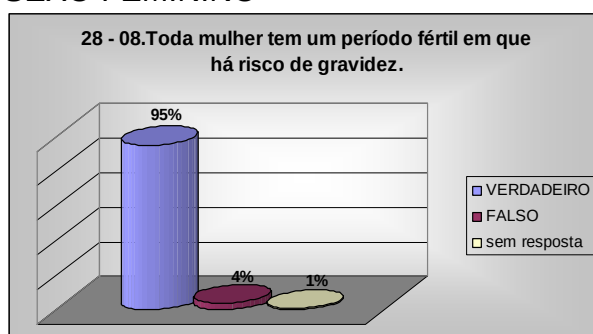


Gráfico 103: Questão 28, item 8: Toda mulher tem um período fértil em que há risco de gravidez.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

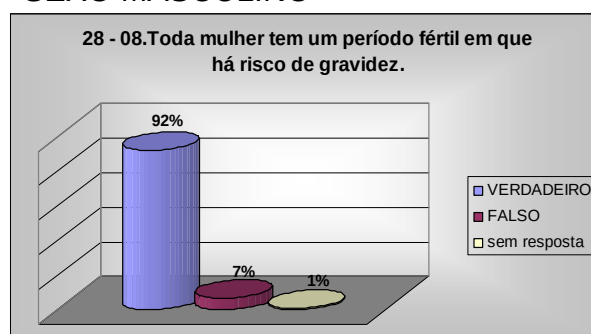
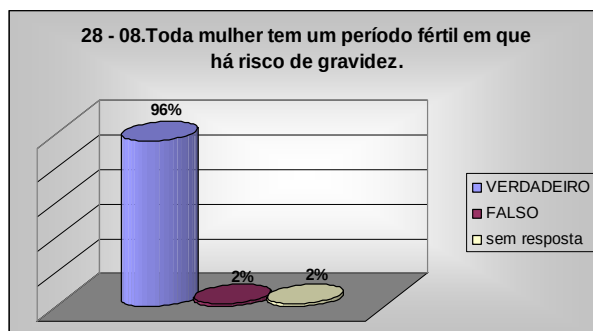


Gráfico 104: Questão 28, item 8: Toda mulher tem um período fértil em que há risco de gravidez.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

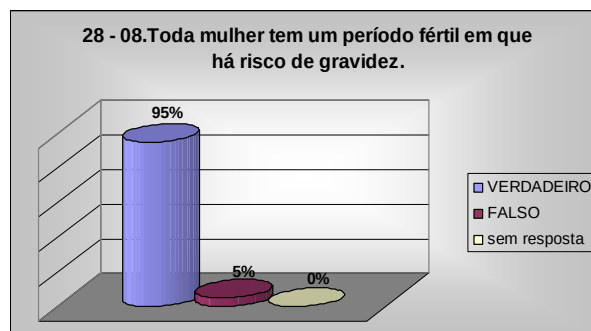


Gráfico 105: Questão 28, item 8: Toda mulher tem um período fértil em que há risco de gravidez.: Região SUL

A natureza é sábia e toda mulher sadia tem grandes possibilidades de ficar grávida, uma vez por mês, durante o seu período fértil. Portanto, a grande maioria dos universitários assinalou corretamente esta questão.

Recorrendo as análises de Masters et al. (1997, p.315), os autores concebem sobre esse período, como:

Do modo como o ciclo menstrual funciona, há apenas um período fértil a cada mês. Na verdade, o óvulo provavelmente pode ser fertilizado apenas 12 a 24 horas depois da ovulação.



Questão 28, item 9: O uso regular da pílula anticoncepcional não impede a ovulação.

Nesta questão, notamos que os indivíduos do sexo masculino são unânimes em assinalar como falsa tal afirmação, apesar de encontrarmos uma porcentagem significativa deles nas regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste que assinalaram como verdadeira. O interessante está nas porcentagens entre verdadeiro e falso, nos indivíduos do sexo feminino. Na região Nordeste as jovens assinalaram como verdadeira, tal afirmação. Nas outras regiões, a porcentagem de jovens do sexo feminino a considerar falsa a ovulação mesmo com o uso regular da pílula anticoncepcional, é alta. Porém, vemos que, também, é grande a porcentagem que afirma ser verdadeira.

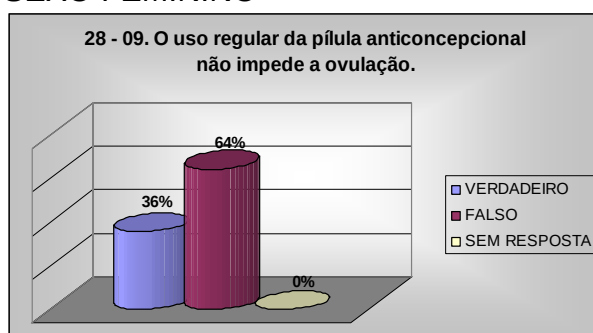
Ao comparar todas as regiões entre os indivíduos do sexo feminino temos percentuais muito pequenos que distanciam o verdadeiro do falso. Na região Nordeste, por exemplo, encontramos 52% para verdadeiro, 35% para falso e 13%

para nenhuma resposta entre as jovens nordestinas. O mesmo ocorre com as jovens gaúchas, cuja resposta é 52% para falso, contra 45% para verdadeiro.

Entre os jovens do sexo masculino vemos que os percentuais para o falso são mais significativos, apenas na região Sul, onde temos 53% das respostas para falso e 42% para verdadeiro.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

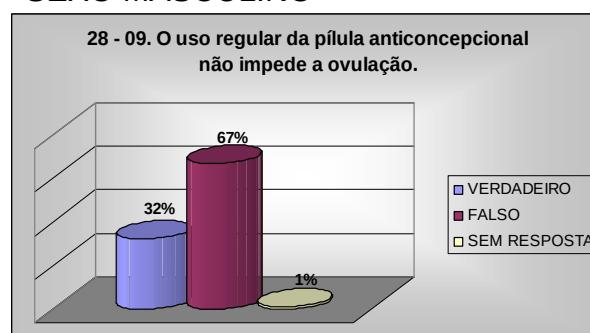
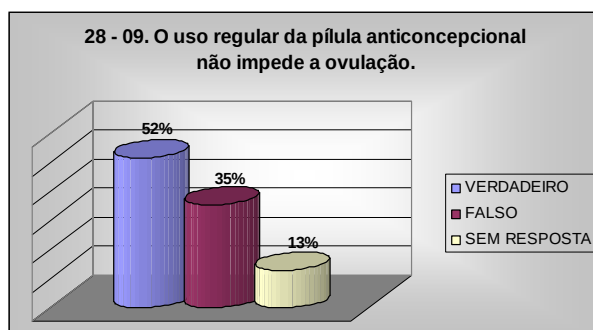


Gráfico 106: Questão 28, item 9: O uso regular da pílula anticoncepcional não impede a ovulação.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

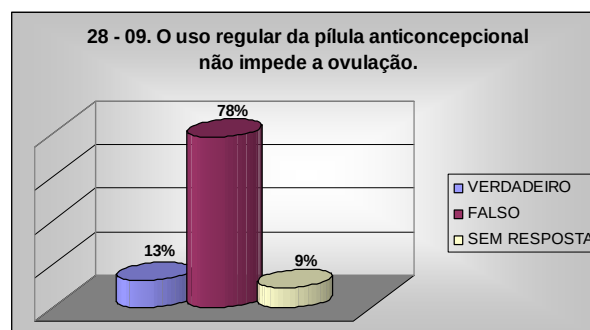
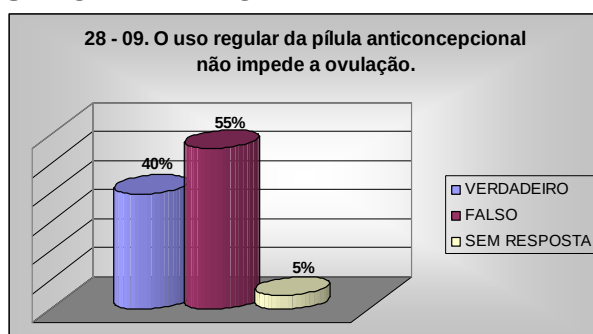


Gráfico 107: Questão 28, item 9: O uso regular da pílula anticoncepcional não impede a ovulação.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

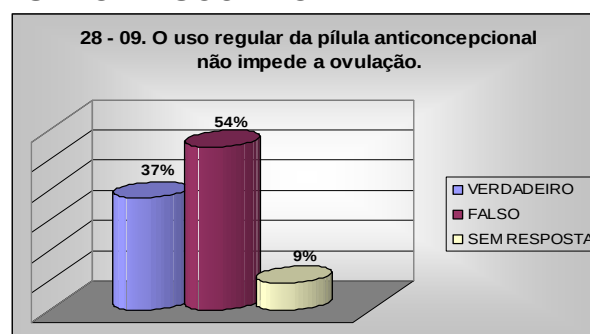
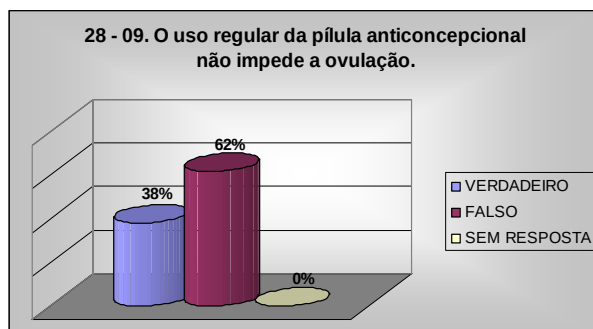


Gráfico 108: Questão 28, item 9: O uso regular da pílula anticoncepcional não impede a ovulação.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

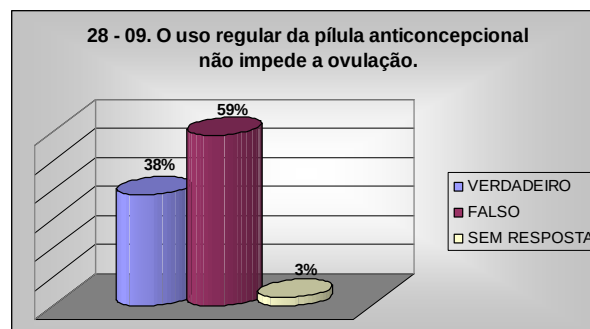
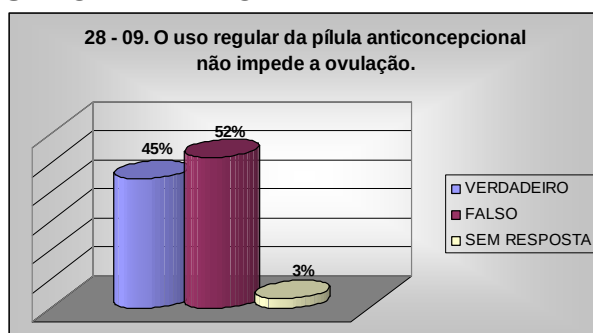


Gráfico 109: Questão 28, item 9: O uso regular da pílula anticoncepcional não impede a ovulação.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

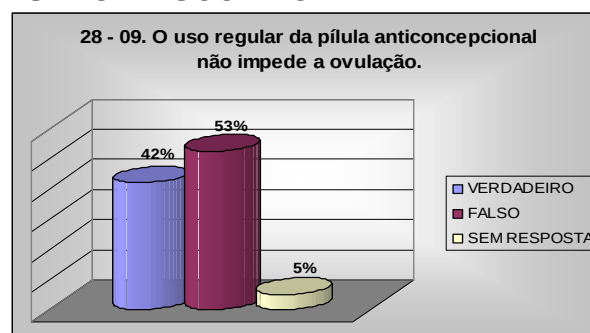


Gráfico 110: Questão 28, item 9: O uso regular da pílula anticoncepcional não impede a ovulação.: Região SUL



Questão 28, item 10: A masturbação só oferece riscos se você introduzir algum objeto cortante ou pontiagudo na vagina.

Vimos, em outras questões sobre a masturbação, se tal prática poderia acarretar a impotência/frigidez sexual ou ainda se poderia ser considerada saudável ou não. Quanto a essa afirmação, pudemos constatar por meio da pesquisa, que tanto os jovens quanto as jovens assinalaram como verdadeira tal afirmação.

Na região Norte, entre os indivíduos do sexo feminino temos uma grande porcentagem (80%) que assinalaram como verdadeira tal afirmação. Porém entre os indivíduos do sexo masculino vemos que esta porcentagem diminui (76%) em alguns percentuais, sendo que 23% destes jovens consideram falsa a afirmação de que a masturbação só oferece riscos se você introduzir algum objeto cortante ou pontiagudo na vagina.

Quanto aos jovens do sexo feminino da região Nordeste a porcentagem cai

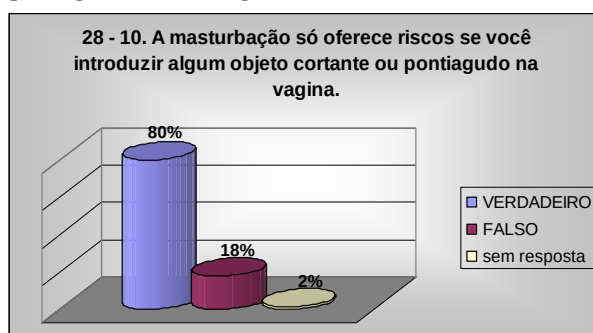
mais, sendo que apenas 61% consideram verdadeira a afirmação contra 26% que assinalaram falso. Interessante é ver que, tanto no sexo feminino quanto no sexo masculino, 13% deixaram de responder a questão. A mesma porcentagem vemos entre os jovens nordestinos que assinalaram a falsidade da questão.

No Centro-Oeste do país vemos que entre os indivíduos do sexo feminino a afirmação ocupa porcentagens de 69% para o verdadeiro e 27% para o falso. Sendo que entre os indivíduos do sexo masculino nesta mesma região temos uma porcentagem um pouco maior para o verdadeiro (72%) e um pouco menor para o falso (21%).

Entre os indivíduos do sexo feminino nas regiões Sul e Sudeste a porcentagem (80%) para a verdade da afirmação é a mesma. Essa porcentagem (80%) também é vista entre os indivíduos do sexo masculino na região Sul. Porém vemos que a afirmação é considerada falsa por 20% das jovens na região Sudeste e 29% dos jovens desta mesma região.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

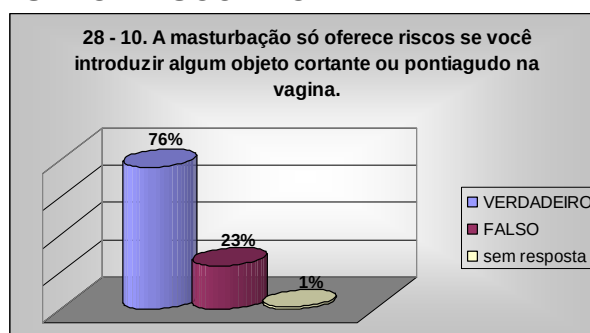
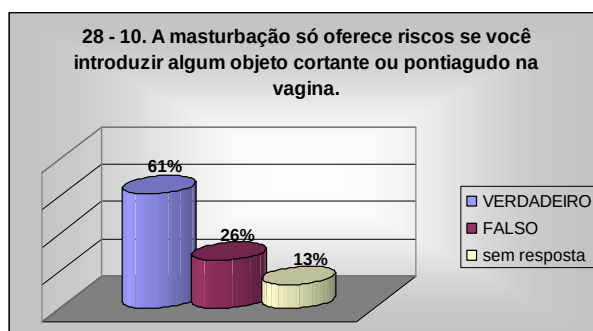


Gráfico 111: Questão 28, item 10: A masturbação só oferece riscos se você introduzir algum objeto cortante ou pontiagudo na vagina.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

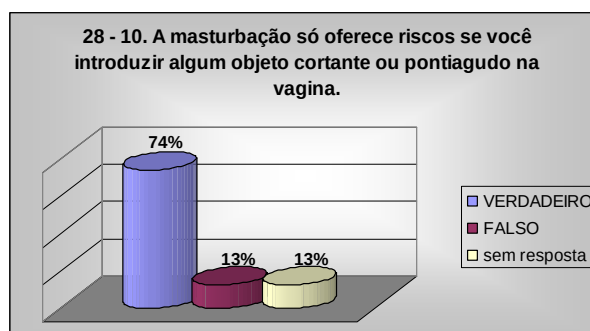
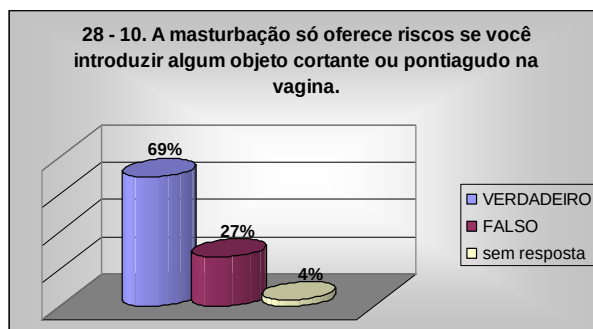


Gráfico 112: Questão 28, item 10: A masturbação só oferece riscos se você introduzir algum objeto cortante ou pontiagudo na vagina.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

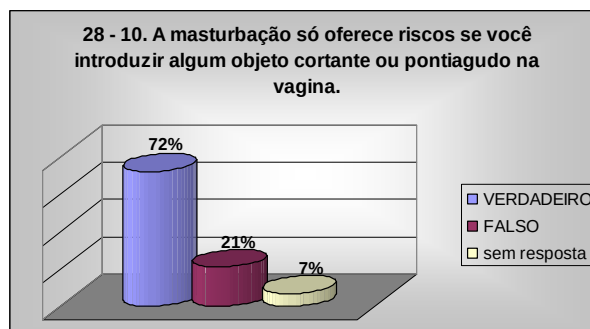
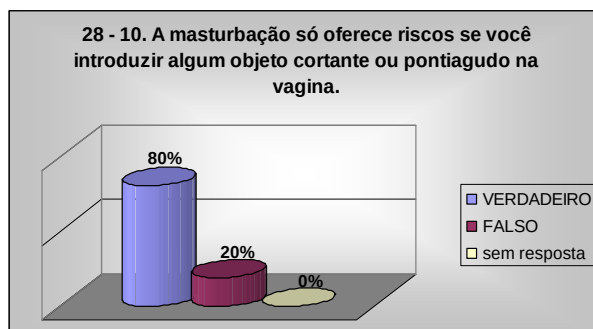


Gráfico 113: Questão 28, item 10: A masturbação só oferece riscos se você introduzir algum objeto cortante ou pontiagudo na vagina.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

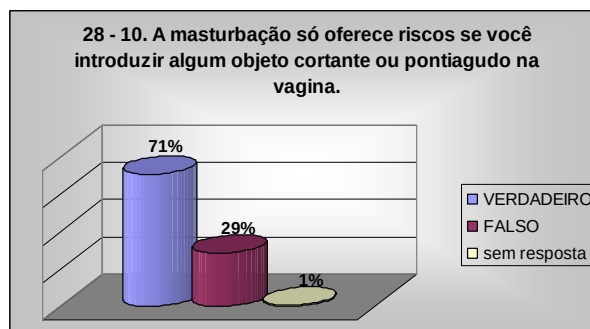
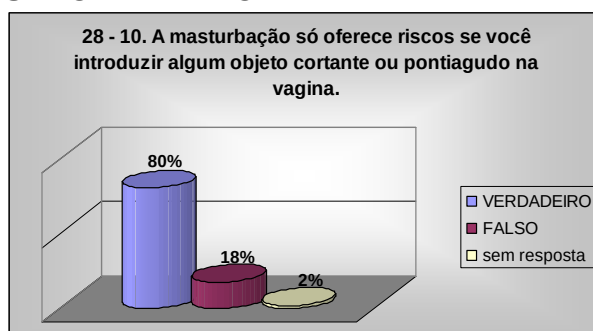


Gráfico 114: Questão 28, item 10: A masturbação só oferece riscos se você introduzir algum objeto cortante ou pontiagudo na vagina.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

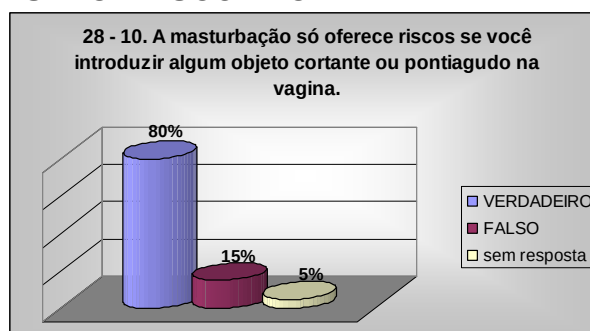


Gráfico 115: Questão 28, item 10: A masturbação só oferece riscos se você introduzir algum objeto cortante ou pontiagudo na vagina.: Região SUL

A masturbação é um fator inerente à vida do ser humano. Não existe nenhum trabalho acadêmico, comprovado, que demonstre que a masturbação cause algum dano à saúde da pessoa.

Carrion; Pesca (1996, p.21), descrevem a prática masturbatória como

importante forma de estímulo sexual assim como a fantasia e a relação sexual.

Segundo McCary (1978, p.126), a masturbação é normal, benéfica e nunca prejudicou ninguém. De acordo com esse autor:

A masturbação nunca prejudicou ninguém, embora o sentimento de culpa possa provocar muita angústia. Na opinião da vasta maioria das autoridades, a masturbação, antes de ser pecaminosa e prejudicial à saúde, é normal e benéfica, faz parte do crescimento, da auto-descoberta, um passo para o papel do jovem como ser adulto sexual e, na realidade, um ato saudável, e normal. Em nenhum caso pode ser considerado anormal, posto que sua prática é muito difundida.



Questão 28, item 11: Carícias na vagina ajudam a mulher a conhecer outras partes do seu corpo que podem lhe proporcionar mais prazer.

Todos os participantes, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino reconhecem como verdadeira tal afirmação.

Nas regiões Norte e Sudeste entre os indivíduos do sexo masculino verificamos a maior porcentagem (97%) dos que consideram tal afirmação como verdadeira. São as jovens da região Sudeste, que em sua maioria (95%) também assinalaram verdadeira a afirmação, reconhecendo que carícias na vagina ajudam a mulher a conhecer outras partes do seu corpo que podem lhe proporcionar mais prazer.

Interessante é que 71% das jovens nordestinas assinalaram como verdadeira esta afirmação, 16% consideraram falsa e 13% nada responderam. A mesma porcentagem (13%) pode ser vista entre os jovens desta mesma região, que deixaram de responder tal questão.

Região NORTE

SEXO FEMININO

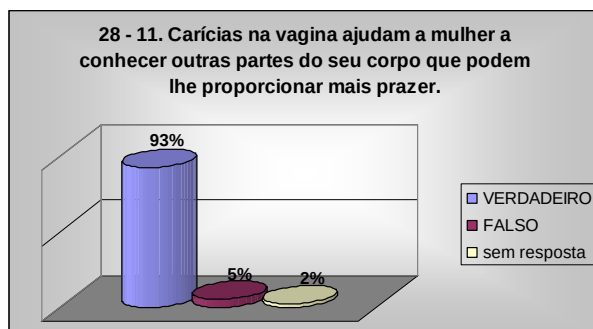
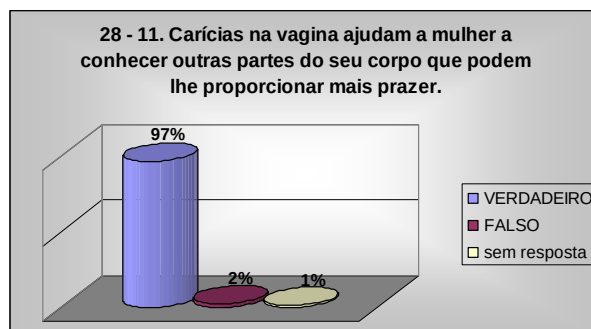


Gráfico 116: Questão 28, item 11: Carícias na vagina ajudam a mulher a conhecer outras partes do seu corpo que podem lhe proporcionar mais prazer.: Região NORTE

SEXO MASCULINO



Região NORDESTE

SEXO FEMININO

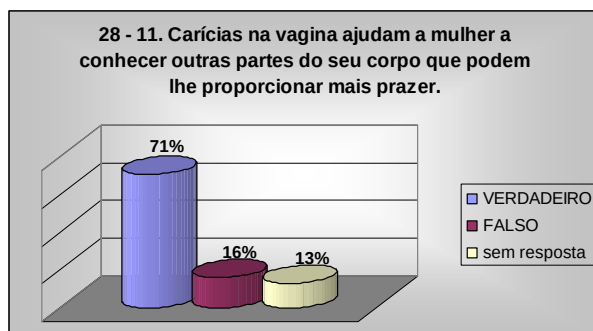
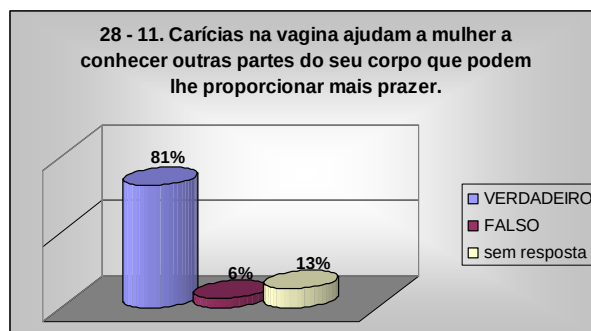


Gráfico 117: Questão 28, item 11: Carícias na vagina ajudam a mulher a conhecer outras partes do seu corpo que podem lhe proporcionar mais prazer.: Região NORDESTE

SEXO MASCULINO



Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

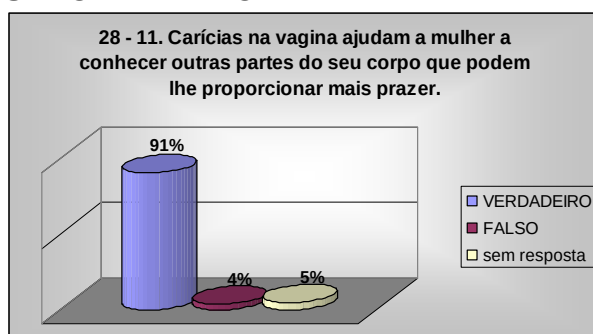
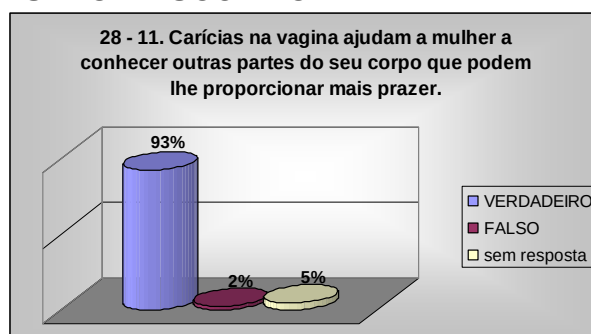


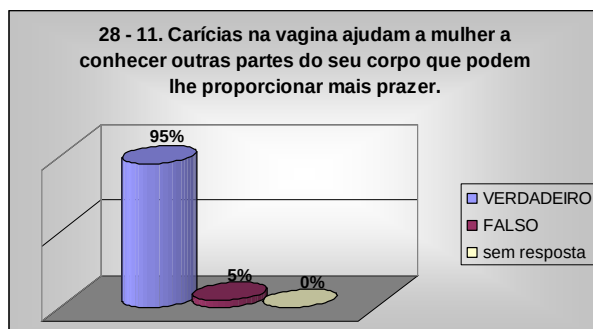
Gráfico 118: Questão 28, item 11: Carícias na vagina ajudam a mulher a conhecer outras partes do seu corpo que podem lhe proporcionar mais prazer.: Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

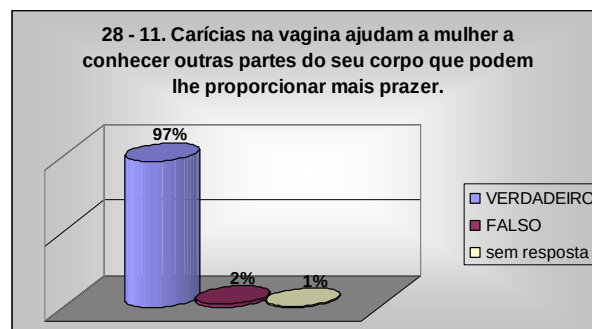
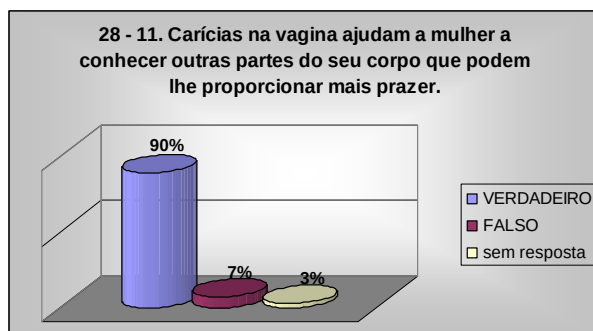


Gráfico 119: Questão 28, item 11: Carícias na vagina ajudam a mulher a conhecer outras partes do seu corpo que podem lhe proporcionar mais prazer.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

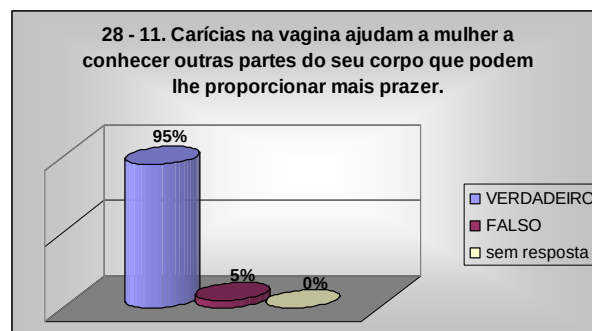


Gráfico 120: Questão 28, item 11: Carícias na vagina ajudam a mulher a conhecer outras partes do seu corpo que podem lhe proporcionar mais prazer.: Região SUL

As carícias são valiosas fontes de prazer. A arte de tocar e ser tocado é uma experiência rica em sensações e extremamente prazerosa. Masters et al. (1997, p. 36) sobre as carícias, afirmam:

A concentração nas sensações diz respeito a tocar e ser tocado. Muitos casais acham que isso parece tão excitante quanto areia molhada, mas a verdade é que a arte de tocar e ser tocado é muito mais do que a maioria das pessoas imaginam. Um dos modos de maximizar o potencial de concentração nas sensações é começar sem quaisquer noções preconcebidas do que você sente, o quanto será bom, e o prazer que proporcionará. Em outras palavras, mesmo se a idéia não lhe parecer excitante, deve ser receptivo a ela, caso contrário suas expectativas tenderão a falsear sua experiência e seus sentimentos.

Kusnetzoff (1988, p.47) salienta algumas das diferenças fundamentais entre os sexos. O autor, ao abordar essas diferenças, afirma:

A resposta sexual feminina é isto: feminina, exclusiva das mulheres. Embora as etapas sejam análogas às da resposta sexual masculina,

dela se diferencia na variedade de aspectos que os integrantes do casal devem conhecer e lembrar para conseguir o máximo de harmonia e de prazer em suas relações, algo a que toda mulher - e todo homem - tem direito inalienável. O conhecimento de si mesmo e do outro, o diálogo aberto e sincero, a superação de pretextos, desculpas e fingimentos, a exploração própria e mútua são elementos imprescindíveis de uma vida sexual satisfatória.

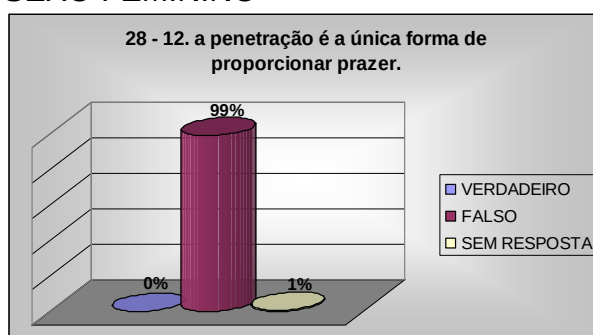
✓ *Questão 28, item 12: A penetração é a única forma de proporcionar prazer.*

Tanto os jovens quanto as jovens, em sua maioria, consideram esta afirmação como falsa.

Na região Norte, temos a mesma porcentagem (99%) de informantes do sexo masculino e do sexo feminino, assinalando como falsa a afirmação que considera a penetração a única forma de proporcionar prazer. É na região Nordeste, entre os indivíduos do sexo feminino, que encontramos a menor porcentagem (71%) dos que assinalam como verdadeira a afirmação. Encontramos, ainda, 16% assinalando falso e 13% deixando de responder. A mesma porcentagem (13%) é vista entre os jovens nordestinos que nada responderam.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

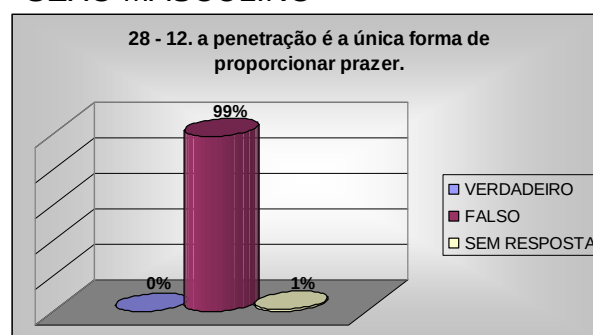
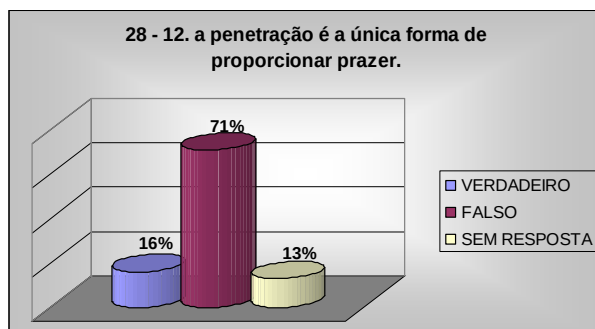


Gráfico 121: Questão 28, item 12: A penetração é a única forma de proporcionar prazer.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

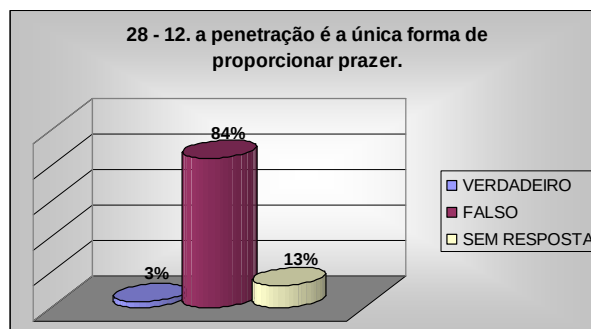
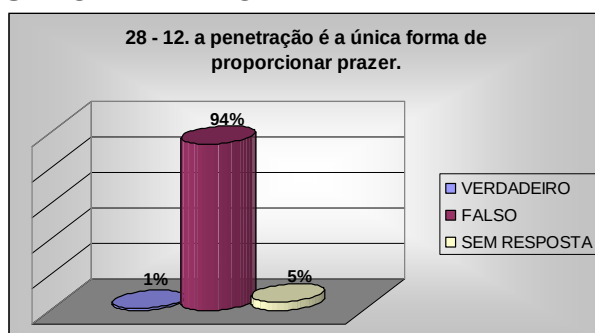


Gráfico 122: Questão 28, item 12: A penetração é a única forma de proporcionar prazer.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

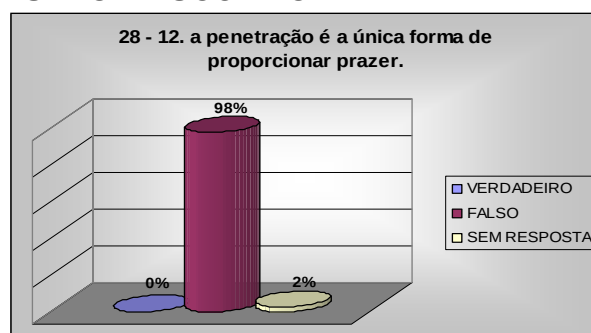
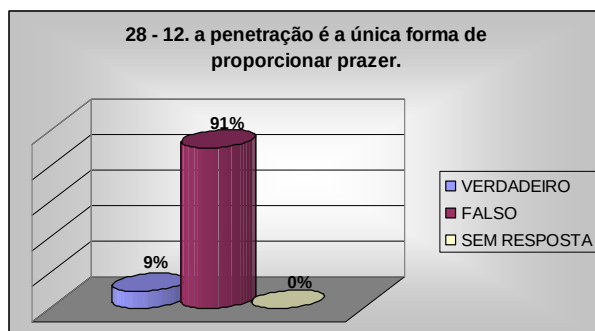


Gráfico 123: Questão 28, item 12: A penetração é a única forma de proporcionar prazer.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

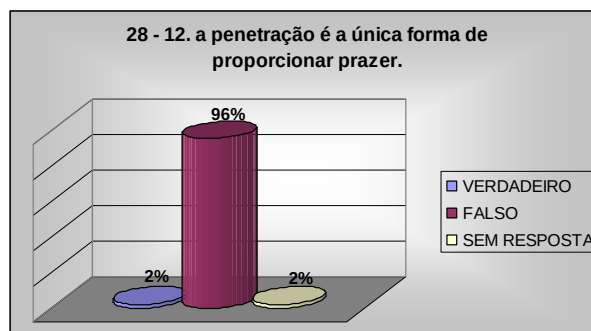
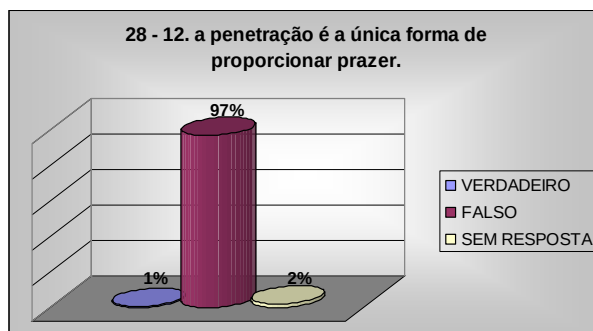


Gráfico 124: Questão 28, item 12: A penetração é a única forma de proporcionar prazer.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

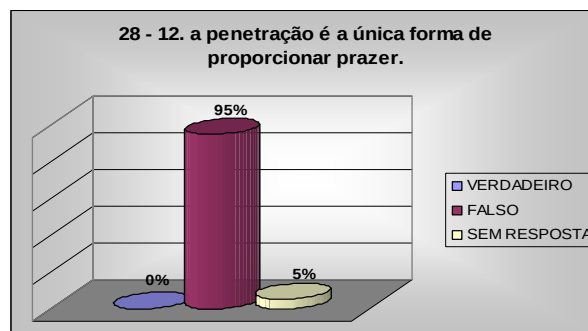


Gráfico 125: Questão 28, item 12: A penetração é a única forma de proporcionar prazer.: Região SUL

Ao analisarmos as respostas dos universitários brasileiros, observamos que a grande maioria foi enfática ao responder essa afirmação como falsa. Este fato demonstra, principalmente, que o sexo masculino está proporcionando prazer diferenciado às mulheres.

Sobre a crença de que o intercursos vagina-pênis é o único método normal de obtenção de prazer, McCary (1978, p.132), explica:

O centro de prazer mais intenso é o pênis, a vagina e a área vulvar circundante. De fato, a excitação sexual envolvendo apenas estas regiões pode ser muito agradável. Outras áreas do corpo são ainda sensíveis à estimulação e, estimuladas, podem elevar o meramente prazeroso ato sexual ao nível do êxtase. Tocar e ser tocado, olhar e ser olhado, ouvir e ser ouvido - estas coisas são excitantes em si para o casal, e enquanto o parceiro observa a excitação do outro, seu próprio excitação cresce. A torrente flui de trás para frente, e cada onda eleva a excitação para outro cume do prazer. Mesmo os sentidos do olfato e do paladar devem entrar no jogo. Em nenhuma outra área do comportamento o preceito do "vale tudo" tem maior importância que no relacionamento amoroso-sexual.



Questão 28, item 13: As carícias preliminares não são fundamentais durante uma relação sexual.

No entender da maioria dos universitários que responderam os questionários, do sexo masculino e do sexo feminino, esta afirmação pode ser considerada falsa.

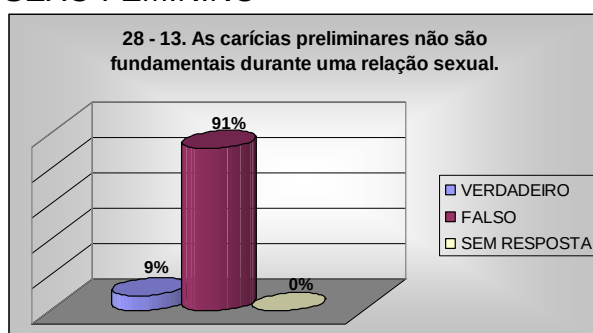
A maior porcentagem (91%) que assinala como falsa a afirmação de que as carícias preliminares não são fundamentais durante uma relação sexual se encontra entre os indivíduos do sexo feminino da região Norte. Entre os indivíduos do sexo masculino, esta afirmação ocupa a maior porcentagem (89%) na região Centro-

Oeste.

A menor porcentagem para a falsidade desta afirmação se encontra no Nordeste brasileiro, onde 61% das jovens consideram falsa, contra 62% dos jovens nordestinos. Nessa região observamos grande porcentagem dos que reconhecem a afirmação como verdadeira (23% para o sexo feminino e 25% para o sexo masculino). Também foi grande a porcentagem de jovens desta região que nada responderam: 16% da população feminina e 13% da população masculina.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

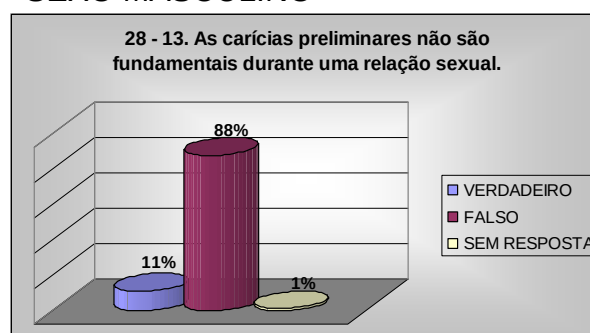
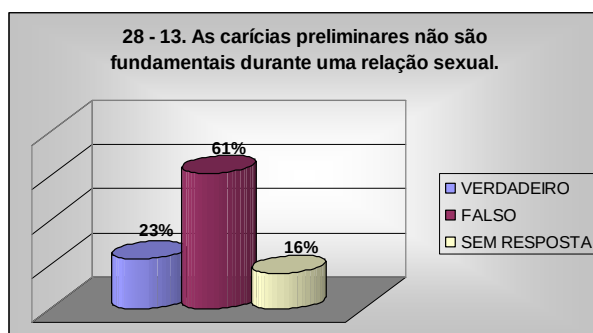


Gráfico 126: Questão 28, item 13: As carícias preliminares não são fundamentais durante uma relação sexual.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

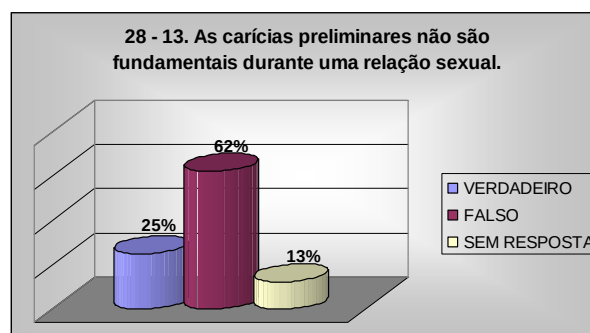


Gráfico 127: Questão 28, item 13: As carícias preliminares não são fundamentais durante uma relação sexual.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

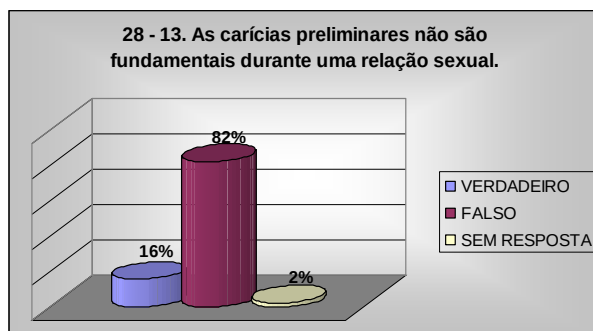
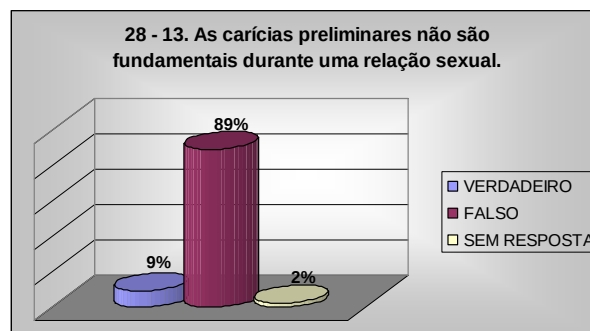


Gráfico 128: Questão 28, item 13: As carícias preliminares não são fundamentais durante uma relação sexual.: Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO

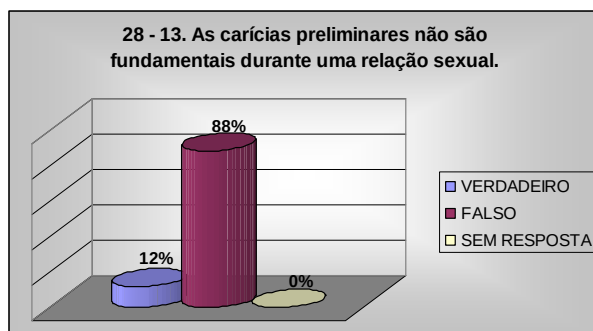
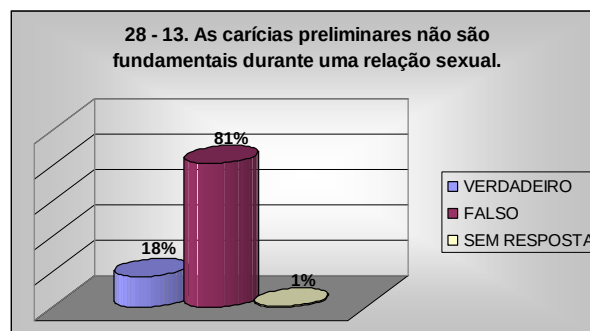


Gráfico 129: Questão 28, item 13: As carícias preliminares não são fundamentais durante uma relação sexual.: Região SUDESTE

SEXO MASCULINO



Região SUL

SEXO FEMININO

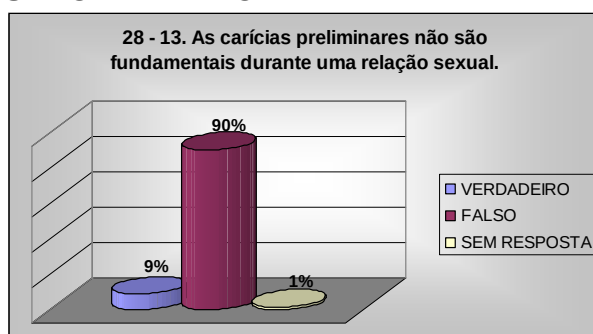
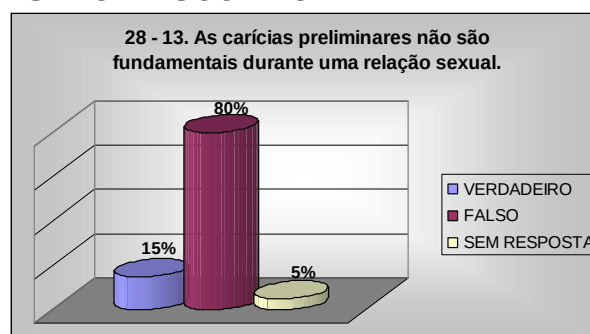


Gráfico 130: Questão 28, item 13: As carícias preliminares não são fundamentais durante uma relação sexual.: Região SUL

SEXO MASCULINO



Atualmente sabe-se que as carícias preliminares são fundamentais durante a relação sexual.

As observações de Suplicy (1999, p.205), sobre a importância do toque nos genitais masculino e feminino é descrito abaixo:

O toque dos genitais e de outras zonas erógenas do corpo é a maneira mais forte de provocar excitação sexual. No homem, a glândula do pênis é a área mais excitável. Mas qualquer contato físico ou fricção do pênis é altamente estimulante. Isto porque os nervos sensoriais da pele do pênis estão conectados com os centros reflexos de ereção da medula, o que faz com que o pênis responda prontamente à estimulação, ficando ereto. Geralmente a estimulação física direta dos genitais da mulher só é agradável quando ela já está excitada. A área de resposta sexual mais intensa é o clitóris, que é análogo ao pênis do homem.

✓ Questão 29: Marque com um "X", de acordo com seu conhecimento, o que você considera CERTO ou ERRADO nas alternativas abaixo:

✓ Questão 29, item 1: Uma relação sexual sem sangramento significa que a mulher não é mais virgem.

A maior porcentagem dos jovens e das jovens que responderam aos questionários considerou que esta afirmação está errada.

A região Norte, entre os indivíduos do sexo masculino, foi onde houve maior porcentagem (20%) para certo, considerando a afirmação de que uma relação sem sangramento significa que a mulher não é mais virgem. Segue a região Sudeste, onde 18% dos indivíduos do sexo feminino concordam com a afirmação.

Entre as jovens da região Norte, vemos que 92% consideram errada tal afirmação. Também 88% dos jovens gaúchos responderam que esta afirmação está errada.

Na região Nordeste, são 16% as jovens que consideram certa a afirmação e 13% as que deixaram de responder essa questão. A mesma porcentagem (13%), considera como certa a afirmação, entre as jovens da região Centro-Oeste e entre os jovens da região Nordeste.

Região NORTE

SEXO FEMININO

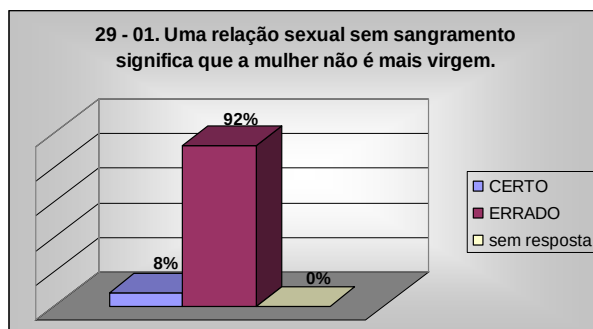
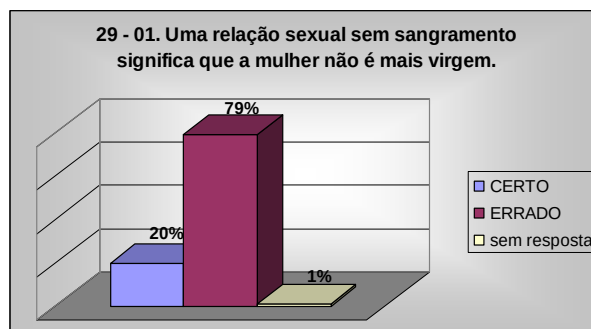


Gráfico 131: Questão 29, item 1: Uma relação sexual sem sangramento significa que a mulher não é mais virgem.: Região NORTE

SEXO MASCULINO



Região NORDESTE

SEXO FEMININO

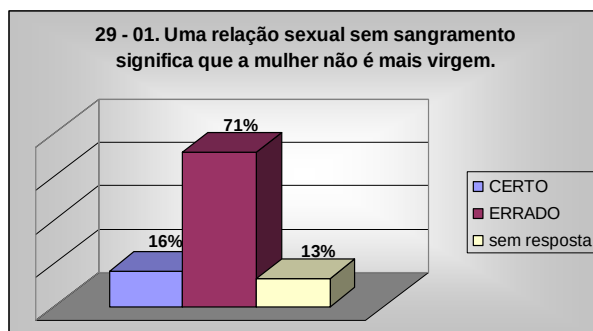
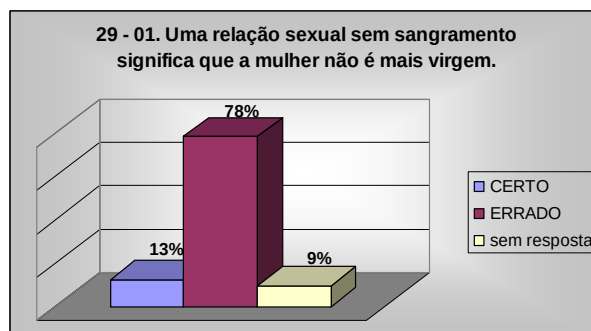


Gráfico 132: Questão 29, item 1: Uma relação sexual sem sangramento significa que a mulher não é mais virgem.: Região NORDESTE

SEXO MASCULINO



Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

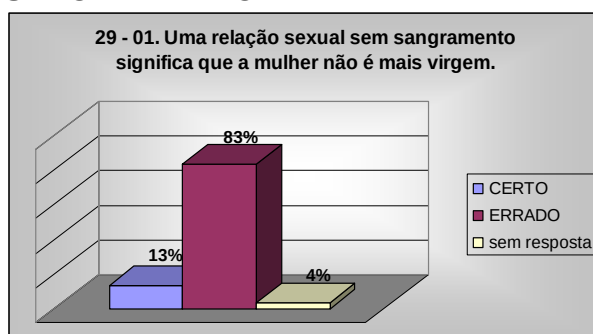
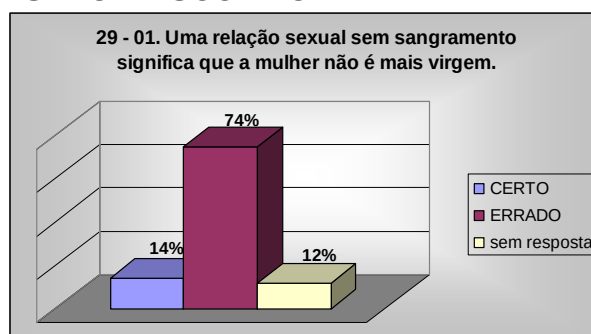


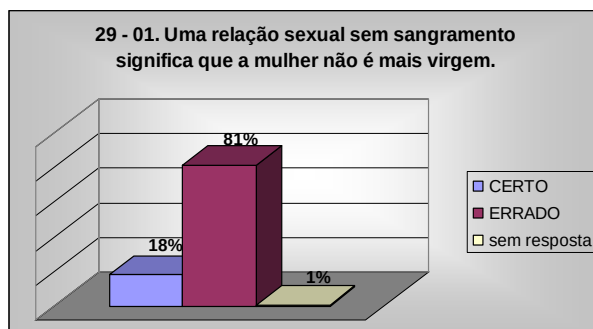
Gráfico 133: Questão 29, item 1: Uma relação sexual sem sangramento significa que a mulher não é mais virgem.: Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

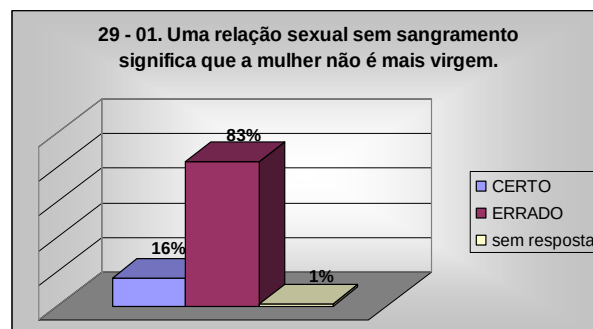
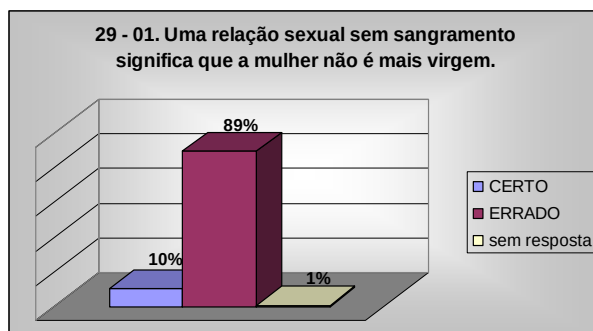


Gráfico 134: Questão 29, item 1: Uma relação sexual sem sangramento significa que a mulher não é mais virgem.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

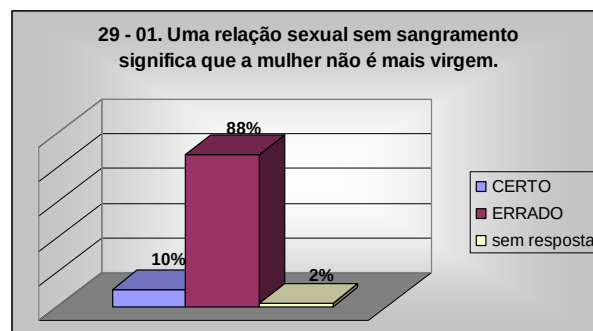


Gráfico 135: Questão 29, item 1: Uma relação sexual sem sangramento significa que a mulher não é mais virgem.: Região SUL

Apesar do tabu da virgindade persistir em alguns seguimentos de nossa cultura, a mulher não deve ser valorizada por possuir hímen ou não.

Montgomery (2003, p.10), um renomado ginecologista, ao descrever sobre o rompimento do hímen provocar dor e sangramento, esclarece:

Um dos maiores medos quando a menina vai ter sua primeira relação sexual é de que o rompimento do hímen provoque dor e sangramento. Na verdade, como essa membrana é muito fina, dificilmente isso acontece.

O que causa dor é o medo. Ele faz a mulher contrair os músculos a ponto de impedir qualquer passagem pela vagina. A famosa hemorragia também não costuma ocorrer, apenas um leve sangramento acontece, a menos que a vagina fique rígida demais.

✓ Questão 29, item 2: Homens com pênis grande dão mais satisfação à mulher.

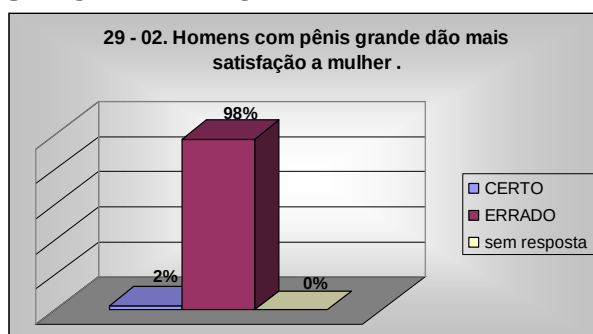
Tanto os indivíduos do sexo feminino quanto os do sexo masculino, na sua maioria, consideram errada tal afirmação. Encontramos a mesma porcentagem (91%) entre os indivíduos do sexo masculino nas regiões Centro-Oeste e Sudeste e 92 % entre os indivíduos do sexo feminino nas regiões Sudeste e Sul.

A maior porcentagem (98%), que considera a afirmação ERRADA de que homens com pênis grande dão mais satisfação à mulher, é encontrada entre os indivíduos do sexo feminino na região Norte.

Nas regiões Nordeste e Centro-Oeste, 9% dos indivíduos do sexo masculino deixaram de responder essa questão, o mesmo ocorrendo com 13% das jovens nordestinas. Porém, 19% das jovens do Centro-Oeste brasileiro consideram certa essa afirmação.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

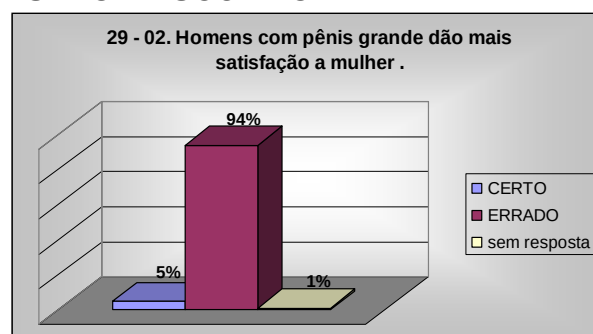
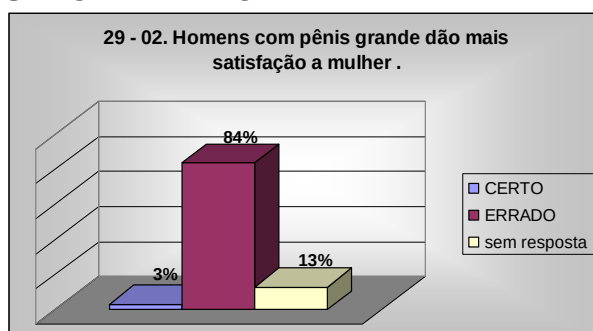


Gráfico 136: Questão 29, item 2: Homens com pênis grande dão mais satisfação à mulher.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

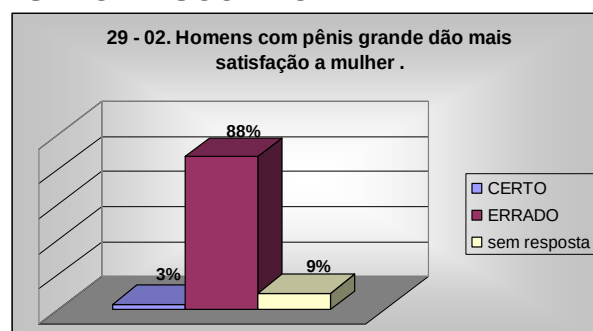
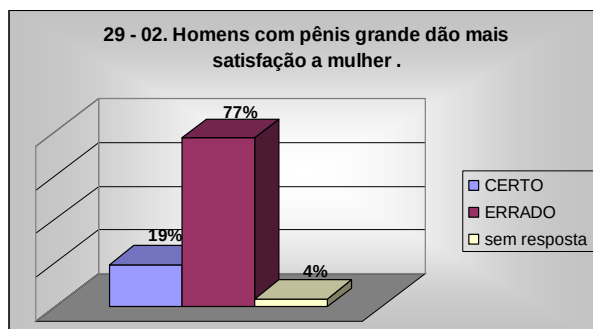


Gráfico 137: Questão 29, item 2: Homens com pênis grande dão mais satisfação à mulher.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

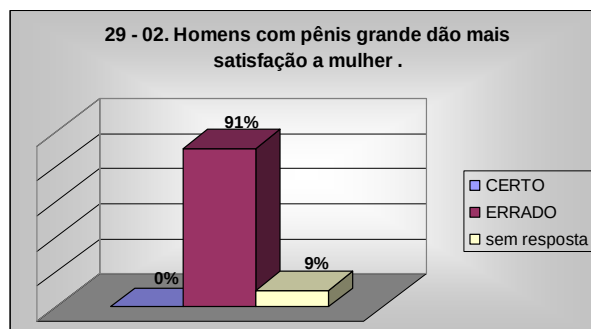
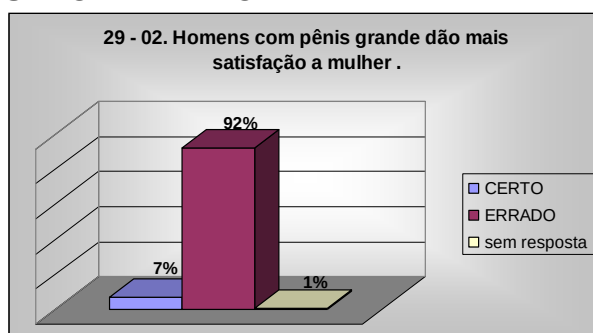


Gráfico 138: Questão 29, item 2: Homens com pênis grande dão mais satisfação à mulher.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

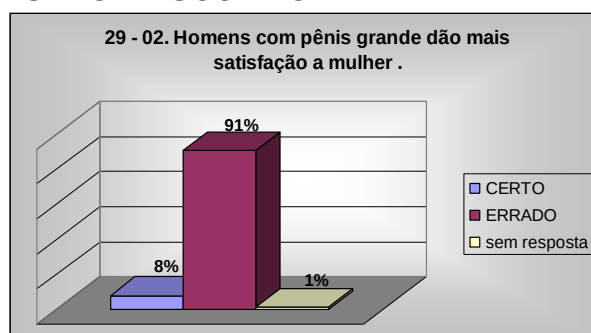
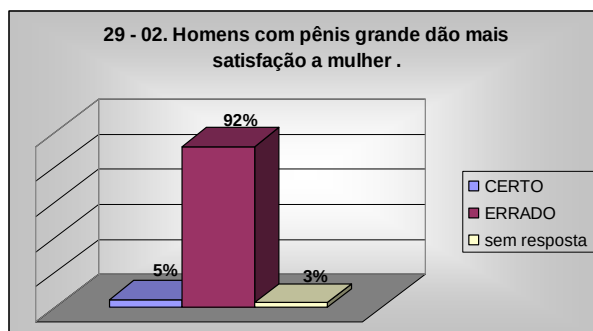


Gráfico 139: Questão 29, item 2: Homens com pênis grande dão mais satisfação à mulher.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

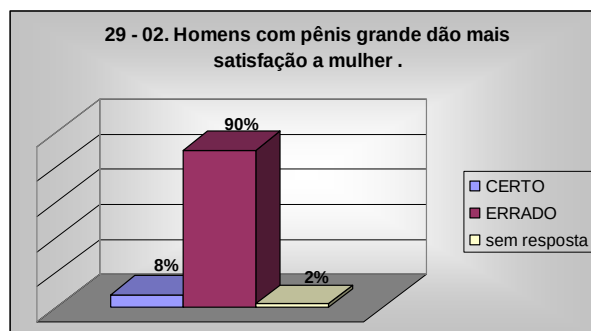


Gráfico 140: Questão 29, item 2: Homens com pênis grande dão mais satisfação à mulher.: Região SUL

Uma das crendices sexuais mais recorrentes se concentra em torno do tamanho do pênis. É imaginado que, quanto maior o tamanho do pênis, maior será o prazer que uma mulher poderá usufruir.

Carrion; Pesca (1996, p.37), ao abordarem essa crendice, esclarecem que:

[...] as preocupações com o tamanho do pênis são, na maioria das vezes, de origem psicológica. Os homens atribuem ao tamanho do

pênis o sucesso no desempenho sexual porque, com isso, têm a desculpa para não se preocuparem com o prazer que possam dar à parceira. Baseados no tamanho, eles têm uma boa desculpa para não precisarem aprender e se dedicarem mais durante a relação sexual. Acabam ignorando que, se para eles a penetração é muito importante, para a companheira não o é no mesmo grau.

✓ **Questão 29, item 3: Para a obtenção do orgasmo/satisfação sexual, é imprescindível o homem ter pênis grande.**

Como já observamos na questão anterior, tanto as jovens quanto os jovens consideram errada tal afirmação, sendo maior a porcentagem apresentada pelos jovens da região Sul (98%) do que a apresentada pelas jovens da mesma região (97%).

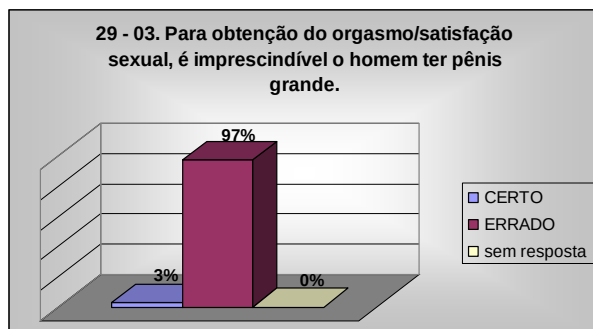
Como praticamente esta questão traz em seu bojo a mesma conotação da anterior, as respostas foram idênticas até mesmo nas porcentagens altas que reconhecem como errada a afirmação que considera o pênis grande como imprescindível para obtenção do orgasmo/satisfação sexual.

Vemos que as regiões Norte e Sul apresentam a maior porcentagem (98%) entre os indivíduos do sexo masculino que consideram errada tal afirmação, sendo que o mesmo ocorre entre os indivíduos do sexo feminino destas regiões, com a porcentagem de 97% das jovens que responderam que a afirmação está errada.

Novamente vemos que na região Nordeste tanto 13% da população feminina quanto 9% da população masculina deixaram de responder esta questão. Mas é na região Centro-Oeste que temos a igualdade da porcentagem (5%) entre as jovens que responderam certo para a questão e para aquelas que não deram resposta.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

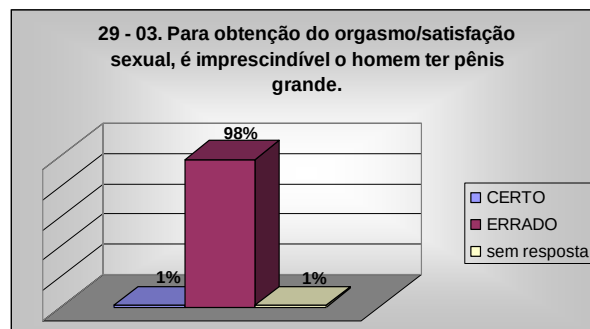
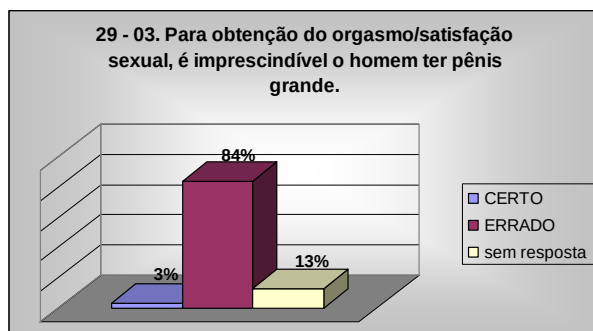


Gráfico 141: Questão 29, item 3: Para a obtenção do orgasmo/satisfação sexual, é imprescindível o homem ter pênis grande.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

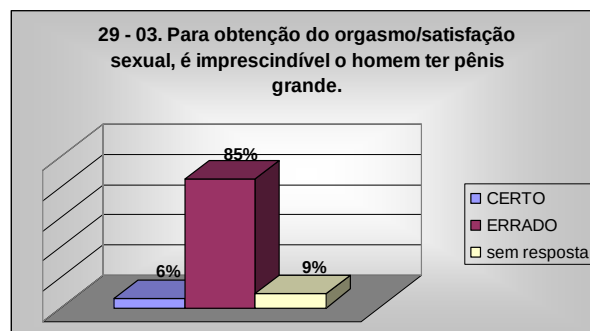
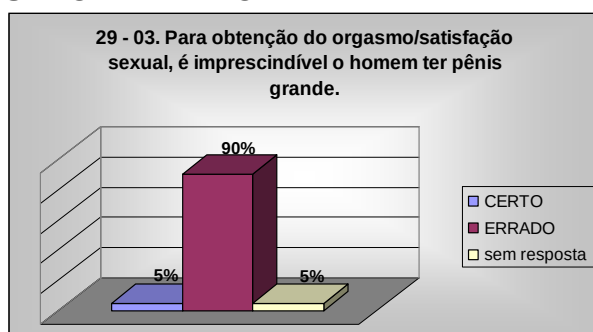


Gráfico 142: Questão 29, item 3: Para a obtenção do orgasmo/satisfação sexual, é imprescindível o homem ter pênis grande.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

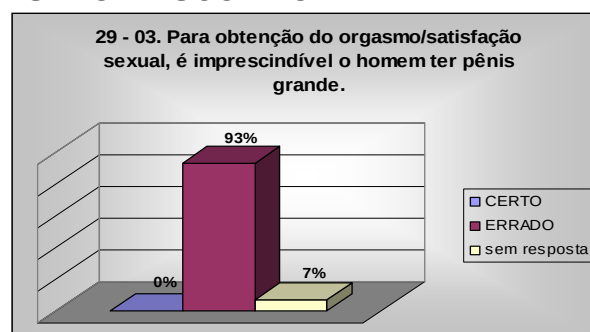
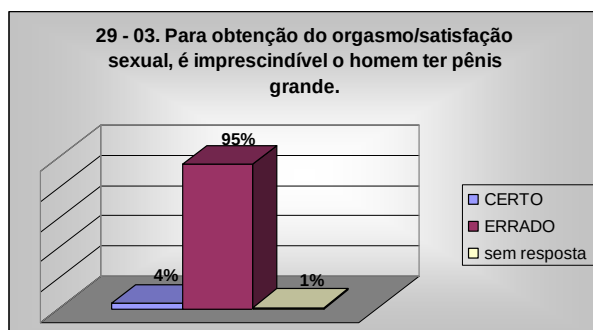


Gráfico 143: Questão 29, item 3: Para a obtenção do orgasmo/satisfação sexual, é imprescindível o homem ter pênis grande.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

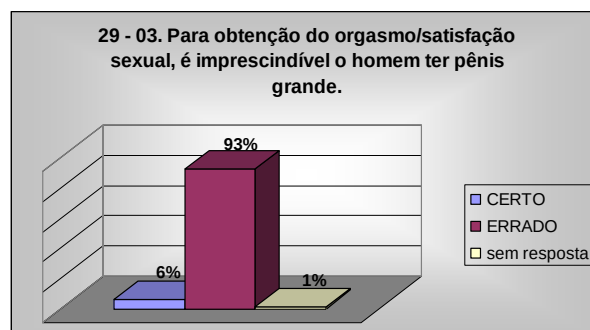
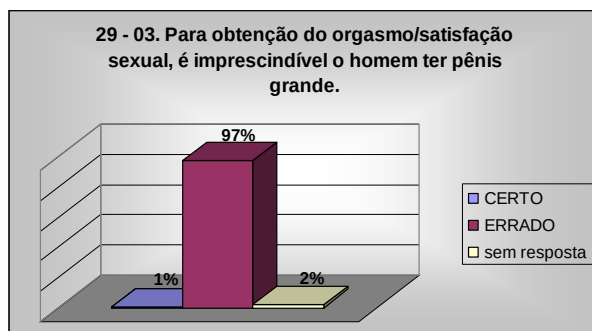


Gráfico 144: Questão 29, item 3: Para a obtenção do orgasmo/satisfação sexual, é imprescindível o homem ter pênis grande.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

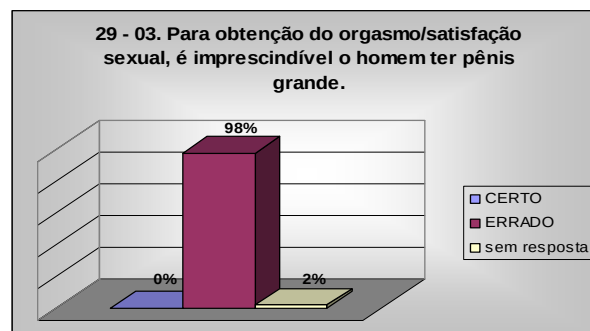


Gráfico 145: Questão 29, item 3: Para a obtenção do orgasmo/satisfação sexual, é imprescindível o homem ter pênis grande.: Região SUL

Em relação a credence que um pênis grande é imprescindível para a satisfação sexual, o autor McCary (1978, p.32), observa que:

O tamanho do pênis praticamente não tem relação com a capacidade do homem de satisfazer sexualmente uma mulher. As únicas exceções seriam: os casos em que há uma influência psicológica do pensamento da mulher quanto há diferença representada pela proporção do pênis; ou quando o prazer sexual é diminuto porque o pênis é grande demais e provoca dor na mulher; ou quando o pênis é tão patologicamente pequeno que a penetração e o contato pélvico não podem se conseguidos.



Questão 29, item 4: A educação rígida recebida pela mulher e a falta de diálogo com o parceiro são considerados fatores da anorgasmia (falta de orgasmo feminino).

Tanto os jovens quanto as jovens que responderam os questionários, em todas as regiões brasileiras, em sua maioria, acreditam que esta é uma afirmação verdadeira.

Porém é uma resposta que deixou os jovens, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, com dúvida razoável, pois todos responderam que a afirmação está certa, mas encontramos em todas as regiões, porcentagens pequenas de jovens que responderam que está errado considerar a educação rígida recebida pela mulher e a falta de diálogo com o parceiro, como fatores da anorgasmia (falta de orgasmo feminino).

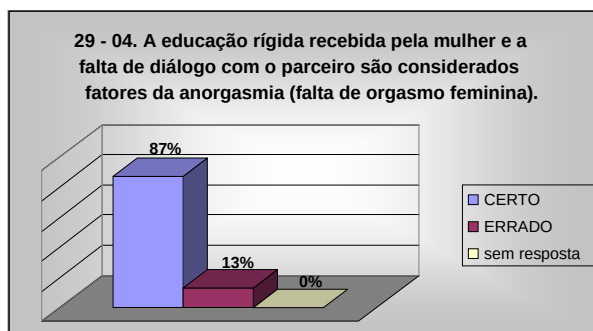
É na região Norte que encontramos a maior porcentagem (87%) entre os indivíduos do sexo feminino que consideram certa esta afirmação, sendo que entre

os indivíduos do sexo masculino a maior porcentagem (84%) está na região Centro-Oeste. Mas, são 25% dos jovens sulistas que responderam que esta afirmação está errada e 20% das jovens da região Sudeste que não concordam com tal afirmação.

São 16% dos indivíduos do sexo masculino das regiões Norte e Nordeste, que também responderam “errado” para a questão e 13% das jovens nordestinas que deixaram de responder esta questão.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

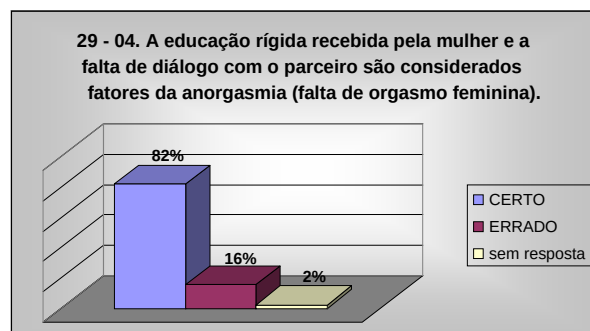
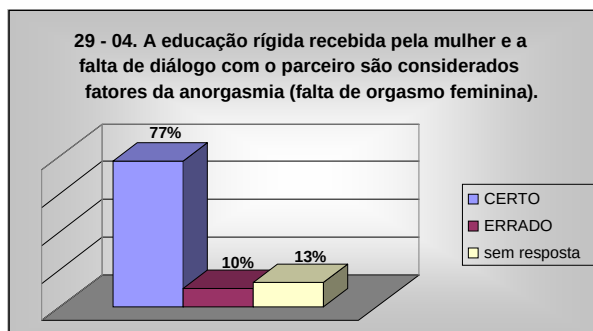


Gráfico 146: Questão 29, item 4: A educação rígida recebida pela mulher e a falta de diálogo com o parceiro são considerados fatores da anorgasmia (falta de orgasmo feminino).: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

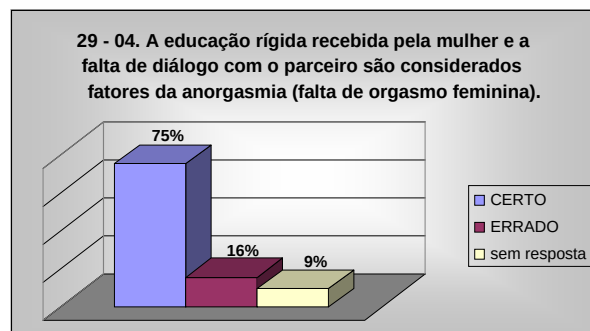
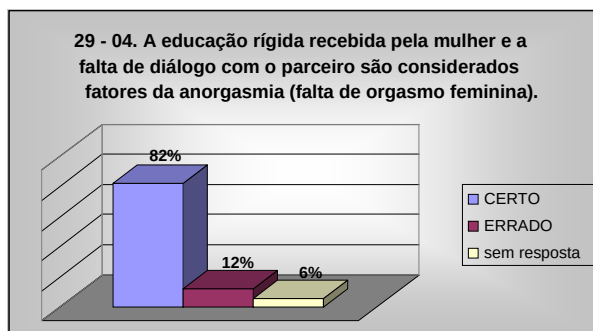


Gráfico 147: Questão 29, item 4: A educação rígida recebida pela mulher e a falta de diálogo com o parceiro são considerados fatores da anorgasmia (falta de orgasmo feminino).: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

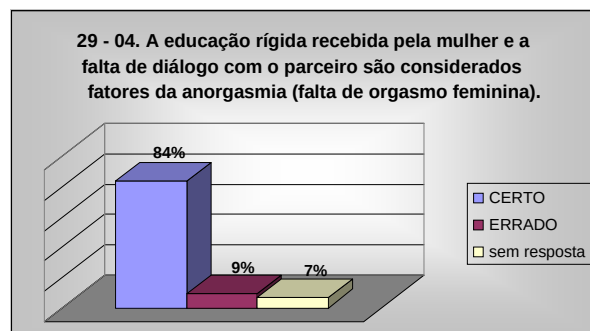
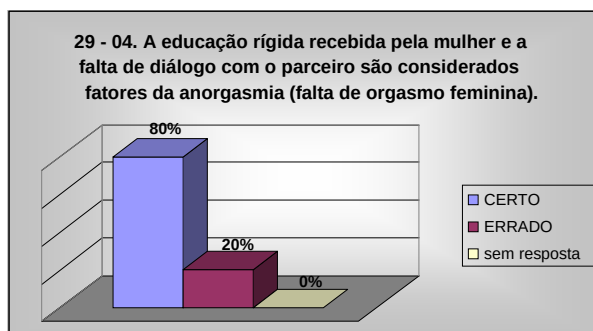


Gráfico 148: Questão 29, item 4: A educação rígida recebida pela mulher e a falta de diálogo com o parceiro são considerados fatores da anorgasmia (falta de orgasmo feminino).: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

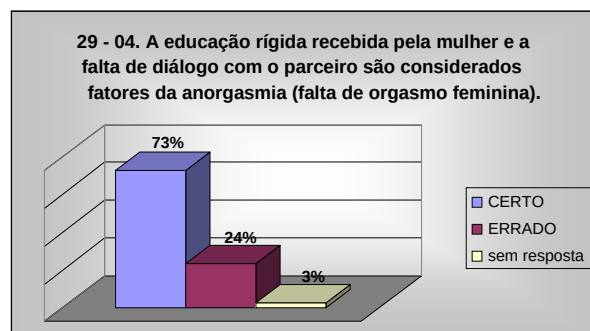
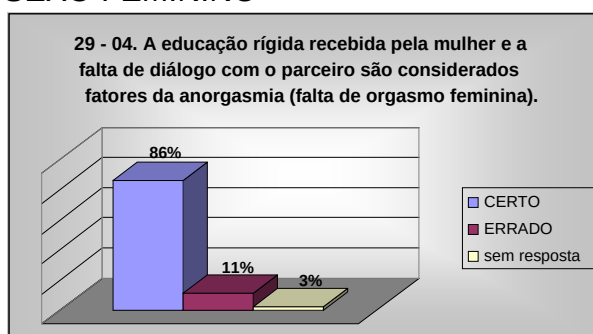


Gráfico 149: Questão 29, item 4: A educação rígida recebida pela mulher e a falta de diálogo com o parceiro são considerados fatores da anorgasmia (falta de orgasmo feminino).: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

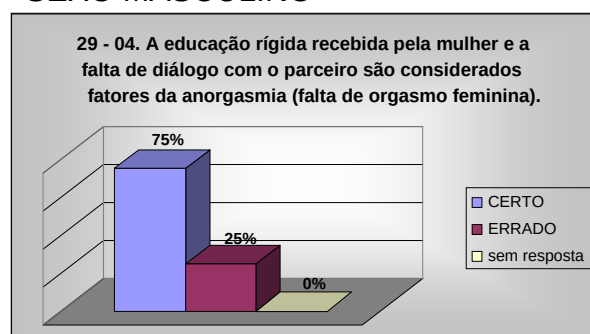


Gráfico 150: Questão 29, item 4: A educação rígida recebida pela mulher e a falta de diálogo com o parceiro são considerados fatores da anorgasmia (falta de orgasmo feminino).: Região SUL

A anorgasmia é a impossibilidade total ou parcial de uma mulher atingir o orgasmo. É a mais freqüente das disfunções sexuais feminina.

Diversos fatores contribuem para a anorgasmia. Segundo Kusnetzoff (1988, p.85):

Como em outros aspectos da sexualidade feminina, a desinformação, as crenças erradas, os preconceitos religiosos, escolares e familiares prejudicam a capacidade orgástica da mulher. (KUSNETZOFF, 1988, p.85)

✓ *Questão 29, item 5: A relação sexual durante o período menstrual faz mal à saúde do homem e da mulher.*

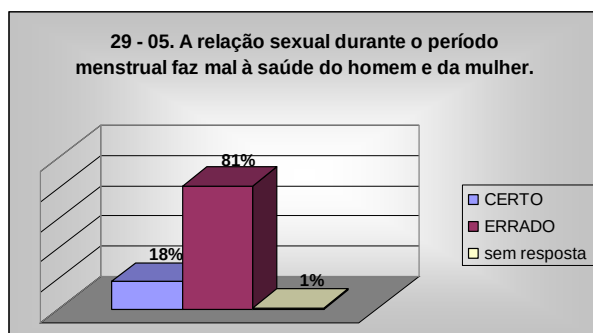
A maioria dos jovens e das jovens considerou errada esta afirmação.

Na região Norte, 81% das jovens considerou errada a afirmação, assim como 80% dos jovens dessa mesma região. Mas, 20% das jovens habitantes do Centro-Oeste e 12% dos jovens dessa região acreditam estarem certos em afirmar que a relação sexual durante o período menstrual faz mal à saúde do homem e da mulher. O mesmo ocorre com 13% de jovens nordestinas, que responderam certo para a questão, sendo que a mesma porcentagem (13%) deixou de responder a questão.

Foi de 9% a porcentagem dos jovens nordestinos que nada responderam ou responderam que a afirmação está certa, contra 82% dos que assinalaram errado para essa questão. Voltando à região Centro-Oeste, dentro da população masculina, 12% nada responderam ou responderam que a afirmação está correta, sendo que 76% consideram errada a questão.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

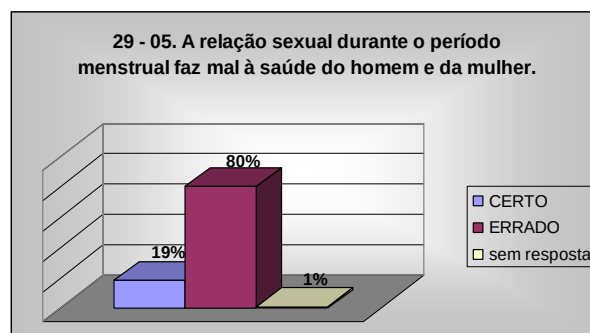


Gráfico 151: Questão 29, item 5: A relação sexual durante o período menstrual faz mal à saúde do homem e da mulher.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO

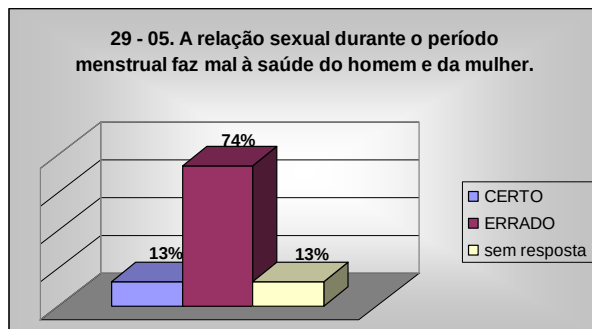
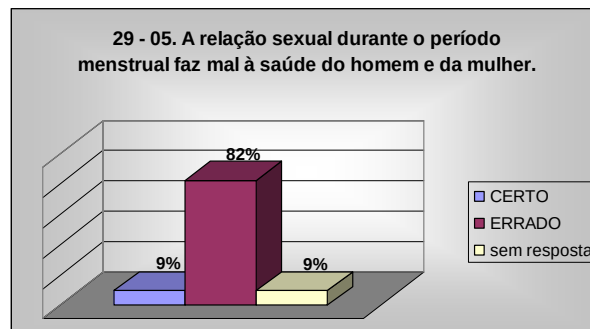


Gráfico 152: Questão 29, item 5: A relação sexual durante o período menstrual faz mal à saúde do homem e da mulher.: Região NORDESTE

SEXO MASCULINO



Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

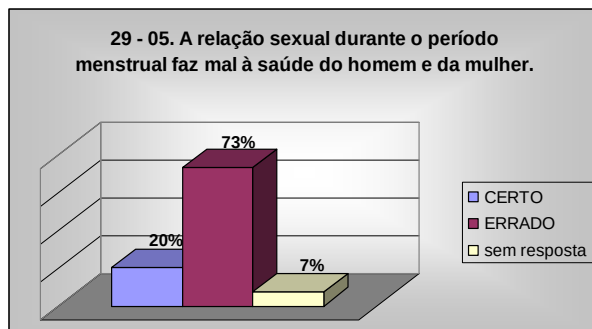
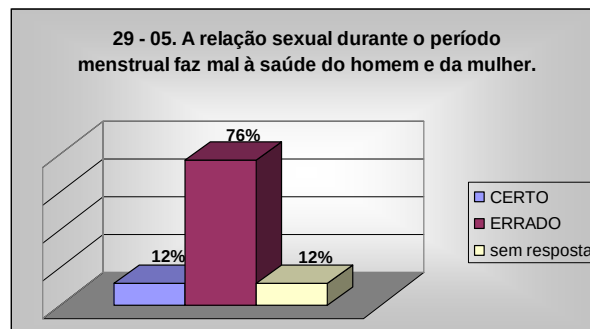


Gráfico 153: Questão 29, item 5: A relação sexual durante o período menstrual faz mal à saúde do homem e da mulher.: Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO

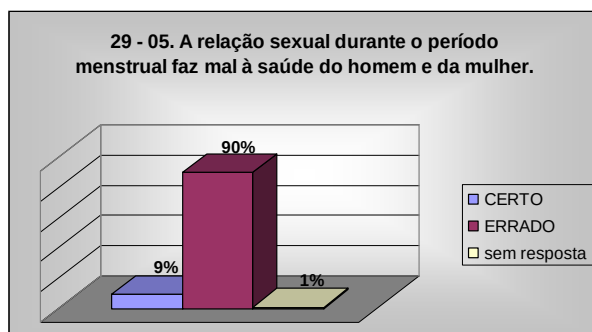
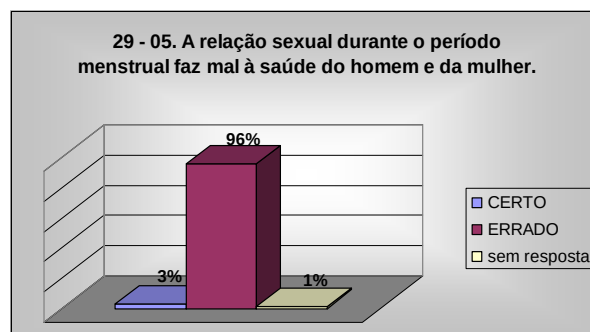


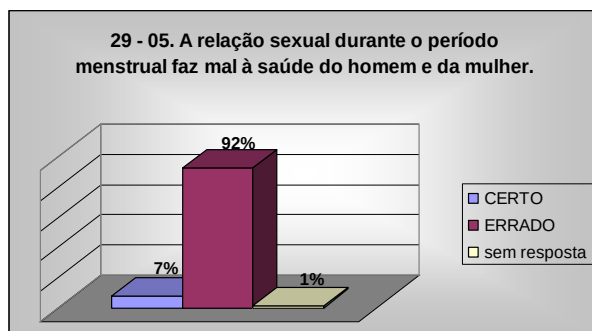
Gráfico 154: Questão 29, item 5: A relação sexual durante o período menstrual faz mal à saúde do homem e da mulher.: Região SUDESTE

SEXO MASCULINO



Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

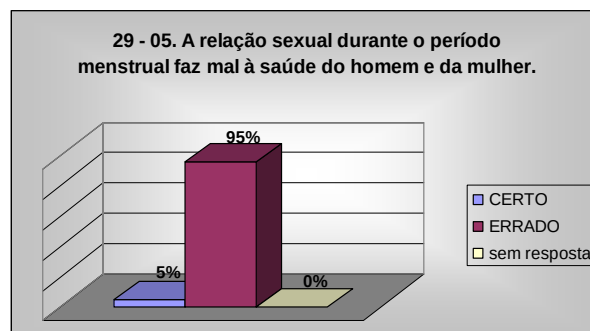


Gráfico 155: Questão 29, item 5: A relação sexual durante o período menstrual faz mal à saúde do homem e da mulher.: Região SUL

De acordo com os dados analisados, os universitários de ambos os sexos, consideram falsa a afirmativa que a relação sexual durante o período menstrual faz mal à saúde, tanto do homem como da mulher.

Ao recorrermos à literatura podemos observar, segundo McCary (1978, p.18-19), que são vastas as superstições que envolvem o período chamado de menstruação.

São inúmeras as superstições e riquíssimo folclore que envolvem o fenômeno perfeitamente normal chamado de menstruação. Diz-se que tomar um banho durante a menstruação é perigoso; pode mesmo causar tuberculose. Se uma mulher deixa seus pés úmidos ou frios, ou lava sua cabeça, o fluxo menstrual pode ser interrompido, causando assim misérias nunca reveladas. Outras teorias afirmam que comer alimentos frios ou tomar líquidos gelados, ou mesmo servir-se de alimentos ácidos, como os limões, é prejudicial à menstruação feminina. Estas superstições são absurdas, como felizmente o comprovam as jovens pelas suas próprias experiências. (McCARY, 1978, p.18-19)

O mesmo autor, citado acima, conclui que a menstruação

[...] é uma função orgânica tão natural como a respiração e a circulação do sangue. Posto que não se trata de uma irregularidade, não há qualquer razão médica ou fisiológica para que a mulher diminua ou elimine suas atividades normais. (McCARY 1978, p.18-19)

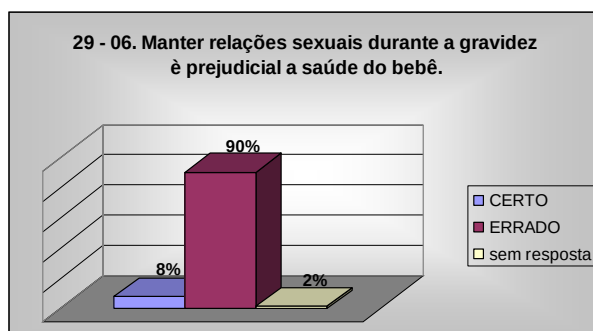
✓ **Questão 29, item 6: Manter relações sexuais durante a gravidez é prejudicial à saúde do bebê.**

Em todas as regiões brasileiras, tanto os indivíduos do sexo masculino quanto os do sexo feminino consideraram esta afirmação errada. Porém, houve em menor, mas significativa porcentagem, os que a consideraram certa, como por exemplo 14% dos jovens na região Centro-Oeste e 26% das jovens na região Nordeste.

A maior porcentagem de jovens que assinalaram como errada essa questão se encontra na região Sul, sendo 93% do sexo feminino e 90% do sexo masculino. É na população feminina do Nordeste que encontramos a porcentagem mais baixa (64%) de informantes, considerando que manter relações sexuais durante a gravidez é prejudicial à saúde do bebê, sendo que 10% das jovens nordestinas deixaram de responder essa questão.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

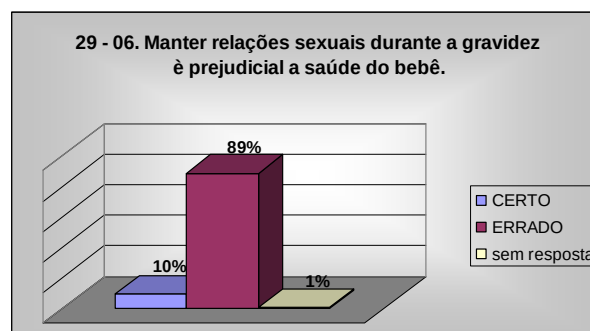
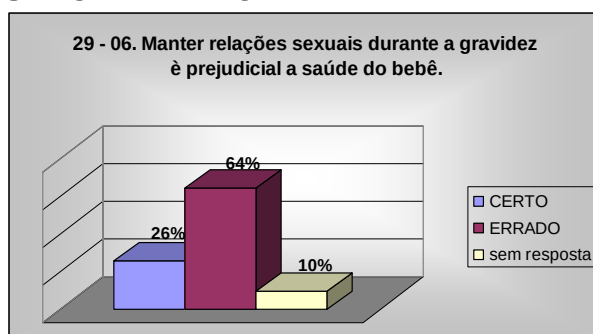


Gráfico 156: Questão 29, item 6: Manter relações sexuais durante a gravidez é prejudicial à saúde do bebê.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

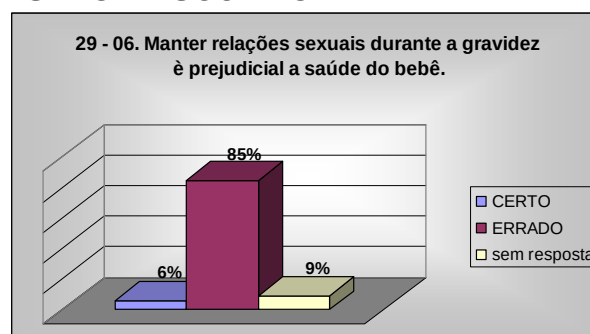
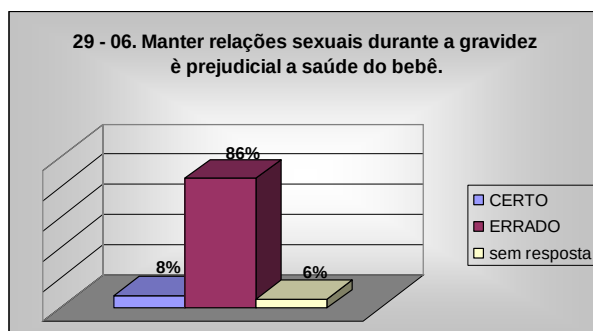


Gráfico 157: Questão 29, item 6: Manter relações sexuais durante a gravidez é prejudicial à saúde do bebê.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

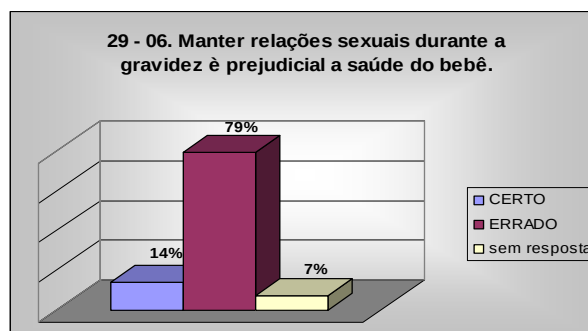
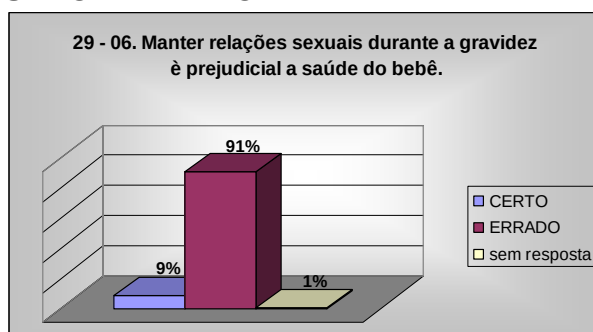


Gráfico 158: Questão 29, item 6: Manter relações sexuais durante a gravidez é prejudicial à saúde do bebê.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

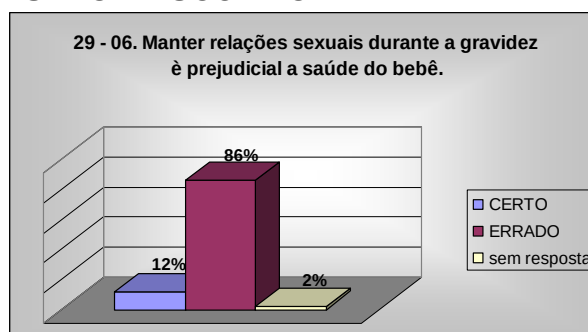
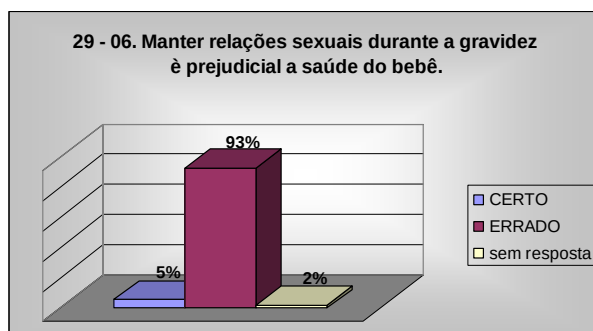


Gráfico 159: Questão 29, item 6: Manter relações sexuais durante a gravidez é prejudicial à saúde do bebê.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

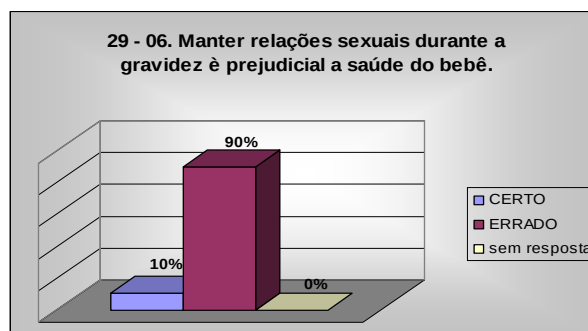


Gráfico 160: Questão 29, item 6: Manter relações sexuais durante a gravidez é prejudicial à saúde do bebê.: Região SUL

Essa crença de que deve-se evitar relações sexuais durante a gravidez por ser prejudicial a saúde do bebê, já foi analisada e verificada sobre os padrões fisiológicos e psicológicos, de acordo com McCary (1978, p.33), o autor

complementa citando o fato:

Realizaram-se inúmeras investigações sobre os padrões fisiológicos e psicológicos de reação ao estímulo sexual das mulheres grávidas. Em geral, há pouca diferença do estado de não gravidez quanto ao interesse ou capacidade de satisfação sexuais durante os três primeiros meses (primeiro trimestre) de gravidez; e, durante o segundo trimestre, normalmente há um aumento dos sentimentos eróticos, maior até que os da mulher não grávida. Durante o terceiro trimestre, muitas mulheres mostram desinteresse sexual. Nada há que impeça a mulher grávida de, sem maiores complicações, dedicar-se regularmente ao coito ou atividades masturbatórias até quase o fim do terceiro trimestre.



Questão 29, item 7: Ao manter relações sexuais com pessoas desconhecidas, corre-se o risco de contrair Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Esta foi uma das afirmações considerada como certa, pela maior porcentagem de jovens, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, em todas as regiões do país.

Na região Norte, temos as maiores porcentagens de jovens que consideram certa esta questão, representadas por 99% dos indivíduos do sexo masculino e 98% dos indivíduos do sexo feminino. As menores porcentagens estão na região Nordeste, onde 78% dos jovens responderam que a afirmação está certa e 77% das jovens nordestinas também deram à mesma resposta.

Porém, na região Nordeste, vemos que 13% das jovens e dos jovens nordestinos responderam que a afirmação que diz que o risco de contrair Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) ocorre ao manter relações sexuais com pessoas desconhecidas está errada, sendo que 9% destes mesmos jovens e 10% das jovens nordestinas não responderam esta questão.

Nas outras regiões, Centro-Oeste, Sul e Sudeste, tanto na população masculina quanto na população feminina mais de 90% responderam que a questão está certa.

Região NORTE

SEXO FEMININO

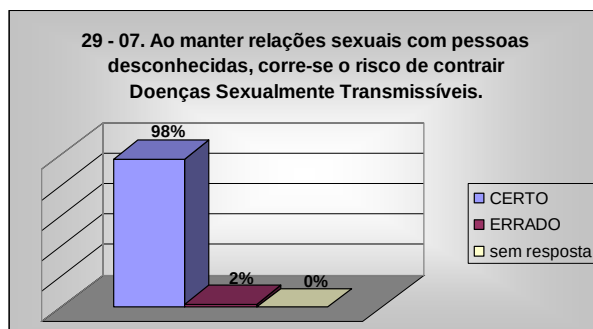
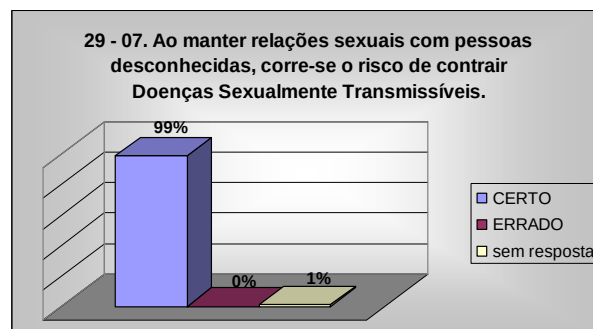


Gráfico 161: Questão 29, item 7: Ao manter relações sexuais com pessoas desconhecidas, corre-se o risco de contrair Doenças Sexualmente Transmissíveis.: Região NORTE

SEXO MASCULINO



Região NORDESTE

SEXO FEMININO

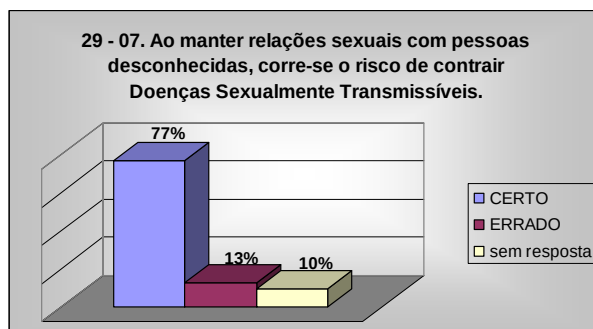
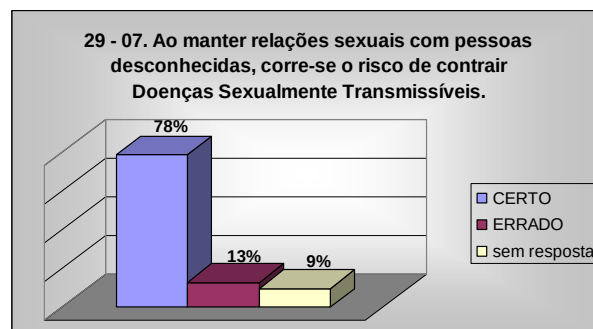


Gráfico 162: Questão 29, item 7: Ao manter relações sexuais com pessoas desconhecidas, corre-se o risco de contrair Doenças Sexualmente Transmissíveis.: Região NORDESTE

SEXO MASCULINO



Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

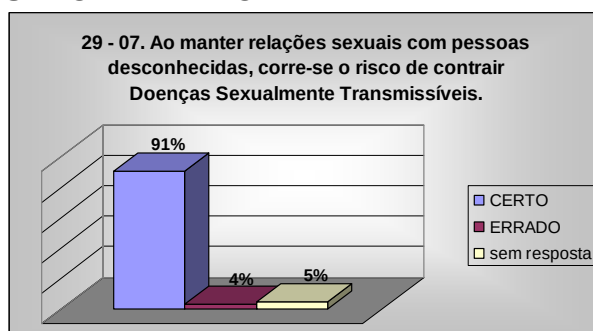
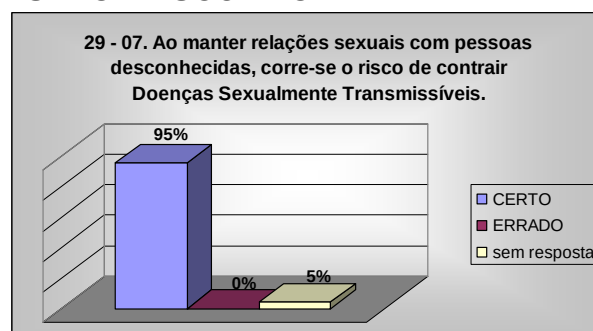


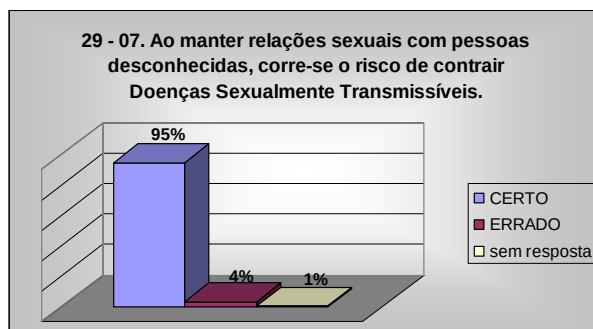
Gráfico 163: Questão 29, item 7: Ao manter relações sexuais com pessoas desconhecidas, corre-se o risco de contrair Doenças Sexualmente Transmissíveis.: Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

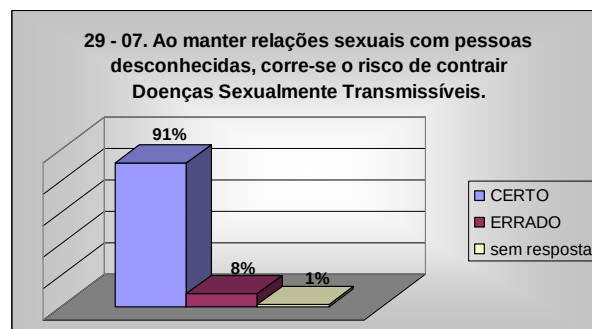
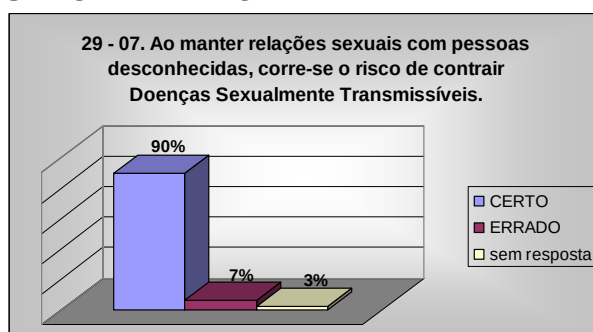


Gráfico 164: Questão 29, item 7: Ao manter relações sexuais com pessoas desconhecidas, corre-se o risco de contrair Doenças Sexualmente Transmissíveis.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

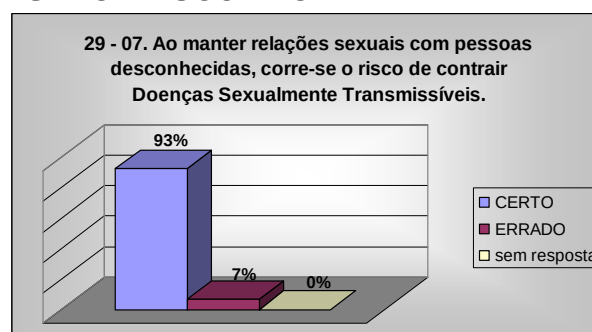


Gráfico 165: Questão 29, item 7: Ao manter relações sexuais com pessoas desconhecidas, corre-se o risco de contrair Doenças Sexualmente Transmissíveis.: Região SUL

Apesar de amplamente divulgado pelas campanhas de esclarecimento sobre a forma de transmissão das doenças sexualmente transmissíveis, verifica-se ainda que as pessoas se recusam a acreditar que a frequência de portadores heterossexuais está crescendo de maneira vertiginosa. As informações são sabidas, mas na realidade, o que precisa ocorrer é uma mudança de atitude em relação ao comportamento.

Frida; Andrade-Silva (1999, p.73), sobre a vida sexual ativa sem preparo, afirmam que:

Relacionamentos sexuais despreparados têm levado, também, ao desenvolvimento das DST/AIDS, fatos que deixam claro o hiato existente entre os reais acontecimentos da vida e o irreal silêncio sobre o tema, tanto nas famílias quanto nas escolas.

Aratangy (1998, p.133), ao escrever sobre essa temática, afirma que a paixão é cega e relata que até as pessoas mais sensatas e experientes tornam-se irracionais ao manter relações sexuais com pessoas desconhecidas.

Muitos casos dramáticos de contaminação aconteceram em encontros com um parceiro quase desconhecido, em que se acreditou reconhecer, à primeira vista, o homem de sua vida ou a mulher dos seus sonhos. Como envenenar um momento tão sublime com a proposta - prosaica, mesquinha, covarde - de usar camisinha? Alguns anos depois, o sonho revela-se pesadelo, o momento de vida transforma-se em angústia da morte. (ARATANGY, 1998, p.133)

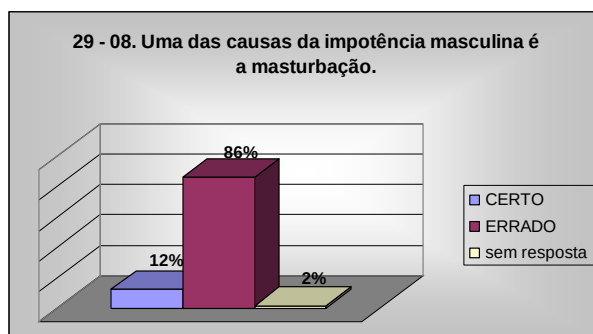
✓ *Questão 29, item 8: Uma das causas da impotência masculina é a masturbação.*

Esta questão já foi respondida e, novamente, constatamos que a maior porcentagem acredita que ela esteja errada. Porém observamos que 14% dos jovens do Norte e das jovens do Centro-Oeste consideram-na falsa, assim como 26% das jovens do Nordeste.

Mas é entre os indivíduos do sexo masculino das regiões Sudeste (94%) e Sul (93%) que encontramos a maior porcentagem de respostas, considerando errada tal afirmação.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

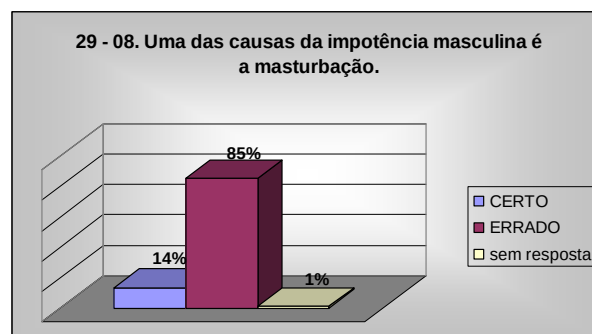
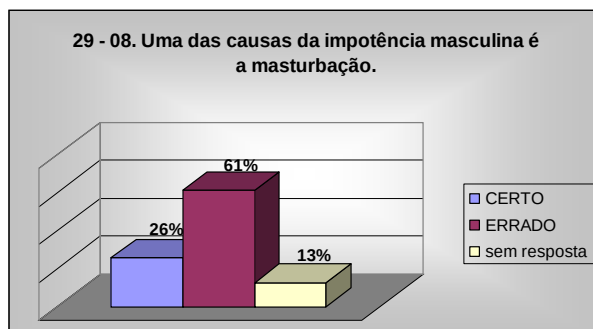


Gráfico 166: Questão 29, item 8: Uma das causas da impotência masculina é a masturbação.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

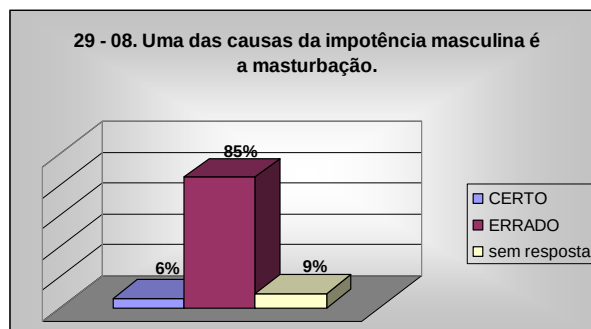
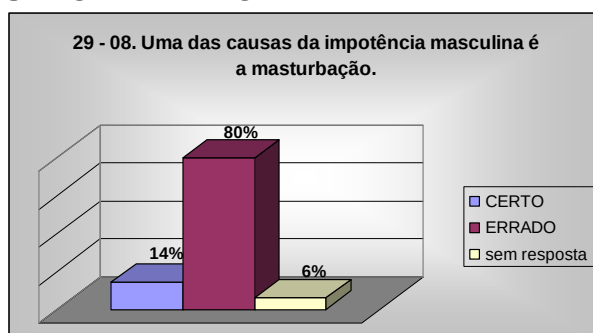


Gráfico 167: Questão 29, item 8: Uma das causas da impotência masculina é a masturbação.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

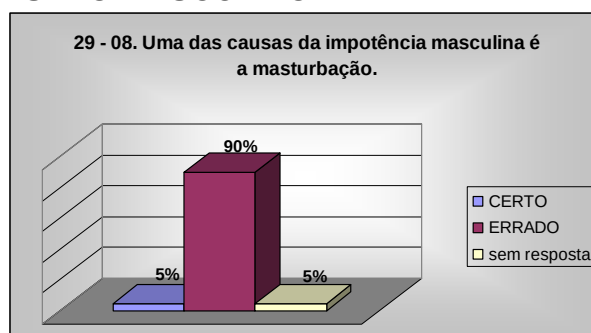
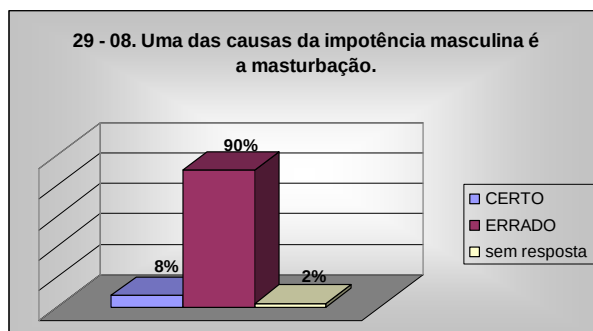


Gráfico 168: Questão 29, item 8: Uma das causas da impotência masculina é a masturbação.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

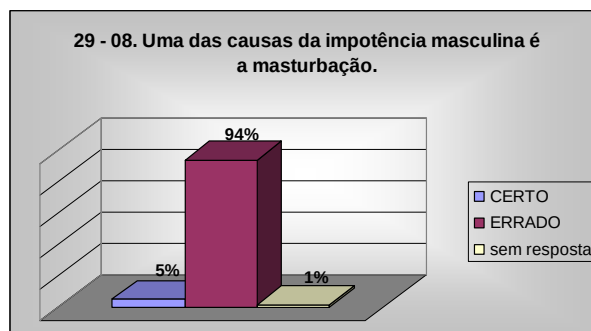
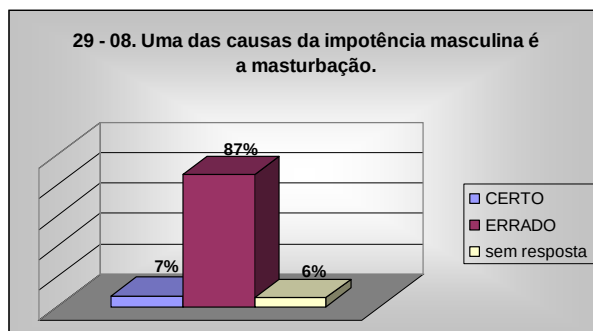


Gráfico 169: Questão 29, item 8: Uma das causas da impotência masculina é a masturbação.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

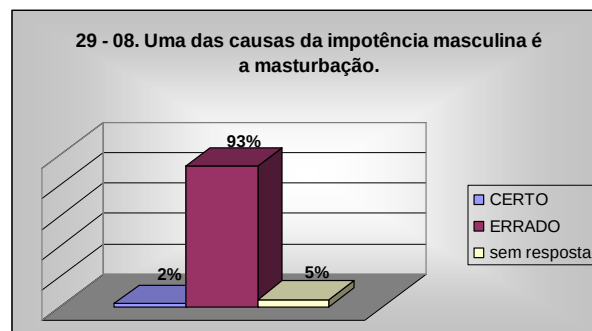


Gráfico 170: Questão 29, item 8: Uma das causas da impotência masculina é a masturbação.: Região SUL

Novamente a questão da masturbação revela dúvidas entre os universitários. É importante salientar que a masturbação não provoca impotência masculina.

A lista de doenças atribuídas à masturbação descritas por McCary (1978, p.126) exemplifica as várias crendices sobre esse tema:

[...] enfraquece o corpo e a mente; provoca espinhas; produz verrugas ou nascimento de pelos na palma das mãos e a queda dos cabelos; causa frigidez, impotência e deformidade no futuro filho; “esgota” a quota predeterminada de ejaculações do indivíduo de modo a encurtar sua vida sexual; e põe em perigo o futuro ajustamento conjugal.



Questão 29, item 9: O desejo, a vontade de ter relações sexuais é igual para homens e mulheres.

Esta afirmação obteve maior porcentagem em ser considerada certa. Porém, houve razoável porcentagem de informantes, principalmente entre as jovens, que a consideraram errada, como podemos ver na pesquisa feita no Nordeste. Nessa região, 45 % das jovens acreditam que exista igualdade no desejo e vontade de ter relações sexuais, tanto nos homens como nas mulheres. Porém, 42% das jovens desta mesma região consideram errada tal afirmação.

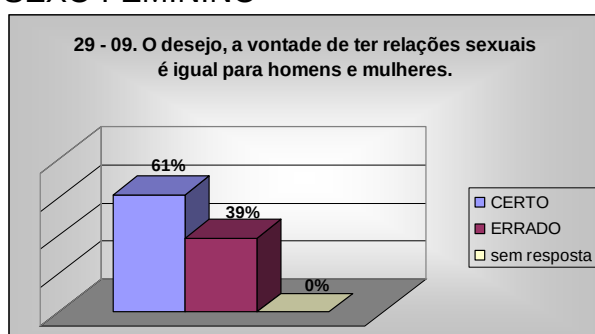
Na região Norte, 61% dos indivíduos do sexo feminino responderam que a questão está certa, mas 39% não concordaram com a afirmação e 31% dos indivíduos do sexo masculino também responderam que a questão está errada, contra 67% dos informantes que concordaram que o desejo, a vontade de ter relações sexuais é igual para homens e mulheres.

Entre os jovens nordestinos, 69% consideram a questão certa, mas 22% não concordam e 9% deixaram de responder. A mesma porcentagem (9%) encontramos entre os jovens da região Centro-Oeste que deixaram de responder esta questão, sendo que 35% assinalaram errado contra 56% que responderam que a questão é certa. Entre as jovens desta mesma região temos 61% que responderam certo e 35% que assinalaram errado.

As regiões Sudeste e Sul não são diferentes. Foram 65% das jovens do Sudeste brasileiro e de jovens gaúchos que responderam acertadamente para esta questão contra 33% das jovens do Sudeste e 28% dos jovens sulistas que contrariam esta resposta. Para 36% das jovens gaúchas a questão está errada, contra 62% que assinalaram certa.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

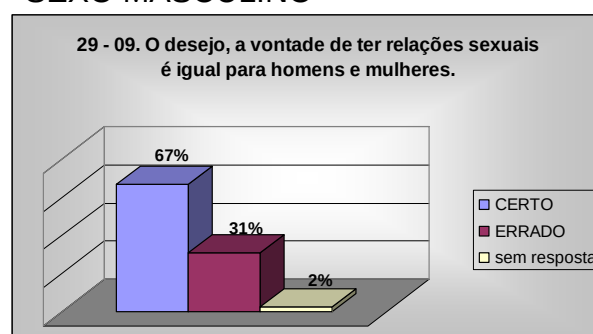
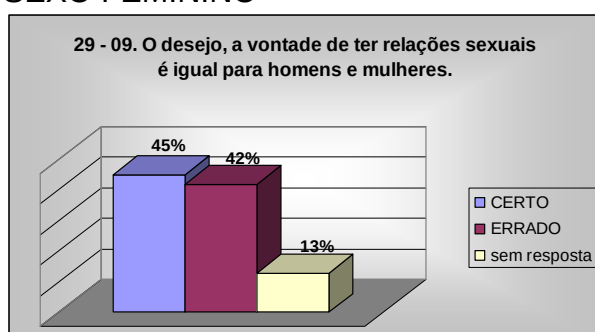


Gráfico 171: Questão 29, item 9: O desejo, a vontade de ter relações sexuais é igual para homens e mulheres.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

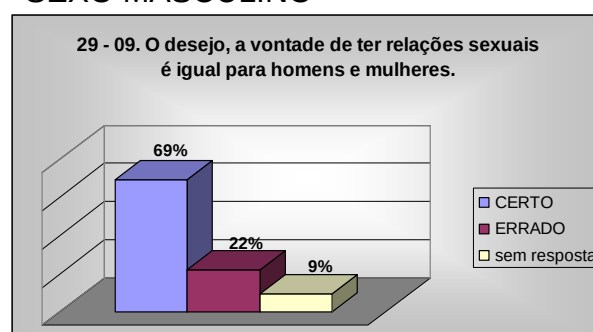
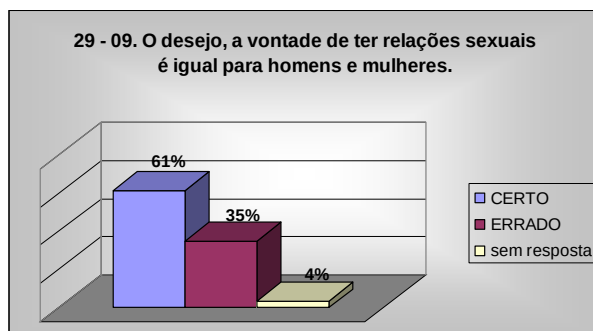


Gráfico 172: Questão 29, item 9: O desejo, a vontade de ter relações sexuais é igual para homens e mulheres.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

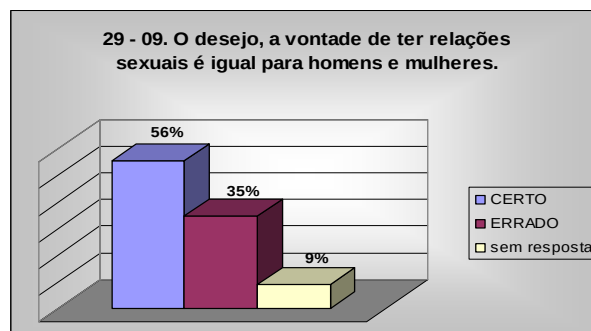
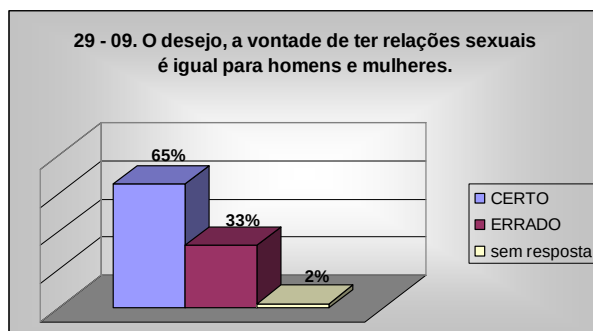


Gráfico 173: Questão 29, item 9: O desejo, a vontade de ter relações sexuais é igual para homens e mulheres.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

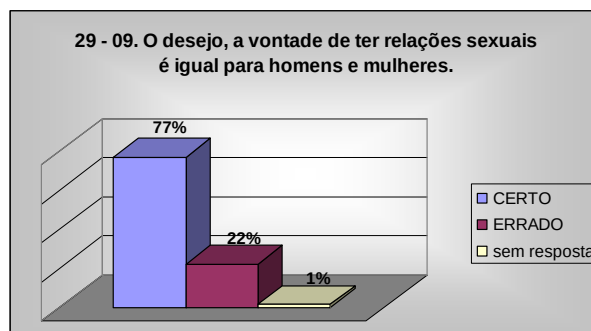
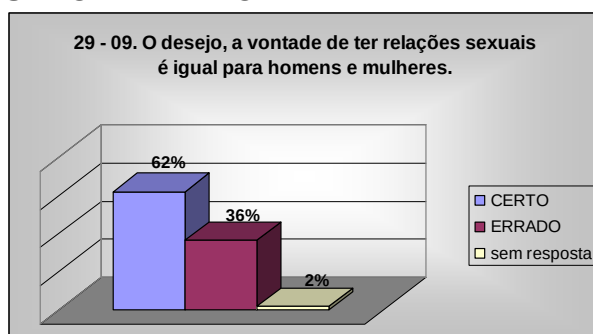


Gráfico 174: Questão 29, item 9: O desejo, a vontade de ter relações sexuais é igual para homens e mulheres.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

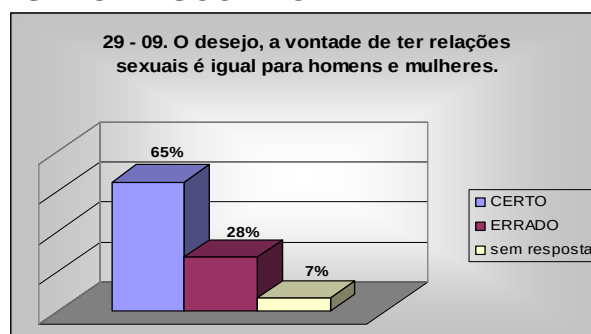


Gráfico 175: Questão 29, item 9: O desejo, a vontade de ter relações sexuais é igual para homens e mulheres.: Região SUL

A questão que aborda a temática do desejo sexual ser diferenciada entre os sexos, demonstra que ainda há presença de tabus que norteiam o universo feminino.

A resposta dada pelos informantes para a questão: “O desejo, a vontade de

ter relações sexuais é igual para homens e mulheres”, revela que o desejo sexual é diferenciado entre os sexos.

Picazio (1998, p.101), constata a existência de tabus em nossa sociedade, quando afirma:

O prazer sexual também ainda é um tabu na nossa sociedade. Mulheres, em algumas regiões de nosso país, são desestimuladas de tê-lo e encorajadas apenas a dá-lo ao homem. A muitos homens cabe sentir somente o prazer genital e não o erotismo do corpo inteiro. Tais tabus diminuem a possibilidade de experimentar o prazer e de trocar carícias, dificultando a intimidade com o outro e conosco mesmos.



Questão 29, item 10: Existe a interferência das drogas na sexualidade e no comportamento sexual.

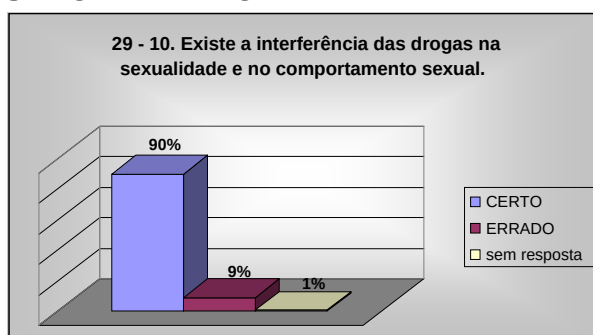
A maior porcentagem de jovens, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, assinalou como certa esta afirmação.

Encontramos a mesma porcentagem de indivíduos que consideraram certa a questão (83%), tanto na população feminina quanto na população masculina da região Centro-Oeste. O mesmo ocorre na região Sudeste, sendo que 89% dos indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino consideram certa a questão.

Na região Sul, também encontramos a mesma porcentagem (89%) entre as jovens gaúchas que consideraram a questão certa e 93% dos jovens gaúchos que acreditam existir interferência das drogas na sexualidade e no comportamento sexual.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

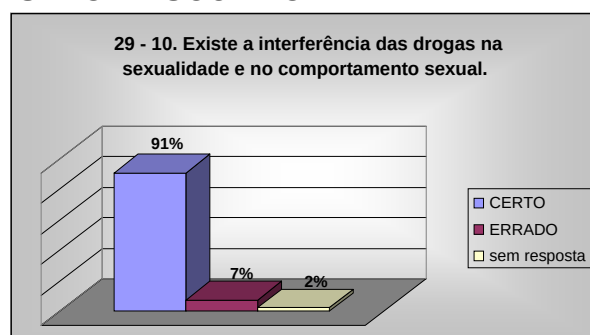
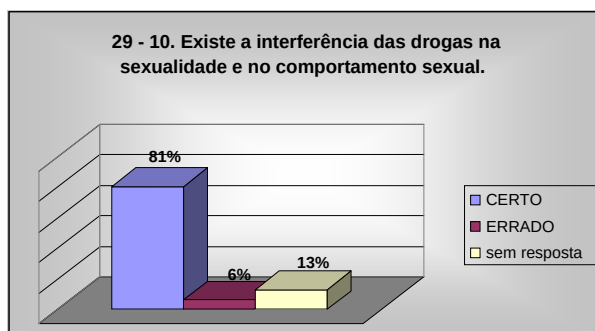


Gráfico 176: Questão 29, item 10: Existe a interferência das drogas na sexualidade e no comportamento sexual.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

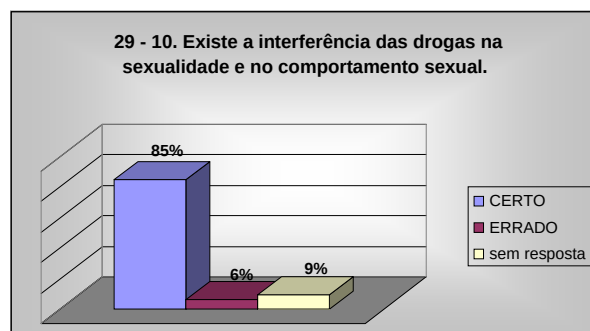
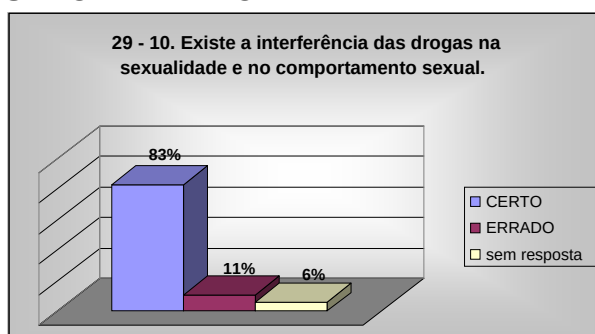


Gráfico 177: Questão 29, item 10: Existe a interferência das drogas na sexualidade e no comportamento sexual.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

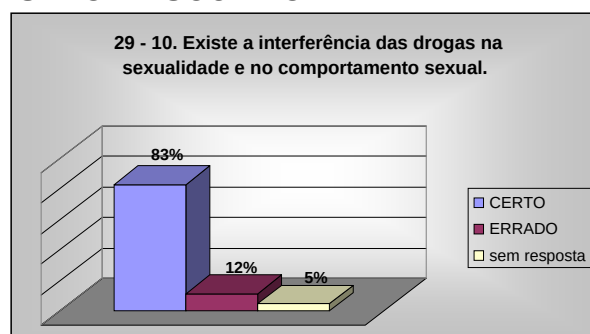
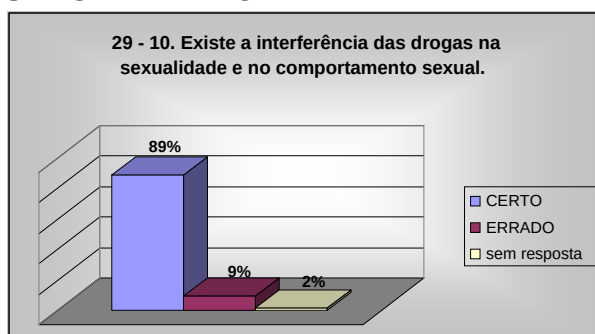


Gráfico 178: Questão 29, item 10: Existe a interferência das drogas na sexualidade e no comportamento sexual.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

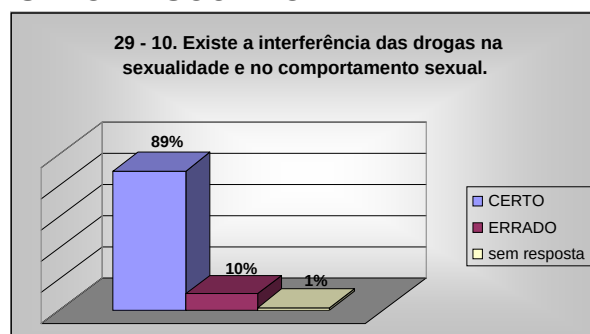
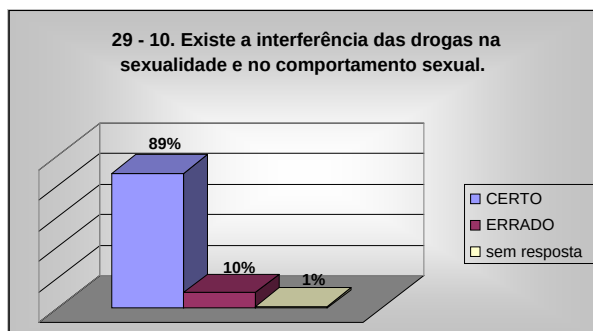


Gráfico 179: Questão 29, item 10: Existe a interferência das drogas na sexualidade e no comportamento sexual.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

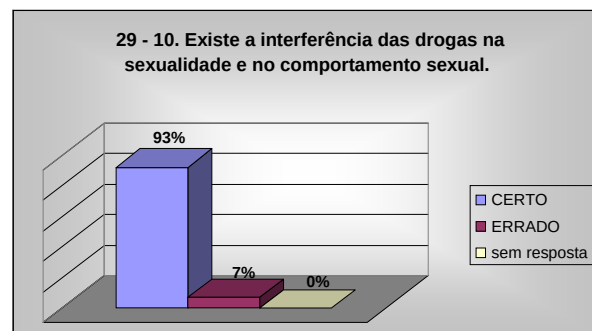


Gráfico 180: Questão 29, item 10: Existe a interferência das drogas na sexualidade e no comportamento sexual.: Região SUL

De acordo com os resultados obtidos pelas análises estatísticas dos dados, a maioria dos universitários de todas as regiões e de ambos os sexos, consideraram a afirmação: “Existe a interferência das drogas na sexualidade e no comportamento sexual”, como correta.

Ao recorrermos às análises bibliográficas pertinentes ao tema, encontramos em Masters et al. (1993, p.345), que os problemas de saúde podem resultar em dificuldades sexuais.

Milhões de pessoas com diversos problemas de saúde têm dificuldades sexuais deles resultantes. Além disso, o uso e abuso de drogas e álcool comumente prejudica o funcionamento sexual. Mesmo assim, muitos são mal informados sobre tais efeitos.

Os mesmos autores, em sua obra *Heterossexualidade* (1997, p.368) descrevem a extensão dessas dificuldades e citam as estatísticas de diversos estudos.

O vício em narcóticos, como a heroína, está associado com uma alta taxa de problemas sexuais em ambos os sexos, embora isso reflita vários fatores e os relacionamentos, assim como a ação direta das próprias drogas.

A extensão dessas dificuldades sexuais pode ser observada considerando-se as estatísticas. Um estudo de homens viciados em heroína descobriu que 63 por cento tinham níveis baixo de desejo sexual, 53 por cento eram impotentes e 79 por cento tinham ejaculação tardia. Outro estudo revelou que o desejo sexual era suprimido em 100 por cento dos homens viciados em heroína pesquisados, assim como em 96,5 por cento dos usuários de metadona, com ambos os grupos mostrando também altas taxas de problemas de potência e ejaculatórios. Efeitos parecidos têm sido observados em mulheres viciadas. Um estudo constatou uma diminuição no interesse sexual em 60 por cento das mulheres viciadas, enquanto outro encontrou disfunção orgásmica em 27 por

cento e pouco interesse sexual em 57 por cento. (MASTERS et al.,1997, p.368)

Num estudo realizado por Oliveira (2000), concluiu-se que o uso de substâncias psicoativas interfere na sexualidade humana.

✓ Questão 29, item 11: É correto afirmar que o uso crônico de drogas acarretam efeitos negativos e progressivos sobre sexualidade adulta.

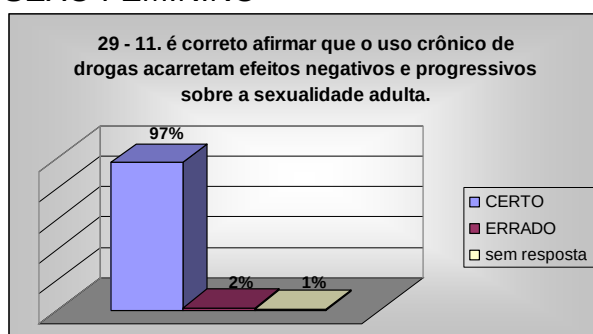
Constatamos que a maior porcentagem dos informantes considera certa esta afirmação, acreditando que o uso crônico de drogas acarreta efeitos negativos e progressivos sobre a sexualidade adulta.

Na região Norte, encontramos a maior porcentagem das jovens (97%) que consideraram esta questão como certa, seguida por 95% dos jovens gaúchos. Entre os indivíduos do sexo masculino das regiões Norte e Centro-Oeste, 93% assinalaram como certa a questão.

Na região Sul, 96% das jovens entrevistadas também assinalaram como certa a questão e na região Sudeste foram 94% as jovens que concordaram que o uso crônico de drogas acarreta efeitos negativos e progressivos sobre a sexualidade adulta.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

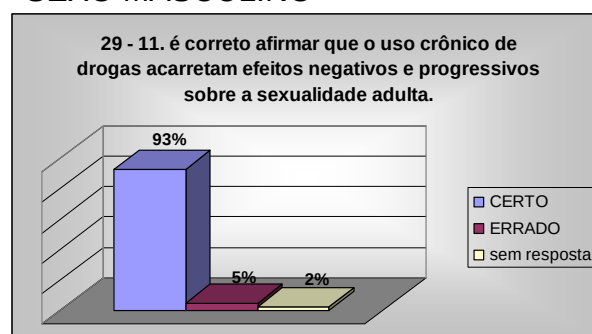
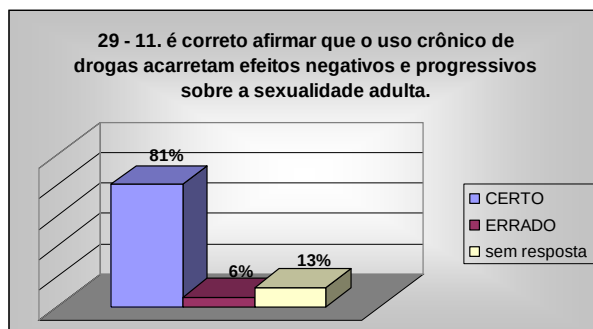


Gráfico 181: Questão 29, item 11: É correto afirmar que o uso crônico de drogas acarretam efeitos negativos e progressivos sobre sexualidade adulta.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

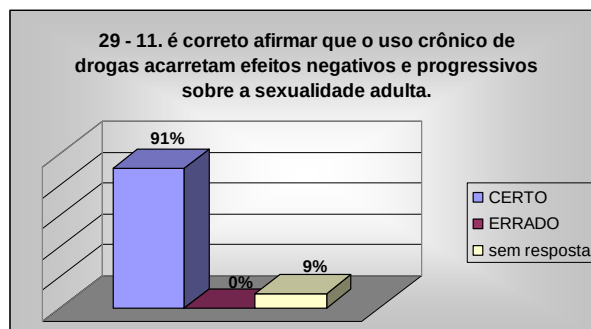
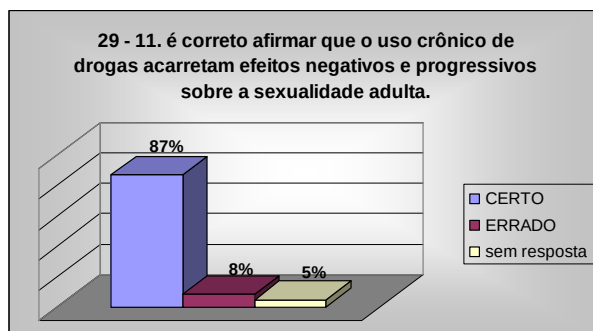


Gráfico 182: Questão 29, item 11: É correto afirmar que o uso crônico de drogas acarretam efeitos negativos e progressivos sobre sexualidade adulta.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

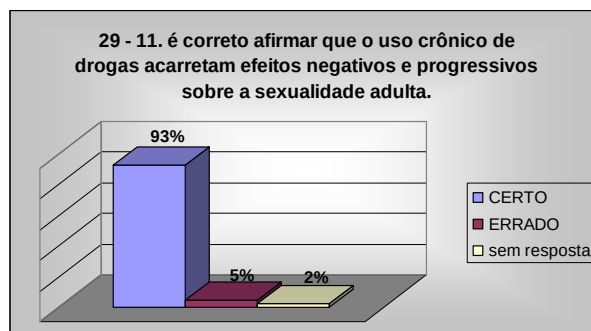
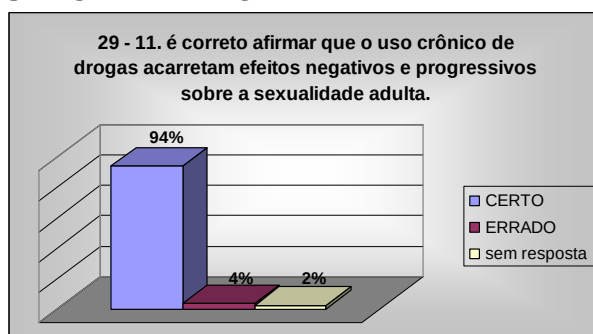


Gráfico 183: Questão 29, item 11: É correto afirmar que o uso crônico de drogas acarretam efeitos negativos e progressivos sobre sexualidade adulta.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

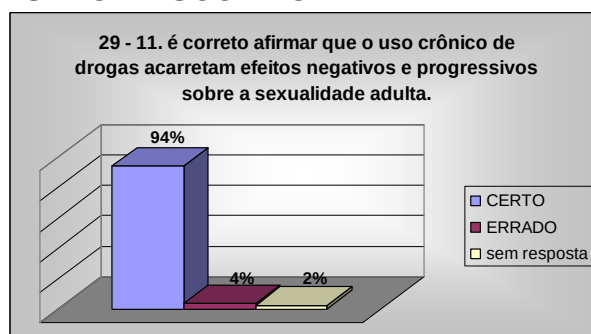
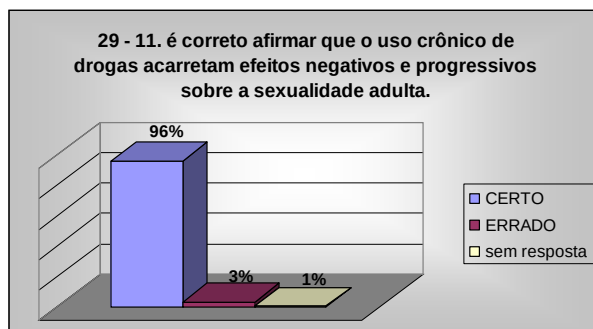


Gráfico 184: Questão 29, item 11: É correto afirmar que o uso crônico de drogas acarretam efeitos negativos e progressivos sobre sexualidade adulta.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

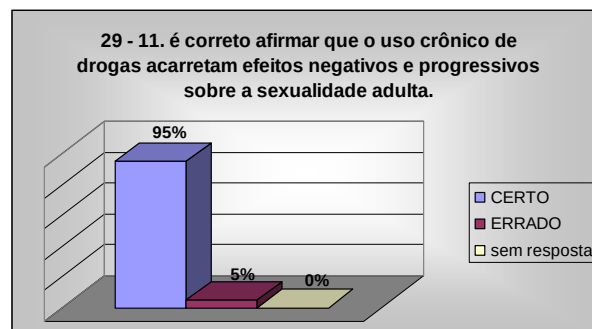


Gráfico 185: Questão 29, item 11: É correto afirmar que o uso crônico de drogas acarretam efeitos negativos e progressivos sobre sexualidade adulta.: Região SUL

Kusnetzoff (1978, p.156-157), em sua obra “*O homem sexualmente feliz*”, ao abordar os efeitos negativos e progressivos do uso crônico de drogas sobre a sexualidade humana a longo prazo, afirma que o resultado será uma disfunção erétil ou ejaculatória. O autor descreve:

Na realidade, a droga pode desvirtuar o sentido de tempo, produzindo a ilusão de ter um orgasmo prolongado. Como o álcool, para obter os mesmos efeitos, será necessário consumir cada vez mais a droga. O resultado, a longo prazo, será uma disfunção erétil ou ejaculatória.

As anfetaminas e a cocaína atuam como decididos estimulantes do sistema nervoso central. Seus efeitos são parecidos com as do álcool, provocando desinibição inicial e, posteriormente, depressão geral. O uso continuado produz graves vícios, com claros efeitos de depressão erótica e disfunções erétil e ejaculatória. (KUSNETZOFF, 1978, p.156-157)



Questão 29, item 12: O número de abortos de mães fumantes é muito grande.

Esta afirmação foi considerada certa pela maior porcentagem dos jovens e das jovens que responderam aos questionários, em todas as regiões do Brasil. Porém, observamos que 26% dos jovens da região Centro-Oeste e 23% das jovens da região Nordeste ainda acham errada tal afirmação.

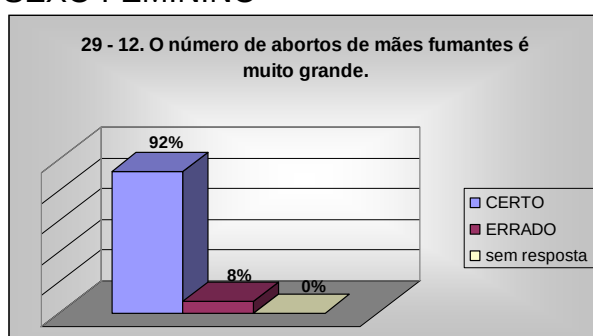
Na região Norte 92% dos indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino consideram certa esta questão. Na região Nordeste vemos que 78% dos jovens e 64% das jovens também concordam com a questão, mas 13% delas deixaram de responder a questão. Observamos, ainda, que 13% dos jovens nordestinos

assinalaram que a questão estava errada e 23% das jovens desta mesma região discordaram que o número de abortos de mães fumantes é grande.

Na região Centro-Oeste, para 87% dos indivíduos do sexo feminino e para 69% do sexo masculino, a questão foi considerada certa, mas 26% dos jovens dessa região assinalaram que a questão está errada. Na região Sudeste, enquanto 19% dos jovens assinalaram que a questão está errada, 78% assinalou-a certa, assim como 84% das jovens entrevistadas na região. Ainda concordam com a questão, 84% das jovens gaúchas e 88% dos jovens sulistas.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

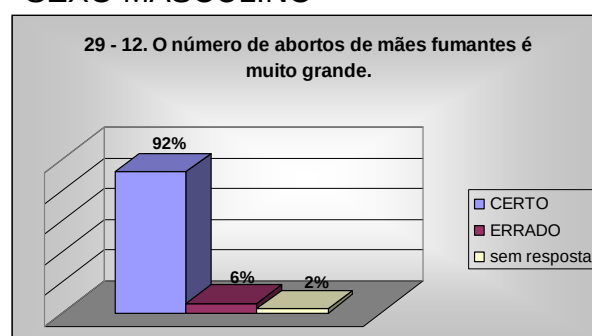
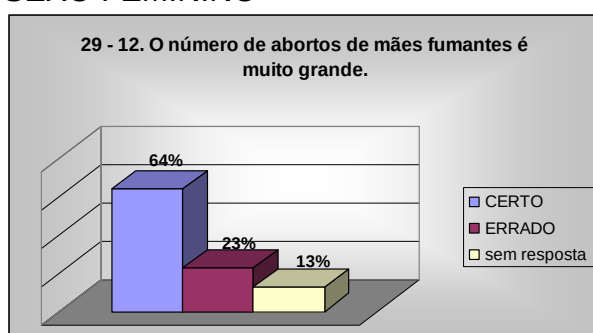


Gráfico 186: Questão 29, item 12: O número de abortos de mães fumantes é muito grande.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

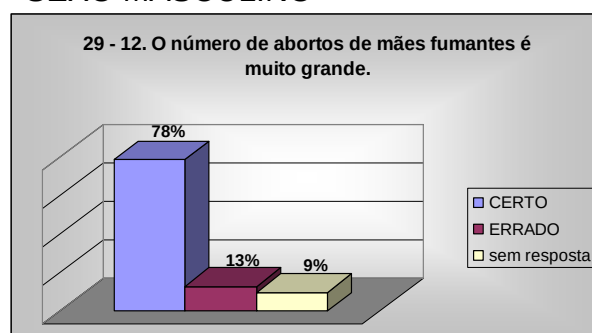
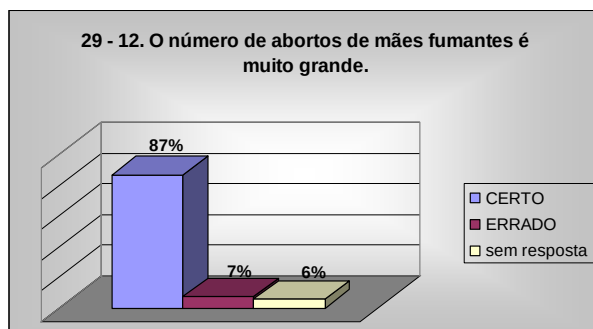


Gráfico 187: Questão 29, item 12: O número de abortos de mães fumantes é muito grande.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

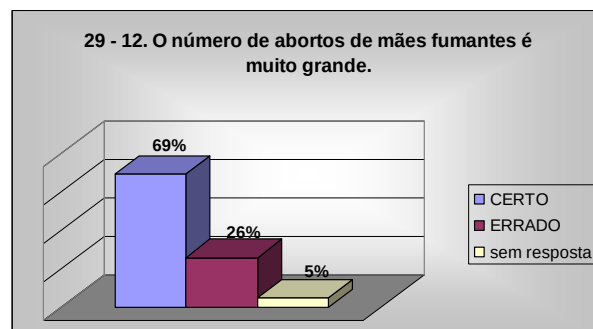
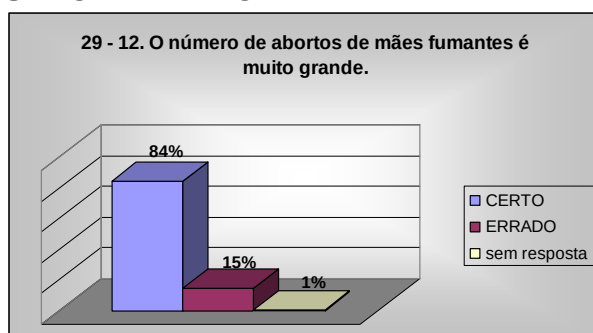


Gráfico 188: Questão 29, item 12: O número de abortos de mães fumantes é muito grande.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

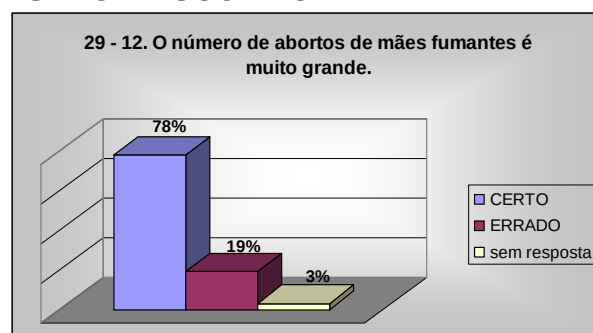
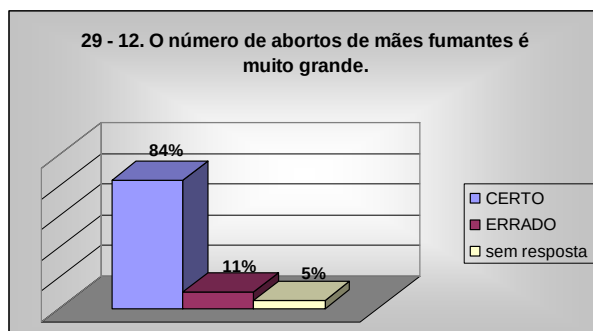


Gráfico 189: Questão 29, item 12: O número de abortos de mães fumantes é muito grande.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

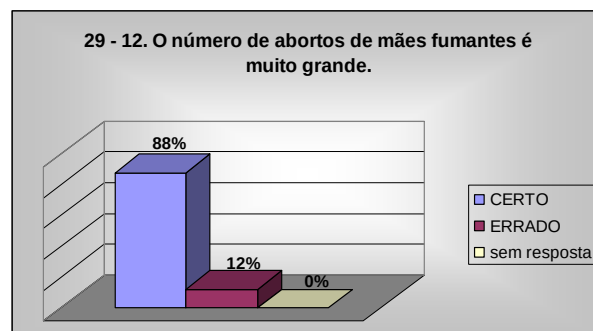


Gráfico 190: Questão 29, item 12: O número de abortos de mães fumantes é muito grande.: Região SUL

Apesar de a grande maioria dos universitários concordarem com a afirmação: “O número de abortos de mães fumantes é muito grande”, verificou-se uma certa discordância entre os jovens da região Centro-Oeste e das universitárias da região Nordeste. Tal constatação sugere a desinformação sobre temas relativos à sexualidade, no meio universitário.

Suplicy (1999, p.177) descreve os efeitos do fumo nos bebês:

O fumo está associado com bebês de baixo peso, pois sabe-se que a nicotina diminui a circulação do sangue, prejudicando a oxigenação das células e conseqüentemente a placenta será menos irrigada. Entre as gestantes fumantes há um aumento da possibilidade de aborto espontâneo e as chances de sobrevivência em bebês filhos de fumantes também são menores do que bebês de não-fumantes.



Questão 29, item 13: A televisão e outros meios de comunicação deveriam valorizar, além da beleza, outras características da mulher.

Notamos que esta afirmação foi considerada certa pela maior porcentagem de jovens, tanto do sexo masculino quanto do feminino, em todas as regiões do país.

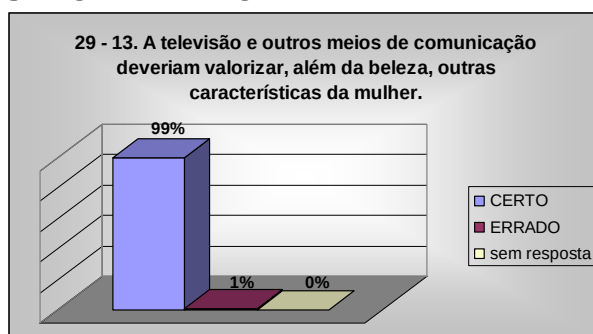
Na região Norte, entre os indivíduos do sexo feminino, encontramos a maior porcentagem (99%) dos que responderam como certa esta questão, seguidos por 98% dos indivíduos do sexo masculino desta mesma região e por 98% dos indivíduos do sexo feminino da região Sul.

Na região Nordeste, além de 84% dos indivíduos do sexo feminino concordaram com a afirmação, 85% dos indivíduos do sexo masculino também concordaram, porém, 13% das jovens nordestinas deixaram de responder esta questão.

Na região Centro-Oeste, 7% dos jovens nada responderam, enquanto outros 7% responderam que a questão estava errada e 95% das jovens responderam que a televisão e outros meios de comunicação deveriam valorizar, além da beleza, outras características da mulher.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

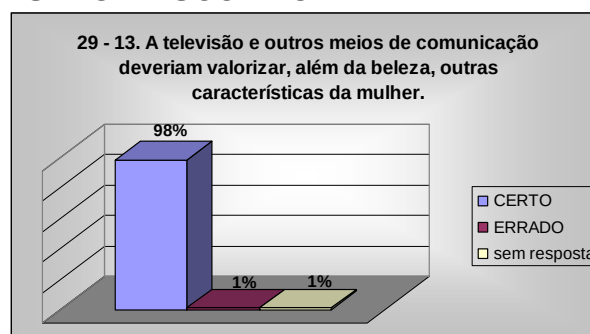
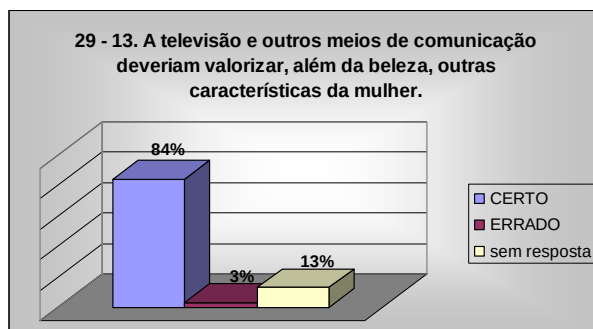


Gráfico 191: Questão 29, item 13: A televisão e outros meios de comunicação deveriam valorizar, além da beleza, outras características da mulher.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

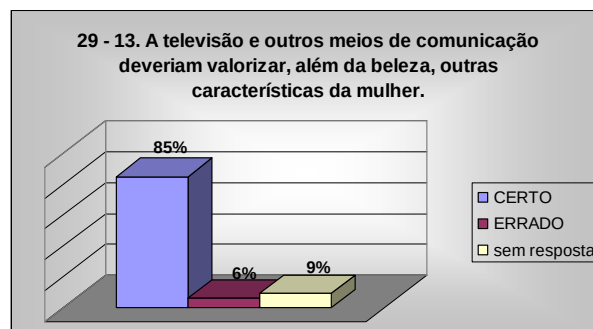
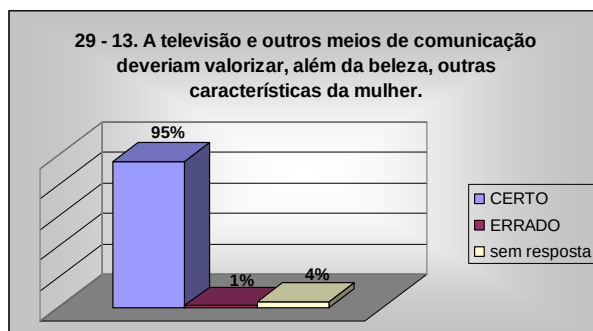


Gráfico 192: Questão 29, item 13: A televisão e outros meios de comunicação deveriam valorizar, além da beleza, outras características da mulher.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

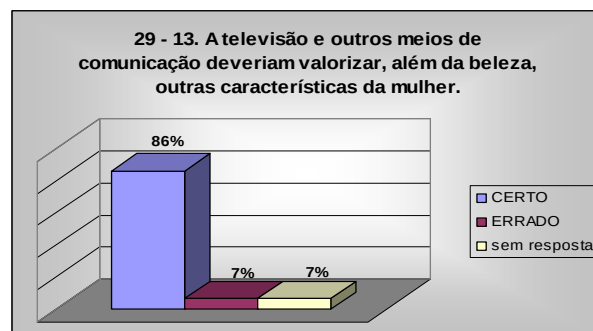
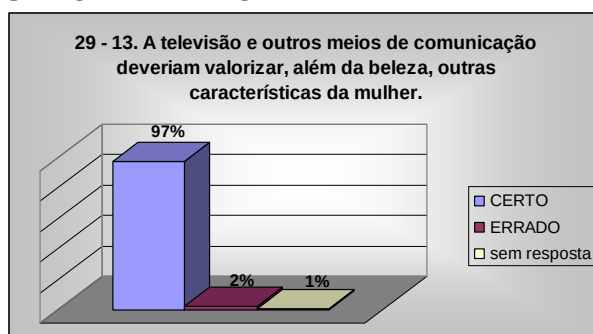


Gráfico 193: Questão 29, item 13: A televisão e outros meios de comunicação deveriam valorizar, além da beleza, outras características da mulher.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

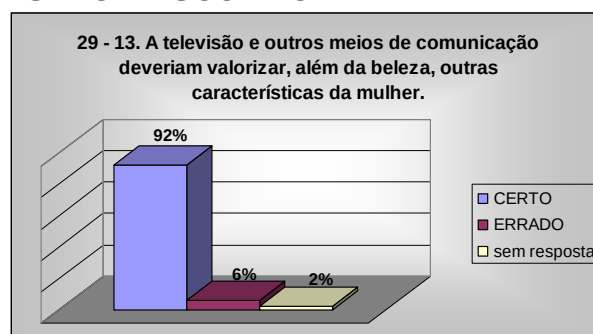
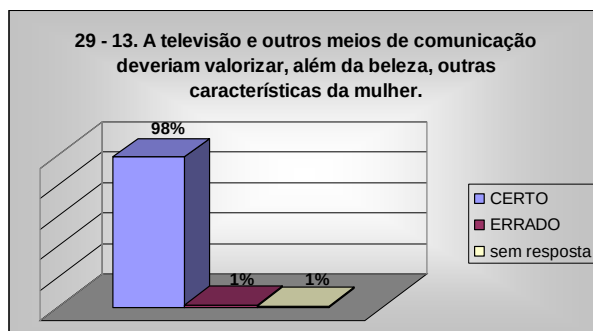


Gráfico 194: Questão 29, item 13: A televisão e outros meios de comunicação deveriam valorizar, além da beleza, outras características da mulher.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

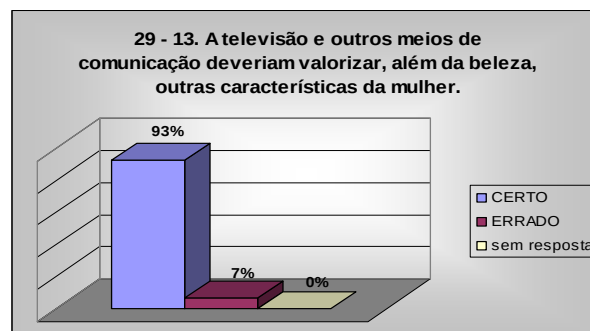


Gráfico 195: Questão 29, item 13: A televisão e outros meios de comunicação deveriam valorizar, além da beleza, outras características da mulher.: Região SUL

Albuquerque (2000) sugere que a televisão e outros meios de comunicação valorizam o mito da beleza feminina.

De acordo com as respostas obtidas no meio universitário, é recorrente a super valorização do padrão de beleza feminina. A mesma autora citada acima chama a atenção que “o mito da beleza consiste em disseminar a imagem da mulher ideal”.

Sobre o valor real de uma mulher a autora diz:

A cultura do mito da beleza tem construído e destinado um valor perverso, cruel e restrito à mulher. Algumas mulheres têm ganhado milhões por possuírem um corpo “perfeito”, outras têm faturado por apresentarem pernas, ou mamas, ou principalmente, um bumbum sedutor.

Será esse o valor real de uma mulher? Não seria uma visão reducionista, manipulável e opressora a respeito da mulher? Não se trata aqui, de apresentar uma visão contrária ao que é belo ou de incentivar a mulher a não cuidar da sua imagem corporal, mas de apresentar uma atitude crítica às variadas formas de opressão a que tem sido submetida a imagem feminina. (ALBUQUERQUE, 2000, p.181)



Questão 29, item 14: É importante para a felicidade das pessoas manter um relacionamento sexual satisfatório.

Esta é uma afirmação que, também, foi considerada certa pela maioria de jovens, do sexo masculino e do sexo feminino.

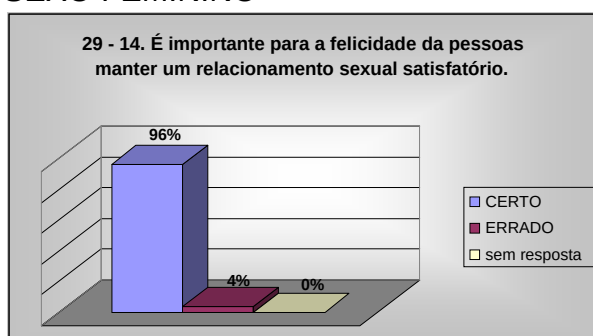
A maioria dos jovens participantes na região Norte (99%) assinalou como certa esta questão, sendo o mesmo para as 96% das jovens desta mesma região.

No Nordeste entre os indivíduos do sexo masculino temos um empate (9%) na falta de resposta e ao assinalar como errada a questão, porém 82% dos jovens nordestinos assinalaram certa a resposta. Sendo que 77% das jovens desta mesma região concordam com a resposta dos jovens, mas 13% nada responderam e 10% responderam que não é importante para a felicidade das pessoas manterem um relacionamento sexual satisfatório.

Na região Centro-Oeste tem 92% das jovens e 91% dos jovens respondendo que a questão está certa, o mesmo ocorre com 95% das jovens e 92% dos jovens da região Sudeste. Na região Sul, encontramos 94% das jovens gaúchas assinalaram certo para esta questão, sendo que 88% dos jovens sulistas concordam com a resposta dada pelas jovens de sua região, porém 12% dos gaúchos assinalaram errada a questão.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

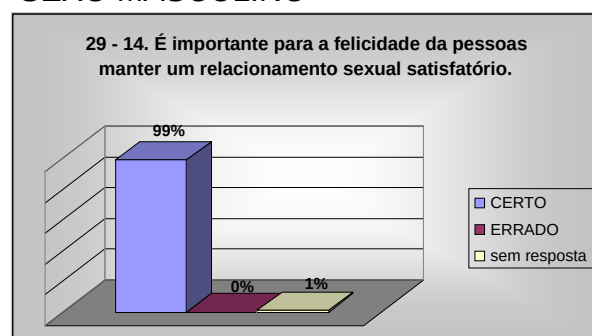
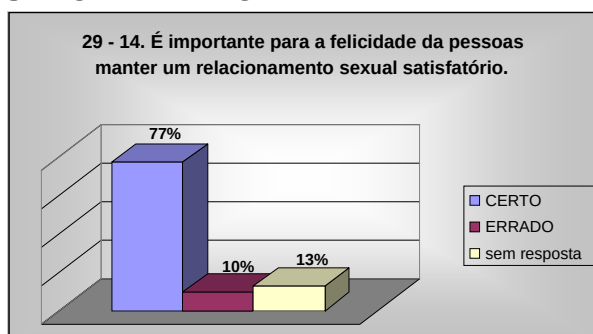


Gráfico 196: Questão 29, item 14: É importante para a felicidade das pessoas manter um relacionamento sexual satisfatório.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

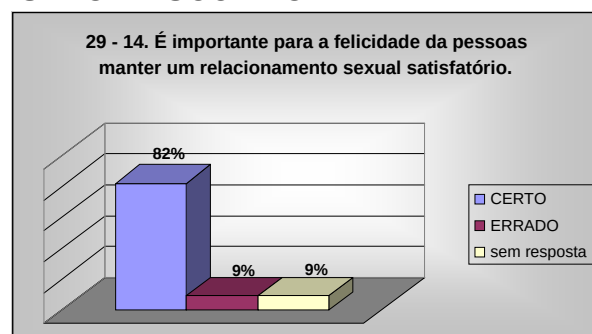
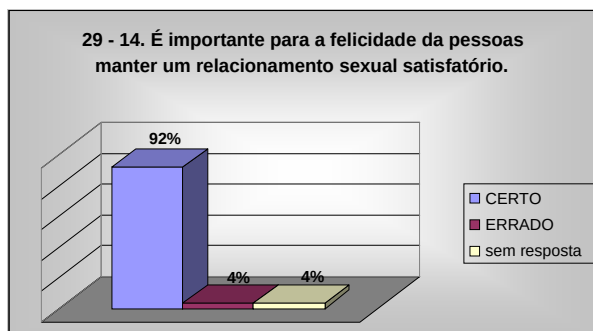


Gráfico 197: Questão 29, item 14: É importante para a felicidade das pessoas manter um relacionamento sexual satisfatório.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

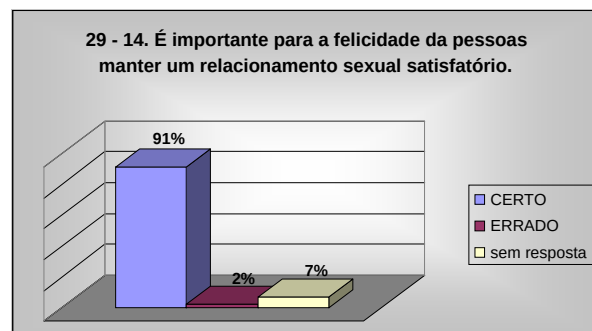
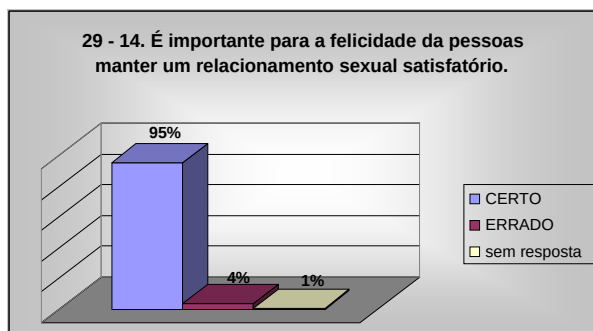


Gráfico 198: Questão 29, item 14: É importante para a felicidade das pessoas manter um relacionamento sexual satisfatório.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

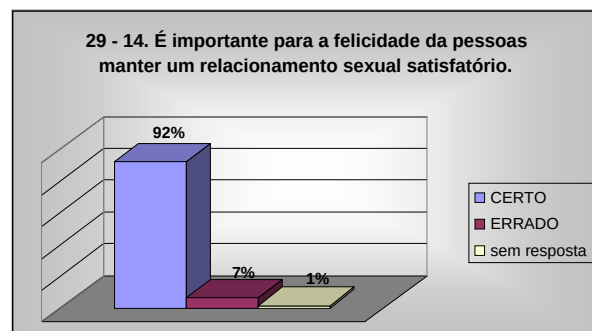
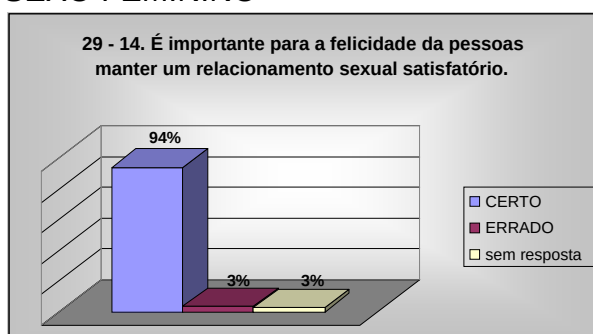


Gráfico 199: Questão 29, item 14: É importante para a felicidade das pessoas manter um relacionamento sexual satisfatório.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

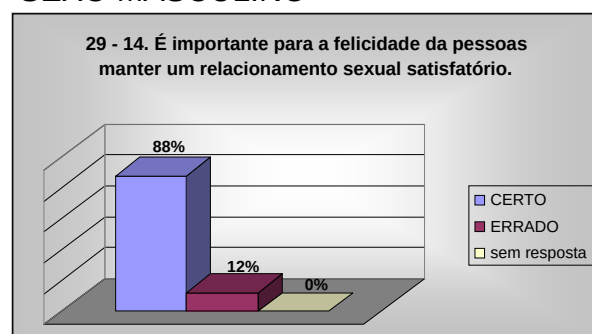


Gráfico 200: Questão 29, item 14: É importante para a felicidade das pessoas manter um relacionamento sexual satisfatório.: Região SUL

Sexo faz bem a saúde? De acordo com a unanimidade nas respostas obtidas é importante para a felicidade da pessoa, manter um relacionamento sexual satisfatório. De acordo com Montgomery (2003, p.17) é fundamental uma harmonia entre o exercício da sexualidade e do sexo ao indivíduo e à sua comunidade.

Numa visão mais microscópica da fisiologia do sexo podemos dizer que se exercitar sexualmente é fazer funcionar a engrenagem geral do organismo orgânico (corpo) e psíquico (mente). Se você não acionar seu motor, essa energia vai girar em falso e pode fundir seu veículo. Essa energia tem de ser usada. (MONTGOMERY, 2003, p.17)

✓ *Questão 29, item 15: Revistas e filmes pornográficos devem ser liberados.*

Esta afirmação foi considerada errada pela maior porcentagem de jovens do sexo feminino. No entanto, entre os jovens a opinião não foi à mesma. Para os jovens das regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste esta afirmação tem maior porcentagem para certa, seguida de perto pela consideração errada. No Nordeste brasileiro 60% dos jovens consideram esta liberação errada e no Sul temos um empate de 50% para certo e errado.

Como por exemplo, na região Norte, entre os indivíduos do sexo feminino, tem: 75% consideram a questão errada contra 25% que considera certa. Entre os indivíduos do sexo masculino, desta mesma região, temos: 43% que consideram certa contra 55% que acreditam que as revistas e filmes pornográficos devem ser liberados.

Na região Nordeste existe um consenso para considerar tal questão errada, isto é, entre os jovens nordestinos 60% consideram a questão errada, 31% assinalaram como certa e 9% nada responderam. Entre as jovens nordestinas temos: 61% que responderam que a questão está errada, 23% assinalaram errado e 16% deixaram de responder esta questão.

Em contrapartida na região Centro-Oeste entre os indivíduos do sexo masculino encontramos as seguintes porcentagens: 51% acreditam que a questão está certa, 40% assinalaram errado e 9% nada responderam. Entre os indivíduos do sexo feminino ocorre o contrário, ou seja, 64% não concordam com a liberação, 30% assinalaram como certa a questão e 6% deixaram de responder esta questão.

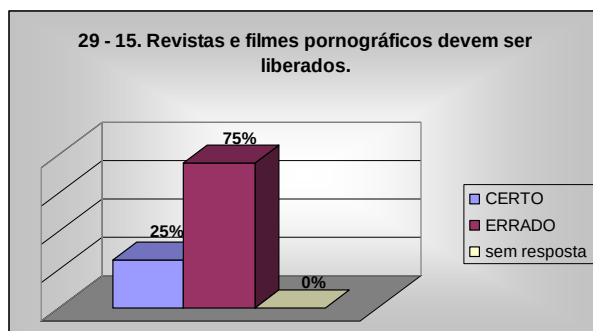
No Sudeste ocorre o mesmo que no Centro-Oeste, 58% dos jovens acreditam que a liberação das revistas e filmes pornográficos deva ocorrer, porém 40% dos jovens do Sudeste discordam e 2% não responderam à questão. Entre as jovens da região Sudeste temos: 60% assinalaram que a questão está errada, 38%

responderam certo para a questão e a mesma porcentagem (2%) deixou de dar resposta.

As jovens gaúchas na porcentagem de 66% também acreditam estar errada a liberação, mas 31% assinalaram certa a questão e 3% nada responderam. O interessante está na porcentagem entre os jovens gaúchos, onde 50% acreditam na liberação e outro 50% não.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

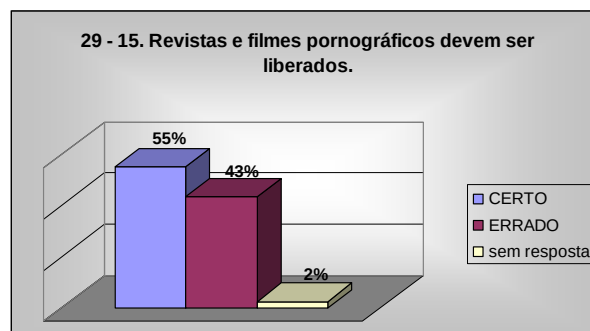
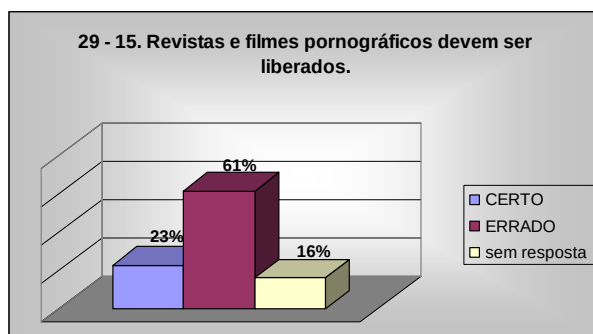


Gráfico 201: Questão 29, item 15: Revistas e filmes pornográficos devem ser liberados.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

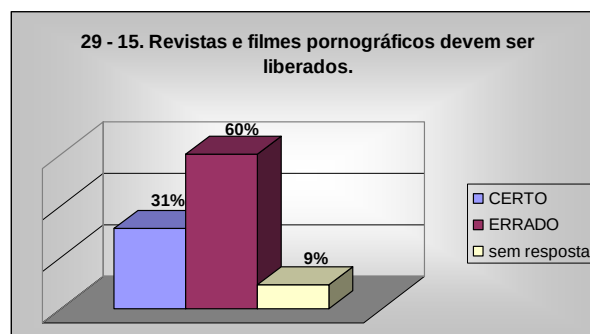
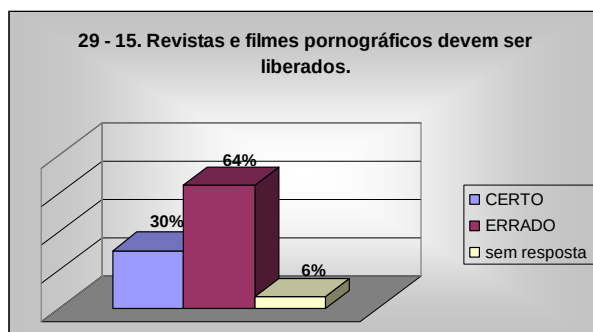


Gráfico 202: Questão 29, item 15: Revistas e filmes pornográficos devem ser liberados.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

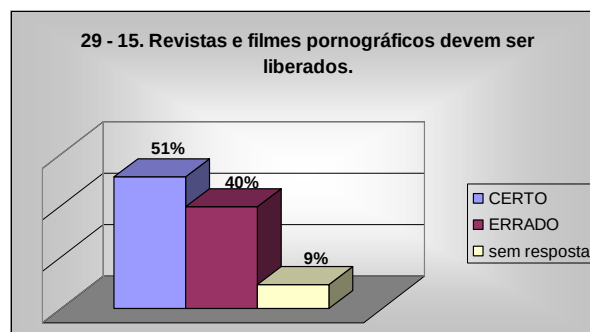
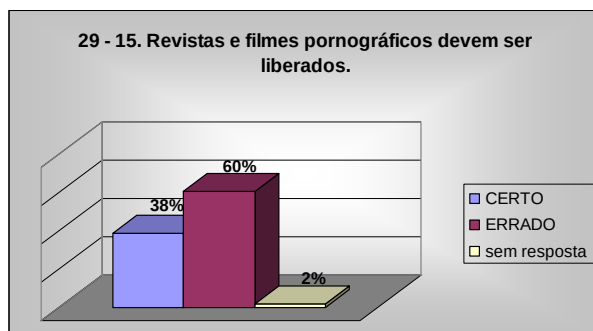


Gráfico 203: Questão 29, item 15: Revistas e filmes pornográficos devem ser liberados.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

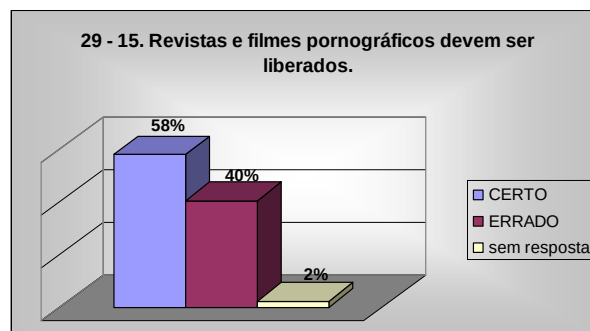
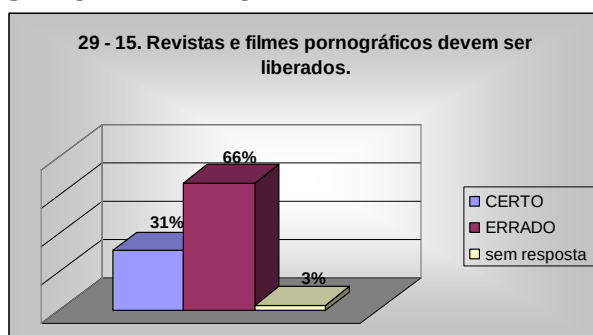


Gráfico 204: Questão 29, item 15: Revistas e filmes pornográficos devem ser liberados.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

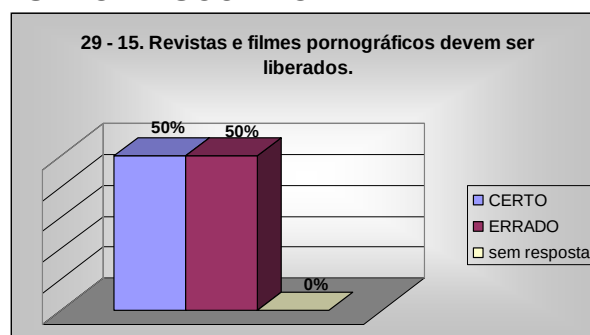


Gráfico 205: Questão 29, item 15: Revistas e filmes pornográficos devem ser liberados.: Região SUL

Existe muita controvérsia em relação a liberação de filmes e revistas pornográficos. De acordo com os universitários dos diferentes estados brasileiros, também verifica-se uma discrepância das respostas em relação ao ponto de vista masculino e feminino.

Este fato talvez ocorra devido a difícil definição da pornografia. Em relação a este tema, Suplicy (1999, p.349), define primeiramente o que é pornografia.

A pornografia não insinua, mostra tudo e, de preferência, de forma chocante. Tem como finalidade principal excitar sexualmente quem a vê. Frequentemente a pornografia sugere informações errôneas como de que o sexo seja uma série de atos genitais, que os órgãos sexuais são enormes, os homens sexualmente incansáveis e os corpos masculinos e femininos sempre sexualmente atraentes.

Podemos levantar alguns questionamentos sobre a postura dos universitários sobre o tema proposto. Um dos fatores que podem ter interferido nas respostas sobre a legalização da pornografia, diz respeito ao possível aumento de crimes sexuais.

Sobre essa possibilidade, Suplicy (1999, p.351), esclarece que:

A Comissão Norte-Americana de Obscenidade e Pornografia concluiu, não muito diferentemente, que as pessoas não mudam nem aumentam sua atividade sexual depois de expostas a material pornográfico, que seus valores sobre o que é aceitável e moral também não mudam como resultado de exposição à pornografia. Constatou-se que num período de 24 horas depois de expostos à pornografia há uma probabilidade de aumento de conversa sexo.

Gallotti (2005, p.137), explica o que é pornografia e qual seu principal objetivo.

Hoje entende-se por pornografia qualquer representação de atos sexuais explícitos, fora do seu contexto normal, através de diversos meio – vídeos, revistas, cinema, livros, espetáculos, Internet, etc. - , com o único objetivo de obter benefícios econômicos à custa de excitação sexual do público a que é dirigida.



Questão 29, item 16: A liberdade que os pais dão aos filhos deve ser a mesma em relação às filhas.

A maior porcentagem de jovens, tanto do sexo feminino como do sexo masculino, consideram certa esta afirmação.

Vemos que a maior porcentagem dos que concordam com esta questão se encontra na região Sul, onde 89% das jovens gaúchas assinalaram como certa esta questão e 85% dos jovens sulista também concordam com a questão.

No entanto vemos que entre os indivíduos do sexo masculino da região Nordeste 63% concordam contra 28% que discordam e 9% que não responderam. Entre os indivíduos do sexo feminino temos: 74% que concordam e 13% que discordam desta questão, e a mesma porcentagem que nada responderam.

Na região Norte, entre os indivíduos do sexo feminino, temos: 77% que concordam com a questão e 23% das jovens nordestinas não responderam que a liberdade que os pais dão aos filhos deva ser a mesma em relação às filhas. Enquanto em relação aos jovens nortistas as porcentagens são: 70% acham correta a questão, 28% assinalaram errado e 2% deixaram de responder.

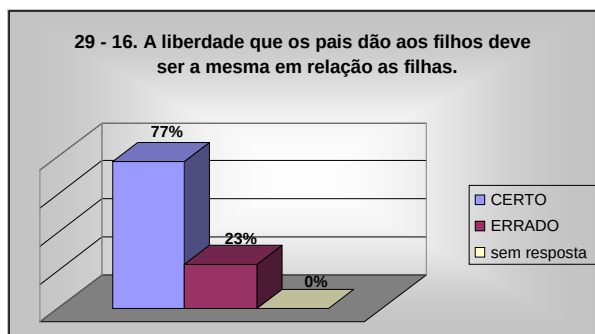
Mas é entre os indivíduos do sexo masculino da região Centro-Oeste que encontramos a maior porcentagem (40%) de não aceitação desta questão, sendo 53% que assinalou pelo certo e 7% não respondeu a questão. Entre os indivíduos do

sexo feminino desta mesma região temos: 69% pelo certo, 29% pelo errado e 2% pela falta de resposta.

Na região Sudeste entre as jovens temos 88% que responderam que a questão está certa, 11% que está errada e apenas 1% nada respondeu. Enquanto os jovens desta região 62% responderam certo, 36% assinalaram errado e 2% não responderam a questão.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

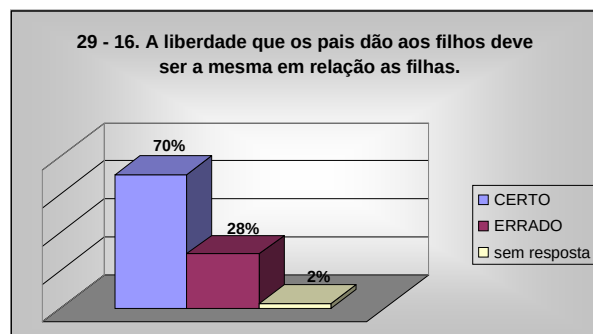


Gráfico 206: Questão 29, item 16: A liberdade que os pais dão aos filhos deve ser a mesma em relação às filhas.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

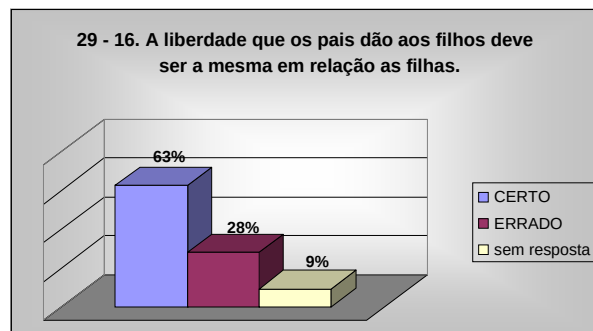


Gráfico 207: Questão 29, item 16: A liberdade que os pais dão aos filhos deve ser a mesma em relação às filhas.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

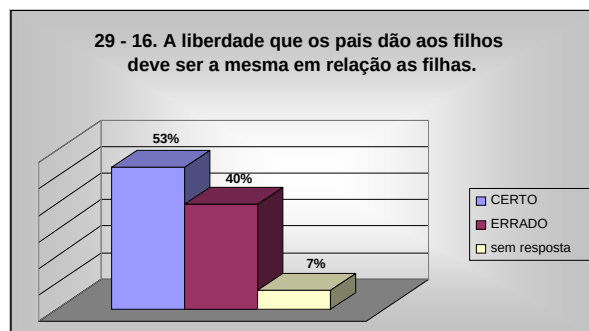


Gráfico 208: Questão 29, item 16: A liberdade que os pais dão aos filhos deve ser a mesma em relação às filhas.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

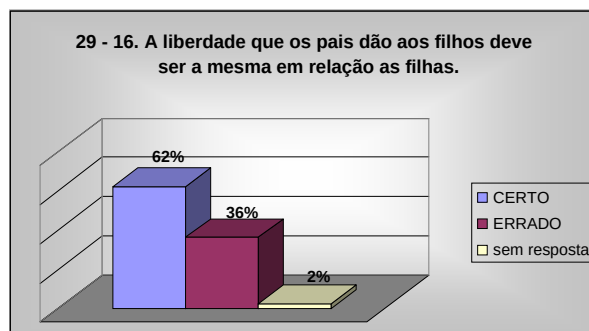
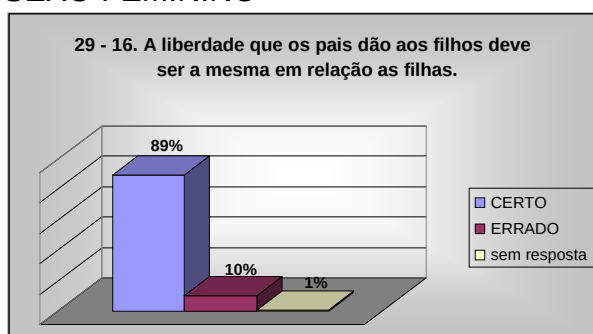


Gráfico 209: Questão 29, item 16: A liberdade que os pais dão aos filhos deve ser a mesma em relação às filhas.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

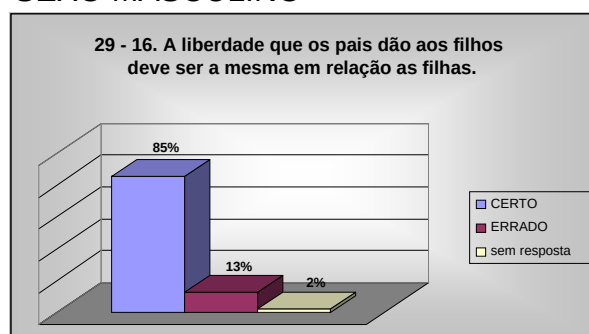


Gráfico 210: Questão 29, item 16: A liberdade que os pais dão aos filhos deve ser a mesma em relação às filhas.: Região SUL

Sobre a afirmação: “A liberdade que os pais dão aos filhos devem ser a mesma em relação às filhas”, revela que os universitários brasileiros apresentam posturas diferentes dependendo da região do país.

Estes resultados revelam a presença de valores preconceituosos relativos aos

gêneros.

Num estudo realizado por Zampieri (2002), com universitários do Estado de São Paulo reitera a construção social em torno dos gêneros, existe uma naturalização dos papéis atribuídos ao homem e à mulher de maneira diferenciada.

Ao recorrermos as análises de Gallotti (2005, p.107), sobre a liberdade diferenciada em relação aos filhos, a autora nos mostra que os pais reagem de maneira diferente também perante as primeiras relações sexuais.

Perante as primeiras relações sexuais dos seus filhos, os pais costumam reagir de forma diferente, conforme se trate de um filho ou de uma filha. Geralmente, vêem com muito bons olhos a estréia do rapaz. Pelo contrário, é mais difícil encontrar um pai feliz com a iniciação da sua filha do que ver um camelo passar pelo buraco de uma agulha. (GALLOTTI, 2005, p.107)

TEMA 5: VALORES

Este capítulo mostra como os valores são naturalizados socialmente e legitimados pelos indivíduos, de ambos os sexos.

✓ *Questão 7: Se você tem parceiro fixo (namorado(a), cônjuge), costuma manter relações sexuais com outros(as) parceiros(as)? Você já teve relações sexuais com outra pessoa, depois que está com o(a) seu(sua) parceiro(a) atual?*

De acordo com as respostas, a maior porcentagem de jovens, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, respondeu que não costuma manter relações com outros parceiros, desde que possua parceiro fixo.

Na região Norte foram 65% as jovens que responderam não ter relações sexuais com outros parceiros, porém 19% respondeu que sim e 16% deixou de responder esta questão. Quanto aos jovens desta mesma região, 63% respondeu que não, 31% respondeu que sim e 5% nada respondeu.

Na região Nordeste, entre as jovens, 71% respondeu que não, 10% respondeu que sim e 19% não respondeu. Já 53% dos jovens nordestinos responderam que mantém relações sexuais com outros parceiros, 34% respondeu que não e 13% nada respondeu.

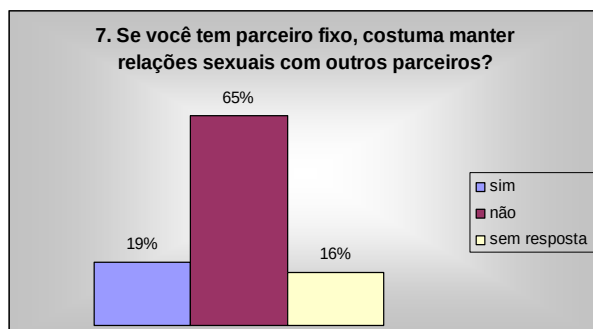
Entre os indivíduos do sexo masculino da região Centro-Oeste, 53% respondeu que não, 19% que sim e 28% não respondeu. Enquanto 82% dos indivíduos do sexo feminino responderam que não, 11% respondeu que sim e 7% nada respondeu.

O mesmo ocorreu nas respostas dos jovens da região Sudeste. Entre os jovens do sexo masculino temos: 67% não, 16% sim, 17% sem resposta. Para o sexo feminino, as repostas foram: 74% não, 9% sim e 17% deixaram de responder.

Na região Sul, as jovens gaúchas responderam: 71% para não, 6% para sim e 23% sem resposta. Entre os jovens gaúchos temos: 70% não, 10% sim e 20% deixou de responder esta questão.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

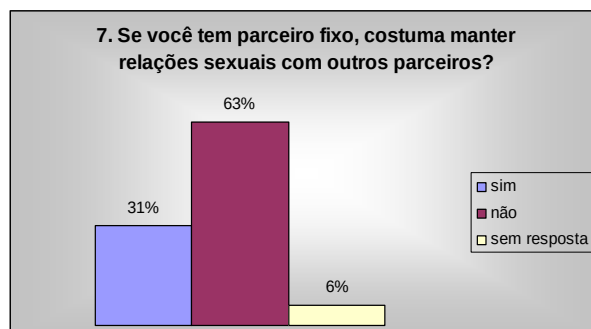
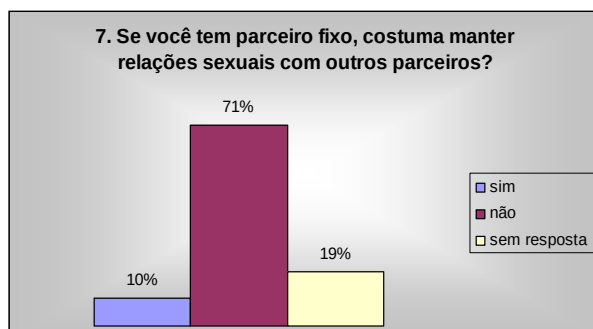


Gráfico 211: Questão 7: Se você tem parceiro fixo (namorado(a), cônjuge), costuma manter relações sexuais com outros(as) parceiros(as)? Você já teve relações sexuais com outra pessoa, depois que está com o(a) seu(sua) parceiro(a) atual?: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

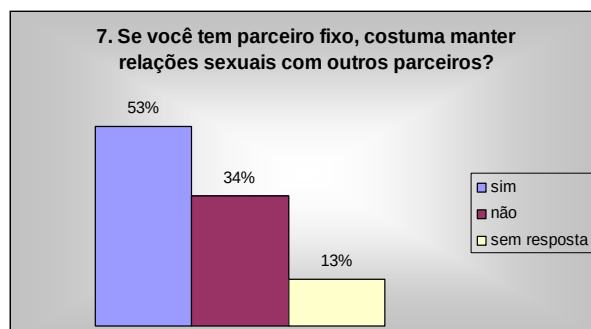
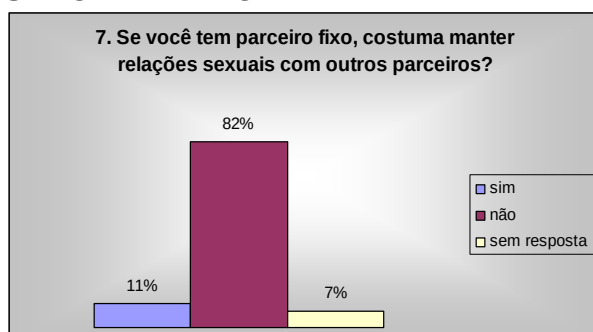


Gráfico 212: Questão 7: Se você tem parceiro fixo (namorado(a), cônjuge), costuma manter relações sexuais com outros(as) parceiros(as)? Você já teve relações sexuais com outra pessoa, depois que está com o(a) seu(sua) parceiro(a) atual?: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

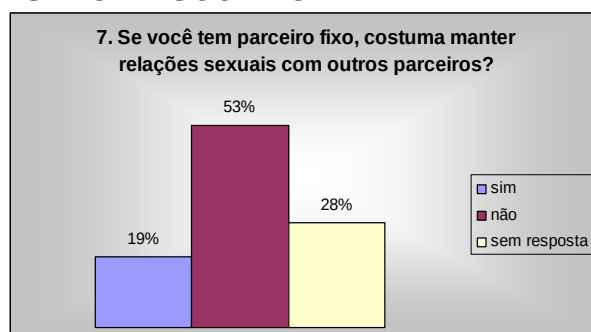
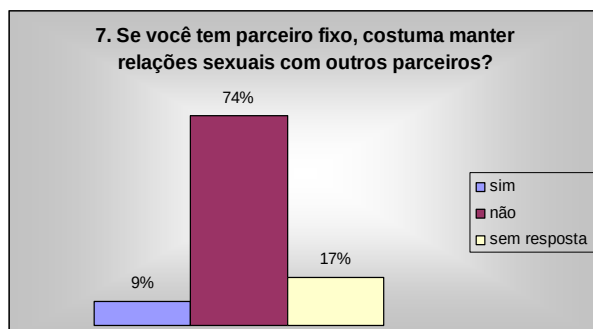


Gráfico 213: Questão 7: Se você tem parceiro fixo (namorado(a), cônjuge), costuma manter relações sexuais com outros(as) parceiros(as)? Você já teve relações sexuais com outra pessoa, depois que está com o(a) seu(sua) parceiro(a) atual?: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

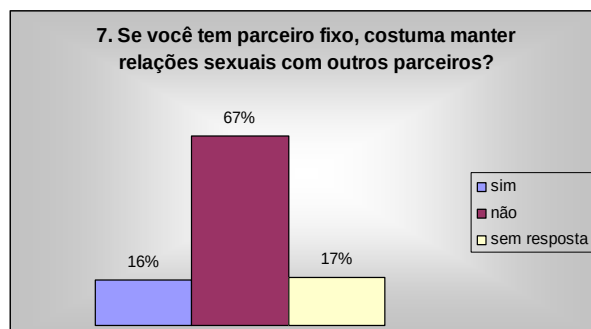
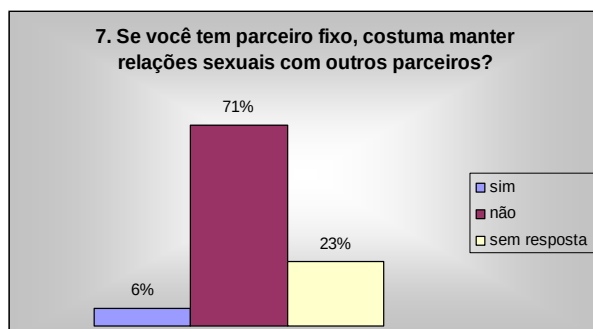


Gráfico 214: Questão 7: Se você tem parceiro fixo (namorado(a), cônjuge), costuma manter relações sexuais com outros(as) parceiros(as)? Você já teve relações sexuais com outra pessoa, depois que está com o(a) seu(sua) parceiro(a) atual?: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

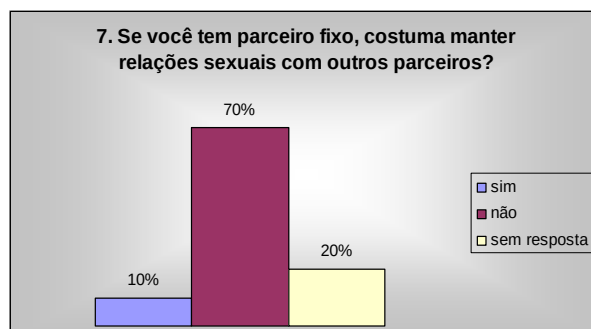


Gráfico 215: Questão 7: Se você tem parceiro fixo (namorado(a), cônjuge), costuma manter relações sexuais com outros(as) parceiros(as)? Você já teve relações sexuais com outra pessoa, depois que está com o(a) seu(sua) parceiro(a) atual?: Região SUL

Outro aspecto relevante da nossa análise, diz respeito à fidelidade em relação ao parceiro fixo. Universitários de ambos os sexos e das diferentes regiões do país, em grande proporção, são unânimes ao afirmar que não costumam manter relações com outros parceiros quando têm parceiro fixo.

Os dados acima servem para desmitificar alguns conceitos dos adultos em relação à sexualidade dos jovens.

Sobre a fidelidade dos parceiros, Vitiello (1997, p.39), esclarece que:

As mudanças ocorridas quanto à iniciação sexual nas últimas 2 ou 3 décadas, as quais já nos referimos, são acompanhadas de notável fidelidade, talvez até mais acentuada do que entre os próprios adultos. Mesmo que existam as naturais e inevitáveis exceções, de maneira geral os jovens de ambos os sexos são fiéis aos seus parceiros, ocorrendo o que se convencionou chamar de “monogamia seriada”, isto é, as pessoas podem trocar de par com alguma frequência mas, enquanto juntos, são mutuamente fiéis.

Em seu livro *O adolescente por ele mesmo*, Zagury (1996, p.173), também detectou entre os jovens participantes a fidelidade nas relações. A autora relata:

Quando namoram a fidelidade é considerada muito importante. Quem namora, em geral, não *fica*. Pelo menos enquanto dura o namoro. Quando o namoro termina, aí é outra história. A maioria dos jovens adotam uma postura bastante honesta e ética, [...] 56,3% só admitem o *ficar* quando não estão namorando. Quer dizer, **a fidelidade, a relação monogâmica está em alta entre eles.**

✓ *Questão 14: Indique como você costuma manter suas relações sexuais.*

Nesta questão vemos que tanto no sexo masculino quanto no sexo feminino a maior porcentagem respondeu que a relação sexual é realizada com apenas um parceiro (a). Temos que o sexo masculino e o sexo feminino preferem, na sua maioria, manter relações sexuais no escuro.

Podemos aqui indicar as porcentagens mais significativas em cada região, como por exemplo: na região Norte, entre os indivíduos do sexo masculino, temos a maior porcentagem (48%) para a resposta de manter relações sexuais com apenas uma parceira, porém 3% respondeu que mantém sexo a três, 26% preferem fazer sexo no escuro, 18% fazer sexo no claro (a mesma porcentagem no sexo feminino) e 3% nada respondeu. Entre os indivíduos do sexo feminino desta mesma região temos: 41% mantém relações sexuais com apenas um parceiro, 25% prefere fazer sexo no escuro e 15% não respondeu a esta questão.

Na região Nordeste, entre os indivíduos do sexo masculino temos: 35% que respondeu ter relações com a mesma parceira, 28% que prefere o sexo no escuro, 29% sexo no claro e 7% nada respondeu. Enquanto 36% das jovens nordestinas responderam que mantêm relações sexuais com o mesmo parceiro, 26% delas preferem fazer sexo no escuro, 23% no claro e 11% nada respondeu.

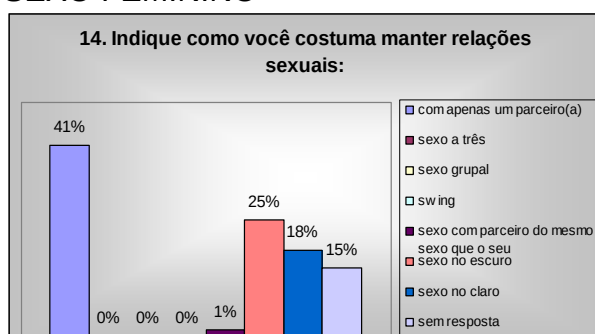
Na região Centro-Oeste, 49% dos indivíduos do sexo feminino responderam que costumam manter relações sexuais com o mesmo parceiro, 23% dessas jovens preferem fazer sexo no escuro, 18% no claro e 8% delas não responderam a esta questão. Os 42% dos jovens desta mesma região também responderam fazer sexo com a mesma parceira, 23% deles preferem fazer sexo no escuro, 24% no claro e 11% nada respondeu.

Na região Sudeste 51% das jovens responderam manter relações sexuais com o mesmo parceiro, 22% delas preferem fazer sexo no escuro, 14% no claro e 13% nada respondeu. Enquanto 45% dos jovens desta região mantêm relações sexuais com o mesmo parceiro, 25% delas preferem o sexo no escuro, 24% no claro e 3% não respondeu a questão.

Na região Sul 50% dos jovens gaúchos também responderam ter relações com a mesma parceira, 23% deles preferem ter relações sexuais no escuro, 15% no claro e 10% nada respondeu. Enquanto 40% das jovens gaúchas também mantêm relações sexuais com o mesmo parceiro, 24% delas fazem sexo no escuro, 20% no claro e 14% deixou de responder esta questão.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

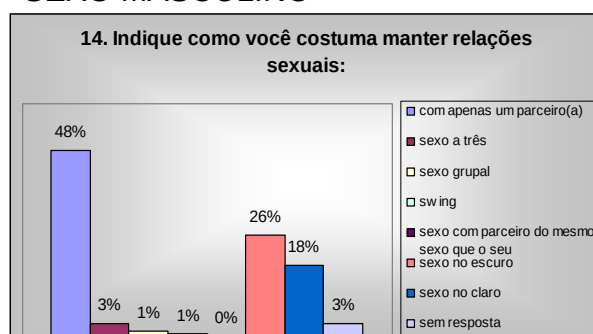
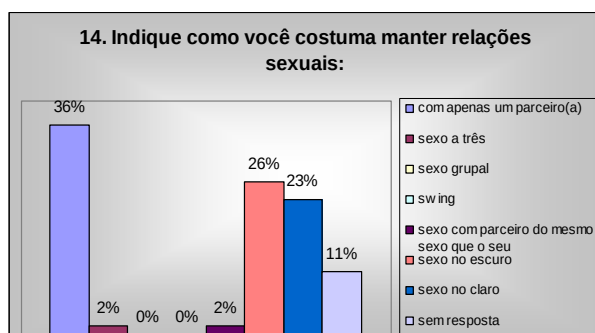


Gráfico 216: Questão 14: Indique como você costuma manter suas relações sexuais.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

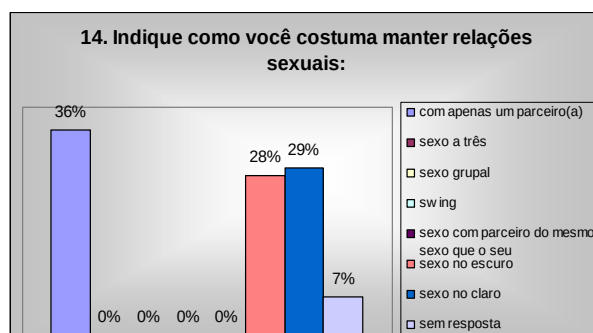
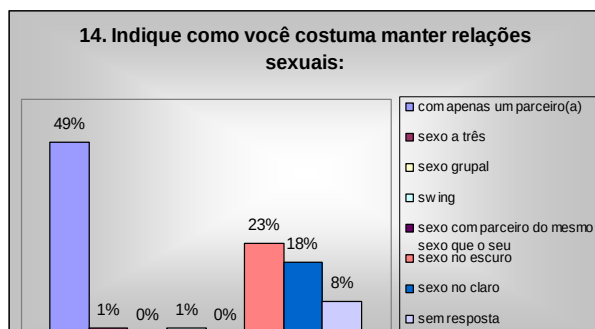


Gráfico 217: Questão 14: Indique como você costuma manter suas relações sexuais.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

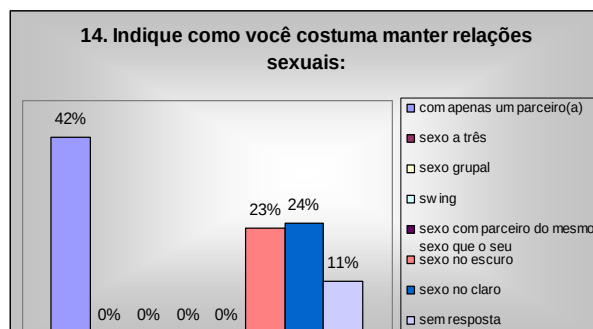
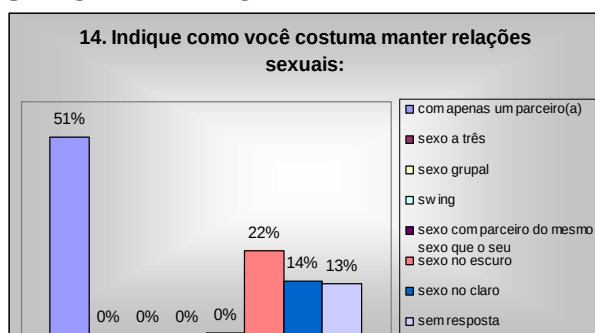


Gráfico 218: Questão 14: Indique como você costuma manter suas relações sexuais.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

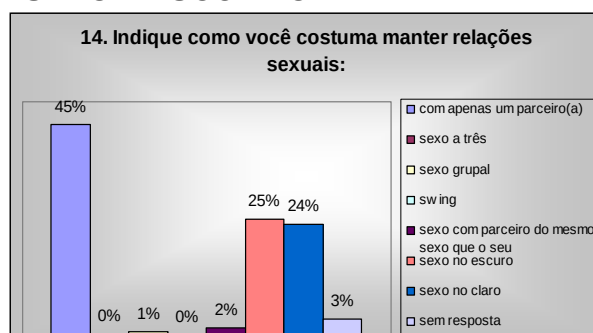
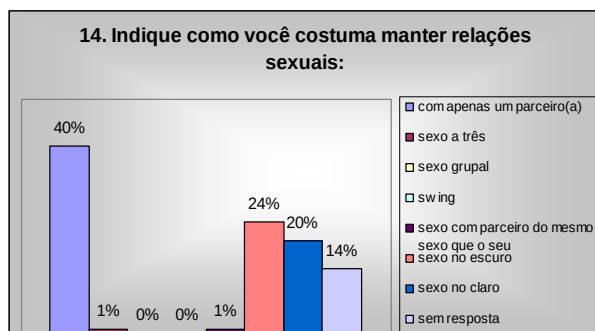


Gráfico 219: Questão 14: Indique como você costuma manter suas relações sexuais.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

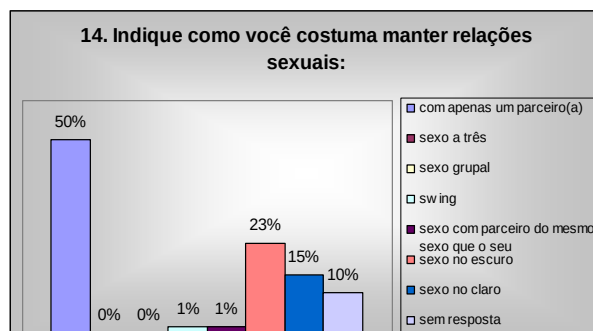


Gráfico 220: Questão 14: Indique como você costuma manter suas relações sexuais.: Região SUL

Ao incluirmos a questão: “Como você costuma manter relações sexuais”, tínhamos a intenção de verificar dois aspectos importantes. O primeiro aspecto diz respeito à quantidade de parceiros em relação a vivência sexual. Queríamos comprovar através das respostas obtidas, se, realmente, existe fidelidade nas relações entre os jovens.

A grande maioria dos universitários respondeu que a relação sexual é

realizada com apenas um parceiro, demonstrando assim que não há “promiscuidade” entre os jovens.

A pesquisa realizada por Abramovay et al. (2004, p.103), em diferentes estados do país, sobre aspectos da sexualidade humana, comprova os mesmos resultados obtidos em nosso trabalho sobre a fidelidade dos jovens. Os autores afirmam:

Independente da forma das relações, a vida sexual dos jovens tende a se caracterizar por contato com apenas um parceiro, questionando-se, assim, a idéia de uma “promiscuidade” sexual entre os jovens. Cerca de 70% dos jovens, em média, de diferentes ciclos de idade indicam que só tiveram relações sexuais com um parceiro. (ABRAMOVAY, 2004, p.103)

Em um segundo momento procurou-se desvendar a preferência por fazer sexo no claro ou no escuro. As respostas obtidas não causaram surpresa. A unanimidade das respostas do sexo masculino e do feminino foi a preferência pelo ato sexual no escuro.

✓ *Questão 27: Responda os itens abaixo colocando um “X” na alternativa que corresponda ao seu modo de pensar:*

✓ *Questão 27, item 1: Sexo no primeiro encontro.*

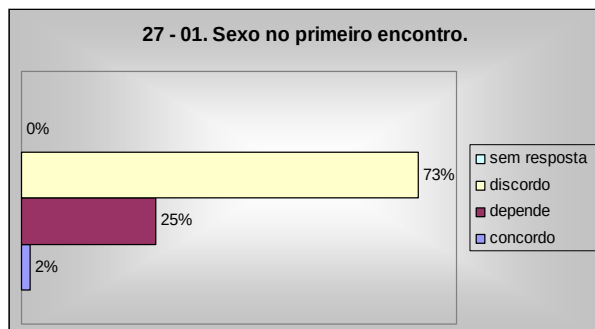
Entre os indivíduos do sexo feminino em todas as regiões brasileiras a maior porcentagem discorda de que ocorra sexo no primeiro encontro vindo em seguida a resposta “depende”. Em compensação, os indivíduos do sexo masculino nas regiões Norte, Sudeste e Sul têm a maior porcentagem na resposta “depende”, seguindo-se, nas regiões Norte e Sul, a resposta “discordo” e no Sudeste a resposta “concordo”. Nas regiões Nordeste e Centro-Oeste a maior porcentagem dos jovens concorda com sexo no primeiro encontro, seguindo-se a resposta “depende”.

Temos a maior porcentagem (76%) dos jovens do sexo feminino que discordam do sexo no primeiro encontro nas regiões Centro-Oeste e Sul. Temos 59% dos jovens nordestinos que concordam com esse ato no primeiro encontro, no

entanto, 62% dos jovens gaúchos responderam “depende” para a questão que perguntava se a relação sexual seria no primeiro encontro ou não.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

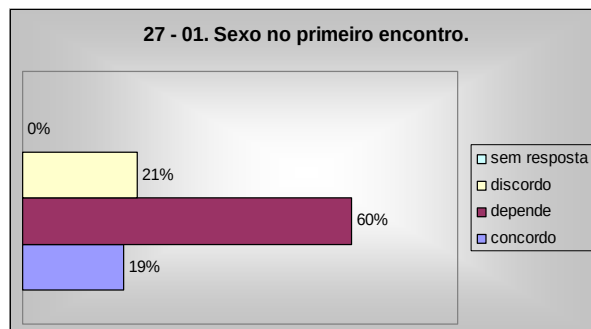
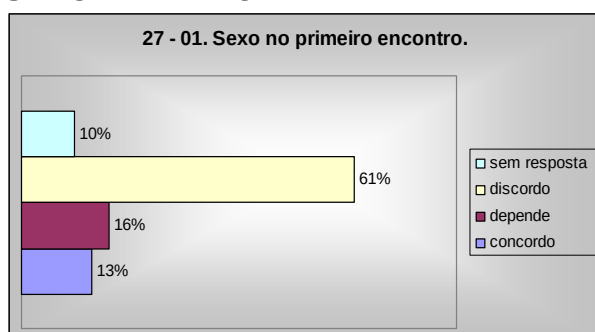


Gráfico 221: Questão 27, item 1: Sexo no primeiro encontro.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

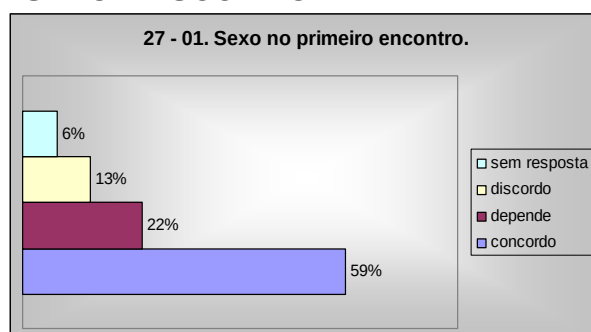
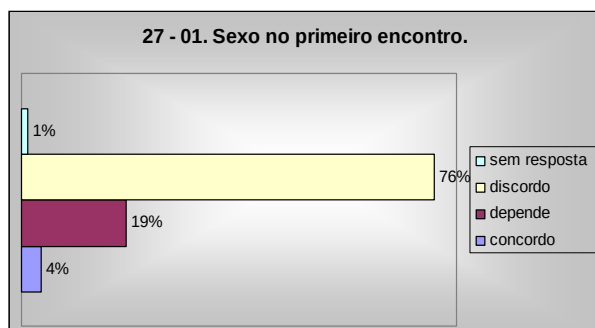


Gráfico 222: Questão 27, item 1: Sexo no primeiro encontro.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

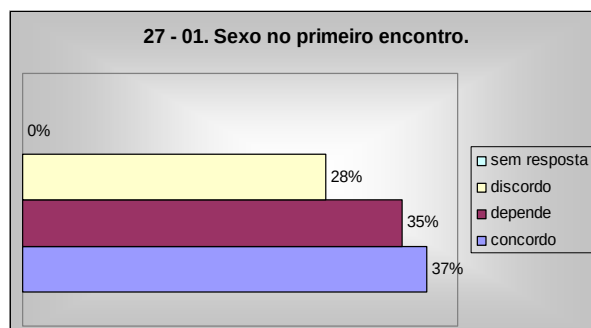
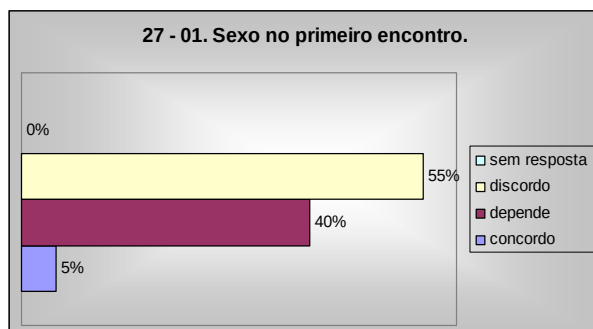


Gráfico 223: Questão 27, item 1: Sexo no primeiro encontro.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

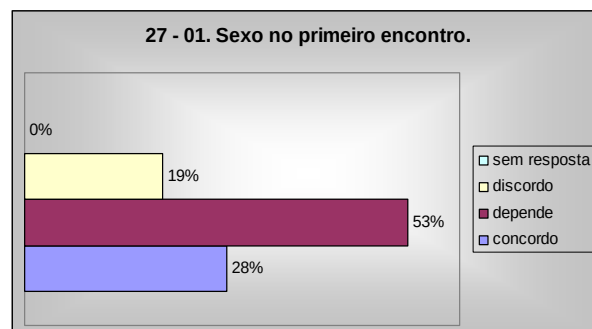
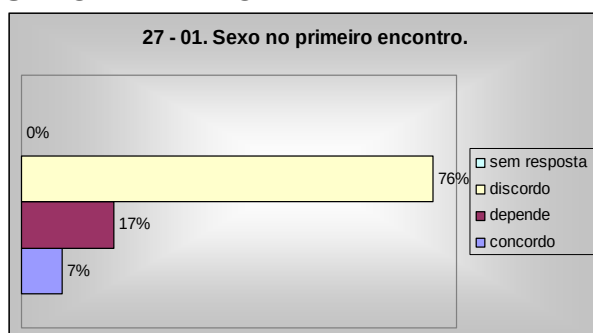


Gráfico 224: Questão 27, item 1: Sexo no primeiro encontro.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

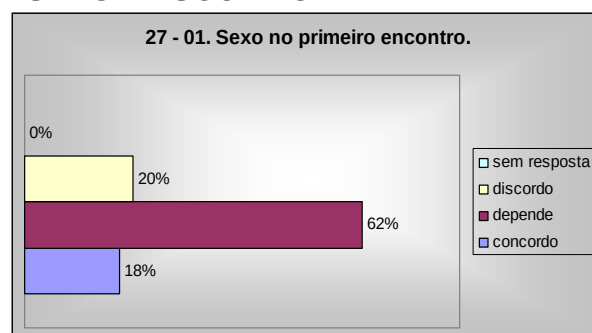


Gráfico 225: Questão 27, item 1: Sexo no primeiro encontro.: Região SUL



Questão 27, item 2: Relações sexuais antes do casamento.

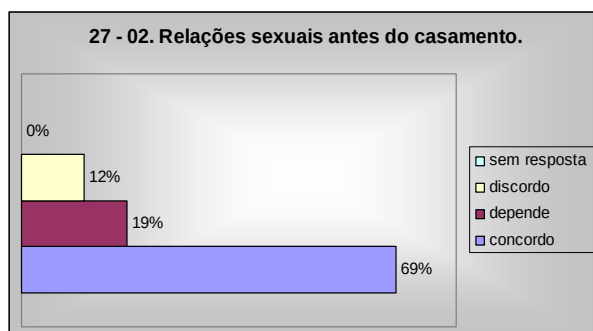
Os jovens que responderam ao questionário, tanto os do sexo masculino quanto os do sexo feminino, concordam que as relações sexuais podem ocorrer antes do casamento.

Entre os indivíduos do sexo masculino, a maior porcentagem a concordar com o sexo antes do casamento, está na região Sudeste (86%). Em seguida têm-se os jovens gaúchos (77%), depois os jovens da região Norte (76%), os da região Nordeste (72%) e finalmente os da região Centro-Oeste (67%).

Entre os indivíduos do sexo feminino é, também, na região Sudeste que há maior porcentagem dos que concordam com o ato sexual antes do casamento (75%), seguida pela região Norte com 69%, região Centro-Oeste com 61%, região Sul com 60% e a menor porcentagem está na região Nordeste (42%). A maior porcentagem na discordância ocorre entre as jovens nordestinas, 35% delas não concordam com o ato sexual antes do casamento.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

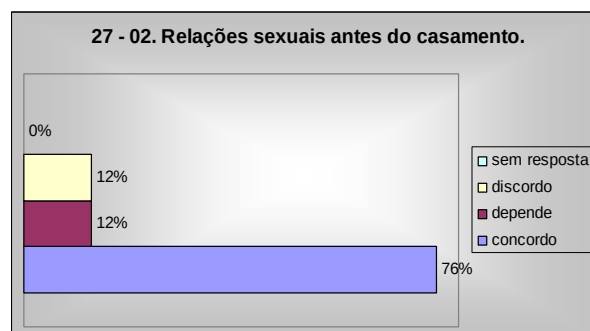
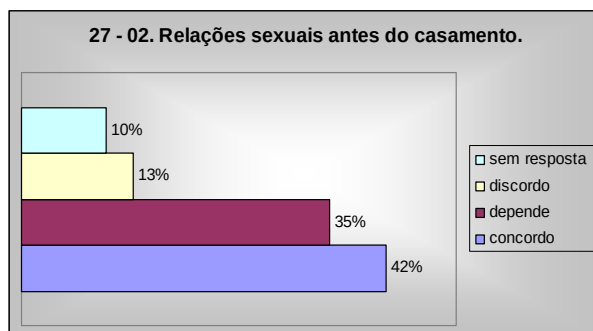


Gráfico 226: Questão 27, item 2: Relações sexuais antes do casamento.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

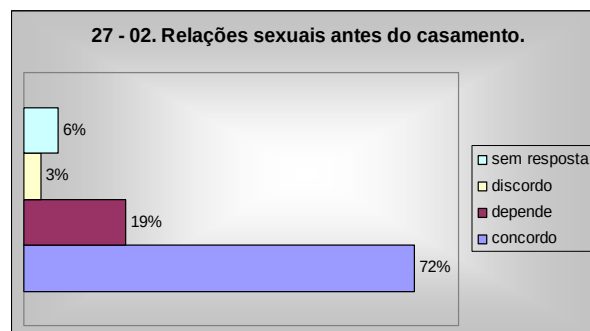
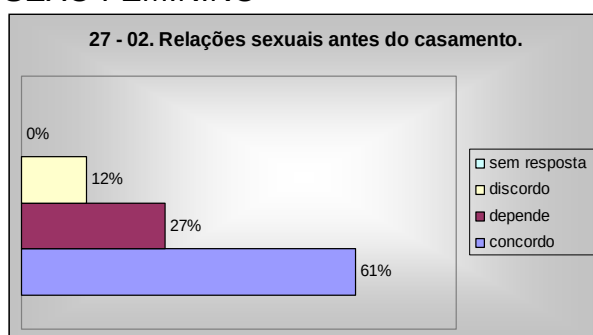


Gráfico 227: Questão 27, item 2: Relações sexuais antes do casamento.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

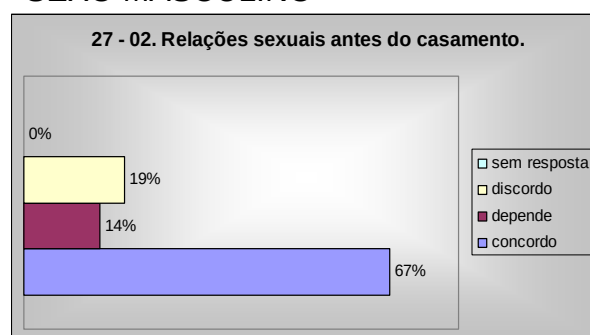
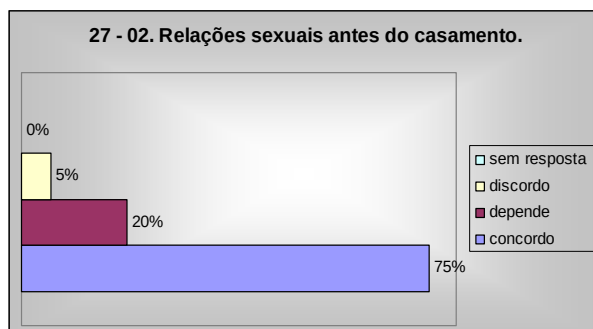


Gráfico 228: Questão 27, item 2: Relações sexuais antes do casamento.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

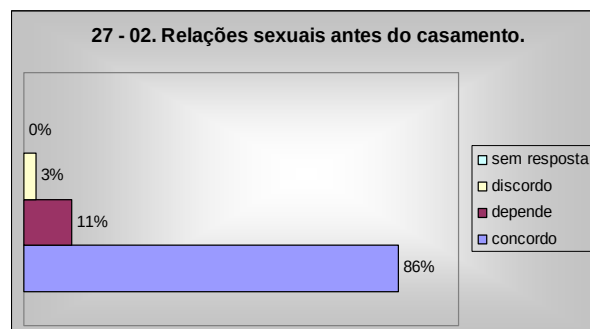
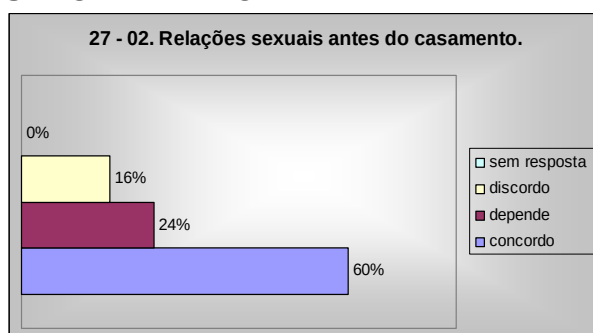


Gráfico 229: Questão 27, item 2: Relações sexuais antes do casamento.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

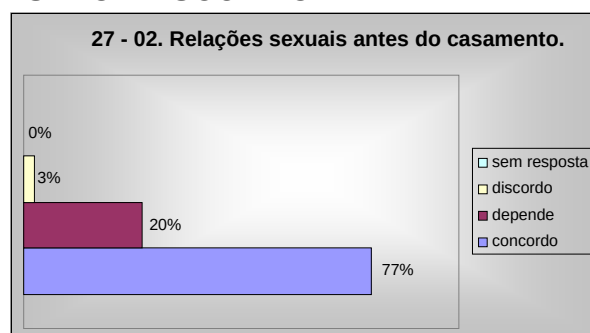


Gráfico 230: Questão 27, item 2: Relações sexuais antes do casamento.: Região SUL

Apesar de a grande maioria dos universitários concordarem com as relações sexuais antes do casamento, não podemos deixar de mencionar que a região Nordeste difere do modo de pensar das demais regiões do país. Temos 35% das entrevistadas, que responderam "depende".

A aceitação ou não do relacionamento sexual pré-matrimonial tem sofrido transformações nas últimas décadas.

As análises de Frida; Andrade-Silva (1995, p.72) sobre as mudanças comportamentais nas últimas décadas, afirmam que:

[...] as que ocasionaram maiores repercussões foram aquelas que envolveram os padrões de atividade sexual. As adolescentes, que eram pressionadas a chegarem virgens ao casamento, passaram a ser estimuladas a ter uma vida sexual ativa.

Suplicy (1999, p.89) afirma que são poucos os adolescentes que apresentam estrutura emocional para viver bem a sexualidade. E, principalmente, a

situação da mulher é vista como mais conflituosa. Em concordância com as autoras citadas acima, descreve:

Em ambos os sexos, mas especialmente na mulher, a decisão de assumir ou não uma vida sexual implica a resolução desse conflito entre o desejo sexual e o sentimento de culpa. Para a mulher existem também outras preocupações secundárias, mas não menos importantes, tais como: não saber ou não ter meios de evitar a gravidez, o medo da consequência social da perda da virgindade, a possibilidade de ser abandonada pelo namorado, isto é, de estar sendo usada. (SUPLICY, 1999, p.89)



Questão 27, item 3: relações sexuais fora do casamento.

Nesta questão a maior porcentagem recai na discordância, tanto no sexo masculino quanto no sexo feminino há um consenso em não realizar relações sexuais fora do casamento. Também encontramos uma porcentagem significativa entre os indivíduos do sexo feminino (25%) e os do sexo masculino (33%) na região Norte que responderam “depende”, para esta prática fora do casamento.

Na região Norte entre os indivíduos do sexo masculino, temos: 51% que discorda desta prática, 33% respondeu “depende” e 16% concorda com as relações sexuais fora do casamento. Enquanto entre os indivíduos do sexo feminino temos 70% de discordância, 25% responderam que depende e 5% concordam.

Na região Nordeste, 50% dos jovens nordestinos responderam “depende”, enquanto 25% respondeu “discordo”, 16% “concordo” e 9% nada respondeu. Entre as jovens nordestinas 74% discordam da relação sexual fora do casamento, 6% “concorda” e 10% respondeu “depende”. Outros 10% não responderam.

Entre os indivíduos do sexo feminino da região Centro-Oeste 78% respondeu que discorda de tal ato, 14% respondeu “depende” e 6% “concordo”: 67% do sexo masculino também discorda das relações sexuais fora do casamento, 21% respondeu que “depende” e 12% “concordo”.

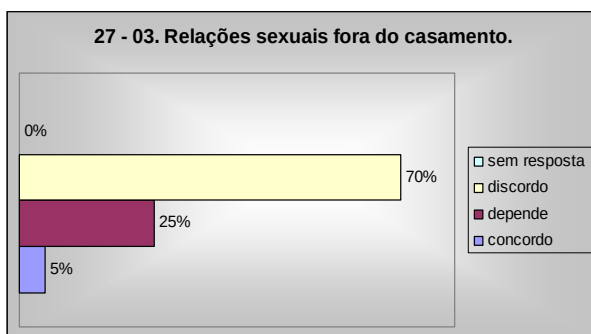
Para 63% dos jovens do Sudeste brasileiro não deveria ter relações sexuais fora do casamento, porém a mesma porcentagem (18%) ocorre na resposta concordando com o ato ou a falta da resposta. Entre as jovens desta mesma região temos: 80% discordam, 16% “depende” e 4% concordam.

Enquanto que para 70% dos jovens gaúchos que discordam que este ato

ocorra fora do casamento, ocorre o mesmo que no Sudeste, a porcentagem de 15% para a falta de resposta e para “depende”. Entre as jovens sulistas temos 76% discordando, 18% “depende” e 6% sem resposta.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

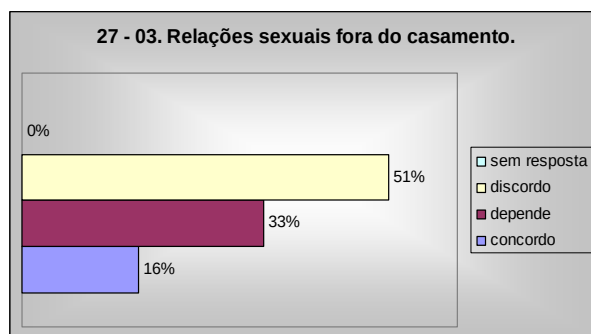
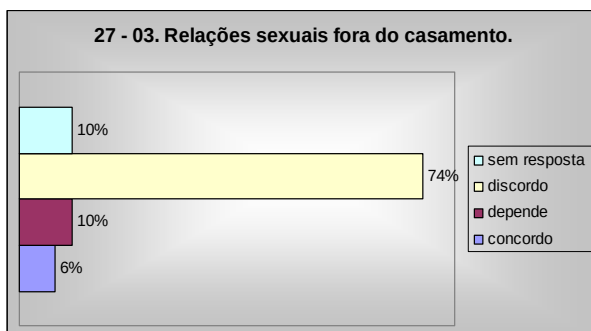


Gráfico 231: Questão 27, item 3: relações sexuais fora do casamento.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

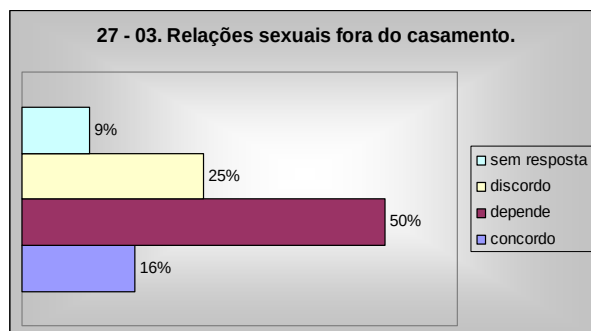
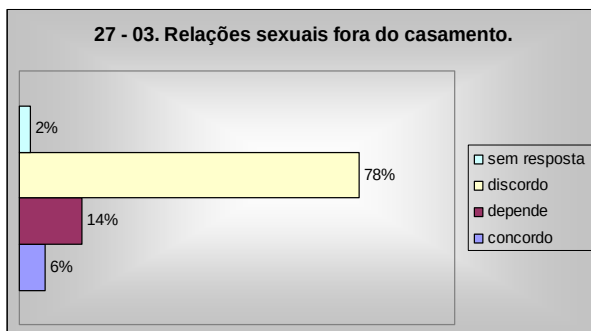


Gráfico 232: Questão 27, item 3: relações sexuais fora do casamento.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

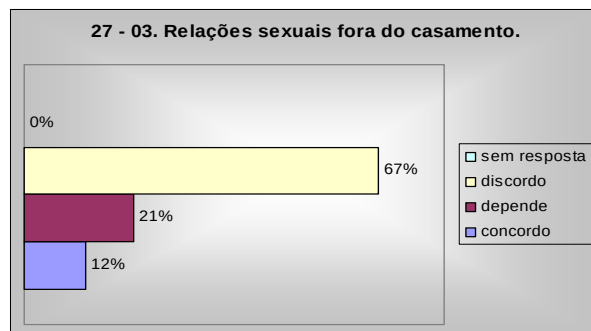
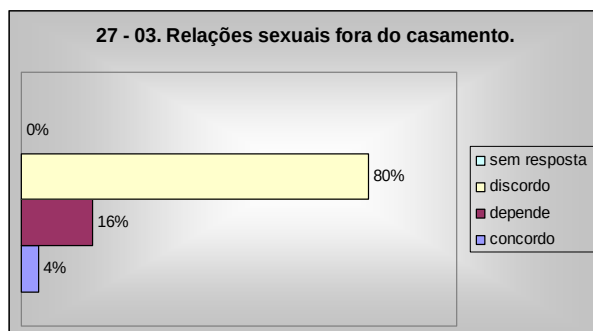


Gráfico 233: Questão 27, item 3: relações sexuais fora do casamento.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

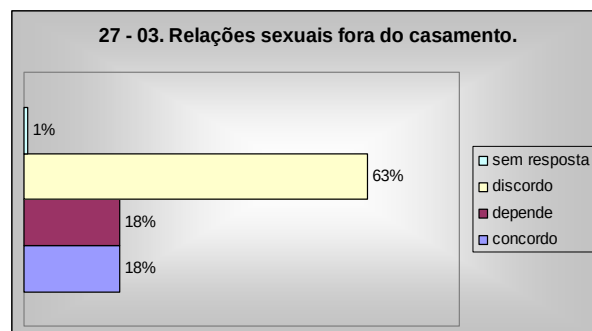
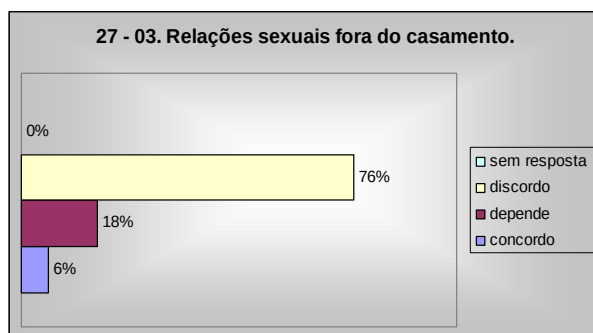


Gráfico 234: Questão 27, item 3: relações sexuais fora do casamento.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

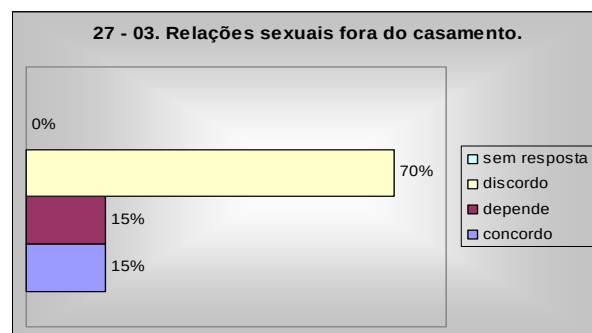


Gráfico 235: Questão 27, item 3: relações sexuais fora do casamento.: Região SUL

De acordo com os dados analisados, verificamos a existência de consenso entre os universitários brasileiros, de todas as regiões do país e de ambos os sexos sobre a não realização de atos sexuais fora do casamento, perpetuando a prática monogâmica.

Em nossa cultura, salvo raras exceções, o casamento é tido como exclusividade sexual. Qualquer infidelidade sexual pode colocar em risco o relacionamento.

Ao recorrermos a bibliografia pertinente sobre o tema, encontramos em Carrion; Pesca (1996, p.151), a explicação sobre a infidelidade feminina.

A infidelidade feminina, em busca de uma vida sexual melhor, tem ocorrido mais hoje em dia. A cultura machista, que ainda está presente na cabeça de muitos homens e mulheres, levam-nas a procurar aquele amante que irá preencher a lacuna sexual que as incomoda ou dar-lhes o orgasmo nunca tido anteriormente.

Os mesmos autores citados acima (1996, p.83), elucidam que as causas da infidelidade masculina estão relacionadas, principalmente com a monotonia na comunicação do casal.

O homem, quando o faz, vai em busca de variedade sexual, de satisfazer a necessidade de sentir-se mais amado e admirado, em busca de atividades sexuais que a esposa não aceita ou que ele não se sente à vontade para lhe pedir (como estimulação orogenital, sexo anal...). Outra busca constante do sexo masculino é o da superação de performance sexual, por seus traços de insegurança, uma vez que não consegue dar e/ou pedir por mais prazer com sua parceira, mexer com a criatividade sexual. Aliás, esta criatividade é o tempero para uma vida sexual mais satisfatória e duradoura. (CARRION; PESCA, 1996, p.89)



Questão 27, item 4: Sexo oral

Entre os indivíduos do sexo masculino a maior porcentagem concorda com a prática do sexo oral. Entre os indivíduos do sexo feminino percebemos que esta prática também é aceita.

Entre os indivíduos do sexo masculino da região Norte nota-se 74% que concorda com essa prática, 23% respondeu “depende”, 2% discorda, 1% não respondeu esta questão. Entre os indivíduos do sexo feminino desta região temos: 55% que concordam com este ato, 26% que responderam “depende”, 19% discordando.

Na região Nordeste 19% dos jovens nordestinos responderam “depende”, 19% discordaram, 62% concordam e 9% nada responderam a respeito do sexo oral. Enquanto 79% das jovens nordestinas concordam com o sexo oral, 6% respondeu “depende” ou não deu resposta.

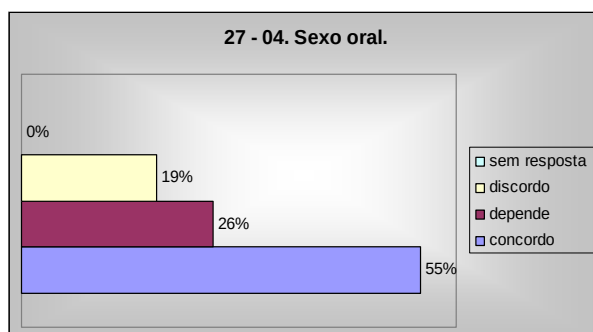
Temos na região Centro-Oeste 72% dos jovens concordando com o sexo oral, 23% respondendo que “depende” e 5% discordando deste ato. Entre as jovens desta região, 52% concordam, 29% responderam “depende” e 19% discordam da prática do sexo oral.

Na região Sudeste, 83% dos jovens concordam com este ato, 10% respondeu “depende” e 7% discorda. Entre as jovens temos, nesta região, 63% de concordância, 25% de respostas “depende” e 11% de discordância. No Sul, 89% dos gaúchos concordam com o sexo oral, 3% responderam “depende” e 5% discordam.

Entre as jovens gaúchas temos 59% de concordância, 26% respondeu “depende” e 15% discordou.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

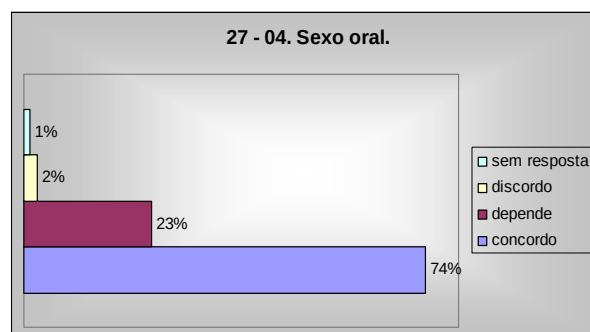
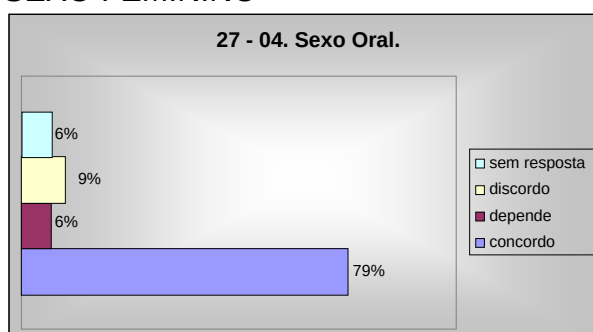


Gráfico 236: Questão 27, item 4: Sexo oral: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

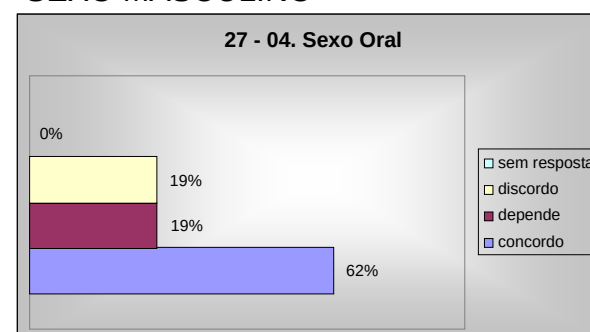
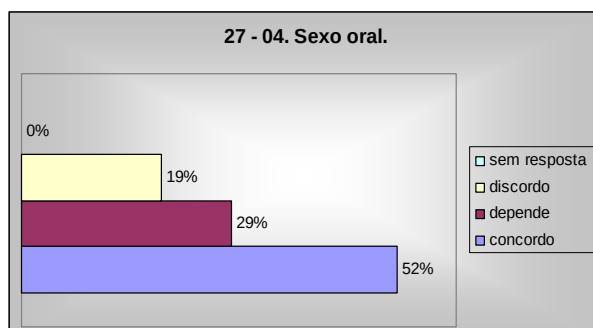


Gráfico 237: Questão 27, item 4: Sexo oral: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

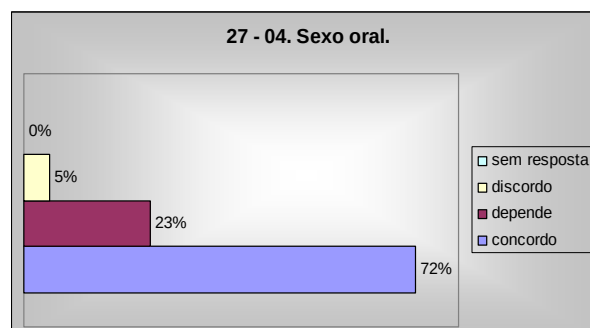
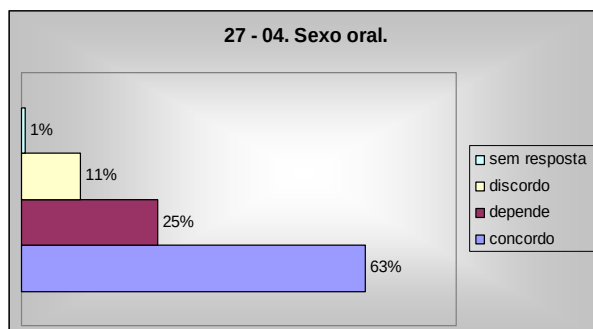


Gráfico 238: Questão 27, item 4: Sexo oral: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

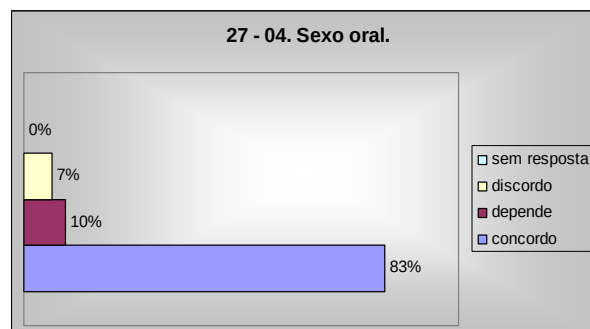
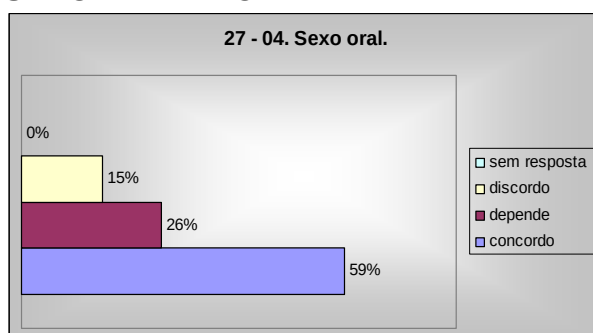


Gráfico 239: Questão 27, item 4: Sexo oral: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

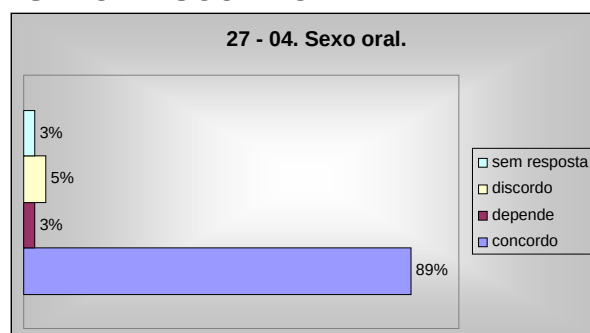


Gráfico 240: Questão 27, item 4: Sexo oral: Região SUL

Em relação ao sexo oral, percebemos que o sexo masculino, de todas as regiões do país concordam com essa prática sexual. O sexo feminino ainda apresenta resultados distintos sobre a mesma questão, principalmente o das jovens da região Nordeste.

O sexo oral é uma das possibilidades da prática sexual entre casais. Gallotti (2005, p.115), sobre essa variante dos jogos sexuais, afirma:

É uma das infinitas variantes dos jogos sexuais em casais com um certo grau de confiança e cumplicidade. Consiste na estimulação dos genitais por meio da boca, daí que também seja chamado de sexo bucogenital. Essa carícias incluem diferentes ações, como: beijar, lamber, chupar, pressionar os lábios e a língua, ou mordiscar.

Sobre a temática em questão, Suplicy (1999, p.280) esclarece o porque de algumas pessoas não gostarem de praticar o sexo oral.

Às vezes, pessoas criadas com muitos tabus levam um certo tempo para criar coragem para experimentar. Outras nem tentam. É tão apropriado não gostar do sexo oral como apreciá-lo. É uma escolha

individual. Alguns casais dão importância a esta prática e aceitam como parte natural da sexualidade.

✓ *Questão 27, item 5: Sexo Grupal.*

Nesta questão há uma unanimidade, tanto os jovens como as jovens em todas as regiões brasileiras discordam da prática do sexo em grupo.

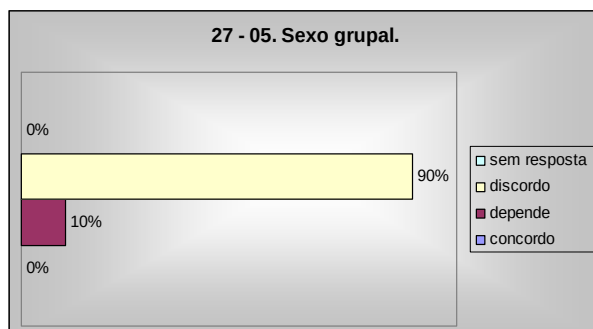
Na região Norte temos 90% dos indivíduos do sexo feminino que discordam desta prática e 10% respondeu “depende”. Entre os indivíduos do sexo masculino desta região brasileira vemos que 66% dos participantes discordam, porém 23% responderam que “depende” e 11% responderam que concordam.

Enquanto 50% dos jovens nordestinos respondeu “depende”, 41% discordou, 6% não respondeu e 3% concordou com esta prática. Entre as jovens nordestinas, 88% respondeu que discordavam do sexo grupal, 6% nada respondeu, 3% respondeu “depende” e 3% concordou. Na região Centro-Oeste 79% das jovens entrevistadas não concordam com esta prática e 65% dos jovens também não concordam. Sendo que 21% dos jovens responderam que “depende” em relação aos 11% dos jovens que deram esta mesma resposta; 5% destas jovens discordam e a mesma porcentagem (5%) nada respondeu. Enquanto 12% dos jovens da região Centro-Oeste responderam que concordam e 2% deixaram de responder esta questão.

Na região Sudeste 42% dos jovens discordam de tal prática, desses 37% responderam “depende”, 20% que concorda e 1% nada respondeu. Enquanto 83% das jovens desta região optaram pela discordância de tal prática, 14% respondeu “depende” e 3% concordou. Entre as jovens gaúchas 85% optaram pela discordância, 11% deram a resposta “depende”, a mesma porcentagem (3%) da resposta pela concordância como as jovens do Sudeste brasileiro e 1% não respondeu; entre os jovens gaúchos temos 50% que responderam que discordam, 30% que “depende” e 20% que concordam com o sexo grupal.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

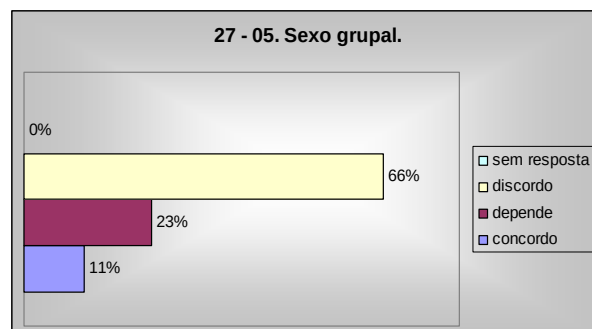
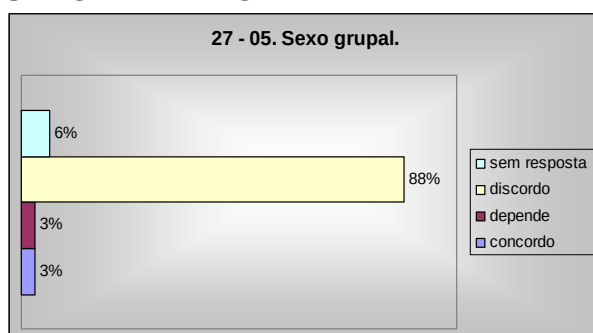


Gráfico 241: Questão 27,item 5: Sexo Grupal.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

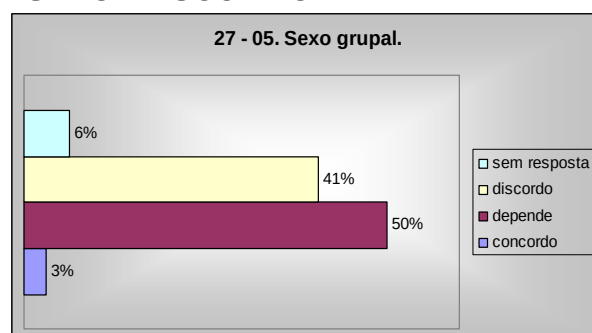
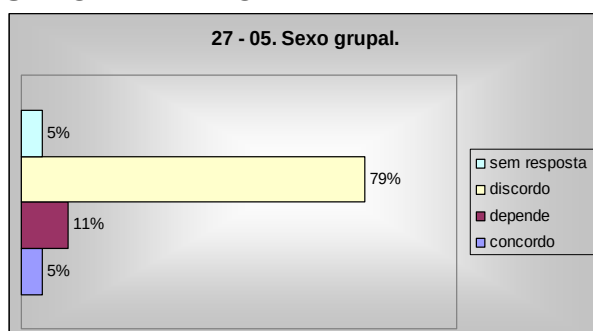


Gráfico 242: Questão 27,item 5: Sexo Grupal.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

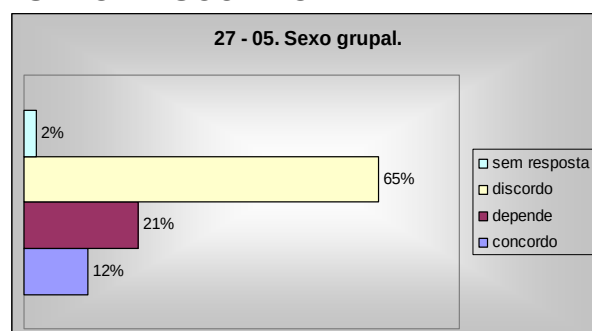
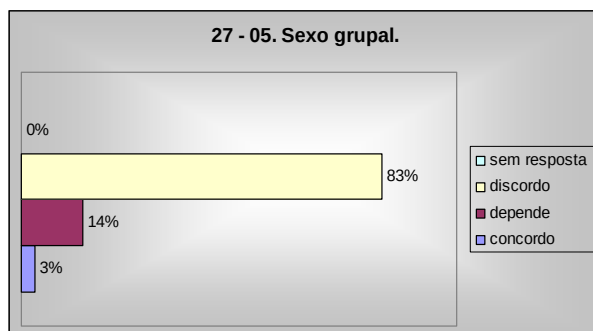


Gráfico 243: Questão 27,item 5: Sexo Grupal.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

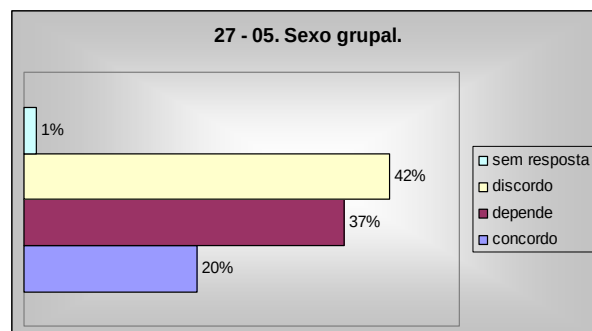
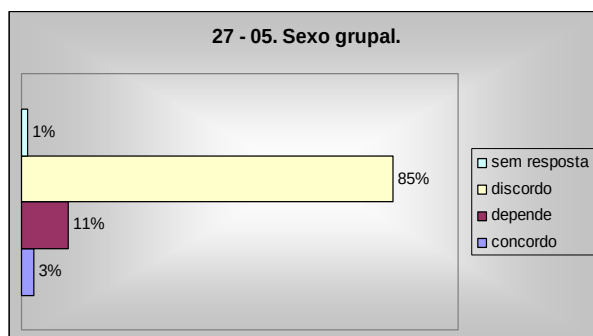


Gráfico 244: Questão 27, item 5: Sexo Grupal.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

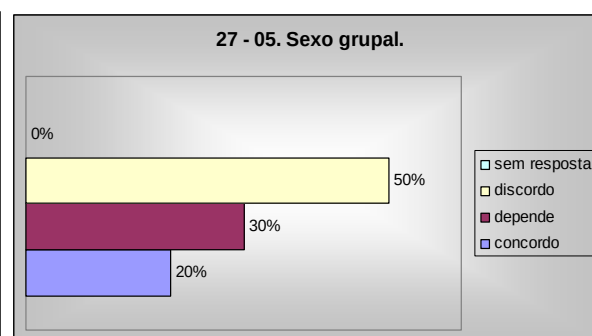


Gráfico 245: Questão 27, item 5: Sexo Grupal.: Região SUL

O sexo grupal não é tido como preferência sexual dos universitários de ambos os sexos. Nesta questão houve unanimidade em todas as regiões do país em discordarem da vivência sexual em grupo.

Ao buscarmos embasamento teórico para o tema, encontramos apenas a definição dessa prática.

No livro *Sexualidade: preconceito, tabus, mitos e curiosidades* (2004, p.71) os autores observam que: “Participar de grupos também povoa a cabeça de muita gente, mas esse tema não é discutido assim abertamente”.

✓ *Questão 27, item 6: Virgindade até o casamento para a mulher.*

Entre os indivíduos do sexo masculino a maior porcentagem discorda de tal questão. Os indivíduos do sexo feminino nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul também discordam em sua maioria, com exceção de 49% das jovens do Nordeste brasileiro que responderam “depende”, demonstrando nas respostas uma certa dúvida.

Temos na região Norte 48% os indivíduos do sexo masculino que discorda, 35% que respondeu “depende” e 17% “concordo”. Entre os indivíduos do sexo feminino encontramos 48% que discorda, 38% que respondeu “depende” e 14% concordando com a virgindade da mulher até o casamento.

Porém 60% dos jovens nordestinos responderam que discordam, 28% que “depende”, 6% concordou e a mesma porcentagem (6%) nada respondeu. Entre as jovens nordestinas 49% responderam “depende”, 29% discordou, 16% concordou e a mesma porcentagem (6%) deixou de responder esta questão.

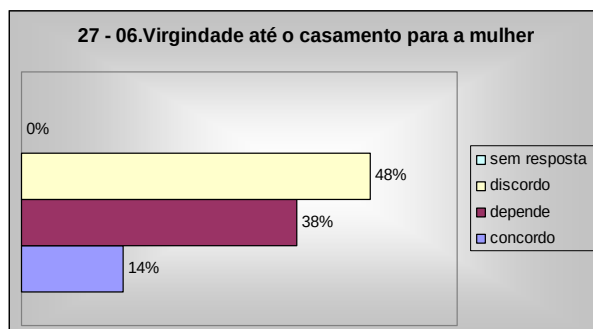
Na região Centro-Oeste 47% das jovens responderam que discordam contra 56% dos jovens desta região, 39% destas jovens responderam que “depende” e 28% dos jovens deram a mesma resposta; enquanto 13% das entrevistadas discordam, foram 16% dos indivíduos do sexo masculino que responderam a mesma coisa. Mas somente 1% das jovens do Centro-Oeste não respondeu esta questão.

Encontramos 65% das respostas dadas pelas jovens da região Sudeste, discordando que a mulher permaneça virgem até o casamento, 28% responderam que “depende” e 7% concordam. Entre os jovens desta mesma região 62% discordam, 24% “depende” e 13% concordam com a questão.

Enquanto na região Sul temos 57% das jovens gaúchas que discordam, 27% “depende”, 16% concordam e 1% nada respondeu. Entre os jovens gaúchos temos 45% que discorda, 35% “depende” e 20% que concorda que a mulher deva permanecer virgem até o casamento.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

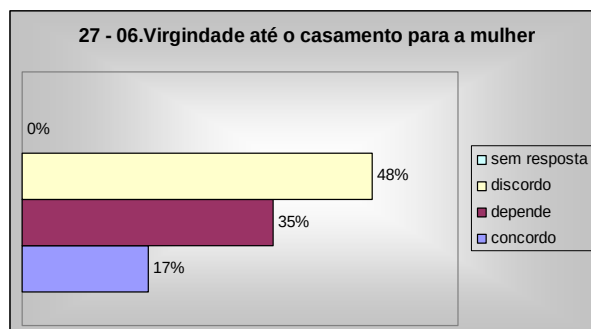
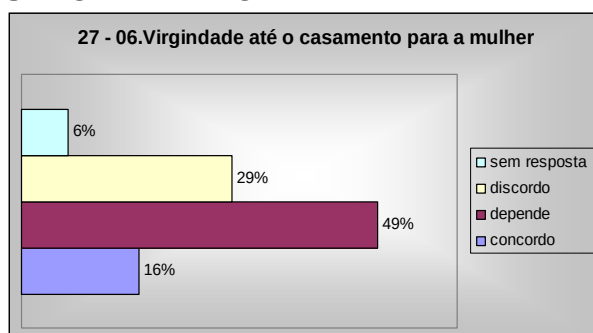


Gráfico 246: Questão 27, item 6: Virgindade até o casamento para a mulher.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

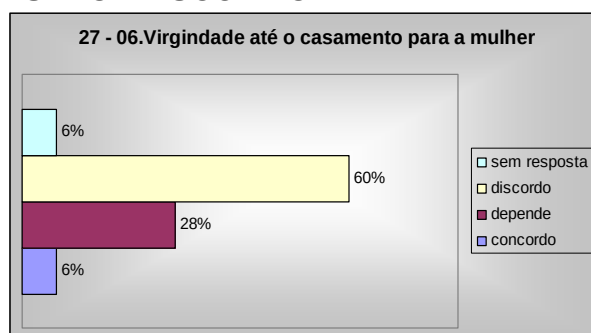
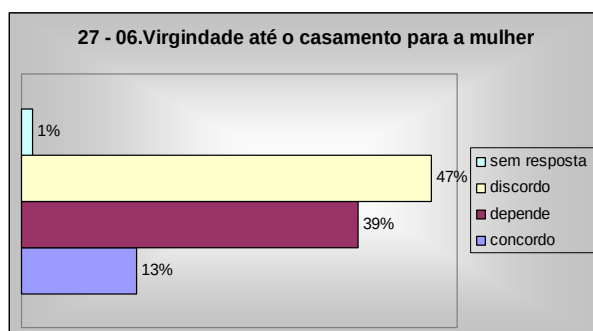


Gráfico 247: Questão 27, item 6: Virgindade até o casamento para a mulher.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

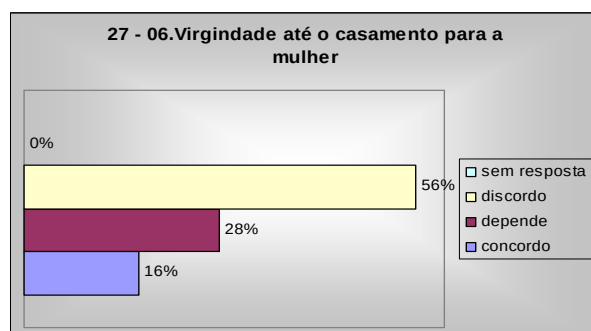
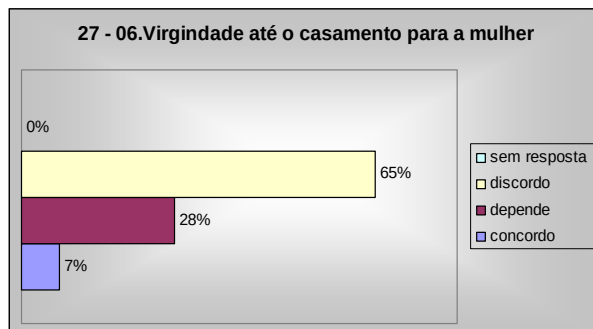


Gráfico 248: Questão 27, item 6: Virgindade até o casamento para a mulher.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

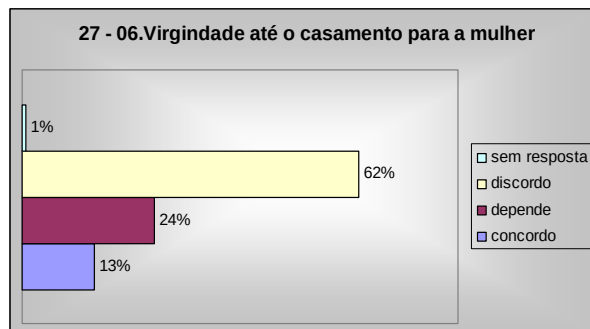
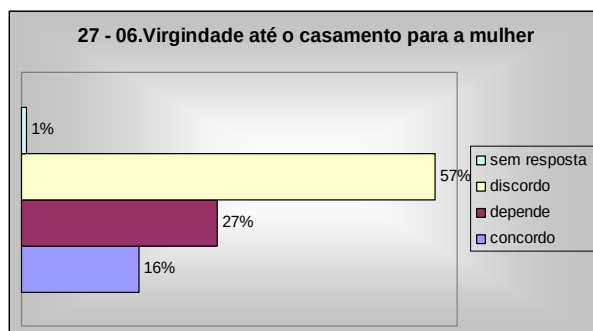


Gráfico 249: Questão 27, item 6: Virgindade até o casamento para a mulher.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

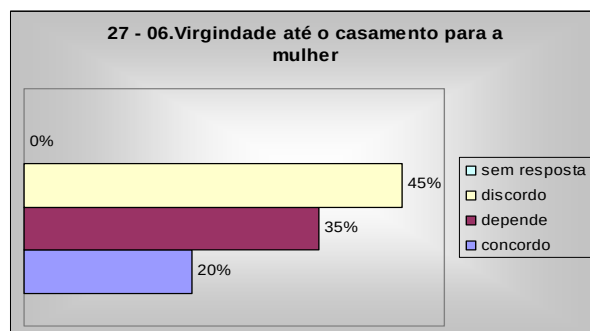


Gráfico 250: Questão 27, item 6: Virgindade até o casamento para a mulher.: Região SUL

A virgindade até o casamento, para a mulher, segundo as respostas obtidas pelos universitários, nos mostra que há discordância dessa afirmação. Ou seja, o mito da virgindade não opera, em sua maioria, entre os jovens.

Sobre a questão referenciada acima, Zagury (1996, p.235), afirma que a virgindade não é irrelevante quando se trata de escolher a esposa. Esclarece:

Esse tema - virgindade -, fizemos questão de comparar entre as cinco classes sociais, entre os jovens que trabalham e os que não trabalham e também entre os que moram nas capitais e no interior, **em nenhum desses casos a comparação mostrou diferença significativa.** Ou seja, independentemente de estar ou não no mercado de trabalho, de ter mais ou menos dinheiro e de morar em locais considerados *menos avançados*, a virgindade mostrou-se um valor em queda acentuada entre os jovens.

✓ *Questão 27, item 7: Virgindade até o casamento para o homem.*

Tanto os indivíduos do sexo masculino como os do sexo feminino, em sua maioria discorda da virgindade para o homem até o casamento.

Na região Norte, entre os indivíduos do sexo feminino, encontramos 50% das respostas para a discordância, 40% “depende”, 8% concorda e 2% nada respondeu.

Entre os indivíduos do sexo masculino 56% discorda, 31% respondeu que “depende”, 12% concordou e 1% não respondeu a esta questão.

Na região Nordeste 39% das jovens nordestinas discordam, 32% respondeu “depende”, 19% não respondeu e 10% que concordou. Entre os jovens nordestinos encontramos 66% que discordam, 22% que “depende” e a mesma porcentagem (6%) para aqueles que concorda e que não deu resposta.

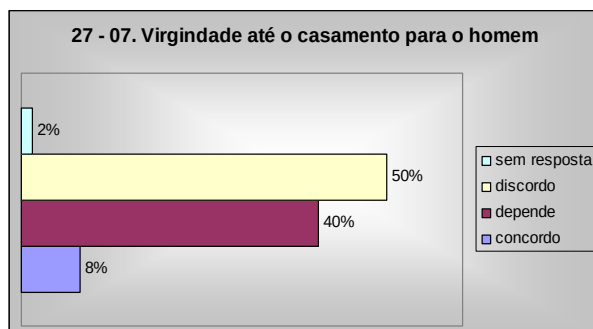
Na região Centro-Oeste 68% dos jovens responderam que discordam que o homem permaneça virgem até o casamento, 23% respondeu “depende”, 7% concordou e 2% nada respondeu. Entre as jovens desta região vemos que 54% discordam, 34% “depende”, 10% concordam e 2% deixaram de responder esta questão, a mesma porcentagem é encontrada entre os jovens.

Na região Sudeste, 66% das jovens responderam que discordam, 27% “depende”, 6% discordou e 1% não respondeu a esta questão. Entre os jovens desta região 72% discordam, 19% respondeu “depende”, 8% concordou e 1% deixou de responder a esta questão, a mesma porcentagem encontrada entre as jovens desta região.

Na região Sul, 60% das respostas dos jovens gaúchos optaram pela discordância, 25% respondeu “depende” e 15% pela concordância. Entre as jovens gaúchas temos 56% que discordam, 28% respondeu “depende”, 14% concordou e 2% não respondeu a questão sobre a permanência da virgindade do homem até o casamento.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

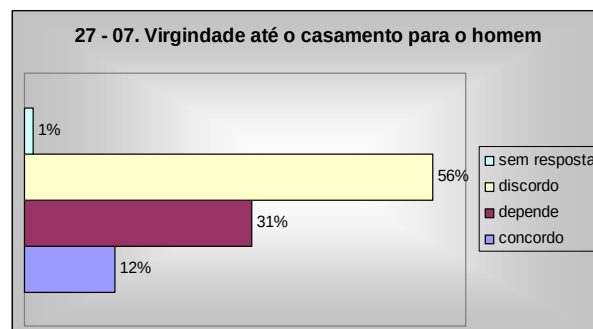
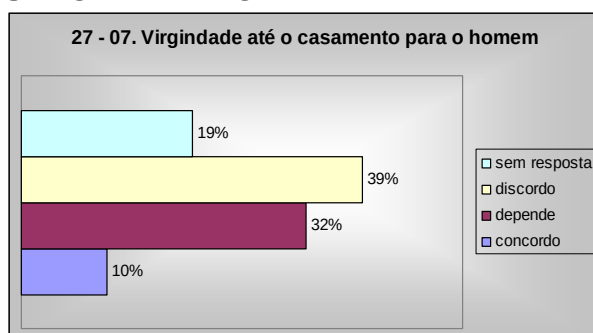


Gráfico 251: Questão 27, item 7: Virgindade até o casamento para o homem.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

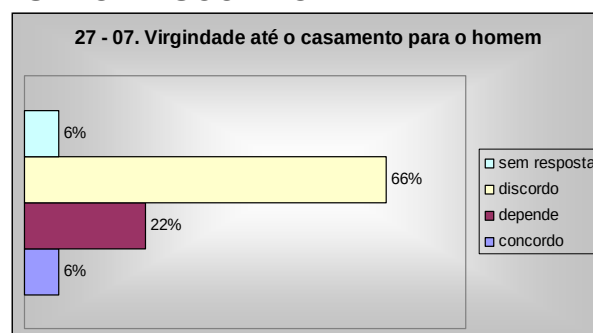
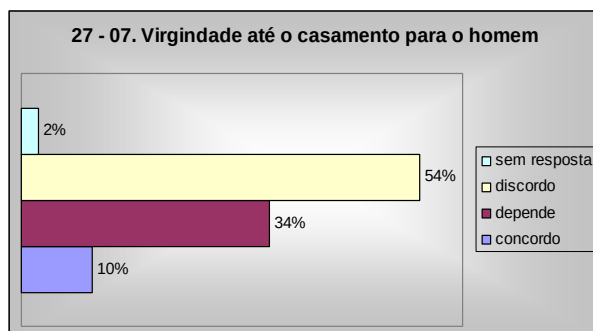


Gráfico 252: Questão 27, item 7: Virgindade até o casamento para o homem.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

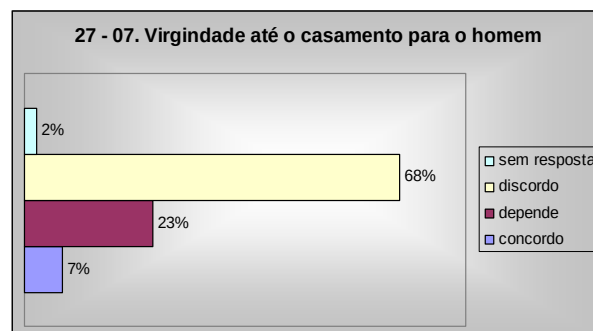
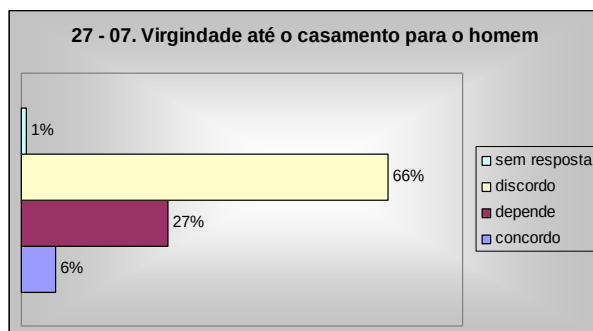


Gráfico 253: Questão 27, item 7: Virgindade até o casamento para o homem.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

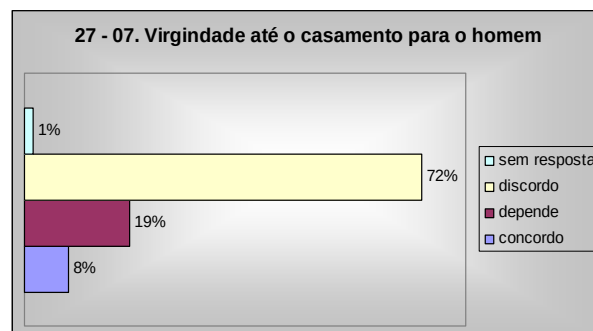
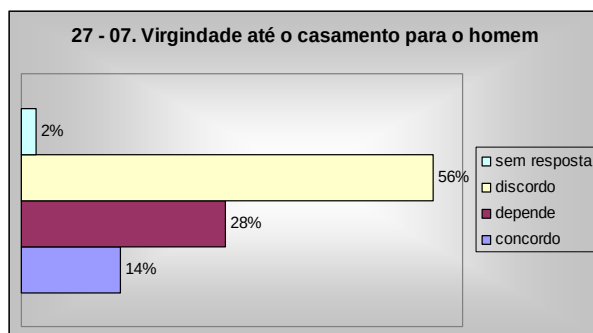


Gráfico 254: Questão 27, item 7: Virgindade até o casamento para o homem.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

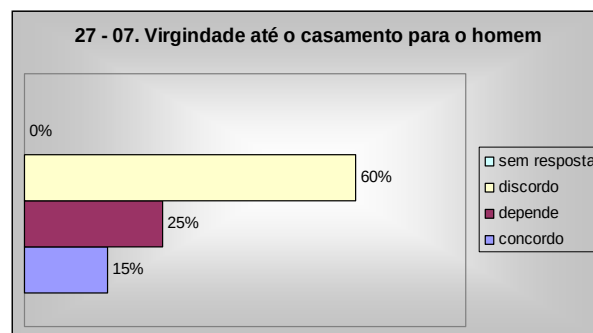


Gráfico 255: Questão 27, item 7: Virgindade até o casamento para o homem.: Região SUL

No item *Virgindade até o casamento para o homem*, percebemos que em todas as regiões, os universitários discordaram dessa prática. No entanto, o “movimento” pró-*virgindade*, tem sido difundido, mas, infelizmente não obtivemos subsídios teóricos para essa constatação, no Brasil.

Num estudo, realizado pelo professor Jorge Manuel Gonçalves Rodrigues (1994), em sua dissertação de mestrado em quatro escolas superiores de enfermagem do interior do continente português (Castelo Branco, Gearda, Vila Real e Viseu) e em outras de Lisboa, o professor procurou identificar conhecimentos, opiniões, comportamentos e experiências sexuais dos estudantes de enfermagem, do primeiro semestre.

Sobre a temática “*Virgindade até o casamento para o homem*”, Rodrigues (1994, p.165), afirma:

A anomia dos grandes centros dá grande liberdade aos jovens de fazerem o que querem e de não reprimirem as pulsões em geral, e em particular as de índoles sexual. Por outro lado, a cultura dos grandes centros pouco ou nada repara se a rapariga é ou não

virgem, bem como a nossa cultura, em geral, não questiona a virgindade do rapaz.

Com o rapaz, quase que diríamos que o questionamento da virgindade é o reverso da medalha. Depois dos 18 – 20 anos, os amigos e a cultura pressionam-no para além de namorar, a ter relações sexuais. O rapaz que não namore e que não tenha tido relações sexuais, a sua virilidade começa a ser posta em causa. Face à pressão social, que empurra os rapazes para uma vida sexual activa, quantos e quantos não inventam namoradas e relações sexuais, só para corresponderem às expectativas da sociedade.

Não podemos deixar de elucidar que o conceito de virgindade é variável de acordo com a cultura e a religião de cada sociedade.

Sobre as relações sexuais antes do casamento, dependendo da cultura, Gallotti (2005, p.57), sintetiza: “Em algumas culturas, as relações sexuais antes do casamento não são permitidas, ao passo que outras as recomendam como parte integrante da formação dos rapazes e moças.”

Em relação a esta questão, é interessante notar que para a maioria das mulheres, o homem não deve preservar a virgindade até o casamento.



Questão 27, item 8: Masturbação

Entre os indivíduos do sexo masculino, a maioria concorda com esta prática. No entanto, entre os indivíduos do sexo feminino, vemos que nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul a maioria concorda com esta prática sexual; no Norte 45% das jovens responderam “depende” e 44% que concorda com esta prática. No Nordeste 41% respondeu “depende” e 23% discordo/concordo.

Na região Norte, 45% das jovens respondeu “depende”, 44% concordou e 11% discordou. Entre os indivíduos do sexo masculino, 65% concorda, 25% respondeu “depende”, 9% discorda e 1% não respondeu a esta questão.

Na região Nordeste 41% das jovens nordestinas responderam “depende”, sendo que aquelas que concordam e discordam obtiveram a mesma porcentagem (23%) e 13% nada respondeu. Entre os jovens nordestinos 79% concordam com a masturbação, 9% respondeu que “depende” e a mesma porcentagem discordou. 6% não respondeu a essa questão.

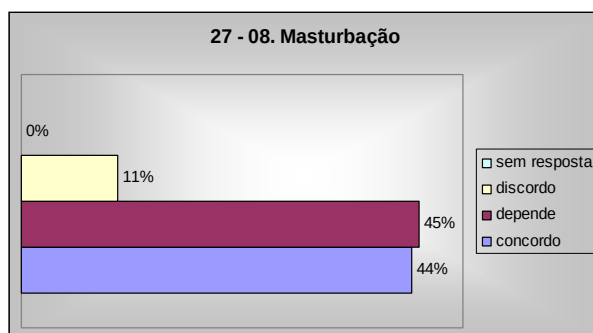
No Centro-Oeste brasileiro 68% dos jovens optaram pela concordância, 30% respondeu “depende” e 2% discordou. Entre as jovens desta região 47% concordou,

42% respondeu “depende”, 10% discordou e 1% não respondeu a esta questão.

Na região Sudeste, 64% optou pela concordância, 27% respondeu “depende” e 9% discordou entre os indivíduos do sexo feminino. Entre os indivíduos do sexo masculino 87% concordou, 11% respondeu “depende” e 2% discordou. Entre os jovens gauchos 84% concordou com tal prática, 13% respondeu “depende” e 3% discordou. Entre as jovens da região Sul, 57% concordou, 29% respondeu “depende”, 11% discordou e 3% deixou de responder a questão sobre a masturbação.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

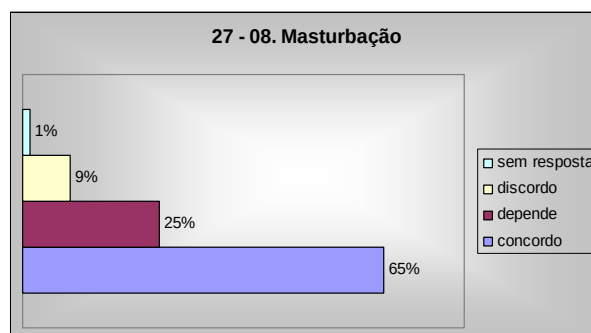
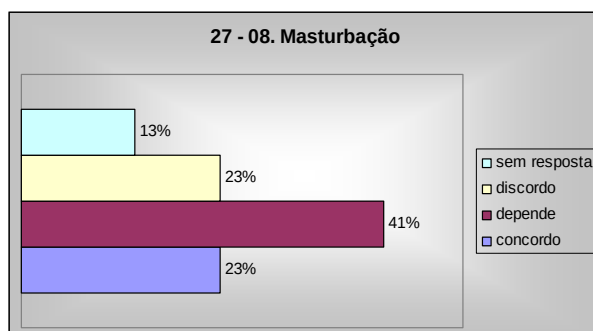


Gráfico 256: Questão 27, item 8: Masturbação: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

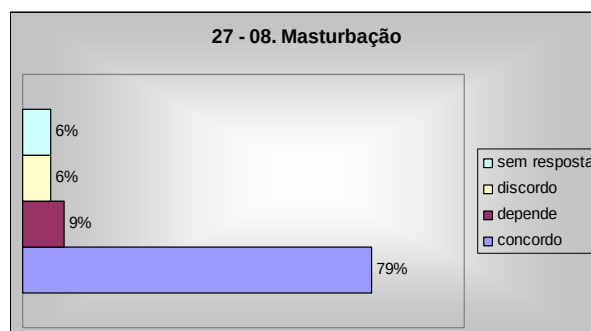
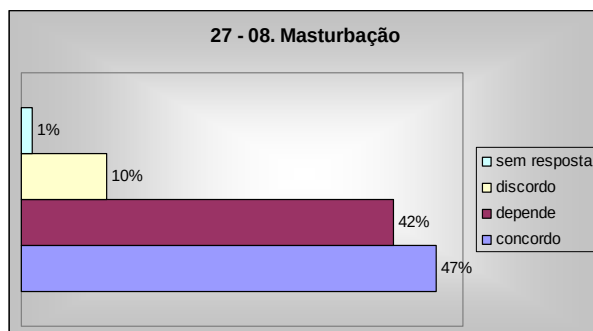


Gráfico 257: Questão 27, item 8: Masturbação: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

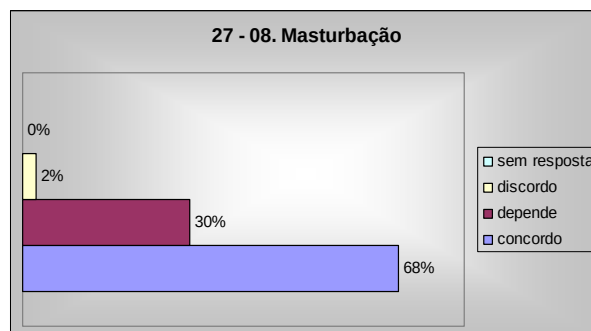
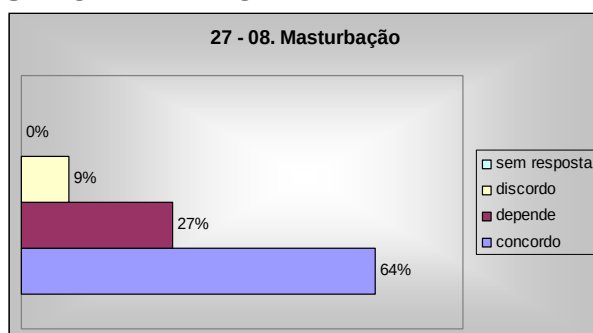


Gráfico 258: Questão 27, item 8: Masturbação: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

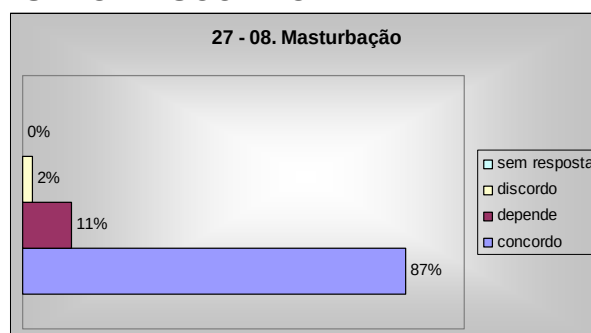
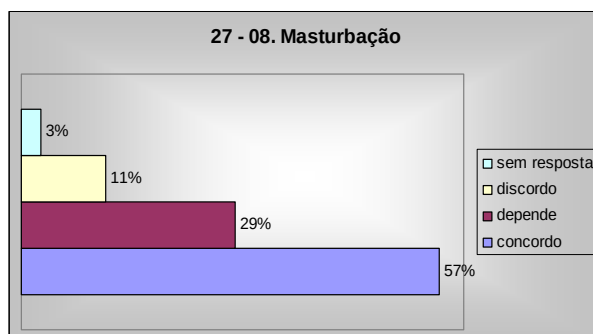


Gráfico 259: Questão 27, item 8: Masturbação: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

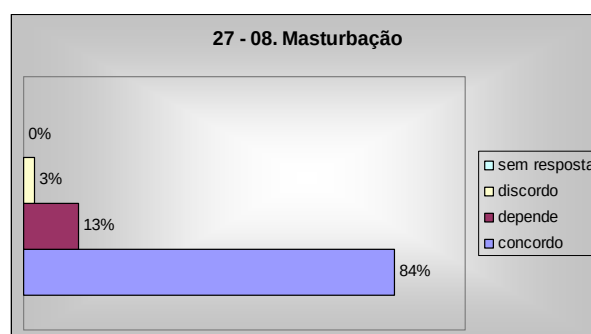


Gráfico 260: Questão 27, item 8: Masturbação: Região SUL

A masturbação ainda é um tópico difícil de ser analisado, representando muito mais culpa do que prazer.

Ao verificarmos os dados acima, foi possível constatar que a maioria dos universitários que respondeu ao questionário concorda com esta prática. As únicas regiões que apresentaram discrepâncias em relação às demais, foram as regiões Norte e Nordeste, com acentuada porcentagem de jovens que responderam como

“depende”.

Sobre a masturbação ser vista com sentimento de culpa, Gallotti (2005, p.57), esclarece os jovens: “[...] deveriam ter isto em conta para enterrar os sentimentos de culpabilidade que às vezes os invadem por causa de uma moralidade mal-entendida”.



Questão 27, item 9: Fazer sexo somente quando há desejo sexual.

Esta questão teve, em sua maioria, a resposta “concordo”, tanto entre os indivíduos do sexo masculino como entre os indivíduos do sexo feminino.

Na região Norte, 67% das entrevistadas responderam que concordam com esta questão, 20% respondeu “depende”, 12% discorda e 1% nada respondeu. Entre os indivíduos do sexo masculino temos a mesma porcentagem (67%) pela concordância, 25% dos participantes responderam “depende”, 7% discorda e temos a mesma porcentagem (1%) para a falta de resposta, como das jovens desta região.

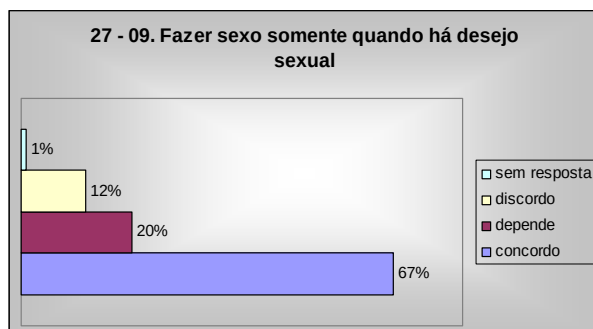
Na região Nordeste 64% das jovens nordestinas respondeu concordo, 16% “depende” e a resposta “discordo” teve 10%, a mesma porcentagem para a falta da resposta. Entre os jovens nordestinos, 63% respondeu “concordo”, 28% “depende”, 3% “discordo” e 6% deixou de responder esta questão.

Na região Centro-Oeste 77% das jovens entrevistadas respondeu “concordo”, 16% “depende” e 7% “discordo”. Entre os jovens participantes desta região vemos que 56% concordam, 35% respondeu “depende” e 9% responderam “discordo”. No Sudeste 56% dos jovens respondeu “concordo”, 32% respondeu “depende” e 11% discordou. Entre as jovens do Sudeste brasileiro, 75% concordou, 16% respondeu “depende”, 8% discorda e 1% deixou de responder.

Na região Sul 70% dos jovens gaúchos responderam que concordam em fazer sexo somente quando há desejo sexual, 22% respondeu “depende”, 8% discordou. Entre as jovens gaúchas 57% concordam, 33% respondeu “depende” e 10% discordou.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

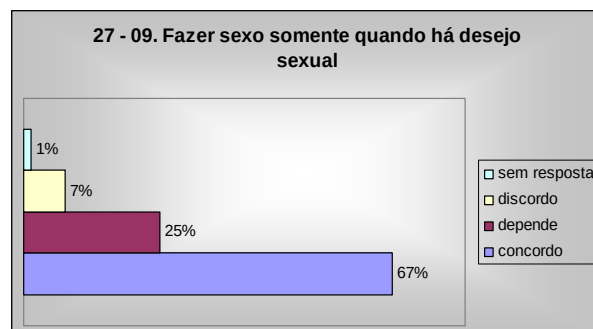
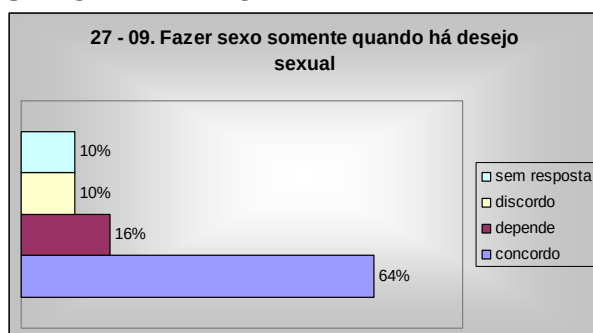


Gráfico 261: Questão 27, item 9: Fazer sexo somente quando há desejo sexual.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

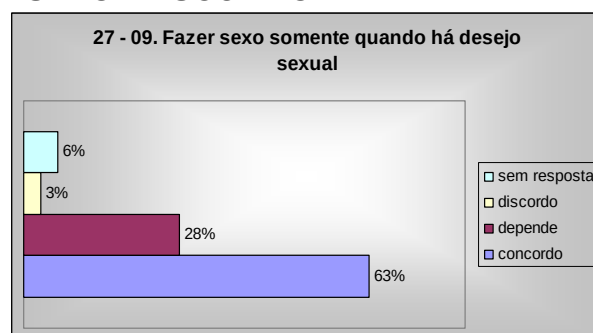
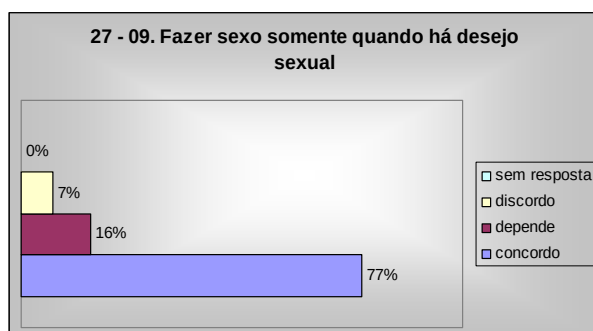


Gráfico 262: Questão 27, item 9: Fazer sexo somente quando há desejo sexual.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

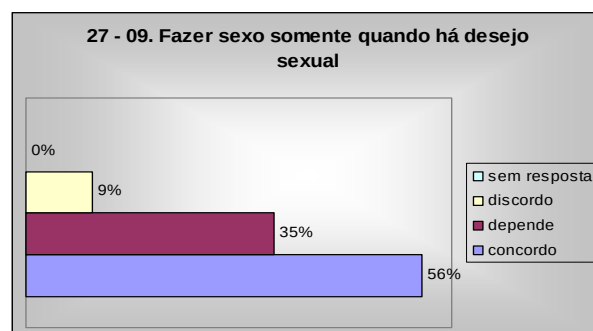
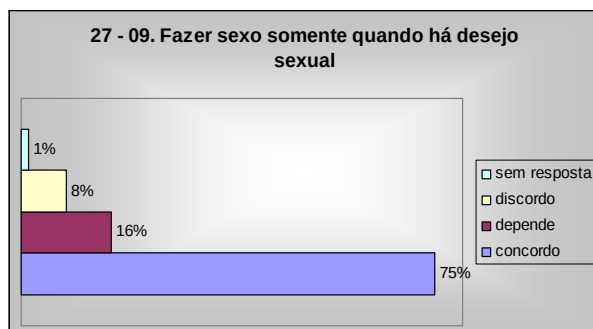


Gráfico 263: Questão 27, item 9: Fazer sexo somente quando há desejo sexual.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

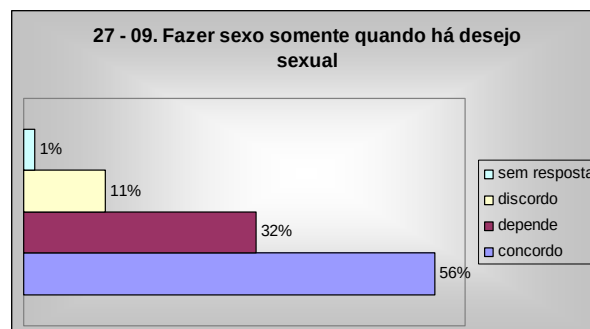
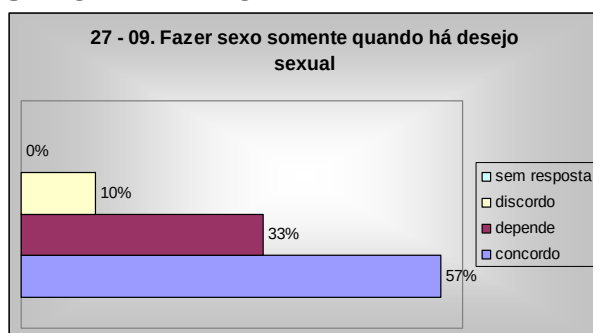


Gráfico 264: Questão 27, item 9: Fazer sexo somente quando há desejo sexual.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

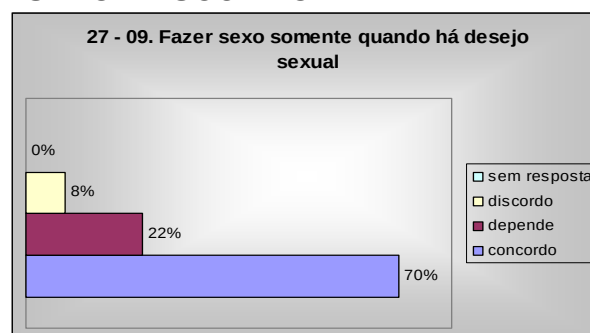


Gráfico 265: Questão 27, item 9: Fazer sexo somente quando há desejo sexual.: Região SUL

Ao incluirmos a pergunta: “Fazer sexo somente quando há desejo sexual”, teve como resposta afirmativa de ambos os sexos.

Masters; Johnson (1997, p.56-57), ao esclarecerem sobre o desejo sexual, afirmam:

Uma conclusão está muito clara para nós: o desejo sexual não é um estado constante e invariável. Daí às vezes pode ser despertado quase instantaneamente, mesmo quando uma pessoa menos espera que isso aconteça. Geralmente não é um ato volitivo (embora possa ser). Ficar subitamente interessado no sexo - mesmo quando ele parece ser a última coisa em sua mente, e a situação não é “própria” para isso - pode pegá-lo de surpresa, como se o desejo sexual o invadissemos sorrateiramente.

Numa pesquisa realizada por Heilborn; Cabral entre jovens de ambos os sexos com idades de 18 a 24 anos, e moradores de três grandes cidades brasileiras: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, sobre o universo das opiniões acerca da sexualidade, constataram as autoras, no quesito desejo sexual, que as

representações diferem em relação ao gênero. De acordo com os dados coletados, descrevem que:

As mulheres de todas as camadas sociais acreditam que os homens têm mais necessidade sexual que as mulheres e esta convicção se exprime de forma mais intensa nos meios populares. Entre os homens dos setores populares, a idéia de uma igualdade de necessidades entre uns e outros é minoritária. Contudo, cabe assinalar que certo percentual de homens desses meios estimam que as necessidades femininas são mais fortes. O igualitarismo de princípios passa a ser dominante entre os homens dos meios privilegiadas, mas tal idéia apresenta em outros indicadores elementos de contradição. Na representação comum o desejo sexual continua a ser a marca do signo masculino e as necessidades femininas em relação à sexualidade são consideradas como muito mais moderadas. (HEIBORN; CABRAL, 2004, p.14)

As autoras citadas elucidam a complexidade dos gêneros no que tange o tema desejo sexual. Concluem:

No caso de discordância entre os parceiros no desejo de ter relações sexuais, os homens declaram de modo muito expressivo (75%) do que de mulheres (24%) a situação de desejar fazer sexo e a parceira não. As respostas femininas colocam em evidencia dois elementos: de um lado a dificuldade de declarar sua iniciativa no domínio sexual e, de outro lado a confirmação de que o desejo de ter relações sexuais pertence sobretudo aos homens. (HEIBORN; CABRAL, 2004, p.19)



Questão 27, item 10: Fazer sexo somente quando há afetividade.

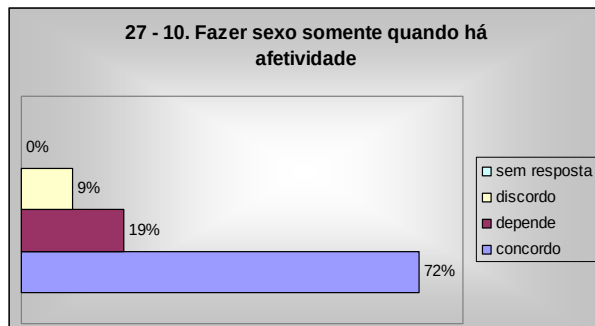
Entre os indivíduos do sexo masculino nas regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul têm-se na sua maioria, concordância para esta questão. No Nordeste brasileiro 42% das jovens deixaram essa questão sem resposta, seguido de 29% que optaram pela concordância. Os indivíduos do sexo feminino das regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul forneceram uma porcentagem maior em relação aos indivíduos do sexo masculino quanto à concordância. No Nordeste brasileiro 69% dos jovens responderam “depende”, a essa pergunta, também recebeu porcentagem significativa nas outras regiões brasileiras.

Vemos que a maior porcentagem (72%) pela concordância em relação a esta questão se encontra entre as jovens entrevistadas na região Norte. Entre os indivíduos do sexo masculino esta mesma resposta recebeu porcentagens bem

inferiores. A resposta “depende” obteve porcentagens bem mais significativas, entre 69% dos jovens nordestinos.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

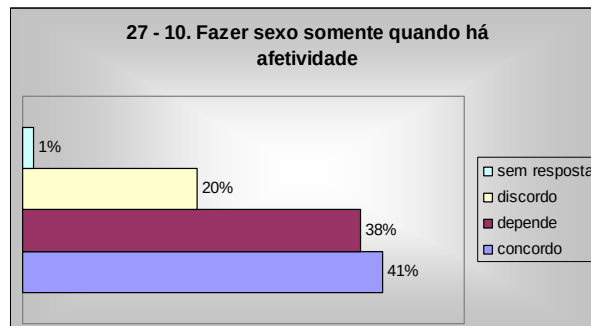
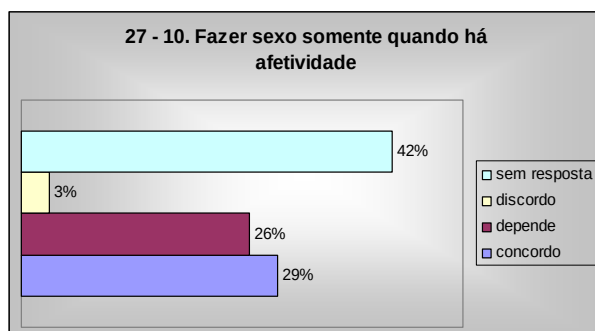


Gráfico 266: Questão 27, item 10: Fazer sexo somente quando há afetividade.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

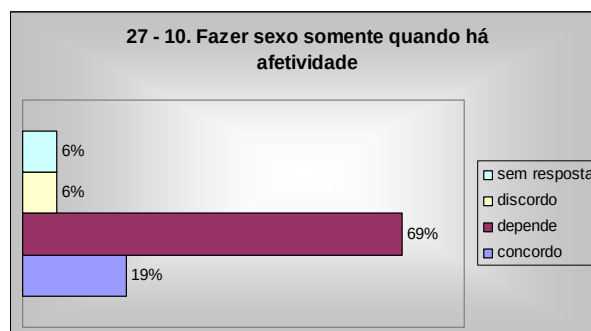
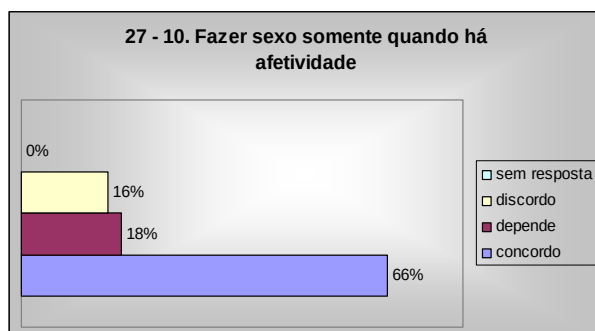


Gráfico 267: Questão 27, item 10: Fazer sexo somente quando há afetividade.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

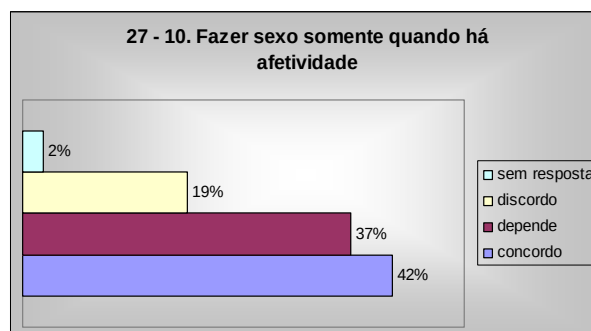
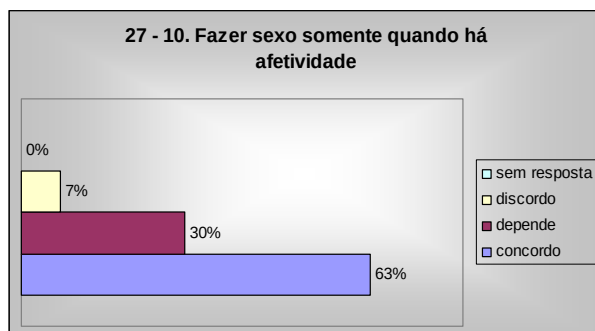


Gráfico 268: Questão 27, item 10: Fazer sexo somente quando há afetividade.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

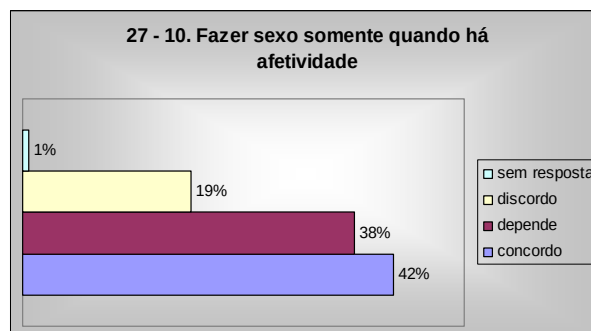
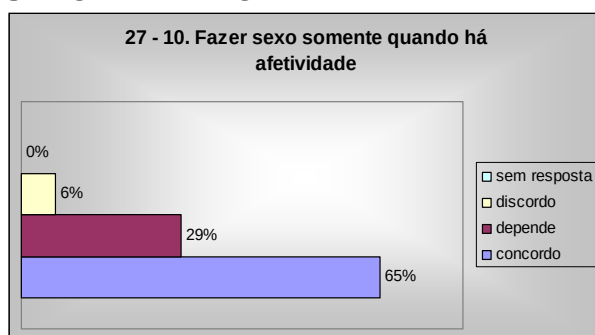


Gráfico 269: Questão 27, item 10: Fazer sexo somente quando há afetividade.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

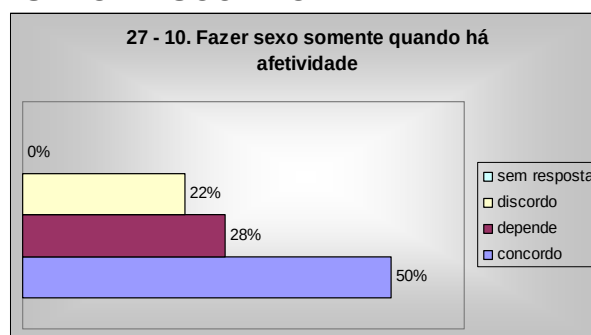


Gráfico 270: Questão 27, item 10: Fazer sexo somente quando há afetividade.: Região SUL

Os dados analisados acima revelam uma certa discrepância entre os gêneros. Os universitários, em sua maioria concordam com a prática de fazer sexo somente quando há afetividade. A região Nordeste, chama a atenção pela alta porcentagem de jovens que responderam “depende” à questão acima e pela falta de respostas obtidas pelas nordestinas.

O homem está iniciando uma nova fase em relação a questionamentos e posicionamentos sobre a forma de vivenciar o sexo com afetividade. Em seu livro *O adolescente por ele mesmo*, Zagury (1996, p.189), descreve o avanço do homem em relação à afetividade.

É uma evolução, um avanço, sem dúvida. O homem está começando a pensar o prazer sexual de outra forma. Não é apenas a ejaculação que conta. O prazer pode incluir outras coisas, mais sutis, mais amplas e profundas. Talvez também *dar prazer* ou, quem sabe, *ter prazer junto com a companheira*. Talvez seja uma necessidade de troca, de afeto, uma preocupação com o outro, e não apenas a busca do seu prazer individual.

✓ *Questão 27, item 11: Relações sexuais precoce (antes dos 15 anos).*

Nesta questão, a maior porcentagem dos indivíduos do sexo feminino respondeu que discorda. Porém entre os indivíduos do sexo masculino temos nas regiões Norte e Nordeste a maior porcentagem na resposta “depende”, enquanto nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul os jovens responderam pela discordância da relação sexual antes dos quinze anos de idade.

Vemos na região Norte, que 82% dos indivíduos do sexo feminino responderam “discordo”, 15% “depende”, 2% “concordam” e 1% não respondeu. Entre as respostas dos indivíduos do sexo masculino temos: 49% “depende”, 38% “discordo”, 12% “concordo” e a mesma porcentagem que o sexo feminino (1%), para a falta de resposta.

Na região Nordeste temos 57% das jovens nordestinas que discordam, 23% respondeu “depende”, 10% concordo e a mesma porcentagem (10%) deixou de responder esta questão. Os jovens nordestinos responderam: 66% “depende”, 19% “discordo”, 9% “concordo” e 6% nada respondeu.

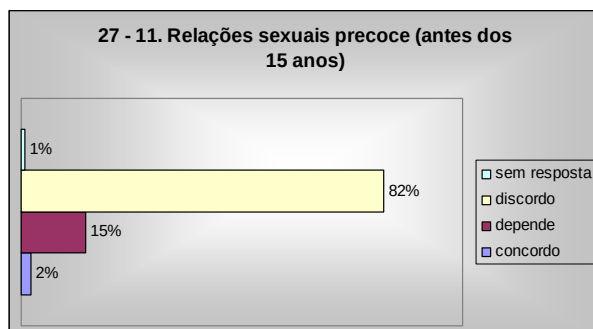
Na região Centro-Oeste 81% das jovens entrevistadas responderam que discordam, 13% delas responderam que “depende”, 5% não respondeu e 1% respondeu que concorda. Dos jovens participantes nesta região 44% respondeu discordo, 37% “depende”, 14% “concordo” e a mesma porcentagem que a encontrada entre as jovens (5%) não responderam a esta questão.

No Sudeste brasileiro, 63% das jovens entrevistadas discordam, 30% delas respondeu “depende”, 5% “concordo” e 2% não respondeu a questão. Entre os jovens desta região vemos que 49% discordam, 35% respondeu “depende”, 13% “concordo” e 3% não deu resposta para esta questão.

Na região Sul 72% das jovens gaúchas responderam que discordam da relação sexual precoce, 22% respondeu “depende”, e a mesma porcentagem (3%) é encontrada na resposta pela concordância de tal prática antes dos quinze anos e pela falta de resposta para esta questão. Entre os jovens gaúchos encontramos 50% discorda da relação sexual precoce, 33% respondeu “depende”, 15% concorda e 2% nada respondeu.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

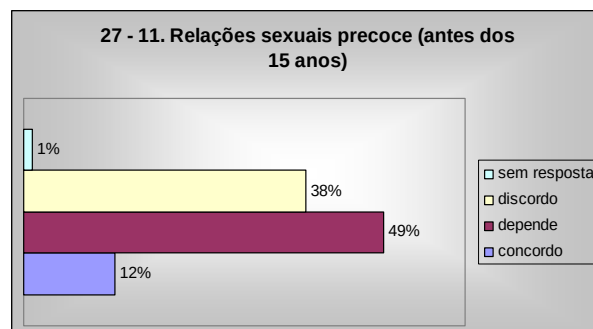
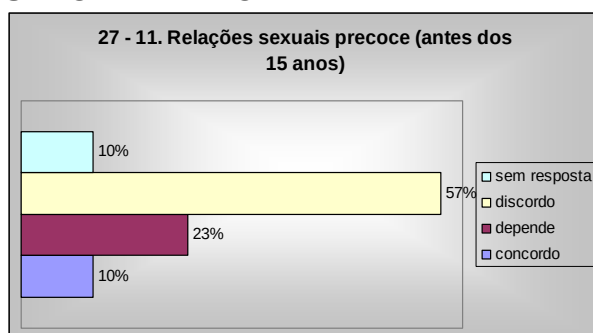


Gráfico 271: Questão 27, item 11: Relações sexuais precoce (antes dos 15 anos).: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

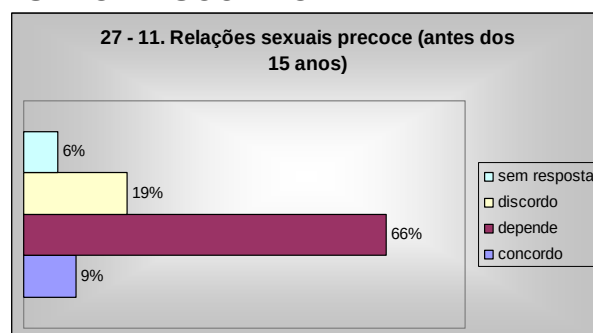
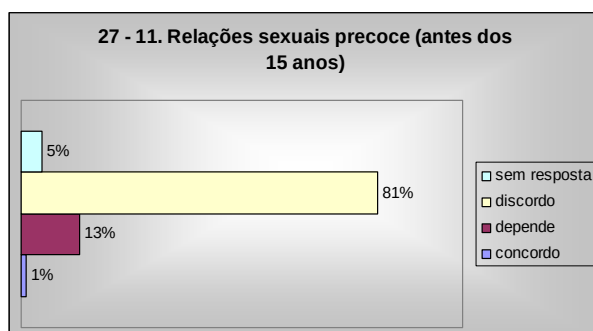


Gráfico 272: Questão 27, item 11: Relações sexuais precoce (antes dos 15 anos).: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

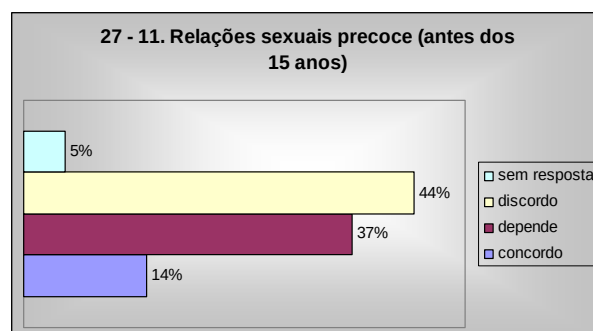
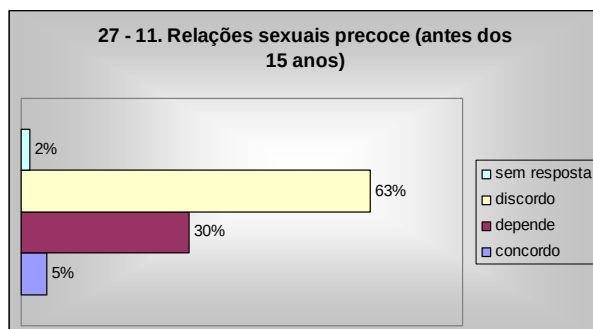


Gráfico 273: Questão 27, item 11: Relações sexuais precoce (antes dos 15 anos).: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

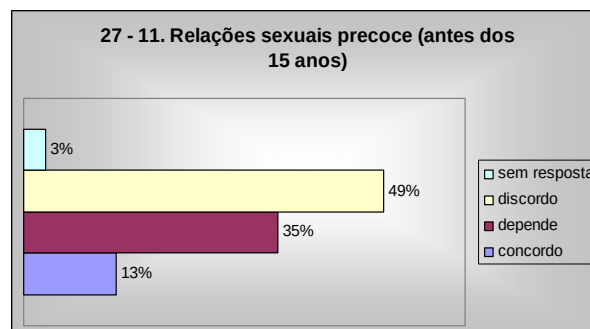
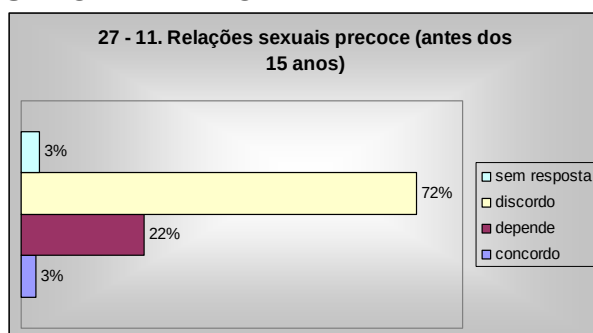


Gráfico 274: Questão 27, item 11: Relações sexuais precoce (antes dos 15 anos).: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

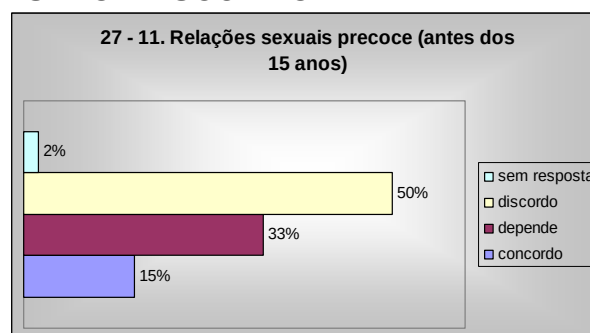


Gráfico 275: Questão 27, item 11: Relações sexuais precoce (antes dos 15 anos).: Região SUL

Relações sexuais precoces são as que ocorrem antes dos 15 anos. Ao nos dirigirmos a uma época distante, constatamos que os casamentos eram realizados antes dos 15 anos.

Damiani (2005, p.12-13), aborda essa temática e elucida a questão:

Na Antiguidade, contratos de casamento eram feitos quando a menina possuía ainda 13 a 14 anos de idade. No século XVII, já havia relatos médicos de gestações precoces e, no início do século XX, a gravidez precoce era um acontecimento habitual para os padrões sociais e culturais da época. A gravidez na adolescência começou a ser estudada nas décadas de 1960 e 1970, um momento histórico em que ocorreram mudanças nas normas, com o movimento feminista e dos gays, que conduziram a que os conceitos de sexo e gênero comessem a ser questionados e debatidos.

Apesar da vivência das relações precoces acontecerem desde a Antiguidade, não podemos deixar de registrar situações que são inerentes a esse fato.

São freqüentes os autores que abordam complicações em relação à gestação de adolescentes.

Vitiello (1997, p.72), descreve sobre o período da gestação precoce. O autor afirma: “Encontra-se com freqüência na literatura, autores que se mostram pessimistas quanto à gestação de adolescentes, citando maior incidência de complicações”.

Em concordância com a citação acima, Damiani (2005, p.18), esclarece sobre a mortalidade materna e as possíveis complicações no período gestacional. A autora descreve:

A gravidez precoce também implica mortalidade materna, que “chega, em alguns países, a ser duas vezes mais alta entre as mães de gestação precoce, sendo consensual na literatura que a gravidez em mulheres abaixo de 16 anos, deve ser considerada como gravidez de risco, pois tem maiores chances de estar associada a problemas de hipertensão, formação incompleta do aparelho reprodutivo e nutrição”.

As pesquisas mostram, em relação à morbidade, a incidência de eclâmpsia, infecções urinárias e anemia entre as adolescentes no período de gestação. As complicações com a gravidez, o parto e o puerpério estão entre as dez principais causas de óbito das adolescentes brasileiras, juntamente com as doenças do aparelho respiratório. (DAMIANI, 2005, p.18)

Nesse sentido, o grande número de respostas no item que discorda da realização do sexo antes dos quinze anos, revela a preocupação com a ausência de maturidade para que este ato se realize.



Questão 27, item 12: Orientação sexual nas escolas.

Tanto os indivíduos do sexo masculino quanto os indivíduos do sexo feminino concordam que as escolas dêem orientação sexual.

Na região Norte 95% dos indivíduos do sexo feminino concordam, apenas 3% respondeu que “depende”, 1% respondeu que discorda e a mesma porcentagem (1%) não respondeu. Entre os indivíduos do sexo masculino desta região encontramos 91% que concordam, 7% respondeu que “depende” e 2% que não concorda.

No Nordeste brasileiro 82% dos jovens nordestinos concordam com a questão, 9% respondeu que “depende”, 6% não respondeu e 3% discordam. Entre

as jovens nordestinas temos 77% que concordam, 13% que respondeu “depende” e 10% que deixou de dar resposta para esta questão.

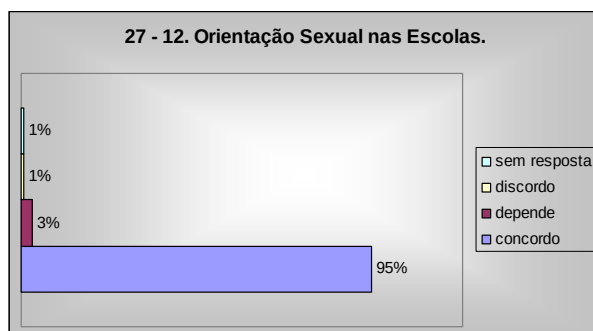
Na região Centro-Oeste, 94% das jovens entrevistadas responderam que concordam com a orientação sexual na escola, 5% respondeu que “depende” e 1% não concorda. Enquanto 81% dos jovens desta região também concordam com esta questão, 12% discorda e 7% respondeu que “depende”.

No Sudeste brasileiro 97% das jovens concordam, 2% diz que “depende” e 1% não concorda. 90% dos jovens participantes desta região responderam que concordam, 9% respondeu que “depende” e a mesma porcentagem dos jovens (1%) disse que não concorda.

No Sul do Brasil, 96% das jovens gaúchas responderam que concordam com a orientação sexual dada na escola, 3% respondeu que “depende” e 1% não deu resposta. Entre os jovens gaúchos 93% concordam, 2% respondeu que “depende” e 5% não respondeu a esta questão.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

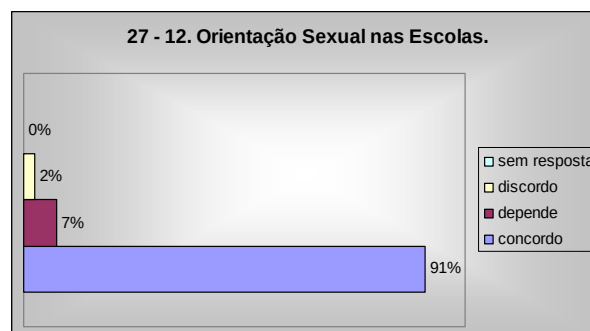
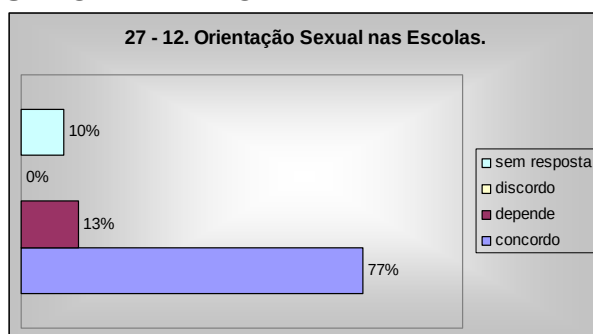


Gráfico 276: Questão 27, item 12: Orientação sexual nas escolas.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

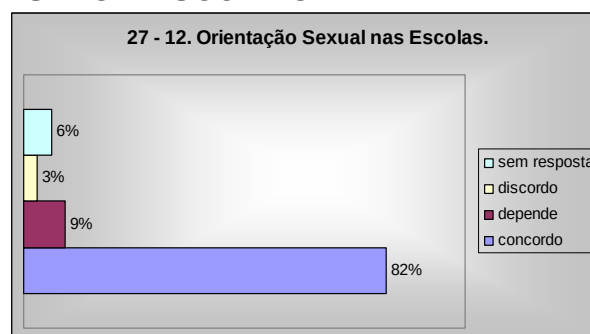
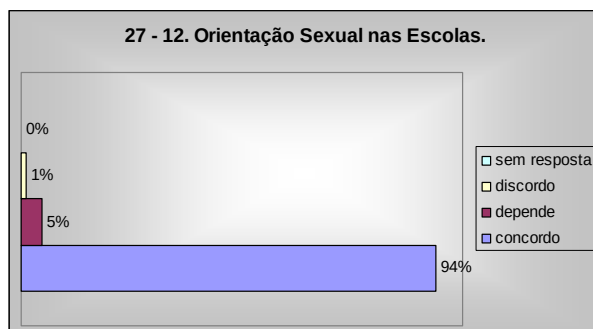


Gráfico 277: Questão 27, item 12: Orientação sexual nas escolas.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

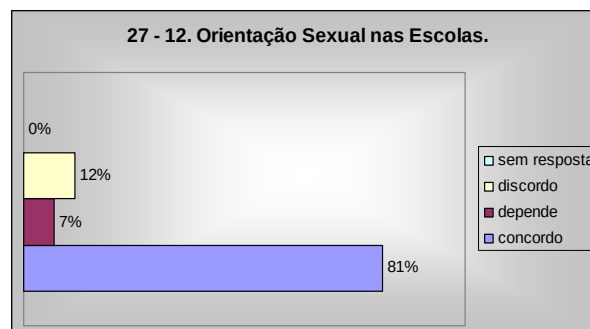
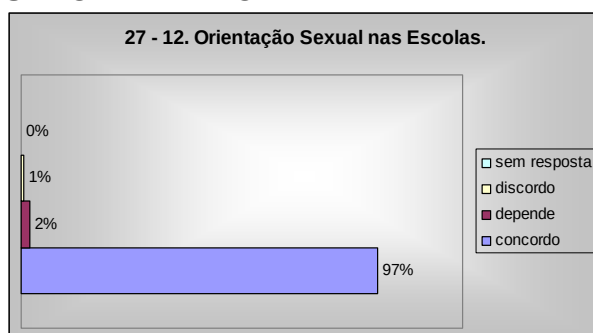


Gráfico 278: Questão 27, item 12: Orientação sexual nas escolas.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

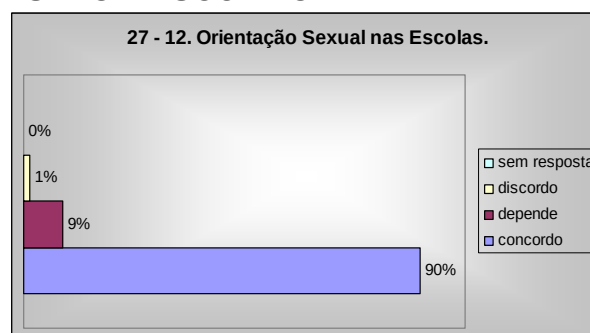
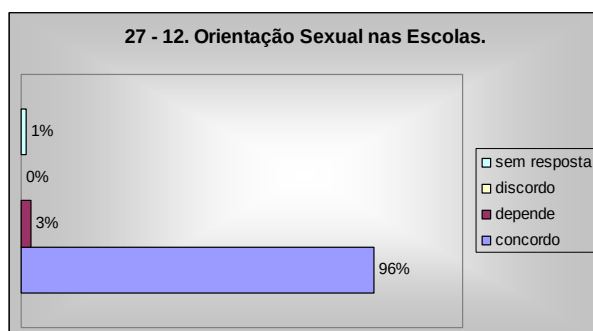


Gráfico 279: Questão 27, item 12: Orientação sexual nas escolas.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

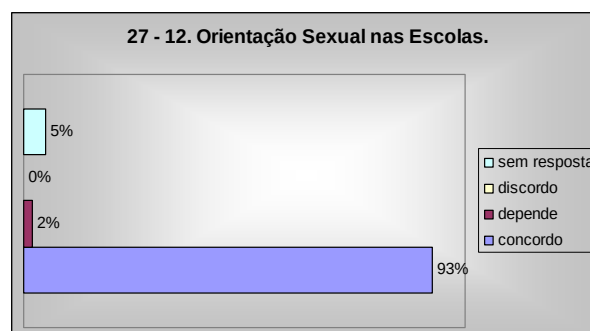


Gráfico 280: Questão 27, item 12: Orientação sexual nas escolas.: Região SUL

Em relação à questão da Orientação Sexual nas escolas, os universitários foram unânimes em afirmar que a escola é um espaço propício e ideal para essa vivência. Os gráficos apontam a importância da orientação sexual no ambiente escolar.

Sobre o interesse dos alunos em receber orientação sexual nas escolas, Damiani (2005, p.128), esclarece:

Notamos que há uma necessidade/interesse dos alunos, de receber educação sexual complementar na escola a fim de sanar as “falhas” não supridas pela família. A escola significa um local para se adquirir conhecimentos, habilidades e mudar comportamentos. O aluno vai em busca de informações, de esclarecimentos, e a escola torna-se o espaço ideal para se trabalhar essas questões, desde que se busque uma educação que propicie informação, discussão e solução para seus problemas.

Na pesquisa realizada por Abramovay et al. (2004, p.118) os pais opinaram sobre a importância da escola na orientação sexual. Os autores relatam que:

A escola é considerada pelos pais como uma importante fonte de apoio da orientação sexual dos jovens. Para alguns, as aulas e feiras de ciência, as palestras e conversas com professores são tidas como boas estratégias para a elucidação de dúvidas e, de certa forma, complementam as iniciativas parentais nesse sentido. Segundo pais de Cuiabá: *E os jovens mesmos estão muito preocupados, principalmente com Aids. Minha filha tem um trabalho de ciência. Aí eu estava olhando assim e tinha coisa que eu não sabia e elas sabiam.*

A importância da sexualidade ser debatida pelos jovens no espaço escolar é propício e fundamental para superar tabus e preconceitos e eliminar informações distorcidas, recebidas pelos amigos e até pais sobre a sexualidade humana.



Questão 27, item 13: Prostituição.

Em relação a essa prática, tanto os indivíduos do sexo masculino como os indivíduos do sexo feminino, em sua maioria, discordam dela.

As jovens da região Norte responderam: 94% “discordo”, 5% “depende” e 1% deixou de responder. Dos jovens desta região, 76% discordam, 19% respondeu “depende” e 5% concorda com a prostituição. Para 81% das jovens nordestinas a resposta foi pela discordância, 10% nada respondeu, 6% respondeu que “depende” e 3% respondeu que concorda. 78% dos jovens nordestinos discordam, 13% respondeu “depende”, 6% não responderam a esta questão e encontramos a mesma porcentagem (3%) das jovens para a concordância.

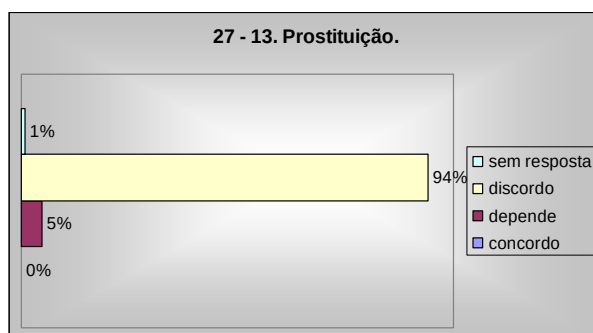
Na região Centro-Oeste, 88% das jovens entrevistadas discordam, 8% “depende”, e 2% respondeu que concorda. A mesma porcentagem (2%) deixou de responder. Em relação ao sexo masculino, constatamos: 75% concorda, 16% respondeu que “depende” e 9% concorda com a prostituição. No Sudeste brasileiro

80% das jovens responderam que discordam, 16% que “depende”, 3% concordam e 1% não respondeu. Entre os jovens desta região verificamos que 56% discordam, 26% respondeu que “depende”, 18% concorda e 1% das jovens não deu resposta para esta questão.

No Sul do Brasil, o mesmo 1% aparece para a falta de resposta entre as jovens gaúchas, 84% respondeu que discorda, 11% respondeu “depende” e 4% concorda com a prostituição. 58% dos jovens gaúchos responderam que discordam, 27% respondeu “depende” e 15% concorda.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

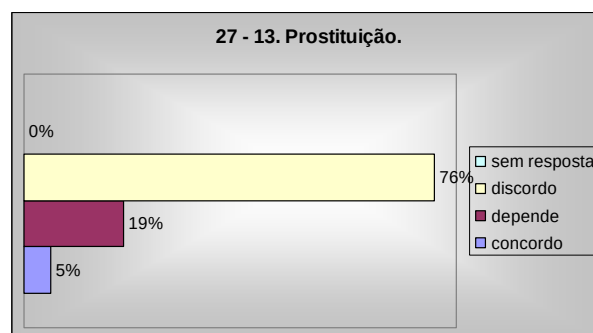
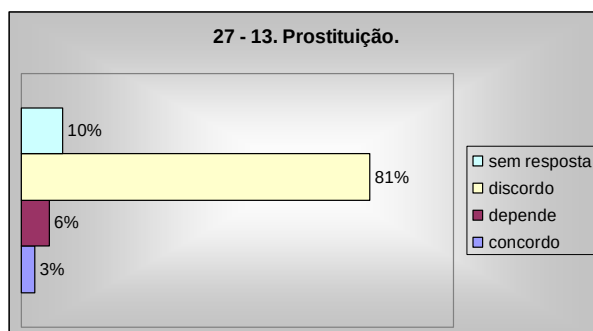


Gráfico 281: Questão 27, item 13: Prostituição.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

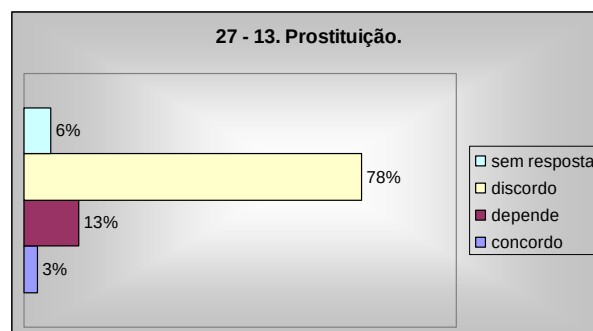
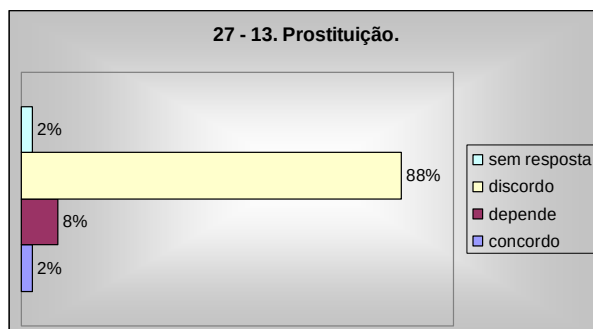


Gráfico 282: Questão 27, item 13: Prostituição.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

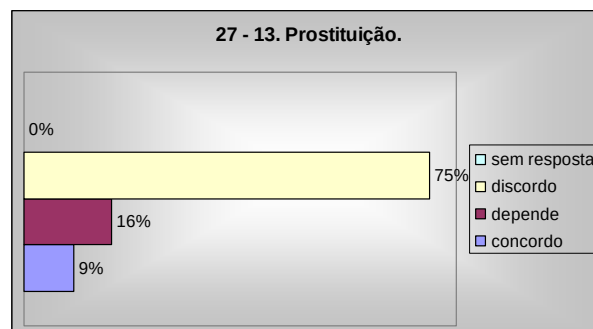
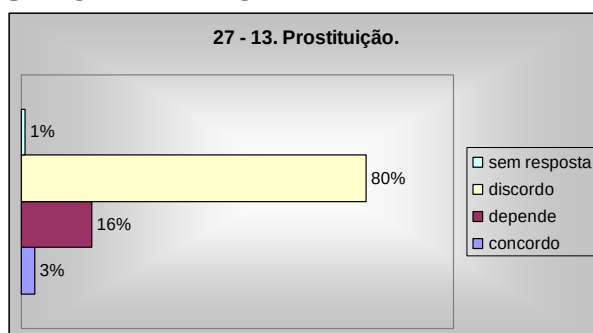


Gráfico 283: Questão 27, item 13: Prostituição.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

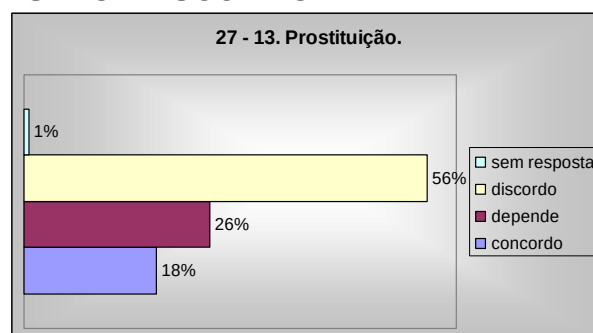
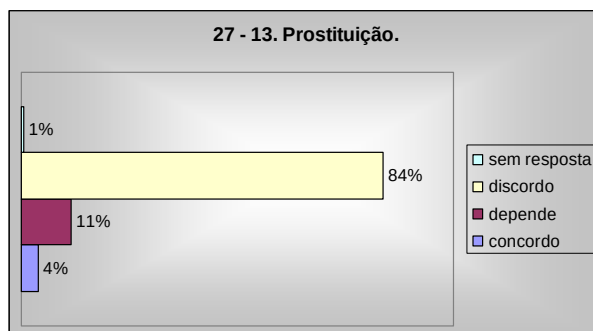


Gráfico 284: Questão 27, item 13: Prostituição.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

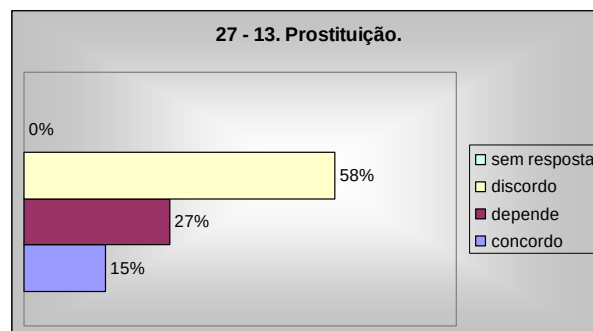


Gráfico 285: Questão 27, item 13: Prostituição.: Região SUL

A prostituição, para jovens do sexo feminino, não é uma prática bem vista. Em contrapartida, a prostituição apresenta menor grau de rejeição para os jovens do sexo masculino.

Esse fato talvez revele um indicativo sobre a iniciação sexual ser feita, tradicionalmente, por prostitutas até algum tempo.



Questão 27, item 14: Controle de natalidade.

Quanto ao controle de natalidade, os participantes (tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino) apresentaram, em sua maioria, respostas a favor da concordância quanto a essa prática.

Na região Norte, 86% das jovens concordam com o controle da natalidade, 12% respondeu que “depende” e 2% discorda. Entre os jovens desta região 69% concordam, 21% respondeu “depende”, 9% discorda e 1% nada respondeu.

No Nordeste brasileiro, 67% das jovens nordestinas optaram pela concordância, 13% respondeu “depende” e 10% discordam, o mesmo percentual de perguntas sem resposta. Enquanto 85% dos jovens nordestinos concordam com o controle de natalidade, 9% respondeu “depende” e 6% deixou de responder a esta questão.

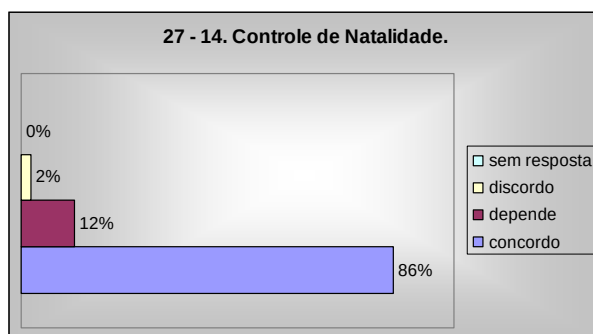
Na região Centro-Oeste, 79% dos indivíduos do sexo feminino responderam que concordam, 17% respondeu “depende” e 4% discorda. Entre os indivíduos do sexo masculino 72% concordam com o controle de natalidade, 21% respondeu “depende” e 7% discorda.

No Sudeste do Brasil, 75% das jovens entrevistadas concordam, 19% respondeu “depende” e 6% discorda. Entre os jovens participantes 68% concordam, 27% respondeu “depende”, 4% discorda e 1% não respondeu.

Na região Sul, 76% das jovens gaúchas concordam, 22% respondeu “depende” e 1% não concorda. A mesma porcentagem (1%) deixou de responder. 63% dos jovens gaúchos concordam com o controle de natalidade, 30% respondeu “depende” e 7% discorda.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

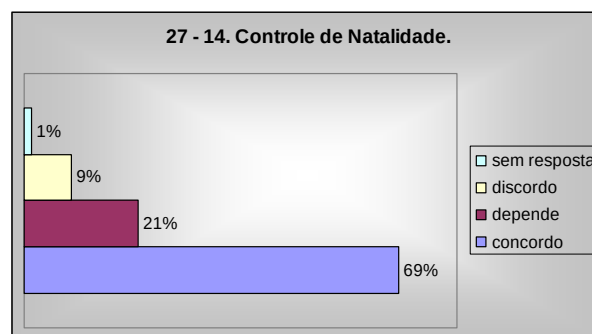
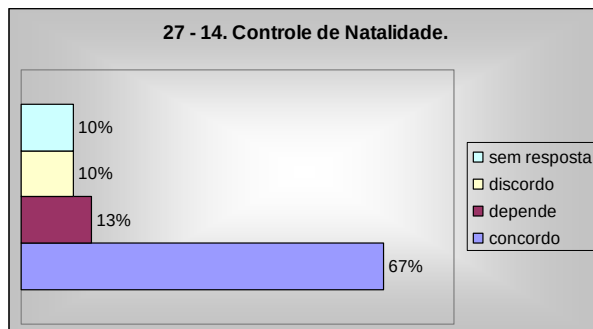


Gráfico 286: Questão 27, item 14: Controle de natalidade.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

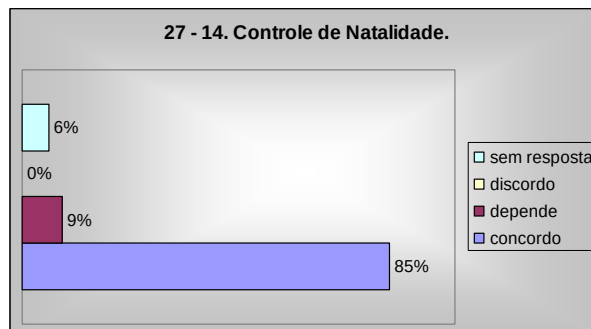
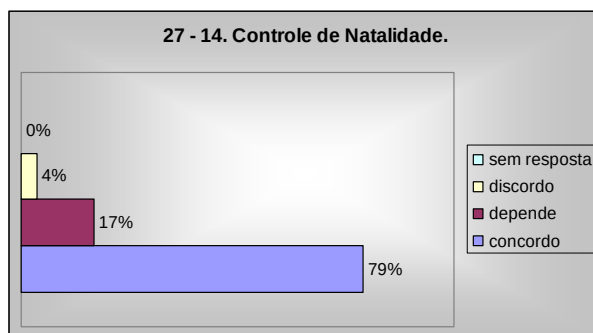


Gráfico 287: Questão 27, item 14: Controle de natalidade.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

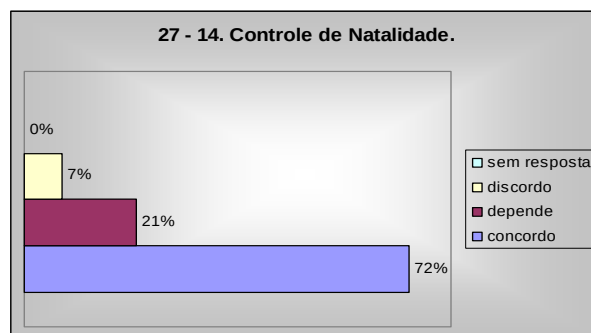
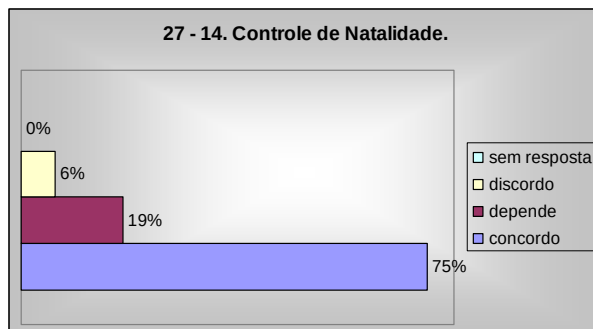


Gráfico 288: Questão 27, item 14: Controle de natalidade.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

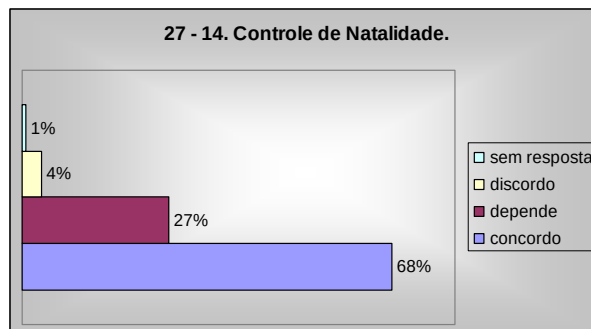
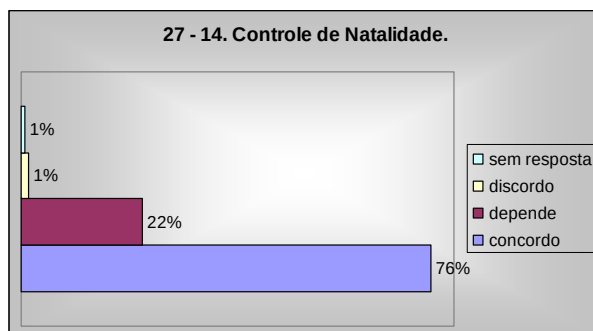


Gráfico 289: Questão 27, item 14: Controle de natalidade.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

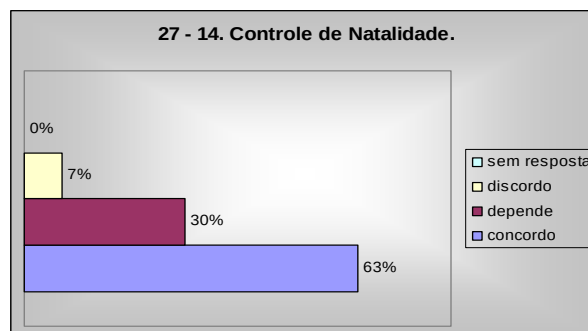


Gráfico 290: Questão 27, item 14: Controle de natalidade.: Região SUL

Em relação ao controle de natalidade, percebemos o interesse dos jovens nesse tópico.

Esse talvez seja um dos temas mais discutidos em diferentes âmbitos da sociedade, e é motivo de grande preocupação dos pais.

Se o jovem mantém relações sexuais com frequência, é imprescindível a utilização de métodos anticoncepcionais.

Gallotti (2005, p.85), ao concordar com a utilização de métodos anticoncepcionais, afirma:

[...] pode determinar-se claramente o começo do uso dos métodos anticoncepcionais para evitar uma possível gravidez: desde o primeiro momento em que se mantiverem relações sexuais com penetração.

Conforme as análises de Damiani (2005), sobre os métodos anticoncepcionais e maiores esclarecimentos sobre essa fase importante dos jovens. Esclarece:

É através da sociedade, dos meios de comunicação, dos sistemas de ensino, da família, das campanhas de prevenção do governo, enfim, do interesse e da vontade das pessoas, que conhecimentos adequados e necessários chegarão aos jovens. Com isso, estaremos construindo uma geração sem índices preocupantes de doenças sexualmente transmissíveis, dentre elas a AIDS, que é o risco maior a que o adolescente está sujeito por não ter cura; sem índices elevados de gravidez precoce, sem evasões escolares. Também evitaremos o desmoronamento de “sonhos e fantasias”, com uma melhor qualidade de vida, atitudes e comportamentos equilibrados. (DAMIANI, 2005, p.140)

É notório que os jovens possuem esclarecimentos sobre métodos anticoncepcionais, o que aparentemente é o resultado da crença que “comigo não ocorrerá”.



Questão 27, item 15: É higiênico praticar sexo oral.

Para esta questão a maior porcentagem recaiu na resposta “depende”, tanto para os indivíduos do sexo feminino como para os indivíduos do sexo masculino.

Na região Norte, 54% dos jovens participantes respondeu “depende”, 35% concordou, 10% discordou e 1% deixou de responder. Entre as jovens entrevistadas desta região 58% responderam “depende”, 29% discordou e 13% concordou.

Na região Nordeste, 75% dos jovens responderam “depende”, 13% concordou, 6% discordou e a mesma porcentagem (6%) deixou de dar resposta, enquanto 35% das jovens responderam “depende”, 26% nada respondeu, 23% concordou e 16% discordou.

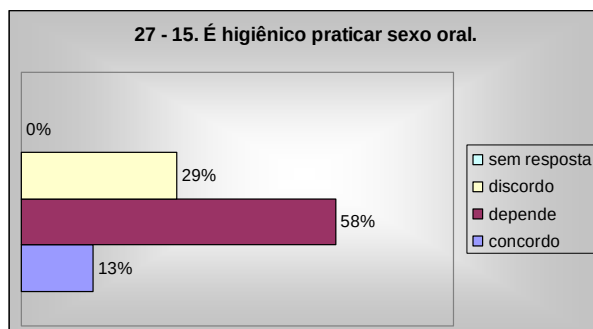
Na região Centro-Oeste 57% dos indivíduos do sexo feminino responderam “depende”, 25% discordou, 13% concordou e 5% nada respondeu. Entre os indivíduos do sexo masculino, 60% respondeu “depende”, 28% concordou e 12 % discordou de que praticar sexo oral seja higiênico.

Na região Sudeste 54% das jovens entrevistadas responderam “depende”, 28% concordou, 16% discordou e 2% deixou de responder esta questão. 51% dos jovens desta região respondeu “depende”, 38% concordou e 11% discordou.

Na região Sul 57% das jovens gaúchas responderam “depende”, 3% nada respondeu e 20% respondeu que concorda, a mesma porcentagem (20%) respondeu que discorda. 50% dos jovens gaúchos responderam “depende”, 37% concordou que praticar sexo oral é higiênico, 8% discordou e 5% não respondeu a esta questão.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

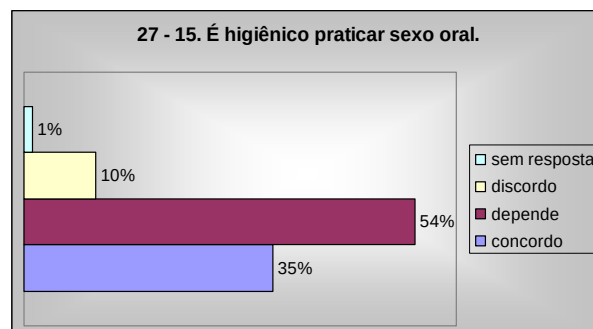
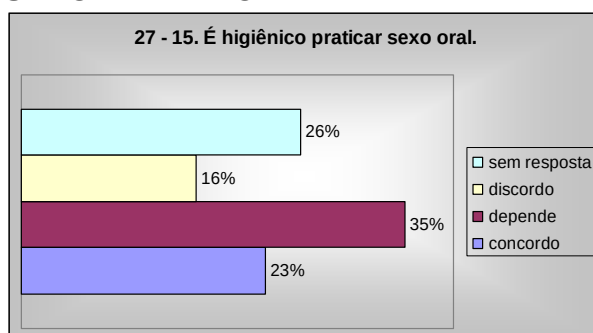


Gráfico 291: Questão 27, item 15: É higiênico praticar sexo oral.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

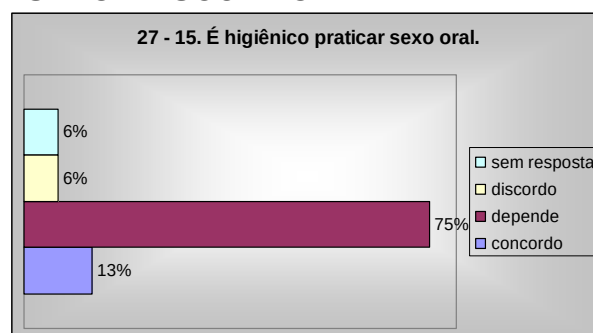
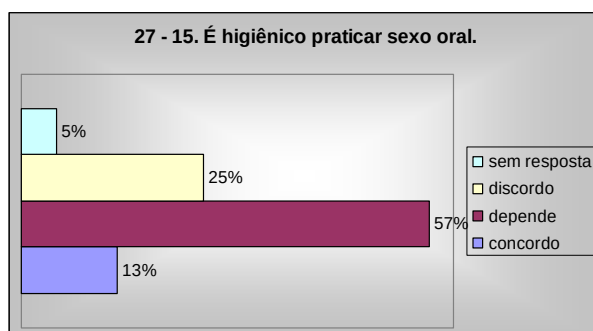


Gráfico 292: Questão 27, item 15: É higiênico praticar sexo oral.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

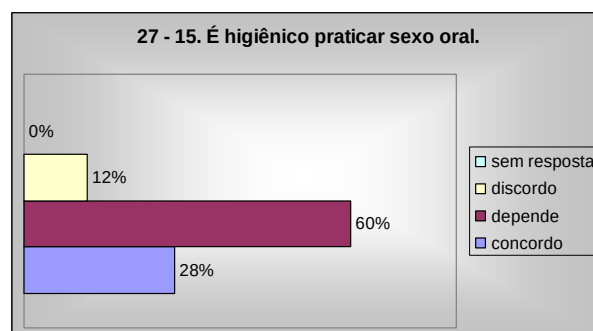
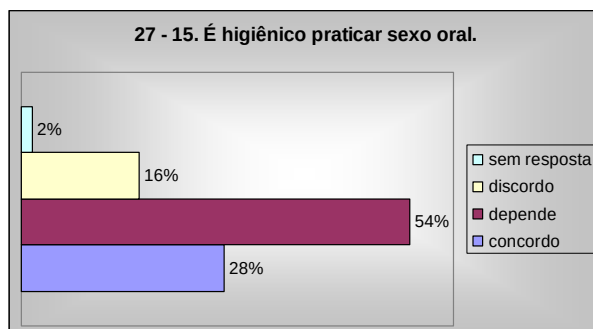


Gráfico 293: Questão 27, item 15: É higiênico praticar sexo oral.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

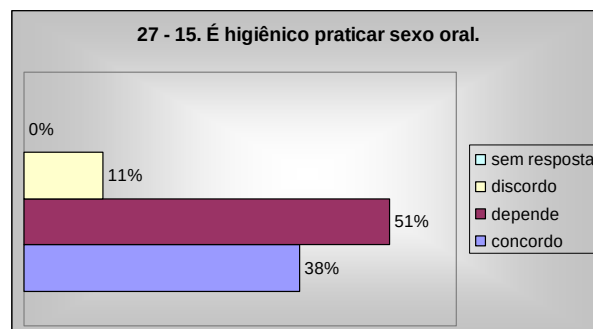
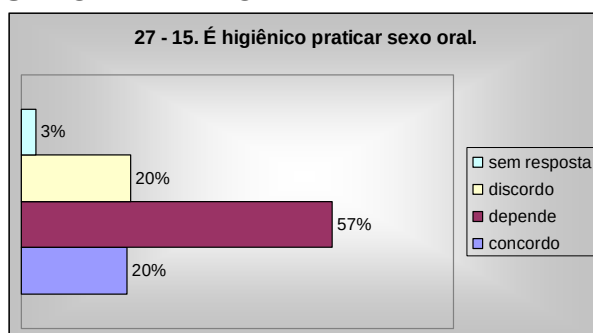


Gráfico 294: Questão 27, item 15: É higiênico praticar sexo oral.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

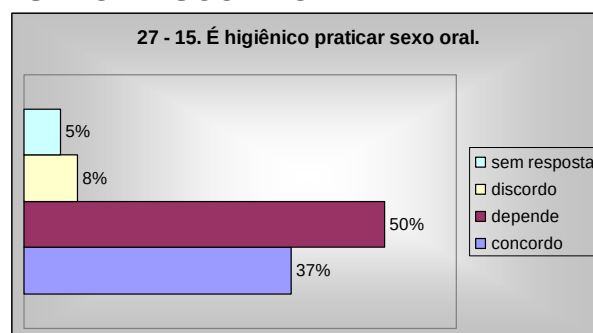


Gráfico 295: Questão 27, item 15: É higiênico praticar sexo oral.: Região SUL

Em relação ao tema proposto, verificamos a existência de escassa bibliografia.

Apesar do consenso entre os universitários de ambos os sexos em praticar o sexo oral, como vimos anteriormente. Neste trabalho, o percentual de respostas "depende" traduz uma certa incoerência, das respostas obtidas.

Ao recorrermos às análises de Kusnetzoff (1987), em sua obra "*O homem sexualmente feliz*" o autor utiliza uma afirmação, que pode esclarecer, nesse momento, as divergências nas respostas obtidas.

O autor elucida que:

Muita gente considera "suja" a região genital. A proximidade do ânus, por onde se eliminam as fezes, e da uretra, por onde se elimina a urina, parece ser a base para essa afirmação. Mas é muito difícil encontrar um casal que não tenha experimentado, alguma vez, essa prática tão difundida. (KUSNETZOFF, 1987, p.38)

✓ *Questão 27, item 16: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre do homem.*

Entre os indivíduos do sexo masculino nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, e Sudeste a maior porcentagem está na discordância, enquanto 39% das jovens do Nordeste brasileiro tiveram a mesma resposta “discordo” e “depende”. Enquanto os indivíduos do sexo feminino temos nas regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul discordam dessa iniciativa, 55% dos jovens gaúchos concordam que a iniciativa para o ato sexual deva partir sempre do homem.

Vemos então na região Norte, que 54% dos indivíduos do sexo masculino discordaram e 46% deles responderam que “depende”. Em contrapartida, 66% dos indivíduos do sexo feminino desta região discordaram, delas 29% respondeu “depende” e 5% respondeu que concorda que a iniciativa para o ato sexual deve ser sempre do homem.

Porém, 53% dos jovens nordestinos optaram pela discordância nesta questão, 41% respondeu “depende” e 6% deixou de responder. 39% das jovens nordestinas responderam que discordam a mesma porcentagem (39%) respondeu “depende”, 12% nada respondeu e 10% responderam que concorda.

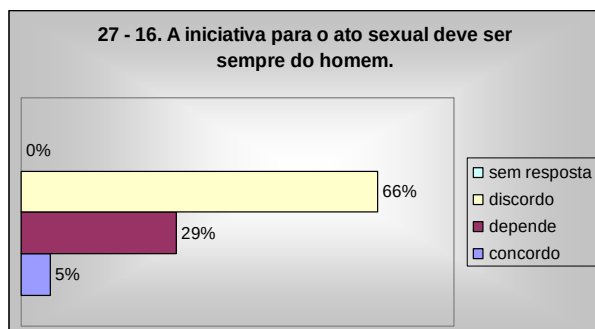
Na região Centro-Oeste, 58% das entrevistadas responderam que discordam, 34% respondeu “depende”, 6% respondeu que concorda e 2% nada respondeu. No caso dos jovens participantes nesta região 63% discordam, 33% respondeu “depende”, e 2% (a mesma porcentagem dos que concordam) nada respondeu.

No Sudeste do Brasil 60% das jovens entrevistadas discordam desta questão, 27% respondeu “depende” e 13% concorda. 62% dos jovens participantes desta região responderam que discordam e 38% que concorda que a iniciativa para o ato sexual parta do homem.

Na região Sul, 73% das jovens gaúchas discordam, 23% respondeu “depende” e 3% concorda. Mas é nesta região que a maior porcentagem (55%) de respostas “concordo” que a iniciativa para o ato sexual deve ser sempre do homem foi dada pelos jovens gaúchos. Quanto à discordância, 25% optou por ela e 20% respondeu “depende”.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

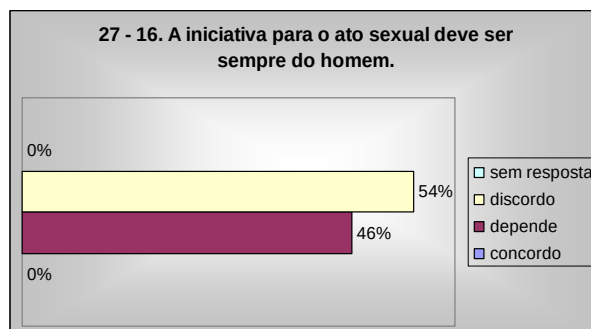
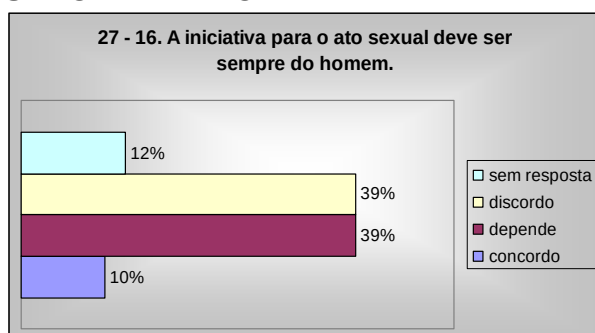


Gráfico 296: Questão 27, item 16: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre do homem.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

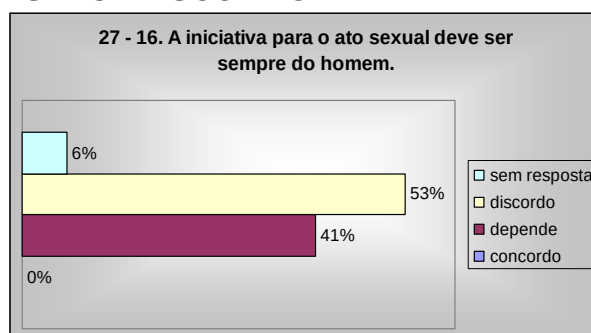
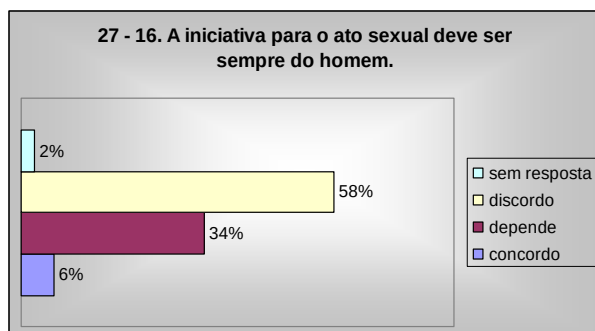


Gráfico 297: Questão 27, item 16: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre do homem.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

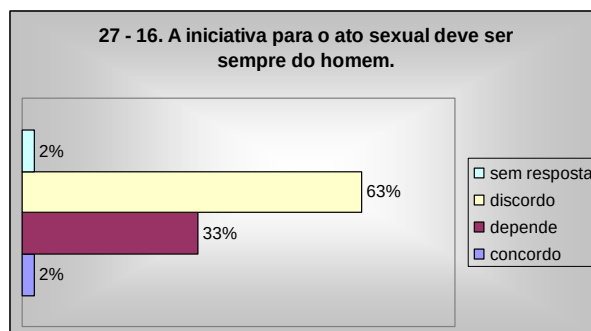
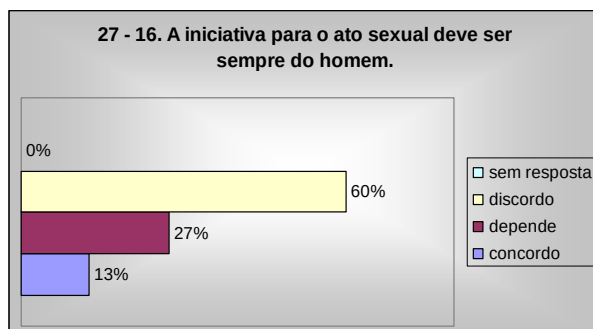


Gráfico 298: Questão 27, item 16: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre do homem.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

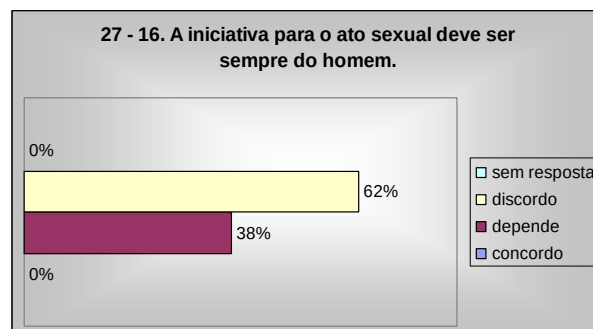
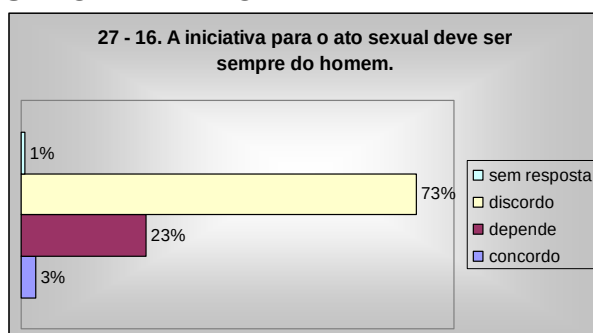


Gráfico 299: Questão 27, item 16: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre do homem.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

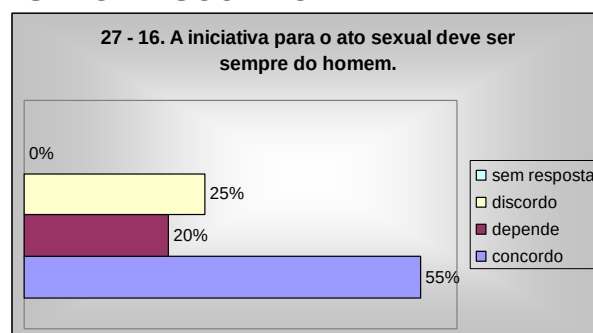


Gráfico 300: Questão 27, item 16: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre do homem.: Região SUL

Os dados acima denunciam um confronto de visões sobre a temática, na questão abordada. Ocorre uma disparidade nas respostas obtidas nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste em relação aos jovens gaúchos, sendo esses os únicos que concordam que a iniciativa para o ato sexual deva partir sempre do homem.

A questão dos gêneros mostra a controvérsia imposta do “esperado” papel masculino e do papel feminino.

Ribeiro (1999, p.177) elucida essa contradição, ao afirmar:

É verdade que a contradição criada pelo ideal da sexualidade ativa dos homens e da passividade/pureza das mulheres cria uma ambigüidade na identidade sexual feminina. Para que os homens sejam ativos, há necessidade de “outra” mulher: ativa sexualmente e desvalorizada socialmente.

O mesmo autor conclui que não há concepção do desejo feminino.

Dado o fato de que uma mulher mostrar ativamente desejo sexual contraria essas definições de masculino e de feminino, revelar

conhecimento sexual e expressar desejos sexuais fisicamente ameaça tanto a reputação feminina quanto o poder masculino. Conclui-se que, nesse esquema, não há concepção do desejo feminino [...]. (RIBEIRO, 1977, p.177)

Sobre a temática em questão, Kusnetzoff (1988, p.28), compara as divergências sobre a iniciativa do ato sexual. Esclarece que:

Habitualmente, o homem acha que deve tomar a iniciativa da proposta de relação sexual: “para isso é homem”. É comum constatar que a mulher aceita este fato como se não houvesse nenhuma outra possibilidade, pois “a natureza é assim”.

Evidencia-se que as diferenças não se reportam a questões biológicas entre os sexos, mais se remetem a questão cultural.

✓ *Questão 27, item 17: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre da mulher.*

Nesta questão encontramos a unanimidade na resposta discordando que a iniciativa para o ato sexual deva partir sempre da mulher. Tanto os indivíduos do sexo masculino quanto os indivíduos do sexo feminino deram esta mesma resposta.

Podemos ver que, na região Norte, 71% das jovens entrevistadas discordaram e 29% delas responderam “depende”. 53% dos jovens participantes nesta região também discordam, 46% respondeu que “depende” e 1% respondeu que concorda que a iniciativa para o ato sexual deve ser sempre da mulher.

No Nordeste brasileiro 50% dos jovens nordestinos discordam, 41% respondeu “depende”, 6% nada respondeu e 3% respondeu que concorda. 42% das jovens nordestinas discordam, 39% respondeu que “depende”, 13% não deu resposta para esta questão e 6% respondeu que concorda.

Na região Centro-Oeste 57% dos indivíduos do sexo feminino discordam desta questão, 35% respondeu “depende”, 4% respondeu que concorda e a mesma porcentagem (4%) nada respondeu. Entre os indivíduos do sexo masculino 63% discordam e 37% respondeu “depende”.

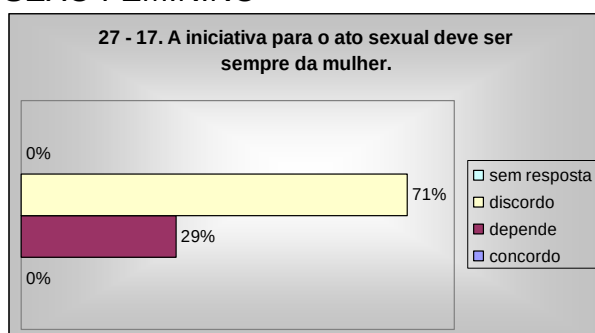
No Sudeste do Brasil, 60% dos jovens responderam que discordam, 38% respondeu “depende”, 1% que concorda e a mesma porcentagem (1%) não respondeu. Enquanto 71% das jovens entrevistadas desta região responderam que

discordam, 28% respondeu “depende” e 1% respondeu que concorda.

Vemos que 70% dos jovens gaúchos discordam, 25% optou pela resposta “depende” e 5% respondeu que concorda com a iniciativa da mulher para o ato sexual. Nesta mesma região 74% das jovens gaúchas discordam, 24% responde “depende” e 2% nada responde.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

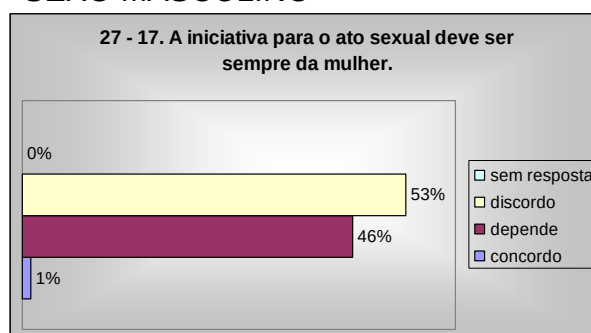
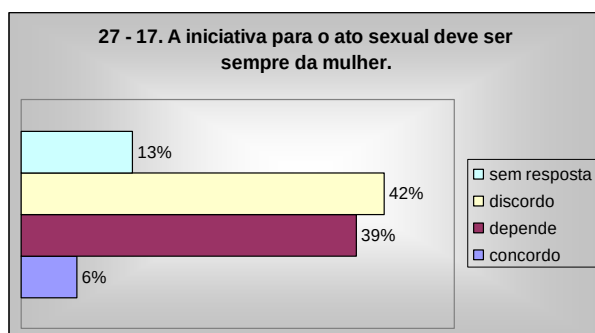


Gráfico 301: Questão 27, item 17: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre da mulher.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

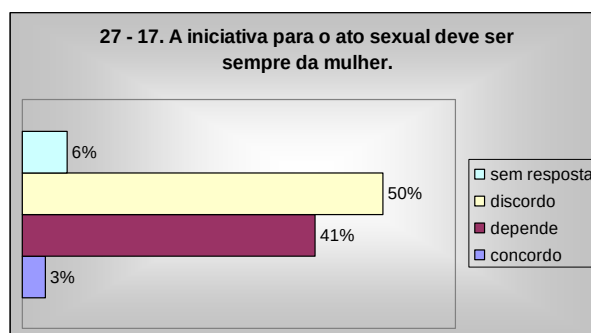
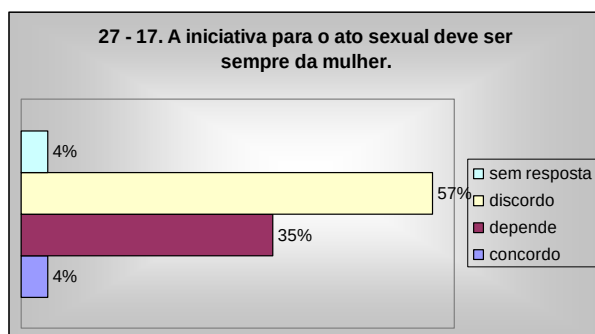


Gráfico 302: Questão 27, item 17: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre da mulher.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

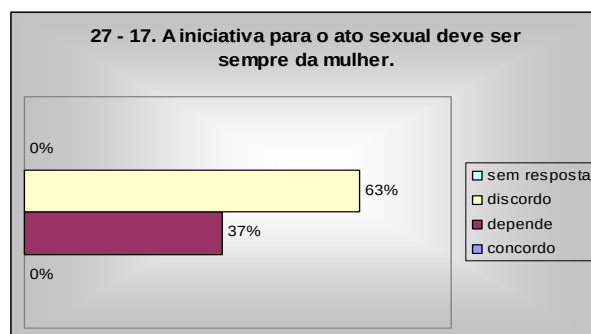
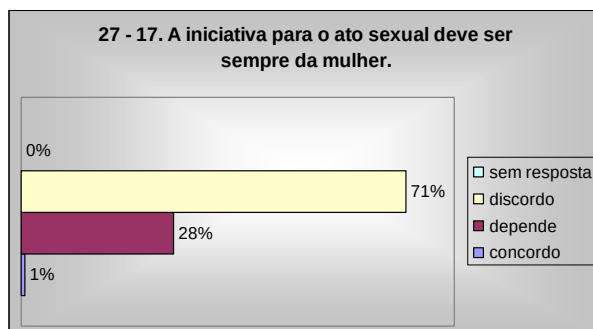


Gráfico 303: Questão 27, item 17: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre da mulher.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

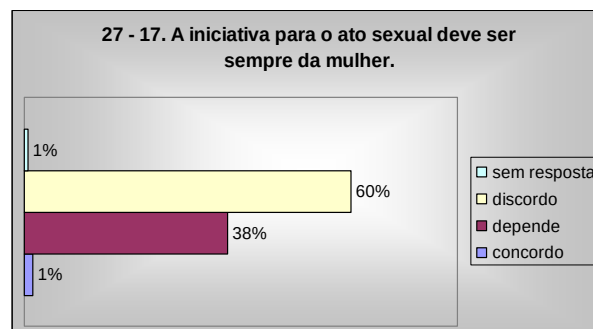
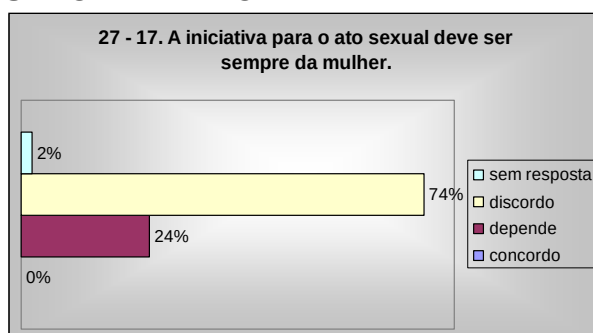


Gráfico 304: Questão 27, item 17: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre da mulher.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

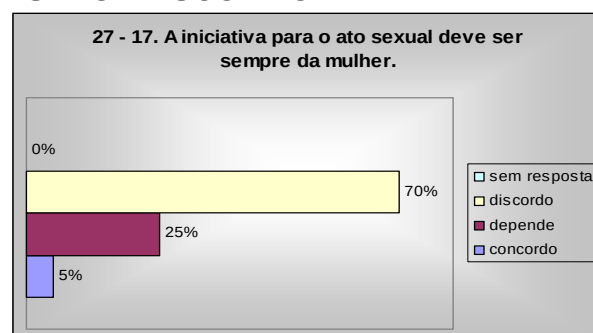


Gráfico 305: Questão 27, item 17: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre da mulher.: Região SUL

Os universitários, ao responderem a questão abordada acima, demonstraram coerência em todas as regiões do país. Foram categóricos em afirmar que a assertiva acima está errada.

Ao recorrermos a Kusnetzoff (1988, p.28), em sua obra *A mulher sexualmente feliz*, observamos que ele ilustra esse fato ao concluir: “A mulher pode pensar, acreditando no seu papel passivo, que não deve tomar a iniciativa, “não fica bem”...



Questão 27, item 18: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre de ambos.

Nesta questão há unanimidade e o consenso quanto à concordância dos participantes em relação à iniciativa do ato sexual ser uma decisão que deve ser tomada tanto pelo homem como pela mulher.

Na região Norte, 90% das jovens entrevistadas concordam, 9% respondeu “depende” e 1% discorda. 83% dos jovens participantes nesta região também concordam, 15% respondeu “depende” e 2% respondeu discorda que a iniciativa para o ato sexual deve ser sempre de ambos.

No Nordeste brasileiro, 82% dos jovens concordam, 9% respondeu que “depende”, 6% nada respondeu e 3% respondeu que discorda. 74% das jovens nordestinas concordam, 13% respondeu “depende”, a mesma porcentagem (13%) não deu resposta para esta questão.

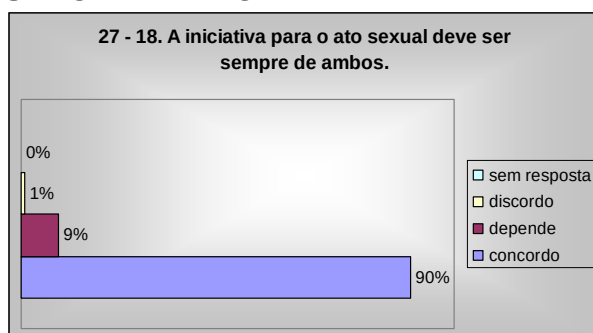
Na região Centro-Oeste, 89% dos indivíduos do sexo feminino concordam com esta questão, 10% respondeu “depende”, apenas 1% nada respondeu. Entre os indivíduos do sexo masculino, nesta região, 70% concorda, 21% que respondeu “depende” e 9% discorda.

No Sudeste do Brasil 77% das jovens responderam que concordam, 18% respondeu que “depende”, 5% concorda. 86% dos jovens participantes desta região responderam, também, que concordam, 10% que “depende”, 3% respondeu que discorda e 1% não respondeu.

Vemos que 75% dos jovens gaúchos concordam, 20% respondeu “depende” e 5% respondeu que discorda. Nesta mesma região temos 85% das jovens gaúchas que concordam, 14% respondeu “depende” e 1% respondeu que discorda que a iniciativa para o ato sexual deve ser sempre de ambos.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

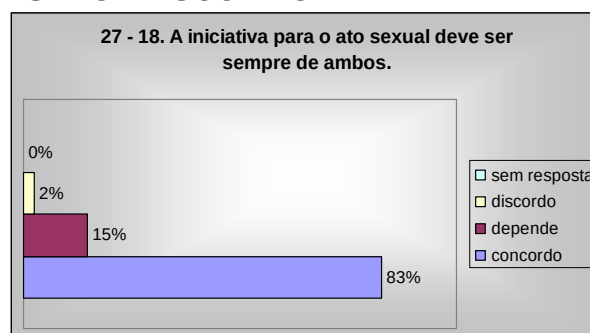
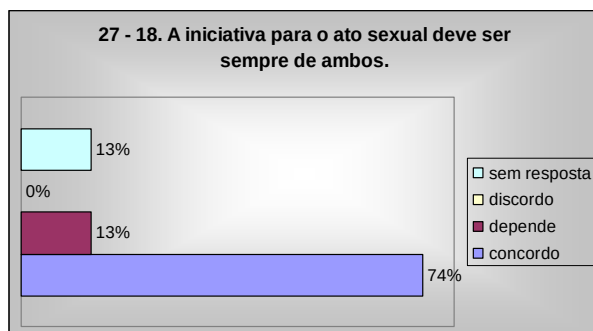


Gráfico 306: Questão 27, item 18: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre de ambos.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

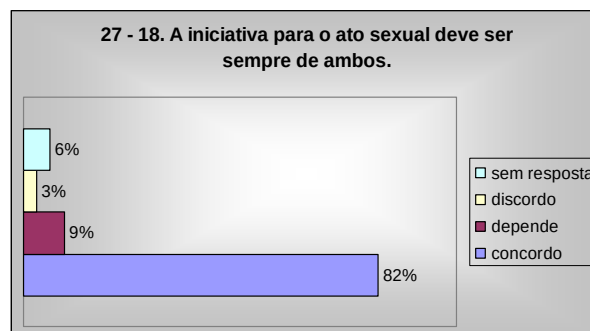
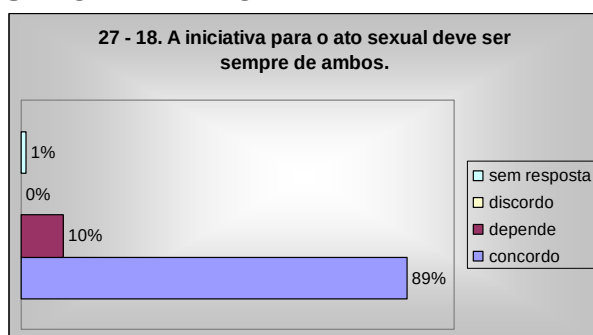


Gráfico 307: Questão 27, item 18: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre de ambos.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

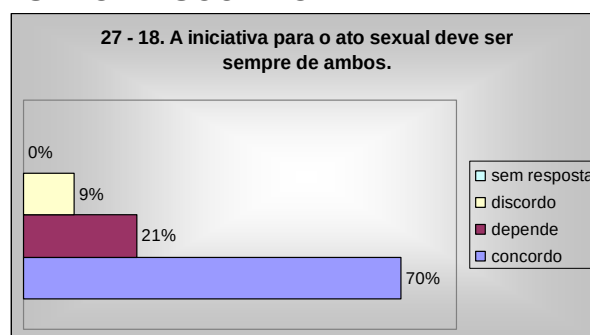
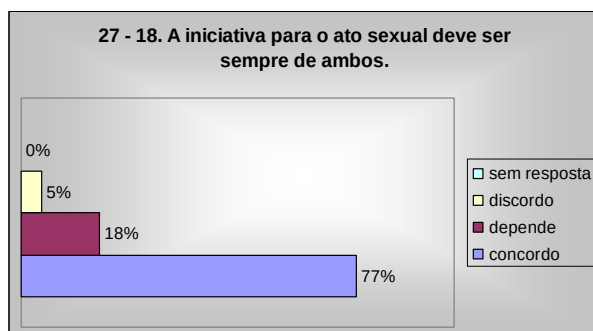


Gráfico 308: Questão 27, item 18: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre de ambos.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

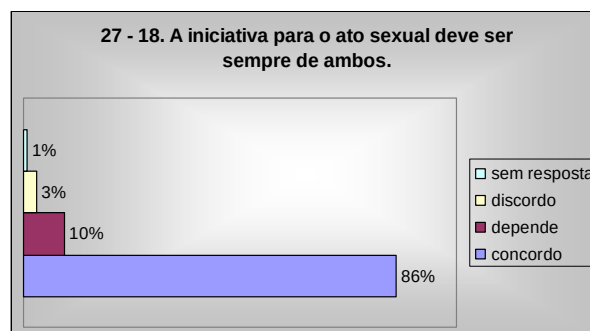
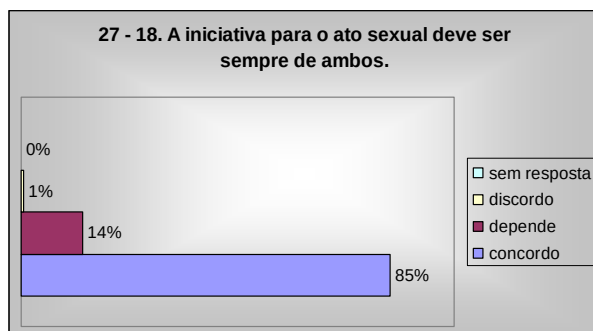


Gráfico 309: Questão 27, item 18: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre de ambos.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

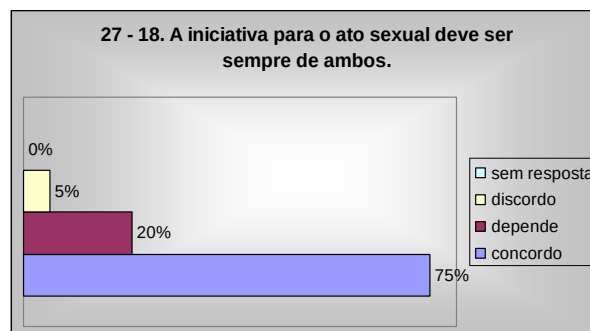


Gráfico 310: Questão 27, item 18: A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre de ambos.: Região SUL

Em todas as regiões do país e em ambos os sexos houve consenso nas respostas obtidas sobre a questão “A iniciativa para o ato sexual deve ser sempre de ambos”.

Devemos reconhecer que neste sentido nos deparamos com sensíveis mudanças em relação ao comportamento entre os gêneros. As mulheres estão menos receosas em demonstrar que querem o ato sexual e também sentem prazer nas relações e os homens, por sua vez, estão aprendendo a conviver com as mudanças na visão feminina convencional.

✓ Questão 30: As afirmações que se seguem referem-se a homossexualidade. Responda Sim ou Não.

✓ Questão 30, item 1: A homossexualidade é mais comum entre o sexo masculino do que o sexo feminino.

Para esta questão os indivíduos do sexo feminino nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste responderam, em sua maioria, SIM, enquanto as jovens das regiões Sudeste e Sul responderam NÃO. Entre os indivíduos do sexo masculino a maioria respondeu SIM nas regiões Norte e Centro-Oeste, enquanto os jovens do Nordeste, Sudeste e Sul responderam NÃO.

Como se pode ver, na região Norte, 54% dos indivíduos do sexo feminino responderam SIM e 46% responderam NÃO. Entre os indivíduos do sexo masculino encontramos 67% que responderam SIM, 31% que respondeu NÃO e 2% que nada

respondeu.

Enquanto 55% das jovens nordestinas responderam SIM, 32% respondeu NÃO e 13% deixou de responder a esta questão. Observamos que 56% dos jovens nordestinos responderam NÃO, 31% respondeu SIM e a mesma porcentagem dos jovens (13%) não responderam a esta questão.

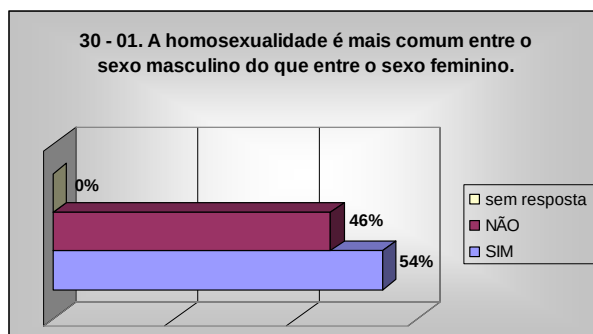
No Centro-Oeste do Brasil 67% das jovens entrevistadas responderam SIM, 31% respondeu NÃO e 2% nada respondeu. Nesta mesma região, 70% dos jovens participantes responderam SIM, 21% respondeu NÃO e 9% deixou de responder.

Na região Sudeste, 53% dos jovens responderam NÃO para a assertiva: “A homossexualidade é mais comum entre o sexo masculino do que entre o sexo feminino”, 45% respondeu que SIM e 2% deixou de responder. Entre os jovens da mesma região, 60% respondeu NÃO, 38% respondeu SIM e a mesma porcentagem dos jovens (2%) nada respondeu.

Entre os jovens da região Sul, 57% das jovens gaúchas responderam NÃO para esta questão, 39% respondeu SIM e 4% deixou de responder. Enquanto 55% dos jovens gaúchos responderam NÃO, 43% respondeu SIM e 2% não respondeu.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

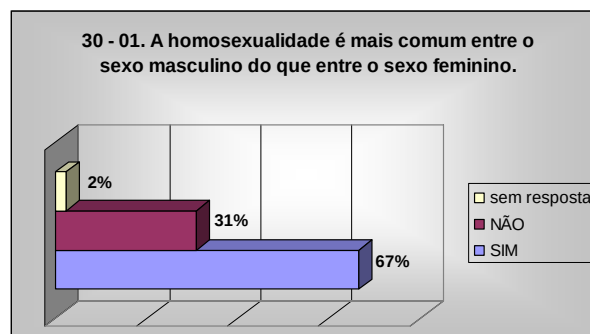
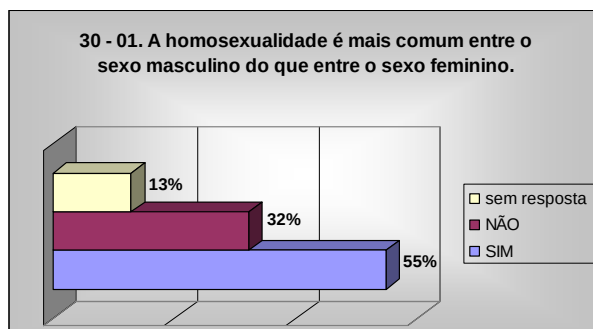


Gráfico 311: Questão 30, item 1: A homossexualidade é mais comum entre o sexo masculino do que o sexo feminino.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

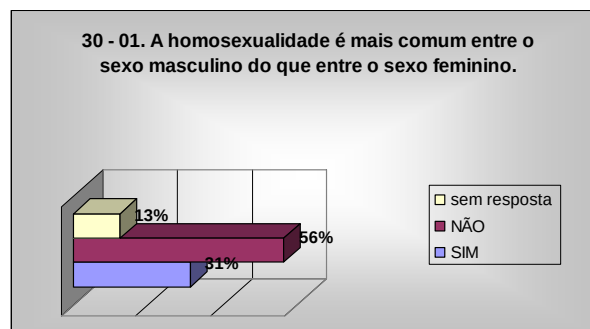
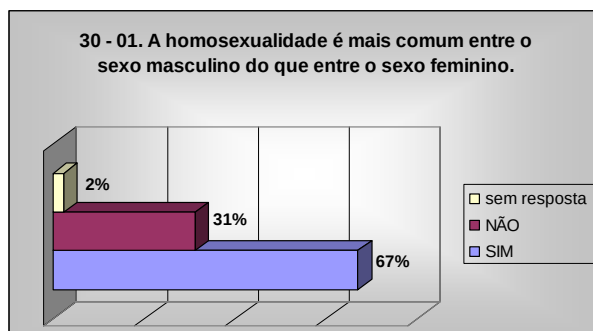


Gráfico 312: Questão 30, item 1: A homossexualidade é mais comum entre o sexo masculino do que o sexo feminino.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

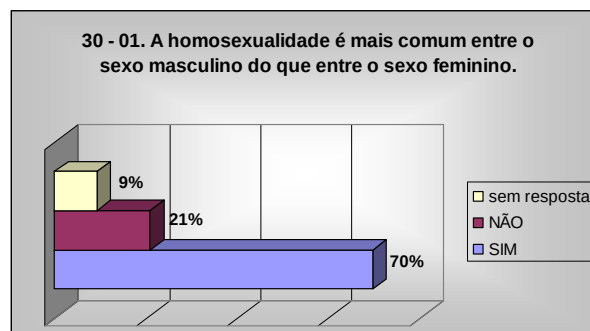
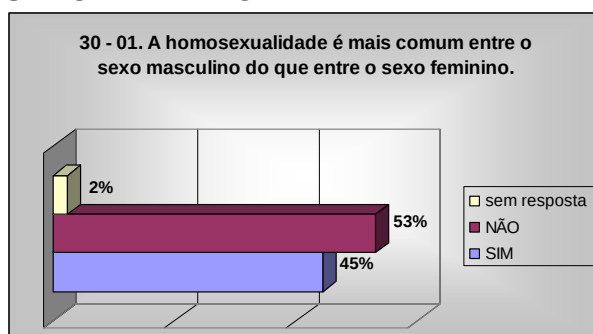


Gráfico 313: Questão 30, item 1: A homossexualidade é mais comum entre o sexo masculino do que o sexo feminino.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

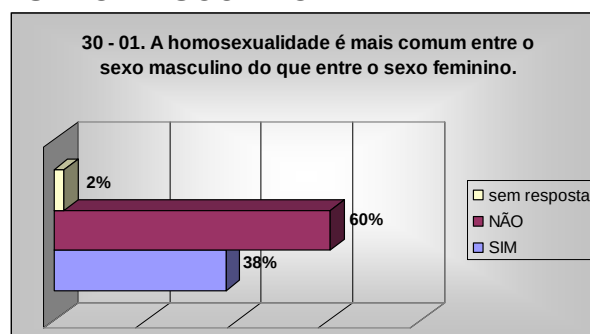
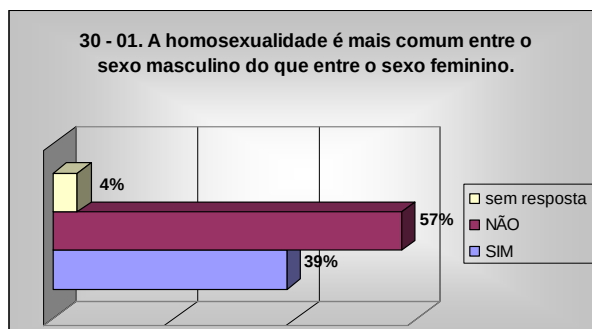


Gráfico 314: Questão 30, item 1: A homossexualidade é mais comum entre o sexo masculino do que o sexo feminino.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

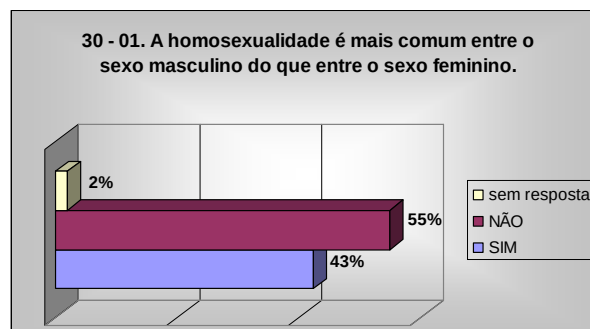


Gráfico 315: Questão 30, item 1: A homossexualidade é mais comum entre o sexo masculino do que o sexo feminino.: Região SUL

Pelas respostas obtidas no universo universitário, podemos perceber que as dúvidas são frequentes no que tange à sexualidade.

Responderam corretamente a questão, os universitários que escreveram SIM em suas respostas. Verificamos que existem respostas erradas de ambos os sexos.

De acordo com as análises de Duarte (2005, p.92), sobre a homossexualidade ser mais comum entre os homens, tem-se que “[...] é significativamente maior o número de distúrbios sexuais orgânicos entre homens, também é maior a incidência de homossexuais masculinos”.

Segundo pesquisas de Kinsey, cerca de metade dos homens, antes da puberdade, teve alguma experiência do mesmo sexo (DUARTE, 2005, p.92).



Questão 30, item 2: A homossexualidade é uma doença.

Na região Norte 92% dos indivíduos do sexo feminino responderam NÃO, 7% respondeu SIM e 1% não respondeu. Entre os indivíduos do sexo masculino 76% responderam NÃO, 23% SIM e a mesma porcentagem (1%) do sexo masculino não respondeu.

Algo interessante ocorre na região Nordeste, pois 74% dos jovens nordestinos e das jovens nordestinas responderam NÃO, 13%, tanto sexo masculino como do sexo feminino, respondeu SIM e a mesma porcentagem (13%), para ambos os sexos, deixou de responder a esta questão.

Na região Centro-Oeste, 74% dos jovens, como no Nordeste, responderam NÃO, 20% SIM e 6% nada respondeu. Enquanto 72% dos jovens da região Centro-Oeste responderam NÃO, 16% respondeu SIM e 12% deixou de responder se a

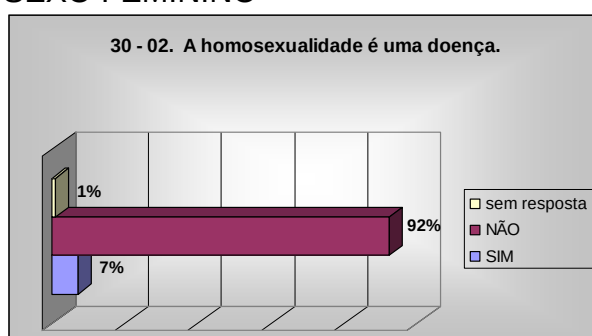
homossexualidade é uma doença.

No Sudeste brasileiro 87% das jovens entrevistadas responderam NÃO, 11% que SIM e 2% não respondeu. Entre os jovens participantes 75% responderam NÃO, 23% SIM e a mesma porcentagem de moças e rapazes (2%) não respondeu a esta questão.

No Sul, 95% das jovens gaúchas responderam NÃO, 3% SIM e 2% não respondeu. 83% dos jovens gaúchos também responderam NÃO e 17% respondeu que a homossexualidade é uma doença.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

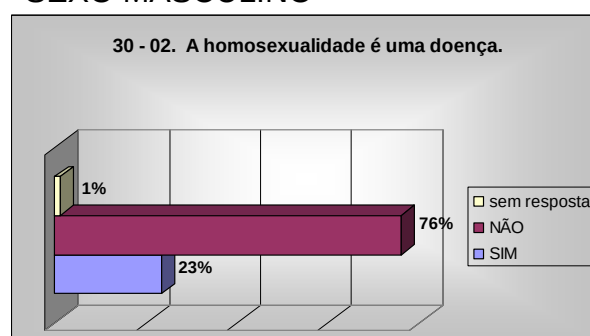
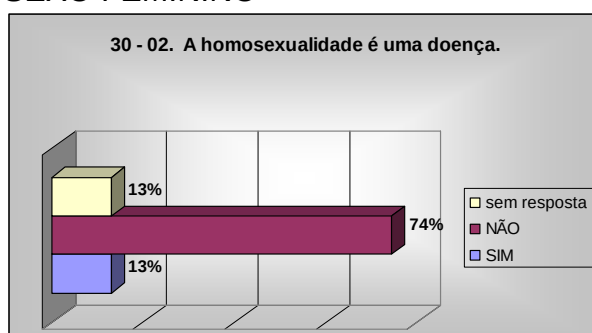


Gráfico 316: Questão 30, item 2: A homossexualidade é uma doença.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

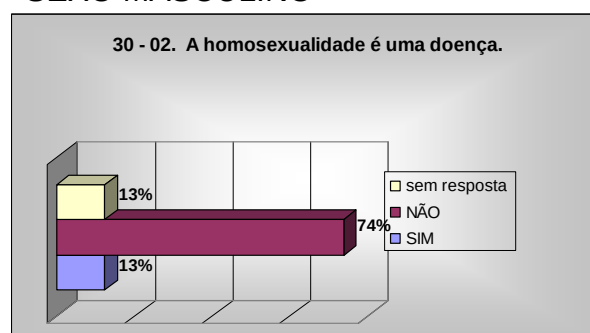
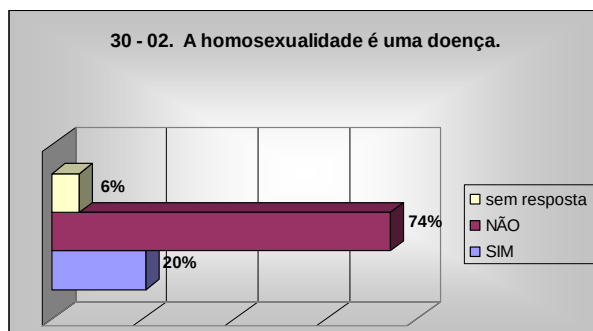


Gráfico 317: Questão 30, item 2: A homossexualidade é uma doença.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

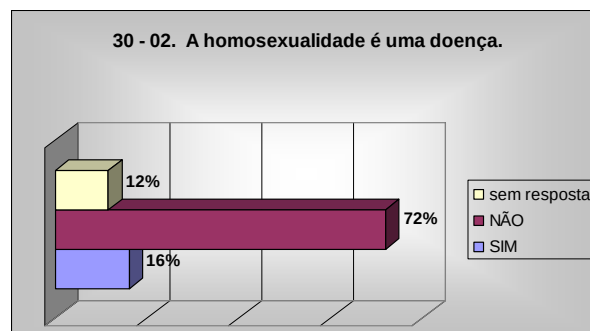
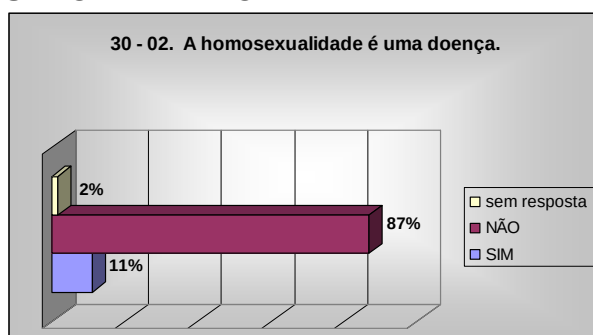


Gráfico 318: Questão 30, item 2: A homossexualidade é uma doença.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

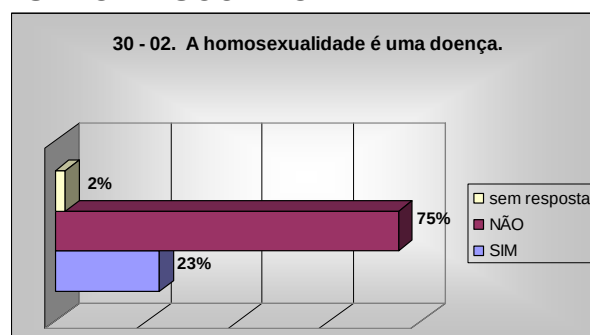
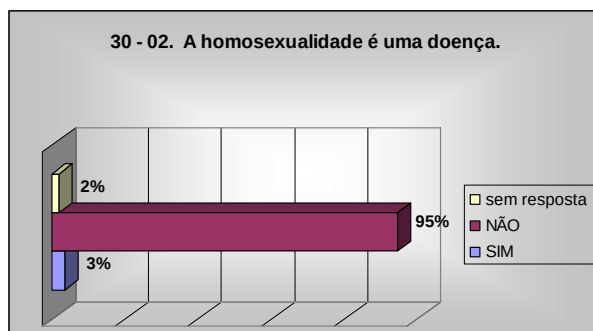


Gráfico 319: Questão 30, item 2: A homossexualidade é uma doença.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

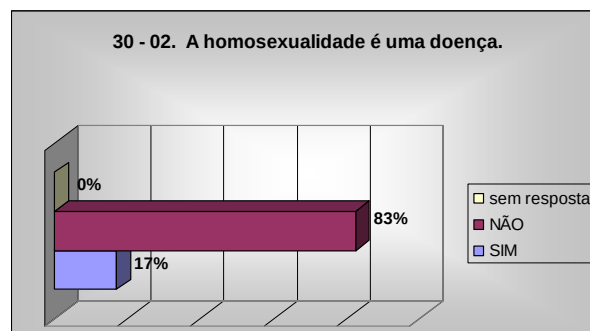


Gráfico 320: Questão 30, item 2: A homossexualidade é uma doença.: Região SUL

Ao serem questionados sobre a homossexualidade ser uma doença, os universitários de ambos os sexos e das diferentes regiões do país foram categóricos em afirmar que a homossexualidade não é doença.

Sobre as possíveis causas da homossexualidade, Duarte (2005, p.89), elucida:

Provavelmente não existe uma única e determinada causa de origem orgânica, ou de origem psíquica, que determine a homossexualidade. São ainda nebulosos os fatores que determinam o homossexualismo, mas já se sabe que, freqüentemente, ele é devido a um dos problemas causados por desencontros ou desacordos entre as características orgânicas e as características psicológicas do sexo.

Vitiello (1997, p.44) concorda com a citação acima em que a homossexualidade não é doença. O autor esclarece este fato.

Desde já muitos anos a homossexualidade não vem mais sendo vista pelos estudiosos do tema como algo doentio. O que acontece é que, por motivos ainda não bem conhecidos, algumas pessoas (cerca de 10% da população) dirigem sua eroticidade, seu interesse sexual, por outras de mesmo sexo, ao contrário do que faz a maioria, que dirige sua eroticidade para pessoas do outro sexo. Assim, tecnicamente falando, a homossexualidade é apenas um desvio da orientação sexual.

O que se faz imprescindível neste momento é esclarecer que independente da opção sexual de cada indivíduo é necessário o respeito ao ser humano. Por muitos séculos, a discriminação e a falta de informações pertinentes levaram muitos jovens a impossibilidade de exercer seus direitos de cidadãos.

✓ *Questão 30, item 3: A anatomia genital entre homossexuais e heterossexuais é diferente.*

A resposta NÃO é unanimidade e maior porcentagem tanto entre os indivíduos do sexo masculino quanto para os indivíduos do sexo feminino.

As 83% das entrevistadas na região Norte responderam NÃO para esta questão, 16% respondeu SIM e 1% nada respondeu. Enquanto 79% dos jovens desta região, também, responderam NÃO, 19% respondeu SIM e 2% deixou de responder a esta questão.

Na região Nordeste 74% dos indivíduos do sexo feminino responderam NÃO, 13% respondeu SIM e a mesma porcentagem (13%) nada respondeu. Entre os indivíduos do sexo masculino, 78% responderam NÃO, 9% SIM e a mesma porcentagem (13%) do sexo feminino deixou de dar resposta para esta questão sobre a anatomia genital.

No Centro-Oeste brasileiro 63% das entrevistadas responderam NÃO, 27% respondeu SIM e 10% nada respondeu. 76% dos jovens nesta região também

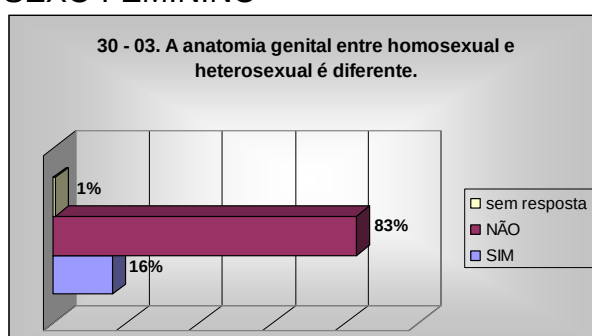
responderam NÃO, 12% respondeu SIM e a mesma porcentagem (12%) nada respondeu.

Na região Sudeste 90% das entrevistadas responderam NÃO, 9% SIM e 1% não respondeu. Entre os jovens temos: 85% de NÃO, 14% de SIM e 1% (a mesma porcentagem dos jovens) não deu resposta.

86% das jovens gaúchas responderam NÃO, 3% SIM e 2% não respondeu. Enquanto 95% dos jovens gaúchos responderam que a anatomia genital entre homossexual e heterossexual NÃO é diferente, 5% respondeu que é.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

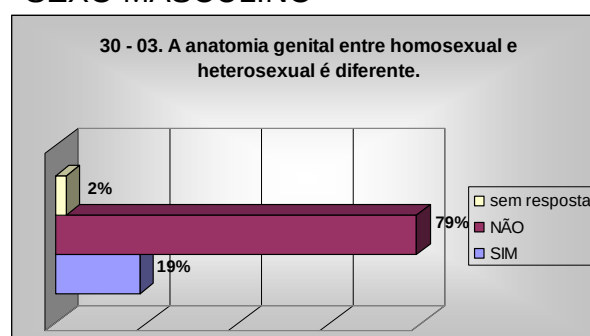
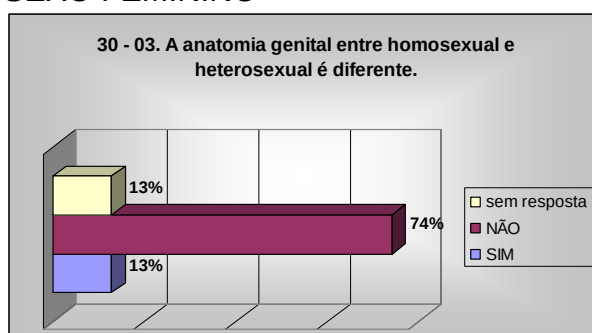


Gráfico 321: Questão 30, item 3: A anatomia genital entre homossexuais e heterossexuais é diferente.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

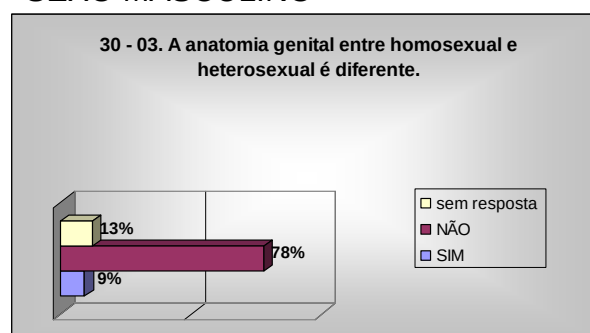
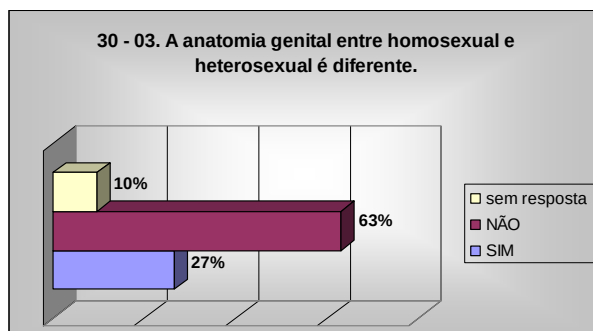


Gráfico 322: Questão 30, item 3: A anatomia genital entre homossexuais e heterossexuais é diferente.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

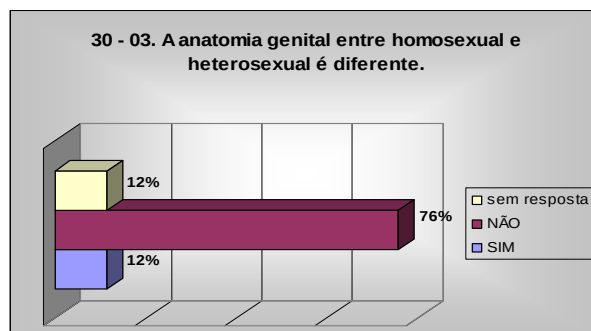
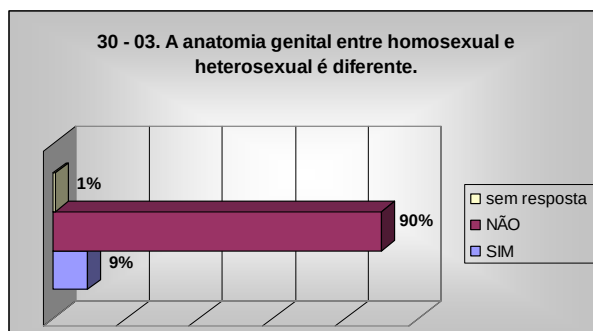


Gráfico 323: Questão 30, item 3: A anatomia genital entre homossexuais e heterossexuais é diferente.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

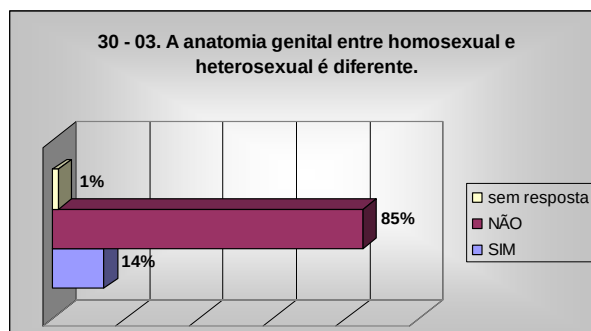
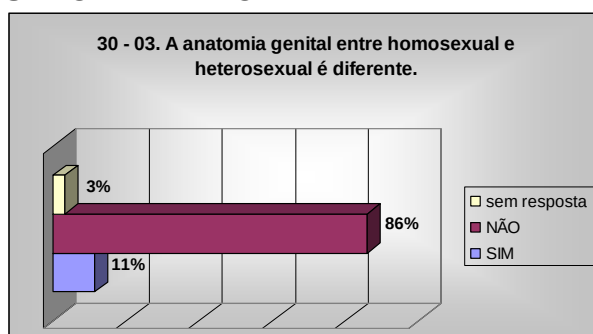


Gráfico 324: Questão 30, item 3: A anatomia genital entre homossexuais e heterossexuais é diferente.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

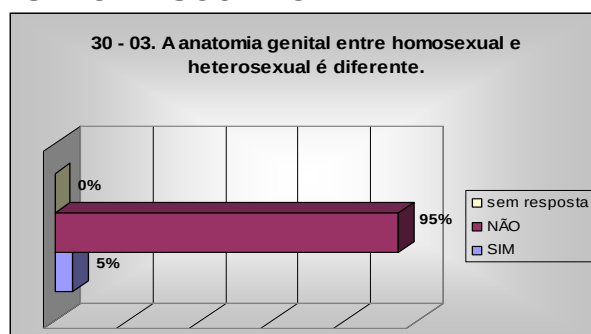


Gráfico 325: Questão 30, item 3: A anatomia genital entre homossexuais e heterossexuais é diferente.: Região SUL

Ao analisarmos os dados pertinentes a essa questão, constatamos que os universitários, em sua maioria, não apresentam dúvidas sobre a anatomia genital entre homossexuais e heterossexuais.

Sobre as possíveis diferenças, Vitiello (1997, p.44), afirma: “É importante que se deixe claro, entretanto, que os homossexuais não são pessoas diferentes, em

outros aspectos, dos heterossexuais”.

Em concordância com a citação mencionada anteriormente, Suplicy (1999, p.269), aborda a mesma temática sobre as possíveis diferenças entre homossexuais e heterossexuais. Menciona:

Apesar de o público, em geral, acreditar que existam diferenças funcionais muito grandes entre homossexualidade e heterossexualidade, Masters ; Johnson, após quatorze anos de investigação sobre o funcionamento sexual humano, concluíram que existem mais similaridades do que diferenças entre os dois comportamentos. As capacidades sexuais, determinadas geneticamente, de lubrificação e ereção respondem de maneira idêntica se estimuladas pelo mesmo sexo ou pelo oposto. (SUPLICY, 1999, P.269)



Questão 30, item 4: A adolescência é uma fase importante para a identidade sexual do indivíduo.

Algo interessante ocorre nas regiões Norte e Sul do país, pois 98% dos jovens e das jovens entrevistadas, destas duas regiões, responderam SIM a questão 30, item 4, 1% tanto do sexo masculino (do Norte e do Sul) como do sexo feminino (do Norte) respondeu que NÃO. A mesma porcentagem (1%), tanto do sexo masculino (do Norte e do Sul) como do sexo feminino (do Norte) deixou de responder a esta questão, apenas no Sul 2% dos jovens gaúchos responderam NÃO.

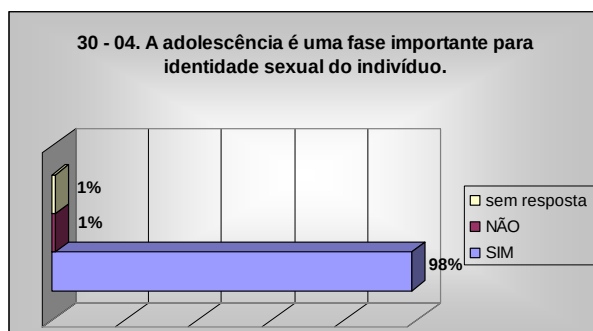
Na região Nordeste, 84% dos jovens responderam SIM, 13% responderam NÃO e a mesma porcentagem (13%), dos jovens de ambos os sexos deixou de responder a esta questão. 74% das jovens nordestinas responderam SIM e 1% respondeu NÃO.

No Centro-Oeste brasileiro 92% das entrevistadas responderam SIM, 4% respondem NÃO e a mesma porcentagem (4%) nada respondeu. 91% dos jovens esta região também responderam SIM, e 9% nada respondeu.

No Sudeste brasileiro 91% dos participantes responderam SIM, 7% NÃO e 2% não respondeu. Entre as respostas das jovens temos 93% SIM, 6% NÃO e 1% não respondeu à questão que traz a adolescência como uma fase importante para a identidade sexual do indivíduo.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

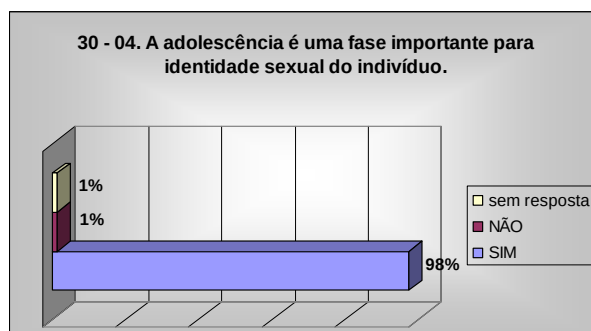
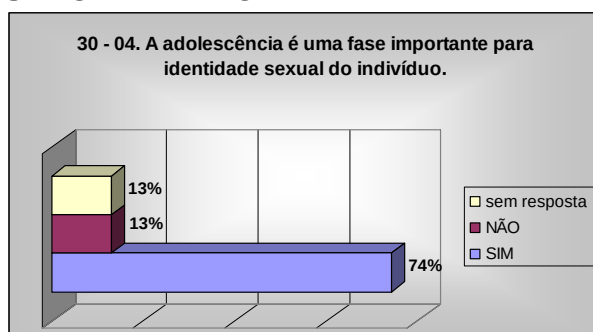


Gráfico 326: Questão 30, item 4: A adolescência é uma fase importante para a identidade sexual do indivíduo.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

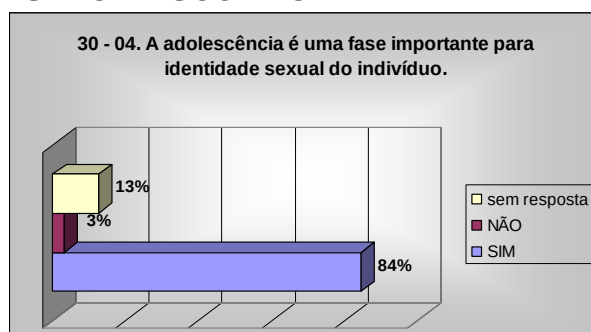
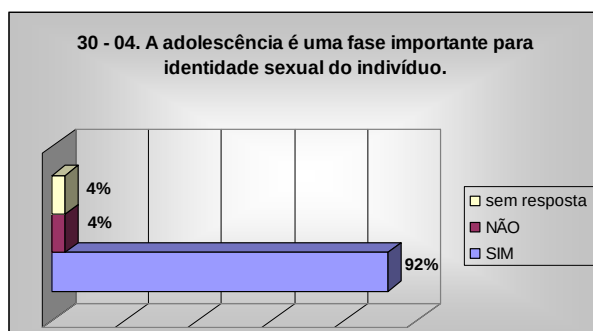


Gráfico 327: Questão 30, item 4: A adolescência é uma fase importante para a identidade sexual do indivíduo.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

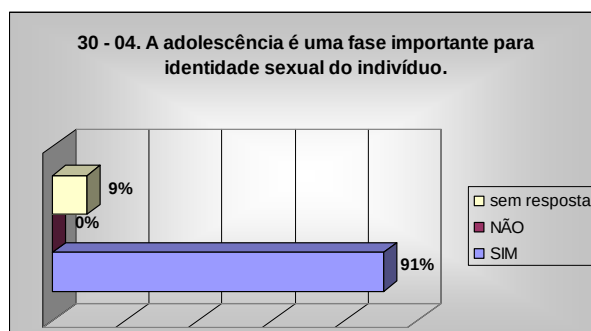
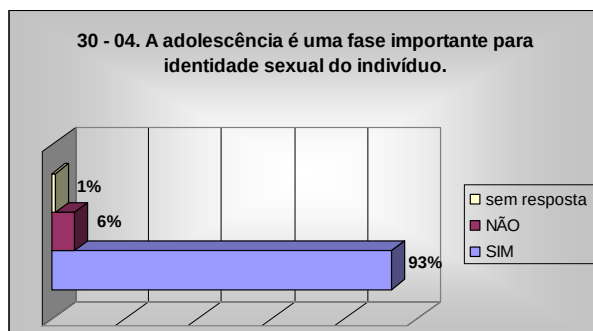


Gráfico 328: Questão 30, item 4: A adolescência é uma fase importante para a identidade sexual do indivíduo.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

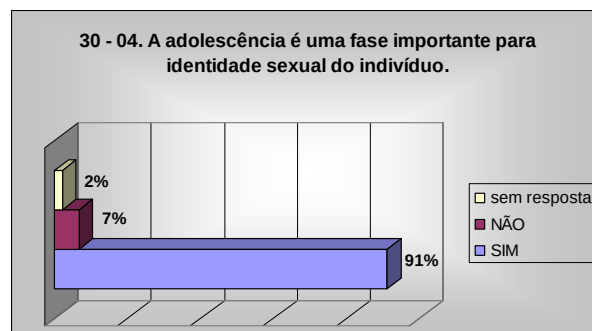
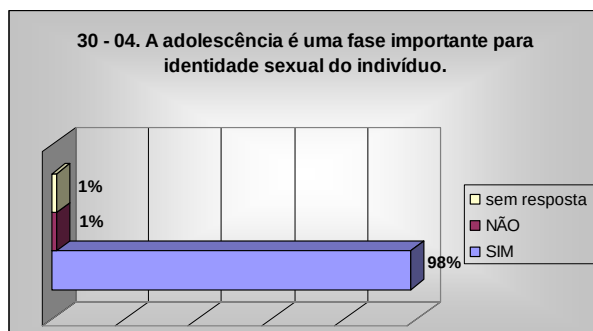


Gráfico 329: Questão 30, item 4: A adolescência é uma fase importante para a identidade sexual do indivíduo.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

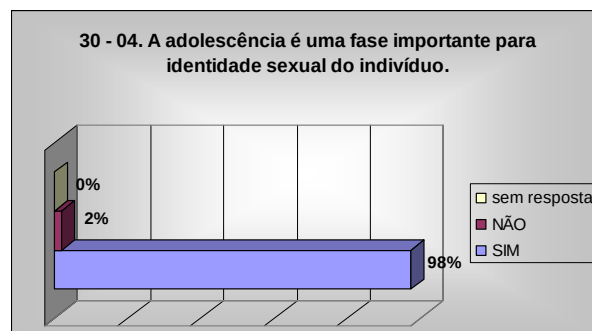


Gráfico 330: Questão 30, item 4: A adolescência é uma fase importante para a identidade sexual do indivíduo.: Região SUL

Não temos como negar que a fase da adolescência é rica em descobertas. A adolescência, segundo os universitários, que responderam ao questionário, independente do sexo, é uma fase importante para a identidade sexual do indivíduo.

De acordo com os estudiosos da psicologia infantil, este fato ocorre bem mais cedo. Ribeiro (1999, p.238), esclarece:

Hoje há certo consenso entre os estudiosos da psicologia infantil em situar entre 5 e 6 anos a idade em que começa a definir-se a orientação sexual do ser humano – e se fosse possível isolar um bando de crianças de qualquer mensagem modeladora de seu papel de gênero certamente haveria um número equilibrado entre homos, heteros e bissexuais.



Questão 30, item 5: A bissexualidade implica em contatos sexuais tanto entre homens como entre mulheres.

Na região Norte 92% dos indivíduos do sexo masculino responderam SIM, 6% respondeu NÃO e 2% deixou de responder a esta questão. Entre as jovens, 95% responderam SIM, 3% NÃO e 2% nada responderam.

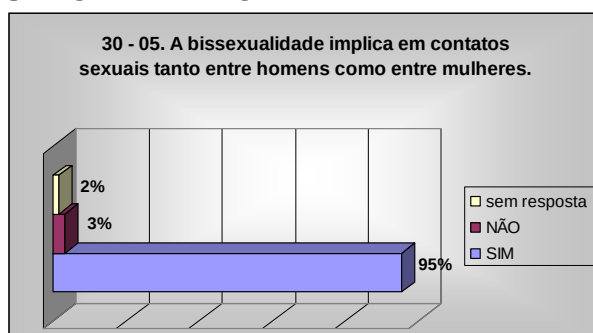
No Nordeste, 13% dos jovens nada responderam ou responderam NÃO, 74% deles responderam SIM. 95% das jovens nordestinas responderam SIM, 2% não respondeu a esta questão e 3% respondeu NÃO.

Na região Centro-Oeste, 88% dos participantes responderam SIM e 12% nada respondeu. Na região Sudeste 91% dos jovens que responderam ao questionário responderam SIM, 7% respondeu NÃO e 2% nada respondeu sobre a bissexualidade. 68% das jovens entrevistadas na região Sudeste responderam SIM, à questão 30, item 5, 19% respondeu NÃO para esta questão e 13% nada respondeu. Em relação ao sexo feminino na região Centro-Oeste, constatamos: 92% respondeu SIM, 7% respondeu NÃO e 1% não respondeu a esta questão.

No Sul do país, 93% dos jovens respondeu SIM e 7% respondeu NÃO. 85% das gaúchas responderam SIM, 8% respondeu NÃO e 7% não respondeu a esta questão.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

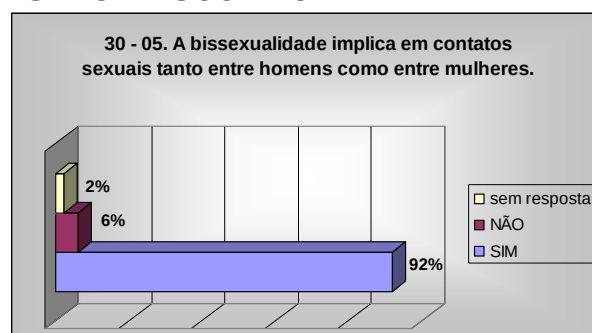
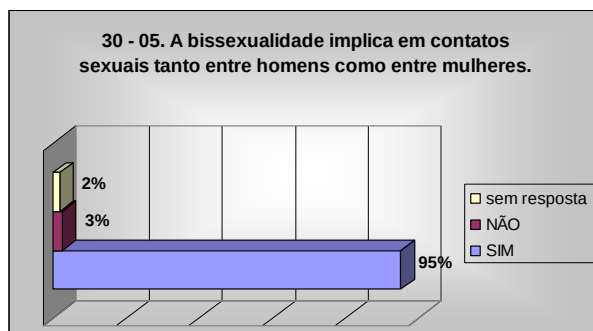


Gráfico 331: Questão 30, item 5: A bissexualidade implica em contatos sexuais tanto entre homens como entre mulheres.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

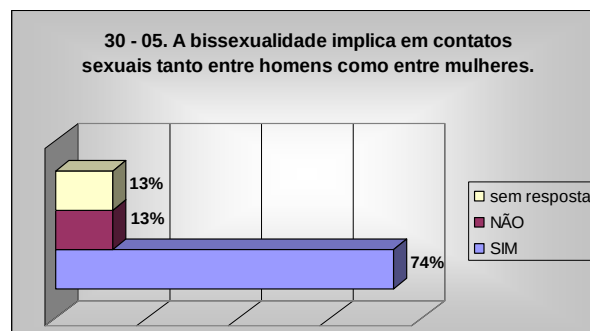
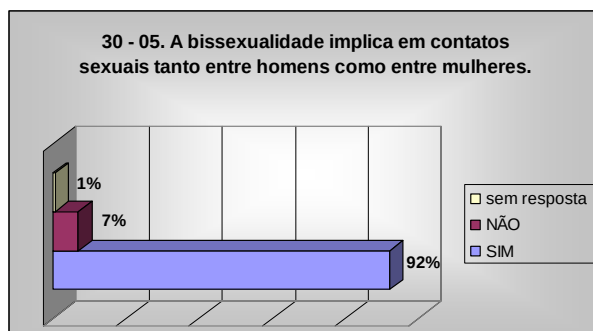


Gráfico 332: Questão 30, item 5: A bissexualidade implica em contatos sexuais tanto entre homens como entre mulheres.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

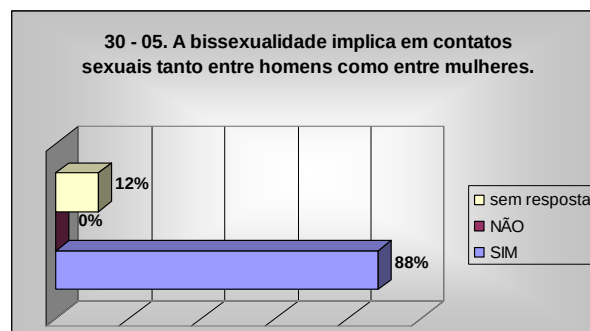
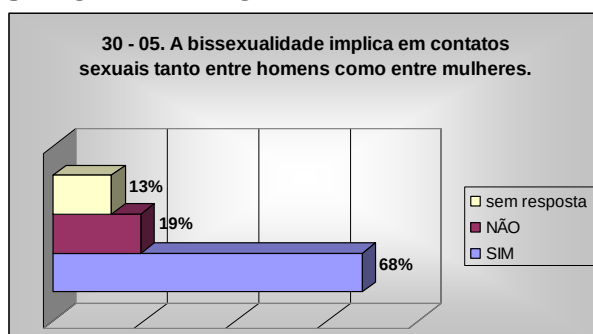


Gráfico 333: Questão 30, item 5: A bissexualidade implica em contatos sexuais tanto entre homens como entre mulheres.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

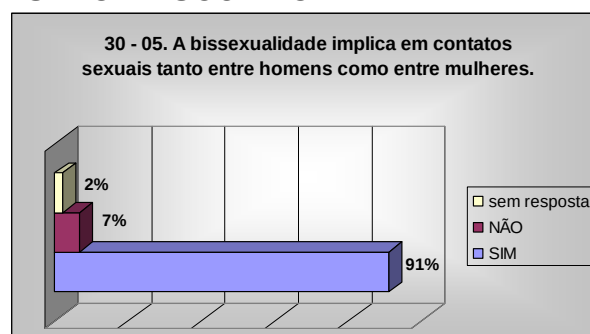
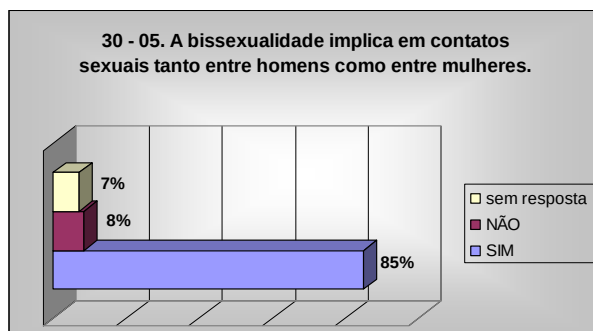


Gráfico 334: Questão 30, item 5: A bissexualidade implica em contatos sexuais tanto entre homens como entre mulheres.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

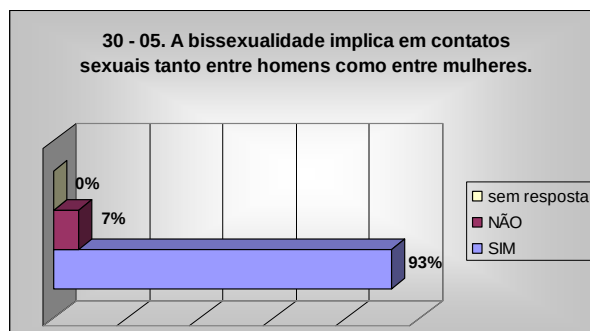


Gráfico 335: Questão 30, item 5: A bissexualidade implica em contatos sexuais tanto entre homens como entre mulheres.: Região SUL

A bissexualidade é vista pelo universo estudantil, de ambos os sexos, como contatos sexuais tanto entre homens como entre mulheres. A resposta obtida foi unânime pelo SIM.

Na Grécia antiga, essa opção sexual era admitida como normal (GALLOTTI).

Aos recorrermos as análises de Gallotti (2005, p.122), sobre o bissexual, esclarece sobre essa opção sexual, ao afirmar:

Bissexual é a pessoa que se sente atraída e obtém prazer sexual, de maneira indistinta, nas suas relações com ambos os sexos. Todas as pessoas nascem bissexuais. É a cultura baseada na procriação que empurra as pessoas a se voltarem para uma ou outra opção.

De acordo com os padrões da nossa cultura, a bissexualidade é vista de maneira equivocada e minoritária.



Questão 30, item 6: Na maioria das profissões os homossexuais costumam enfrentar grandes dificuldades.

SIM foi a resposta dada em sua maioria pelos jovens de ambos os sexos.

Na região Norte, 96% dos indivíduos do sexo feminino responderam SIM e 4% nada respondeu, entre os indivíduos do sexo masculino 93% responderam SIM, 6% respondeu NÃO e 1% não deu resposta para esta questão.

No Nordeste brasileiro 13% dos jovens de ambos os sexos que deixaram de responder, 77% das jovens respondeu SIM e 10% respondeu NÃO. 78% dos jovens nordestinos responderam SIM e 9% respondeu NÃO.

Na região Centro-Oeste, 88% das jovens entrevistadas responderam SIM, 5%

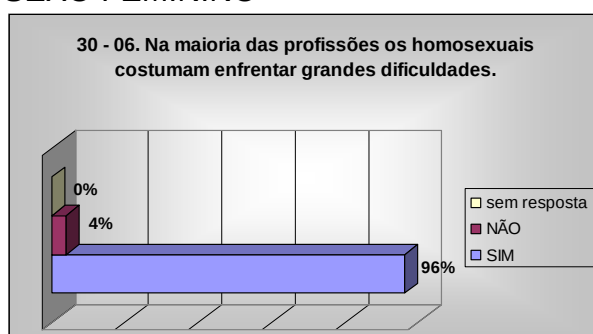
respondeu NÃO e 7% nada respondeu. Entre os jovens participantes 82% responderam SIM e 9% respondeu NÃO ou nada respondeu.

No Sudeste do Brasil, 91% das jovens responderam SIM, 7% respondeu NÃO e 2% não respondeu. Entre os jovens, 94% responderam SIM, 5% NÃO e 1% deixou de responder à questão que desejava saber se na maioria das profissões os homossexuais ainda enfrentam grandes dificuldades.

Na região Sul 88% das jovens gaúchas responderam SIM, 9% respondeu NÃO e 3% nada respondeu. 85% dos jovens gaúchos também responderam SIM e 15% respondeu NÃO.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

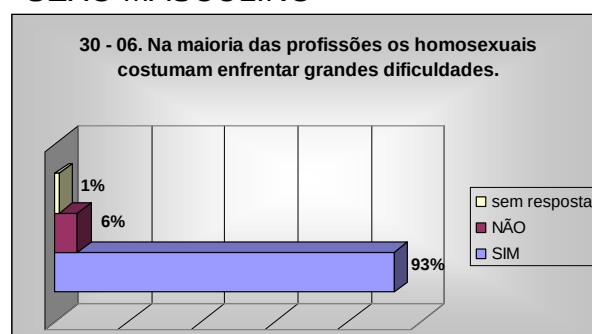
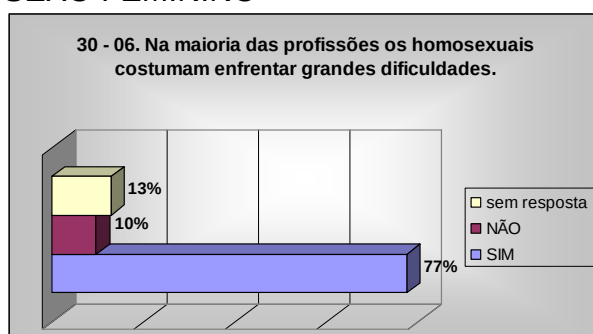


Gráfico 336: Questão 30, item 6: Na maioria das profissões os homossexuais costumam enfrentar grandes dificuldades.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

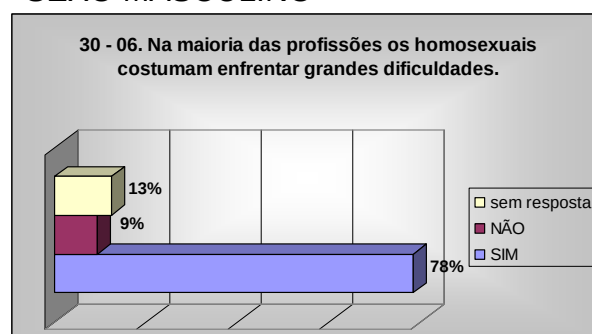


Gráfico 337: Questão 30, item 6: Na maioria das profissões os homossexuais costumam enfrentar grandes dificuldades.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO

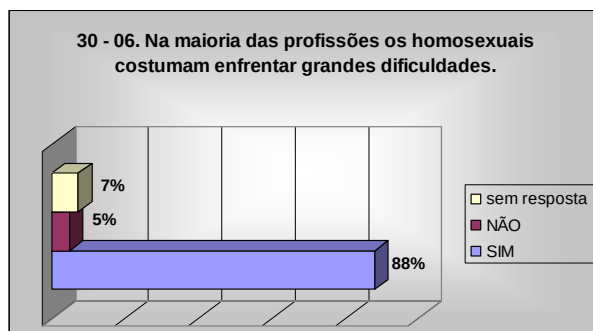
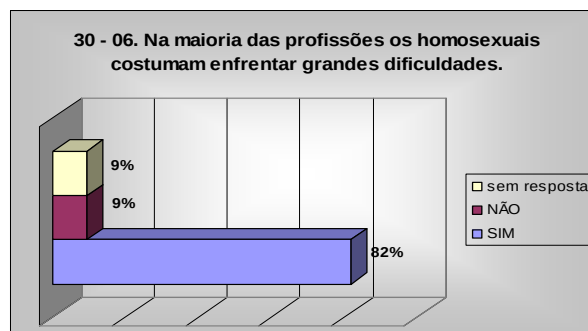


Gráfico 338: Questão 30, item 6: Na maioria das profissões os homossexuais costumam enfrentar grandes dificuldades.: Região CENTRO-OESTE

SEXO MASCULINO



Região SUDESTE

SEXO FEMININO

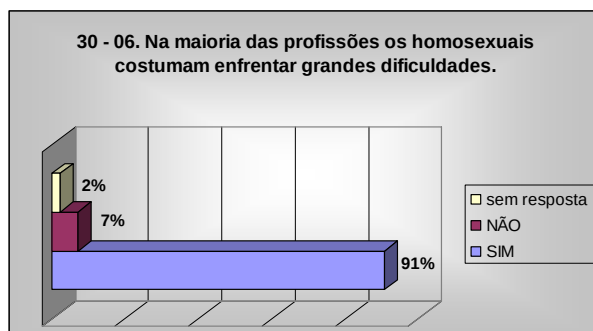
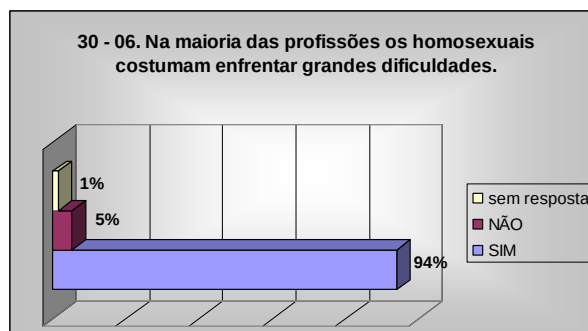


Gráfico 339: Questão 30, item 6: Na maioria das profissões os homossexuais costumam enfrentar grandes dificuldades.: Região SUDESTE

SEXO MASCULINO



Região SUL

SEXO FEMININO

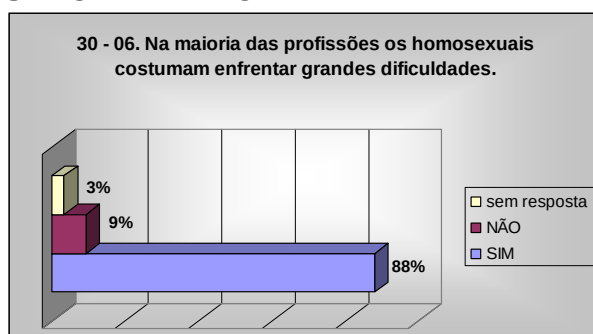
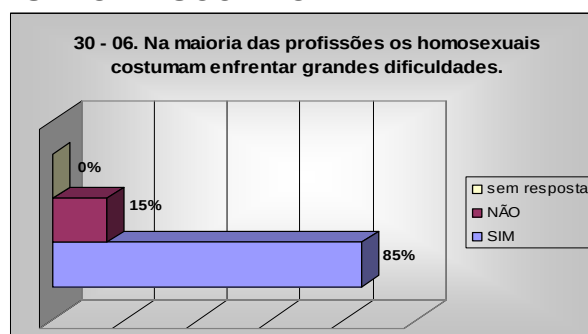


Gráfico 340: Questão 30, item 6: Na maioria das profissões os homossexuais costumam enfrentar grandes dificuldades.: Região SUL

SEXO MASCULINO



Ao analisarmos os dados da questão: “Na maioria das profissões os homossexuais costumam enfrentar grandes dificuldades”, verificamos que a grande maioria de estudantes universitários, respondeu corretamente à questão (SIM).

Por diferentes razões, verifica-se a existência de preconceito em relação a

homossexualidade. Preconceito este que gera, ainda, atitudes mesquinhas em relação ao ser humano. Os homossexuais costumam enfrentar grandes dificuldades em diversas áreas: profissional, aceitação familiar, entre seus amigos heterossexuais, etc.

Para ilustrarmos as dificuldades encontradas pelos homossexuais e também o preconceito existente, recorremos a Duarte (2005, p.95), num caso de homossexualidade conhecido:

Oscar Wilde (1856-1900), escritor inglês do século XIX e autor de *O retrato de Dorian Gray* (livro que originou um filme campeão de bilheteria), teve coragem de, no século XIX, assumir publicamente sua homossexualidade. Crime? Os ingleses acharam que sim, e Wilde viveu anos na prisão “devido à sua conduta anormal e escandalosa”... Morreu com apenas 44 anos, miserável, solitário e bêbado, abandonado em Paris.



Questão 30, item 7: A homossexualidade é conhecida desde os tempos da Antiguidade.

Na região Norte, 88% dos indivíduos do sexo feminino responderam SIM, 11% respondeu NÃO e 1% deixou de responder esta questão. Entre os jovens do Norte, 92% responderam SIM, 6% NÃO e 2% nada respondeu.

No Nordeste, 64% das nordestinas responderam SIM, 23% respondem NÃO e 13% não respondeu a essa questão. No entanto, 78% dos jovens nordestinos responderam SIM, 9% respondeu NÃO. O mesmo percentual de universitários de ambos os sexos não responderam a essa questão.

Na região Centro-Oeste, 72% das jovens entrevistadas responderam SIM, 23% responderam NÃO e 5% nada respondeu. Entre os jovens participantes nesta região, 79% responderam SIM, 12% respondeu NÃO e 9% deixou de responder a essa questão.

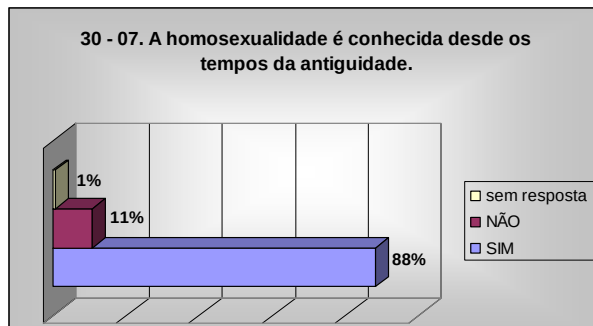
Na região Sudeste, 92% das entrevistadas respondeu SIM e 8% responderam NÃO. 93% dos jovens participantes na região Sudeste responderam SIM, 6% respondeu NÃO e 1% não deu resposta para esta questão.

No Sul do país, 88% dos jovens gaúchos respondeu SIM, 10% responderam NÃO e 2% não respondeu. 83% das jovens gaúchas também responderam SIM, 14% respondeu NÃO e 3% não respondeu à questão sobre a homossexualidade ser

conhecida desde os tempos da antiguidade.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

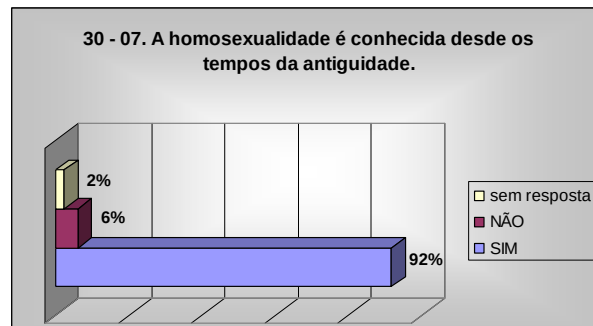
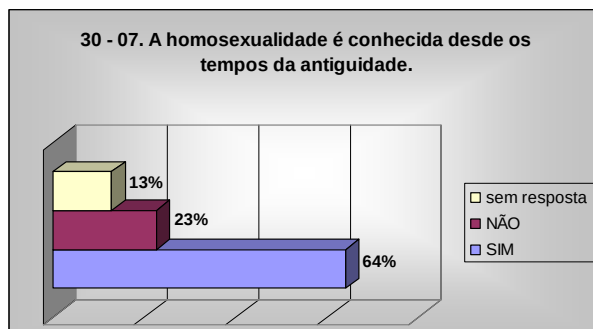


Gráfico 341: Questão 30, item 7: A homossexualidade é conhecida desde os tempos da Antiguidade.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

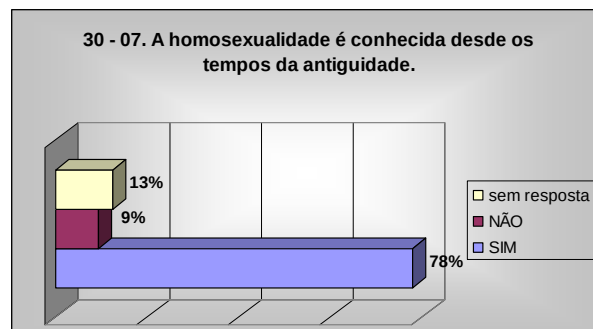
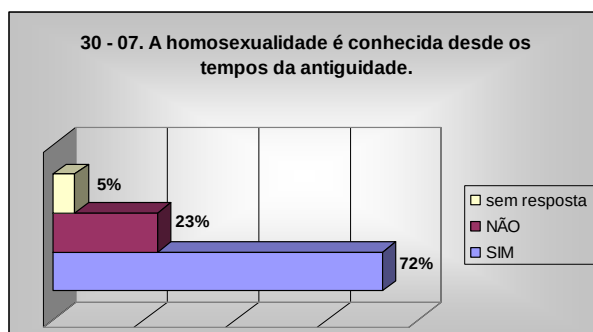


Gráfico 342: Questão 30, item 7: A homossexualidade é conhecida desde os tempos da Antiguidade.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

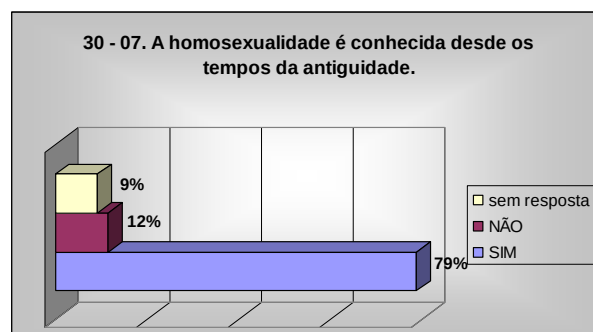
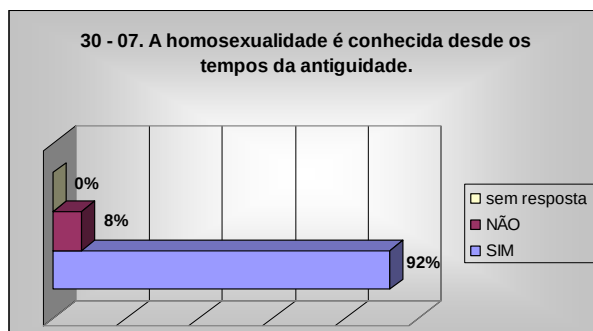


Gráfico 343: Questão 30, item 7: A homossexualidade é conhecida desde os tempos da Antiguidade.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

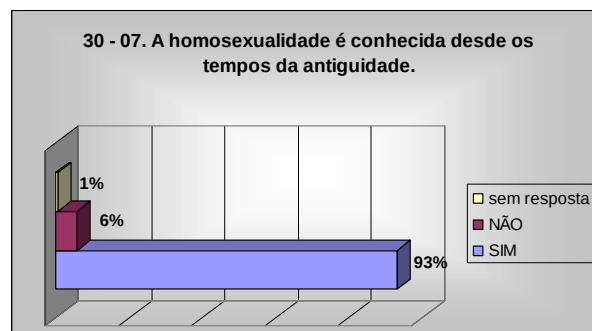
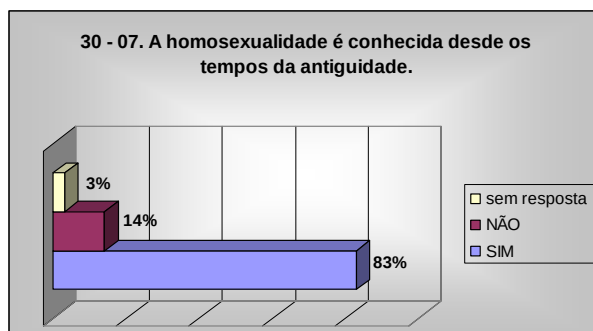


Gráfico 344: Questão 30, item 7: A homossexualidade é conhecida desde os tempos da Antiguidade.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

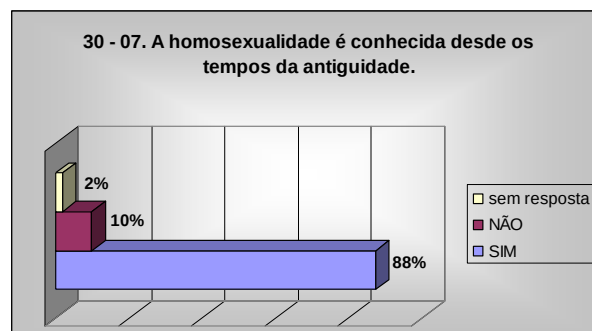


Gráfico 345: Questão 30, item 7: A homossexualidade é conhecida desde os tempos da Antiguidade.: Região SUL

Desde os mais remotos tempos, a homossexualidade é conhecida. Os universitários que responderam SIM a essa pergunta, responderam corretamente.

Suplicy (1999), no item homossexualidade na história, demonstra a visão da homossexualidade em diferentes épocas, desde a antiguidade.



Questão 30, item 8: Nas últimas décadas, em diversos países, está havendo uma maior aceitação da homossexualidade.

Na região Norte, 95% dos indivíduos do sexo feminino responderam SIM e 5% respondeu NÃO. Entre os indivíduos do sexo feminino, 97% respondeu SIM, 2% respondeu que NÃO e 1% não deu resposta para essa questão.

No Nordeste brasileiro 13% dos jovens nordestinos e das jovens nordestinas deixaram de responder a essa questão, 81% das jovens responderam SIM e 6% respondeu NÃO, 78% dos jovens nordestinos responderam SIM e 9% respondeu

NÃO.

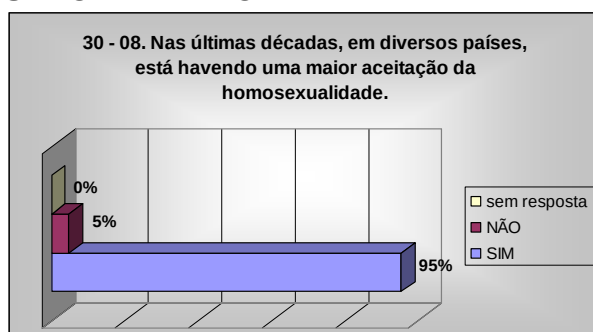
Na região Centro-Oeste, 86% dos jovens participantes responderam SIM, 2% respondeu NÃO e 12% nada respondeu. Entre as jovens entrevistadas 86% responderam SIM, 5% que respondeu NÃO e 7% nada respondeu.

No Sudeste do Brasil, 91% das jovens respondeu SIM, 8% responderam NÃO e 1% não respondeu. Entre os jovens 87% responderam SIM, 12% NÃO e 1% deixou de responder à questão que desejava saber se, nas últimas décadas, em diversos países, está havendo uma maior aceitação da homossexualidade.

Na região Sul 95% das jovens gaúchas responderam SIM, 3% respondeu NÃO e 2% nada respondeu. 88% dos jovens gaúchos responderam que SIM e 12% respondeu NÃO.

Região NORTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

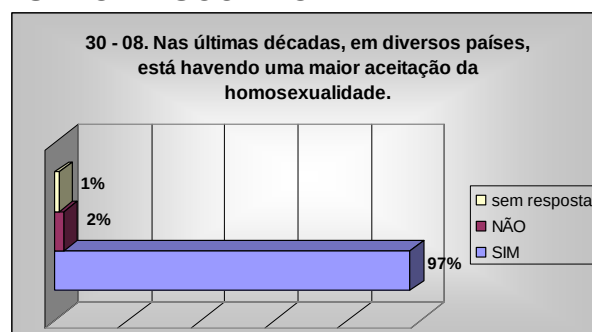
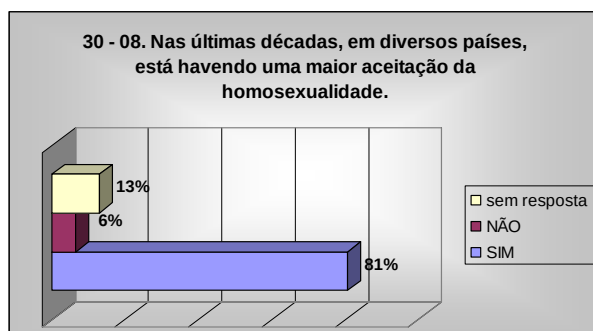


Gráfico 346: Questão 30, item 8: Nas últimas décadas, em diversos países, está havendo uma maior aceitação da homossexualidade.: Região NORTE

Região NORDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

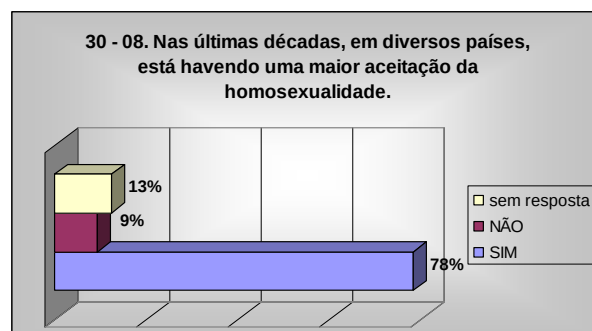
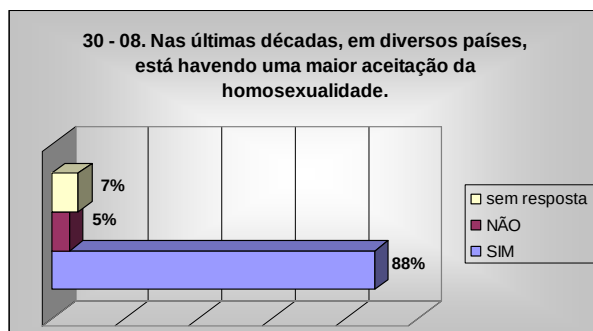


Gráfico 347: Questão 30, item 8: Nas últimas décadas, em diversos países, está havendo uma maior aceitação da homossexualidade.: Região NORDESTE

Região CENTRO-OESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

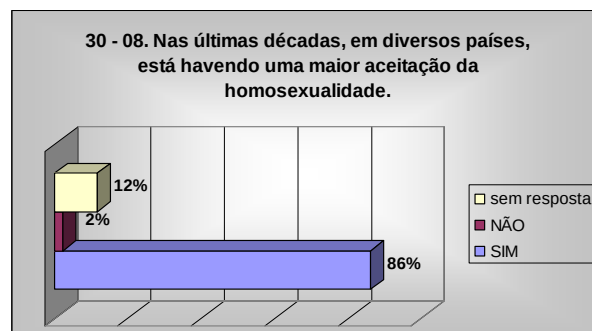
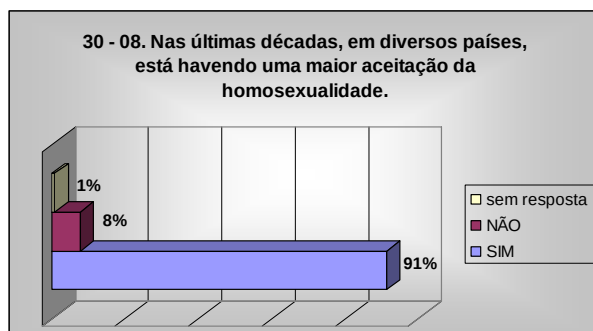


Gráfico 348: Questão 30, item 8: Nas últimas décadas, em diversos países, está havendo uma maior aceitação da homossexualidade.: Região CENTRO-OESTE

Região SUDESTE

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

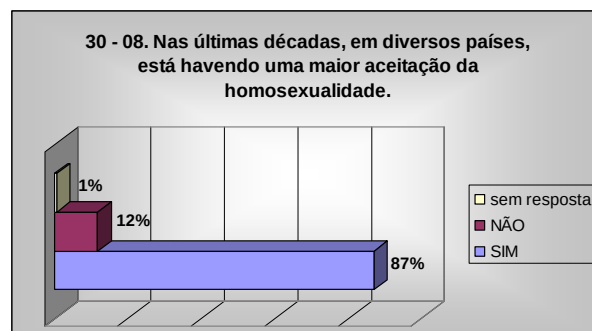
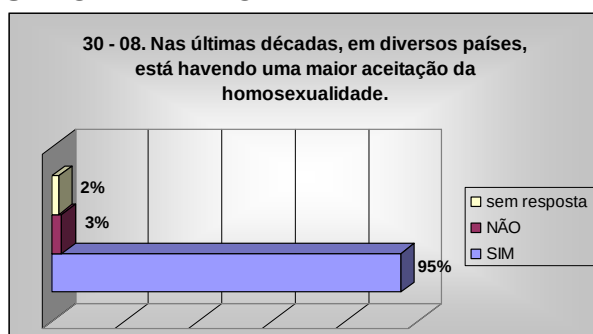


Gráfico 349: Questão 30, item 8: Nas últimas décadas, em diversos países, está havendo uma maior aceitação da homossexualidade.: Região SUDESTE

Região SUL

SEXO FEMININO



SEXO MASCULINO

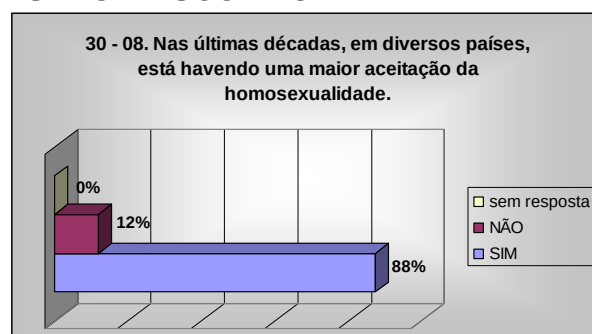


Gráfico 350: Questão 30, item 8: Nas últimas décadas, em diversos países, está havendo uma maior aceitação da homossexualidade.: Região SUL

Não podemos negar que a visão da homossexualidade está sofrendo alterações nas últimas décadas, em diferentes países, como consequência, está ocorrendo uma diminuição de preconceito e uma maior aceitação da sociedade contemporânea.

Os universitários ao responderem SIM à questão acima, optaram pela resposta correta. Sobre a maior aceitação da homossexualidade em nossa sociedade, Ribeiro (1999, p.247), esclarece:

Felizmente, nos últimos anos, a sociedade brasileira tem discutido um pouco mais, sobretudo após a epidemia de Aids, a homossexualidade, e um número crescente de pessoas tem tido acesso a informações mais precisas sobre a questão.

Sobre o mesmo tema, Suplicy (1999, p.273) elucida as mudanças ocorridas nas sociedades modernas. A autora esclarece:

Apesar de o comportamento homossexual ser muito antigo, a identidade homossexual só existe em sociedades modernas urbanizadas. Estas sociedades estão tendo sua visão mudada e passam a encarar, cada vez mais, a homossexualidade como um comportamento sexual alternativo e não como doença. Mas foi somente no começo dos anos 70 que os homossexuais passaram a ser encarados de forma diferente, não mais aceitando a idéia de que ser homossexual é ser inferior ao heterossexual, diminuindo o sentimento de culpa pela sua orientação sexual e assumindo a necessidade de organizar-se politicamente para ter seus direitos de cidadão respeitados.

Zagury (1996, p.192) mostra-nos a postura dos jovens em relação à homossexualidade. Em sua pesquisa com 943 adolescentes de 14 a 18 anos, realizada na década de 90, verificamos:

A maioria (39,1%) revelou ter uma postura que reflete a tendência atual da sociedade brasileira. Acredita que o homossexualismo seja uma opção sexual como outra qualquer. Independentemente de qualquer outra consideração, o que importa é verificar que há, por parte das novas gerações, uma tendência a não discriminar aqueles que tenham este tipo de comportamento. Pessoalmente, como democrata, só posso apoiar todas as formas de não-discriminação. Não se trata de incentivar o homossexualismo, mas de encará-lo como algo que vem acontecendo desde antes de Cristo, em muitas sociedades que são modelos até hoje para as sociedades ocidentais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises proporcionadas pela presente pesquisa, pode-se dizer que a sexualidade, na perspectiva dos jovens que responderam ao questionário, é objeto de interesse, debate e reflexões passíveis de interpretação. É válido observar que, dada a amplitude e complexidade desse trabalho, procuramos elencar sobre os aspectos mais relevantes, embora a pesquisa possa suscitar diversas conclusões.

Desse modo, é importante analisar a sexualidade a partir da própria visão dos jovens, que muitas vezes entrelaçam sexualidade com valores tradicionais, certos preconceitos e ambigüidade frente a idéias e posturas, em certas ocasiões contraditórias e confusas.

É relevante notar que, não só o início da vida sexual, como as vivências ligadas a essa área aparecem de forma diferenciada se compararmos as regiões Norte e Nordeste com as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul. As variações regionais, não diferem apenas no modo de pensar, mas, principalmente, em como agir frente à determinados assuntos relacionados à sexualidade.

Outra questão que merece destaque é que a sexualidade é vivenciada com satisfação em todas as regiões analisadas. Nossas análises anteriores revelaram que os adolescentes são movidos a manter a prática da sexualidade, pois a relacionam com situações amorosas, sendo, portanto, o amor a condição essencial para a vivência sexual.

Foi possível constatar que a sexualidade está, na visão dos jovens, estreitamente ligada à situação de afetividade. É nesse sentido que a maioria daqueles que respondeu ao questionário afirma que se relaciona sexualmente de forma excelente ou muito bem.

Merece destaque o fato de que a sexualidade não está separada de certos valores, como a necessidade de afetividade e fidelidade. A maioria das respostas indica que há preferência pelo estreitamento das relações a partir do exercício das relações sexuais com parceiros (ou parceiras) definidos.

Tal como já foi apontado, o sexo é associado aos relacionamentos tais como namoro ou noivado, o que confirma a existência de um consenso a respeito da não realização do sexo sem essas condições, perpetuando a prática da monogamia e de valores pré-concebidos.

Ao observarmos a forma como a sexualidade é vivenciada pelos jovens, notamos que há certa preocupação com a utilização de métodos contraceptivos. Entretanto, ainda, há uma expressiva porcentagem de respostas que indica a ausência do uso de recursos que possam evitar gravidez indesejada ou doenças sexualmente transmissíveis. De acordo com as respostas obtidas, os universitários brasileiros não fazem uso do preservativo em todas as relações sexuais. O fator mais abordado para a não utilização da camisinha é a confiança. As respostas, indica que no início do relacionamento, a utilização da camisinha é mais freqüente, e depois de um período de relacionamento, o uso vai sendo deixado de lado, pois a confiança no parceiro prevalece.

É significativo observar que os jovens passam a subestimar a prevenção, quando atribuem fidelidade ao parceiro. A exigência do uso de preservativo, por exemplo, é cada vez menor quando a relação de confiança passa a ser conquistada. Independente das razões apresentadas pelos universitários, o uso do preservativo deve ser constante em todas as relações sexuais. Somente quando todos os envolvidos entenderem a dimensão de questões relacionadas à AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, assim como da gravidez precoce e indesejada, haverá uma utilização ampla e significativa de preservativos.

Quanto ao nível de esclarecimento dos jovens universitários, foi possível notar que ainda prevalece certos mitos em relação à sexualidade. Merece destaque o fato de que, na região Nordeste, 52% das mulheres responderam ser possível engravidar durante o período menstrual. O mesmo índice aparece na região Sul. Este exemplo, entre outros, revelam a manutenção de certas crendices em torno da sexualidade, o que traduz um elevado número de jovens que desconhecem os riscos e ou conseqüências da prática sexual.

Entretanto, os jovens têm uma visão crítica em relação a forma como a sexualidade é abordada pelos meios de comunicação de massa, especialmente a maioria dos jovens que respondeu ao questionário e que acredita que a televisão e outros meios de comunicação de massa devem valorizar não apenas a “beleza” da mulher. É certo que os meios de comunicação de massa, geralmente, tratam questões ligadas à sexualidade de forma superficial e demasiadamente erotizada. Nesse sentido, os jovens consideram fundamental a educação sexual orientação, já que os meios de comunicação de massa não cumprem esse papel.

Quanto a família, é relevante destacar que a maioria dos jovens, em todas as

regiões do Brasil, afirmam que mantêm diálogo sobre a sexualidade com amigos(as) e/ou namorados(as).

A ausência de diálogo entre os(as) filhos(as) e os pais é extremamente significativa. Essa dificuldade é vista pelos jovens muito mais por enxergarem nos pais os representantes de uma moral rígida, portanto, dificultadora do diálogo, do que por pensarem que isto não seja possível. Desta forma, a barreira do medo do diálogo por parte dos filhos e a dificuldade natural, da maioria dos pais, em tratar do assunto, faz com que não seja criado o ambiente necessário para que pais e filhos pensem e discutam as questões da sexualidade.

Esta dificuldade vivida na relação entre pais e filhos é um dos fatores que contribuem para a manutenção de conceitos tradicionais sobre a temática, contribuindo de maneira definitiva para uma vida sexual sadia e sem preconceitos, já que, ao buscarem informações com amigos, por exemplo, acabam por ver perpetuados tabus, preconceitos, mitos e distorções que poderiam ser destruídos com uma orientação madura e correta.

A respeito da relação familiar, no tratamento das questões da sexualidade, podemos lembrar, ainda, as respostas dadas pelos jovens nas diferentes regiões do país a questão sobre a liberdade que os pais devem dar aos filhos e filhas. Em que pese os universitários brasileiros apresentarem percentuais diferentes a favor ou contra, predomina, entre os sexos masculino e feminino, a idéia de que a liberdade dada aos filhos e filhas dever ser a mesma. Porém, a pesquisa revela essa condição muito mais como um anseio, do que como uma realidade, marcando a presença de valores arraigados culturalmente relativos aos gêneros na orientação sexual tradicional.

Na pesquisa realizada anteriormente, junto a estudantes universitários do Estado de São Paulo (ZAMPIERI, 2002), constatamos que no estado de São Paulo existe uma naturalização dos papéis socialmente atribuídos ao homem e à mulher, da mesma forma que nas demais regiões, o que corrobora a idéia anterior de que, apesar da expectativa dos jovens de um tratamento equilibrado dado pelas famílias ao homem e a mulher, isto não se revela como verdadeiro.

Dessa forma, notamos que ainda existem lacunas quanto ao exercício de uma reflexão mais profunda sobre a sexualidade vivenciada por jovens. Podemos concluir que os jovens, independentemente da região onde moram, reproduzem na vivência da sexualidade muito mais valores tradicionais e preconceituosos, padronizados e

aceitos socialmente, e muitas vezes contraditórios.

Existe aqui uma lacuna entre a vivência da sexualidade e a orientação sexual, fazendo com que se perpetuem valores e padrões de comportamento aceitos socialmente.

Acreditamos que a escola possa contribuir significativamente para preencher tal lacuna, no sentido de propiciar um debate amplo e esclarecedor, de tal forma que possamos favorecer o exercício de uma sexualidade plena, destituída de preconceitos e tabus.

É exatamente aí que podemos iniciar um processo de mudanças, ou de pelo menos melhor e maior compreensão e vivência da sexualidade enquanto uma necessidade do ser humano, mas que, muitas vezes, deixa de ser prazerosa para se transformar em angustiosa, motivada, sobretudo, pelas dúvidas da falta de orientação adequada.

O viver a sexualidade, como vimos na pesquisa (ZAMPIERI, 2002) que deu origem a este trabalho, é um processo de aprendizado constante, de busca e construção, com influência de padrões de educação, religião, enfim, sócio-culturais de região para região no Brasil.

Tomemos como referência o mundo globalizado, onde as barreiras culturais estão cada vez mais tênues, onde se tem contato com os mais diferentes modos de viver, de pensar e perceber a realidade, o que acaba refletindo nas diferentes maneiras do jovem encarar os padrões e valores culturais, e, por assim dizer, proporcionando ainda mais dúvidas e dificuldades na vivência da sexualidade.

Se a família não é suficiente para permitir a solução destas dúvidas, à escola em todos os seus níveis cabe o complemento deste aspecto da educação. É a escola o ambiente ideal, já que ali também estão os amigos, por vezes o namorado, a namorada, para que, de uma forma clara, consciente e aberta, se possa discutir os diferentes aspectos da sexualidade, possibilitando assim, que, não apenas se “de” orientação, mas que se “construa” um “modus vivendi” no qual tabus, preconceitos, dúvidas sejam discutidos, pensados, revistos e dissipados, permitindo que o sexo seja realmente um prazer, um fator de felicidade e não de angústia.

Percebemos, ao longo desta pesquisa, que há muito que fazer para que se construa uma geração com conhecimento e capacidade de pensar e avaliar os valores da sociedade ou das sociedades de um mundo que torna presente em cada cultura os valores da outra, de forma simultânea e em tempo real, onde os meios de

comunicação viabilizam este viver multi-cultural.

Discutir, permitir esta liberdade que os jovens nem sempre encontram em outros ambientes de forma correta, como no ambiente dos amigos, do namorado, da namorada, ou da dificuldade de fazê-lo no ambiente familiar, será o principal papel da escola. Uma escola que não dita regras, mas que seja o foro onde se possa pensar e construir ou “re-construir” novos e mais confortáveis padrões e valores na vivência da sexualidade, permitindo que vivê-la de forma intensa e desprovida de preconceitos se permita também, quem sabe, uma vida mais feliz.

A importância da continuidade de pesquisas relacionadas à sexualidade, e também para o desenvolvimento de políticas públicas, visando uma melhor qualidade de vida e bem-estar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. S. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

AMARAL, M. A.; FONSECA, R. M. G. S. da. Entre o desejo e o medo: as representações sociais das adolescentes a cerca da iniciação sexual. **Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**. São Paulo, v. 4, n. 40, p. 469-476, 2006.

ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BARBOSA, R. S. Aids e saúde reprodutiva: novos desafios. In: GIFFIN, K.; COSTA, S. H. (Org.) **Questões de saúde reprodutiva**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999. p. 281-296.

BECKER, D. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BELCHIOR, ELIS REGINA. Como nossos pais. In: _____. **Falso brilhante**. Rio de Janeiro: Phillips, 1976. Faixa 1(4 min 24s).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual**. 3. ed. Brasília: DP&A, 2001. 164 p. v. 10.

BREVIDELLI, M. M. , LOPES DE DOMENICO, E. B. (Orgs.) **Trabalho de conclusão de curso: guia prático para docentes e alunos**. 1. ed. São Paulo: Látria, 2006.

BRUNS, M. T.; ALMEIDA, S. **Sexualidade: preconceitos, tabus, mitos e curiosidades**. Campinas: Átomo, 2004.

CARRADORE, V. M. **Adolescência, Aids e educação escolar: elementos para reflexão**. 2002. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

CARRION, C. E.; PESCA, L. **O sexo como o sexo é: mitos e desmistificação**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

CHAPLIN, J. P. **Dicionário de psicologia**. Lisboa: Dom Quixote, 1981.

CONGER, J. **Adolescência: geração sob pressão**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1979.

COSTA, M. A. **Sexualidade na adolescência**. Porto Alegre: L&M PM, 1997.

CRUZ, E.; BRITO, N. **Fios da vida: tecendo o feminino em tempos de Aids**. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

DUARTE, R. G. Sexo, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

FIERRO, A. Desenvolvimento da personalidade na adolescência. In: COOL, C.; PALÁCIOS, J; MARCHESI, A. (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 1-46.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 2. ed. Londrina: Editora UEL, 2001.

_____. "Ficar": reflexões a partir do que pesam alguns professores e alunos do Ensino Médio. In: FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M. (Orgs.). **Adolescência em questão: estudos sobre sexualidade**. Araraquara, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006. p.41-72.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Adolescência em questão: estudos sobre a sexualidade. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **O "ficar" e o "rolo": provocando o debate sobre as atitudes e relações afetivas dos jovens do final do século XX e início do século XXI**. Araraquara, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006. p. 27-39.

FRIDA, S. A.; ANDRADE-SILVA, M. Crenças, informações e comportamentos sexuais na "era AIDS": um perfil dos adolescentes da Ilha de Paquetá. **Scientia Sexualis: Revista do Mestrado em Sexologia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, mai. 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

GUIRADO, M. Sexualidade, isto é intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997, p. 25-42.

HEILBORN, M. L.; CABRAL, C. S. Práticas e normas sexuais de jovens brasileiros. In: Encontro Nacional De Estudos Populacionais, 14, Caxambu, 2004. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos-abep/PDF/ABEP2004_94.pdf>. Acesso em: 01 abr 2008.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. 2006. Trabalho não publicado.

KUSNETZOFF, J. C. **A mulher sexualmente feliz**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

_____. **O homem sexualmente feliz: do mito à verdade científica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

LAKATOS, E. N.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LEVI, G.; SCHMITT, J. C. (Orgs.). **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 2v.

MASTERS, W. H.; JOHNSON, V. **Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MASTERS, W. H.; JOHNSON, V.; KOLODNY, R. C. **O relacionamento amoroso: segredos do amor e da intimidade sexual**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. **Sexualidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MELO, A. S. F.; SANTANA, J. S. S. Sexualidade: concepções, valores e condutas entre universitários de Biologia da UEFS. **Revista baiana de saúde pública**, Salvador, v. 29, n. 2, p.149-159, 2005.

MONESI, A. A. Adolescência e vivência da sexualidade. In: RIBEIRO, M. (Org.). **Educação sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MONTGOMERY, M. **Toques ginecológicos**. São Paulo: Celebris, 2003.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MURARO, R. M. **Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

MUUSS, R. E. **Teorias da adolescência**. Belo Horizonte: Interlivros, 1966.

OLIVEIRA, M. C. R. Uso de drogas (não injetáveis) por adolescentes: interferência no exercício da sexualidade e conseqüente exposição a comportamento de risco. In: GIR, E. et al. **Sexualidade em temas**. Ribeirão Preto: Funpec, 2000.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**: projetos e pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1997.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

PATTA, M. C.; BORSATTO, P. L. Características do comportamento sexual de adolescentes grávidas. In: ELUCIR, G. et al. **Sexualidade em temas**. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2000.

PICAZIO, C. **Sexo secreto**: temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Summus, 1998.

PIGOZZI, V. **Adolescente**: viva em harmonia com ele. São Paulo: Editora Gente, 2005.

RIBEIRO, P. R. M. Um estudo sobre o comportamento sexual de um grupo de universitários da Unesp, Campus de Araraquara. **Didática**, São Paulo, n. 29, p. 161-173, 1993/94.

RIBEIRO, P. R. M. (Org.). Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão. In: _____. **A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, J. M. G. Conhecimento e experiências sexuais dos jovens estudantes do ensino superior. **Millenium – Revista do ISPV**, n. 28, p.149-173, out. 2003. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/millenium28/13.pdf>>. Acesso em: 01 abr 2008.

RODRIGUES JUNIOR, O. M. Os conflitos sexuais na adolescência. In: RIBEIRO, M. (Org.). **Educação sexual**: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

SAMARA, B. S.; BARROS, J. C. **Pesquisa de marketing**: conceitos e metodologia. São Paulo: Makron Books, 1997.

SILVA, R. C. **Orientação sexual**: possibilidade de mudança na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

SILVA, S. A. I. **Valores em educação**: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educacional. Petrópolis: Vozes, 1995.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 20. ed. Petrópolis: Vozes Ltda., 1999.

TEIXEIRA, A. M. F. B. (Org.) Adolescentes e uso de preservativo: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1385-1396, jul. 2006.

TOCKUS, R. B. **Sexualidade nos dias de hoje**: o sexo sem preconceitos. São Paulo: Agora, 1986.

TORRES, T. L. M. **Trajetórias afetivo-sexuais entre jovens do Ensino Médio**: implicações dos sentidos de amor e maternidade. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2007.

TRINDADE, M. P. O comportamento sexual das mulheres em relação ao HIV/AIDS. **Scientia Sexualis: Revista do Mestrado em Sexologia**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, mai. 1995.

VITIELLO, N. **Sexualidade**: quem educa o educador: um manual para jovens, pais e educadores. São Paulo: Iglu, 1997.

WAIDEMAN, M. C. Adolescência, sexualidade e Aids na família e no espaço escolar contemporâneos. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

ZAGURY, T. O adolescente hoje no Brasil. In: RIBEIRO, M. (Org.). **O prazer e o pensar**: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde. São Paulo: Editora Gente, 1999.

_____. **O adolescente por ele mesmo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ZAMPIERI, M. C. **O sexo na universidade**: um estudo sobre a sexualidade e o comportamento sexual do adolescente universitário. 2002. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

APÊNDICE

Anexo A - Cálculo Amostral

Os dados que serviram de base para esta pesquisa, apresentaram as seguintes características de desvio padrão:

Universo (Z) = população desconhecida ou superior a 10.000

Considera-se a seguinte fórmula do cálculo amostral:

P = proporção ou porcentagem dos elementos do universo favoráveis ao atributo pesquisado.

p = proporção ou porcentagem dos elementos da amostra favoráveis ao atributo pesquisado.

q = proporção ou porcentagem dos elementos da amostra desfavoráveis ao atributo pesquisado

σp = erro padrão da proporção = 3%.

$$P = p + \sigma p$$

$$\sigma p = \frac{\sqrt{p \cdot q}}{n} \cdot z ,$$

onde :

p = 50% e q = 50%

σp = 3%

z = 1,96

Grande confiança = 95% de segurança. Portanto:

$$\sigma p = \frac{\sqrt{p \cdot q}}{n} \cdot z$$
$$(3)^2 = \frac{(\sqrt{50 \cdot 50})^2}{n} \cdot (1,96)^2$$

$$9 = \frac{2500}{n} \cdot 3,84$$

$$n = 1.067$$

Esta fórmula estatística de cálculo amostral encontra-se em Samara; Barros, (1997, p.71-78).

Anexo B - Carta de Solicitação (dados bancários e endereço atualizado).

Anexo C - Carta de Apresentação e Instruções de Preenchimento

Anexo D - Questionário